

MARÍA LÓPEZ VIGIL
JOSÉ IGNACIO LÓPEZ VIGIL

Um tal Jesus



A Boa Notícia Contada aos
Povos da América Latina

APRESENTAÇÃO

"Um tal Jesus" foi originariamente uma novela radiofônica produzida por José Ignacio e María López Vigil para o Serviço Radiofônico para a América Latina (SERPAL).

Em 1977, os dois irmãos decidiram escrever a vida de Jesus para o povo. A partir da experiência de trabalho em emissoras de rádio, voltadas para a promoção do homem do campo, na República Dominicana, eles produziram esta novela com 144 capítulos, que foi muito difundida pelos países latino-americanos de fala espanhola, na década de 1980, como também suscitou muita polêmica.

Os textos foram publicados, sob a forma de livro, pela primeira vez, em maio de 1982, na Espanha.

Trata-se, como dizem os apresentadores do livro, de "uma narração livre, porém séria, legítima e cheia de sentido. Uma obra importante tanto do ponto de vista artístico – pela qualidade literária e dramática – quanto teológico e pastoral. Os autores levam-nos a mergulhar com naturalidade no ambiente histórico da época, na configuração da sociedade, nos costumes, nos fatos mais notáveis e, dentro deles, nos faz ver como adquire sentido e ressonância as palavras de Jesus".

A linguagem popular utilizada, sobretudo nos diálogos, pode surpreender e parecer estranha, mas não deixará, cremos nós, de cativar os leitores.

O enfoque principal da obra é o Jesus histórico, ou seja, a figura humana como o viam seus contemporâneos, tanto seus amigos, quanto seus inimigos, inclusive – ainda que isto seja mais discutível – tal como Jesus via a si mesmo, em sua consciência itinerante e peregrina.

A equipe responsável pelo projeto "O Melhor de Nós" foi autorizada pelos autores a publicar a novela no Blog e no Site e editá-la em *e-book*, o que fizemos com um número menor de capítulos.

Como não publicamos todos os capítulos, tomamos a liberdade de extrair de alguns capítulos do original apenas os comentários dos autores que facilitem a percepção da continuidade da novela.

Capítulo I

A COISA COMEÇOU NA GALILÉIA

Aquilo que eu vi com meus olhos, que já estão velhos, o que escutei, o que minhas mãos de pescador cheias de calos tocaram daquele que viveu entre nós, eu quero contar a vocês... Meu nome é João. Daqui de Patmos, uma ilhota verde perdida no mar da Grécia, não deixo de recordar de Jesus de Nazaré, o filho de Maria, a quem conheci tão de perto. Junto com ele vivi os melhores anos de minha vida, que já está se acabando. A boa notícia que ele nos trouxe, eu a anuncio agora a vocês para que todos nos sintamos unidos em um mesmo esforço e alegres na mesma esperança. Vocês irão ver, a coisa começou na Galileia...

A Galileia é uma província do norte da Palestina. Os judeus do sul nos desprezavam. Diziam que nós, galileus, éramos intrigueiros, sujos e desordeiros. E tinham razão. Mas também diziam isso por inveja, porque as nossas terras são as mais bonitas do país. Sobretudo na primavera, a Galileia parece um imenso jardim. O vale do Esdremon cobre-se de flores, crescem o trigo e a uva, despertam-se os olivais e as tamareiras, e o lago de Tiberíades, azul e redondo, se enche de peixes. Na Galileia há algumas cidades importantes: Séforis, Cafarnaum, Magdala mesmo... Mas a coisa começou num vilarejo pequeno, muito pequeno, chamado A Flor. Bem, a Flor que, em nosso idioma, se diz “Nazaré”.

Suzana: Comadre Maria, já lhe contaram que o filho da Raquel fugiu?

Maria: Sim, Suzana, fiquei sabendo...

Suzana: Quando um coqueiro nasce torto, não há Deus que o endireite. Esse rapaz começou mal!

Maria: E vai acabar pior, Suzana!

Suzana: Mas a mãe tem muita culpa nisso, escute o que estou dizendo. Menino bem criado, segue bom caminho. Mas com esse mau exemplo da Raquel...

Maria: Não são os maus exemplos, Suzana. É que a juventude de agora não sabe nem o que quer. Olhe só o meu como está: sem trabalho fixo, sem... sem futuro...

Suzana: Não fale assim de Jesus. Esse moreno, seu filho, é um tesouro de rapaz...

Maria: Pode ser um tesouro, mas olhe só pra ele: trinta anos já e... nada. Todos os seus amigos estão casados, criando filhos...

Suzana: O que acontece, comadre Maria, é que seu filho não se contenta com pouco. Pode ter certeza de que ele anda procurando uma noiva fora de Nazaré. Diga-me uma coisa: que futuro pode ter Jesus nesse fim de mundo, hein?!

Maria: Sim, isto também é verdade...

Suzana: Cai fora, menina, agora é minha vez de pegar água.

Moça: Pois então pare de fofocar e ande logo.

Suzana: Não precisa empurrar, mocinha. Já estou indo, caramba... Escute, Maria, antes que me esqueça, diga a seu filho para dar uma passadinha lá em casa que eu tenho outra parede quase caindo. Não se esqueça, Maria!

Maria: Está bem, Suzana, eu digo a ele!

Nazaré era isso: um povoado de camponeses perdido num obscuro rincão da Galileia. Tinha somente umas vinte casas e uma pequena sinagoga. Daquele lugarejo não havia saído ninguém importante.

“De Nazaré não sai nada de bom”, diziam os vizinhos da cidade de Caná. Os nazarenos eram muito pobres. Andavam descalços e quase nenhum sabia ler. Construía suas casas aproveitando as grutas que se formavam na encosta da colina. Em um daqueles casebres vivia uma camponesa viúva, mas ainda jovem: chamava-se Maria. Vivia com seu único filho, um homenzarrão alto e simpático, com rosto moreno, queimado de sol e a barba bem preta. Chamava-se Jesus.

Maria: Deixe de lado esse martelo e venha logo que a comida está esfriando! Jesus!

Jesus: O que foi mamãe!?

Maria: Você parece surdo...? Pare de martelar e venha comer, ande...

Jesus: Está bem, está bem... uff! ... Quem mandou me meter a fazer essas malditas ferraduras...? Não devia ter dito àquele romano que sabia fazer ferraduras... Uma sai maior que a outra... uff!

Maria: Ai, Jesus, filho, também você quer meter o nariz em tudo! É alguém semeando trigo e lá vai você... é um rebanho de carneiros e lá vai você de novo... E levantar paredes, e colocar portas. E agora, era só o que faltava, inventando de fazer ferraduras!

Jesus: E não se queixe, porque vamos comer essas lentilhas graças às ferraduras. O romano me pagou um denário adiantado.

Maria: Pobre romano e, sobretudo, pobre cavalo...

Jesus: Você não disse que a comida estava esfriando? Pois então vamos comer! Ah... que cheirinho gostoso!...

Maria: Ande, filho, reze a bênção. Uma bem curta.

Jesus: Por que curta?

Maria: Porque a comida está curta também. Pão, lentilha e nada mais. Vamos, reze que eu já estou com fome.

Jesus: Está bem... Abençoa, Senhor, este pão e estas lentilhas, amém... Bom, me dê um pouco de vinho que a minha garganta está mais quente que o martelo...

Maria: Não tem vinho, filho. Contente-se com água fresca.

Jesus: Vou acabar virando uma rã com tanta água fresca...

Maria: Sabe, filho?! A mulher do Neftali está doente. Aquelas febres de sempre. Mais tarde vou fazer-lhe uma sopa... Pobre mulher, com tantos filhos... Está sem apetite, Jesus?! Está doente?

Jesus: Doente, eu? Por que?

Maria: Você não está comendo nada... Estou achando você meio esquisito já faz alguns dias... Vamos, diga o que está acontecendo.

Jesus: Não está acontecendo nada, pode crer.

Maria: Você traz alguma coisa escondida entre as mãos.

Jesus: Claro, trago as ferraduras que já estão me enchendo a paciência!

Maria: Não, não seja mentiroso! Olhe, eu sei o que acontece. É que o Benjamim foi ao Jordão ver o profeta. E você está com um formigueiro no corpo para ir também, não é isso?

Jesus: É isso aí. Adivinhou. Só não queria dizer para não deixá-la triste.

Maria: Não, eu não fico triste. Mas me preocupo. Há tantos bandidos por esses caminhos.

Jesus: Tenho muito pouca coisa que eles possam roubar. Se é por isso...

Maria: Escute, Jesus, antes que me esqueça: a comadre Suzana pediu para você dar uma volta lá pela casa dela porque tem uma parede quase caindo...

A vida no povoado de Nazaré era sempre igual: comer, trabalhar, dormir. As mulheres se distraíam conversando e fofocando enquanto tiravam água do poço. Os meninos sempre fugiam das aulas que tentava dar-lhes o velho rabino, que já estava cego, e iam roubar frutas pelos arredores. Os homens esperavam na pequena praça da sinagoga que o avarento Ananias os contratasse para semear ou colher. Quando não havia trabalho, matavam o tempo jogando dados e apostando o dinheiro que não tinham. Ou inventando uma maneira de ganhar o pão como Jesus...

Jesus: Bem, Suzana, esta parede está mais firme que as muralhas de Jerusalém...

Suzana: Já acabou?! Ai, moreno, você é um encanto!... Olhe aqui, leve esta galinha para sua mãe...

Jesus: Obrigado, Suzana. Até outra vez!

Suzana: Tchau, Jesus. Lembranças para minha comadre Maria!

Quando caía a tarde, todos regressavam para seus casebres, para esquentar-se junto aos fogões de pedra, tomar alguma sopa e deitar-se sobre as esteiras de palha que lhes serviam de cama...

Jesus: Suzana me pagou com esta galinha. Já temos alguma coisa para amanhã...

Maria: Amarre-a aqui, ande. E vamos jantar que já é tarde... Abençoe a comida, filho...

Jesus: Mas, mamãe, não são as mesmas lentilhas que sobraram do almoço?

Maria: Sim, e daí?

Jesus: É que já estão bentas!

Maria: Quantos dias você vai ficar fora?...

Jesus: Não sei...

Maria: Mas, filho, o que você vai buscar num lugar tão longe? Perdeu alguma coisa por lá?

Jesus: Não. Mas todo mundo quer ver e escutar o profeta João. Eu também quero ir... Além disso, não foi você quem disse que ele é meio parente seu?

Maria: Sim, Isabel era minha prima. Mas você sabe que na Galileia todo mundo é parente de todos.

Jesus: Pois eu quero cumprimentar esse primo! Já é um homem famoso. Disseram-me que as pessoas vêm lá de Jerusalém para que ele as batize. E que João fala, grita, bota fogo pela boca.

Maria: Cuidado para não se queimar... Isso é perigoso.

Jesus: O que é perigoso?

Maria: O que João está fazendo. Agitando o povo. Deixe que ele continue soltando a língua e acabarão cortando-lhe o pescoço como a todos que se metem a profeta.

Jesus: Oxalá houvessem mil línguas como a de João, mil valentes que dissessem a verdade ao povo.

Maria: Então haveria mil pescoços cortados e mil mães chorando seus filhos. Lembre-se da matança de Séforis. Faz tão pouco tempo.

Jesus: Ou seja, a velhice está deixando você covarde.

Maria: Em primeiro lugar, não sou covarde. Em segundo... que muito menos estou tão velha... Vamos, come...

Maria: Mas Jesus, por que você quer ir pra lá?

Jesus: Voltarei logo, prometo.

Maria: Não acredito. Você chega, começa a contar suas piadas, torna-se amigo de todos os loucos que encontra e acaba ficando por lá.

Jesus: Mamãe, eu quero ir... Como lhe dizer? Não estou muito contente com isso. Consertar uma porta hoje, colocar três tijolos amanhã, ganhar quatro denários pisando uvas... Sim, e daí?

Maria: Aí é onde eu queria chegar. E daí? É isso mesmo que eu digo. O que é que você está querendo, Jesus? Entra ano, sai ano, e você não se decide por nada.

Jesus: Eu também quero pôr meu grãozinho de areia para que as coisas mudem, certo? Ou será que você não enxerga? Os romanos estão pisando na gente, o povo está cada vez mais faminto, os impostos cada vez mais altos... E por cima de tudo, os sacerdotes de Jerusalém derramando suas bênçãos sobre todo esse abuso... E aí? Os jovens israelitas vão cruzar os braços?

Maria: Sim, filho, eu sei disso. Mas o que é que nós os pobres podemos fazer? Escute o que lhe digo: esquece os sonhos e seja realista. Você tem trinta anos. Já está hora de pôr os pés no chão. Eu estou sozinha... Se seu pai estivesse com a gente... Ai, meu bom José, que descanse em paz. Jesus, filho, o que vai ser de mim se acontecer alguma coisa a você?

Jesus: É bem o que eu disse. Você está ficando covarde com os anos. Veja, não é você que sempre diz: Deus vai derrubar do trono os orgulhosos e levantará os humildes; Deus dará de comer aos famintos e deixará os ricos com as mãos vazias?

Maria: Sim, Jesus, eu digo e creio. E todos os dias rezo ao Senhor para que nós pobres consigamos sair da miséria.

Jesus: Não basta rezar, mamãe. É preciso se arriscar. Fazer alguma coisa, como João.

Maria: Ah! Já estou percebendo. Então é isso que você quer. Ir ao Jordão e se unir aos revoltosos. Não vou estranhar se um dia desses alguém vier me dizer: Maria, seu filho se meteu a profeta. Seu filho anda pregando também.

Jesus: Profeta, eu? Não, não se preocupe com isso. As palavras me saíam da boca mais retorcidas do que essas ferraduras. Não, não, eu não sirvo para isso... E agora vamos terminar essas lentilhas que amanhã temos de comer esta galinha...

E poucos dias mais tarde, Jesus se levantou bem cedo, jogou uma túnica por cima do corpo, pegou um galho seco como bastão e se pôs a caminho rumo ao rio Jordão, onde estava João, o profeta.

As origens de Jesus são humildes, pobres, camponesas, tanto quanto era Nazaré, um obscuro e desconhecido lugarejo da terra de Israel, nunca mencionado no Antigo Testamento. Ali começou a “coisa” (At 10,37). Dali surgiu aquele que anunciou a boa notícia que os pobres de Israel escutaram com tanto entusiasmo.

O relato começa com as mesmas palavras com as quais João, o amigo de Jesus, inicia sua primeira carta às comunidades cristãs: “O que eu vi com meus olhos...” Foram os apóstolos, testemunhas da vida e da Páscoa de Jesus, que trouxeram até nós, por seus escritos e pelas comunidades que criaram, a Boa Notícia que há dois mil anos ressoou em Israel.

Nos tempos de Jesus, Nazaré - que significa “A Flor” - era uma pequena aldeia no interior da Galileia na qual viveriam apenas umas 20 famílias. Por estar a aldeia assentada em uma colina, os camponeses usavam como casas, grutas escavadas nas encostas. A pobreza era extrema. As “propriedades” daquelas famílias não passavam de um par de esteiras de palha, algumas vasilhas de barro nas quais se guardavam o grão e o azeite e um ou outro animal.

Os galileus (do norte) eram considerados pelos israelitas do sul (Judeia) como gente briguenta, pouco respeitosa das leis e tradições religiosas. No campo político, a região era ninho de ativistas guerrilheiros, que organizavam periodicamente revoltas contra os romanos. Nazaré era muito pouca coisa e além disso uma aldeia mal afamada, lugar inverossímil para que dela surgisse o Messias (Jo 1,46).

Atualmente, por influência da história cristã, Nazaré se converteu na capital da Galileia, com uns 30 mil habitantes, na sua maioria de raça árabe e religião cristã. O maior edifício na atual Nazaré é a basílica da Anunciação, inaugurada por Paulo VI em 1964. No seu interior se conserva o que foram as “paredes” (parte traseira da gruta) onde vivia a família de Maria, mãe de Jesus. Uma inscrição do início do século II foi achada ali e nela se pode ler “Xé Maria” (Deus te salve, Maria), creditando autenticidade histórica ao lugar. Conserva-se também uma fonte que desde sempre abasteceu a aldeia e na qual Maria com suas vizinhas iriam cada dia buscar água. O manancial está no interior de uma pequena igreja de cristãos ortodoxos gregos. Além disso, pode-se ver os restos do que foi o cemitério de Nazaré nos tempos de Jesus onde, sem dúvida, foram enterrados seus antepassados.

Maria teria uns quarenta e tantos anos quando Jesus começou a anunciar a Boa Notícia a seus conterrâneos. Como todas as camponesas, seria nessa idade uma mulher acabada por duros trabalhos, mas cheia dessa sabedoria popular que nasce do contato com as dores e alegrias mais elementares da vida. Suas mãos teriam calos, vestir-se-ia humildemente e, como todas as mulheres de sua classe em Israel, seria analfabeta. Era uma mulher pobre que, como o povo fiel dos “pobres de Javé”, tinha posta em Deus toda a sua esperança. Como todas as mães, temia que seu filho corresse perigo “metendo-se em política”.

A tradição de Israel era que, tanto os homens como as mulheres, se casassem muito cedo. O fato de que Jesus, com seus trinta anos, estivesse ainda solteiro, seria algo chocante tanto para os vizinhos como para sua própria mãe. A virgindade, ou o celibato tal como o entendem hoje aqueles que o escolhem, não eram valores na sociedade em que Jesus viveu.

Suzana, comadre de Maria, é uma personagem cujo nome o Evangelho de Lucas recorda ao falar das mulheres que acompanhavam Jesus em sua pregação pelas aldeias e povoados de sua terra (Lc 8,3). As relações de vizinhança num povoado tão pequeno eram intensas, praticamente todo mundo era família de todo mundo, ou ao menos, todos conheciam bem a vida e os problemas de seus patrícios. Tradicionalmente, limitou-se o ofício de Jesus, como o de José, ao de carpinteiro. Entretanto, a palavra original que Marcos emprega tem como exata tradução algo assim como “aquele-que-faz-de-tudo” (Mc 6,3). Jesus trabalharia tanto a madeira, como faria ferraduras ou arrumaria portas. Também semearia e recolheria o fruto da colheita como diarista eventual. Para nossos países, sua condição seria a de um subempregado.

“Moreno” é um apelido carinhoso que se dá a Jesus nesse relato. A origem semita de Jesus sugere uma pele escura, morena, e uns traços que, como os dos homens de sangue árabe, não teriam nada a ver com os dessas imagens que o fazem passar como homem de pele branca, cabelos loiros, e olhos claros.

Maria aparece já neste momento da vida de Jesus como viúva. Não existem dados que provem isso, mas uma tradição cristã o considerou assim desde sempre. Sua viuvez a faz mais precavida, mais “covarde”. Também mais apegada ao filho.

Jesus passou fome e suou ao trabalhar. Teve amigos, chorou e riu e se cansou como todos nós. Também, como todos nós, buscou seu caminho na vida e suportou dúvidas sobre seu próprio destino, envolto que estava na debilidade (Heb 5,3). A pregação profética de João foi para ele um chamado, um momento decisivo na busca desse caminho. Assim foi descobrindo, passo a passo, sua vocação, como acontece a tantos homens que, na sua entrega a Deus e a seus irmãos, vão aprofundando seus compromissos e fazendo-se o que Deus quer que eles sejam.

Capítulo II

A CAMINHO DO JORDÃO

Naqueles tempos, eram muitos os que iam ao Jordão buscando João, o Batista. A poderosa voz do profeta havia enchido de gente os caminhos secos e poeirentos da Judeia. E também, ainda que um pouco menos, os caminhos da Galileia que, com a primavera, transbordava de flores, de espigas novas e erva verde tão alta que às vezes chegava à cintura...

Felipe: Estou morrendo de vontade de ver a cabeleira desse profeta. Me disseram que é o tipo mais santo que pisou esta terra desde muitos anos. E outros dizem que tem um mau gênio que não há quem o aguente...

Natanael: Uff... Felipe, estou cansado! Eu estou morrendo é de vontade de esticar-me um pouco sobre este capim e tirar uma soneca... Hoje levantamos cedo demais...

Felipe: Nada de soneca, Natanael, temos de chegar a Magdala para o almoço. E nosso tempo está contado. Jasão, o dono da taverna, tem os melhores peixes do lugar... Se chegarmos tarde só vai sobrar para nós aqueles dourados já meio passados. Ele sempre faz isso, eu o conheço bem. Estive por lá na semana passada e tive de comer as sobras dos que chegaram primeiro.

Felipe e Natanael eram velhos amigos. Conheciam-se desde sempre. Haviam brincado juntos e, de vez em quando, trabalhado juntos também. Fazia vários anos que haviam separado seus negócios; Felipe ia de povoado em povoado vendendo um pouco de tudo: amuletos, pentes, tesouras, anzóis, quinquilharias... de tudo. Natanael tinha uma oficina em Caná, da

Galileia. Ali trabalhava com lã e, de vez em quando, também coisas de couro.

Natanael: Alegre-se, homem!

Felipe: É claro que me alegro, Nata, claro que me alegro. É o que eu digo: se este João, o Batizador é, como dizem, um profeta, está chegando a hora da esperança para nós, os mortos de fome... E isso eu já venho notando. Nunca vendi tanta coisa como agora. Você vai pelos caminhos, se encontra com gente que vai pra lá, para o Jordão, e sem se dar conta acaba vendendo uma tranqueira qualquer para a viagem, percebe? Por isso que digo que João é um profeta. Ele me trouxe sorte...

Natanael: Não seja tão animal, Felipe. Eu não consigo entender como é que de um cabeção tão grande possam sair ideias tão pequenas... O que é que você pensa que é um profeta?

Felipe: Esta não é uma ideia pequena, Nata. O messias não vai começar um mundo melhor que este? Eh? Não vai fazer justiça? Pois fazer justiça é eu encher meus bolsos de moedas... Já passei muita fome. A hora de Deus tem de ser a minha hora também. Olhe, Nata, trouxe tudo isso pra vender. Aproveito a viagem, compreende?

Natanael: Mas, o que é que você tem aí? Colares?

Felipe: O que você acha, não são lindos? Olhe este!

Natanael: Mas Felipe, pra quem você vai vender esses colares?

Felipe: Ui, dizem que o Jordão está cheio de mulheres... uh, uh, uh...! E aí, já viu... Elas mordem fácil, as bobonas. E eu lhes faço um favor vendendo esses badulaques tão bonitos... Eu as ajudo a melhorar seu negócio...

Natanael: Vai muita mulher da vida pra ver o profeta?

Felipe: De montão!... Ao menos é isso que dizem os que vêm de lá...

Natanael: Bendito seja o Altíssimo! Quem mandou eu vir com você... Já lhe disse que esse profeta...

Felipe: Esse profeta o que? Esse é um profeta dos pobres. Anuncia grandes mudanças para a Terra, Natanael. Temos de escutá-lo. A voz de Deus tem de ser escutada sempre...

Ao meio dia Felipe e Natanael chegaram a Magdala. Era uma cidade que cheirava a vinho, a mulheres e a peixe.

Ficava às margens do grande lago de Tiberíades. Por aquela cidade entravam muitas caravanas de viajantes e camelos vindos das montanhas do norte. Descansavam em Magdala e continuavam a viagem por terras galileias...

Jasão: Como é que vai, Felipe!? Fazia muito tempo que não o víamos por aqui, seu grande sem-vergonha... O que? O que você está vendendo hoje? Olhe, rapaz, quando começa a lua cheia, e começou ontem, o tempo fica ruim para os negócios...

Felipe: Não venho vender nada, Jasão. Estamos só de passagem, este amigo e eu.

Jasão: E quem é esse seu amigo? Nunca o vi antes por aqui...

Felipe: Bah! ele vem pouco por essas bandas. Tem muito que fazer com sua mulher, seus filhos, sua sogra, sua oficina. É de Caná. Quase não sai de lá... Muito trabalho, você sabe...

Jasão: E o que você veio buscar em Magdala, amigo? Está cansado da sua mulher? Ah, Ah, Ah, aqui em Magdala há fêmeas pra acabar com todos os males... Escute, você me parece um homem sério. Como se chama?

Natanael: Natanael.

Jasão: Natanael. Muito bem. E o que querem Felipe e Natanael? Vão passar a noite aqui? Posso arranjar duas boas camas.

Felipe: Nada de cama, Jasão. Temos de seguir caminho.

Natanael: Eu estou com sono, mas... bem, já, já a gente se estica um pouco debaixo de alguma árvore...

Jasão: E para onde vão os amigos com tanta pressa?

Felipe: Vamos ao Jordão ver aquele profeta.

Jasão: Pelas barbas de Moisés!... Outros que morderam o anzol!... Mas, Felipe, até você?... O profeta... O que é que você perdeu no fundo do rio para ir meter esse cabeção naquela água suja? Vai ver que este carequinha com cara de boa gente o fez engolir essa loucura... Andar mais de cem milhas para ver aquele cabeludo!

Felipe: Olha, Jasão, não vamos começar a discutir. O que nós temos é fome.

Jasão: Lá onde está o profeta vocês vão passar mais fome ainda. Dizem que esse João está pele e osso, que só come gafanhoto e que obriga as pessoas a jejuar e fazer penitência... Sendo assim, vou preparar pra vocês uma panelada pra encher suas tripas por uma semana.

Felipe: Escute, Jasão, capricha no peixe, e que ele esteja bem fresquinho, heim!

A taverna de Jasão começou a encher-se de gente. O cheiro de peixe e vinho ficava cada vez mais forte. As pessoas comiam no chão ou sobre alguma pedra. Os que chegaram primeiro aproveitaram os poucos bancos de madeira que havia. Felipe e Natanael se meteram num canto com seus dourados recém-assados, suas azeitonas e seu molho. Pouco tempo depois, quando só ficaram as espinhas no prato, viram entrar pela porta alguém que conheciam...

Felipe: Nossa, vejam só quem mostra as orelhas!

Natanael: Quem é aquele?

Felipe: Jesus, o filho de Maria, o de Nazaré... O que será que ele está fazendo por aqui? Ei, Jesus!... Jesus! Venha pra cá!

Pulando por cima dos pratos e cuidando para não chutar alguma jarra de vinho, Jesus abriu passagem até o canto onde estavam Felipe e Natanael...

Jesus: E então, Felipe...? Como vai, Natanael? A verdade é que não esperava encontrar nenhum conhecido por aqui.

Felipe: E aí? Veio fazer algum trabalhinho em Magdala?

Jesus: Não. Estou de viagem para o Jordão.

Felipe: Vai pro Jordão? Até você vai pra lá?

Jesus: Vocês também vão ver João, o profeta?

Felipe: Mas é claro que sim. Puxa vida, que sorte a nossa!...

Natanael: Ele meteu essa ideia na cabeça e acabou me envolvendo também...

Jesus: E o que você tem feito, Natanael? Fechou sua oficina?

Natanael: Bah!, é que eu tenho pouco trabalho agora. Deixei a mulher por lá, caso apareça alguma coisa. Creio que não ficaremos muito tempo lá no Jordão...

Felipe: Ei, Jasão, mande mais um par de dourados e uma jarra de vinho! Agora são três os que vão ver o profeta!

Natanael: Não grite tanto, Felipe!... Todo mundo tem de ficar sabendo da nossa viagem? Eles vão rir de nós...

Felipe: Pois que riam... Pode estar certo de que alguns daqui também vão pro Jordão, quer ver?... Ei, amigos, alguém de vocês vai pro Jordão?

Natanael: Cale a boca de uma vez, Felipe... por favor!... Que homem!

Felipe: Esse profeta pôs em movimento todo o povo de Israel. Eu que ando pra cá e pra lá estou vendo. Pôr tanta gente dançando é sinal de que a coisa vem de Deus. Você não acha, Jesus?

Jesus: Eu creio que sim. É por isso que vou pra lá.

Jasão: Ahahaha! Então você também vai lá pro rio? De onde você é?

Jesus: De Nazaré.

Jasão: De Nazaré? Pois dessa biboca danada não acredito que foram muitos ao Jordão... Também, ali tem mais rato que gente...

Jesus: Não creia nisso, faz alguns dias foi o Benjamim, filho de Raquel. Esse é meu amigo.

Jasão: E agora é você que vai!? Que cambada! São como as ovelhas, aonde vai uma, vão todas! Ah! que homens mais malucos! Sonhando com profetas e sinais de Deus, quando podem ficar por aqui e aproveitar a vida... E então Nazareno, não está a fim? Tenho um vinho de primeira e umas mulheres que estão ó... Lá na sua terra não tem nada disso. Por que não fica por aqui alguns dias e deixa esses dois malucos irem para o sul?

Jesus: Olhe, agora quero conhecer o profeta. Outro dia fico para conhecer Magdala, prometo.

Jasão: Que cabeças mais duras e cheias de histórias. Vamos lá, Nazareno, enche as tripas com esses dourados e depois a gente conversa. Vamos ver se não muda de ideia. E agora vou indo, tenho muito que fazer.

Felipe: Estão muito bons. Os melhores do lago.

Jesus: Estou vendo mesmo, Felipe, você os engole com cabeça, rabo e espinha!

Felipe: A mulher de Jasão tem mãos de anjo para cozinhar...

Natanael: Mas Jasão é um velhaco. Fica gozando dos profetas. Isso é algo muito sério, o mais sério do mundo.

Felipe: Escute, Jesus, você acredita que João será o libertador de Israel? Há muita gente que diz que sim... e outros que não.

Jesus: Pois eu não sei, Felipe. É preciso primeiro vê-lo e ouvir o que diz...

Natanael: O libertador de Israel terá de limpar este país de todas as suas porcarias. Dizem que João mete uma pessoa de cabeça no rio e logo a tira como nova.

Felipe: Caramba! Estou gostando disso! Já faz uns sete meses que não tomo banho!

Jesus: A única coisa de que estou seguro é que João é um profeta. Faz muito tempo que não aparece neste país um homem que dissesse tantas verdades juntas!

Natanael: Pois eu não estou seguro de nada. Eu nunca vi um profeta. Esse negócio de profeta é coisa de outro tempo, quando Deus se lembrava de seu povo e o governava...

Jesus: Pois eu acho, Natanael, que Deus voltou a se lembrar de nós e nos mandou João.

Felipe: Deus ou o diabo pra mim dá no mesmo! O que eu quero é que este batizador dê de uma vez o grito...

Natanael: Que grito, Felipe?

Felipe: O grito que está fazendo falta por aqui, caramba!!!

Natanael: Cale a boca, Felipe!

Felipe: Amarrem bem as calças que agora a coisa vai ser pra valer!

Natanael: Felipe, pelo amor de Deus!

Felipe: Todos juntos, como um só homem, e pôr pra quebrar...!

Natanael: Não faça tanto barulho, Felipe! Em vez de ir para o Jordão, vamos acabar indo pra cadeia. E de cabeça! Vamos, Jesus, acabe logo de chupar essas espinhas e vamos embora daqui!!!

Jesus: Está bem, vamos indo, Felipe. Deixe os discursos para outro momento, porque ainda nos restam dois dias de caminho para ver as barbas

de João, o Batizador.

João batizava em Betabara de Pereia, ao sul da velha cidade de Jericó, perto do Mar Morto. E eram muitos os que naqueles dias se achegavam para escutar suas palavras, buscando nele o libertador de Israel.

A pregação de justiça de João, o Batista, despertou as esperanças do povo de Israel na vinda próxima do Messias e desencadeou um autêntico movimento popular. Pessoas de toda a Judeia e também da província nortista da Galileia viajavam até o Jordão para ouvir João e preparar-se - pelo batismo no rio - para receber o esperado libertador.

“Messias” é uma palavra aramaica que significa “ungido”. A palavra grega equivalente é “Cristo”. Em Israel, os reis a serem elevados ao trono, eram ungidos com azeite como sinal de santificação e bênção de Deus (ISam 10,1). O povo de Israel, ao longo de sua história - tecida de fracassos, derrotas e escravidões - esperou de Deus um libertador definitivo que trouxesse uma paz duradoura.

Cerca de cem anos antes do nascimento de Jesus começou-se a chamar de “Messias” este libertador esperado, pois na crença do povo ele seria um rei poderoso que faria de Israel uma grande nação, expulsaria de suas terras os dominadores estrangeiros e faria, por fim, justiça aos pobres. Quando as primeiras comunidades cristãs reconhecem em Jesus o Messias, começam a chamá-lo também de Cristo, isto é, o Ungido de Deus, seu enviado, seu Bendito. Dos quatro evangelhos, o de Mateus é o que mais marca o caráter messiânico de Jesus, por ser um texto dirigido especialmente aos leitores judeus. A vinda mais ou menos próxima do Messias, o que faria este personagem, o modo de reconhecê-lo, sua procedência - alguns esperavam que fosse um anjo, outros um grande sacerdote - era tema das conversas populares nos tempos de Jesus.

Para o povo de Israel, os profetas eram homens de Deus que falavam em seu nome. Interpretavam o que acontecia, denunciavam as injustiças, anunciavam os planos de Deus e eram temidos pelos reis e governantes. Depois de anos e anos sem ter nenhum profeta no país, o povo reconheceu em João um profeta. E alguns até chegaram a ver nele o Messias esperado. Isto explica a mobilização das massas que a palavra do Batista despertou.

Neste episódio se apresentam dois discípulos de Jesus: Felipe e Natanael. De Felipe existem poucos dados: era de Betzaida e é mencionado somente cinco vezes nos textos evangélicos. De Natanael, sabe-se menos ainda. João o menciona apenas duas vezes. Nas listas dos doze apóstolos sempre se identificou Natanael com Bartolomeu. Felipe, vendedor ambulante, alegre, ingênuo e sempre preocupado com seu negócio de bugigangas e Natanael, curtidor, com mais anos nas costas, desenganado e indeciso, são homens pobres que vivem na insegurança própria de sua classe social. Foi nas classes baixas onde pegou com mais força a mensagem de libertação de João, o Batista.

Magdala era uma cidade às margens do lago de Tiberíades, no caminho das caravanas que entravam na Galileia a partir das montanhas da Síria. Como cidade de passagem, prosperava nela as tavernas e prostíbulos, da mesma forma como acontecem nos portos de nossos países. Da Magdala evangélica, ficaram apenas restos arqueológicos.

(Mateus 3,5-6; Marcos 1,5; Lucas 3,7)

Capítulo III

UMA VOZ NO DESERTO

No ano 15 do reinado do imperador Tibério, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia, Herodes vice-rei da Galileia, seu irmão Felipe, vice-rei da Itureia e Traconítide e Lisânias vice-rei da Abilene, sob o sumo sacerdócio de Anás e Caifás, Deus falou a João, filho de Zacarias, no deserto. João havia passado muitos anos no monastério do Mar Morto. Mas quando sentiu o chamado de Deus, foi pregar percorrendo as margens do rio Jordão e proclamando um batismo de conversão...

Batista: Assim falou o profeta Isaías e eu repito agora! Abram caminho! Deixem passar o Senhor!... O libertador de Israel está chegando e vem depressa!... Vocês não escutam seus passos?... Abram passagem, deixem livre o caminho para que ele possa chegar até nós!

Os gritos de João ressoaram em Betabara e na cidade vizinha de Jericó e seu eco chegou a Jerusalém e se estendeu, como fogo na palha, por todo o país de Israel. Estávamos ansiosos por escutar uma voz que reclamasse justiça e anunciasse a libertação do jugo romano. E viemos do norte e do sul para conhecer o profeta do deserto...

Meu irmão Tiago e eu havíamos viajado desde Cafarnaum. Viemos com nossos companheiros de sempre, Pedro e André, também irmãos, também pescadores do lago Tiberíades e, como nós, simpatizantes do movimento zelota...

Tiago: Este é o homem de que precisamos, Pedro! Diabos, este profeta não tem pelos na língua e cospe verdades tanto nos de cima, como nos debaixo!

Pedro: O que estamos fazendo aqui, Tiago? Chame seu irmão e vamos ouvi-lo mais de perto. Ei, você, André, vamos mais para lá, ainda que

tenhamos de abrir caminho a cotoveladas. Que viva o movimento!

Já fazia setenta anos que nosso país era uma colônia do império romano. O povo estava desesperado por causa daquela escravidão, pela fome e pelos pesados impostos que nos obrigavam a pagar. Por isso, muitos de nós olhávamos com simpatia o movimento zelota que conspirava contra o poder romano e tinha suas guerrilhas espalhadas por todo o país.

Pedro: Que viva o movimento!

Todos: Viva! Viva!

Tiago: Morram os romanos!

Todos: Morram! Morram!

Os zelotas estavam bem organizados, sobretudo na nossa província, a Galileia. Pedro, André, meu irmão Tiago e eu formávamos um pequeno grupo de apoio em Cafarnaum. Falávamos a todos do movimento e, logicamente, nos metíamos em todo tipo de protesto e confusão que se armava. Bem, alguns de nós armavam... E creio que quando fomos ver o profeta João foi para isso. Depois, ao ouvi-lo falar, nos demos conta de que a coisa também interessava a nós...

Batista: Os de cima gritam: paz, paz, que haja paz! Mas como pode haver paz se não há justiça?... Que paz pode haver entre o leão e o cordeiro, entre o rico e o pobre?... Os debaixo gritam: violência, violência!... Mas dizem isso por ambição, porque também querem subir e abusar dos que ficam em baixo. Têm um leão escondido debaixo da pele de cordeiro!... Assim diz Deus: Todos têm de mudar de atitude. Todos têm de se converter!...

O calor era sufocante. Os mosquitos formavam uma nuvem sobre nossas cabeças... Pessoas de todas as partes, camponeses, artesãos dos povoados, comerciantes de lã, cobradores de impostos, mendigos, doentes, prostitutas e soldados, todos estávamos ali... Tampouco faltavam os vendedores entre o povo, vendendo biscoitos e tâmaras...

Batista: Arrependam-se antes que seja tarde demais!... Os que querem escapar da cólera de Deus, entrem na água, pois este rio limpa o corpo e limpa a alma!... Metam-se na água antes que chegue o fogo e os transforme em cinzas!

Na areia fina da margem amontoavam-se as sandálias e os mantos. João, apoiado numa pedra e com a água até à cintura, ia agarrando pelos cabelos aqueles que queriam se batizar. Afundava-os no rio e quando pensavam que iam se afogar, o braço do profeta os tirava de repente e os empurrava para a margem... Foram centenas os que receberam este batismo de purificação.

Pedro: Olhe, André, veja como brilham os olhos dele, parecem dois carvões acesos!

André: Este profeta é o próprio Elias que desceu do céu em seu carro de fogo! Elias em pessoa!

Pedro: Isto é o fim do mundo!

Tiago: Fiquem aqui, seus palermas! Deixem-me ver o profeta!

O profeta João era um gigante tostado pelo sol do deserto. Vestia-se com uma pele de camelo amarrada com uma correia preta. Nunca havia cortado o cabelo que já lhe chegava até à cintura. Quando o vento soprava, parecia a cabeleira de uma fera selvagem. Era o profeta Elias quem falava por sua boca. Bem, na realidade, João não falava: gritava, rugia, e suas palavras estralavam como pedradas em nossas cabeças.

Batista: Abram o caminho, um caminho reto, sem curvas nem desvios, para que o Libertador chegue mais depressa! Tapem os buracos para que seus pés não tropecem! Derrubem as montanhas se for necessário para que não tenha de dar nenhuma volta e se demore!... Não, não se demora! Já está vindo!... Não escutam seus passos?... Não sentem o seu cheiro no ar?... Já vem o Messias, o Libertador de Israel!

Pedro: Puaff!... Aqui o único cheiro que se sente é de urina. Já estou enjoado...

André: Você é mesmo um porco, heim, Pedro! Cale a boca e escute o que o profeta está falando.

Pedro: Está bem, está bem, André. Eu é que não sei o que vim fazer aqui. Esta gente se mete no rio e faz tudo lá dentro. Em seguida vai outro e sai mais sujo do que entrou. E o profeta fica falando que o rio limpa e purifica, puaff!...

Tiago: Tem razão, Pedro! A água já está parecendo uma sopa e as cabeças das pessoas, os grãos de bico...

Pedro: Ei, vamos para o outro lado, companheiros, isto já está me dando nojo...

André: Olhem só meu irmão dando uma de gente fina... Aqui o que mais fede é você mesmo, Pedro.

Pedro: Ah, é, seu idiota!... Pois você vai engolir essas palavras agora mesmo.

João: Pare com isso, Pedro! Vamos sair um pouco! Não há quem agüente esse calor!...

Saimos um pouco dali para podermos respirar. Pedro estava bravo com André e André bravo comigo e Tiago bravo com todos. Nós quatro éramos bons amigos, mas sempre estávamos brigando...

Tiago: Bom, afinal de contas, do lado de quem está o profeta? Não ouviram o que ele disse? Que todos os de cima e os de baixo, tínhamos de nos converter?

João: Isso tudo é conversa mole, Tiago. Que ele diga claramente com quem está. Apóia os zelotas ou não? É isso que ele tem de dizer.

Pedro: Muito bem, João. Que viva o movimento!

André: Ai, cale essa boca, pô! Qual é que é, Pedro, você parece um papagaio, repetindo sempre a mesma coisa!

Pedro: E você parece que já se deixou embobar pelo batizador.

André: Eu estou com ele. Diga o que disser, apoie a quem apoiar, estou com o profeta.

João: Mas o profeta apoia o movimento ou não? Isto é o que eu quero saber, André.

André: Pois vai lá você mesmo e pergunte pra ele, João. Meta-se no rio e pergunte-lhe de que lado ele está. Você se chama João que nem ele, é seu xará. Na certa ele lhe responde.

João: Pois é isso mesmo que eu vou fazer. Eu não tenho medo nem desse profeta nem de ninguém. Se está com os zelotas, bem-vindo seja. Se está com os romanos, tomara que se afogue nesse rio fedorento.

André: Não grite tanto, João. A coisa não é tão simples assim!

Tiago: A coisa é muito simples, André, é dar um pontapé no traseiro de todos os romanos e acabou-se!

Pedro: Olhem só! Quem escuta você falar, Tiago, pode até pensar que você é um dos sete cabeças. Vamos ver, ruivão, o que é que você fez até agora pelo movimento, diga? deu meia dúzia de gritos em meia dúzia de povoados?!

Tiago: E você, Pedro, o que é que fez, heim? Atirar pedras de cima dos telhados?... E não me venha de novo com aquela de que cuspiu no capitão romano, porque aqui até os meninos cospem nos soldados!

Pedro: Ah, você não vale nada, Tiago, espere aí que eu vou fechar essa sua boca...

João: Parem com essa discussão, caramba! Vamos ver quem de nós tem coragem de perguntar a João de que lado ele está... Essa é a minha proposta...

Pedro: E eu proponho que a gente vá um pouco mais longe. Esse fedor está chegando até aqui. Eu já estou com o estômago embrulhado. Andem,

vamos...

Nós quatro nos distanciamos para comer algumas azeitonas, mas quando saímos na estrada, tivemos uma grande surpresa...

Pedro: Olhem só, aquele cabeção que vem vindo lá embaixo não é o nosso amigo Felipe, o vendedor? Felipe!... Demônios, agora sim é que esse negócio vai ficar bom!

Felipe: Caramba, Pedro. Pedro pedrada. Como vai essa vida, rapaz?... E você, Tiago, boca grande! E João, o briguento!... Que confusão estarão armando por aqui os filhos de Zebedeu?!... E vejam também o magricelo do Andrezinho! Pelas panturrilhas de Salomão, estou muito contente de encontrar vocês.

João: E nós também, Felipe, o maior charlatão de toda a Galileia!

Tiago: Ô, Felipe, não seja tão mal educado. Quem são estes dois que estão com você?

Felipe: Puxa vida!... É verdade, estava esquecendo de fazer as apresentações... Nata e Jesus..., apresento a vocês esses quatro bandidos, pescadores de caranguejos em Cafarnaum! E estes são dois malandros piores que vocês. Este se chama Natanael, um israelita de boa marca, vive em Caná, trabalha com lã e é mais sovina que uma ratazana e tem uma mulher que nem o rei Davi aguentaria. E este outro, um moreno simpático de Nazaré. Chama-se Jesus. Conserta desde portas até ferraduras. É um faz-de-tudo!... Ah, e tem mais: quando empresta dinheiro nunca cobra juros... O ruim é que nunca tem, ele é que sempre pede emprestado! Senhores, está dito tudo!

Pedro: Pois então, é como se nos conhecêssemos toda a vida. E agora vamos encher o bucho que já está na hora.

E lá fomos nós sete comer e conversar no meio daquele burburinho de gente. Quando caía a noite, todo mundo se esparramava pela margem do rio. Procuravam galhos secos e acendiam fogueiras para esquentar-se. Outros cortavam folhas de palmeira e faziam tendas para dormir de baixo.

O Jordão estava repleto de gente. Todos nós tínhamos vindo procurar o profeta João e João continuava procurando o Messias, o Libertador que ele anunciava.

Tanto o Evangelho de Marcos como o de João iniciam os relatos da vida de Jesus com a pregação do Batista às margens do rio Jordão. É uma forma de destacar a estreita relação que une a mensagem de justiça do grande profeta com a Boa Notícia de Jesus. As palavras do Batista conservadas nos relatos evangélicos são ataques acesos contra as injustiças e o estado de corrupção do país, começando pelo próprio Herodes, rei da Galileia, a quem João criticava em público. Por outra parte, João entendia sua missão como trabalho de preparação para a chegada do Messias que inauguraria um mundo novo baseado na igualdade de todos os homens e na soberania de Deus.

Para preparar este mundo novo, além de seus proclamas e discursos, João usava um rito que se tornou muito popular: o batismo. As pessoas que vinham para ouvi-lo confessavam seus pecados e João as submergia nas águas do Jordão. Era um símbolo de limpeza: a água purifica o sujo. E também de renascimento, de começar de novo, deixando para trás o mundo antigo do fatalismo e da injustiça: da água nasce a vida, na água começa sempre a vida. Este batismo de João não era um rito mágico. De nada servia se não havia uma mudança real nas atitudes dos que se batizavam. Eram batismos coletivos. As massas populares - principalmente os pobres de Israel - aderiam à mensagem de João e entravam no rio preparando assim a chegada do Messias.

João pregou e batizou no deserto, às margens do rio Jordão, em um vau chamado comumente Betabara. Atualmente, este lugar é zona fronteira entre Israel e a Jordânia. O Jordão “que desce” é praticamente o único rio que rega a terra de Israel. Nasce no Norte, perto do monte Hermon, e desemboca nas águas salgadas do Mar Morto, o lugar mais baixo do planeta, um fosso de quase 400 metros abaixo do nível do mar.

A austeridade de João, o Batista, refletia-se em sua vestimenta e em sua comida, que granjeou também popularidade entre as pessoas que viam naquele homem curtido e selvagem o profeta Elias que regressava para defender o seu povo. Os longos cabelos de João era costume entre os que se

comprometiam a um serviço total a Deus: voto dos nazireus (Jz 13,5; Sam 1,11).

Fazia já uns setenta anos que a Palestina era uma colônia romana. Naquela época, Roma era o império mais forte da terra, como hoje o são os Estados Unidos. A maioria das nações conhecidas então eram províncias submetidas ao imperialismo romano. Isso significava nos países dominados: governos dependentes, ocupação por exércitos estrangeiros e exploração do povo de quem se cobrava impostos excessivos e ao qual se controlava, impedindo-lhes a participação nas decisões políticas e econômicas. A capital do império - Roma - foi destruída quase quinhentos anos depois da morte de Jesus.

Tanto na Galileia como na Judeia, existia um grupo descontente com o domínio romano. Entre os opositores, destacava-se o grupo ou partido dos zelotas. Atuavam na clandestinidade, alguns como guerrilheiros, especialmente na região nortista da Galileia, onde o controle de Roma era mais fraco. Os zelotas eram nacionalistas, pregavam a Deus como único rei e se opunham a todo poder estrangeiro. Negavam-se, por isso, ao pagamento dos impostos e aos censos ordenados pelo império. Os camponeses e pobres de Israel, espoliados pelos tributos, simpatizavam com o movimento e protegiam seus membros.

Os zelotas também tinham um programa de reforma agrária: proclamavam que a propriedade devia ser justamente distribuída, pois as diferenças sociais eram extremas. Proclamavam também que as dívidas deviam ser canceladas, inspirando-se para isso na lei mosaica do Ano Jubilar. O grupo zelota parece ter sido fundado por um tal Judas, o Galileu, pouco depois do nascimento de Jesus, ao colocar-se à frente do povo que se negava a pagar impostos. A rebelião popular foi sufocada pelos romanos com sangue e fogo. A palavra “zelota” vem de “zelo”: zelosos da honra de Deus, apaixonados, fanáticos. O grupo mais ativo dentro do partido zelota era o dos sicários: terroristas que levavam sempre debaixo da túnica pequenos punhais (sicas) e praticavam com frequência atentados contra os romanos.

Entre os discípulos de Jesus é muito provável que muitos pertencessem ao movimento zelota. O Evangelho fala claramente de um ao chamá-lo de “Simão, o zelota” (Lc 6,15). O sobrenome de Judas “Iscariote” faria

referência à sua filiação “sicária”. Por outro lado, o apelido que Jesus dá aos irmãos Tiago e João “Boanerges” (filhos do trovão) e o sobrenome de Pedro (Barjona) são, para alguns autores especializados no tema dos zelotas, nomes de guerra, usados pelos discípulos.

(Mateus, 3,1-6; Marcos 1,1-8; Lucas 3,1-6)

Capítulo IV

OS CANIÇOS RACHADOS

A voz do profeta João estremecia o deserto de Judá e ressoava no coração da multidão que se reunia para escutá-lo às margens do Jordão. João anunciava um mundo novo com que todos nós sonhávamos.

Batista: O fogo do Senhor limpará os crimes e os abusos que cobrem esta terra como uma lepra. E Deus fará então coisas maravilhosas, nunca ouvidas. Criará novos céus e uma terra nova e neles reinará por fim a justiça. Não se escutarão mais prantos nem gemidos...

Enquanto João falava, Jesus se afastou de nós e se pôs a caminhar. Foi se distanciando das margens abarrotadas do Jordão até onde não havia tanta gente... André e eu nos olhamos e nos pusemos a segui-lo... Eu me lembro que eram quatro horas da tarde...

João: Pra onde será que ele vai agora, André?

André: Eu não sei... talvez queira tomar um pouco de ar... Ali embaixo não há quem consiga respirar, João... Escute, o que foi mesmo que Felipe disse que ele fazia?... Em que ele disse que trabalhava?...

João: Bah!, disse que era um “conserta-tudo”, imagine só, naquela biboca de Nazaré, pouco trabalho terá... Lá até os ratos morrem de fome... Ah... ah... atchim!!!

Quando espirrei, Jesus olhou para trás e viu que André e eu o seguíamos...

Jesus: Caramba, nem tinha percebido vocês...

João: Ahtchim!... Maldição!... Acho que peguei esse resfriado quando me meti no rio para batizar-me... Ah...Ah... Quando saí tinha um arzinho frio que... Ahtchim!... Maldição!

Jesus: Aonde vocês estão indo?

André: E você pra onde ia?

Jesus: Não, não ia pra lugar nenhum... Faz muito calor ali... E esses mosquitos acabam com qualquer um... Saí pra dar uma volta...

André: É, pois nós também...

João: Pedro tem razão... Essa peste de rio enjoa qualquer um... Aqui pelo menos se pode respirar...

André: É, a verdade é que está fazendo um calor...

João: Preste atenção no que eu digo: isso aqui é como o forno da Babilônia...

André: Bem... é um calor que... hum hum...

Jesus: Escutem, porque não nos sentamos um pouquinho ali em baixo daquelas palmeiras?

João: Boa ideia, Jesus, porque... pense bem, com este calor...

Nós dois queríamos conversar com Jesus. Mas, claro, não sobre o calor. Não sei, aquele moreno de Nazaré nos pareceu simpático desde que o vimos chegar com Natanael e Felipe. Queríamos saber mais coisas a respeito dele...

João: Então, o Felipe disse que você é uma espécie de “conserta-tudo”... Como é isso, um tipo de pedreiro?

Jesus: Pedreiro não... bem, pedreiro sim...e ferreiro e carpinteiro. Um faz-remendos, vamos. O que aparecer. Em Nazaré é difícil ter um trabalho

fixo... Vocês já estiveram lá?... Aquilo é muito pequenino. Tem de se ter o olho aberto e pegar o que vier.

André: Mas você... vive com quem?... é casado?...

Jesus: Não, eu não. Eu vivo com minha mãe.

André: E seu pai?...

Jesus: Bem, ele morreu há algum tempo, quando eu tinha uns dezoito anos...

João: E aí?... Não pensa em se casar?

Jesus: Pois, olhe rapaz, eu conheci uma garota... Mas, como lhe dizer... não via claro...

João: É, eu imagino. Em Nazaré, com meia dúzia de mulher feia, deve ser difícil encontrar alguma que valha a pena. O que você tem de fazer é vir para Cafarnaum. Lá a vida é bem diferente. Há bom trabalho, mais ambiente...

Jesus: Vocês quatro são pescadores, não é isso?

André: Sim, temos um negócio com Zebedeu, o pai deste aqui, e que tem um gênio pra lá de ruim, o condenado!

João: Espere aí, ô magricela, vai se meter com o pai de outro... deixe o meu tranquilo!...

André: Bem, Jesus, mas você... como é?... trabalhando nesse tipo de serviço e... e nada mais?...

Jesus: Como nada mais?... Nada menos!... Escute, você sabe o que é sair todos os dias em busca de trabalho? Isso não é fácil.

André: Sim, claro, não quis dizer que... bem, você sabe.. o movimento... não funciona lá em Nazaré?

Jesus: Vocês são zelotas?

João: Não, nós não... Bem, sim... quer dizer... O movimento é a única esperança que nos resta de tirarmos esses malditos romanos de cima de nós! Você não acha, Jesus?

Jesus: Pois eu não sei... francamente não sei.

João: Como não sabe? Você tem de saber.

Jesus: Está bem. Há que saber também qual é o animal que tem as patas na cabeça.

João: Eu não sei... qual é?

Jesus: O piolho!

João: Como o piolho? Ah, sim, as patas dele na minha cabeça! Essa foi muito boa, sim!

Jesus: E essa é pra você, André: em que um piolho se parece com um romano, eh?

André: Um piolho... com um romano?

Jesus: Tá na cara, homem! Os romanos também têm as patas colocadas na nossa cabeça!

João: E são uns animais também!... Muito bom! Muito bom! Conta outra, Jesus...

Eu me lembro daquele dia como se fosse hoje. Fecho os olhos e ainda vejo diante de mim Jesus com aquele sorriso largo que tantos amigos ganhava. Bastou meia dúzia de piadas, umas histórias bem contadas, a confiança que teve em compartilhar conosco as preocupações que lhe faziam comichões por dentro e que o haviam trazido até João o batizador... e já era como se nos conhecêssemos desde sempre. O moreno era um desses homens com quem a gente topa uma única vez e depois não esquece nunca mais na vida.

João: Quando eu contar essas piadas pro Pedro...!

André: E de onde você tira todas essas histórias, Jesus?

Jesus: Bah!, como em Nazaré as noites são muito longas, nos juntamos num grupo de amigos e cada um inventa uma história, o outro conta uma lenda... para matar o tempo, entende?

André: E agora, o que vai fazer? Voltar a Nazaré e continuar matando o tempo?

Jesus: Bem, isso é o que eu não sei. Por um lado eu gosto da vidinha de lá. E tenho de preocupar-me com minha mãe que está sozinha... Mas, por outro lado, não sei, às vezes sinto vontade de me pôr a correr, de escapar...

André: De escapar de quem?

Jesus: Não, escapar não... Não sei, viajar, ir a Jerusalém, conhecer o mundo, entende?

João: Pois faça que nem o Felipe. Compre uma carroça e uma corneta e se ponha a vender amuletos e badulaques por todas as cidades.

Jesus: Mas isso deve ser complicado, não?... Não sei, eu queria fazer outra coisa... Quando ouço o profeta João, digo para mim mesmo: Isto sim é que vale a pena, esse homem está ajudando as pessoas... Mas eu, o que estou fazendo pelos outros?

João: E o que faço eu? E o que faz esse magricela...Bah, aqui somos todos uma calamidade. Mas veja, você que tem uma lábia tão boa, podia comprar uma pele de camelo e se pôr a batizar na outra margem do rio... Isso, mete-se a profeta!

Jesus: Não fale bobagem, João. E eu tenho lá cara de profeta? Um camponês como eu, que nem estudou as Escrituras e que treme os joelhos quando tem de ler na sinagoga...

João: Bah, isso é no começo. Qualquer um se acostuma a tudo. No começo o mar me dava medo. E já levo mais de quinze anos lançando a rede no

lago!

André: Você não gostaria de ser pescador como nós, Jesus?

Jesus: Sim, mas... acontece que nem sei nadar. Na primeira e vocês me tiram afogado!

João: Não, homem, venha a Cafarnaum. Só os gatos têm medo de água!

Jesus: Pois se você soubesse... na noite passada sonhei com o mar...

André: Ah, sim? Conte, conte esse sonho.

Jesus: Foi um sonho esquisito. Me deixou preocupado. Olhem só: eu estava assim, como agora, diante do mar. Então, de dentro da água saiu o profeta João. Olhou-me, mostrou-me uns caniços na margem e se afastou para o deserto. E eu não o vi mais.

André: E daí, o que aconteceu?

Jesus: Depois veio um vento muito forte que balançava os caniços da margem, os rachava, os partia... E se armou um redemoinho com o vento e eu senti que o vento me agarrava por todos os cabelos, como quando João agarra os que vêm se batizar, e me levantou e me levou até os caniços que estavam rachados e partidos...

João: E o que você fez?

Jesus: Agachei-me e me pus a consertá-los. Eram muitos caniços rachados... Eu os ia levantando um a um. Era um trabalho difícil, mas eu gostava, me sentia contente. E então acordei.

João: Veja lá, homem! E por que esse sonho o preocupa? É um sonho até meio aborrecido, eu acho... Suas piadas são melhores...

Jesus: Mas eu estava contente arrumando os caniços rachados, me sentia feliz, nunca havia me sentido assim...

João: Bem, está certo, cada um se diverte como pode...

Jesus: Não. O que acontece é que, quando o profeta João, agora pouco, estava falando do novo céu e da nova terra, voltei a sentir a mesma alegria... Por isso acordei do sonho...

João: É, acho que de tanto ouvir João o batizador falar de Messias, de Libertação, todos nos pusemos a sonhar com isso. E, pelas cabeleiras desse João, esse libertador há de ser um grande sujeito! Esse sim construirá a terra nova... Vocês sabem como eu imagino a nova terra do Messias? Primeiro de tudo, sem romanos. Esses, fora. Sem eles acabarão os impostos e os abusos. Fora também Herodes e sua turma... vermes podres! Esses têm de ser esmagados! Fora também os publicanos traidores...!

Jesus: Epa, vai devagar, que na nova terra tem de caber muita gente dentro. E o que você está fazendo é jogar gente fora...

João: Já disse o profeta: O Messias queimará todo o lixo e arrancará pela raiz os ramos velhos...

Jesus: E os caniços que ficam dobrados, quase quebrados?

João: E para que serve um caniço rachado? Não acredito que o Messias se ponha a consertá-los como você em seu sonho...

André: E você, Jesus, como imagina que será a nova terra?

Pedro: Eh!! Onde vocês estão...? Onde se meteram!?

André: É meu irmão Pedro. Já está dando as caras por aqui...

Pedro: Eh! Pessoal de Cafarnaum! Cadê vocês?

João: Aqui, Pedro!

Pedro: Mas, onde é que vocês se meteram nesse tempo todo?

André: Estávamos aqui falando do Messias...

João: Ô, narigão, esse moreno Jesus sabe cada piada...

Pedro: Bah, piadas!. Aqui a gente tem de aproveitar o tempo. Nós descemos pelo rio e descobrimos um lugar cheio de caranguejos. Natanael fez uma sopa que está... hum... Vocês não têm fome? Vamos lá.

Jesus: Ei, Pedro, você se chama Pedro, não é? Estive pensando ontem. Eu nunca havia ouvido esse nome...

João: Que nada! Ele se chama Simão!

Jesus: E por aqui se diz Pedro?

Pedro: Ah, Jesus essa é uma outra história... Falaram pra Jesus do Movimento?

João: Bem, você sabe. Este aqui se mete em todas as brigas e confusões. Não faz mais que gritar e atirar pedras... Por isso lhe pusemos o apelido de Pedro: pedro-pedra, pedra-pedro, entendeu?

Jesus: Ah, então você é Simão, mas por isso o chamam de Pedro...

Pedro: Bem, parem de ficar falando de mim e vamos com os outros tomar uma sopa de caranguejos... Hum... o cheirinho está chegando até aqui... Hummm... Ao ataque, companheiros!

A noite caía sobre Betabara. A margem do rio começava a ficar salpicada de fogueiras e todo o campo cheirava a comida feita na hora. O fato é que André e eu então não entendemos muito o sonho que havia impressionado tanto a Jesus. Agora, já velho, recordando aquele dia em que Jesus começou a ser meu amigo, e longe daquela terra em que conheci o moreno, tudo fica claro. Os antigos escritos de Isaias já o anunciavam: ele endireitou os caniços rachados e não apagou uma só das mechas que ainda davam uma chispa de luz.

Jesus, como qualquer um de nós, foi um homem de busca. Buscou resposta às perguntas que a vida e a realidade iam lhe colocando. E buscou, fundamentalmente, como orientar seu serviço a Deus e aos homens nas circunstâncias de conflito em que viviam seus compatriotas. Jesus realizou esta busca por meio da reflexão e da oração, mas também compartilhando

com seus amigos inquietações e perguntas. A busca da própria vocação não é um processo individualista. A comunidade, os irmãos ajudam a ver mais claro e nos dão forças com sua solidariedade para que tomemos as decisões que Deus, através da realidade, exige de nós.

O estilo de muitas expressões de Jesus que o evangelho nos conservou, nos permite ver nele um homem espirituoso, simpático, agudo. Um homem com anedotas, valendo-se de histórias e contos. Também com aquilo que hoje chamamos chistes ou jogos de palavras.

Todos os povos da antiguidade, e ainda muitos atualmente, atribuem uma grande importância aos sonhos. Acredita-se que os sonhos permitem ao homem colocar-se em contato com Deus e descobrir neles anúncios do que acontecerá no futuro. Em Israel também estava espalhada essa crença e se dava uma significação especial a determinados sonhos. Nas Escrituras, tanto no Antigo como no Novo Testamento, contam-se alguns desses sonhos, reveladores do futuro ou dos planos de Deus sobre os homens (Gn 27,5-10; Dan 7,1-28; Mt 1,18-25). Sem cairmos na superstição, essas crenças apontam para algo profundamente verdadeiro: Deus se aproxima do homem, na vigília ou em sonho, através daquele que vê, como através de sua psicologia e dos caminhos complexos de seu cérebro. E um crente deve saber descobrir isso através de qualquer experiência.

O sonho que Jesus conta a João e André, recolhe uma das mais lindas profecias messiânicas de Isaias (42,1-4), na qual o profeta descreve o Messias como um mensageiro da infinita misericórdia e paciência de Deus, justo, porém não intolerante, lutador mas não dominador.

(João 1,35-39)

Capítulo V

BATISMO NO JORDÃO

Aquela manhã amanheceu como todas em Betabara, onde João batizava. O céu aberto, limpo, sem uma nuvem, e o vento do deserto soprando com força sobre nossas cabeças, agitando as águas do Jordão. Ainda que nenhum sinal o indicasse, aquela foi uma manhã muito importante. Todos nos recordaríamos alguns anos depois...

Batista: Eu sou somente uma voz, uma voz que grita no deserto!... Abram passagem, deixem livre o caminho para que o Senhor chegue mais depressa! Ele já vem! Não demora! Convertam-se, purifiquem-se, mudem o coração de pedra por um coração de carne, um coração novo para receber o Messias de Israel!

Foi naquele dia que Felipe, Natanael e Jesus decidiram por fim batizar-se. Os três puseram-se na fila, espremidos no meio daquela multidão de peregrinos, e entraram nas lamacentas águas do rio...

Batista: Vamos, decide-se! Quer ou não quer batizar-se?

Felipe: Bem, eu...

Batista: Você quer ou não quer apressar o Reino de Deus para que haja justiça na terra?

Felipe: Sim, isso sim, acontece que...

Batista: Mas o que é que acontece com você, galileu?

Felipe: Nada, é que a água e eu não somos bons amigos, sabe?... Faz muitos meses que... Espere, espe...! Glup...!

Batista: Que o Deus de Israel arranque a imundície do seu corpo e da sua alma e que você possa ver com seus olhos o grande dia do Senhor!

Batista: E agora, vamos ver: quem é você? Como se chama?

Natanael: Sou Natanael de Caná da Galileia.

Batista: Quer se batizar? Quer estar limpo para quando o Messias chegar?

Natanael: Sim, João, quero... eu também quero preparar o caminho e... e colaborar com o Libertador de Israel...

Batista: Muito bem. Você disse que sim. Pois essa palavra ficará pendurada sobre sua cabeça. Quando o Messias vier, siga-o. Não o atraia porque Deus não trairá você pela palavra que acaba de pronunciar. Está decidido?

Natanael: Sim, profeta, eu... eu quero...

Batista: Aproxime-se e arrependa-se de todas as suas faltas... Ainda que seus pecados sejam vermelhos como o sangue, ficarão brancos como a neve; ainda que sejam negros como o carvão, ficarão limpos como a água da chuva...

E o profeta afundou no rio a cabeça calva de Natanael, como antes havia feito com nosso amigo Felipe e com tantos outros. Chegara a vez de Jesus...

Batista: E você, de onde é?

Jesus: Sou galileu como esses dois. Vivo em Nazaré.

Batista: Em Nazaré? Naquele vilarejo que está entre Naim e Caná?

Jesus: Sim, ali mesmo. Conhece aquilo?

Batista: Tenho familiares lá... Como disse que se chama?

Jesus: Me chamo Jesus.

Batista: Mas, por acaso você não é filho de José e Maria?

Jesus: O próprio, João. Minha mãe me disse que éramos primos meio distantes.

Batista: Sim, é verdade! Caramba, como esse mundo é pequeno!... Você vai ficar algum tempo aqui pelo Jordão?

Jesus: Sim, um par de dias mais...

Batista: Quer batizar-se?

Jesus: Sim, João, foi para isso que vim. Você prega a justiça. Eu também quero cumprir toda a justiça de Deus.

Batista: Está arrependido de seus pecados? De verdade, de coração?

Jesus: Sim, João. Me arrependo de tudo... especialmente... do medo.

Batista: Do medo? De que você tem medo?

Jesus: Para ser sincero, João... tenho medo dele... tenho medo de Deus. Sim, Deus é exigente e às vezes quer colher onde não plantou. Assusta-me que ele me peça o que não posso dar-lhe.

Batista: Se você se batiza, se compromete a preparar o caminho do Messias. Pense bem antes. Com Deus não valem as desculpas. Se disser “sim”, é sim. Se disser “não”, é não. Decida-se, Jesus: quer se batizar?

Jesus: Sim, João, eu quero que me batize.

Batista: Está bem. Você será mais um a colaborar com o Libertador de Israel.

Jesus: Você fala sempre desse Libertador, João. Mas, onde ele está? Quem é? Aos mensageiros de Jerusalém você disse que não era o Messias que esperamos.

Batista: Claro que não sou eu. Ele vem depois de mim e é mais forte do que eu. Vem depois de mim, mas é primeiro que eu. Eu lhe asseguro, Jesus:

se eu o tivesse diante de mim, não me atreveria nem a desamarrar a correia de sua sandália.

Jesus: Mas, quem é, João? Quando virá?

Batista: Ele já veio. Meu coração me diz que o Libertador de Israel já está no meio de nós. Todavia, eu ainda não o vi.

Jesus: E como poderemos reconhecê-lo quando aparecer?

Batista: O Espírito Santo pousará sobre ele como uma pomba, suavemente, sem fazer barulho. O Espírito de Deus nunca faz barulho. É como uma brisa leve. O Messias Libertador chegará assim, sem fazer ruído. Não quebrará o caniço já meio rachado, nem apagará a mecha que ainda dê um pouco de luz... Você não leu o que disse o profeta Isaias? “Este é meu Filho amado, nele se alegra o meu coração”? Esse será o Messias, o filho predileto de Deus...

Batista: Jesus, o que acontece?... Você está tremendo.

Jesus: Não, não está acontecendo nada.

Batista: Você está tremendo como os juncos do rio quando o vento do deserto sopra sobre eles!

Jesus: É que... tenho frio.

Batista: Frio? Não está fazendo frio... Como está sentindo frio se seu rosto está queimando?

Jesus: Estou nervoso, João... Por favor, batize-me antes que o medo seja mais forte e me faça mudar de ideia. Batize-me, eu lhe suplico...

O profeta João, aquele gigante tostado pelo sol, levantou energicamente seu braço, agarrou Jesus pelos cabelos e o afundou nas águas revoltas do Jordão...

Batista: Dá-nos, Senhor, Liberdade; envia-nos o Libertador. Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor!

Em poucos segundos, o profeta tirou Jesus da água...

Jesus: Obrigado, João. Já estou mais tranquilo. Eu me sinto... estou contente, não sei, estou muito contente!... Mas, João, o que você tem?... Agora é você que está tremendo?... João, está me ouvindo?...

Mas o profeta não escutava. Tinha os olhos cravados no céu, como que buscando alguma coisa, esquadrinhando as formas das nuvens e o voo dos pássaros...

Batista: A voz do Senhor sobre as águas! O Deus da glória troveja!... A voz do Senhor com força, a voz do Senhor como uma tempestade...

Jesus: O que você está dizendo, João?

Batista: Nada, nada... por um momento acreditei escutar... Sabe? No deserto os pássaros falam uma linguagem misteriosa e se veem miragens no horizonte... Não é nada, não se preocupe...

Um homem: Vamos ver se esse cara acaba logo de uma vez com isso!! Pra que tanta conversa fiada só pra molhar a cabeça!

Uma mulher: Cale essa boca, estúpido! Não tem vergonha de falar desse jeito?

Outro homem: Não empurre não, patrícia, agora é a minha vez!

Jesus: João, gostaria de falar com você quando houver menos alvoroço. Preciso falar com você!

Batista: Sou eu que preciso falar com você, Jesus. Agora volte pra margem. As pessoas ficam impacientes com este calor...

Em pouco tempo Jesus voltou para a orla...

Pedro: Que aconteceu, Jesus?... Por que você demorou tanto?

Jesus: Aproveitei para fazer algumas perguntas a João...

Felipe: Eu pensei que você havia se afogado no rio, rá, rá, rá! Olhe só, tenho água escorrendo por tudo o que é lugar... Demônios, esse profeta tem os braços como duas tenazes; te agarra, te empurra, te mete com o nariz no rio e zaz! Batizado.

Pedro: O que você lhe perguntou, Jesus?

Jesus: O que você disse, Pedro?

Pedro: O que você perguntou ao profeta João?

Jesus: O que todos lhe perguntam: quem é o Messias, quando vem o Libertador de Israel.

Tiago: E o que ele respondeu? Disse algo de novo?

Jesus: Não, Tiago, o de sempre...

Natanael: Você está com um brilho estranho nos olhos...

Pedro: Fale claro, Jesus! O que o profeta lhe disse? Você ficou muito tempo cochichando com ele...

Jesus: Nada, Pedro, ele me disse... Bem, que o Espírito de Deus não faz barulho quando vem. Que é como uma brisa suave: você a sente no rosto, mas não sabe de onde saiu nem para onde vai.

Tiago: O que é isso agora? Não é João que vinha o tempo todo falando de fogo, de machado, da cólera de Deus...? Uma brisa suave!... O Messias não será uma brisa suave: será um furacão, uma tempestade de raios!

Jesus: Eu não estou tão seguro disso, Tiago, porque, veja esses caniços... Um furacão romperia os caniços quebrados e apagaria as mechas que ainda têm um pouquinho de luz... E todos nós que estamos aqui não somos frágeis caniços e chamas meio apagadas...? Que seria de nós se Deus soprasse como um furacão? Quem se aguentaria de pé diante dele?

Natanael: Mas, o que está acontecendo hoje com você, Jesus? Está falando de um jeito muito estranho... O que mais o profeta lhe disse?

Jesus: Disse-me que o Libertador... já chegou. Que está no meio de nós.

Pedro: Pois então que saia do seu esconderijo! Ele não contou onde se meteu? Iremos buscá-lo, o levantaremos nos ombros e que comecem as pedradas!

Tiago: Companheiros, a única coisa que eu vejo claro é que aqui neste rio fedorento, não tem como ir procurar o Messias. Vejam todos esses aí na margem... O que é que o Messias vai fazer com eles? Formar um exército de piolhentos e mulheres da vida?

Felipe: Olhem só quem fala! O filho de Zebedeu que tem mais pulgas que pelos na barba!

Tiago: Pode gozar, Felipe... Quando o Messias chegar encontrará você com essa bocarra aberta e vai fechá-la com uma boa porrada! Piolhentos, rameiras e agora idiotas! Boa tropa para o Messias!

Jesus: São caniços rachados, Tiago. O Messias vem para endireitar e não pra dar porradas.

Tiago: Olhe, nazareno, isso soa muito bonito, mas o que está faltando aqui é...

Felipe: Chega de brigas, rapazes! Eu acabo de me batizar e não posso sujar minha boca com maldições. Proponho a gente ir comer uns biscoitos. Já está ficando tarde e, afinal de contas, temos de jogar alguma coisa nas tripas...

Pedro: É isso mesmo! Comer primeiro, discutir depois. André, João, Natanael! Vamos, companheiros! Você não vem, Jesus?

Jesus: Claro que sim, Pedro, vamos lá...

O sol estava pendurado na metade no céu e envolvia com seu calor a terra ressecada. O rio, o vento e os pássaros do deserto haviam visto como Deus se aproximara das águas do Jordão naquela manhã. Deus buscava Jesus e

Jesus escutou sua voz. Algo de grande havia acontecido entre nós, mas então não nos demos conta de nada.

O rito do batismo que João popularizou, significava um reconhecimento público para demonstrar o começo de um caminho de justiça à espera do Messias. Jesus, um entre tantos, se uniu àquele movimento popular aderindo à mensagem de João. Seu batismo será o ponto de partida de uma vida a serviço de seu povo.

Jesus, como verdadeiro homem, foi compreendendo ao longo de sua vida, em contato com os demais, e partindo de diferentes experiências, o que Deus queria dele. Cresceu em idade, seguindo o processo biológico que todos seguimos. Cresceu em sabedoria: por sua abertura a Deus e aos irmãos foi encontrando qual era sua missão. Cresceu em graça: por sua fidelidade a Deus foi fortalecendo seu compromisso de serviço, até dar a vida. Tudo isso que foi um processo, os relatos evangélicos de algum modo concentram no momento do batismo em que Jesus, sensível diante da personalidade e da mensagem de João, teria uma decisiva experiência interior de fé.

Todos vivemos ao longo de nossa vida momentos fortes, nos quais sentimos de forma especial o que devemos fazer, qual nossa vocação, nossa responsabilidade. Momentos em que nos comovemos diante da dor e da injustiça que nos rodeia e encontramos forças para oferecer algo de nossa vida para que as coisas mudem. Momentos em que experimentamos a certeza de que Deus guia nossa existência, de que a história se encaminha para um futuro de esperança, de que os homens e mulheres que nos rodeiam são nossos irmãos. São momentos em que a realidade nos “fala” e nos sentimos lúcidos para saber o que significa essa linguagem. Estas experiências são difíceis de explicar ou traduzir em palavras. Algo assim deve ter vivido Jesus no Jordão quando se batizou.

Para descrever essa experiência interior e fazer-nos ver a importância que teve esse momento na vida de Jesus, os que escreveram o evangelho, a contaram usando símbolos exteriores. O céu se abre: quer dizer que Deus estava perto de Jesus. Desce uma pomba: algo novo vai começar e, assim como o Espírito pairava sobre as águas no primeiro dia da criação do mundo, agora pousa sobre Jesus, o homem novo. Ouve-se a voz de Deus

escolhendo Jesus como Filho amado... No entanto, esses sinais não devem fazer-nos esquecer que tanto o começo do compromisso de Jesus, como todo o resto de sua vida, foi algo simples, normal, humilde, sem grandiosidades. É na humildade que Deus quis revelar-se.

Entre os cristãos, o batismo tem o sentido de uma meta: “Salva-se quem se batiza”, mas em Jesus, tem o sentido de um começo. O batismo cristão é um rito pelo qual se reconhece em público, diante da comunidade, que se rompe com o mal (renúncia a Satanás, com suas obras, suas pompas?) e se adere à Boa Notícia de Jesus, comprometendo-se comunitariamente a fazer realidade os novos valores do evangelho.

Os primeiros cristãos que viveram nas terras de Israel, batizavam-se submergindo-se nas águas do rio Jordão. Os de outros lugares, o faziam banhando-se em um rio ou um tanque. Com o passar dos séculos esse costume foi se perdendo e hoje só restou esse pouco de água que se derrama sobre a cabeça do novo cristão. Os cristãos de rito ortodoxo e alguns outros grupos continuam praticando o batismo por imersão.

(Mateus 3,13-17; Marcos 1,9-11; Lucas 3, 21-22; João 1,29-34)

Capítulo VI

João Batista: comentários finais dos Cap. 8, 10 e 11 do original

A ÚLTIMA NOITE EM BETABARA

A figura de João Batista teve um grande impacto entre os que o escutaram e ainda entre os que o conheceram por notícias que dele chegaram em todos os cantos do país. Deve ter tido influência decisiva sobre Jesus que, um dia diria que João era o maior dentre os nascidos de mulher (Mt 11,11). No calor do movimento que o Batista gerou, Jesus descobriu sua vocação e, à morte de João, tomará o relevante de sua palavra profética.

O parentesco entre João e Jesus, a que se refere unicamente o evangelho de Lucas, deve ser entendido principalmente como uma forma de expressar a estreita relação que houve entre a mensagem do profeta precursor e a de Jesus.

É muito possível que João Batista, tenha vivido algum tempo no mosteiro dos essênios, na orla do Mar Morto, perto do lugar onde mais tarde batizaria o povo. Os essênios eram como uma congregação religiosa que começou a formar-se uns cento e trinta anos antes do nascimento de Jesus. Viviam em comunidade, guardavam o celibato - ainda que houvessem grupos de casados - rezavam orações especiais, não faziam sacrifícios de animais, praticavam uma pobreza rigorosa e compartilhavam os bens. Entre suas ocupações estava a de copiar as Escrituras sagradas. Alguns desses pergaminhos chegaram até nós depois das descobertas feitas em Qumram em 1947. São os manuscritos mais antigos que se conhece de alguns livros da Bíblia. O mais importante é o rolo do profeta Isaías. Atualmente, pode-se visitar as ruínas do mosteiro essênio, do qual se conservam paredes, algumas escadas, as piscinas de purificação etc. No Museu do Livro, em Jerusalém, estão muitos dos objetos encontrados nestas ruínas: vasilhas,

sandálias, moedas, mesas etc. Os essênios viviam distantes do mundo para não se contaminarem e se consideravam perfeitos, os prediletos de Deus. Isto os fez orgulhosos e também intolerantes. Por este espírito elitista é de se supor que João tenha rompido com eles.

Neste capítulo, João Batista apresenta a Jesus vários caminhos para que se concretize seu desejo de serviço: vida monástica, vida de família, compromisso guerrilheiro. A todos esses caminhos, Jesus coloca inconvenientes. Não se vê em nenhum deles. Jesus não foi um monge, nem nada parecido. Viveu misturado com seus patrícios, participando de todos os seus problemas, de suas alegrias e de suas preocupações. Tampouco se casou nem se comprometeu com os zelotas, nem com outros grupos políticos de sua época. Foi um leigo, não entrou em nenhuma estrutura religiosa de seu tempo: não foi sacerdote, nem levita, nem tomou parte do movimento secular fariseu. Até o final de sua vida, viveu e atuou de forma independente, sem afastar-se da classe social em que havia nascido.

Neste episódio são apontados alguns dados sobre a morte de José, esposo de Maria. Não se tem nenhuma referência histórica sobre quando ou como José morreu. O que de verdade é histórico é que durante a juventude de Jesus ocorreu o saque e a destruição da cidade de Séforis, próxima a Nazaré e então capital da Galileia. Os romanos a incendiaram como escarmento da rebelião zelota que ali se produziu.

No cárcere de Maqueronte (cap. 10 da novela original)

A voz do profeta João, clamando por justiça e anunciando a chegada do Libertador de Israel, era cada dia mais firme e mais apressada. Os que iam escutá-lo sentiam como se o profeta tivesse pressa, como se soubesse que seus dias estavam contados...

O rei Herodes queria matar João, tirar, eliminar aquela voz que se tornara tão incômoda. Mas tinha medo do povo, porque todos em Israel sabiam que João era um profeta que falava da parte de Deus.

Nos Evangelhos se fala de dois Herodes, Herodes o Grande que, aliado com os romanos, governou tiranicamente o país desde o ano 37 antes de Jesus, e a quem se atribui a matança dos inocentes. À sua morte, quatro anos depois do nascimento de Jesus, o país se dividiu entre seus filhos. Herodes Antipas, o mais novo, foi contemporâneo de João Batista e de Jesus.

Herodes Antipas foi posto como governador da província do norte de Israel, Galileia, e também da zona de Pereia, na margem oriental do Jordão. O título que lhe deram foi de “tetrarca”, mas o povo o chamava comumente de “rei Herodes”. Embora estivesse casado com uma princesa árabe, Herodes Antipas se tornou amante de Herodíades, esposa de seu irmão Felipe. Essas relações chegaram até a provocar uma guerra na qual morreram muitos inocentes. Mas o rei era um homem ambicioso e sem nenhum escrúpulo. Os dados históricos que se tem dele o descrevem como um esbanjador, cruel com todos os que se lhe opunham - e eram muitos - e supersticioso. Era também um colaboracionista dos romanos, donos do país, que o mantinham no trono em troca de uma grande soma de dinheiro: em nome dos romanos, Herodes Antipas cobrava os impostos do povo, no território da Galileia e da Pereia.

Entre as muitas denúncias que João Batista fez da corrupção do sistema de seu tempo, está a que foi dirigida contra Herodes Antipas, a quem acusava publicamente de viver em adultério com sua cunhada. A denúncia de João não era um simples “moralismo”: o adultério do rei era como o último fruto de uma árvore totalmente podre. O reino de Herodes estava corrompido pelas injustiças, pelo desperdício, o roubo, os crimes... Não existia a menor moral política e social. Era isso que João condenava aos gritos.

Herodes, que cumpria com as normas religiosas judaicas, se transferia para as festas a seus palácios de Maqueronte e Jerusalém, para poder ir ao Templo e, ali, rezar e cumprir a Lei. Foi numa dessas ocasiões que mandou prender João. Herodes temia o movimento popular que o profeta estava desencadeando e desejava vingar-se de João que não cessava de acusá-lo diante do povo. Maqueronte era uma fortaleza construída à margem oriental do Mar Morto, na Região da Pereia. Herodes o Grande a fortificou amplamente e a enriqueceu com um magnífico palácio uns vinte anos antes de Jesus nascer.

Seu filho, Herodes Antipas, celebrava ali grandes festas. Nos calabouços daquela fortaleza esteve preso João Batista e ali foi assassinado pelo rei. No ano 70, a fortaleza foi destruída pelos exércitos romanos. Hoje só se conservam ruínas.

Herodes teme João, mesmo preso, porque o profeta, com grande liberdade, sem medo de morrer, o enfrenta e lhe joga na cara suas injustiças.

(Mateus 14; Marcos 6,14-20; Lucas 9,7-9)

Rumo à Galileia dos gentios (cap. 11 da novela original)

Ao conhecer o pensamento de João Batista, Jesus dá um novo passo na consciência de sua própria vocação. Israel ficou órfã, ao lhe ser tirado o profeta que lhe anunciava o projeto de Libertação de Deus. Jesus sente que deve tomar o lugar de João. Retomará sua mensagem de justiça e a levará à sua terra, a Galileia. Não batizará como João nem esperará que o povo vá em sua busca, mas se misturará com as pessoas como um a mais. E a partir das ruas, dos bairros e das praças, anunciará aos pobres a libertação que Deus promete.

Das margens do Jordão, Jesus se põe a caminho rumo ao Norte. É um trajeto longo, de umas três ou quatro jornadas a pé, que se pode percorrer seguindo a beira do rio através da Pereia e da Decápole, ou tomando a rota das montanhas pela região dos samaritanos.

“Galileia dos gentios” é um qualificativo que o profeta Isaias havia dado às terras do norte, uns setecentos anos antes de Jesus. Expressava assim que aquela região, a pátria de Jesus, que nas origens pertenceu a Zabulon e a Neftali, filhos do velho patriarca Jacó, pareciam como que abandonadas por Deus, entregue aos “gentios” (pagãos, estrangeiros). Eram tempos em que os galileus foram feitos prisioneiros e deportados. Sofreram muito e o futuro parecia fechado para eles. O profeta lhes anuncia uma luz no meio de sua escuridão.

Quando Jesus começou a anunciar o Reino de Deus em terras Galileias, depois de seu batismo no rio Jordão, Mateus recordou esta profecia de Isaias e a incluiu no seu evangelho.

(Mateus 4,12-17)

Capítulo VII

SOB O SOL DO DESERTO

Naquela manhã, bem cedo, vi Jesus sair da tenda onde nós, galileus, dormíamos; tomou seu bastão e se pôs a andar sozinho, afastando-se do rio, em direção ao deserto de Judá. Em pouco tempo, desapareceu num redemoinho de areia...

Jesus: O que queres, Senhor?... Que esperas de mim?... O que me pedes?... Fala-me claramente para que eu possa vencer o medo e responder-te!... Fala-me, Senhor!...

Porém, eram outras as vozes que escutava em seu interior...

Voz de Maria: O que é que você quer, Jesus? Passa um ano, passa outro e você não se decide por nada. Preste atenção no que lhe digo: esquece os sonhos e seja realista. Você tem trinta anos. Já é hora de pôr os pés no chão...

Voz do Taberneiro: Ah, que homens mais malucos! Sonhando com profetas e sinais de Deus, podendo ficar por aqui e aproveitar a vida! Você, nazareno, não se anima? Tenho um vinho muito bom e mulheres que estão... Hum... Lá no seu povoado não tem nada disso...

Voz de Pedro: Estou falando sério, Jesus... Todos nós podemos ser o Messias. Por que não? João não disse que ele está entre nós? Pois então, ele pode ser este careca, ou aquele magricela ou... ou você mesmo, Jesus. Você mesmo pode ser o Libertador de Israel!... Você mesmo pode ser o Libertador de Israel!...

Jesus caminhou e caminhou através do deserto. Subia e descia as colinas, circundava as grandes montanhas e, quando chegava a noite, caía na areia, com o rosto voltado para o céu, como que esperando uma resposta...

Jesus: Que queres de mim, Senhor?... O que posso fazer pelo meu povo?... João é um profeta, sabe falar... mas eu...

Quantos dias se passaram?... Para que lado ficava o povoado mais próximo?... A fome e a sede foram se apoderando dele. Nada, nem uma erva, nem uma gota de água se via em qualquer parte... Jesus, com os olhos secos e arroxeados, sentou-se sobre uma pedra. O sol fervia sobre sua cabeça e sentiu uma tontura. Depois não se lembrou de mais nada. Rolou sobre a areia e se perdeu num profundo sono...

Tentador: Pshss!... Pshss!... Pobre rapaz! Quem será esse que teve a coragem de vir para o deserto assim, sem comida e sem camelo? No deserto só vivem escaravelhos e lagartos...

Jesus: Quem é você?

Tentador: O que isso importa?... Digamos que eu sou um sonho...

Jesus: Bah, então você não me serve para nada.

Tentador: Não creia nisso. Às vezes os sonhos são mais reais que a própria realidade... Pobre rapaz. Está tonto de fome e de cansaço... Eu o ajudarei. Mas primeiro você tem de me falar francamente: o que você veio procurar aqui?

Jesus: Procuo Deus. Preciso que Deus me fale e me mostre o caminho que devo seguir.

Tentador: No deserto não há muitos caminhos. E na vida muito menos. Qualquer um faz seu caminho com um pouco de sorte e outro pouco de ambição. Eu posso ajudá-lo, Jesus de Nazaré.

Jesus: Como você sabe meu nome?

Tentador: Por aqui passam tão poucos visitantes que qualquer um logo fica sabendo quem é quem...

Jesus: E você, como se chama?

Tentador: Não se preocupe com isso... Escute: posso lhe dar um bom conselho. Escute-me: você nunca ouviu dizer que os gatos têm sete vidas e os crocodilos quatro? E você, você que é um pobre homem, quantas vidas você tem, infeliz?

Jesus: Uma... Uma só, suponho.

Tentador: Pois desfrute essa vida, amigo!... Você não andava procurando um caminho? Esse é o caminho que segue a maioria dos homens e das mulheres e... E eles acham muito bom.

Jesus: Que devo fazer para desfrutar a vida?

Tentador: Primeiro, não pensar muito. O pensamento é a mãe da tristeza.

Jesus: Isso é fácil de falar, mas... E nosso povo? E tantas injustiças que é preciso reparar? Como posso deixar de pensar nessas coisas?

Tentador: Bah, idealismos de juventude. O mundo continuará igual, com você ou sem você. Passarão dois mil anos e os pobres continuarão pobres, e os ricos, ricos. E os abusos que se cometeram ontem, se repetirão amanhã.

Jesus: Talvez você tenha razão, mas...

Tentador: Escute-me, Jesus de Nazaré. Olhe essas pedras... Imagine que essa pedra fosse um pão, um saboroso pão recém-saído do forno... Ah, meu bom amigo: comer é a primeira regra para desfrutar a vida.

Jesus: Mas não só de pão vive o homem...

Tentador: Claro que não! Boa comida para o estômago, bom vinho para a garganta e, boas mulheres para a cama!

Jesus: E a palavra de Deus? O homem também vive da palavra de Deus.

Tentador: Uff, esqueça-se de Deus. Ele tem seus problemas lá no céu e você tem os seus aqui na terra. Sabe o que você precisa? Dinheiro!... O dinheiro, amigo, é a chave da felicidade. Com dinheiro você pode comprar

tudo. Preste atenção: consiga dinheiro, muito dinheiro e você terá uma vida cômoda e feliz.

Jesus: Mas, onde vou encontrar esse tesouro de moedas? Não é fácil chegar a ser rico.

Tentador: Pra você é. Você leva jeito para os negócios. Estou certo de que se você se mudar para Jerusalém e começar, por exemplo, com uma pequena casa de empréstimos... ou um comércio de púrpura... Você progredirá, rapaz. Você poderá transformar pedras em pão! e o pão em dinheiro! e o dinheiro em tudo o que quiser! Desfrute a vida e não pense!...Vamos, decida-se... O que você está esperando?

Jesus: Não sei, mas... Eu procuro outra coisa... Dinheiro, luxos, segurança... E depois?

Tentador: Eu já imaginava isso, rapaz. Você não é como todo mundo que se conforma em fazer o que todos fazem. Todos querem dinheiro. Todos querem gozar a vida. Você quer algo mais!... Você quer dominar a vida! Conduzir você o leme do barco, não é isso?

Jesus: Não estou entendendo.

Tentador: Venha, dê-me a mão e me acompanhe...

Jesus: Para onde está me levando?

Tentador: Olhe, observe daqui desta montanha. Daqui você pode escolher bem. Olhe todos os reinos e os governos desse mundo: Jerusalém, Egito, Babilônia... Atenas... Roma... De qual você gosta mais? Qual você prefere?

Jesus: Mas, do que é que você está falando?

Tentador: Que se você quiser, poderá chegar a ser o dono de qualquer um desses impérios... Ou, se for mais ambicioso, como Alexandre o Grande, de todos juntos.

Jesus: Mas isso é impossível. Eu... Eu sou um camponês de sandálias gastas... Não tenho nem quatro palmos de terra que sejam meus e você me

fala de ser dono de...

Tentador: Tudo é questão de se propor. Pouco a pouco, você irá subindo na escala do poder. Convença-se, rapaz: a política é a arte de pisar na cabeça de quem está no degrau de baixo.

Jesus: Precisamente, esse é que sou eu: estou no degrau mais baixo. Em quem posso pisar? O que teria de fazer para ir subindo?

Tentador: Eu o ajudarei. Confie em mim.

Jesus: Mas, quem é você? Diga, por favor.

Tentador: Eu sou a ambição de poder que você leva escondida em sua alma, Jesus. Você não se conforma com dinheiro e luxo porque você quer governar e ter poder sobre os outros homens. E é natural. Já lhe disse que homens como você não se contentam só em desfrutar a vida. Querem ter as rédeas nas mãos... Olhe!... Aquele vai armar uma guerra com seu vizinho. E ganhará, não duvide, porque é ambicioso. Ele já tem centenas de milhares debaixo de seus pés e de seu chicote. E terá muitos mais. Todos o obedecem. Todos estão a seu serviço.

Jesus: Não sei, mas... Eu prefiro servir e não ser servido.

Tentador: Você é um sonhador, Jesus. Vamos ver: diga-me, a quem você quer servir?

Jesus: Não sei... Servir a Deus... Servir a meu povo Israel...

Tentador: Ah, estou entendendo, como não pensei nisso antes?!... Sua soberba é maior do que eu suspeitava. Falemos francamente, Jesus de Nazaré: você quer ser o Messias que todos os judeus esperam desde muitos séculos... Sim, não precisa fazer essa cara... Você sabe muito bem do que estou falando. O dinheiro é vulgar. O poder também é aborrecido, reconheço. Você quer algo especial. Você quer ser o Messias de Israel, o Salvador do Mundo. Que falem de você pelos séculos dos séculos, que se escrevam bibliotecas inteiras contando suas palavras, ter muitos seguidores, uma organização poderosa, com dinheiro e com influência, é lógico...

Jesus: Como você pode falar assim? Eu nunca pensei nada disso...

Tentador: Venha, o que está faltando para começar sua carreira é um bom golpe de efeito, entende?... Vamos a Jerusalém, ao templo, no ponto mais alto das muralhas...

Jesus: Deixe-me, não quero ir... Deixe-me!...

Tentador: Olhe... 400 côvados de altura!... Olhe lá pra baixo... Veja esse rebanho humano... Todos se reuniram para ver o milagre.

Jesus: Que milagre?

Tentador: O seu! Feche os olhos e jogue-se daqui de cima!...

Jesus: Você está louco! Eu me mataria!

Tentador: Nada disso! Eu estarei lá em baixo e não permitirei que seus pés sequer esbarrem numa pedra. Confie em mim.

Jesus: Mas, o que é que eu ganho com isso?

Tentador: Este será o primeiro milagre. Logo virão outros maiores. As pessoas o aplaudirão. E você dirá: a quem procuram? O Messias Libertador? Sou eu! E todos se ajoelharão diante de você e você será grande, sua fama encherá o mundo!

Jesus: Mas...

Tentador: Nada de “mas”. Pare de pensar. Não está ouvindo as pessoas que o esperam?

Tentador: Vamos, atire-se já desta muralha! Eu cuidarei do resto!

Jesus: Espere... Não sei... Isto é tentar a Deus. Não se deve tentar a Deus.

Tentador: Deus! Deus! Deixe Deus tranquilo, imbecil!

Jesus: Deixe-me você tranquilo também! Vai embora!... Vai embora!...

Tentador: Que pena você me dá, Jesus de Nazaré. Você está indo por um mau caminho, rapaz. Está bem, cabeça dura. Você vai se arrepender por não ter me ouvido. Voltaremos a nos encontrar. Até mais ver!

Jesus: Espere, diga-me quem é você... Quem é você?... Como se chama?...

Cameleiro: Eu me chamo Nasim. Sou samaritano e faço esta rota do deserto para ir até Jericó... Um velho camaleiro passava por aquele lugar e, ao ver Jesus estirado na areia, se aproximou para ajudá-lo...

Cameleiro: Como você se chama, heim?... Perdeu seu camelo?... Os bandidos o assaltaram?... Ai, irmão este deserto é traiçoeiro... Até os demônios tremem quando têm de atravessá-lo. Você estava gritando muito... Eu cheguei perto para ver o que acontecia... Venha, suba... Uff! Agora sim... Você está meio morto, irmão... Ande, beba este leite de cabra... Vamos que ainda nos falta um bom pedaço até Jericó... Eia, camelo, vamos camelooooo!...

Quantos dias esteve Jesus naquelas montanhas cinzentas e peladas? Não podia saber. No deserto, durante quarenta anos, Deus pôs à prova seu povo e permitiu que fosse tentado. Também o profeta Elias atravessou o deserto e durante quarenta dias e quarenta noites buscou o rosto de Deus. E João o Batista havia aprendido a gritar naquelas solidões que o Libertador de Israel já se aproximava.

Assim como a Galileia, a região norte de Israel é fértil e sempre verde, a Judeia, a região sul, é zona seca, de escassa vegetação e, em alguns lugares, de autêntico deserto. Nessas terras desabitadas, às quais Jesus se dirige, não cresce mais que espinhos e abrolhos. Quase não chove e só passam caravanas de camelos. Na atualidade, pode-se ver, perto da cidade de Jericó, em pleno deserto da Judeia, o chamado Monte das Tentações, onde a tradição cristã fixou desde muitos séculos, o lugar onde Jesus havia sido tentado. Na encosta desse monte, vivem alguns monges ortodoxos num velho mosteiro. O povo de Israel acreditava que o deserto era terreno amaldiçoado por Deus e, por isso, era estéril. Ali só podiam viver animais selvagens e demônios. Tudo isso fazia com que o deserto fosse considerado um lugar extremamente perigoso, onde o homem era posto à prova e podia sucumbir à tentação.

Mas o deserto não era unicamente um lugar terrível. A longa peregrinação dos israelitas pelo deserto ao longo de quarenta anos até chegar à terra prometida, fez com que a tradição de Israel o considerasse também como lugar privilegiado para se encontrar com Deus e para conhecer melhor seus planos na solidão e no risco. Entre esses dois sentidos, de enfrentamento com o mal e de revelação de Deus, é que se move o texto das tentações de Jesus que os evangelistas nos oferecem.

O relato evangélico das tentações não deve ser lido como uma narração histórica, mas como um resumo teológico dos desafios que Jesus, como Servo de Iahweh, teve de superar ao longo de toda sua vida para ser fiel até o fim: a tentação da segurança, da vida sem risco, do buscar o próprio proveito; tentação do poder-dinheiro com o qual se pode subjugar os demais; a tentação de um Messias que busca ser servido em vez de servir. Jesus, como todo homem que leva a sério um compromisso, teve de experimentar fraquezas e teve de escolher em muitas ocasiões o caminho da generosidade. Renovou continuamente sua própria vocação. E, ao fazê-lo, superou uma tentação que os evangelhos nos contam esquematicamente em três momentos.

A chave para entender o relato das tentações está nas três frases com que Jesus responde ao Tentador. As três aparecem na narração da peregrinação do povo hebreu pelo deserto (Dt 8,3; 6,16; 6,13). O que Deus pediu a seu povo em marcha pelo deserto para comprovar sua fidelidade, se renova em Jesus. Jesus suporta as mesmas tentações que há séculos o povo havia suportado. Nesse tempo Israel falhou com Deus, caiu na tentação da desconfiança, da acumulação e da prepotência. Jesus, porém, se manteve fiel. Na sua história pessoal, se resgata e chega à plenitude a história coletiva de seu povo. A cultura e o estilo literário do tempo de Jesus obrigavam a usar nesses relatos a figura de um Tentador exterior à pessoa tentada. Assim, aparece o demônio como interlocutor de Jesus. A Bíblia menciona frequentemente o demônio sob diversos nomes: O Adversário, Lúcifer, Satanás, Belzebu, etc... É preciso ter um grande cuidado e saber descobrir em cada ocasião o que quer dizer o relator ao recorrer a este personagem.

(Mateus, 4,1-11; Marcos 1,12-13; Lucas 4,1-13)

Capítulo VIII

NO BAIRRO DOS PESCADORES

O grande lago da Galileia estava rodeado de planícies e colinas semeadas de pomares e de trigo, de vinhedos e de hortas. Em suas margens apinhavam-se muitas vilas de pescadores. Tiberíades, a cidade maldita, onde o rei Herodes tinha seu palácio. Magdala, famosa por suas mulheres. Betzaida, que significa “a casa dos pescados” onde todos nós havíamos nascido. E a mais buliçosa, Cafarnaum, “a cidade do consolo”, onde agora vivíamos e trabalhávamos sob as ordens de meu pai, Zebedeu.

Zebedeu: Por hoje já está bom, caramba! E muito mais do que mais que bom! Tiago, diga à sua mãe que separe os dourados maiores para a sopa... Já fazia tempo que não tínhamos uma pescaria tão boa. E pelas tripas da baleia do profeta Jonas, a gente tem de celebrar isso!

Tiago: Você me deixará provar essa sopa, não é, velho?

Zebedeu: Sim, homem, venha com a sua mulher. E diga àquele velhaco do Pedro que apareça também. Se pescamos juntos, juntos vamos comer, sim senhor!

Meu pai, o velho Zebedeu, aprendeu a remar antes de caminhar. Passou toda sua vida pescando no lago da Galileia. Conhecia aquelas águas melhor que a palma de sua mão. Às vezes penso que meu velho tinha escamas na pele e espinhas em vez de ossos... Com Jonas, o pai de Pedro e André, e outros dois pescadores, havia formado uma cooperativa. Zebedeu era o chefe. Tínhamos em comum os barcos e as redes. Todos trabalhávamos juntos e, ao final de cada jornada, repartíamos os lucros, que não eram muitos.

Zebedeu: Chegará o dia, e esses olhos hão de ver, em que haverá sopa de peixe para todos e trabalho para todos e justiça para todos os pobres! Eia, vamos para casa, João, que já estou com mais fome do que Adão debaixo do pé de maçã!

Quando o sol se escondia atrás do monte Carmelo, o lago ficava em silêncio. As gaivotas, que durante todo o dia revoavam sobre a água, voltavam a seus ninhos. As barcaças se apertavam com suas velas já dobradas no embarcadouro de Cafarnaum, esperando a nova manhã de trabalho. E em todas as casas dos pescadores amontoadas junto à margem, começava-se a acender os fogões...

Zebedeu: Como vai esta sopa, mulher?

Salomé: Não vai demorar nada, velho, não seja impaciente!

Zebedeu: Não se esqueça de jogar dentro algum ouriço! Isso é que dá o sabor!

Salomé: Deixe-me em paz. Eu não me meto com seus barcos, você não se mete com minhas panelas...

Minha mãe, Salomé, era uma mulher baixinha e magra. Forte como a raiz de uma árvore e tostada pelo sol. Já estava velha, mas ainda não tinha um só cabelo branco. Essa era sua única vaidade. Gostava do trabalho da casa tanto quanto de ir bater papo com as vizinhas. Sabia fazer tudo muito depressa para poder estar em todas as partes. Ela sempre me lembrou esses peixes voadores que às vezes brincam no lago: rápidos como uma faísca. E espertos. Nunca conseguimos agarrá-los.

Zebedeu: Escute, André, e seu irmão Pedro, que aconteceu? Não vem hoje por aqui?

André: Ele virá mais tarde. Esse não perde um guisado da Salomé por nada nesse mundo! Acontece que a sogra dele continua doente e Rufina foi buscar umas ervas lá no Jairo. E Pedro ficou com as crianças... Virá logo...

Enquanto minha mãe cozinhava, o cheiro do pescado ia tomando conta da casa. André, Tiago e eu jogávamos dados...

Tiago: E lá vão cinco!... Sua vez, André...

André: Quatro e dois!

Tiago: Você, João...

João: Continuo no sete.

Tiago: Ganhei outra vez! Vamos lá, João, pode pagar, que você já me deve duas vezes. E você também, André.

André: Poxa, que cara mais sortudo! Não me resta mais nada, nem um centavo. Estou pelado.

João: Tiago, eu acho que você fez alguma trapaça...

Tiago: Trapaceiro, eu? Vai pro inferno, eu joguei limpo!

João: Cabelo de fogo, você trapaceou...

André: Deixa pra lá, João, ele sempre faz isso...

Tiago: O que é que você está dizendo, ô magricela?! Eu joguei limpo! Tá escutando, tá escutando?

Zebedeu: Vamos lá, rapaziada, não gastem os punhos brigando entre vocês, guardem para os romanos... Falando nisso, já faz tempo que ninguém do Movimento aparece por aqui. Isso está muito esquisito. É muita tranquilidade.

João: Desde que agarraram João o batizador, as pessoas têm medo. Ninguém mostra as unhas.

André: Os zelotas estão esperando pra ver o que vão fazer com ele...

Tiago: O que vão fazer com ele, o que vão fazer com ele!... Temos de ver o que nós vamos fazer! Se isso continua assim e ninguém se mexe, vamos nos mexer nós mesmos sem esperar ordens, que diabos! Não vamos ficar aqui pensando na morte da bezerra!...

Zebedeu: E o que vocês poderiam fazer, moleques!

João: Nada, agora há romanos por todo canto. A Galileia inteira está tomada. E no quartel há mais soldados que nunca...

Tiago: Pois isso é melhor, então... Se há tantos passarinhos soltos algum cairá na rede. Por que não aproveitamos para dar um bom susto neles?

André: Pedro também falava disso, outro dia, mas...

Tiago: Mas o quê, magricela, você está sempre colocando mas...

André: Tiago, agora é o melhor tempo para pescar no lago. Se fizermos alguma coisa teríamos de nos esconder depois. Ou você não se lembra mais de como foi aquela confusão da Páscoa? E então, como fica o trabalho?

João: O magricela tem razão... Nós, mortos de fome, sempre temos de pensar no estômago antes de mais nada.

Jesus chegou a Cafarnaum quando a noite já havia se fechado sobre o lago. Atravessou o bairro dos artesãos e caminhou até o embarcadouro. De todas as casas saía um cheiro penetrante de comida recém-cozida que se misturava nas ruas com o fedor de peixe podre. Aquela era a hora mais viva e ruidosa de Cafarnaum... Depois de perguntar aqui e ali, encontrou nossa casa...

Jesus: Posso entrar?...

Zebedeu: Entre, amigo, quem é?

João: Jesus! O que você faz por aqui, rapaz?

Jesus: Pois é, vim fazer uma visita...

Tiago: O moreno de Nazaré em Cafarnaum!

Jesus: Tiago, que alegria ver você... André, seu magricela!

Zebedeu: Bem, vejo que vocês já se conhecem muito bem...

João: Olhe, desde aquela manhã em que você foi para o deserto, não ficamos sabendo mais nada de você! Pensamos até que os escorpiões haviam comido você!

Tiago: Quando você soube do João? Precisamos fazer alguma coisa, Jesus!

André: Agora mesmo estávamos falando sobre isso...

Zebedeu: Maldição! Mas quem é esse homem? De repente aparece um sujeito, se abanca na minha casa e eu aqui feito um idiota...

Tiago: Não fique assim, velho, é um amigo que conhecemos lá pelas bandas do Jordão.

André: É de Nazaré. Chama-se Jesus...

Zebedeu: De Nazaré? Porcaria de lugar... Então, um camponês que veio conhecer o mar...?

Jesus: Seus filhos me convidaram para aparecer por aqui. Disseram que em Cafarnaum há muito trabalho. Em Nazaré as coisas andam difíceis.

João: Jesus, este é Zebedeu, nosso pai. Conte os pelos que ele tem na barba e saberá em quantas embrulhadas ele já se meteu. Aí está: um velho revolucionário, com cicatrizes e tudo...

Salomé: E aqui está a mãe desse par de sem-vergonhas!

Tiago: Esta é Salomé, nossa mãe.

Salomé: Seja bem-vindo, rapaz. Chegou na hora de tomar conosco uma boa sopa de peixe... Está cansado, não? Venha, venha, sente-se aqui...

Pouco depois, chegou Pedro, mais alvoroçado que todos juntos. Estava feliz por voltar a ver Jesus. Com ele veio Rufina, sua mulher, e Simãozinho, um dos quatro filhos. Queriam cumprimentar aquele que havia chegado de Nazaré... Minha mãe teve de jogar mais água na sopa para poder chegar a todos...

João: Lembra daquela tarde em que o magricela e eu estivemos conversando com você?... Vamos lá, Jesus, conta pra eles aquela piada da pulga, é muito boa!...

Tiago: Nada de piadas agora, João. Você parece bobo. Não estávamos falando de fazer alguma coisa...? Pois então, vamos discutir isso com Jesus também!...

Pedro: Eu digo o mesmo que Tiago. E que viva o Movimento!

Rufina: Pedro, eu lhe peço pelo Deus Altíssimo, não se meta mais em nenhuma baderna! Minha mãe está morrendo... Não me jogue outro castigo por cima!... Que homem mais louco este, santo Deus!

Pedro: Ora, Rufi, também não é assim!...

Tiago: E aí, Jesus, o que há por Nazaré? Judas, de Kariot, esteve por lá faz pouco tempo e nos contou que...

Simãozinho: Escute, você sabia que eu vou ter uma irmãzinha?

Tiago: Parece que todo o vale está muito vigiado.

Jesus: Sim, é por causa de João. Em Caná também vi muitos soldados.

Simãozinho: Escute, você sabia que eu vou ter uma irmãzinha?

Tiago: Ai, cale a boca, ranhento, você já está estorvando? Não vê que isso é conversa de gente grande?

Rufina: Simãozinho, venha cá, não atrapalhe...

Simãozinho: É que eu vou ganhar uma irmãzinha!

Jesus: Ah, é? E como você sabe que vai ser uma irmãzinha e não um irmãozinho, heim?... Como foi que adivinhou?

Simãozinho: É que eu adivinho tudo!

Rufina: Cale a boca, menino e venha cá...

Jesus: Aha! Quer dizer que você adivinha tudo, não é? Pois então escute, adivinhe isto: O que é que cai em pé e corre deitado?

Simãozinho: Cai em pé e....

João: Isso é uma charada?

Zebedeu: Cale a boca, João... Mas, o que foi que você disse...? Como é que alguma coisa pode correr deitada?!...

Jesus: Sim, senhor, e corre ligeira em qualquer terreno...

Pedro: Mas que bicho esquisito é esse, Jesus...? Qual é? Diga.

Jesus: A chuva, caramba, a chuva!

Jesus: Vamos ver essa outra: “todos o compram pra comer e ninguém come”.

André: Pra comer e ninguém come...

Jesus: O prato!

Todos: É mesmo!

João: Isto está ficando bom!

Zebedeu: Calem a boca, e deixem-me ouvir, a próxima eu acerto!... Mande outra!

Jesus: Escute bem: “um matrimônio muito unido, quando sai a mulher, fica o marido”.

Salomé: Isto sou eu e o Zebedeu!

Zebedeu: Feche o bico, tonta... Deixe-me pensar... Como é mesmo?... Um matrimônio muito unido... Sai a mulher e fica o marido... Puf, desisto!

Jesus: A chave, homem, a chave e o cadeado!

Todos: Mais uma! Mais uma!

Simãozinho: Ei, você sabe muitas charadas?

João: Esse moreno emenda uma história na outra... Vamos lá, Jesus conte uma bem comprida, aquela dos camelos, lembra?... Psst! Fiquem quietos pra ouvir...

Jesus: Pois vejam vocês... Aconteceu que um homem tinha três camelos. Um dos camelos foi ao poço para beber. E quando chegou ao poço...

Jesus começou a contar-nos histórias. Uma atrás da outra. A sopa havia se acabado e todos estávamos com sono, mas continuávamos escutando. Que boa língua ele tinha para falar as coisas... Todos o entendiam, desde a avó Rufa até o ranhento Mingo... Depois, quando começou a falar do Reino de Deus, continuou fazendo o mesmo, contando histórias e parábolas... Todos o entenderam em Cafarnaum e Jerusalém. Agora suas palavras correm de boca em boca e nós as proclamamos nas ruas e nas praças, certos de que o que começou num bairro de pescadores é boa notícia para todos os homens em qualquer lugar da terra.

O lago da Galileia, por sua grande extensão, é chamado “mar” da Galileia. No Evangelho é também mencionado como lago de Tiberíades ou de Genesaré, fazendo referência a duas das cidades que se encontravam em suas margens. No Antigo Testamento lhe dão o nome de mar ou lago de “Kinneret” (de “kinnor” que, em hebraico, significa harpa). A lenda diz que o lago tem esta forma e que a suave voz de suas ondas lembra o som das cordas da harpa. De norte a sul, o lago mede 21 km. Sua maior largura é de 13 km. Está situado, como o Mar Morto, abaixo do nível do mar (212 metros) e chega a ter uma profundidade de 48 metros. Suas águas são doces e ricas em várias espécies de peixes. São conhecidas até 24 espécies

diferentes. Nos tempos de Jesus, e ainda hoje, a pesca é a principal atividade nas cidades das margens.

Junto ao lago foram sendo construídas várias cidades. Nos tempos de Jesus, uma das mais importantes era Cafarnaum (“cidade do consolo”, ou “cidade de Nahum”), nunca mencionada no Antigo Testamento. A cidade tinha um posto de alfândega, pois era fronteira entre a Galileia governada por Herodes, e a zona da Itureia e Traconítides que correspondiam a Felipe. Além disso, estava próxima a uma grande estrada romana que unia a Galileia com a Síria (a chamada “via maris”). Por sua importância estratégica, havia também na cidade uma guarnição romana com um centurião no seu comando. Em Cafarnaum aconteceu grande número de episódios da pregação de Jesus na Galileia. Ali viveu ao deixar Nazaré e Mateus chega a chamá-la “a cidade de Jesus” (Mt 9,1).

Nos tempos evangélicos, Cafarnaum era uma cidade de uns três quilômetros de extensão e uns poucos mil habitantes. Além da pesca, a população se dedicava à agricultura: azeitonas, trigo e outros grãos. As casas eram construídas de pedras negras de basalto, com tetos de barro e palha, que tornavam mais suportável o calor, muito forte no verão, por causa da grande depressão que forma o mar da Galileia. Uns quatro séculos depois de Jesus, Cafarnaum foi destruída e somente no final do século XIX suas ruínas foram descobertas. Essas ruínas - alicerces de algumas casas, traçados de bairros e ruas da antiga cidade - são um dos maiores tesouros arqueológicos dos tempos evangélicos. Na Cafarnaum atual se conservam uma grande sinagoga, construída sobre a primitiva, e muitos objetos da época (lâmpadas de azeite, prensas, pedras de moinho, etc.). De todas as lembranças, a mais importante, sem dúvida, são os alicerces da casa de Pedro. As inscrições encontradas demonstram que os primeiros cristãos se reuniam ali desde o século I para celebrar a eucaristia. Está muito próxima do embarcadouro e faz parte, junto com outras pequenas casas, de uma espécie de pátio comum ou solar de vizinhos, compartilhado por várias famílias agrupadas, quase porta com porta. O traçado dessas casinhas mostra com toda a clareza a extrema pobreza em que viviam os amigos de Jesus. É provável que Zebedeu, com sua mulher, Salomé, e seus filhos, Tiago e João, e a família de Pedro e André, viveram juntos em um desses agrupamentos de casas, no bairro dos pescadores de Cafarnaum.

Em todas as culturas camponesas ocorre a tradição oral: os vizinhos reunidos para escutar um de seus patrícios contar uma história mil vezes repetida e enfeitada; o pai que transmite a seus filhos o saber acumulado durante gerações, valendo-se de contos ou charadas; o avô ou avó especialistas em relatos... Jesus, camponês, foi herdeiro desta cultura. Por outro lado, o Oriente sempre foi berço fértil de histórias com moral, fábulas, parábolas, etc. A tudo isso, Jesus uniria - e os evangelhos são uma prova - uma maestria pessoal de conversador e narrador. De seu mundo familiar e camponês nascem praticamente todas as suas parábolas. Explicava-se muito melhor com imagens do que com ideias abstratas. E é um erro acreditar que fazia isso por “apostolado”, “adaptando-se” aos seus ouvintes pouco inteligentes para o entenderem melhor. Na sua linguagem, Jesus não tinha que rebaixar-se porque ele, como os que o escutavam, era do povo e como o povo se expressava.

A Boa Notícia de Jesus começou a fermentar no bairro dos pescadores de Cafarnaum, um lugar absolutamente popular. Popularesco, pobre e trabalhador. É preciso resgatar essas origens do Evangelho, pois, muitas vezes identifica-se Jesus com um homem mais urbano que rural, de bons modos, embora condescendente - por misericórdia - com um auditório embrutecido. Não. Jesus foi um de tantos homens da classe mais baixa daquele pequeno país. Encontrava-se em seu ambiente no bairro, entre crianças sujas, mulheres de mãos calejadas e patrícios que riam e praguejavam em volta de uma jarra de vinho.

(Mateus 4,13)

Capítulo IX

OS CINCO PRIMEIROS

Enquanto os galos de Cafarnaum ainda dormiam, nós pescadores nos levantávamos. Um a um, com os olhos pregados de sono, íamos saindo de nossas casas. Desenrolávamos as redes e nos reuníamos no pequeno cais da cidade, onde ancorávamos nossas barcas de pesca e onde a cada dia os mais velhos do grupo distribuían o trabalho...

Zebedeu: Boa madrugada, rapazes!... Brr... Que frio está fazendo!... Vamos, vamos, aviem-se que há vento das montanhas e a pesca será boa... Jonas, camarada, vai até lá com o seu pessoal... Mellizo, você e eu nos distanciaremos até aquela curva... E vocês, para as barcas!... Ânimo, rapaziada, que hoje será um dia de sorte!...

Os remos se afundavam nas águas tranquilas do lago e o vento norte se ocupava de enfunar as velas de nossas barcas. Lá no fundo, lançavam a rede grande para pegar os melhores peixes. Outro grupo ficava na margem com cestas e linhadas, para pegar os peixes pequenos, os dourados e as enguias.

Jonas: Essa rede!... Estique essa rede, animal!... Entre mais, Pedro, não se desvie. Pra lá!... Pra lá!... Temos um cardume de dourados à esquerda. Ânimo, rapazes!...

Já fazia uma semana que Jesus estava conosco em Cafarnaum. Durante o dia procurava trabalho no povoado e à noite nos reuníamos em minha casa para bebermos vinho e contar histórias. Era um bom amigo esse Jesus. Logo pegamos confiança nele, como se ele fosse mais um da família... Naquela manhã, quando acordou, já fazia um bom tempo que nós estávamos lutando com as ondas do lago... Jesus atravessou o bairro dos pescadores, deixou para trás as palmeiras que rodeavam o embarcadouro e saiu a andar pela margem...

Jonas: André, vai dar uma mão pro Pedro!... E você também, cara de sapo!... Vamos moleques, todos juntos!... Um, dois, três!... Jáááá!

Marinheiros: Jááá!...

Jonas: Outra vez!

Marinheiros: Jááá!...

Jonas: Vamos lá, marinheiroooooos!

Marinheiros: Jááá!...

Jonas: Aí, valentes do Tiberíades!

Marinheiros: Jááá!...

Jonas: É isso aí, forçados de Betzaida!

Marinheiros: Jááá!...

Jonas: Onde estão os machos de Cafarnaum?!...

Marinheiros: Jááá!...

Jonas: Já, já, já, já!

Marinheiros: Já, já, já, já!...

Pedro: Porcaria de rede, os nós estão podres! Uff!

André: Ei, Pedro, aquele que vem vindo pela margem, não é Jesus? Lá em baixo, olhe!...

Pedro: Sim, é ele mesmo!... Até que enfim mostra as orelhas o moreno de Nazaré!... Pelo que se vê, esses camponeses do interior não gostam muito de madrugar. Ei, você de Nazaré!... Espere aí que já vamos sair da água!...

Jonas: Pedro, aonde vai?!... André, seu estúpido, não solte a corda ainda!...

André: A rede vem vazia, nem dourados nem nada!...

Pedro: Temos um hóspede, vamos recebê-lo!

Jonas: Pros diabos, vocês e seu hóspede!... Desde que esse sujeito chegou não fazem outra coisa do que bater papo... Charlatães!...

Jesus: Pois olhem, dormi como um tronco. Estou indo lá pra casa da comadre Rufina que está com a casa meio derrubada. Se eu levanto a parede e prego o teto, dá pra ganhar um par de denários.

Pedro: Deixa isso pra depois. Pra trabalhar sempre há tempo. Olhe, vamos lá até aquela curva, procuramos os filhos de Zebedeu e assamos uns bons dourados no cais, o que acha? Topa?

Jesus: Espere aí, Pedro, vocês estão trabalhando e...

Pedro: Bah, não se preocupe com isso, Jesus. Já estou até aqui de ficar lançando a rede nessa enseada.

André: Esse é Jonas, nosso pai, e tem a cabeça mais dura que uma pedra de moinho.

Pedro: “Um cardume de dourados! Um cardume de dourados!”... E você se cansa de lançar a rede e não pega nem caranguejo!

Jesus: Esse negócio de lançar rede deve ser difícil, não? Nesses dias fiquei olhando como vocês fazem...

André: Ih, rapaz, não é tudo isso não! É só uma questão de se acostumar a trabalhar em grupo. Enquanto um estica as boias, o outro puxa as amarras, o outro se vira com os cestos... e assim vai. Você irá aprender.

Pedro: Magrão! Pra este aqui, primeiro tem de ensinar a nadar, porque esses camponeses nem isso sabem.

Jesus: Tem razão, Pedro! Digamos que a água e eu não nos damos muito bem...

André: Mas então, Jesus... Você pensa em ficar alguns dias mais aqui por Cafarnaum?

Jesus: Pois é, veja... Não sei... Depende.

Pedro: Depende de quê?

Jesus: Depende de vocês.

Pedro: De nossa parte não há problema, não é mesmo, André? Na casa de Zebedeu ou na minha casa você pode ficar o tempo que quiser. Não lhe faltará nem pão nem um canto pra dormir.

André: E como você já viu, trabalho sempre aparece. Ora é uma parede aqui, ora umas mesas ali...

Jesus: Não. Não é bem por isso. Não estou pensando nisso agora...

Pedro: O que acontece então?

Jesus: Nada, é que... Sabem, quando estive no deserto, depois que nos despedimos lá no Jordão, se lembram, minha cabeça deu muitas voltas...

Pedro: E aí? Ficou tonto com tantas voltas, não é isso?

Jesus: Escute, Pedro. O profeta João continua preso. Já não há mais ninguém que reclame por justiça. Enquanto isso, nós... Está entendendo? O que fazemos, heim? Falamos muito, mas com os braços cruzados.

Pedro: Era isso mesmo que eu estava dizendo ontem: muita história, muito batismo e muito palavrório. Mas, na hora da verdade, todos nós deixamos o profeta sozinho. Veja só: o que está pensando o Movimento? Por que os zelotas não planejam um resgate?

André: O cárcere de Maqueronte está muito isolado entre as montanhas. Assaltar aquilo seria muito difícil... **Pedro:** O que é isso de difícil!... O que não podemos permitir é que a voz de João seja levada pelo vento. Acho que já está na hora da gente agir por própria conta, que caramba!...

André: O que você anda pensando, Jesus? Tem algum plano?

Jesus: Nada especial, André, mas... Não sei, vendo vocês lançando as redes, me ocorreu que... Vejam: por que não fazemos o mesmo que vocês fazem para pescar? Jogam a rede juntos, recolhem juntos. Por que não começamos a fazer alguma coisa, mas juntos?

Pedro: É isso que eu digo. Falar menos e fazer mais. Para rachar cabeças de romanos não precisa de palavras, mas de pedradas. Gosto desta ideia de **Jesus:** trabalhar por nossa conta, sem esperar pelas ordens do Movimento. A gente faz as leis!

Jesus: Deixe as pedradas e as leis pra lá, Pedro... O importante agora é nos unirmos. Formarmos um grupo, ou algo assim...

Pedro: Eu lhe digo que gosto muito dessa ideia, sim senhor. Aonde vai um, vão todos. Corremos juntos o perigo e celebramos juntos a vitória. Isso está bem pensado: formamos um grupo e atacamos de surpresa.

André: Espere aí, Pedro! Isso não está claro. Um grupo... pra fazer o que, Jesus?

Jesus: Bom, André, para... Para continuar o trabalho do profeta João, para falar ao povo e dizer-lhe: Agora sim! Agora chegou a vez de Deus. Deus vai lançar as redes por esses mares e é preciso estar alerta. Porque Deus não gosta do jeito como vão as coisas. Chegou o tempo em que o peixe grande já não comerá o peixe pequeno.

Pedro: Maravilha, Jesus! Quando começamos?

André: Vamos com calma, Pedro. Isto que Jesus diz está muito certo, mas... mas temos de ir com cuidado. Aqui farejam qualquer conspiração bem de longe. Se organizarmos algo temos de medir bem os passos.

Jesus: Está com medo, André?

André: Medo não, Jesus. Mas também não quero que me cassem como a um rato.

Jesus: E você, Pedro, tem medo?

Pedro: Medo eu?... Você não me conhece, moreno. Medo?... Eu não conheço esse sujeito!

Jesus: Pois eu tenho. No deserto compreendi que o que eu tinha era medo. Medo de arriscar o pescoço, compreendem? Mas Deus irá nos dando a força necessária para ir em frente, não acham?

Pedro: Claro que sim, homem. Dos covardes não se escreveu nada até hoje. Venha, vamos falar com Tiago e João, pra ver o que dizem esses bandidos!

Pedro, André e Jesus se puseram a andar pela margem do lago até a curva onde estavam as barcas de Zebedeu. Meu irmão Tiago e eu estávamos com nosso pai remendando umas redes velhas...

Pedro: Lá estão eles... Aquele que está no meio, de ceroulas, é o Tiago...

Jesus: Ei, você, Tiago... Venha cá, corre, cabelo de fogo, queremos falar com você!

Pedro: Não está por aí o maluco do João?

Jesus: Venha, João!... Deixe as redes e venha cá um momento!

João: Já estamos indo, esperem!

Zebedeu: Ei, ei, moleques, aonde vão?... Ainda não está na hora da sopa. Maldição com essa juventude! Juro que hoje vão dormir com o estômago vazio, par de vagabundos!

Tiago: Companheiros, hoje seria um bom dia para mostrar a cidade ao nosso amigo. Desde que chegou não faz outra coisa que assentar tijolos e pregar pregos. Não, senhor, hoje vamos nos divertir. Olhe, Jesus, Cafarnaum tem fama de uma cidade alegre. E é verdade. Aqui nunca falta um baile nem uma jarra de vinho... nem muito menos mulheres. Agora está aqui pelo bairro uma tal Maria, de Magdala, que é uma belezura... aiaiaiiii!

André: Escute, cabelo de fogo, deixe isso pra lá e vamos falar de coisas sérias. Jesus tem um plano. Estivemos falando de formar um grupo sem contar com o Movimento...

Nós cinco fomos caminhando até o cais, discutindo sobre o grupo e o que íamos fazer. Lá, no embarcadouro, juntamos lenha, fizemos fogo e pusemos sobre as brasas uns quantos dourados...

Tiago: Pois eu digo que o que precisamos é de armas.

Jesus: Armas para que, Tiago?

Tiago: Como para que? Para matar romanos. Você não acaba de dizer que o peixe grande come o pequeno e que há que acabar com isso? Pois vamos liquidar uns quantos peixes grandes!

Jesus: Espere, Tiago. Vocês mesmos me disseram que um bom pescador não faz muito barulho porque isso espanta os peixes. E é isso que precisamos fazer agora: começar reunindo os peixes pequenos para que se tornem fortes e não se deixem comer pelos peixes grandes, não acham? Deus também começou assim quando disse a Moisés que organizasse todos aqueles israelitas dispersos para que juntos desafiassem o faraó e escapassem de seus dentes...

Pedro: Bem falado, Jesus. E eu acredito que há muitos que se unirão a nós se soubermos jogar bem as redes.

André: Podemos falar com Felipe, o vendedor.

João: E com o Natanael, de Caná!

Jesus: E então? Decidimos fazer alguma coisa? O que você acha, Tiago?

Tiago: Está bem, Jesus. Estou no grupo. Já veremos por onde começar. Mão com mão!

Jesus: E você, João, caça-briga, está de acordo?

João: Eu estou. Contem comigo!

Jesus: E o que diz o magricela do André?

André: O que já disse antes. Que sim. Mas com os olhos bem abertos. Mão com mão!

Jesus: E você, Pedro-pedrada, está com a gente?

Pedro: E você ainda pergunta, Jesus? Não dou um passo atrás nem pra pegar impulso! Eu digo três vezes: sim, sim, sim! Dê essa mão aí! E agora falta você, moreno. O que você diz? Está no grupo, Jesus?

Jesus: Sim. Eu também ponho a mão neste arado e já não volto a olhar para trás. Mão com mão, companheiros!

E assim, naquele cais de Cafarnaum, todos agachados junto ao fogo, esperando assar os dourados, começamos nosso grupo. Éramos apenas cinco.

A pesca era o principal meio de vida em todas as cidades ou pequenas aldeias que rodeavam o lago de Tiberíades. Naqueles tempos, o ofício de pescador era próprio das pessoas das classes mais baixas, sem cultura, que não cumpriam com os deveres religiosos e estavam à margem de muitas outras pautas sociais de “boa educação”. Junto com os camponeses e outros estratos sociais pobres, formavam os chamados “amhaares” (primitivamente, “povo da terra, patrício”; mas depois, “pecadores, malditos sem lei”). Os pescadores das margens do lago eram trabalhadores dependentes de um patrão a quem tinham que entregar boa parte dos lucros, ou então independentes por grupos familiares e formando pequenas cooperativas com o que tentavam aliviar o grande aperto econômico em que viviam.

Conservam-se ainda restos de pequenos embarcadouros do tempo de Jesus, em diferentes pontos do lago. Há que mencionar o de Tabgha, a uns 3 quilômetros de Cafarnaum, com escadarias de quase dois mil anos. O cais de Cafarnaum está em parte reconstruído.

Entre pescadores, Jesus recrutou seus primeiros discípulos dos quais foi, antes de mais nada, um amigo. Com eles, em grupo, em comunidade, Jesus

ia descobrindo sua vocação. E o próprio grupo, sua missão de anunciar o Reino de Deus naquele mundo em que tantas coisas tinham de mudar. Os cinco primeiros e, depois, aqueles doze incondicionais que acompanharam Jesus, vem a ser algo assim como a primeira comunidade de base.

No início de qualquer obra humana ocorrem tentativas, imaturidades, buscas. Os planos nunca estão perfeitamente definidos nem tampouco se conhece exatamente a meta, onde tudo vai dar. Daí o risco. E por isso também a confiança que se põe em Deus, ao se colocar em suas mãos a sorte da obra empreendida. Com o grupo de Jesus e seus amigos aconteceria o mesmo. No interior desse grupo, a liderança de Jesus não seria algo imposto ou dado desde o começo, mas que iria se fazendo, iria se construindo. Aqueles primeiros pescadores de Cafarnaum veriam pouco a pouco em Jesus o grande companheiro, o melhor amigo, o líder natural de vontade firme e atitudes generosas. E, finalmente, aquele que devia pastorear o povo e pôr-se à sua frente, o libertador que esperavam.

O trabalho ao qual Jesus convida seus amigos é um trabalho fatigante e comunitário: lançar as redes. O Reino de Deus exige um trabalho de equipe. Também exige paciência, tempo, observação, estratégia, astúcia, como na pesca. Jesus lhes fala também que Deus vai lançar as redes, de um Deus pescador. É uma imagem recolhida na parábola da rede de arrastão (Mt. 13,47-50) que quer significar o juízo de Deus sobre o mundo: separam-se os peixes bons dos maus (naquele tempo se entendia por “peixes maus” os que não tinham escamas nem barbatanas, do tipo das enguias e que não eram bons para comer). Ao falar a esses primeiros discípulos, Jesus lhes diz que é chegada a hora desse juízo de Deus. O símbolo do peixe mau ou bom se substitui pelo peixe grande e o pequeno (Mateus 4,18-22; Marcos 1,16-20; Lucas 5,1-11).

Felipe, de Betzaida da Galileia, se uniu ao nosso grupo. Não sabíamos então muito bem por onde começar nem o que fazer. Éramos só seis. E só tínhamos esperança e ganas de lutar.

Existem poucos dados no Evangelho sobre o apóstolo Felipe. Era de Betzaida, uma aldeia situada ao norte do lago, na margem oriental do Jordão, que não pertencia politicamente à Galileia. “Betzaida” significa “Casa do Pescado”. Ali haviam nascido também os irmãos Pedro e André.

No relato, Felipe é um mascate, vendedor de quinquilharias. Este era um ofício comum na época e estava classificado como “desprezível” junto a muitos outros ofícios populares que rebaixavam socialmente aqueles que os exerciam. Uma das razões para considerar o mascate como desprezível era que, por seu trabalho, tinha de relacionar-se com mulheres. Por isso, sem mais, suspeito de imoralidade. Os que exerciam este ou outros ofícios classificados nas listas públicas como desprezíveis não podiam ocupar nenhum cargo de responsabilidade comunitária.

Jesus, como demonstra mais de uma vez o Evangelho, não se deteve diante das leis, das normas, das tradições, dos arraigados costumes do povo. Não discriminou ninguém. Como Deus que não se fixa nas aparências (I Sam 16,7). Em Jesus, Deus se revela mais uma vez, definitivamente, como o Deus que escolhe os humildes para confundir os orgulhosos, os que nada são para subverter os valores dos que se creem alguma coisa (I Cor 1,26-29). O Escolhido de Deus, seu filho, Jesus de Nazaré, é um camponês pobre e sem cultura. E aqueles que Jesus escolhe são os pobres, os de baixo, os “anawim” de Israel. A Igreja de Jesus está chamada a ser a comunidade dos pobres, um espaço de liberdade e de fraternidade, onde os homens não adorem ao deus dinheiro, nem valham mais nem menos por sua cultura, sua posição social ou seus títulos.

Como Jesus lembra a Felipe, Israel se formou como povo a partir de um pequeno grupo de escravos famintos, desgastados por duros trabalhos, que puseram em Deus e em Moisés sua esperança. Quando os pobres despertam e se organizam, quando se põem em marcha e, sem se inferiorizar por suas limitações, se apoiam em Deus e na força de sua união, Deus se faz presente no meio deles. Em toda história de libertação do povo, Deus é aliado dos humildes e põe a cara por eles. Porque é através da ação, do compromisso e da esperança dos pobres que Deus transforma a história.

(João 1,43-44)

Capítulo X

OS NOIVOS DE CANÁ

Três dias depois houve um casamento em Caná da Galileia, o povoado de onde era Natanael. Estava se casando seu vizinho, o lenhador Sirim, com Lídia, uma menina pobre de uma aldeia próxima. Para a festa convidaram Maria, a mãe de Jesus. E também convidaram a todos nós...

Felipe: Aí vem a noiva!

Todos: Viva! Viva!

O momento mais importante da celebração era a chegada da noiva. Trazia o rosto coberto por um véu azul e, na cabeça, uma coroa de flor de laranjeira. O noivo saiu para recebê-la e todos entramos com eles no pátio da casa onde começavam a brilhar muitas lampadzinhas de azeite...

Jesus: Olhe, mamãe eu não pensei que viesse tanta gente para a festa... Somos muitos...

Maria: Sim, Jesus. Os pais de Sirim sempre foram muito pobres, mas também muito generosos. Se têm dois pães, lhe darão a metade. Veja só, nós nem o conhecemos tanto e mesmo assim fomos convidados.

Em Caná da Galileia conhecemos Maria, a mãe de Jesus. Era uma camponesa baixinha, com a pele tostada e o cabelo muito preto. Teria uns quarenta e cinco anos. Suas mãos eram grandes e cheias de calos, como as de quem trabalha muito. Não era uma mulher bonita, mas seu olhar era vivo e simpático. Quando falava tinha o sotaque dos galileus. Ao sorrir, se parecia muito com Jesus...

Jesus: Bem, mamãe, vamos nos divertir!... Festa como essa a gente tem que aproveitar bastante!...

Pedro: Já estão saindo os salgados. Ao ataque, companheiros!

João: Espere um pouco, Pedro, deixe que lhe sirvam.

Pedro: É que estou morrendo de fome, João...

João: É, o negócio agora é encher bem a pança, porque depois vem o baile!

Pedro: Já fazia muito tempo que eu não vinha a um casamento. Isso é o melhor da vida! Baile, comida, vinho! Que mais se pode pedir?

Para celebrar o casamento de Sirim e Lídia, seus pais haviam feito um grande sacrifício. Assaram alguns cabritos e algumas galinhas e compraram tâmaras e azeitonas em quantidade. Também compraram vinho, o vinho de Caná, que era famoso em toda a Galileia, e que subia muito depressa à cabeça...

João: Aos noivos!

Felipe: Para que vivam mais anos que Matusalém!

Maria: À noiva!

Mulher: Para que dê mais filhos a Sirim do que os que Lia deu a Jacó!

Pedro: Ao noivo!

João: Para que de sua família nasça o Messias que esmague os romanos!

Depois de brindar várias vezes com as jarras transbordando de vinho, começou o baile no pequeno pátio da casa. Os homens formaram uma roda. E as mulheres, outra. Todos nos esquecemos dos pequenos e grandes problemas que tínhamos. Com o vinho, a alegria da festa havia se aninhado coração a dentro...

João: Agora você, Felipe, ao meio!

Felipe: Aos noivos de Caná \ eu quero falar agora \ esta festa está tão boa \ que eu já não quero ir embora!

Pedro: Sua vez, Jesus, sua vez!

Jesus: Que bonita está a noiva \ e que honrado seu marido \ e que saboroso o vinho \ que os dois nos têm servido!

Todos: Muito bem! Muito bem!

Uma mulher: Este é o casamento, leré \ que viva o noivo, leré, leré \ Viva a noiva, leré \ que sejam felizes, leré, leré \ Se o casamento durar, leré \ por toda a vida, leré, leré \ a vida inteira, leré \ não me cansaria de estar nela...

Outra mulher: Ei, Maria, já fazia muito tempo que a gente não dançava tanto, não?...

Maria: Uff!... Não aguento mais! Não aguento mais!

Maria parou de dançar um pouco e foi à cozinha. Queria ver como a mãe de Sirim preparava as tortas de mel...

Maria: Como vão as tortas, Joana? O cheirinho já está chegando lá fora...!

Joana: Uff, eu não imaginava que casar um filho desse tanto trabalho. Você vai ver, Maria, como é a coisa quando chegar a vez do seu...

Maria: Ui, esse aí...! O que falta para que eu veja esse dia! E por Deus do céu, aí sim é que eu iria dançar com mais gosto que nunca...!

Joana: Nada disso. Você teria que ficar na cozinha, assim como eu...

Maria: Bem, posso dar uma mãozinha em alguma coisa?

Joana: Samuel foi buscar mais vinho no pátio. Quando voltar, ajude a encher as jarras... Está ficando boa a festa, não é mesmo, Maria?

Maria: Está sim, Joana. Há muita alegria.

Joana: Fizemos de tudo para poder dar uma festa assim aos meninos. Depois, pouco a pouco iremos saindo das dívidas, não acha? Um dia é um dia, puxa vida!... Ah, veja, o Samuel vem vindo...

Samuel: Mulher, o pessoal está bebendo demais e só nos restam três quartos de barril. Se continuar assim, daqui a pouco não teremos mais nenhuma gota de vinho.

Joana: Mas, o que você está dizendo? Não pode ser, velho. E os outros barris, você olhou direito?

Samuel: Claro que olhei. Os outros barris estão mais secos que o deserto da Judeia. Já beberam tudo.

Joana: Acho que você não olhou direito, velho. Tem que haver mais.

Samuel: Ai, que mulher mais desconfiada! Estou dizendo que só tem um tanto assim. E que dentro de uma hora não terá mais.

Joana: Mas, Samuel, o que faremos então? Diga-me, Maria, o que vamos fazer agora? Ai, meu Deus, que vergonha, como vamos dizer às pessoas que não tem mais vinho para brindar, que vão embora já... Quando tudo estava só começando... Como pode acabar uma festa assim, meu Deus!

Samuel: Pois eu não sei o que fazer. Eu não posso ir comprar mais vinho. Já estamos devendo esses três barris. Não vão me dar fiado nenhum outro.

Joana: A culpa é sua por convidar o bairro inteiro! Nós pobres não podemos fazer festa, velho, veja só que hora para se acabar o vinho!

Samuel: Calma, mulher, não grite tanto que vão ouvir de lá do pátio!

Maria: Jesus, venha cá um momento... Jesus!

Um homem: Ei, Jesus, olha sua mãe lá na porta. Está te chamando.

Jesus: Eu volto já!

Maria: Jesus, veja só o que está acontecendo.

Jesus: O que aconteceu? Cansou de dançar? Está se sentindo mal?

Maria: Não, filho, é outra coisa.

Jesus: Mas então, por que essa cara de velório, mamãe? Isto é um casamento.

Maria: Jesus, não tem mais vinho. Já bebemos quase tudo.

Jesus: Bem, e daí: Você quer que eu vá comprar mais? Não tenho dinheiro, verdade!...

Maria: Não, filho, não é isso.

Jesus: Então é o que? Por que você está dizendo isso pra mim?

Maria: E a quem eu vou dizer, Jesus? Você não tem nenhuma ideia?

Jesus: Não sei, assim de repente... Tem certeza de que acabou o vinho?

Maria: Veja e pergunte à mãe de Sirim que está chorando lá na cozinha como uma carpideira... para ela acabou a festa!

Jesus: O que acontece, Samuel?

Samuel: Nada, meu filho, é que o vinho acabou. O que vamos fazer! Paciência e resignação... e esta mulher que não para de chorar... Maldição! Cale-se de uma vez, que eu fico mais nervoso!

Maria: Não grite assim, Samuel. Ela também está nervosa, coitada!

Jesus: Mas você tem certeza que não há mais vinho? Acabou tudo?

Samuel: Venha ver, Jesus. Só resta um quarto no barril. Não tem mais. O que eu vou fazer agora? Não posso fazer milagres. Não tem mais vinho. Vocês beberam tudo. Então agora não venham reclamar.

Joana: Tão linda que estava ficando a festa, tão bonita... E como vai acabar!

Samuel: De novo a mesma ladainha, mulher?

Jesus: Está pensando alguma coisa, Samuel?

Samuel: Sim, dizer pra todo mundo ir embora, que isto aqui se acabou. Se não quiserem ir, que bebam água. Eu não tenho outra coisa para oferecer: que bebam água como as rãs.

Jesus: Eu não tenho nenhum tostão, Samuel, não posso ajudar a comprar mais vinho.

Samuel: Eu sei, Jesus. E os que estão dançando, muito menos. Todos os que vieram à minha casa são uns mortos de fome como eu. A quem vou pedir? Não posso fazer mais nada. Querem continuar dançando, se divertindo? Que bebam água e que a adocem com um pouco de mel, se preferirem. Que mais posso fazer, Jesus, diga?

Jesus: Pois é isso mesmo que você está dizendo, Samuel, claro que sim. Venha, vamos tirar água do poço e encher alguns barris... Ou senão, pegamos as vasilhas de lavar as mãos. São grandes e há umas cinco ou seis perto da porta, não?

Joana: Mas, o que vocês vão fazer, velho? Estão loucos os dois? Como vão servir água? Ai, Maria, que vergonha, que vergonha!

Samuel: O que você acha, Maria?

Maria: Sim, faça o que Jesus diz. Qual outro remédio? E explique às pessoas o que aconteceu.

Joana: Ai, meu Deus, não me faça passar esta vergonha!

Jesus e Samuel, o pai do noivo, foram encher as vasilhas com água do poço. A casa estava cheia de gente. O baile havia terminado. O cheiro de suor e vinho se misturava com o perfume das mulheres e o azeite queimado das lâmpadas. Todos estávamos esperando que nos servissem outras jarras de vinho para brindar...

Maria: Ai, Jesus, filho, não sei o que vai acontecer quando as pessoas virem que só tem água nas jarras...

Jesus: A festa vai continuar, mamãe! Não se preocupe, a festa vai continuar!

E a festa continuou...

João: Caramba, homem, este vinho está melhor que o outro! E que guardadinho eles o tinham, heim? Venha outro copo!

Pedro: Este Samuel é um sujeito especial, faz tudo ao contrário. Quando já estamos meio bêbados, serve o melhor vinho!

Felipe: Vivam os noivos! Vivam Sirim e Lídia!

Samuel: Mas, onde é que você foi buscar esse vinho, rapaz? De quem você comprou?

Jesus: Você não se preocupe, Samuel. Não vê que a festa continua? Isso é o que importa!

Samuel: Prove um pouco, mulher!

Joana: Ai, que coisa mais gostosa, que delícia...! Bem que eu desconfiava que você o tinha escondido, velho! Mas por que me fez passar aquele susto tão grande? Ah, meu velho!...

Maria: Jesus, mas o que é isso?

Jesus: Que a festa continue, mamãe, Deus quer que a festa dos pobres dure para sempre!

Na casa de Sirim, a alegria continuou naquela noite, na outra e na outra. Aquele vinho alegrou nosso coração. E uma jarra ia e outra vinha. Muito tempo depois soubemos que aquele vinho novo havia sido antes água do poço da casa de Sirim. Foi Maria que nos contou. Nos contou também que naquele dia se deu conta, pela primeira vez, que Jesus trazia algo entre as

mãos, algo muito difícil de entender para ela, mas tão alegre como uma festa de casamento.

Os casamentos em Israel eram festas que duravam sete dias. O vinho era um elemento indispensável neles. Em Israel, o vinho era a bebida mais usada e era também o símbolo do amor. Tomava-se, sobretudo, vinho tinto. Em todos os casamentos se comia, se bebia, se dançava e se convivia durante uma semana. Era preciso preparar muita comida e suficiente vinho para não decepcionar os convidados que esperavam o dia do casamento como o mais destacado do ano. Nos ambientes populares, entre as pessoas pobres, o casamento exigia grande esforço econômico das famílias dos noivos.

As bodas de Caná, embora alguns quadros as pintem como celebradas entre gente elegante e endinheirada, tiveram que desenvolver-se num ambiente popular a que pertenciam Jesus e seus amigos. Um ambiente de folguedo, de muito alvoroço, típico das festas orientais, e mais acentuado nas classes baixas.

Somente João narra as bodas de Caná. A estrutura própria do seu evangelho, seu estilo, fazem com que este relato seja uma síntese teológica da mensagem de Jesus na qual cada elemento da história tem um significado simbólico. A tradição de Israel, sua poesia, os escritos dos profetas, haviam pintado o dia da chegada do Messias, como um dia de casamento. No festim messiânico correria vinho em abundância (Is 25,6). Em Caná, Jesus muda a água em vinho: A água representava as purificações que as leis judaicas ordenavam e que faziam com que a religião se centrasse, para muitos, no cumprimento de normas externas. Isto termina com Jesus; a água é mudada para vinho, símbolo da festa, da liberdade interior, da eucaristia que é repartir. Não a lei opressora, mas a vida comunitária, o sinal de que o Reino de Deus chegara. Temos de ler esse relato, portanto, não como história de um ato de magia maravilhoso, mas como o anúncio do plano de Deus: chegou o dia da festa para os pobres, de uma festa sem fim. A alegria não teria término porque Deus sempre teria mais e mais vinho para brindar.

Jesus foi um homem alegre, expansivo, que cantou, dançou e bebeu com seus patrícios. Não foi um expectador de festas, que unicamente assistia a

elas para abençoá-las com sua presença, mas como um participante a mais da alegria coletiva. Para encontrar a Deus não é necessário ir ao templo ou a um lugar silencioso. Deus está no meio da agitação, do banquete e do baile. Inclusive, ele mesmo organiza estes festejos: Jesus comparou várias vezes o céu que Deus prepara para seus filhos como uma festa de casamento.

A intervenção de Maria neste momento da vida de Jesus foi empregada muitas vezes como argumento para reforçar a ideia teológica de que precisamos da mediação de Maria para obter de Deus as graças que pedimos: Maria as pediria a Jesus e Jesus a Deus. A tradição cristã, no entanto, insiste com vigor que o único mediador entre Deus e os homens é Jesus, Senhor da História por sua ressurreição (carta aos Hebreus). A presença de Maria nas bodas de Caná, e sua intervenção diante de Jesus é, por um lado, um símbolo: O Israel fiel (representado em sua mãe) reconhece que nas vasilhas de pedra (que representavam a lei mosaica escrita em taboas de pedra) “já não tinha vinho”. Isto é, a Lei tinha perdido o seu valor, estava vazia de sentido. Por outro lado, é uma prova de que a vida de Maria foi como a de Jesus. Ela participou com suas vizinhas do trabalho cotidiano, dos problemas de seu povo, e também de suas alegrias, como qualquer outra mulher, em nada diferente das demais por nenhum sinal maravilhoso.

Ao que comumente chamamos milagre, João sempre se refere em seu evangelho com a palavra grega “*semeion*” (sinal). Isto pode servir-nos de pista para não reduzir o fato milagroso a um simples prodígio mais ou menos espetacular. O milagre é sempre um sinal de que Deus liberta o homem: da enfermidade, do medo, da tristeza, da morte... Em cada um dos relatos de sinais de Jesus é preciso ver sinais de quê eles são, que libertação significavam e que atualização podem ter para nós. E não dar tanta importância ao fato de se aconteceu ou não aconteceu algo extraordinário.

(João 2,1-11)

Capítulo XI

UM LOUCO QUER ENTRAR

Nos tempos de Jesus, como durante muitíssimos séculos, na antiguidade, a falta de conhecimentos científicos, a ignorância sobre o funcionamento do corpo humano, fazia com que se atribuísse aos demônios algumas enfermidades. Isso acontecia, sobretudo, com os transtornos psíquicos, as enfermidades mentais, nas quais o modo de agir do enfermo (gritos, falta de controle dos movimentos, ataques...) era o que mais chamava a atenção.

Dizer “louco” era o equivalente a dizer endemoniado. E, por isso, era o mesmo que dizer “impuro” (dominado ou possuído por um “espírito impuro”, o diabo). A maioria das religiões antigas consideraram que no mundo há pessoas, coisas, ou ações impuras. Uma e outras “contagiam”. Essa impureza não tem nada a ver com a sujeira exterior. Nem a pureza com a limpeza. Tampouco tem a ver com a moral, “o bom” ou “o mal”. O “impuro” é o que está carregado de forças perigosas e desconhecidas, como o “puro” é o que tem poderes positivos. Quem se aproxima do impuro, não pode aproximar-se de Deus. A pureza-impureza é uma ideia fundamentalmente “religiosa”. Desde os tempos antigos, a religião de Israel havia assinalado esta forma de pensamento mágico e existiam muitas leis sobre pureza que se referiam:

- a) Ao ato sexual (menstruação e hemorragia eram formas de impureza);
- b) A morte (um cadáver é impuro);
- c) Algumas enfermidades (a lepra e a loucura tornam impuro);
- d) Alguns alimentos e animais (o abutre, a coruja, o porco eram, entre muitos outros, animais impuros).

A maioria dessas leis eram conservadas no livro do Levítico. À medida em que o povo foi evoluindo de uma religião mágica para uma religião de responsabilidades pessoais, essas ideias foram caindo em desuso.

No entanto, alguns grupos as observam com todo o rigor, donde advém as longas lavagens ou purificações para fazer-se agradáveis a Deus. Jesus lança por terra esses costumes mágicos e com sua palavra e suas atitudes apaga a fronteira entre o puro e o impuro da velha religião. A boa notícia é que a pureza verdadeira está unicamente no coração do homem e na atitude de justiça que tenha para com seus irmãos.

O sinal de Jesus se realiza no interior da sinagoga de Cafarnaum. Uns quinhentos anos antes de Jesus, quando o templo de Jerusalém foi destruído e o povo de Israel foi deportado, os judeus começaram a construir “sinagogas”, casas de oração onde reuniam-se para rezar e ler as Santas Escrituras. Nos tempos de Jesus, embora já houvesse um novo Templo em Jerusalém, existiam muitíssimas sinagogas em todo o país. Em Cafarnaum havia uma pequena, sobre a qual foi construída, quatro séculos depois, outra maior, da qual se conservam ainda hoje ruínas de grande valor histórico.

Na sinagoga se reunia todo o povo aos sábados para assistir à oração e escutar o rabino ou qualquer outro patrício que quisesse fazer o comentário dos textos da Escritura que se havia lido. A sinagoga não é o equivalente exato de nossos templos atuais. É um lugar mais familiar, mais popular e mais leigo, já que nela se podia falar livremente, interromper, e não era necessária a presença de nenhum ministro sagrado. O rabino era um mestre-catequista (não sacerdote).

Sem querer chegar ao conceito “puro-impuro” dos tempos antigos, muitos enfermos do tipo subnormais, loucos, etc., estão hoje marginalizados da comunidade. Os sadios se safam deles, querem escondê-los como uma vergonha familiar, não se lhes dão oportunidades de reabilitação para que possam contribuir para a sociedade. Eles são, como Bartolo, os novos impuros. O sinal de Jesus neste episódio é sinal de que a casa de Deus, a comunidade cristã, está aberta também para esses homens e mulheres diminuídos. É sinal de Libertação: Deus valoriza e tem para eles um lugar e uma missão.

(Marcos 1, 21-28; Lucas 4, 31-37)

A sogra de Pedro

Pedro tinha sogra, portanto, era casado. Esse é um dado do evangelho. A composição de sua família (sua mulher Rufina e seus quatro filhos) é uma elaboração do relato. Os discípulos de Jesus não foram homens desencarnados de uma história pessoal. Tinham uma profissão, uma família, uma casa, uma psicologia bem diferente uns dos outros. De Simão, por sobrenome Pedro (no relato também é chamado de “atira-pedras”), é de quem mais dados nos oferece o evangelho para reconstruir sua maneira de ser. Protagonista em muitos episódios da vida de Jesus, Pedro aparece com um homem vital, impulsivo, algo estouvado, afetuoso, cheio de generosidade e ligado a Jesus por uma profunda amizade. A casa de Pedro, onde Jesus se encontra com a velha Rufa, é um dos lugares com maior autenticidade histórica entre as lembranças materiais da vida de Jesus. Da casa de Pedro se conservam os alicerces e, neles, o portal de entrada. Com toda a certeza, Jesus o cruzara centenas de vezes. Esses alicerces deixam ver um espaço reduzidíssimo onde a família de Pedro viveria mais que pobremente.

Nos tempos de Jesus havia menos anciãos que hoje em dia. A vida do homem era mais curta porque havia poucos conhecimentos médicos. A maioria dos homens e mulheres morria jovem, comparativamente a hoje. Os anciãos eram muito queridos e sua presença inspirava respeito na família. Eram também os responsáveis por transmitir a história familiar, as tradições culturais, etc.

Jesus se faz tudo a todos, se aproxima da avó Rufa na atitude com que devemos nos acercar sempre dos anciãos: fazendo-os sentir que ainda são úteis, dando-lhes esperança para enfrentar suas dolências com ânimo e preparando-os para a hora da morte com serenidade e confiança em Deus. Este “milagre” de Jesus é sinal do amor de Deus pelo velho que a sociedade atual, às vezes, rechaça e marginaliza como inútil.

(Mateus 8,14-15; Marcos 1,29-31; Lucas 4,38-39)

Um leproso no bairro

A lepra, que na Bíblia englobava outras enfermidades da pele (erupções, equimose, manchas, caroços, etc), era uma enfermidade muito temida. Era sempre considerada um castigo de Deus e obrigava o leproso a separar-se de sua família e da comunidade e viver isolado. O leproso era, além de um doente repugnante, um impuro do ponto de vista religioso e, por isso, eram os sacerdotes que tinham de determinar tanto a doença, como a cura, se esta se produzisse. No Antigo Testamento, é muito extensa e pormenorizada a legislação sobre a lepra. Por ser uma enfermidade tão horrível, era crença popular que a lepra desapareceria quando chegasse o Messias.

Os leprosos deviam viver separados, em grutas. Não podiam aproximar-se das cidades e, quando iam por um caminho, tinham que gritar sua impureza para prevenir os sadios. Esse isolamento não era só pelo contágio que podia produzir a enfermidade, mas pelo carácter religioso, de “amaldiçoado por Deus” que tinha o doente.

O fato de Jesus aproximar-se de um leproso e tocá-lo, além de ser um gesto de compaixão, era uma voluntária violação da lei religiosa que tornava culpável quem tocasse num impuro (Lev 5,3). É um sinal de que, com Jesus se apagaram as fronteiras do puro e do impuro e que o Deus que ele vinha revelar não levava em conta essas distinções externas, nem tampouco castigava ou amaldiçoava alguém valendo-se da doença. Nem a lepra, nem qualquer outra doença, por terrível que fosse, é castigo ou vingança de Deus sobre o homem. Elas têm sempre sua explicação em causas naturais e é a medicina a encarregada de determinar sua origem e combatê-la.

A bactéria que produz a lepra só foi descoberta em 1868. Hoje em dia a lepra não é uma doença incurável, no entanto, há muitos leprosos no mundo. A falta de higiene e de cuidados preventivos quando começa a enfermidade é a causa de a lepra estar ainda tão espalhada. Os atuais leprosos vivem também em comunidades separadas, ainda que se saiba que a lepra não é um mal contagioso se se tomam algumas mínimas precauções.

Os quatro evangelistas atribuem a Jesus cerca de 41 milagres. Mateus é o que cita a maior quantidade: 24. E João, o que cita a menor: 9. As narrações de milagres estão ligadas estreitamente ao que os próprios evangelistas contam sobre a atividade e missão de Jesus. Neste sentido, pode-se dizer que são essenciais ao evangelho. A maioria desses fatos milagrosos são curas de diferentes enfermidades. Mesmo os críticos mais severos admitem que Jesus seria um homem com certos poderes para curar enfermos, para aliviá-los, para fortalecer sua fé de que podiam curar-se. Poderes que são difíceis de precisar hoje, há dois mil anos de distância. Do ponto de vista teológico, deve-se sempre ver o fato milagroso na narração evangélica, não como uma demonstração de algo “extraordinário”, mas como um sinal de libertação. Deus envia seu filho como libertador, Jesus anuncia a Boa Notícia desta libertação e realiza paralelamente sinais que indicam que esta libertação já chegou.

(Mateus 8,1-4; Marcos 1, 40-45; Lucas 5, 12-16)

A rua dos jasmims

Não só pela “impureza” de seu ofício, mas por sua condição - uma das mais baixas na estrutura social daquele tempo -, as prostitutas eram mulheres marginalizadas, desprezadas por todos. Não por Jesus, que falou delas, colocando-as como modelo de abertura à mensagem libertadora e, portanto, primeiras destinatárias do Reino de Deus (Mt 21,32). Esta palavra de Jesus, e também sua atitude de acolhida para com as prostitutas - Maria Madalena fez parte do grupo de seus seguidores -, constituíram um gravíssimo escândalo para os homens religiosos do seu tempo. E uma das maiores originalidades do Evangelho foi a boa notícia para os marginalizados, para os “sem moral”, a quem as leis da época trancavam a sete chaves qualquer possibilidade de aproximação de Deus. O Deus que Jesus proclama, e esta é a novidade, sente preferência por esses “pecadores”.

Jesus não só abre as portas do Reino para estas mulheres, como se aproximou especialmente de uma delas, a tal ponto que os evangelhos farão de Maria de Magdala, o primeiro testemunho da ressurreição. A condição

de Maria e a relevância que lhe dá o Evangelho, deram origem em alguns romances e filmes a uma interpretação de sua relação com Jesus, como um namoro frustrado. Sem entrar ou sair desta hipótese - sem qualquer outra base além da literária -, o que se deve ressaltar é a enorme capacidade que tinha Jesus para fazer-se amigo e dar esperança a quem, por ser objeto de desprezo de todos, menosprezavam também a si mesmos. O perdão de Deus que Jesus traz, não é um perdão de palavra, à distância, mas se traduz em ações. Neste caso, aproximar-se da casa da prostituta e conversar com ela de igual para igual, prescindindo do que dirão e escandalizando os “decentes” com esses gestos. Ao agir assim, Jesus está cumprindo a promessa dos profetas: Deus sai em busca dos perdidos (Ez 34,16).

Naquele tempo, as casas eram iluminadas com lâmpadas de azeite. Eram feitas, normalmente, de argila, com duas aberturas, uma para colocar a mecha e outra para derramar o azeite. Essas lâmpadas ardiam, às vezes, a noite toda: era uma forma de espantar os maus espíritos. Por isso, sempre foram encontradas muitas lâmpadas no interior das sepulturas da época.

Um tema frequente nas parábolas de Jesus é o da vigilância. Deus pode chegar a qualquer momento e é preciso estar preparado para recebê-lo. Deus surpreende, é um visitante inesperado. O homem deve viver em atitude expectante, sem dormir à sombra dos louros, nem deitar para descansar. Nesta linha vão as comparações do criado vigilante, do ladrão e da lâmpada (Lc 21,35-40), que Jesus empregou para falar do Reino de Deus. Maria Madalena, que tinha um “ofício noturno”, habituada a velar, podia compreender melhor que ninguém uma comparação como esta.

Capítulo XII

A BOA NOTÍCIA

Chegamos a Nazaré, o povoado onde Jesus havia se criado. Eu fiz a viagem com ele desde Cafarnaum.

Era sábado, dia de descanso. Na primeira hora da manhã os nazarenos se apertaram na pequena e dividida sinagoga. Os homens vinham envoltos em seus mantos de listas negras e brancas. Alguns entravam mascando tâmaras para matar a fome, embora isso fosse proibido. As mulheres ficavam de um lado, segundo o costume, atrás da grade trançada. Ali, entre as demais aldeãs, estava também Maria, a mãe de Jesus.

Todos: Escuta Israel / o Senhor é nosso Deus / só ele é o Senhor. / Amarás o Senhor teu Deus / com todo o teu coração / com toda a tua alma e com toda a tua força. / Fiquem gravadas estas palavras que eu te mando hoje...

Começávamos a cerimônia rezando em coro a oração da manhã. Depois vinham as dezoito preces rituais. Quando chegou o momento da leitura, o velho rabino fez um sinal para Jesus, que estava ao meu lado. Jesus abriu passagem entre seus vizinhos e se aproximou do estrado onde estavam guardados os livros santos...

Um jovem abriu a caixa de madeira de sândalo e tirou os pergaminhos. Naqueles rolos estava escrita, em letras vermelhas e pretas, a Lei de Deus. Era a Santa Escritura onde os sábios de Israel, ao longo de mil anos, haviam esquadrinhado cada palavra, detrás de cada sílaba, a vontade do Senhor. Jesus tomou o livro do profeta Isaias. Desenrolou o pergaminho, o levantou ao alto com as mãos e começou a ler aos tropeções, como lêem os camponeses que não tiveram muita escola...

Jesus: O espírito do Senhor está sobre mim.
O Espírito do Senhor me chamou e me envia aos pobres
para dar-lhes a boa notícia que tanto esperam: sua libertação!
Os corações feridos serão curados,
os escravos sairão livres,
os presos verão a luz do sol.
Venho apregoar o Ano da Graça do Senhor,
o Dia da Justiça de nosso Deus:
para consolar a todos os que choram,
para pôr sobre suas cabeças humilhadas uma coroa de triunfo,
vestidos de festa em vez de roupa de luto,
cantos de vitória em vez de lamentações.”

Jesus acabou de ler. Enrolou o pergaminho, o devolveu ao ajudante da sinagoga e se sentou em silêncio. Todos tínhamos os olhos cravados nele, esperando o comentário daquelas palavras. Jesus também parecia esperar alguma coisa. Com a cabeça entre as mãos, se notava que estava muito nervoso. Ficou assim alguns momentos.

Depois se pôs em pé e começou a falar...

Jesus: Vizinhos... Eu... Eu... Na verdade, eu não sei falar diante de tanta gente... Perdoem-me se... se não sei falar como os sacerdotes ou os doutores da Lei... Bem, eu sou um camponês como vocês e não tenho muitas palavras... De qualquer modo, eu agradeço ao rabino por me convidar a comentar a Escritura...

Rabino: Não fique nervoso, rapaz! Diga qualquer coisa que lhe ocorrer. E depois, conte-nos um pouco o que aconteceu em Cafarnaum, aquela história do leproso... As pessoas andam dizendo muitas coisas estranhas...

Jesus: Bem, vizinhos, eu queria dizer-lhes que... Que estas palavras do profeta Isaias são... São algo muito grande. Estas mesmas palavras eu as escutei do profeta João lá no deserto. João dizia: “Isto vai mudar. O Reino de Deus se aproxima”. E eu pensava: sim, Deus traz algo entre as mãos, mas... Mas o quê? O que é que tem de mudar...? Por onde começa o Reino

de Deus?... Não sei, mas agora, quando acabo de ler estas palavras da Escritura, me parece que compreendi do que se trata.

O cheiro de suor dos nazarenos se misturava com o incenso queimado e quase não se podia respirar. O ar quente da sinagoga começou a tomar conta de tudo. Jesus também suava muitíssimo...

Jesus: Vizinhos... Escutem-me... Eu... Eu... Anuncio-lhes uma alegria muito grande: nossa libertação. Nós os pobres, temos passado a vida dobrados sobre a terra, como animais. Os grandes nos puseram um jugo muito pesado sobre os ombros. Os ricos nos têm roubado o fruto de nosso trabalho. Os estrangeiros se apoderaram do país e até os sacerdotes se passaram para o bando deles e nos ameaçam com uma religião feita de leis e de medo. E assim estamos, como nossos avós no Egito, nos tempos do Faraó. Temos comido um pão amargo, temos bebido já muitas lágrimas. E tantas pancadas nos deram que chegamos a pensar que Deus já se esqueceu de nós. Não, vizinhos, o tempo se cumpriu e o Reino de Deus está perto, pertíssimo.

O velho Ananias, dono do lagar e do moinho de azeite, dono das terras que margeavam a colina de Nazaré e se estendiam até Caná, levantou seu bastão como se fosse um longo dedo acusador:

Ananias: Escute aqui, rapaz, filho da Maria, que loucura é esta que você está dizendo? Você quer me explicar o que é que tem de mudar? A quem você está se referindo?

Jesus: Tudo tem que mudar, Ananias. Deus é um pai e não quer ver seus filhos tratados como escravos, nem mortos de fome. Deus pega o nível, como o pedreiro, para nivelar o muro: nem ricos, nem pobres, todos iguais; nem faraós nem escravos, todos irmãos; Deus desce do andaime do céu e se põe do nosso lado, os pisoteados deste mundo. Não ouvimos sempre que Deus ordenou o Ano da Graça? Não acabamos de escutar isso?... Deus quer que a cada cinquenta anos haja um ano de trégua. Que a cada cinquenta anos se quebrem todos os títulos de propriedade, todos os papéis de dívidas, todos os contratos de compra e venda. E que a terra seja dividida em partes iguais entre todos. Porque a terra é de Deus, e de Deus também tudo o que existe nela. Que não haja diferenças entre nós. Que a ninguém sobre e a

ninguém falte. Isso foi o que Deus ordenou a Moisés faz mil anos, e, no entanto, está esperando porque ninguém o cumpriu. Nem os governantes, nem os proprietários de terra, nem os usurários quiseram cumprir o Ano da Graça. E já é hora de que ele se cumpra!

Todos estávamos em silêncio, com a boca aberta, assombrados de quão bem se expressava o filho do operário José, o filho da camponesa Maria...

Um vizinho: Essas palavras soam bonitas, Jesus. Mas com palavras não se come. “Libertação, libertação”. Mas, para quando, diga-me, para a outra vida, para depois da morte...?

Jesus: Não, Esaú. Na outra vida seria muito tarde. O Ano da Graça é para esta vida. O Reino de Deus começa nesta terra.

Outro vizinho: Quando então? Quando os ricos amolecerem o coração e nos repartirem o dinheiro que têm acumulado?

Jesus: As pedras não se amolecem por dentro, Simeão. Faz falta um martelo.

Suzana: Quando então, Jesus, quando vai se cumprir essa profecia que você acaba de ler?

Jesus: Hoje, Suzana. Hoje mesmo. Hoje vamos começar. Claro que não é luta de um dia. Uma rocha não se rompe com uma martelada só. Talvez passemos outros mil anos como Moisés. Ou dois mil. Mas nós também cruzaremos o Mar Vermelho e seremos livres. Hoje nos pomos em marcha!

Jesus já não tremia. Com suas duas mãos, grandes e calejadas, agarrou-se fortemente à borda do estrado e respirou fundo como quem toma impulso quando vai dar um salto... Ia dizer algo importante.

Jesus: Eu queria dizer-lhes... Eu sinto na minha garganta, apertadas como flechas na mão de um guerreiro, as vozes de todos os profetas que falaram antes de mim, desde Elias, aquele valente do Carmelo, até o último profeta que temos visto entre nós: João, filho de Zacarias, a quem aquela raposa do

Herodes mantém preso em Maqueronte. Vizinhos, a paciência de Deus se esgotou! Esta Escritura que lhes acabo de ler não é para amanhã: é para hoje. Vocês não percebem? Está se cumprindo diante dos olhos de vocês.

O velho rabino coçou o cocuruto com ar preocupado...

Rabino: O que você quer dizer com isso de que se está cumprindo diante dos nossos olhos? Diante dos meus olhos eu tenho o Livro Santo da Lei, bendito seja o Altíssimo. E junto do Livro está você, comentando o que leu nele.

Jesus: Eu faço minhas as palavras que estão escritas neste Livro... Perdoem se lhes falo assim, vizinhos, mas...

Jesus se deteve. Olhou-nos a todos lentamente como que pedindo permissão para dizer o que ia dizer...

Jesus: Quando o profeta João me batizou no Jordão, eu senti que Deus me chamava para proclamar esta boa notícia. E por isso, eu quero hoje...

Um vizinho: Tome cuidado com o que diz, Jesus! Quem você pensa que é? Do jeito que fala parece que está se comparando com o profeta Elias e com João o batizador!

Jesus: Eu não me comparo com ninguém. Eu só anuncio a libertação para nós, os pobres.

Um ancião, com uma dupla corcunda como os camelos soltou uma gargalhada.

Um velho: Médico, cura-te a ti mesmo!

Jesus: Por que me diz isso de médico cura-te a ti mesmo?

Velho: Como por quê? Porque se nós estamos mal, você está pior!... De que miséria você vai nos tirar, se você é o maior esfarrapado de Nazaré? Olhe sua mãe aí, atrás da grade... Vamos, dona Maria, não se esconda, que todos

a conhecemos aqui. E seu pai José, que descanse em paz, quem foi? Um pobre diabo como todos nós. E olhe aqui seus primos e suas primas... Pelos cabelos de Abraão, de que é que você vai nos livrar se não tem nenhum cobre no bolso?

Uma vizinha: Eu acho que a fumaça subiu à cabeça desse moreno!

Rabino: Esperem, irmãos, deixem-no falar. Deixem-no falar!

Vizinho: Chega de palavatório! Faça um milagre!

Vizinha: Isso mesmo, um milagre!

Vizinho: Conte-nos o que aconteceu em Cafarnaum! Se você aprendeu alguma bruxaria para limpar leprosos e curar as viúvas com febres ruins!

Vizinha: Foi você, dona Maria quem ensinou seu filho a fazer esses truques?

Rabino: Um momento, um momento! Jesus, você está ouvindo o que dizem? Eles têm razão, filho! Você vem nos falar de libertação? Comece aqui no seu povoado, pois uma boa caridade começa em casa.

Vizinho: Se você curou os leprosos de Cafarnaum, cure os daqui!

Vizinha: Vamos, o que está esperando?... Olhe como tenho as pernas cheias de feridas!...

Jesus: A história se repete, vizinhos. A história se repete. Nos tempos do profeta Elias havia muitas viúvas necessitadas, mas Elias foi enviado à cidade de Sarepta, uma terra estrangeira. E nos tempos de Eliseu havia muitos leprosos em Israel e o profeta curou a Naaman o sírio, que também era um estrangeiro.

Vizinho: Ei, escute aqui, você: o que está querendo dizer com isso?

Jesus: Nada, que acontece sempre o mesmo. Que nenhum profeta é bem recebido em sua terra. Está bem, eu vou de volta para Cafarnaum.

Os nazarenos começaram a vaiar e assobiar contra Jesus...

Vizinho: É melhor que você volte mesmo para Cafarnaum... Nunca se viu charlatão maior que você...

Todos: Charlatão!... Embusteiro!... Tirem-no daí!... Fora, fora!...

Os homens com os punhos fechados, se lançaram sobre o estrado onde estava Jesus, enquanto as mulheres gritavam por trás da grade. A briga havia começado e as velhas pedras da Sinagoga estremeceram com a gritaria dos Nazarenos.

Em Nazaré, a aldeia onde havia se criado, Jesus faz a primeira proclamação pública da boa notícia que Deus anuncia aos pobres. Neste texto aparece, sobre a base da promessa feita setecentos anos antes pelo profeta Isaias, um resumo do que será a vida de Jesus e do que é, em essência, o Evangelho: Libertação para os oprimidos. Esta é uma passagem básica e central para a compreensão da fé cristã.

Na atual Nazaré, conserva-se uma pequena sinagoga construída sobre os restos da do tempo de Jesus. Aquela deve ter sido uma construção ainda menor da que vemos hoje, pelo fato de a aldeia ter tão poucos habitantes. Como todas as sinagogas, estava orientada de tal forma que, ao rezar, o povo olhava para o Templo de Jerusalém, centro religioso do país. Na sinagoga, as mulheres não se misturavam com os homens. Destinava-se a elas um lugar separado por uma grade. Tampouco na sinagoga as mulheres podiam ler em público as Escrituras nem fazer seu comentário.

Quando o povo se reunia aos sábados na sinagoga começava sempre a oração com a recitação da “Shemá” (“Escuta, Israel...”, Dt 6,4-9). Uma das preces preferidas da piedade judaica. Depois vinham outras 18 preces rituais que precediam a leitura das Escrituras. O lugar mais sagrado da sinagoga se encontrava na parede que se orientava para Jerusalém. Ali se guardavam os pergaminhos da Torá (Lei), onde estavam escritos os livros

que hoje lemos na Bíblia (Antigo Testamento). Não eram livros como os atuais, mas pergaminhos enrolados. Eram guardados em caixas de madeira lavradas artisticamente.

Jesus, como todos os israelitas de seu tempo, falava em aramaico. O aramaico é uma língua do mesmo tronco linguístico que o hebraico, e ainda é falado em algumas aldeias da Síria. Era utilizado em todo o país de Israel como língua familiar e popular desde uns cinco séculos antes do nascimento de Jesus. A partir daquela época, o hebraico se limitou a ser a língua dos doutores da Lei. Em hebraico também se escreviam as Escrituras. O rolo em que Jesus leu na sinagoga era escrito em hebraico. Daí a dificuldade de Jesus, nada familiarizado com essa língua culta e, como camponês, homem de pouca leitura.

O costume era que qualquer dos homens presentes na sinagoga lesse um fragmento da Escritura e depois o comentasse segundo sua inspiração, diante dos patrícios. Essa era uma missão dos leigos, não exclusiva dos rabinos. O texto que Jesus lê e comenta é Isaías 61,1-3. A decisão com que Jesus fala do Reino de Deus, da libertação, incomoda seus vizinhos, que nem aceitam nem podem acreditar que um pobre coitado saído dentre eles possa vir a libertá-los de alguma coisa. É muito frequente que tenhamos resistência em admitir como “salvador” alguém próximo, simples e busquemos sinais grandiosos, salvadores que venham de fora, que sejam extraordinários, superiores, diante de quem rendamos admiração. Mas o plano de Deus é todo o contrário. Ele se revela no mais pobre, no mais humilde.

O ano da Graça era uma instituição legal muito antiga que remontava aos tempos de Moisés. Chamava-se também Ano do Jubileu, porque era anunciado pelo toque de um instrumento chamado, em hebraico, “yobel”. Esse Ano da Graça devia cumprir-se a cada cinquenta anos. Ao chegar essa data, as dívidas deviam ser anuladas, as propriedades adquiridas deviam voltar a seus antigos donos (com a finalidade de evitar acumulações excessivas), os escravos deviam ser postos em liberdade. Essa lei era uma forma de proclamar que o único dono da terra é Deus. E do ponto de vista social essa lei ajudava a manter unidas as famílias com um patrimônio suficiente para uma vida digna. Era também um memorial da igualdade

original que havia ao chegar os filhos de Israel à terra prometida, quando nada era de ninguém e tudo era de todos (Lv 25, 8-18). No mesmo sentido existia também o Ano Sabático, que devia ser celebrado a cada sete anos. Estas instituições legais eram entendidas como leis de libertação. Assim o proclama Jesus. E, fiel à tradição de seu povo, Jesus se refere ao Ano da Graça como ponto de partida para iniciar uma mudança urgente no país, dada a grande diferença que existia entre pobres e ricos.

Em Nazaré, na sinagoga do seu povoado, Jesus dá um passo importante na maturação de sua consciência. O aplicar-se a si mesmo a frase de Isaias “O espírito do Senhor está sobre mim” era uma forma de reconhecer-se profeta na linha de todos os profetas que o haviam precedido. Depois da ressurreição, a Igreja Primitiva acumulou sobre Jesus títulos para descrever sua missão: “Senhor”, “Filho de Deus”, “Cristo”... A história a que recorrem os evangelhos deixa ver, no entanto, que o título com que foi aclamado unanimemente pelo povo e por seus discípulos, foi o de profeta. O profeta se define em oposição à instituição. Jesus não deve ser considerado como um teólogo ou mestre profissional mais radical que os demais, mas sempre dentro da instituição. Não podia sê-lo: faltava-lhe o que fazia os mestres de seu tempo: os estudos teológicos. A formação dos mestres era rigorosa, durava muitos anos, começava desde a infância. Quando chamaram Jesus de “rabi” (mestre, senhor) estavam aplicando a ele um tratamento que no seu tempo era familiar e corrente e que não deve ser traduzido como mestre no sentido de teólogo. Pelo contrário: Jesus foi acusado de ensinar sem ter autoridade (Mc 6,2). Quando fala na sinagoga não o faz tampouco como teólogo ou como mestre, mas como profeta leigo.

(Mateus 13, 53-58; Marcos 6,1-6; Lucas 4,16-28)

Capítulo XIII

COMO UMA SEMENTE DE MOSTARDA

Depois do fracasso de Nazaré, Jesus começa sua atividade em Cafarnaum, na pequena casa do velho Zebedeu, rodeado do grupo dos primeiros discípulos e dos vizinhos do bairro. Conta-lhes a parábola do grão de mostarda. É uma história típica dos inícios do movimento de Jesus na Galileia. Uma parábola clássica do contraste: No começo é pequeno, insignificante; ao final, o formoso arbusto, será o resultado surpreendente do que Deus traz entre as mãos.

A mostarda é uma planta que cresce de forma silvestre em toda a Palestina. Nas margens do lago, chegava a alcançar até três metros. A imagem de uma árvore que serve de abrigo aos pássaros e dá sombra aos que se aproximam é um símbolo da bondade e da generosidade de Deus (Ez 17, 22-24). Nos velhos ditados dos rabinos judeus, a semente de mostarda era considerada a menor das sementes conhecidas. E ainda que o arbusto da mostarda não chegue a ser uma árvore, Jesus o chama assim, exagerando, para ressaltar como os planos de Deus nos superam, nos surpreendem, são mais do que imaginamos. Quando nos lançamos em um projeto arriscado e difícil, e colocamos de nossa parte tudo o que podemos, Deus fecunda, e do menor tira o maior. O Reino de Deus nasce entre os pequenos, entre os pobres. Com eles, Deus forma sua comunidade. E é essa comunidade a chamada a protagonizar os fatos realmente importantes da história.

O Reino de Deus é um vinho novo. Essa novidade é apresentada por Jesus nesses começos de sua atividade como o cumprimento das leis sociais do tempo de Moisés. Aquelas leis - o Ano da Graça entre elas - apontavam

para a igualdade, para a superação das classes sociais, para evitar que alguns acumulassem em excesso à custa de outros que morriam de fome. Leis velhas que se tornavam realmente novas porque não haviam sido cumpridas. E nos tempos de Jesus as diferenças entre os israelitas haviam se aprofundado cada vez mais.

O fato de existirem classes sociais, o fato de que uns sejam ricos e outros pobres, é, para muitos, “vontade de Deus”, um “destino”, um fato natural que não se pode mudar, uma realidade irremediável, impossível de ser alterada. Essa forma de pensar, que é a de Salomé, é muito frequente. Entre os ricos, é porque lhes convêm que seja assim. Entre os pobres, porque são os ricos e seus servidores (a escola, a falsa religião) os que lhes pregaram esta resignação, os que os fizeram acreditar que Deus é quem deseja que tudo continue igual e que lhes promete, na outra vida, o céu se na terra se conformarem com sua má sorte. No entanto, “no princípio não foi assim, a pobreza e a riqueza introduziram-se tardiamente na linhagem humana” como disse São Gregório Nazianzeno (Discurso 14, M.G. 35, 857-910). O Reino de Deus começa aqui em baixo, precisamente quando se apagam as diferenças entre os homens, quando os bens da terra são repartidos por igual entre todos, quando os seres humanos não estão separados em ricos e pobres, mas quando vivem como irmãos, filhos do mesmo Pai, com os mesmos direitos e as mesmas oportunidades.

(Mateus, 13, 31-32; Marcos 4, 30-32; Lucas 13, 18-19)

O cobrador de impostos

De Mateus, um dos doze apóstolos de Jesus, sabemos pelos dados que nos dá o Evangelho, que era filho de um tal Alfeu e que sua profissão era a de cobrador de impostos no posto da alfândega de Cafarnaum - cidade de passagem das caravanas que vinham de Damasco. O evangelho de Lucas e o de Marcos o chamam também de Levi. Desde o século II ele é considerado o autor de um dos quatro evangelhos. No relato se apresenta Mateus como um homem de personalidade fraca, pessimista, cético, que busca na bebida uma espécie de refúgio diante da solidão e do desprezo a que seu ofício o condenava.

Desde a época da dominação persa, Israel conheceu o pagamento de impostos a uma potência estrangeira. Mas até os tempos do império romano não se cobrava de forma sistemática. Toda província romana devia contribuir com seus impostos ao fisco de Roma, embora algumas cidades e príncipes aliados ao império pudessem cobrá-los para seu próprio proveito. Este era o caso do tetrarca galileu Herodes Antipas, que os recolhia em diferentes cidades da Galileia, entre elas Cafarnaum. Mateus era, pois, um funcionário do rei Herodes, grande colaboracionista do imperialismo romano. Os impostos eram uma dura carga para o povo e uma importante arma de controle político nas mãos dos governantes. Às somas já estabelecidas se acrescentavam quantidades de todo tipo de presentes e subornos que era preciso dar às autoridades e aos serviços administrativos. A corrupção se estendia desde os mais baixos até os mais altos postos do poder.

Os cobradores, ou coletores dos impostos (= publicanos) formavam parte da categoria social mais desprezível do país, junto com os agiotas, cambistas, jogadores de azar e pastores. Neste ofício, além da estrita cobrança do tributo - já suficiente motivo para o ódio do povo - se realizava todo tipo de trapaça. Por estar baseado na fraude e por ser impossível conhecer o número de todos os fraudados ou enganados, ser publicano era uma mancha social que supunha a perda de todos os direitos civis e políticos. Na linguagem popular, os cobradores de impostos se associam sempre aos ladrões, aos pagãos, às prostitutas, aos assassinos, aos adúlteros. Eram

realmente a escória da sociedade. Tudo isso põe em relevo o grande escândalo que constituiu o fato de Jesus chamar um publicano para tomar parte em seu grupo e de repetir em várias ocasiões que a Boa Notícia que trazia era destinada prioritariamente aos “publicanos e pecadores”.

Mateus seria, com muita probabilidade, um homem rico, à custa das fraudes habituais de seu ofício. Mas não pertenceria a nenhuma família de prestígio, porque os cobradores da alfândega não eram mais que subarrendatários dos ricos contratantes deste ofício, que costumavam ser de classe social elevada. A vocação de Mateus foi interpretada muitas vezes como prova de que Jesus convocou para seu grupo homens de diferentes classes para significar assim a harmonia social que busca o evangelho. Não é correta esta ideia. A mensagem evangélica, evidentemente, se dirige a todos. Mas não a todos da mesma maneira. Aos pobres se anuncia uma boa notícia: vão deixar se sê-lo. Aos ricos se lhes exige que renunciem às suas riquezas se quiserem entrar no Reino. A mensagem evidencia sempre que Deus toma partido, que não fica neutro. Que Jesus se relacione com Mateus e o chame para seu grupo significa que ele rompe as barreiras religiosas e sociais dos homens “decentes” de seu tempo, fazendo-se amigo de indesejáveis e pecadores.

Nos tempos de Jesus se escrevia usualmente em papiros. O papiro era um arbusto aquático, que crescia próximo aos pântanos. Era colhido ao norte do lago de Tiberíades. Com suas fibras se faziam cestas, barcos e uma espécie de papel que se enrolava facilmente. A tinta com que se escrevia sobre ele era um corante negro, bastante espesso, feito principalmente de fuligem. Muitos escreventes levavam os tinteiros pendurados na cintura. Um coletor de impostos tinha de dominar, naturalmente, a escrita. E, ordinariamente, devia ter também noções de grego, porque em seu ofício devia relacionar-se com comerciantes e traficantes de outros países. Diante desses conhecimentos que teria Mateus, a cultura de Jesus era notavelmente inferior, a de um “semialfabetizado”. Naquela sociedade, como em qualquer outra com elevado grau de analfabetismo, quem sabia escrever era um privilegiado e, de alguma maneira, tinha um certo poder sobre seus

conterrâneos incultos, que dependiam de seu saber e a quem se podia, naturalmente, ajudar ou enganar.

(Mateus 9, 9; Marcos 2, 13-14; Lucas 5, 27-28)

Na casa do Publicano

O publicano, além de ser desprezado pelo povo, era um cidadão proscrito civilmente. Seu testemunho não tinha nenhum valor jurídico e, de alguma forma, se equiparava ao escravo, pela inferioridade em que se encontrava diante do resto de seus compatriotas. Como “pecador”, era rejeitado moralmente e isso se extremava a tal ponto que o dinheiro proveniente das caixas dos cobradores de impostos não podia ser aceito como esmola para os pobres porque era dinheiro injusto. Esse desprezo popular se estendia também à família dos publicanos. Que Jesus não só se relacionasse com um desses homens, mas que também compartilhasse a mesa com ele era um escândalo insuportável para os habitantes de Cafarnaum. Ao escândalo de tipo moral se une, para os amigos de Jesus, um escândalo de tipo político, por ser Mateus um colaboracionista dos romanos.

Para medir exatamente o que Jesus fez ao comer com “pecadores”, é preciso saber que entre os orientais, acolher uma pessoa, comer com ela na mesma mesa, é uma mostra de respeito, de paz, de confiança, de fraternidade e de perdão. Compartilhar a mesa é um sinal de compartilhar a vida. Que Jesus coma com Mateus - como suas outras refeições com publicanos e pecadores - não é somente um acontecimento social através do qual expressava sua extraordinária humanidade ou sua simpatia pelos desprezados. Essas refeições têm uma profunda significação teológica.

Nelas se dão a expressão mais significativa do amor de Deus que privilegia os perdidos. São refeições nas quais se antecipa o final da história, em que Deus sentará à sua mesa, nos primeiros lugares, aqueles que os “decentes” rechaçaram como os últimos.

O rabino, guardião da moral da cidade, é um dos mais fortemente escandalizados pela conduta de Jesus. Não é de estranhar. Um profeta que falava de Deus como Jesus e que, por outro lado, contradizia as regras religiosas, era intolerável. O separar-se dos “pecadores” era o máximo dever de um homem piedoso, que quisesse agradar a Deus. E isso porque se pensava que o próprio Deus rechaçava o pecador e só o acolhia se este se arrependesse e mudasse de conduta. Então, e só então, o pecador era objeto do amor de Deus. Quando se transformava em justo. Jesus revoluciona esta falsa ideia religiosa: para Deus não conta a moral. Mais ainda: o processo se inverte e é Deus quem se aproxima dos imorais, demonstrando-lhes um amor especial, de preferência. Aquilo foi então - e é ainda hoje - um escândalo, a dissolução de toda “moral”. Até o final de sua vida, Jesus será acusado por pessoas decentes de uma conduta imoral, porque bebia e comia com “publicanos e pecadores”.

A mensagem do evangelho é sempre anúncio de uma mudança. Exige um reajuste das relações entre os homens apontando para uma verdadeira igualdade entre eles. E também pede de cada um uma mudança de suas atitudes, uma revisão profunda de sua escala de valores, de suas opções, etc. Entre a conversão estrutural e a conversão pessoal não se deve criar nenhuma oposição, privilegiando uma à custa da outra. Ambos os aspectos da mudança-conversão se complementam e se necessitam mutuamente. O ideal evangélico fala de um homem e uma mulher novos em uma nova sociedade.

(Mateus 9, 10-13; Marcos 2,15-17; Lucas 5, 28-32)

Capítulo XIV

A OVELHA PERDIDA

Pedro: Mas, Jesus, por favor, abre os olhos! Você não percebe?... Mateus é um vendido aos romanos, um puxa-saco de Herodes!

Jesus: Mateus é um homem, Pedro. Um homem como você e como eu.

Tiago: Que se dane esse homem e você também! Mateus é um traidor. Os publicanos são traidores. E aos traidores tem de se esmagar a cabeça como a cobras!

Pedro, Tiago e eu estávamos com Jesus na taverna do embarcadouro, junto ao lago. Na noite anterior, Jesus havia entrado na casa de Mateus, o cobrador de impostos de Cafarnaum e havia jantado com ele.

João: Você nunca reparou que esse Mateus sempre vai sozinho, como um leproso? Ninguém da cidade quer se aproximar dele. Ninguém chega perto.

Pedro: E sabe por quê? Porque ele empesteia. O bafo dos traidores a gente sente a sete léguas de distância.

João: E um tipo desses, você convida para o grupo, Jesus? Mas o que é que você está querendo? Que ele vá nos denunciar ao capitão romano?

Tiago: Eu digo o mesmo que André. Se essa carniça vier com a gente, eu vou embora. Eu não me junto a traidores.

Pedro: E eu muito menos. Que aquele que está no céu me arrebente as tripas se algum dia eu renegar os meus!

Jesus: Eu não diria que é um traidor, Pedro. Mas, tudo bem, é um traidor. É um vende-pátria, quem não sabe disso? Mas eu acho que todos juntos podemos conseguir que Mateus mude.

João: “Eu acho... eu acho...” E se ele der com a língua nos dentes e todos nós cairmos na arapuca por causa da sua imprudência?... Sinto muito, Jesus. Você não tem estofo político. Não tem olfato. Ninguém cai na besteira de colocar um lobo no meio das ovelhas.

Jesus: E quem disse que Mateus é um lobo? Os lobos são outros, João. Mateus era um dos nossos. Agora ele está fazendo o jogo dos de cima sim, está certo. Mas os dentes de Mateus não são de lobo.

Pedro: Ah, não? E são de quê então?

Jesus: Não sei, mas quando vi Mateus sentado naquela guarita, sozinho, manchado de tinta, me lembrei de uma história que o velho Joaquim me contou, lá em Nazaré, quando eu era menino...

Joaquim: Era uma vez um pastor que tinha cem ovelhas. Pela manhã, ao nascer do sol, se levantava também o pastor e saía com seu rebanho para o monte, onde o capim era mais verde e a água mais fresca... Todas as ovelhas estavam sadias e fortes, limpas e cuidadas. Todas, menos uma. A de sempre. A que nasceu doente, com uma pata mais curta que as outras. A ovelha que sempre ia atrás, mancando. Desde pequenina as outras a desprezavam. Ninguém fazia caso dela. Nem brincavam, nem comiam com ela. Nenhuma se aproximava dela. Sempre ia sozinha aquela ovelha... Aconteceu que um dia iam pelo monte o pastor e seu rebanho. E começou a chover... O pastor saiu correndo e as ovelhas atrás dele, de volta para o curral.

A ovelha doente tentou imitar suas companheiras, mas não podia alcançá-las. Tropeçava, se levantava, e tornava a cair... O rebanho e o pastor se perderam numa curva do caminho. A névoa e os raios lhe fecharam a estrada. E a ovelha doente se perdeu. Arrastava sua perna coxa procurando as pegadas de suas companheiras. Mas a água apagou os rastros do caminho e não soube mais onde estava nem para onde seguir. Deu muitas voltas,

andou daqui para lá no meio da chuva. Mas cada vez se afastava mais das outras. E começou a escurecer...

Enquanto isso, o pastor havia chegado ao curral seguido de seu rebanho. Como sempre, fez as ovelhas passarem pela porta de agulha para contá-las uma a uma...

Pastor: “... 94... 95... 96... 97... 98... 99... O que aconteceu? Me falta uma. Não pode ser. Seguramente contei errado.”

Joaquim: E começou a contar outra vez...

Pastor: “... 95... 96... 97... 98... 99 apenas! Eu perdi uma ovelha! Seguramente é aquela doente, da pata coxa. Puxa vida, onde terá se metido essa desgraçada?”...

Joaquim: “Bah, não se preocupe com ela. Está doente mesmo. Não sabe andar. Não serve para nada. Que durma no pasto. E que os lobos a comam”... Disseram-lhe os outros pastores.

E se fez noite fechada. A ovelha da pata coxa continuava dando voltas pelo monte, sozinha e perdida. Gritou, mas ninguém respondia. Gritou mais forte, mas escutou apenas, lá longe, sobre as montanhas, os uivos dos lobos famintos... A ovelha perdida sentiu medo. Um medo muito grande. Então saiu correndo às cegas e caiu num barranco... Rolou sobre as pedras afiadas, deu mil cambalhotas sobre os espinhos, escorregou até lá em baixo, até o fundo onde a terra é lamacenta. E começou a se afundar... O pastor estava deitado em sua esteira de palha, bem quente. Tentava dormir, mas não conseguia. Pensava na ovelha que havia perdido.

Pastor: Hum... Puxa, perder-se assim, numa noite tão feia!... Por que tem de ser sempre a última? Por que tem de andar sempre sozinha? Uff... Bom, o que se vai fazer. Ela procurou. Que se arranje como pode. Eu vou dormir.

Joaquim: A ovelha da pata coxa tinha ainda uma chispa de vida. Fez um último esforço para sair daquele barranco, mas se afundou ainda mais. O lodo a ia engolindo pouco a pouco... O pastor lá em sua cabana bem quente, por fim conseguiu dormir... E enquanto dormia tranquilamente, a ovelha

perdida se afundou mais e mais no barranco escuro. O lodo foi cobrindo toda sua lâ, subiu até a boca, entrou pelo seu focinho... Já não podia gritar nem mover-se. Estava morta.

Pedro: E o que aconteceu depois?

Jesus: Nada. Acabou-se a história.

João: Como acabou-se a história?!

Jesus: Sim, acabou.

Pedro: Mas, como vai acabar assim, Jesus?... E o pastor, não fez nada?... Deixou-a morrer?

Jesus: Bem, o pastor fez o que pôde...

Pedro: O que pôde!... Por que não saiu para procurá-la, vamos, diga?

Jesus: Isso é fácil falar, Pedro, mas já pensou, sair à meia noite e chovendo daquele jeito...

João: Mas era só se jogar um manto em cima, caramba!

Jesus: E as outras? Como ficariam? Ele preferiu ficar vigiando o rebanho...

Pedro: Ele ficou foi dormindo, grande safado!...

Jesus: Ele tinha de cuidar das noventa e nove ovelhas...

João: Bah, essas se cuidam sozinhas. Você não disse que elas estavam sadias e fortes? A outra, porém era uma infeliz...

Jesus: Bem, João, também não precisa exagerar. Afinal, uma a mais, uma a menos...

João: Não, não, não, isso não está certo, Jesus. Essa história me deixou com um tarugo entalado na garganta. Eu não gosto nem um pouco deste final.

Pedro: Muito menos eu.

Jesus: Pois eu não entendo vocês por que... Esse é o final que vocês mesmos quiseram pôr...

Pedro: Nós? Mas essa história quem contou foi você, caramba!

Jesus: Não, vocês o puseram. Você, João, e você, Pedro, e você cabelo de fogo. Mas por sorte, Deus coloca um outro final. Sim, Deus conta a história de outra maneira. Escutem, aconteceu que quando o pastor chegou ao curral e se pôs a contar as ovelhas...

Pastor:... 95... 96... 97... 98... 99... Caramba, rapaz, perdi uma. Vou procurá-la agora mesmo!

Joaquim: Mas seus companheiros lhe diziam: “Como você vai sair assim?... Está chovendo muito. Já é noite. Não poderá encontrá-la. Ela é uma só. Vai deixar as noventa e nove?...” Mas o pastor não fez conta, pegou o bastão, jogou-se um manto em cima e saiu com pressa, no meio daquela escuridão para procurar a ovelha doente que havia se perdido...

Pastor: Estrelinha!... Estrelinha!... Onde você está?... Estrelinhaaaa!...

Joaquim: Chamou-a pelo nome, correu de um lado para o outro, subiu e desceu a colina, gritou até ficar rouco... Não lhe importava a chuva, nem o frio, nem a noite, nem o cansaço... Só sua ovelha que estava em perigo. Tinha de encontrá-la antes que fosse tarde demais...

Pastor: Estrelinha! Estrelinha!

Joaquim: Era sua ovelha. E ainda estava com vida!... O pastor saiu correndo para o barranco, desceu até o fundo e a tirou dali... Estava salva! Depois carregou-a sobre os ombros, cobriu-a com seu manto e, mais do que depressa voltou ao curral. Quando chegou, fez curativos nas feridas e a deitou junto com suas irmãs, sobre a palha quente. E o pastor estava tão contente naquela noite que saiu para despertar seus vizinhos...

Pastor: Amigos, eu a encontrei, eu a encontrei!... Estava perdida, estava quase morta... E eu a encontrei! Alegrem-se comigo, camaradas! Venham, vamos beber um par de jarras de vinho... Eu convido. Quero que todo mundo esteja alegre nesta noite!

João: Bom, assim está bem melhor, caramba, mas...

Tiago: Mas, afinal de contas, a troco de que você contou essa história, heim?

Jesus: Não sei, Tiago... Às vezes... Às vezes penso que Deus fica mais contente vendo um perdido como Mateus que volta e quer mudar de vida, do que quando vê os noventa e nove que se creem bons e justos.

Seis séculos antes, o profeta Ezequiel havia escrito em seu livro: “Assim diz Deus: meu rebanho anda solto, e não há quem se ocupe dele. Por isso, aqui estou eu. Eu mesmo cuidarei do rebanho e velarei por ele. Eu trarei as ovelhas de todos os lugares por onde se dispersaram no dia das nuvens e da bruma. Buscarei a ovelha perdida, farei voltar a desgarrada, cuidarei da ferida e sararei a enferma. E a todas elas encaminharei na justiça”.

A amizade de Jesus com o publicano Mateus, cria no grupo apostólico o primeiro conflito sério. Os outros discípulos não sabem interpretar esse gesto e sua intolerância acaba prevalecendo. Se o evangelho chama a uma radical igualdade entre os homens, provocará necessariamente conflitos na sociedade e também no interior da própria comunidade cristã. Eliminar preconceitos, aceitar o outro como irmão, superar toda discriminação é difícil. É um processo longo e às vezes, doloroso. Porém, bem canalizadas, essas tensões podem dar lugar a uma autêntica crise de crescimento e maturidade dentro da comunidade.

A parábola da ovelha perdida é do tipo de parábolas nas quais Jesus quer explicar como Deus é. Torna-se surpreendente, já de entrada, que Jesus compare o sentimento e atitude de Deus com os de um pastor. Junto com os publicanos e outros ofícios desprezíveis (agiotas, cambistas...), os pastores haviam chegado a ser nos tempos de Jesus, gente de muito má fama, contados, sem discussão, entre os “pecadores”. Eram suspeitos de levar seus

rebanhos a campo alheio e de andar misturados com todo tipo de trapaças e roubos.

Na Palestina, os pastores têm até hoje o costume de contar seu rebanho ao entardecer, antes de guardá-los no redil, para terem a segurança de não haver perdido nenhum animal. O pastor da história de Jesus tem 100 ovelhas. Para quem era daquele tempo, isso era considerado um rebanho de média importância. Entre os beduínos, os rebanhos tinham ordinariamente, entre 20 e 200 animais, tratando-se de ovelhas ou cabras. Um rebanho de 100 ovelhas era cuidado exclusivo de um só pastor que, por sua posição econômica, não podia permitir-se contratar nenhum assalariado para ajudá-lo.

Os dados do texto evangélico em seu conjunto, e principalmente o detalhe do pastor, ao encontrar sua ovelha, ter tido que levá-la aos ombros, fazem pensar que este era um animal especialmente fraco. Isso é básico na narração para o retrato que Jesus faz de Deus. Não é o valor do animal que impulsiona o pastor a procurá-lo. Basta que a ovelha seja sua e a quer com carinho de predileção, por sabê-la tão desvalida. Também a conhece: sabe que sozinha, não encontrará nunca o caminho de volta. O bom pastor - dirá Jesus em outra ocasião - conhece cada uma de suas ovelhas e as chama pelo nome (Jo 10, 1-22). Esta parábola fala essencialmente de um sentimento de Deus: sua alegria ao encontrar o perdido. É uma alegria que se manifesta plenamente no final da história. Quando chegar a hora de prestar contas, Deus se alegrará mais anunciando o resgate de “um dos pequenos” do que comprovando a salvação de muitos justos. Deus quer a salvação dos que se dão por perdidos. Dói-lhe muito vê-los errantes, solitários, desprezados durante sua vida. E se alegrará imensamente quando os trouxer definitivamente para junto de si. Jesus fala de uma alegria que define Deus: A alegria de poder resgatar, de perdoar. Em seu modo de agir, Jesus faz o mesmo que Deus: os fracos, os desprezados, têm sua preferência. Nas palavras e nas obras de Jesus vemos como é Deus. Nisso se resume toda a teologia cristã.

Jesus compara Deus com um pastor. E diz outro tanto de si mesmo: no Evangelho de João, Jesus aparece como o Bom Pastor. Estas comparações têm vários precedentes no Antigo Testamento. O texto do Profeta Ezequiel

(34, 1-31) no qual se anunciavam os tempos messiânicos, é a fonte mais direta em que Jesus se inspirou para esta parábola. E tanto impressionou os discípulos esta imagem, que o pastor com a ovelha perdida sobre seus ombros é, junto com o peixe e os pães, o símbolo mais frequentemente usado na arte dos primeiros cristãos. Encontramos a imagem do bom pastor em esculturas, em sepulcros, em altares, nas paredes das catacumbas nas quais os cristãos perseguidos se reuniam para orar e celebrar sua fé.

(Mateus 18,12-14; Lucas 15, 3-7)

Capítulo XV

DEUS ESTÁ DO NOSSO LADO

O texto das bem-aventuranças - um dos mais conhecidos e usados de todo o evangelho - condensa como nenhum outro o essencial da pregação e da atividade de Jesus: o anúncio da boa notícia aos pobres. As bem-aventuranças não são uma coleção de normas de conduta (“devemos” ser pobres, “devemos” ser misericordiosos...). São uma alegre notícia, que têm por destinatários os pobres, os oprimidos, os que sempre perdem.

O chamado “monte das bem-aventuranças”, ou “colina das sete fontes” está situado a uns três quilômetros de Cafarnaum. Embora seja de pouca altura - uns 100 metros - do seu cimo se abarca todo o lago da Galileia, numa vista realmente formosa. Em 1937 construiu-se ali a igreja das bem-aventuranças, com oito lados, recordando as oito bem-aventuranças, que cita o texto do evangelho de Mateus.

Em demasiadas ocasiões, as bem-aventuranças foram usadas como uma fórmula de consolo. Os que choram, os famintos, não devem se desesperar. Deus secará suas lágrimas, acalmará sua fome, os fará felizes... No mais além. Embora na terra tudo seja sombrio para eles, depois da morte sua sorte mudará. Essa adulteração do evangelho parte da falsa interpretação de que o Reino de Deus que Jesus anunciou aos pobres é equivalente ao reino “dos céus” no sentido de uma promessa para a outra vida. Mas o evangelho é uma mensagem histórica. Se Jesus chama de felizes os pobres, se diz para eles se alegrarem, é porque vão deixar de sê-lo, porque chegará o reino da justiça aqui na terra. As bem-aventuranças são um anúncio de que Deus intervém já: proclama-se uma esperança que porá em marcha uma mudança da história em favor dos oprimidos. O evangelho não é uma forma de resignação ou de consolo para os desgraçados, mas um dinamizador de compromissos, uma chamada a “levantar a cabeça porque a libertação se aproxima” (Lc 21,28).

Em vez de dizer: “Felizes vocês os pobres”, Jesus diz: “Felizes nós os pobres”. “Nós que choramos, nós que temos fome...”. Jesus foi pobre, tão pobre, tão oprimido como seus vizinhos de Cafarnaum a quem proclamou as bem-aventuranças. Isso é esquecido com demasiada facilidade. E se faz de Jesus uma espécie de mestre religioso que se “faz pobre”, se disfarça de pobre para que os pobres o entendam melhor. O faz por apostolado, como sinal de condescendência divina com os miseráveis. Ao pensar assim, falseamos não uma parte, mas a essência mesma do evangelho. E desvirtuamos o projeto de Deus, que quis revelar-se de forma definitiva em um camponês pobre de Nazaré, e que até o dia de hoje se revela na vida e nas lutas dos pobres.

Também se especulou muito sobre quem são os pobres aos quais se referem as bem-aventuranças. E se falou talvez em excesso dos “pobres de espírito”. O texto de Lucas diz: felizes os pobres. O de Mateus: Os pobres de espírito. (Em outras traduções: os que sabem ser pobres, os que escolhem ser pobres). Seguramente a tradição de Lucas é mais primitiva. Os pobres aos quais se dirige Jesus são os que realmente não têm nada, os que têm fome, os que não comem. E esse “espírito” que mais tarde acrescentou Mateus está na linha das fórmulas dos profetas do Antigo Testamento, que falam com frequência do “espírito humilde”, do “espírito abatido” dos “anawim” (pobres). Esta palavra “anawim” chave nos textos bíblicos, é o equivalente de: desgraçados, oprimidos, indefesos, desesperançados, homens e mulheres que sabem que estão à mercê de Deus, porque são rechaçados pelos poderosos.

Lucas acentua do pobre o aspecto da opressão exterior, Mateus o aspecto de necessidade interior (sempre típico dos que padecem opressão exterior). Mateus e Lucas escreveram para públicos diferentes. A Igreja à qual se dirige Lucas estava composta majoritariamente por homens oprimidos dentro da poderosa estrutura do império romano: escravos, habitantes das cidades nas quais existiam enormes diferenças sociais, explorados por duras condições de vida... Mateus escreve para uma Igreja judaica, que tinha ainda a tentação do farisaísmo: consideram bons os “decentes”, os que cumpriam as leis morais, etc. Seus “pobres de espírito” são os imorais, os pecadores, os de má fama... Apesar de toda essa diferença de matiz, Lucas e

Mateus deixam bem claro o sentido profético das palavras de Jesus: Deus presenteia seu Reino para os pobres do mundo.

Embora Mateus recolha oito bem-aventuranças - Lucas só quatro (com seus correspondentes “ais” contra os ricos) - não se deve entender os textos como um catálogo que apresenta diferentes tipos de pessoas. Tanto em um como em outro evangelista, trata-se de um modo de falar de uma só realidade: “Feliz o pobre”. Assim se resumem todas as bem-aventuranças. Todas podem ser reduzidas a uma única fórmula. Feliz o pobre porque Deus se põe do seu lado e vai deixar de sê-lo. E não feliz porque se “porta bem”, mas porque “é pobre”. Sua situação de oprimido e explorado é que ganha a simpatia de Deus. Deus não prefere o pobre porque seja “bom”, mas porque é pobre. Esta mensagem de Jesus é absolutamente revolucionária: Além de dizer que a norma moral como critério da benevolência de Deus não conta para nada, anuncia de que lado está Deus no conflito histórico: do lado dos de baixo.

O significado de “pobreza” pode ser equívoco. A pobreza como situação de opressão, é na Bíblia, um estado escandaloso que vai contra a vida e, portanto, contra a vontade de Deus. A pobreza deve ser rechaçada, combatida, eliminada. Não é uma fatalidade, é a consequência do abuso de alguns homens sobre outros. Diante dessa pobreza, a atitude cristã não pode ser outra que a do próprio Deus: rechaço desta situação, opção pelos pobres. Uma opção que não se esgota na simples denúncia, nas palavras de condenação. As antigas leis mosaicas não ficavam em palavras. Eram leis sociais que tratavam precisamente de evitar a pobreza e de defender o pobre. Toda tentativa de combater a pobreza, de suprimi-la, é, pois, um passo que faz avançar o Reino de Deus, embora muitos dos que assim atuam não creiam nem em Deus nem em Jesus.

A pobreza não deve ser apresentada, então, como um ideal cristão. Escolher a pobreza - nas atuais situações de injustiça que padecem nossos países - é um gesto cristão unicamente quando é solidariedade com os pobres para lutar contra a pobreza. Numa outra ordem de coisas estaria a pobreza entendida como “infância” diante de Deus: atitude de não orgulho, de não poder, de não ambição. Esta pobreza-infância está numa linha também bíblica de interpretar a pobreza. Embora seja evidente que uma pessoa que

acumule riquezas e privilégios às custas de seus irmãos jamais poderá ser um pobre neste sentido se não se despojar antes de seu dinheiro e de seu poder.

(Mateus 5, 1-12; Lucas 6, 20-26)

Capítulo XVI

A HISTÓRIA DO SEMEADOR

Por aqueles dias, Jesus já era muito conhecido em Cafarnaum. As pessoas o procuravam para ouvi-lo falar do Reino de Deus. Eu creio que também vinham para escutá-lo porque tinha uma língua muito boa para contar histórias. Nós, os do grupo, estávamos cada dia mais animados.

Pedro: Isso está caminhando, companheiro! O povo está abrindo os olhos!

Tiago: Eu não disse, Pedro, que este moreno de Nazaré fala muito direito? Tem de bobo o que eu tenho de limpo. Eu sempre achei que com ele a gente ia chegar longe. E creio que não me enganei!

Pedro: Ei, rapazes, por que não vamos até o cais? Já não estou aguentando mais ficar aqui dentro!... Vamos, Jesus!

Saímos da casa de Pedro quando o sol estava se afundando no lago. O calor daquele dia havia sido insuportável. Ainda não corria nenhum sopro de ar. Sentamo-nos na orla, junto ao embarcadouro, esperando o vento fresco do entardecer. E, naquele momento, sem que ninguém os chamasse, apareceram por ali o velho Gaspar e sua mulher, os gêmeos da casa grande, meu pai, Zebedeu, o coxo Samuel e muitos pescadores mais...

Uma mulher: Ei, você, nazareno! Puxa, você falou bem duro outro dia lá na sinagoga. Mas venha cá, fale claro, que aqui todo mundo é de confiança. O que é que você está querendo aprontar com tudo isso?

Jesus: Eu não, patrícia. Quem quer aprontar é o lá de cima.

Mulher: Como o lá de cima?

Jesus: Sim, Deus que já se cansou de esperar e disse: “Preparem-se todos, que agora é minha vez!”.

Um homem: Deus disse isso?

Jesus: Sim, disse. E jogou no ar a semente.

Homem: Que semente, você?

Jesus: A do Reino de Deus, homem, o que mais poderia ser?

Mulher: Se você não se explicar melhor, nem Salomão o entenderá!

Jesus: Que chegou o Reino de Deus, vizinhos! Que não tem que esperar mais! Já está no meio de nós!

Mulher: Pois se está, onde se meteu? Ao menos eu, não o vi em nenhum canto!

Jesus: O vento também não se vê, no entanto ele sopra. O sol ainda não saiu de trás das montanhas, mas já ilumina. É assim que acontece com o Reino de Deus. Não, não tem que olhar nem para cima nem para baixo, nem sair procurando longe, porque ele está perto! Está aqui no meio de nós!... De você gêmeo, de você também, vovó, de mim... Onde houver dois ou três que queiram mudar as coisas, aí está o dedo de Deus!

Homem: Se é assim, aqui está o dedo e a mão inteira. Olhe quantos somos!

Jesus: Sim, agora somos um bom punhado. Mas, logo, logo acontece o que ocorreu com um tio meu lá em Nazaré.

Outro homem: Aconteceu o que, com quem?

Jesus: Com um tio meu que se chamava Jônatas e...

Outra mulher: Daqui de trás não dá para ouvir nada! Fale mais alto, caramba!

Cada vez se reunia mais gente na orla. Vinham de suas casas suados, depois de um longo dia de faina. Até alguns homens que estavam bebendo na taverna se aproximaram também dali...

Jesus: Estava dizendo que com o meu tio Jônatas...

Pedro: Não adianta, nem com a trombeta de Josué eles ficam quietos. Tem muita gente!

Tiago: E muito calor também, maldição!

Pedro: Escute, ruivo, tenho uma ideia. Olhe, a barca do Gaspar, a empurramos um pouco e da água podemos ver melhor as pessoas e todos poderão ouvir. O que você acha, Jesus?

Jesus: Está maluco, Pedro? Entrar no lago a esta hora?

Pedro: Não me diga que está com medo, moreno...

Jesus: Não, bem... Mas esta água já está um pouco escura...

Tiago: Eita! Que esses camponeses não valem nada mesmo! Têm mais medo de água que os gatos!

Pedro: Venha, Jesus, deixe de melindres e vamos para a barca... Epa, rapazes, soltem a corda só alguns metros!

Tiago, Pedro e eu nos metemos com Jesus na barca de Gaspar e nos separamos um pouco da margem.

Uma mulher: Ei, vocês, pra onde diabos estão indo agora?

Pedro: Não vamos, mulher, é para que todos possam ouvir! Com todo esse converseiro não há quem possa entender coisa alguma. Venha, Jesus, comece outra vez com aquela história do seu tio Jônatas.

Jesus: Pois, então, amigos, acontece que quando chegava a primavera, um tio meu que se chamava Jônatas, saía, como todos os camponeses, para semear seu pequeno pedaço de terra... Eu era muito pequeno nesse tempo,

mas me lembro que um dia, quando o vi cruzar a aldeia com seu saco de sementes ao ombro, fui correndo atrás dele...

Menino: Tio Jônatas!... Tio Jônatas!... Espere, tio!...

Jônatas: E onde pensa que vai esse ranhento com tanta pressa?

Menino: Com você, tio, para que me ensine a semear...

Jônatas: Aha?... Então você quer aprender a trabalhar a terra em vez de madeira, como seu pai? Muito bem, pois eu vou lhe ensinar a ser um bom agricultor. Venha, moleque, vamos começar por aquela ponta. Vou lhe ensinar a jogar a semente e a cantar as canções da sementeira... Escute... La, la, larará...

Jesus: Chegamos ao pequeno sítio. Tio Jônatas e eu cruzamos a cerca que marcava o terreno. Então ele enfiou sua mão grande de lavrador no saco, pegou um bom punhado de sementes e as lançou.

Jônatas: Essa semente é boa, rapaz! Queira Deus que chova logo para que elas peguem com força!

Jesus: Tornou a pegar outro punhado e as espargiu no ar...

Menino: Olhe, tio, estão caindo fora...

Jônatas: O que foi, ranhento?

Menino: Algumas sementes estão caindo fora. Olhe, tio, ali!

Jônatas: Pois é, meu filho, sempre acontece isso. Algumas caem do outro lado da cerca, no caminho.

Menino: Quer que eu as pegue, tio?

Jônatas: Não, garoto, não perca tempo com isso... Deixe para os pardais que assim terão algo para meter no bucho, esses infelizes. Venha, ande, que daqui a pouco o sol se levanta e vamos suar pra valer. Lá, lá, larará...

Jesus: Depois, quando fiquei maior, andei pensando que há pessoas que se parecem com essas sementes que caem nas beiradas do terreno... Alguém lhes fala que é preciso trabalhar para que este mundo seja mais justo e isso entra por uma orelha e sai pela outra... São essas pessoas que não se preocupam com nada e com ninguém. Só pensam em si. Têm o coração duro e fechado como a terra dos caminhos... O Reino de Deus não pode nascer neles...

Jônatas: Agora é sua vez, Jesus. Vamos, sobrinho, enfia a mão nesse saco e pegue todas as sementes que puder e lance-as no ar como eu faço... Com força, caramba, parece que você não comeu hoje!...

Menino: Eu comi, tio! Tomei uma caneca de leite antes de vir...

Jônatas: Pois não parece! Vamos, atire longe as sementes! Assim! Não, para lá não. O que está fazendo?

Menino: Por que para lá não, tio?

Jônatas: Mas, seu pirralho, não está vendo aqueles espinhos? Se você semeia naquele lugar, as plantinhas crescem, mas os espinhos sempre crescem mais alto que elas e acabam afogando-as... Veja se aprende bem isso, ranhento. Vamos, não fique dormindo, que temos trabalho para um bom tempo ainda. Lá, lá, larárá...

Jesus: Quando cresci, fiquei pensando que o dinheiro, a vida cômoda são os espinhos que crescem ao nosso lado. Há gente que ouve falar de justiça e logo diz que sim, que querem fazer muitas coisas, e mudar o mundo e enchem a boca com palavras bonitas. Bem, até que lhes mexam no bolso. Até que lhes digam que têm de repartir o seu com os outros. Então eles murcham. Sim, vizinhos, o dinheiro é a praga que afoga o Reino de Deus.

Menino: Aqui, tio, olhe... Aqui não tem espinho. Me dê um bom punhado para semear nesta parte.

Jônatas: Sim, garoto, esta terra é boa. Mas não se engane. Depois vão dizer que eu sou desconfiado, mas é que já vi muita coisa, e é preciso andar com os olhos bem abertos. Venha cá, enfie uma estaca ali.

Menino: Onde, tio?

Jônatas: Ali, remove essa terra. Cavouque um pouco.

Menino: Espere um pouco, tio. Ui, aqui tem muita pedra! Olhe, tio, olhe quanto cascalho...

Jônatas: Está vendo, garoto, é preciso ficar esperto. As sementes que você jogar aqui nascerão e crescerão um tanto assim, mas logo, com o calor do verão, como não têm onde lançar raízes no meio dessas pedras, suas folhinhas vão murchando, murchando até secar. Vamos, sobrinho, deixe isso pra lá, que se não andarmos ligeiro, o sol vai nos queimar o cocuruto também... Lá, lá, larárá...

Jesus: Com o tempo, fiquei pensando que aquelas sementes que caíram no terreno pedregoso se parecem com os que começam a trabalhar por seus irmãos e põem mãos à obra com entusiasmo, e se esforçam. Mas logo, quando começam as confusões, quando os grandes começam a implicar, e a meter gente na cadeia. Quando a cabeça está em perigo, eles dão para trás, se acovardam e secam. Não tinham boas raízes.

Menino: E nesta parte, tio?

Jônatas: Aqui, sim, garoto, olhe bem... Olhe esta terra... Preta e fértil como aquela moreninha do Cântico dos Cânticos... Esta sim dará uma boa colheita!

Menino: Jogo as sementes, tio?

Jônatas: Mas é claro, homem! Com as duas mãos! Vamos, sobrinho, não seja mole! Semeie, semeie com vontade, caramba, que esta terra saberá ser agradecida, eu lhe garanto! Lá, lá, larárá...

Jesus: Essa é a terra boa e as pessoas boas. As que têm o coração grande, as que se metem na luta, embora tenham medo, as que arriscam seu bolso e seu pescoço, as que trabalham sem se cansar para deixar a seus filhos e a seus netos um mundo diferente deste. Essas são as que Deus precisa para levantar seu Reino!

Jônatas: Puff... Já não tem mais, garoto. A terra já tem sua semente. Agora é preciso cuidar dela para que não pereça... Dentro de alguns dias, se Deus quiser e a chuva também, tudo estará coberto de folhinhas verdes. E dentro de alguns meses, as mudas estarão deste tamanho e o sol e a água irão amadurecendo as espigas. Aí você vai ver, ranhento, como esse campo vai ficar bonito... Uns pés darão espigas de 30 grãos e outros de 60 e outros de até 100, sim senhor!

Menino: Eu virei com você neste dia, tio...

Jônatas: Pois é claro que sim. Vamos sair bem cedo, tomaremos um bom gole de vinho para ganhar forças e lá vamos nós, a meter a foice e colher como Deus manda!

Menino: E você vai me ensinar a cortar, tio?

Jônatas: A cortar e a cantar, pois estou vendo que você é um garoto disposto para o trabalho, mas com a música, parece que você não se dá muito bem. Vamos lá, limpe os ouvidos, abra bem as orelhas e cante comigo... Lá, lá, larárá...

Jesus: Sim, amigos, vamos abrir bem as orelhas e procurar entender a história do sementeiro! E que cada um olhe dentro de si para ver como é o seu terreno!

Quando Jesus acabou de falar, já era de noite. A maré começava a subir e movia suavemente a barca onde estávamos... Os vizinhos voltaram para suas casas cochichando pelo caminho... Nós voltamos ao embarcadouro e ficamos ainda mais um pouco falando e discutindo com Jesus... Ao final de um longo dia de calor, começava a soprar a brisa da noite sobre o largo e redondo mar da Galileia.

As parábolas são talvez os textos do evangelho nos quais mais fielmente podemos “ouvir” Jesus e “ver” o ambiente em que ele cresceu e no qual se formou. Nas parábolas em que se usam imagens agrícolas, vemos o camponês que foi Jesus, acostumado a observar o trabalho do campo e a participar dele desde pequeno. Semear lançando, como faz o tio Jônatas, embora algumas sementes possam se perder, pode parecer falta de jeito do

semeador, mas não é assim. A parábola do semeador descreve com detalhes o modo de semear usual na Palestina.

Esta parábola pertence - como a da semente de mostarda - ao início da pregação do evangelho. Contando essa história, Jesus manifesta sua ilimitada confiança em Deus que, apesar de todas as perdas e dificuldades habituais da semeadura, dará no fim ao semeador uma abundante colheita, ao menos em uma parte do terreno. E é tanta a certeza que Jesus tem de que assim ocorrerá e tão grande sua alegria pelo plano que Deus traz em suas mãos, que exagera enormemente os frutos finais: Fala de 30, de 60 e 100 por um sobre o que foi semeado. Na Palestina se considerava que, se se obtivesse 7 ou 5 por um da colheita, já era normal. 10 por um se considerava uma boa colheita. Ao falar da generosidade de Deus, Jesus exagerou muitas vezes suas comparações. É uma maneira de dizer que essa generosidade não tem limites e que Deus sempre nos surpreende com mais do que o esperado quando concluímos nosso trabalho.

Além de esta ser a parábola do “semeador infatigável”, é também a parábola “dos terrenos”. Uma antiquíssima tradição catequética, que os próprios evangelhos recolhem, tentou decifrar o significado de cada elemento desta história de Jesus. E a partir dela se fez um catálogo com quatro tipos de homens, conforme sua reação diante da mensagem evangélica (a Palavra). Nesta linha, o “escutar a mensagem”, não deve ser traduzido ou entendido como um simples conhecimento intelectual de Deus. Há pessoas que são muito “ortodoxas”, que dizem que “acreditam em tudo o que manda a Santa Madre Igreja”, mas daí não passam. De nada serve crer com a cabeça ou com a boca se não se vive a mensagem. E a mensagem evangélica repete que ninguém compreende a Deus, ninguém conhece nem aceita sua Palavra se não aceita o irmão, em particular o pobre (Tg. 2,14-23). O Deus cristão é aceito ou rejeitado através da atitude de justiça com que agimos. Medellín o formulou assim: “Ali onde se encontram injustas desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais, há um rechaço do dom da paz do Senhor, mais ainda, um rechaço do próprio Senhor” (Documento de Paz).

Neste episódio, Jesus concretiza assim o “escutar sua mensagem”: “Trabalhar para que este mundo seja mais justo”, “compartilhar o que se

tem com os outros”, “trabalhar pelos irmãos”, “arriscar o bolso e o pescoço”... São diferentes traduções da essencial fórmula bíblica “praticar a justiça”. Também os profetas traduziam em exemplos bem concretos o que era preciso fazer para ser fiel à palavra de Deus (Is 1, 10-20 e 58, 6-10).

(Mateus 13,1-23; Marcos 4, 1-9; Lucas 8, 4-8)

Capítulo XVII

DIZEM QUE ESTÁ LOUCO

A história das espigas arrancadas na fazenda de Eliazim, correu de boca em boca por toda a Galileia. Nosso grupo já era conhecido em Cafarnaum e as pessoas cochichavam sobre nós no mercado e na praça. Os mexericos andavam por todas as cidades do lago e, seguramente, chegavam também a Nazaré...

Suzana: Maria, Maria, comadre Maria!

Maria: O que foi, Suzana? E vocês? Mas, digam-me o que aconteceu? Algum dos meninos está doente, primo Simão?

Simão: O meu não. O seu! Não está sabendo ainda?

Maria: Sabendo de quê? O que aconteceu com Jesus? O que fizeram com meu filho?

Suzana: O que vão fazer se você não o amarrar com uma corda curta!

Maria: Mas, pelo santo Deus, digam de uma vez o que aconteceu...

Simão: Ele e esse grupo de baderneiros que anda com ele, invadiram a fazenda do Eliazim, o fazendeiro mais poderoso de todo o Norte... Você conhece o velho Ananias daqui, não? Pois esse é um gatinho manso diante de um leão, se comparar com o Eliazim!

Maria: Mas eles invadiram a fazenda para fazer o que?

Simão: Pois imagine só, prima Maria. Para arrancar espigas. Para roubar. Seu filho é um ladrão!

Maria: Mas, o que é isso...?! E o que vai ser agora?

Simão: É como você vê. E o pior não é isso. Para cúmulo de tudo, ainda o fizeram no dia de Sábado.

Suzana: E Jesus disse no tribunal que ele não cumpre o Sábado porque não tem vontade e as leis são para ele e não ele para as leis e que ele se limpa o nariz com as taboas de Moisés!

Maria: Não pode ser, não pode ser...

Simão: Está louco, Maria, seu filho ficou louco! Eu acho que desde aquela pedrada que o filho da Raquel deu nele, alguma coisa afrouxou na moleira de Jesus...

Suzana: Não, homem, não. A coisa começou quando ele foi ao Jordão para ver aquele cabeludo que batizava no rio. Foi aí que ele deu o escorregão. Eu bem que lhe avisei, Maria, esse moreno veio muito mudado de lá...

Simão: Dizem que ele falou que os de cima virão para baixo e os de baixo irão para cima. Está agitando os pobres contra os ricos.

Uma vizinha: Então não está louco, puxa vida! É bem isso que está fazendo falta por aqui, virar a torta de cabeça pra baixo!

Simão: Mas, na cabeça de quem passa gritar isso aos quatro ventos, heim? Eliazim foi ao quartel de Cafarnaum para denunciá-lo. E ele já foi fichado.

Suzana: Comadre Maria, você tem que fazer alguma coisa, e logo!

Maria: Mas eu não posso acreditar no que vocês estão dizendo: eu nunca ensinei essas coisas para o meu filho...

Vizinha: Pois então ele as aprendeu todas juntas quando saiu daqui!

Suzana: Dizem ainda que o viram pela rua dos jasmins, e você sabe, é onde moram aquelas tipinhas. Hum, hum...

Simão: Além disso, o viram embriagando-se na taverna do cais com Mateus, o publicano, maldito ele e maldito quem está perto dele!

Vizinha: E acho que ele deve ter alguma coisa com a mulher do Mateus, porque me disseram que ele vai muito àquela casa e fica lá até as tantas da noite, e que um dia ele disse...

Maria: Já chega, já chega! Não pode ser, Jesus não é assim. Deve estar doente.

Vizinha: Doente: Rá! Eu não sabia que sem-vergonhice era nome de doença!

Simão: O que tem é muita conversa e muita vagabundagem. Bater papo e não trabalhar, é isso a única coisa que ele tem feito desde que saiu daqui de Nazaré. É só ver: quanto dinheiro ele já lhe mandou, heim, Maria? Dez denários para as lentilhas? Não se preocupa nem com a própria mãe!

Suzana: Também não é assim, Simão, o que acontece é que...

Simão: O que acontece é que seu filho anda muito suspeito, prima Maria. Se não perdeu o juízo, perdeu a vergonha. E se ele não é um vagabundo, acabou se juntando com um bando de vagabundos, o que no fundo dá no mesmo. Você quer um conselho? Vai buscá-lo agora mesmo!

Suzana: Isso, Maria, vai buscá-lo e traga-o de volta a Nazaré. E não deixe mais que ele saia. Aqui ele se criou e que aqui fique. Você vai ver como logo abaixa essa febre de messias e de libertação e ele acaba voltando às suas ferraduras e aos seus tijolos. Isso agora é com você. Você é a mãe, não? Você ele há de respeitar. Vai buscá-lo em Cafarnaum.

Maria: Mas, Suzana, como vou andar sozinha por esses caminhos?

Suzana: Seus primos irão junto, não é mesmo, Simão?

Simão: É lógico, Maria, iremos com você. Vou avisar meu irmão Jacó...

Suzana: Eu também vou. E quando vir esse moreno, vou ajustar as contas com ele, você vai ver! Esse aí vai se lembrar de mim pelo resto da vida,

porque vou lhe dizer umas poucas e boas... Não, não, ele não tem direito de se portar dessa maneira!

Na manhã seguinte, antes que o sol esquentasse a planície do Esdrelom, o grupo de nazarenos se pôs a caminho de Cafarnaum para buscar Jesus. Iam seus primos. Ia Suzana, a comadre. Iam também alguns vizinhos que não queriam perder nenhum detalhe daquela pendenga. E, entre todos, engolindo as lágrimas, ia Maria, a mãe de Jesus, aquela camponesa pequena de rosto moreno.

Maria: Mas, por quê? Por que, meu filho, você me faz passar essa vergonha? Deus meu, por quê?

Simão: Não se preocupe, prima Maria. Por bem ou por mal a gente o traz de volta a Nazaré!... Fique tranquila. Deixe-o por nossa conta. Agora esse malandro vai aprender a obedecer a sua família, diabos! Eia, apresse o passo, Maria.

O caminho se lhes fez curto pela raiva que os impulsionava. Quando chegaram a Cafarnaum e atravessaram a Porta do Consolo, perguntaram na primeira casa do bairro...

Simão: Escute, dona, por favor... Onde está morando um moreno alto e barbudo, meio pedreiro e meio carpinteiro. Um que veio do interior, faz alguns meses?

Uma mulher: De quem vocês estão falando? De Jesus, de Nazaré?

Maria: Esse mesmo. Você o conhece, senhora?

Mulher: Mas é claro! E quem não conhece Jesus por aqui? Está morando lá, na casa de Zebedeu, perto do embarcadouro. A Salomé cuida dele melhor que uma mãe.

Maria: Pois sua mãe sou eu.

Mulher: Não me diga! E então? Veio visitá-lo?

Simão: Viemos buscá-lo. Nosso primo está meio biruta.

Mulher: Biruta não! O que acontece é que este moreno não tem papas na língua e diz a verdade ao rabino, ao fazendeiro e até ao governador romano se estiver na frente. Eu digo que ele é um profeta.

Um homem: Um o quê? Um profeta? Profeta esse camponês?

Outra mulher: É como dizem: de profeta a louco, só falta um pouco. Se vocês são a família dele, é melhor que o levem embora. Desde que esse bruxo chegou aqui, aconteceram coisas muito estranhas na cidade!

Mulher: Mas, o que é que você está dizendo, sua intrometida? Jesus é uma boa pessoa. Não curou o Bartolo, heim? Não se lembra mais?

Outra mulher: Curou? Por que você não diz esconjurou? O nazareno deve ter algum pacto com o diabo.

Mulher: Ah, é mesmo? E Caleb, o pescador? Não limpou a lepra dele? E não esticou a mão do fruteiro Asaf, heim? Pelas quatro asas dos querubins, esse Jesus é um bom curandeiro!

Homem: Curandeiro? Agora sim vou dar uma boa risada, uma gargalhada! Pelas oito patas desses querubins que você conjurou, eu lhe digo que a única cura que esse aí sabe fazer é roubar trigo em campo alheio. E se não, vai perguntar ao velho Eliazim!

Mulher: Mas você é um linguarudo mesmo! O nazareno é uma pessoa decente.

Simão: Decente ou indecente, nós somos sua família e vamos tirá-lo daqui agora mesmo e levá-lo para sua casa. Quem de vocês pode me dizer onde ele está?

Outra mulher: Venham comigo, eu os levarei até a casa de Zebedeu!

Homem: Ei, rapazes, não percam essa!... Corram, corram, isso aqui vai pegar fogo!

A notícia correu de porta em porta. As mulheres deixaram o fogão e a vassoura e se uniram aos nazarenos. Os homens sem trabalho que

esperavam na praça, se levantaram e também foram para lá. Os meninos, como sempre, iam na frente, brincando e alvoroçando pela estreita rua que cheirava a cebola e peixe podre...

João: Mas que balbúrdia é essa, caramba! Será que mataram o rei Herodes?

Uma mulher: Escute aqui, João, vieram buscar o forasteiro!

João: O que aconteceu? Vai ver que são os soldados que vieram com esse safado do Eliazim.

Homem: Soldado nada! É a mãe dele que viajou a pé desde Nazaré. E seus primos. Veio a família toda!

Jesus: O que acontece, João? Quem é?

João: Não está ouvindo o que estão gritando, Jesus? Que lá fora estão sua mãe e seus parentes.

Jesus: Minha mãe? Mas, o que será que aconteceu?

Mulher: Venha aqui fora, nazareno, estão procurando você!

Jesus: Mas que gritaria é essa? Morreu alguém em Nazaré?

Suzana: É você que nos vai matar de desgosto, Jesus. Parece mentira que você tenha feito isso com sua mãe.

Jesus: Mas, do que você está falando, Suzana? Mamãe, a troco de que esse alvoroço todo? Ficaram malucos?

Suzana: Você é que ficou maluco. Pode-se saber quem o ensinou a roubar trigo, heim? E a andar agitando o povo, heim? E a andar revolucionando os pobres contra os ricos, heim? E a andar se embriagando com os publicanos e visitando a mulherada, heim? Quem lhe ensinou a viver como um vagabundo e um perdulário, heim? Vamos, diga.

Simão: Deixe isso para depois, Suzana. Os trapos sujos da família a gente lava em casa. Venha, Maria, diga a seu filho que junte suas coisas, que

agora mesmo regressamos a Nazaré.

Maria: Jesus, filho, vamos. Volte com a gente para Nazaré. Seu primo tem razão. Desde que saiu de casa você só tem feito loucuras. Venha, vamos embora.

Mas Jesus não deu um passo. Nem sequer pestanejou.

Suzana: Você está surdo? Não está escutando o que sua mãe está dizendo?

Jesus: Minha mãe? Sinto muito, Suzana. Esta mulher que diz que aquilo que estamos fazendo é uma loucura, essa não pode ser minha mãe. O rosto parece dela, mas não pode ser ela. Minha mãe nunca fez conta dos mexericos. Minha mãe sempre foi valente, e me falou sempre de um Deus que quer ver todos os seus filhos de pé, com a testa bem erguida. Ela me ensinou a ser responsável sem me preocupar com o que dizem os outros. Essa mulher não é minha mãe. Estes tampouco são minha família. Não conheço nenhum deles.

Simão: Eu não lhe disse, prima Maria? Está avariando! Agora diz que não nos conhece!

Jesus: Não, de fato, não sei quem são vocês. Minha mãe e meus irmãos e minha família são outros, os que lutam pela justiça e não vocês que vêm estorvar essa luta.

Simão: Já chega de estupidez! Alguém de vocês tem umas cordas para me emprestar? Nosso parente ficou louco. E aos loucos não resta outro remédio senão amarrá-los!

Jesus: Está perdendo seu tempo, primo. A verdade não se amarra com cordas. A palavra de Deus é como o vento. Não existem correntes nem cordas que possam detê-la. E os mensageiros desta palavra devem ser livres também, livres como o vento. O que é preciso dizer, o diremos sobre os telhados. E o que é preciso fazer, o faremos em pleno dia.

Nem uma só daquelas palavras convenceu os nazarenos. Raivosos e despeitados ficaram ali, diante da nossa casa, decididos a continuar aquela

pendenga. A verdade é que naqueles meses e mesmo depois chamaram Jesus de tudo. E chamaram-no de louco. E também de bêbado, comilão e arruaceiro. Muitos não chegaram a entendê-lo nunca. É que quando o remendo é de pano novo, não adianta colocá-lo em tecido velho. E quando o vinho é muito recente não se pode colocá-lo em odres já usados.

Jesus escandalizou seus vizinhos na sinagoga de Nazaré quando lhes falou com tanta convicção do Reino de Deus e da libertação. Mas não foram só eles. Sua própria família - sua mãe, seus primos - não compreendiam nem sua atitude nem suas palavras. E acreditaram realmente que ele tivesse ficado louco. A liberdade com que Jesus violava as leis, se enfrentava com as autoridades e discutia sobre costumes antigos de seu povo, foi um escândalo para seus familiares, educados numa sociedade camponesa muito tradicional. Aquela liberdade não podia ser para eles outra coisa que uma perigosa loucura.

Marcos e Mateus, falam em seu evangelho dos “irmãos e irmãs” de Jesus. Inclusive dão os nomes de quatro desses irmãos: Simão, José, Judas e Tiago (= Jacó) (Mt 13,55). Com certeza a palavra grega empregada pelos evangelistas é “irmão”, mas em tradução literal desta mesma palavra em aramaico. Temos de levar em conta que na língua de Jesus este “irmão” abarca também parentes mais distantes: sobrinhos, primos segundos etc. Tanto é assim que quando o evangelho de João quer dizer que Pedro era irmão de André – filhos dos mesmos pais – ele o especifica acrescentando a “irmão” outra palavra que permite traduzir por “irmão carnal”, com o que não resta dúvida sobre o parentesco (Jo 1,41). Uma ampla quantidade de dados dos evangelhos e da tradição, de forma unânime, nos transmitiram que Jesus era filho único de Maria.

Neste episódio se apresenta Simão, um destes primos de Jesus. Assim como a oposição de Maria ao que seu filho está fazendo, é, sobretudo, emocional, fruto do temor de que ele corra perigo, a atitude do primo é mais ideológica. Simão é um homem pobre, mas interesseiro, que se move só por dinheiro, materialista, cético, que se nega a aceitar qualquer mudança, qualquer novidade e muito menos se quem as promove é alguém próximo e conhecido. O conflito, realmente sério, que Jesus enfrentou com sua família, há que realçá-lo também no ambiente de mexericos típico dos

povoados pequenos, onde tudo o que rompe o estabelecido é julgado com severidade e a falta de acontecimentos de importância, agiganta qualquer notícia.

O texto evangélico do enfrentamento de Maria com seu filho, foi apenas levado a sério. É bem pouco conhecido e não se prega a respeito dele. É, no entanto, um texto mariano de decisiva importância. Nos aproxima de Maria, nos faz ver nela a mãe que teme por seu filho, que não o compreende e inclusive se lhe opõe quando toma um caminho diferente do que ela havia desejado. Como qualquer outra mãe, Maria se angustia quando vê que as autoridades estão contra Jesus e tem medo de perdê-lo. Esta foi a Maria real. Maria fez um longo e difícil caminho de fé, no qual sofreu obscuridades e vacilações. O começo da atividade de Jesus em Cafarnaum foi para ela um momento especialmente difícil, que lhe custou aceitar. Tanto lhe custou, que três dos evangelistas dão conta deste conflito, embora saibam que, para seus leitores, pudesse resultar surpreendente ou escandaloso.

A família era uma instituição de grandíssima importância para o povo de Israel. Os vínculos familiares eram muito fortes, duravam toda a vida. A veneração e o respeito que os filhos deviam a seus pais, pertenciam à tradição mais arraigada no povo. E apesar de tudo isso, a fidelidade à causa da justiça é para Jesus a principal das obrigações. E a antepõe firmemente às razões familiares. Se este episódio põe em relevo a fragilidade humana de Maria, destaca também a liberdade que sempre caracterizou Jesus.

(Mateus 12, 46-50; Marcos 3, 20,21; Lucas 8, 19-21)

Capítulo XVIII

OS FILHOS DE EFRAIM

(Do Filho Pródigo)

Um par de lamparinas iluminava a casa de Pedro, enchendo de sombras as paredes. Naquela noite, como em quase todas, ficamos conversando depois do jantar e Jesus nos contou uma história, a história do velho Efraim.

Jesus: Sim, aquele homem tinha um coração do tamanho deste lago. Chamava-se Efraim e tivera seis filhos. As quatro primeiras foram meninas e os outros dois, homens. Sua mulher morreu quando nasceu o último. Efraim ficou viúvo e teve de trabalhar duro para tocar adiante com seus seis filhos. Ele tinha um pedacinho de terra à direita da colina de Nazaré. Ali suava da manhã à noite, arando e semeando. Trabalhava como um burro velho para que seus filhos tivessem todos os dias grãos-de-bico e pão.

Jesus: Passaram-se os anos, as filhas foram se casando e Efraim ficou com seus dois filhos varões, Rubem, o mais velho e Nico, o menor de todos.

Vizinho: Bom dia, Efraim! Como vai essa vida, vizinho?

Efraim: Pois é o que você está vendo, meu caro. Aqui, como sempre, suando em bicas!

Vizinho: Mas os meninos já vêm ajudar, não é mesmo?

Efraim: Claro que sim. O maior está agora enfiando o arado naquele pedaço. Já estamos quase no tempo da sementeira, vizinho.

Vizinho: Ah, esse seu filho Rubem é um grande rapaz, sim senhor. Com ele se pode contar. Mas o outro, heim? Que mau pedaço se saiu, não é mesmo?

Efraim: Bem, o pobre Nico.

Vizinho: Não o defenda, Efraim, não o defenda, que por aqui todos sabem de que pata manca esse seu outro filho. Ele só quer saber de correr atrás de rabo-de-saia. Um vagabundo e um sem-vergonha, isso o que ele é. Você devia falar sério com ele um dia desses. Endireita essa árvore enquanto é tempo. Ela está crescendo muito torta.

Efraim: Esse rapaz se criou sem mãe, vizinho. Eu tive de ser pai e mãe ao mesmo tempo, compreende? Eu o conheço bem. Não é um sem-vergonha, não. Acontece que ele anda um pouco desorientado.

Jesus: Naquela noite, Nico, o filho mais novo de Efraim, demorou muito a chegar em casa.

Efraim: Onde terá se metido? É estranho, seu irmão chega sempre para comer.

Rubem: É, para isso ele sabe chegar a tempo. É um cara de pau. Não dobra o lombo para trabalhar, mas come que nem um boi. Bem, papai, já acabei. Eu vou dormir.

Efraim: Eu não posso dormir antes dele chegar, filho. Vou ficar esperando mais um pouco!

Jesus: Nico chegou passada a meia noite. E seu pai, o velho Efraim, o estava esperando.

Nico: Viva a vida, viva o amor! Hip! Ei, papai, ainda está acordado? Hip!

Efraim: Filho, por que chegou tão tarde? Estava preocupado.

Nico: Ah, velho. A gente tem de viver a vida! Hip! Eu estava com uns amigos. Temos planos, sabe? A gente vai embora desse povoadinho. Isso aqui é muito aborrecido, papai. Muito aborrecido, aborrecidíssimo. Já não aguento mais.

Efraim: Mas, moleque, o que você está dizendo?

Nico: Que vou embora. Amanhã mesmo eu me mando. Não vou ficar aqui plantado que nem uma árvore. Quero conhecer o mundo.

Efraim: Nico, meu filho, você bebeu muito vinho. Não sabe o que está dizendo.

Nico: Escute, papai, eu sei que você tem aí guardado um dinheirinho da colheita anterior. Dê-me a parte que me toca. Eu vou gozar a vida. Viva a vida, viva o amor!

Jesus: Na manhã seguinte, o velho Efraim tirou de um buraco do pátio as moedas que havia economizado da última colheita e separou as que tocavam por direito a seu filho, que já tinha idade para reclamá-las. Embrulhou-as num lenço e lhe deu. Até o último momento confiava que Nico não iria.

Efraim: Bem, filho, se é o que você decidiu.

Nico: O que é isso, meu velho, não seja tão sentimental. O dinheiro não é para ficar escondido, mas para se gozar com ele.

Efraim: E para onde você vai?

Nico: Para qualquer lugar! Onde houver ambiente!

Efraim: Filho, mande-me alguma notícia sua com os mercadores que passam por aqui.

Nico: Mas ninguém passa por aqui, papai, isso aqui é um povoado morto. E eu estou até o nariz disso tudo, de você e de todos. Vou indo, papai, adeus!

Jesus: Efraim viu seu filho afastar-se pelo caminho, sem que volvesse uma só vez a cabeça. Seguiu-o com os olhos cheios de lágrimas até que ele se perdeu no horizonte, por entre as oliveiras do caminho.

Rubem: Maldição, papai! Você deu a esse vagabundo um dinheiro que ele não trabalhou!

Efraim: Seu irmão é livre, filho. Se ele queria ir. Eu não vou mantê-lo amarrado aqui como um boi. Ele não é meu escravo. É meu filho.

Jesus: No porto de Jafa, Nico começou a gastar o dinheiro que seu pai lhe havia dado. E assim passaram-se os meses. Quando não eram mulheres, eram bebedeiras e, quando não, apostas nos dados. Todo o dinheiro que Efraim havia economizado trabalhando como um burro de carga, seu filho desperdiçou em muito pouco tempo. Enquanto isso, em Nazaré, seu pai não deixava de pensar nele.

Vizinho: E então, Efraim? O de sempre?

Efraim: Sim, vizinho, aqui vamos indo, esperando. Qualquer hora dessas passam as caravanas do sul. Se meu filho viesse em uma delas.

Vizinho: Esse não volta mais, Efraim. Com todo aquele dinheiro que você lhe deu.

Efraim: Não tenho nenhuma notícia dele. É como se estivesse morto.

Vizinho: Isso mesmo. Considere-o morto e pare de sofrer! Esquece esse rapaz. Ainda lhe restam outros cinco e são bons. Esquece esse desatinado.

Jesus: Mas, pode uma mãe ou um pai esquecer-se do filho que criou? Pode deixar de preocupar-se com quem nasceu de suas entranhas? Efraim não esquecia seu filho, ainda que seu filho tivesse se esquecido dele.

Nico: Escute aqui, ô pançudo, traga outra jarra de vinho para cá, que minha garganta já está fazendo cócegas! Hip! E a menina aqui também quer continuar mamando, não é mesmo queridinha? Rá, rá, rá!

Jesus: Passou outro mês, e outro e mais outro. O dinheiro que Nico havia levado de Nazaré foi se acabando. Um dia apostou nos dados as últimas moedas que lhe restavam e perdeu tudo.

Nico: Maldita sorte, essa minha! Que diabos vou fazer agora, heim?

Jesus: Então procurou trabalho, mas não encontrou. Em Jafa as coisas não iam muito bem. A colheita tinha sido ruim naquele ano. Havia pouco

dinheiro e muita fome. Ao final, depois de muitos dias, um homem o contratou para cuidar de porcos a troco de um pagamento miserável.

Nico: Nojo de vida! De boa vontade comeria as Algarobas que dão aos porcos. Mas se o dono vir, me mói de pancadas! Pelos chifres de Belzebu, nunca tive as tripas tão vazias!

Jesus: E assim passaram-se várias semanas. Nico morria de fome enquanto os porcos engordavam. Estava sujo, fedia mais que os porcos e não fazia outra coisa que lamentar-se.

Nico: Eu aqui, feito um esfomeado e a essas horas lá em casa estarão comendo um bom prato de grãos-de-bico. Lá são pobres, mas não lhes falta comida. Tenho de voltar. Já não aguento mais isso. Direi ao velho: olhe, papai, sinto muito, me enganei, as coisas deram errado para mim. Diga-me o que quiser, pode gritar, fazer o que quiser, mas ajude-me. Acho que o velho vai amolecer e me dará algum dinheirinho. Sim, tenho de voltar.

Jesus: Ele decidiu voltar.

Efraim: Hoje faz quarenta luas que seu irmão foi embora.

Rubem: Olhe, diga seu filho. Esse não é mais meu irmão, para mim é como se já fizesse quatrocentas luas.

Efraim: Se soubesse onde ele está eu iria buscá-lo.

Rubem: Você gastaria dez pares de sandálias e não o encontraria. Esse seu filho morreu. Esquece dele, papai, esquece de uma vez.

Jesus: Naquela manhã, como em todas as outras há quarenta luas, Efraim foi ao caminho por onde passam as caravanas do sul, esperando notícias de seu filho. E quando o sol apareceu no horizonte, iluminando o caminho, o pobre pai viu algo que se movia lá longe. Alguém vinha vindo. O coração lhe avisou que aquele era seu filho, e o velho Efraim, como se fosse um menino, saiu correndo para recebê-lo.

Efraim: Filho, filho!

Jesus: Quando chegou onde ele estava, o abraçou e o beijou.

Efraim: Filho, filho, você voltou!

Nico: Papai, olhe, eu queria explicar.

Efraim: Você não tem de me explicar nada. Você voltou e essa é a única coisa que importa! Venha, vamos! Vizinho, ajude-me, a trazer a melhor roupa que há no baú e procure por aí o anel de casamento da mãe dele para que ele o ponha no dedo, e sandálias novas também. E você, rapaz, vai matar o bezerro que está engordando. E asse-o depressa. Ele tem fome. Está muito magro, precisa comer bem. Não estava morto! Está vivo! Estava perdido e eu o encontrei!

Jesus: Pouco depois, toda Nazaré estava na casa de Efraim. O velho havia corrido por todo povoado, avisando os vizinhos que Nico, seu filho, havia voltado, que estava ali outra vez.

Uma vizinha: E por onde você andou, seu sem-vergonha? Por aqui todos acreditavam que você havia saído do país.

Outra vizinha: Quantas namoradas você arranjou por aí? Mas, veja como seu pai está feliz hoje, olhe, Serafina, ele está dançando com dona Suzana!

Nico: De fato, nunca havia visto meu pai tão contente.

Uma vizinha: Ele o esperou todos os dias em que você esteve fora! Dizia sempre que voltaria!

Outra vizinha: E você voltou, rapaz, você voltou! Venha, vamos dançar comigo!

Jesus: Ao meio-dia, Rubem, o irmão mais velho, voltou do trabalho do campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e achou estranho.

Rubem: Ei, você, O que está acontecendo em minha casa, para tanto alvoroço assim?

Vizinho: Não está sabendo? Seu irmão Nico voltou! Há uma grande festa! Seu pai até mandou matar o bezerro cevado para comemorar! Venha, corra!

Jesus: Mas o irmão mais velho se aborreceu muito ao ouvir aquilo e não quis entrar em casa. Então foram contar a Efraim o que estava acontecendo e Efraim saiu correndo para buscar seu filho mais velho.

Efraim: Rubem, filho, Rubem, seu irmão voltou! Voltou são e salvo! Venha, entre, estamos todos esperando você.

Rubem: Mas papai, você sabe que este vagabundo gastou seu dinheiro com prostitutas, embebedando-se por aí, e ainda lhe dá o bezerro cevado para que ele o coma, e faz uma festa. Ficou louco, papai?

Efraim: Sim, filho, estou louco. Louco de alegria. Me diziam que seu irmão estava morto, e veja, está em casa outra vez. Nós o havíamos perdido e o encontramos! Como não ficar alegre? Se eu tivesse três bezerras, eu os teria matado também para comemorar ainda melhor!

Rubem: Claro, e eu que passei a vida toda junto de você, trabalhando e obedecendo-o em tudo, sequer ganhei um cabrito para comer com meus amigos.

Efraim: E por que você não me pediu, filho? Você sabe que tudo o que é meu é seu também. Você sabe que eu amo os dois igualmente.

Jesus: E o velho Efraim abraçou seu filho mais velho com a mesma alegria com que antes abraçara Nico. E entraram em casa. Rubem abraçou Nico e sorriu. Fazia muito tempo que não sorria. E poucos dias depois, quando suas irmãs e seus cunhados vieram de visita a Nazaré, Efraim teve todos os seus filhos ao redor da mesa, sem que lhe faltasse um só.

Jesus: Esta é a história do velho Efraim, aquele pai que tinha o coração do tamanho deste lago. Quem a entende, entende como é Deus.

Foi Jesus quem nos ensinou a chamar a Deus com o nome de Pai.

A parábola “do filho pródigo”, deveria melhor chamar-se a “do bom pai”, porque é o pai que ocupa o lugar de verdadeiro protagonista na história de Jesus. Esta parábola pertence ao grupo das que Jesus empregou para explicar aos que o ouviam: Assim é Deus. Os sentimentos que há no coração do velho Efraim – generosidade, paciência, capacidade infinita de perdão – são a melhor imagem dos sentimentos do coração de Deus.

Ao falar, Jesus não empregava uma linguagem abstrata de ideias e conceitos. Expressava-se com imagens. Nesta parábola – sem falar disso – Jesus diz como é o perdão de Deus. Ele o descreve com vários símbolos. Quando Efraim recupera o filho perdido, o veste com uma túnica nova. No Oriente, presentear alguém com uma roupa é sinal de grande apreço e, na linguagem bíblica, a veste nova é um símbolo de que chegou o tempo da salvação. Ele lhe dá também um anel e lhe calça sandálias. O anel é sinal de que se entrega ao outro total confiança; as sandálias são sinal de que o passado estava todo esquecido, sinal de plena comunhão. A partir de todas essas imagens Jesus descreve como Deus perdoa a quem se converte e volta para ele.

A parábola tem duas partes. Fala de duas atitudes diante desse modo de ser de Deus: a dos dois filhos. Para os dois, o pai é o mesmo: compreensivo, disposto ao perdão. Para os dois tem os braços abertos. Mas o filho mais velho não participa da alegria. Nunca fizera mal durante sua vida, mas tampouco havia compreendido quem era seu pai. Com esta história, Jesus está fazendo um convite aos que “cumprem”, aos que se acham bons e justos, para que se alegrem vendo como os que sempre estiveram fora – os irmãos menores – se sentam também à mesa e participam da festa. Para homens como o irmão mais velho, o evangelho é sempre um escândalo. Não só queriam que, por seus méritos acumulados – orações, cumprimento dos mandamentos, sacrifícios – Deus lhes desse em troca o céu, mas parece que lhes interessa e satisfaz mais que Deus o tire dos outros, dos maus, dos pecadores. É uma atitude tristemente frequente entre muitos que se chamam cristãos.

Jesus comparou Deus com o pai de grande coração desta história. E ensinou seus discípulos a chamarem a Deus com o nome de “Pai”, como ele sempre fez. Em todos os livros do Antigo Testamento se diz que Deus é Pai e que

age com seus filhos os homens, como um pai, mas em nenhuma ocasião alguém se dirige a Ele chamando-o de “Meu Pai”. (Existe a invocação “Pai nosso”, mas em orações coletivas, feitas em nome de todo o povo). A confiança imensa com que Jesus se dirigia a Deus, mais do que como “pai”, como “Papai” (= abbá), usando a mesma palavra aramaica com que os filhos se dirigiam familiar e carinhosamente a seu pai, é uma característica singularíssima de sua personalidade. Em toda a extensa literatura de orações do judaísmo antigo, não se encontra nem um só exemplo em que se invoque a Deus como “Abbá”, nem nas preces litúrgicas, nem nas preces pessoais. Neste ponto, Jesus não foi herdeiro da tradição de seus antepassados, mas abriu um caminho novo, inédito, cheio de conseqüências teológicas que nos permitem conhecê-lo mais profundamente e, por ele, conhecer definitivamente a Deus como nosso “papai”.

(Lucas 15, 11-3)

Capítulo XIX

DEPENDURADO PELO TETO

Por aqueles dias, a casa de Pedro era a mais visitada de Cafarnaum. Quando o sol se escondia por trás do Carmelo, nos reuníamos nela todos os do grupo e muitos outros do bairro para conversar sobre nossos problemas...

Rufa: Sim, está bem, muita justiça e que as coisas mudem e todos iguais, está certo... Mas, e o espírito, heim?

Pedro: Que espírito, sogra?

Rufa: Como que espírito? O seu, Pedro. O meu. A alma do homem. E se depois de toda essa confusão a gente morre e é condenado, eh, como fica então?

João: Mas, velha Rufa, e por que vamos ser condenados?

Rufa: Porque somos maus e temos pecados, puxa vida! E devemos nos preocupar de ter a alma limpa!

Um homem: Aqui o que temos de limpo são as tripas, com esta fome que está nos matando!

Pedro: Está bem, sogra. Deixe a alma para depois, porque primeiro é preciso colocar alguma coisa na pança, não acha? Eu lhe digo que o Messias vem com um saco cheio de grãos-de-bico para repartir com todos!

Rufa: Pois eu digo, Pedro, que o primeiro é ter as contas claras com Deus e depois haverá muito tempo para os grãos-de-bico. Não é, Jesus, tenho ou não tenho razão?

Jesus: Eu não sei, vovó, mas me parece que uma pomba precisa das duas asas para voar. Se tiver uma asa quebrada, não voa. E se é a outra, muito menos.

Rufa: O que você quer dizer com isso, Jesus?

Jesus: Eu creio que Deus não separa as coisas. Tudo vai junto, a alma e o corpo, o céu e a terra, o de agora e o de depois...

Naquela noite soprava um vento frio do Hermon, e Rufina, a mulher de Pedro, se pôs a preparar um caldo de raízes. Todos os vizinhos sentiram o cheirinho bom e vieram beber do pote. Pouco depois, a casa estava repleta de gente...

Um homem: O que é que estão dizendo, daqui não se ouve nada?

Uma mulher: Eu sei lá, é coisa de uma pomba que tem duas asas para voar e... Olhe aqui, pare de empurrar, senão... Mas olhe só quem vem vindo, os filhos de Floro... e estão trazendo o velho também!

Outro homem: E para que tiraram aquela raposa da sua toca, heim?

Rapaz: Queremos entrar. Nós o trouxemos carregado desde a outra ponta do povoado...

Outra mulher: Pois voltem por onde vieram! Não estão vendo a quantidade de gente por aqui?

Quatro rapazes jovens carregavam uma maca improvisada, feita com uma rede de pescar e dois remos de barco. Sobre ela vinha um velho muito magro com os olhos vermelhos e saltados, como os dos sapos. Era Floro, o paralítico.

Rapaz: Por favor, deixem-nos entrar!

Homem: Mas como vão colocar este aleijado lá dentro? Aqui não cabe nem uma pulga de lado! Vão, vão embora daqui!

Os filhos de Floro tentaram passar pela porta, pela cozinha, pelo pátio... Impossível. Havia gente demais. Mas Floro não estava disposto a voltar sem ver o rosto de Jesus. Foi então quando lhe ocorreu uma ideia...

Rapaz: A coisa está ruim, papai. É melhor a gente ir embora...

Floro: De jeito nenhum. Eu não vou sem ver o forasteiro.

Rapaz: Mas, papai, o que podemos fazer? Aqui não há quem consiga entrar...

Floro: Pois me coloquem por cima.

Rapaz: Como por cima?

Floro: Me dependurem pelo teto, caramba! Esses telhados são fáceis de levantar... Isso eu sei muito bem!

Os quatro rapazes tiraram os remos, envolveram o velho Floro na rede que lhe servia de maca, puxaram-no até o teto da casa e começaram a levantar os paus cobertos de barro amassado. Enquanto isso, Jesus continuava falando do Reino de Deus...

Jesus: Sim, sim, acontece com a pomba a mesma coisa que com uma barca sem os dois remos, e os dois têm de ir ao mesmo compasso para que a barca vá direito pra frente... Com o Reino de Deus é a mesma coisa, tudo vai junto, tudo...

Rufina: Mas, o que está acontecendo aqui? Pedro, por Deus, venha ver isso! Estão abrindo um buraco no teto! Pedro!

Pedro: O que está acontecendo, mulher escandalosa?

Rufina: Olhe, Pedro, há gente trepada no teto!

Pedro: Como no teto? que raios estão fazendo aí? Escutem, vocês, desçam imediatamente se não quiserem que... Mas, estão loucos? Traga-me a vassoura, Rufina, que eu vou quebrá-la na testa deles se não descerem daí...

Rufina: Ai, Pedro, aaaiii!

Foi questão de segundos. Os filhos de Floro escorregaram, a viga central se partiu e o teto de argila se afundou sobre nossas cabeças. Junto com os paus e a poeira do desmoronamento, apareceu no meio de todos, como um polvo apanhado na rede, o paralítico Floro.

Pedro: Mas, o que é isso que vocês fizeram? Animais, velhacos, safados, filhos da cadela de Jezebel! Me estragaram todo o telhado! Quem vai consertá-lo agora, heim?

Rapaz: É que o velho escorregou e...

Pedro: Maldição, eu juro que vão recolher esse barro com a própria língua!

Rapaz: É que os paus do teto da sua casa estão meio podres e por isso...

Pedro: Isso é assunto meu e não de vocês, seus patifes. E então, quem mandou trepar no teto dos outros, heim, heim?

Rapaz: Foi papai quem nos disse...

Pedro: Papai! Papai! É a esse arrepio da pele do diabo, que vocês chamam de “papai”? Vagabundo, porcaria de homem!

Jesus: Acalme-se, Pedro, a coisa não é para tanto...

Pedro: Como não é para tanto? Mas, onde é que já se viu gente cair do céu como cocô de passarinho, heim? Se caíssem em cima da sogra Rufa, a teriam matado!

Jesus: Está bem, mas não caiu...

Pedro: Olhe só para isso, tudo quebrado, janela, escada, tudo quebrado!

Jesus: Amanhã eu conserto isso, Pedro, fique sossegado. Tenho experiência em consertar telhados.

Rufina: E este velho tem experiência em destruí-los, não é, Floro? Não, não tenha pena desta raposa velha. Sabe como ele quebrou as pernas? Pulando cercas e trepando nos telhados para roubar... Seu grande sem-vergonha, vou moê-lo a pauladas!

Pedro: E pode-se saber por que demônios você pula pelo teto se há uma porta para entrar, heim? Fala, não fique calado agora. Você tem as pernas quebradas, mas a língua não...

Floro: Eu sou um aleijado.

Pedro: Um aleijado, sim, um aleijado, um bandido, isso o que você é. E esses seus quatro filhos, são ainda piores que você... Vamos, vamos ponham pra fora esse safado...

Jesus: Espere, Pedro, faça isso... Deixe-o falar primeiro. O que acontece, Floro, por que veio aqui? Por que fez isso?

Floro: Porque eu queria entrar. Então uma velha na porta me disse: “fora, fora daqui, não há lugar”. E eu queria entrar. E um outro me empurrou e disse: “fora, fora daqui, a casa esta abarrotada”. Mas eu queria entrar.

Pedro: E por que não ficou escutando pela janela como os outros?

Floro: Não, pela janela não. Eu queria ver de perto esse tal Jesus que veio para cidade e que cura os doentes... Tenho as pernas aleijadas.

Rufina: Sua doença está nas mãos, pedaço de ladrão! Nem mesmo Deus cura você, desgraçado!

Pedro: Olhe, Jesus, este velho, que você está vendo, é um ladrão de sete mãos. Agora já não pode fazer muita coisa, mas antes, quando podia andar... se eu contar você não vai acreditar!

João: O velho Floro roubou o candelabro da sinagoga sem apagar as velas!

Pedro: Se lhe faltar um denário, pode procurá-lo no bolso do Floro. Se lhe sumir o pão ou as azeitonas, é só procurar na pança do Floro ou na de seus filhos.

Uma mulher: Ladrão e bêbado!

Um homem: E jogador!

Rufa: E brigão!

João: Pro diabo com o Floro, as maldades deste velho são tantas quantos os filhos que ele tem!

Jesus: Isso que dizem, é verdade, Floro?

Floro: Sim, Senhor. Isto é verdade. Eu sou um sem-vergonha. Mas não se metam com os meus filhos. Meus filhos são bons.

Outro homem: Bons? Pois olhe que quando o Floro e seus filhos passam pelo mercado é como se passasse uma praga de gafanhotos! Arrasam com tudo!

Floro: Mentira! Meus filhos são honrados e decentes.

Jesus: Estes quatro são seus filhos, Floro?

Floro: Sim, Senhor, são os mais velhos. Dois pares de gêmeos.

Jesus: Você tem mais filhos?

Floro: Uhhh! Mais dez em casa. Tenho catorze.

Jesus: Catorze? Caramba, mais que as tribos de Israel!

Floro: É que minha mulher os pariu de dois em dois. Sempre gêmeos.

Jesus: E por que você roubava? Não tinha trabalho?

Floro: Sim, mas o que ganhava não dava. Catorze filhos, catorze bocas. Vão morrer de fome dizia minha mulher. Eu trabalhava de dia e roubava de noite. E não dava nem assim! Então me desesperei e maldisse a Deus. Sim, Senhor, cometi todos os pecados que a Lei proíbe. Eu não tenho perdão.

Sou um sem-vergonha. Mas meus filhos não. Eu os criei e os toquei pra frente. São bons e trabalhadores.

Um homem: Seus filhos são tão sem-vergonhas quanto você, velho mentiroso!

Floro: Não, não, não. Não digam isso. Eles não são como seu pai.

Outro homem: Filho de peixe, peixinho é!

Floro: Não, não, eles... Eles são bons. Eles são bons! Pode crer, forasteiro, meus filhos têm bom coração, não são como eles estão dizendo...

Jesus: Vamos, Floro, não fique assim. Acalme-se. Olhe, você tem confiança em seus filhos. E Deus tem confiança em você. No Reino de Deus todos têm um lugar, ainda que se pendurem pelo teto. Anime-se, Floro, Deus perdoa seus pecados. acredite no que lhe digo: Deus perdoa seus pecados.

O paraplégico olhou surpreso para Jesus, com aqueles olhos saltados e um sorriso grande, de orelha a orelha. Todos estranharam muito aquelas palavras que Jesus acabava de pronunciar...

Homem: Como é que você disse, forasteiro?

Jesus: Disse que Deus perdoou Floro.

Homem: E quem é você para dizer isso? Esse velho é um canalha. Não há perdão para ele!

Jesus: Você acha mesmo?

Homem: Tanta certeza quanto as pernas quebradas que ele tem!

Jesus: Escutem isto... Que coisa será mais fácil: dizer “seus pecados ficam perdoados” ou dizer “suas pernas ficam curadas”?

Homem: Nenhuma das duas. A primeira é uma blasfêmia. A segunda é impossível.

Jesus: Creio que você se engana, amigo. Para Deus nada é impossível. Não estávamos dizendo antes que no Reino de Deus tudo vai junto, a alma e o corpo...? Vamos, Floro, levante-se e volte para casa com seus filhos...

Então aconteceu algo inacreditável. O velho Floro se levantou do chão, esticou as pernas com naturalidade e jogou no ombro a rede e os remos que lhe haviam servido de maca... Olhou para todos, radiante de alegria e começou a andar. Até que saiu da casa de Pedro, seguimos seus passos com medo e assombro, maravilhados com o que havia ocorrido. Nunca havíamos visto uma coisa assim.

Os telhados das casas no tempo de Jesus, e ainda hoje em grande quantidade de moradias orientais, são planos, como terraços. Descansavam sobre uma base de vigas cobertas com ramos, sobre os quais se colocava uma camada de barro amassado. Nas casas comuns esta armação de vigas se fazia com madeira de sicômoro. Nos edifícios maiores tinha que ser empregada uma madeira muito mais forte. A do cedro, por exemplo. Esta forma de construção leve e provisória - o teto era levantado em tempo de maior calor - explica como o parálítico Floro pôde ser dependurado por cima, no interior da casa de Pedro. Os vizinhos que estariam reunidos naquele dia não ocupariam somente o espaço da casa, que era reduzidíssimo, mas se amontoariam no pátio comum que compartilhavam as pequenas moradias de várias famílias.

No pensamento religioso está muito arraigada a ideia dualista: Fala-se de coisas, de pessoas e lugares sagrados, e por outro lado se fala de coisas, pessoas e lugares profanos. Diz-se que o homem tem, por uma parte a alma (espiritual, elevada, digna de estima) e por outra, o corpo (material, de baixos instintos, o qual temos de dominar). Fala-se do material e do espiritual, do natural e do sobrenatural, para contrapô-los. Em tempos mais recentes pretendeu-se diferenciar, assim, a salvação, da promoção humana. (Ou a libertação em Cristo, da libertação temporal). O futuro que aguarda o homem também é visto como diferente e oposto ao presente: A terra e o céu; o mais aqui e o mais além. Na realidade, nenhum desses pares de contrários encontram base na mensagem do evangelho. As palavras e a atitude de Jesus romperam para sempre estas falsas divisões, proclamando que todos os homens são iguais - todos sagrados -, que Deus enche o

universo criado, e que a vida eterna começa a partir desta vida quando o homem opta por defender a vida de seus irmãos.

O milagre que Jesus realiza com o aleijado Floro é um sinal de que para Deus essas diferenciações não contam. Deus liberta o paralítico, de uma vez, de sua enfermidade e do peso de sua história de debilidades, de seus pecados. Para Deus - isso diz o sinal de Jesus - vão juntos a alma e o corpo. Para Deus interessa o homem todo. Diante do evangelho já não conta nenhum desses dualismos. Tampouco o dualismo na ação: quando os homens lutam para transformar a história de miséria e injustiça em uma história autenticamente humana, estão fazendo história de salvação, construindo o Reino de Deus ou, dizendo em outras palavras, estão começando o céu. O céu começa na terra. E a Deus o encontramos no homem.

Deus conhece a história pessoal de cada homem, de cada mulher. Conhece, por isso, as últimas motivações de seus atos e, como juiz justo, tem presentes todos os atenuantes que tem o “mal” que fizemos. A extrema necessidade - e esse é o caso de Floro, cheio de filhos a quem alimentar - é um grande atenuante para as debilidades humanas. Frente a Jesus, o paralítico “vê” toda sua história, a aceita como é, com todas as suas limitações, e a confessa sinceramente. Deus, por Jesus, também a vê e a aceita. Isto é, a perdoa, a limpa de todas as suas falhas e a enaltece: as contas ficam acertadas. Jesus é o mensageiro do perdão de Deus, um perdão sem limites, que leva alegria ao coração atormentado do homem.

Os milagres de Jesus não devem ser “lidos” como provas de sua majestade e do seu poder. O majestoso isola. O poderio nos faz tremer, nos atemoriza. Se os sinais que Jesus realizou entre seus patrícios tivessem esse efeito, tudo teria sido contraditório com o projeto de Deus, que quis precisamente aproximar-se de nós em Jesus. Cada um daqueles sinais tornou mais próximos de Jesus os homens pobres e humildes de seu povo, que viam nele um deles, um amigo a quem querer, um líder a quem seguir: os que se distanciaram - e não precisamente por sua admiração - foram os que acreditavam que com suas orações e suas leis tinham já Deus metido no seu bolso, e não suportaram que um camponês pobre falasse com tanta

intimidade das coisas religiosas e fosse capaz de pôr em pé a esperança de um povo prostrado por tantos sofrimentos.

(Mateus 9, 18; Marcos 2,1-12; Lucas 5,17-26)

Capítulo XX

JESUS E AS CRIANÇAS

No ambiente em que viveu Jesus, as crianças valiam bem pouca coisa. Os filhos, certamente, eram considerados como uma bênção de Deus. Mas a importância de um homem, seu valor pessoal, não era real até que não chegasse à maioridade. Do ponto de vista das leis e das obrigações e direitos religiosos, este pouco valor se descrevia incluindo as crianças nesta fórmula, habitual nos escritos da época: “surdos-mudos, idiotas e menores de idade”. Também apareciam citados junto com os anciãos, enfermos, escravos, mulheres, aleijados homossexuais, cegos etc. Do mesmo modo que Jesus teve uma atitude revolucionária diante da mulher, sua atitude diante da criança - tão relacionada com a mulher - foi surpreendente em seu tempo. Ele as fez destinatários privilegiados do Reino de Deus enquanto crianças, dando a entender que os pequenos estão mais perto de Deus que os adultos. Para ele, tinham valor não porque seriam adultos, mas pelo que já eram. Esta postura de Jesus não tem nenhum precedente nas tradições de seus antepassados. Ele foi absolutamente original.

A atitude de Jesus para com os pequenos não foi unicamente uma teoria, ou uma ideia no ar. Foi também uma prática. Jesus compartilhava com as crianças horas de brincadeira, risos, passatempos, sua linguagem, seus pequenos problemas. E neste compartilhar - sem ficar dando sermões nem dizendo muitas palavras - está a raiz do que deve ser a atitude dos adultos com as crianças. Uma atitude baseada no respeito à sua pequenez sem exigir deles o que não podem dar na sua idade. Ou, segundo a fórmula clássica de Paulo: Fazer-se criança com as crianças para ganhar as crianças (1 Cor. 9,23).

Os meninos próximos de Jesus não são os meninos dos santinhos: bem penteados, com túnicas sem uma mancha sequer ou um amarrotado, que lhe pedem piedosamente a bênção com cara de anjinhos. Os meninos do bairro

de Cafarnaum eram meninos de rua, acostumados desde pequeninos às necessidades e ao trabalho, meninos com nariz sujo e piolhos, com sandálias meio gastas, semelhantes em tantas coisas com os meninos de rua de nossas cidades, com nossos meninos camponeses gastos pelo trabalho e pela fome, muito antes que termine sua infância. Assim seriam os filhos de Pedro, os que teve Tiago ou qualquer outro discípulo de Jesus, homens que viveram em sua própria carne as preocupações e as alegrias de levar adiante uma família.

Quando Jesus fala aos adultos e lhes diz que para entrar no Reino de Deus têm de “fazer-se como meninos”, não está se referindo a recobrar a pureza das crianças (pureza como castidade). A ideia de que a criança é mais pura, neste sentido, que o adulto, era totalmente estranha ao pensamento israelita. Jesus se refere muito mais à atitude que devemos ter diante de Deus, que é um Pai que nos recebe em seus braços. Tornar a ser menino significa fundamentalmente aprender de novo a dizer “Abba”, isto é, “papai”, “papaizinho”. Jesus se dirigiu sempre a Deus com esta palavra, cheia de confiança, de carinho, de familiaridade. “Abba” é a palavra aramaica com que os filhos chamavam seu pai, a primeira palavra que balbucia o bebê. Falar com Deus com esta palavra significa ter lançado fora o temor de um Deus mau que leva em conta nossos erros. Significa ver em Deus um lar, um colo, um grande coração.

(Mateus 19,13-15; Marcos 10,13-16; Lucas 18,15-17; Mateus 18,1-5; Marcos 9,33-37; Lucas 9, 46-48)

Capítulo XXI

ACONTECEU EM NAIM

Naqueles tempos, foi grande a miséria em todo Israel. Como uma mancha de azeite que se espalha, a fome chegou a todas as cidades das margens do lago e a todos os povoados do campo, entrou nas casas dos pobres e ficou ali como amarga companheira de cada dia e de cada noite.

Noemi: Tome, filho. Contente-se com este pão e.

Abel: Contente-se, contente-se! Maldição de vida, trabalhar de sol a sol como um animal para isso, um pedaço de pão duro!

Noemi: Ai, filho, o que eu vou fazer se não tem mais que isso?! Estamos devendo para todo mundo, ninguém quer nos emprestar um centavo sequer, eu não posso.

Abel: Não é você, mamãe, não estou dizendo isso para você. É que ninguém aguenta mais isso. E amanhã acontece a mesma coisa, continuar a encher os armazéns desse maldito Eliazim, e voltar pra cá de noite para mastigar um pedaço de pão duro. Isto não é vida, maldição, isto não é vida!

Noemi: Abel, filho, não amaldiçoe assim, que Deus pode nos castigar.

Abel: E mais isso ainda! A gente passa uma vida desgraçada e ainda vem Deus para castigar-nos. Pois que nos castigue o tanto que quiser, que pouco me importa! Ao diabo com Deus e com Eliazim e com todo mundo. Ai! Ai! Esta dor!

Noemi: Filho, filho, o que há com você?

Abel: Nada. Não é nada, mamãe. Deixe pra lá, vou me deitar.

Noemi: Está se sentindo mal, filho?

Abel: Estou cansado, como se me tivessem moído a pauladas. e um frio pelo corpo todo.

Noemi: Ai, meu Deus, Senhor! Quando te lembrarás de nós, quando?

Uma vizinha: Deixe-me dar uma olhada, vizinha. Puxa, este menino está ardendo de febre. e está com uma cara nada boa.

Noemi: Ai, Santo Deus! O que eu faço agora? O que eu faço?

Vizinha: Não se desespere, vizinha. Olhe, vou agora mesmo pra casa e lhe preparo um chá de limão amargo e você vai ver como ele melhora.

Noemi: Você acha mesmo, vizinha?

Vizinha: Você verá que sim. Bem, e se não, o que vamos fazer? E você não se angustie, Noemi, que o que está destinado para alguém, nem Deus tira, nem o Diabo põe.

Naquela noite veio o médico.

Médico: O rapaz está grave, senhora. Estas febres negras enrijeceram todo o corpo dele.

Noemi: Faz dois dias que ele não diz uma palavra, doutor. Já nem sabe quem sou eu. Ai, meu filho, meu filho!

Médico: Não posso fazer nada por ele.

Noemi: Ele vai morrer?

Médico: Saber de morte é coisa de Deus e não de nós médicos.

Noemi: Se ele morrer, o que eu vou fazer? Ele é o único que eu tenho, o único.

O único filho que Noemi tinha era aquele rapaz. Fazia vários anos que seu marido havia morrido. Desde então, para criar seu filho, Noemi havia trabalhado no campo, tirando forças de onde podia. Suas mãos estavam cheias de calos e seu rosto, ainda jovem, cheio de rugas. Naquele ano, como em tantas outras casas de Israel, a fome havia chegado à casa de Noemi. E com a fome, a doença. Na madrugada daquele dia chegou a morte.

Noemi: Abel, filho! Abel! Abel!

Uma vizinha: Não chame por ele, Noemi. O menino está morto!

Noemi: Não pode ser! Não pode ser!

Vizinha: Conforme-se, mulher. Deus o deu, Deus o tirou.

Noemi: Mas eu precisava tanto dele! Era o único que eu tinha! Eu vivia para ele! Agora, para que vou querer viver? Para quê?

Vizinha: Conforme-se, Noemi, tenha paciência.

Noemi fechou os olhos de seu filho Abel e, ajudada por suas vizinhas, lavou seu corpo e o envolveu num lençol branco e limpo. Pouco depois apareceram por lá as carpideiras, aquelas mulheres que choravam nossos defuntos e avisavam a todos com seus cantos tristes a chegada da morte. Em todas as casas do pequeno povoado de Naim, ouviram-se seus gritos de dor. E os amigos de Noemi foram consolá-la e preparar o enterro de seu filho.

Uma vizinha: Ai, Noemi, e saber que o Abel estava até há uma semana atrás trabalhando com você no campo. Assim, tão de repente!

Noemi: Foi a febre negra. Faz quatro dias que caiu de cama e não se levantou mais. Ai, ai, meu Deus! Ai, meu Deus.

Noemi revolvava os cabelos e arranhava o rosto, chorando, sem consolo. Junto ao morto, as carpideiras faziam o mesmo. Alguns homens tocavam em suas velhas flautas a música triste dos velórios. Enquanto isso, outros preparavam a rede onde iam colocar o rapaz para levá-lo a enterrar.

Outra vizinha: É o destino, Noemi. O destino de cada um está escrito no livro do céu. Por mais que você chore, suas lágrimas não poderão apagar. Conforme-se.

Noemi: Estou sozinha agora! Fiquei sozinha! Não tenho marido que me dê outros filhos! Nem tenho outros filhos que me deem netos! Para que me servem meu ventre, meus peitos e minhas mãos? Para nada!

Vizinha: Conforme-se, mulher, é o destino!

Noemi: Por que? Por que comigo? Era o único que eu tinha!

Vizinha: As febres negras são febres muito más!

Noemi: Mas ele era muito jovem. Não tinha que morrer! Não tinha que ter morrido!

Vizinha: Conforme-se, mulher, conforme-se.

Por aqueles dias de fome, Pedro e eu fomos com Jesus até Nazaré. Jesus queria levar à Maria, sua mãe, um pouco de dinheiro e ver como estava. Antes de regressar a Cafarnaum, passamos por Naim. Ali vivia um primo de Jesus e Maria nos havia dado um recado para ele. Naim é um povoado pequeno, pegado à encosta do monte Gabial e guardado muito de perto pela altura do Tabor. Quando nos acercávamos de Naim, escutamos ao longe a música triste das flautas e os lamentos das mulheres.

Pedro: Maldição! Já é o terceiro defunto que encontramos por esses caminhos. Desde que saímos de Cafarnaum, não fazemos outra coisa que topar com enterros.

João: Deve ter sido outra vez essas febres negras. Deve ser uma epidemia.

Jesus: Que epidemia! É a fome, João, a fome. Os pobres estão morrendo de fome. Não houve colheita, os preços subiram, os impostos também. Como essa gente não vai morrer? E a isso chamamos febres negras.!

Pelo caminho que sai do povoado, o enterro se aproximava de nós. Na frente de todos, as carpideiras, vestidas de saco, golpeavam com força o

peito desnudo e arrancavam os cabelos enquanto gritavam angustiadamente. Atrás, sustentado em uma rede por quatro homens, vinha o morto. Ia envolto em um lençol branco. Então o vimos. Era um rapaz jovem. Não tinha ainda barba no rosto. Ao lado, a que devia ser sua mãe, com o rosto cheio de arranhões, chorava e rasgava as vestes levantando seus braços ao céu. Acompanhavam-na muitos homens e mulheres do povoado. Quando o cortejo passou perto de nós, nos unimos a ele.

Uma vizinha: Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Pobre Noemi! Pobre Noemi! Pobre Noemi!

João: Quem é o morto, mulher?

Outra vizinha: Abel, o filho da Noemi. Sua mãe é viúva já faz seis anos. Este era o único filho que tinha. Que desgraça! Morrer tão jovem!

Jesus: Este rapaz não tinha que morrer!

Vizinha: Claro que tinha de morrer! Foram as febres negras. Essa doença não perdoa. Ai, meu Deus! Ai, Senhor!

O cortejo ia pelo caminho estreito e empoeirado que ladeia a colina de Naim e sai ao fundo, onde ficava o pequeno cemitério.

Vizinha: Morreu esta manhã, quando o sol ia nascendo.

Jesus: Não morreu, mulher. Não diga que morreu. Diga melhor, que o mataram. Sim, sim. Quem matou este rapaz foram os que subiram os preços do pouco trigo que as chuvas nos deixaram! Mataram-no os que continuam se enriquecendo enquanto os filhos de Israel morrem de fome!

Os que iam ao final do cortejo, voltaram para olhar Jesus, que havia dito aquelas palavras, levantando sua voz por cima dos lamentos e das flautas. Naquele momento, a agitação foi se estendendo no meio daquele cortejo e, os que levavam o morto se detiveram também. Todos nos olhavam.

Um vizinho: Mas, o que estão gritando esses forasteiros aí atrás? Mais respeito, caramba!

Uma vizinha: Este homem disse que mataram Abel, que não foram as febres negras nem nenhuma outra febre, mas que morreu de fome.

Outra vizinha: E o que importa isso? O morto, morto está!

Noemi: Meu filho! Meu filho! Ai, meu filho!

Vizinho: Sigam em frente! Chega de conversa fiada! Vamos lá! Continuem tocando as flautas!

Noemi: Deus meu, por que o tiraste de mim? Por quê?

Jesus, sem dizer uma palavra mais, começou a abrir caminho entre os tocadores de flauta e os camponeses de Naim. Pedro e eu o seguimos. Quando chegamos junto à mãe do rapaz, Jesus se deteve e começou a rezar em voz baixa a ladainha pelos mortos de Israel. Ao seu lado, as carpideiras continuavam chorando, cumprindo seu ofício.

Noemi: Meu filho! Meu filho morreu! Era o único que eu tinha!

Vizinha: E vocês, o que está acontecendo com vocês que vêm estorvar o enterro?

Jesus se aproximou da mãe do rapaz.

Jesus: Vamos, mulher, não chore mais.

Os olhos de Noemi, rasos de lágrimas, deixaram de olhar o céu fechado e escuro e se voltaram para Jesus.

Noemi: Eu perdi tudo o que tinha! Tudo! Tudo!

Vizinha: Vamos, Noemi, conforme-se.

Noemi: Não quero que ele tenha morrido! Não quero, não quero, não quero.!

Jesus: Deus tampouco quer que seu filho tenha morrido. Deus tampouco se conforma.

João: Venha, Jesus, vamos sair daqui agora mesmo. Não podemos fazer nada.

Jesus: Não, João, deixe-me vê-lo.

Então Jesus se aproximou da rede onde levavam o rapaz morto e ficou olhando-o. Também ele tinha lágrimas nos olhos. As carpideiras rodearam o cadáver, com seus cabelos revoltos e seus gritos de dor. Não paravam de lamentar-se.

Jesus: Como se chamava seu filho?

Noemi: Abel, chamava-se Abel.

Jesus: Claro, Abel. A história continua se repetindo. Abel. Onde estão os Cains que o mataram? Até quando, Deus de Israel? Até quando estarás surdo ao grito de tantos filhos teus que morrem de fome? Até quando nossas mães chorarão seus filhos que morrem antes do tempo? O sangue deste Abel clama a Deus desde a terra. Este rapaz não tinha que morrer, não pode morrer. Abel, levante-se, Abel.

Jesus se inclinou sobre o rapaz morto, o tomou por um braço e o apertou a si. E Abel abriu os olhos muito grandes e assustados, como se despertasse de um longo pesadelo.

Noemi: Filho, meu filho.

Ao ver aquilo, os homens que levavam a rede a deixaram cair no chão e largaram a correr, enlouquecidos. Atrás deles, corriam também as carpideiras e os tocadores de flauta e os vizinhos de Naim. Corriam e gritavam espantados. Pedro estava branco como o pó do caminho e minhas pernas tremiam. Conosco só ficou a mãe que olhava seu filho com os olhos cheios de lágrimas, sem atrever-se a tocá-lo.

Noemi: Abel, Abel, meu filho.

Jesus parecia cansado, como quem acaba de lutar uma dura batalha. Em toda a Galileia soube-se muito depressa o que havia acontecido em Naim. E

as pessoas diziam: “Temos um profeta entre nós. Deus veio ajudar seu povo”.

A fome é um magnífico caldo de cultura para a maioria das doenças. Ao agravar-se a fome em épocas de seca ou de perda das colheitas, produziam-se autênticas epidemias (peste, febres), das quais não se sabia bem a origem nem muito menos o modo de combatê-las.

Naim é uma pequena cidade, situada a 15 quilômetros de Nazaré. Seu nome significa “Bonita”. Está situada nas encostas do Monte Gabial e guardada de perto pela altura do monte Tabor. Atualmente, uma pequena igreja franciscana recorda a passagem de Jesus por esta aldeia.

Os israelitas expressavam sua dor diante da morte com diferentes gestos. Rasgavam as vestes, soltavam os cabelos, golpeavam o peito, jogavam cinza na cabeça. Desde que se tinha notícia da morte de alguém, até o enterro do cadáver, chorava-se o morto com um pranto ritual, às vezes escandaloso. Não só o choravam seus vizinhos e parentes, mas também acorriam as carpideiras, que tinham por profissão chorar os mortos e, inclusive, recebiam dinheiro por fazê-lo. O velório e o enterro eram acompanhados por tocadores de flautas. As carpideiras choravam, gritando ou cantando as “lamentações”, que quase sempre começavam com um “ai”. Mesmo depois do enterro, esses lamentos se repetiam ao longo de sete dias, que era o tempo que durava o luto em Israel.

Quando Jesus responde a João Batista sobre o que está fazendo na Galileia, enumera cinco sinais da chegada do Reino de Deus: Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem e os mortos ressuscitam (Mt. 11,1-6). Todos eles são sinais dos tempos messiânicos. Lucas incluiu esse episódio no seu Evangelho. A boa notícia que Jesus veio trazer-nos é também esta: Deus se rebela diante da morte de seus filhos. Deus não aceita que a morte seja considerada um destino fatal. Ele é Deus de vivos e por isso luta contra a morte.

Neste episódio, o filho da viúva de Naim se chama Abel. É uma forma de indicar que se está falando de um “tipo” de morte. Abel, o segundo filho de Adão e Eva assassinado por seu irmão Caim, será sempre o tipo de homem justo assassinado injustamente. Também morrer de fome é morrer

injustamente, é um assassinato. Deus não quer que nenhum de seus filhos morra assim. O sinal de Jesus levantando Abel da morte não é, pois, um gesto de pura compaixão, mas a expressão firme de Deus que se rebela diante desta morte injusta e, como no Gênesis, continua nos perguntando hoje diante do faminto: “O que você fez com seu irmão?” (Gen 4,9).

Diante da morte por fome de milhões de homens, ninguém pode dizer: Não sou responsável, nada tenho a ver com este problema, eu não posso fazer nada. A fome é atualmente o problema número um deste mundo. Porque duas de cada três pessoas que vivem no planeta padecem de fome ou desnutrição em qualquer de suas formas. Atrás da fome, não vem somente a morte, mas uma longa lista de enfermidades – algumas hereditárias – e de problemas familiares incontáveis. Em muitos países se passa fome. Em uma sociedade onde a fome é uma estrutura que aprisiona a maioria, o Reino de Deus começará quando esta situação desaparecer e começar a abrir caminho para a vida por meio de uma boa alimentação. Se ser viúva e ver morrer o único filho é realmente uma situação extrema de dor, não existe socialmente situação de mais extrema injustiça do que a morte por fome em um mundo no qual uns poucos países se empanturram e estragam cada dia a comida, cegos diante da miséria de seus irmãos.

A morte é o final natural da vida. Sempre é mais dolorosa quando chega antes do tempo: quando alguém é jovem, quando nem teve a oportunidade de viver como um ser humano. Há países latino-americanos – Haiti, por exemplo – em que a expectativa de vida não passa dos quarenta anos. (Nos países desenvolvidos chega a setenta e cinco anos). Nos países do terceiro mundo pode-se afirmar que milhões de homens e mulheres morrem “antes do tempo”. Os que morrem de fome, ainda que morram em sua cama, são mortos-matados. Seu sangue, como o de Abel, clama a Deus desde a terra.

(Lucas 7,11-17)

Capítulo XXII

O CAPITÃO ROMANO

Cornélio era o capitão que comandava a tropa romana em Cafarnaum. Sua casa, muito grande, era sempre vigiada por soldados. Ali ia visitá-lo com frequência, Mateus, o publicano, que era amigo seu.

Cornélio: Mais vinho, Mateus?

Mateus: Sim, mais um pouquinho. Tá bom. É de Caná, não é mesmo?

Cornélio: Sim, de Caná.

Mateus: Escute, mas você não bebeu quase nada. O que é que há?

Cornélio: Estou preocupado, Mateus.

Mateus: O que está acontecendo? Esses zelotes estão preparando alguma conspiração?

Cornélio: Não, não é coisa de política.

Mateus: O que está acontecendo então? Precisa que lhe empreste algum dinheiro? Se quiser...

Cornélio: Não é isso, Mateus. Trata-se de... de Marcos.

Mateus: E quem é Marcos?

Cornélio: Um dos meus criados. Já está há dez anos comigo.

Mateus: E o que acontece? Está querendo servir a outro?

Cornélio: Não, está doente. Faz alguns dias que não se move nem come nada. Está com umas dores terríveis. Mandei chamar todos os médicos de Cafarnaum e dizem que é grave, que ele vai morrer. Não faço outra coisa que pensar nisso, Mateus.

Mateus: Pelo trono do Altíssimo, mas como pode se preocupar tanto por causa de um criado, Cornélio? Venha, coloque mais vinho, que estou com o copo seco.

Cornélio: É que eu o amo como a um filho, entende? Confio nele mais que em minha própria sombra. Não quero que Marcos morra.

Mateus: Pois, não sei não. Se ele tem uma doença grave. Não sei não. Escute... Talvez...

Cornélio: Talvez o quê?

Mateus: Nada, este vinho me meteu uma ideia na cabeça. Sei lá, ouvi dizer que Jesus, o de Nazaré, bem, você o conhece também. Dizem que é curandeiro. Ouvi dizer que limpou a carne de um leproso e que curou um louco e dizem. Bem, dizem também que lá em Naim até levantou a um morto da maca quando o levavam para enterrar. Isto eu acho que são histórias que o povo conta. Mas parece que o nazareno tem algum dom para curar. Existem camponeses que conhecem muitas ervas.

Cornélio: E... E daí?

Mateus: Peça que venha ver seu criado. Não custa nada tentar. O que você acha? Não me diga que é uma ideia idiota, pô!

Cornélio: Eu também pensei nisso à noite, Mateus, mas...

Mateus: Mas, o quê?

Cornélio: Esse Jesus é boa gente, mas... tem feito duras críticas aos romanos. Nós estamos sabendo. Temos espiões em toda parte. E esses com quem ele anda. Bom, já sabemos no que estão metidos.

Mateus: São uns agitadores e Jesus não fica atrás. Mas isso é farinha de outro saco. Não disse que se preocupava tanto com o criado? Pois diga a Jesus para vir vê-lo.

Cornélio: E ele? Ele vai querer vir, Mateus? Eu sou um soldado romano. Vocês judeus são muito fanáticos, não sei não.

Mateus: Bom, se você não se atreve a pedir-lhe que venha, então peço eu, pronto! Ele é meu amigo. O convidei para comer na minha casa e ele foi. Eu acho que ele pode ajudá-lo, Cornélio.

Cornélio: Sim, Mateus. Eu também acho.

Ao meio-dia, quando Mateus terminou de cobrar os impostos das caravanas do norte, foi ao bairro dos pescadores, junto ao cais, procurar por Jesus na casa do meu pai, Zebedeu.

Vizinhos: Publicano do diabo! Vai procurar sua turma, nojento! Traidor!

Como sempre, por estar cheio de álcool andava cambaleando. E como sempre também, o povo cuspiam por onde ele passava e o insultava. Mas o efeito do vinho lhe tapava as orelhas. Quando Mateus chegou à nossa casa, estávamos comendo.

João: Ei, você, nojento, o que está procurando por aqui?

Mateus: Procuo o Nazareno.

João: E para quê, se é que se pode saber?

Mateus: Isso é particular. Ele está aí?

Jesus: Estou aqui, Mateus. Qual é o problema?

Atrás de Jesus, saíram meus pais e Tiago com sua mulher. Na estreita rua, o povo também começou a se juntar. Queriam saber o que Mateus estava procurando no bairro. Meu pai, Zebedeu, foi o primeiro a levantar a voz. Depois a gritaria cresceu como espuma.

Zebedeu: Que faz você aqui, filho de uma cadela? Não se atreva a pôr o pé na minha casa!

Tiago: Aqui você não perdeu nada, bebum! Vai vomitar em outra esquina!

Vizinhos: Fora, fora!

Mateus: Vão pro inferno vocês todos! Eu vim procurar Jesus!

Zebedeu: Jesus, o que você tem a ver com esse tipo de gente, hein?

Jesus: Não sei o que ele quer, Zebedeu. Vocês não o deixaram falar ainda. Diga, por que estava me procurando, Mateus?

Mateus: Sim, você mesmo! E estes que vão se danar todos juntos!

Jesus: Bom, já chega! Qual é o seu problema, Mateus?

Mateus: Cornélio, o capitão romano, quer que você vá à casa dele.

Jesus: Para que quer que eu vá?

João: Isso é uma cilada, Jesus. Não confie nesse cara.

Mateus: O criado dele está doente. Quer que você vá vê-lo.

Tiago: Pros diabos com o capitão romano e com seu criado e com você!

Mateus: Sim, sim, agora está gritando, galego, mas quando foram construir a sinagoga, bem que todos vocês se lembraram do capitão para conseguir logo a permissão.

João: Isso já faz muito tempo!

Mateus: Sim, e no ano passado, aqueles presos. Então, foram chamar o capitão para os tirar daquela fria, hein?

Zebedeu: Cale a boca, nojento! Mal abriu a boca e já está lambendo as botas dos romanos! Fora, suma daqui antes que eu torça o seu pescoço

como a uma galinha! Não quero ver você passar nem na frente da minha porta! Suma daqui!

Mas Mateus, não se foi. Limpou a cusparada com a manga da túnica e olhou para Jesus.

Mateus: Então? Vem ou não vem?

Tiago: Mas é claro que ele não vai!

Jesus: Olhe, Tiago, eu tenho boca para responder, não é? Sim, vou com você, Mateus.

Zebedeu: Jesus, se você se atrever a pôr o pé na casa desse cachorro romano, não voltará a pô-lo na minha casa! Aqui você não entra mais! Esta á ouvindo? Entendeu bem?

Jesus e Mateus abriram caminho entre as pessoas e foram rua abaixo. Meu pai, roxo de raiva, deu um murro com a mão fechada na parede e entrou em casa novamente. Nós entramos atrás dele. Lá fora, o bairro inteiro ficou falando sobre o que tinha acontecido. O fuxico levou apenas alguns minutos para dar a volta no bairro dos pescadores.

A casa do capitão Cornélio era fora de Cafarnaum, junto ao quartel. Jesus e Mateus, seguidos muito de perto por um monte de curiosos, saíram da cidade e se dirigiram para lá.

Mateus: Detesto os seus amigos, nazareno.

Jesus: E eles detestam você, Mateus. Ódio gera ódio. Assim acontece sempre.

Mateus: Pois verá que isso que você diz não vale para Cornélio. Esses seus amigos o odeiam, mas ele sempre que pode os ajuda.

Quando já estavam chegando à casa do capitão, Cornélio saiu ao encontro deles. O povo se aproximou de Jesus e Mateus procurando não perder uma só das palavras que iam dizer.

Cornélio: Saudações, Jesus! Conseguiu convencê-lo, Mateus.

Mateus: Meu trabalho custou caro, senhor capitão. Esse velho Zebedeu me jogou sete maldições porque eu ia vir à sua casa. Disse não me deixará entrar outra vez na dele.

Cornélio: Zebedeu falou isso?

Mateus: Isso, mais uma cusparada que eu ganhei por lhe bater à porta.

Cornélio: E toda essa gente que veio com vocês?

Mateus: Os curiosos de sempre. Como aqui em Cafarnaum não tem teatro, eles se distraem com qualquer coisa.

Cornélio: Desculpe-me, Jesus, não pensei que ia lhe causar tantos problemas.

Jesus: Não se preocupe, Cornélio. E muito menos com Zebedeu. Cão que late não morde.

Cornélio: Também dizem: é melhor prevenir que remediar. Olhe, Jesus, não vale a pena que arrume nenhuma confusão por entrar em minha casa. Eu não valho tanto por isso. Como você vê, sequer me atrevi a ir procurá-lo.

Jesus: Mateus me disse que você tinha um criado doente.

Cornélio: Sim, Marcos. Você já curou muitos doentes. É o que ouvi dizer. Não posso fazer mais nada por ele. Está ardendo em febre. E pensei que...

Mateus: Cornélio quer que você cure o criado. Quer dizer, se você puder.

Jesus: Mas eu gostaria de vê-lo. Vamos...

Cornélio: Não, Jesus. Já lhe disse que não quero arrumar problemas para você. Veja, o Deus em que você crê – assim dizem vocês, judeus – é dono da vida e da morte. Se Ele der uma ordem à doença, Marcos ficará curado.

Jesus: Você acredita que é assim, Cornélio?

Cornélio: Bom, quando me dão uma ordem, eu tenho de obedecer. E eu também, quando digo a um dos meus soldados: venha cá, ele vem. E quando digo que vá, ele vai. Seu Deus não é o chefe de todos nós? Então você não precisa entrar. Dê uma ordem em nome desse Deus em que você crê e a doença obedecerá.

Quando Jesus ouviu o que dizia o capitão Cornélio, ficou admirado e se voltou em direção às pessoas que o tinham seguido.

Jesus: Puxa, esse homem que é um estrangeiro tem mais fé em nosso Deus que todos os que estão aqui!

Uma Mulher: O que disse, nazareno?

Jesus: Digo que um dia muitos virão de fora, como Cornélio, e se sentarão para comer na mesma mesa de nosso pai Abraão.

Um Homem: Escutem esta agora! Quanto será que o capitão lhe paga para que lhe faça esses elogios?

Jesus: Sim, escutem o que digo: eles entrarão. E muitos dos que estão dentro e se acham muito seguros, ficarão de fora.

Mulher: Mas, o que está dizendo este aí? Onde já se viu!

Homem: Passou para o outro lado, Jesus?!

Mateus: Pro diabo com esta gente! Se não armam uma confusão não ficam satisfeitos. Saiam daqui, arruaceiros e desordeiros, fora daqui, todos!

Mulher: Fora você, bebum traidor!

Jesus: Deixe-os Mateus. Vamos. E você, Cornélio, não se preocupe mais por seu criado. Deus lhe dará o que você espera Dele.

Cornélio voltou para casa entre os assobios e as vaias do povo. Então Jesus levantou a voz, muito irritado.

Jesus: Vocês têm olhos e não veem, têm ouvidos e não ouvem.

Homem: Que diabos que isso tem a ver? Esse capitão é um cachorro romano. E os romanos são nossos inimigos! E o que puxa o saco dos romanos é tão cachorro quanto eles!

Jesus: Vocês têm olhos e não veem, têm ouvidos e não ouvem.

Mulher: Lá vem ele de novo com essa ladainha! Você é que está cego, nazareno, você!

Homem: Cego não, vendido! Vamos ver se ele mostra o bolso, para ver quanto dinheiro lhe deu o capitãozinho!

Mulher: Abaixo Roma e abaixo os traidores!

A confusão durou ainda um bom tempo. Quando as pessoas se cansaram de gritar, regressaram a Cafarnaum levando o boato do que havia acontecido. Jesus voltou mais tarde, por outro caminho, ao bairro dos pescadores. Nós estávamos ali esperando. Enquanto isso, na casa do capitão Cornélio, a febre de Marco já havia baixado.

Embora Mateus não fosse funcionário do império romano, mas do rei Herodes – por ter seus postos alfandegários na Galileia – tinha muito boas relações com os soldados romanos. Era Roma quem mantinha Herodes no trono. Pela importância estratégica de Cafarnaum, havia na cidade uma guarnição romana sob o comando de um centurião. O centurião (capitão ou comandante em nossa linguagem) era a autoridade militar que mandava sobre a centúria, a menor unidade da infantaria romana (= 100 soldados). Os militares romanos eram vistos pelo povo israelita com o ódio com que as nações olham as tropas de ocupação que invadem seu país. Aqueles soldados eram os representantes do poderio imperialista de Roma, dona, naquele tempo, da maior parte do mundo conhecido. O orgulho nacional e os desejos de liberdade dos israelitas entravam continuamente em conflito com esses militares estrangeiros. Para os amigos de Jesus, que estavam muito influenciados pelo espírito zelota – marcadamente nacionalista e antirromano – este ódio e esta repulsa eram difícil de superar. Se a acolhida de Jesus ao publicano Mateus determinou o primeiro conflito sério no grupo dos apóstolos, a atitude aberta de Jesus para com o capitão romano seria seguramente motivo de outra grave discussão entre eles.

À margem da ocupação romana, o povo israelita foi – e ainda hoje é – um povo excessivamente nacionalista. A consciência que tinha de ser um povo eleito de Deus estava na raiz desse sentimento, que era na maioria das ocasiões excludente de outras nações e dele nascia o desprezo aos estrangeiros. No tempo de Jesus havia uma crença bastante generalizada de que quando o Messias chegasse, seria a hora de um grande juízo de Deus sobre todas as nações e então, haveria vingança contra elas. Jesus rompe absolutamente com estas ideias. No evangelho, o nacionalismo é substituído pelo universalismo. E, embora Jesus se relacione somente em ocasiões isoladas com estrangeiros – uma delas é esta – sua acolhida a eles é um sinal de que Deus não é de nenhuma raça, nem de nenhuma nação.

Neste episódio não se insiste tanto na cura do rapaz, mas no que significa para nossa fé: a necessidade de superar as barreiras nacionalistas.

(Mateus 8, 5-13; Lucas 7, 1-10; João 4, 43-54)

Capítulo XXIII

O TRIGO E A ERVA DANINHA

Naquela tarde, depois da pesca, todos nos reunimos em casa. A visita de Jesus a Cornélio, o capitão romano de Cafarnaum, fez ferver o nosso sangue. Durante umas boas de horas não fizemos outra coisa senão falar e falar sobre aquilo. Meu pai, Zebedeu, era quem mais estava com a língua mais solta.

Zebedeu: Podem deixar, quando ele chegar terá de ouvir poucas e boas, puxa vida, porque eu vou lhe dizer as sete coisas que ninguém lhe disse, porque esta vergonha eu não aguento, e não aguento porque é um desaforo, porque não estou disposto a dar abrigo em minha casa aos que vão lamber as patas dos cachorros romanos, que são tão cachorros quanto eles porque apoiam suas cachorradas, maldito seja!

João: Tome um pouco de fôlego, velho. Vamos, acalme-se.

Quando já era noite, Jesus se aproximou da porta.

Jesus: Zebedeu. Zebedeu, posso entrar?

Ninguém respondeu.

Jesus: Perguntei se posso entrar.

Zebedeu: Vai pro diabo, nazareno!

Jesus: Como aqui se sabe de tudo, suponho que já lhe contaram que não pus o pé na casa do capitão. Não cheguei a entrar. “Não manchei minhas sandálias pisando o pátio de um romano”.

Zebedeu: Mas o que você está pensando, moreno do diabo? Que pode ir e vir sem dar explicações a ninguém? Será que não sabe quem é esse Mateus, publicano almofadinha? E não sabe quem é Cornélio, esse capitãozinho? Que Satanás se ocupe dele e de todos os seus! Já faz seis meses que está morando em Cafarnaum e ainda não conhece esses vermes, heim? Vamos lá, responde!

Jesus: Creio que conheço melhor que você, Zebedeu.

Zebedeu: Melhor que eu, verdade? Pois então vai dormir na toca deles e roer os ossos com os traidores do povo! Eu não dou abrigo em minha casa aos camaleões como você que trocam de cor de acordo com o prato em que comem!

Jesus: Então... Não posso entrar?

Zebedeu: Entre, condenado, entre. Não vai ficar aí como um mendigo. Além disso, já estou com as tripas reviradas desde o meio-dia, quando esse porco do Mateus veio procurá-lo.

Jesus entrou na casa e nos olhou a todos. Depois se sentou no chão, com as pernas cruzadas. Nós esperamos que nos desse uma explicação. Mas ele não disse nada.

Zebedeu: Que coisa, Jesus, engoliu a língua?

Tiago: Jesus, como é que você explica: estamos todos os dias aqui discutindo o que se pode fazer para tirar esses romanos das nossas costas, e você vai, nada menos, que à casa do chefe deles, desse Cornélio, vai pro raio que o parta!

João: Um dia você disse que os romanos têm a espada posta no nosso pescoço e que as coisas têm de mudar, e hoje todo o bairro o viu junto com esse traidor do Mateus indo visitar o romano. E aí? O que é que há com você?

Zebedeu: Que o inferno o engula, Jesus! Não há quem o entenda! E, então, não vai abrir a boca?

Jesus: Zebedeu, esse capitão Cornélio não é má pessoa. Verdade!

Tiago: Não é má pessoa, caramba, mas é um romano! E isso é o bastante!

Jesus: Sim, é romano. E daí?

João: Como e daí? Os romanos são nossos inimigos.

Jesus: Cornélio é romano. Nós somos judeus. E os outros são gregos. E daí? Da fruta a gente não come a casca, mas a parte de dentro, não é? Esse capitão tem casca de romano. Mas há boa fruta dentro dele.

Tiago: Pois tenha cuidado para não se engasgar com essa fruta!

Zebedeu: Bobagens, Jesus, bobagens. Está parecendo que você tem muitas caraminholas na cabeça. Se dizemos que temos de acabar com os romanos, é que temos de acabar com eles! Não fique dando voltas no assunto!

Jesus: Mas veja, velho Zebedeu, para mim, vai acontecer com você igual ao que ocorreu com Tito e Abdón.

Zebedeu: Que Tito e que Abdón? Que diabos são esses?

Jesus: Esses eram os companheiros de Renato.

Zebedeu: Mas, de quem você está falando, peste?

Jesus: De Renato, um lavrador que tinha um pedacinho de terra por lá, detrás da colina de Nazaré.

Jesus: Quando chegou o tempo das chuvas, Renato semeou todo seu terreno de trigo.

Mulher: Então, velho? Cansado?

Renato: Sim, mulher, estou cansado. Mas contente. Espero uma boa colheita este ano, espere só pra ver.

Mulher: Poderemos comprar uma ovelha. Não é, Renato?

Renato: Uma ovelha? Não uma, mulher, mas quatro. E também uma cabra. Será uma boa colheita, você vai ver, vai ver.

Jesus: Mas Renato tinha um vizinho encrenqueiro que tinha muita inveja quando os outros estavam indo bem. E este vizinho se levantou à meia-noite e foi às terras em que Renato tinha semeado o trigo.

Vizinho: Re, re! Vou semear erva daninha na roça e estragarei toda colheita. E depois vou estourar de rir vendo a cara do imbecil do Renato, rá, rá, rá!

Jesus: E enquanto todos dormiam, aquele malvado se dedicou a espalhar sementes de joio no terreno do pobre Renato. Poucos dias depois brotaram as sementes e a terra começou a vestir-se de verde com as folhinhas novas. O trigo e a erva daninha começaram a crescer juntos. Então passaram por ali Tito e Abdón, os companheiros de Renato, e viram aquele desastre. E foram correndo contar a seu amigo.

Renato: Que foi, o que foi?

Tito: Abre, Renato, somos nós?

Renato: Mas, que ventos os trazem?

Abdón: Mas, ainda não percebeu, Renato?

Renato: Perceber o quê?

Abdón: Tem erva daninha na sua roça! Nós observamos bem, está saindo muito joio.

Renato: Como? Joio? Não pode ser. Eu escolhi bem a semente. Semeiei trigo de boa qualidade.

Tito: Pois o campo está infestado de erva daninha.

Renato: Demônios! Quem será que fez isso?

Abdón: Pois já pode imaginar. O que todos conhecemos.

Renato: Você acha que ele seria capaz de fazer uma coisa dessas?

Abdón: Pois é claro. É capaz disso e de muito mais. Esse seu vizinho é um safado.

Renato: Tenho vontade de agarrá-lo pelos bigodes e...

Tito: Agunte aí, Renato. Deixe disso. Olhe, não se preocupe. Amanhã mesmo, Abdón e eu vamos lhe dar uma mão. Juntos, nós três limparemos bem a roça. Arrancaremos todo o joio que está nascendo no terreno, e assunto encerrado.

Renato: Obrigado, amigos, obrigado. Conto com vocês.

Jesus: E na manhã seguinte...

Renato: Escute, espere aí, o que você está arrancando? Deixe eu ver.

Tito: É joio, olha.

Renato: Não, homem não, isso é trigo.

Tito: É joio, Renato, olhe bem!

Renato: Não seja imbecil, Tito, estou dizendo que esta folha é de trigo!

Tito: O que você acha, Abdón?

Abdón: Deixe eu ver. Não sei, é que se parecem muito uma com a outra.

Tito: Pelos calos de Abraão, digo que isto é joio, Renato!

Renato: Pois eu digo que é trigo, Tito, e que você está arrancando o meu trigo! Ufa! Um problema atrás do outro. Aquele vizinho me estragou a roça e agora vocês vão me estragar a colheita.

Abdón: Bom, Renato, e o que você quer que a gente faça?

Renato: Escutem, companheiros, vocês me perdoem. Eu lhes agradeço que tenham vindo. Mas, vamos deixar isto para outro dia, que acham? Porque enquanto não se vê o fruto, é muito difícil saber qual é trigo e qual é joio. Vamos deixar que cresçam juntos, que tal? E em breve, já será o tempo de separá-los. Assim, a colheita não se estragará. Somente que, no final, teremos mais trabalho para escolher as espigas boas e tirar as más.

Tito: Tem razão, Renato. Pior seria arrancar o trigo pensando que é joio. Agora é muito cedo para sabê-lo.

Renato: Quando chegar o tempo da colheita, eu avisarei vocês. Então se verá bem qual é trigo e qual é joio. O joio, queimaremos. E o trigo, guardaremos no celeiro. Certo?

Abdón: Certo, Renato.

Jesus: E se passaram os dias, e o trigo e o joio cresciam juntos. E quando chegou a colheita, Renato e seus companheiros separaram facilmente as espigas de trigo e as espigas de joio. Desta vez, não se enganaram. Souberam ter paciência e não se equivocaram.

Zebedeu: Então eu me pareço com Tito e Abdón, os companheiros desse Renato?

Jesus: Eu penso que sim, Zebedeu. Você disse: “Cornélio é joio, fora com ele! Temos de arrancá-lo!”

Zebedeu: Eu disse e volto a dizer!

Jesus: Pois veja você: Deus não é assim. Deus tem um pouco mais de paciência, porque sabe que os homens são como as plantas: se conhece pelo fruto. Se uma árvore dá bom fruto, essa árvore é boa, embora tenha a casca feia. Mas se o fruto é ruim, a árvore é má, embora tenha muito boa aparência. O que conta é o fruto, Zebedeu. Então, me diga uma coisa, você já viu alguma vez uma touceira de espinhos dando uvas?

Zebedeu: Não!

Jesus: E viu alguma moita de cardos com figos nos ramos?

Zebedeu: Também não!

Jesus: Então...

Zebedeu: Então continuo insistindo que Cornélio é um cachorro romano, e me diga com quem andas que eu te direi quem és!

Jesus: Claro, assim é mais fácil. Nós apontamos o dedo, lhe colocamos um letreiro no pescoço, na frente de todo mundo e pronto: vocês são os maus, nós, os bons. “Deus meu, que chova fogo do céu e queime os chifres de todos esses safados!” Mas Deus ri e diz: escute, e como você sabe qual é o trigo e qual é o joio? “Porque este é romano, e aquele é judeu, e este fariseu piedoso e aquele um revolucionário zelote, e este um saduceu vendido, e este outro, um sacerdote do templo!” E Deus recolhe todos os letreiros que levamos pendurados e os queima no lixo. Mostrem-me os frutos. Mostrem-me os frutos, e então conversamos. Não acha, Zebedeu, que temos de prestar mais atenção no que a pessoa faz do que no título que ostenta?

Zebedeu: Eu só acho uma coisa, Jesus!

Jesus: Que coisa, Zebedeu?

Zebedeu: Que esse capitão é romano! E que só de vê-lo já me revira as tripas! Assim, que eu acho muito ruim que tenha ido à casa dele! E continuarei pensando assim até o dia em que me fechem os olhos e esteja no fundo do lago comido pelos caranguejos!!

João: Vamos lá, pai, sossegue. Assim vai ter um piripaque. Vai com calma.

Jesus: Quando chegar esse dia, você entenderá tudo Zebedeu. Só no final é quando se veem as coisas claras. Isso de separar o trigo do joio é assunto de Deus, não nosso.

Meu pai, Zebedeu, continuou resmungando. E meu irmão Tiago também. E Pedro. E eu. Fomos até às tantas da noite discutindo com Jesus. Nenhum de nós entendeu então aquela história do trigo e da erva daninha.

O nacionalismo intolerante que tinham Zebedeu, seus filhos e, seguramente, a maioria dos discípulos de Jesus, os enchia de preconceitos. Nesse caso, em particular, preconceitos políticos contra as autoridades romanas e os colaboracionistas, como Mateus. Por sua condição social, os preconceitos dos amigos de Jesus não seriam nem de tipo moral nem religioso. Mas eram bastante intransigentes em questões políticas. Se o nacionalismo é entendido em um sentido excludente, de superioridade ou prepotência, pode ser um sentimento muito perigoso e estar em contradição com o universalismo cristão. O evangelho de Jesus é uma mensagem que tende a apagar as fronteiras entre as nações em favor de uma profunda solidariedade entre os homens.

Frente a esta intransigência, Jesus conta a seus amigos uma parábola. A parábola do joio e do trigo é um chamado à compreensão e à tolerância. Jesus os faz ver como é arriscado julgar antes do tempo e o quão útil pode ser a paciência até o momento da colheita. Na Palestina cresce uma variedade de joio, que é uma erva daninha muito parecida com o trigo. Quando está crescendo mal se distingue deste. Se – como conta a parábola – há muita erva daninha no campo por culpa do vizinho malvado, é perigoso arrancar o joio antes do tempo. É melhor esperar e, no momento da colheita, tirar o joio entre as espigas do trigo. Pois então é bem mais difícil de se enganar. É costume dos camponeses aproveitar o joio deixando-o secar e usá-lo depois para o fogo. A Palestina é uma terra pobre em matas e, portanto, escassa de material combustível.

Com esta parábola Jesus quer dizer que ninguém está capacitado para estabelecer claramente quem é quem, para pregar etiquetas e, com base nisso, discriminar aos demais. Os homens não podem ver dentro do coração e se pretendem classificar em “bons” e “maus” os outros, podem cair em grandes erros. Só nos filmes – e não precisamente nos melhores – está bem claro desde o início quem são os bons e quem são os maus.

A parábola se refere também ao juízo que Deus fará no final da história, quando será a hora da colheita e se saberá, sem erro, quem era trigo e quem era joio. E ao falar do juízo, Jesus fala também da paciência de Deus. Deus é paciente porque é bom, porque sempre dá oportunidades aos homens. E também o é porque é sábio, porque não cai na armadilha das aparências:

Julga o homem por sua atuação e não pelo cargo, vestimenta ou a função que tenha.

Durante muito tempo, nós cristãos evitamos compromissos concretos no processo histórico, esperando sempre ter bem claro quem é bom e quem é mau. Esta forma de agir indica pouco realismo e, além disso, orgulho. Pretendemos ser “deuses”. Só Deus é capaz de diferenciar realmente o trigo do joio e só no final separará um do outro. Enquanto isso, no meio da história, tudo está misturado. Os que não se comprometem com nada por causa desses escrúpulos de pureza são os mais condenáveis de todos. Não fizeram nada mal, certamente, mas deixaram de fazer o bem – muito ou pouco – e por isso terão de prestar contas.

(Mateus 13, 24-30)

Capítulo XXIV

A VENDEDORA DE FIGOS

Naquele dia, ao cair da tarde, Tiago, Pedro e eu estávamos com Jesus na taberna, perto do cais. Jogávamos dados, sentados no chão.

Tiago: Cinco e três! Esta rodada já está no papo!

Pedro: Um momento, Ruivo, que ainda falta eu! Passe os dados.

Jesus: Vamos, Pedro, defende a honra do filho de Jonas!

Pedro: Segurem a respiração, companheiros, que lá vou eu. Cinco e quatro! Ganhei!

João: Esse Pedro é problema! Parece que tira os dados da manga!

Taberneiro: Então, o que está acontecendo aqui? Quem está ganhando?

João: Por enquanto, o Ruivo e este Narigão. Mas dizem que quem ri por último ri melhor.

Taberneiro: Se beberem bem, melhor ainda! Ei, vocês, perdedores, não desanimem! Logo trago para vocês uma jarra cheia do melhor vinho galileu e poderão fazer um bom brinde! Para ter sorte com os dados no jogo, e com os peixes no lago, e com as mulheres na cama!

João: Esse Joaquim, sempre com suas histórias.

Melânia: Olha o figo, figo! Delícia de figo! Doce como o mel, olha o figo!

Tiago: E aquela com as suas.

Era Melânia, a vendedora de figos, quem chegara nesse momento.

Melânia: Olha o figo, figo, delícia de figo!

Tiago: Outra vez essa fulana por aqui!

Jesus: Quem, Tiago?

Tiago: Essa dona aí, dos figos.

Jesus: Eu sempre a vejo no mercado.

Pedro: E pelas ruas e por todas as esquinas! Se você se descuida ela se mete até no banheiro para vender seus malditos figos!

Melânia começou a dar voltas pela taberna com sua velha e suja cesta de figos na cabeça. Era uma mulher muito magra que sempre se vestia de negro. Anunciava sua mercadoria com a sua voz de taquara rachada e sorria de um lado a outro tentando encontrar um comprador para seus figos maduros.

Tiago: Farrapo de mulher! Olha como está acabada.

Jesus: Por que, Tiago? Que aconteceu com ela?

João: Ah, isso todo mundo sabe. Algo incrível, Jesus! Escute só, essa aí não é como as outras mulheres, que uma vez por mês têm seus incômodos. Ela desde há muitos anos está como o mesmo problema.

Pedro: Por isso que está acabada. E olhe que nenhum médico pode curá-la. Parece que a mulher tinha seu dinheirinho antigamente, mas gastou tudo indo de médico em médico. E nada!

João: Todos os curandeiros da Galileia a conhecem. Mas nenhum achou o remédio que lhe dê jeito!

Pedro: Mas ela, dá um duro danado com esses figos, para conseguir mais dinheiro e mais médicos.

Melânia: Olha o figo, figo! Delícia de figo! Doces como o mel, olha o figo, figo!

Tiago: Não, não queremos figos. Dá nojo os teus figos.

Melânia: Estão bons, moço. Olhe só... Cheios de mel. Olhe.

Tiago: Vai com os seus figos para outro canto! Não queremos.

Melânia: E você, forasteiro. Não quer prová-los?

Jesus: Não tenho um tostão furado, mulher.

Melânia: Escute, você não é aquele que...

Tiago: Caia fora, já disse! Vamos, chispa, anda!

A vendedora de figos continuou dando voltas na taberna. E nós continuamos rindo dela e de seus males.

Jesus: E não tem marido?

Tiago: Mas, Jesus, que homem vai arcar com essa calamidade? Essa não é mulher nem nada. Nem sequer serve para parir um filho.

Jesus: Mas, trabalhar ela trabalha. Pois ela passa o dia inteiro de lá pra cá com sua cesta de figos.

Pedro: Sim, claro, xeretando e metendo o nariz em todas as partes. Esse é o único trabalho que fazem as mulheres: conversar. Eu creio que Deus não as fabricou de uma costela, mas da língua de Adão! Ai, as mulheres! É que são muito frouxas, isso é o que eu lhe digo, se cansam fácil.

Jesus: Rufina não é frouxa, Pedro. Se não fosse ela, que seria de sua casa, heim?

Pedro: Isso sim, Ruffi trabalha, mas... Mas sempre anda se queixando. Sempre preciso fazer-lhe uns carinhos, você sabe. Se não, não funciona. Uma coisa eu lhe digo, as mulheres são palha que o vento leva.

Jesus: Não diria isso de Salomé. Salomé é uma mulher forte e esperta.

João: Bom, Moreno, essa é minha mãe. Isso é uma coisa à parte.

Tiago: As mulheres são fracas, caramba. Veja agora a menina do Jairo.

Jesus: Que tem a filha do Jairo?

Tiago: Pois, rapaz, essa menina já estava um brotinho. Estava se desenvolvendo muito bem, a condenada. Mas, veja você, o caso é que, faz uns dias, parece que a menina pegou um resfriado, e pronto: já está morrendo! Por um catarro de nada! É o que eu estou lhe dizendo, são frouxas.

Jesus: Como morrendo? Está mal assim?

Tiago: De manhã me disseram que de hoje não passava.

Pedro: É que as mulheres se partem mais fácil que as tiras das sandálias! Bah! Se devemos dar graças a Deus por alguma coisa, é por termos nascido homens! Não é assim?

João: Ouçam, a jarra já secou! Vamos à taberna do lado. Lá o vinho é melhor.

Tiago: Isso mesmo. Vamos fazer outro brinde. Porque tivemos a sorte de ter nascido machos! Venham, vamos!

Pedro: Boa ideia, esse vinho de passas já está me queimando a goela.

João: Vem, Jesus?

Jesus: Não, vão vocês se quiserem. Eu gostaria de ir ver essa menina.

João: Que menina?

Jesus: A filha do Jairo. Conheço o seu pai. É boa gente. Ele e sua mulher devem estar muito preocupados. Se a menina está tão mal...

Tiago: Bah, deixa isso para outro momento, Moreno. Estamos cansados.

Jesus: Cansados? Ah, eu pensei que os homens não se cansavam nunca. Se vocês não quiserem ir, não precisam. Eu vou.

Pedro: Está bem, vamos lá.

Muito a contragosto, nos decidimos a acompanhar Jesus. Quando saímos da taberna, Melânia, a vendedora de figos, estava outra vez ali.

Melânia: Olha o figo, figo, delícia de figo, doce como o mel!

Tiago: Lá vem ela com os figos! Não ouviu que seus figos nos dão nojo? Saia daqui!

Os olhos de Melânia, fundos e brilhantes, se voltaram para Jesus.

Melânia: E você, forasteiro?

Jesus: Já lhe disse que não tenho nem um centavo. Outro dia eu compro.

Melânia: Forasteiro, espere, me disseram que você tem mãos de médico, que curou algumas pessoas. Eu... Eu estou doente. Eu queria que...

João: Vamos, Jesus, não dê confiança! Caia fora com seus figos e nos deixe em paz!

Pedro: Escute, mas que gritos são esses?

As carpideiras de Cafarnaum, aquelas mulheres que tinham por ofício chorar pelos nossos mortos, atravessaram a rua correndo e lamentando-se com seus cabelos desgrenhados. Ao ouvir seus gritos, o povo saiu de suas casas e foi enchendo a rua.

Uma Mulher: É Jairo! Morreu a filha dele! Morreu a filha dele! Morreu a filha de Jairo!

Jairo era um dos encarregados da sinagoga de Cafarnaum. Todos nós gostávamos dele e, ao saber o que tinha acontecido, o bairro inteiro saiu

correndo para sua casa. Nós também fomos. E muito próximo de nós, ia também Melânia, a vendedora de figos. Na frente da casa de Jairo, as pessoas se apertavam para entrar.

Tiago: Essa mulher está nos seguindo desde a taberna, Jesus, reparou?

Jesus: Sim, reparei.

Tiago: É mais chata que uma mosca no nariz.

Jesus: É valente, Tiago. Não se importa que riam na cara dela. Sabe o que quer.

Tiago: E o que é que ela quer?

Jesus: Quer ficar curada. Só isso. Não tem marido, não tem filhos. Quer, ao menos, ter saúde.

Enquanto esperávamos para entrar na casa de Jairo, Melânia foi abrindo espaço aos empurrões e, por trás, começou a chamar a Jesus.

Jesus: Escute, mas, quem é que está me tirando da túnica?

Tiago: Quem poderia ser? Olha ali... a asquerosa!

Melânia tinha conseguido por fim se aproximar de Jesus. Olhava-o com esperança.

Melânia: Você pode me curar! Você pode me curar!

Jesus: Como você se chama, mulher?

Tiago: A chamam de “mija-sangue”! Ra, rá. Assim é como todo mundo a conhece.

Jesus: Agora ninguém mais voltará a chamá-la com esse nome, Melânia.

Fazia anos que aquela mulher não ouvia seu nome dito com tanto respeito e carinho. Fazia também muitos anos que não sentia tanta vida em seu corpo,

cansado pela enfermidade e pelo sofrimento. Quando se levantou do chão, parecia com uma árvore que desperta de seu inverno e começa a soltar suas flores.

Jesus: Vai em paz, mulher.

Nós a vimos seguindo pelo caminho cheio de gente, com a cabeça alta e firme, ligeira, como se tivesse asas.

João: O que aconteceu com ela agora, Jesus? Está louca ou o quê?

Jesus: Não, João, os loucos somos nós. A vida da mulher pesa tanto como a do homem na balança de Deus. Mas nós desnivelamos essa balança. Vamos! Vamos ver essa menina!

Entramos na casa de Jairo. Os lamentos e as choradeiras e a fumaça de incenso recém-queimado, enchiam o pouco ar que havia para respirar.

Um Homem: Afinal de contas, Jairo teve sorte! Sobraram todos os varões. Se alguém tinha de morrer, melhor que fosse a menina, não é mesmo?

Tiago: Isso mesmo, dos males o menor.

Pedro: Vamos daqui, Jesus. Esse lugar está sufocante. Além disso, a morto, morta está. Já não há mais nada a fazer, senão chorar. E já há mulher demais chorando.

Jesus: Não sei por que choram, Pedro. Essa menina não está morta, só está dormindo.

As pessoas que estavam perto de nós e escutaram Jesus dizer isso, começaram a rir.

Um Homem: Escutem, vejam só o que ele disse! Que a menina está dormindo!

Pouco a pouco, Jesus abriu caminho até o quarto onde a filha de Jairo estava estendida. Pedro, Tiago e eu fomos com ele. Ao lado da menina, sua

mãe chorava, arranhando o rosto e rasgando a roupa. Jairo, recostado contra a parede, levantou os olhos e viu Jesus entrar.

Jairo: Jesus... Está vendo... Aí a tem. Começava a viver e nós a perdemos.

Jesus: Não chores, Jairo.

Jairo: Não me importo de chorar. Os homens também choram. As pessoas me dizem para me consolar que me sobraram outros três filhos homens, que são as mulheres as que choram pelas mulheres, que, afinal, por uma menina... Mas eu... Eu a queria muito.

Jesus: Deus também a queria muito. Deus o compreende, Jairo. Ele também chora, o mesmo tanto quando morre um filho do que quando morre uma filha.

Jesus se aproximou da esteira e olhou devagar a menina. Parecia que ela estava dormindo. Ninguém diria que ela estava morta. Agachou-se e tomou a mão dela.

Jesus: Vamos, menina, acorde, levanta-se.

E como se tivesse saído de um sono profundo, a filha de Jairo se levantou e sorriu.

Nas leis civis e religiosas e nos costumes de Israel, a mulher era um ser inferior ao homem. As leis civis a igualavam ao escravo e à criança menor de idade, já que, como eles, devia ter um homem como dono. Seu testemunho não era válido em um julgamento, pois era considerada como mentirosa. Também era marginalizada no campo religioso. Não podia ler as Escrituras na sinagoga e não podia abençoar as refeições. Um detalhe da própria linguagem: as palavras hebraicas para “piedoso”, “justo” e “santo” não têm feminino. Supõe-se, pois, que uma mulher nunca pode ser o que essas palavras indicam. Existia uma oração, que se recomendava que os homens a rezassem todos os dias: “Louvado seja Deus por não me ter feito mulher”.

A exclusão da mulher da vida social era muito maior entre as classes altas e nas cidades grandes, que no campo e em povoados pequenos. No entanto, em todo país, a escassa importância que se dava a mulher, lhe era concedida por sua habilidade nas tarefas da casa. A mulher era apreciada fundamentalmente pela sua fecundidade. Uma mulher incapaz de ter filhos não tinha valor algum. Nesse sentido, naturalmente, era mais apreciada aquela que dava a luz a um varão que a uma menina. O nascimento de uma menina produzia, às vezes, indiferença ou tristeza. “Desgraçado aquele cujos filhos são mulheres!”, afirmava um ditado popular. Influenciados por esse ambiente, inculcado desde a infância, os discípulos de Jesus seriam machistas e menosprezavam as mulheres. Mais ainda uma mulher como a vendedora de figos que aparece nesse episódio.

Entre as mulheres das classes pobres era comum o ofício de vendedora. No caso de Melânia seria sua forma de sobreviver, pois como não dependia de nenhum homem, era mais desvalida do que qualquer mulher. Sua doença – o evangelho diz que ela era “hemorroíssa” – é a menorragia: uma menstruação irregular, que a fazia padecer de um fluxo contínuo de sangue. Além dos incômodos e da debilidade que uma doença assim produz, Melânia era uma mulher sempre “impura”, já que toda mulher era considerada impura durante os dias de sua menstruação (Lv. 15, 19-30). O caso da vendedora de figos era, pois, por muitas razões, um caso de extrema marginalização social: por ser mulher, por sua doença, por sua esterilidade, por sua solidão. Isto explica também a vergonha de se aproximar para pedir ajuda a Jesus. A ajuda que Jesus dá a Melânia ao curá-la e o milagre que faz sobre a filha de Jairo, são sinais de que para Deus não há diferença entre os sexos, de que o homem e a mulher são iguais. O evangelho é feminista, pois reivindica a igualdade fundamental da mulher em relação ao homem e a igual dignidade de ambos frente a Deus (Gl. 3, 28). Este é um dos aspectos mais revolucionários da mensagem de Jesus.

Somente levando em conta o machismo fundamental da sociedade do tempo de Jesus, se pode apreciar plenamente a novidade que significa o evangelho, a profunda surpresa que deve ter causado a atitude de Jesus para com as mulheres. Em muitos países, o machismo é um componente social que tem um peso enorme. O Reino de Deus chegará a sua plenitude só quando a mulher for apreciada ao lado do homem, tenha as mesmas

oportunidades e os mesmos direitos, só quando possa se desenvolver em plenitude como ser humano, sem nenhum obstáculo social, econômico ou religioso.

(Mateus 9, 18-26; Marcos 5, 21-43; Lucas 8, 40-56)

Capítulo XXV

UMA PERGUNTA QUE CHEGOU DA CADEIA

João, o profeta do deserto, continuava preso na cadeia de Maqueronte. O rei Herodes não se atrevia a matá-lo por medo de uma sublevação popular. Também não se atrevia a deixá-lo em liberdade por medo de Herodíades, sua mulher. E assim, João passou meses sem ver a luz do sol, apodrecendo numa masmorra úmida e escura, perto das montanhas de Moab...

Matias: Psiu! Carcereiro!

Carcereiro: Vocês outra vez!

Matias: Queremos ver o profeta.

Carcereiro: Mas vocês estão achando o quê? Vão pro inferno e deixem-me em paz!

Tomé: Que-que-queremos levar um po-pouco de comida ao pro-profeta João.

Carcereiro: Está proibido. A lei é a lei.

Matias: Cinco?

Carcereiro: Cinco! Hum! Arriscar a minha vida por cinco míseros denários!

Tomé: Uff... Te-te-te daremos sete. Certo?

Carcereiro: Malditos sejam. Está bem, passe as moedas. E você, infeliz, tome com cuidado! Qualquer dia cortam a metade da língua que lhe sobra!

E ligeiro, hein! Não quero problemas!

Matias: João, João, que alegria em vê-lo!

João Batista: Tomé... Matias... Que surpresa! Como conseguiram entrar?

Matias: Ora, não se preocupe, sempre se encontra uma alma generosa...

Tomé: Co-co-mo você está, João?

João Batista: Não muito bem, Tomé. A doença continua me corroendo por dentro. Estou cuspiendo muito sangue.

Matias: Trouxemos alguma coisas para você comer. Veja, não é muito, mas... E este xarope de folhas de figueira que uma comadre minha disse que é muito bom para os pulmões.

João Batista: Obrigado. Se não fosse por vocês, o que seria de mim? Acho que até Deus se esquece dos presos...

Tomé: Não fale assim, João. Di-di-diga o que vo-você precisa e faremos o po-po-possível para arrumar.

João Batista: Sim, quero pedir-lhes um favor. Algo muito importante para mim. Preciso... preciso saber se posso morrer tranquilo.

Matias: O que está dizendo, João? Tenha confiança. Herodes vai soltar você logo, logo. Tem de fazê-lo. O povo tem protestado muito e...

João Batista: As pessoas se esquecem do que não veem. E já faz muito tempo que não me veem.

Matias: Logo sairá daqui, estou certo disso. Voltará ao rio e o povo virá escutá-lo e você continuará batizando o povo de Israel.

João Batista: Não, Matias. Não... Esta doença acabará comigo antes. Estou me sentindo muito mal. Tenho os dias contados...

Tomé: Não di-diga isso, João.

João Batista: A morte não me assusta, Tomé. Quando comecei a falar de justiça, já sabia que isso acabaria... assim. Nenhum profeta morre na cama. Mas não me importa... Fiz o que tinha de fazer.

Matias: Fala, João. O que é que você quer pedir para nós?

João Batista: Lá no Jordão, conheci um galileu que veio se batizar. Quero saber o que aconteceu com ele. Se chama Jesus. E é de Nazaré... Ouviram alguma coisa sobre ele?

Matias: Sim. Os rumores sobre esse sujeito chegaram à Judéia e até a Jerusalém.

Tomé: Uns di-di-dizem que é um curandeiro.

Matias: Outros dizem que é um bruxo. Ou um agitador.

Tomé: Alguns di-di-dizem que é um novo pro-profeta.

João Batista: Para mim não importa o que as pessoas dizem, mas o que ele diz. Preciso saber o que está fazendo, o que pensa...

Matias: Quer que vamos vê-lo e trazer notícias dele para você?

João Batista: Sim, é isso o que eu quero. Vão para Galileia. Mas que ninguém fique sabendo. Seria perigoso para ele e também para vocês.

Tomé: Acho que-que-que ele vive em Cafarnaum.

João Batista: Pois vão até lá. E digam-lhe isso de minha parte: João, o filho de Zacarias, pergunta: Tenho os dias contados. Posso morrer tranquilo? Semei uma semente: Alguém a regará? Tinha um machado nas mãos. Alguém dará com ele o golpe necessário? Acendi uma luz... Alguém soprará a chama e acenderá o fogo? Digam-lhe que estou doente, e já não tenho mais forças nem voz para falar. Gritei, gritei anunciando o Libertador... Meu grito se perdeu no deserto?

Matias: Algo mais, João?

João Batista: Sim... Pergunte se temos de continuar esperando ou... ou se já veio aquele que tinha de vir. Oxalá não tenha me iludido em vão!

Tomé: Hoje mesmo vi-vi-viajaremos para Galileia.

João Batista: Vão agora. E prometo que não morrerei antes que vocês voltem.

Tomé e Matias tinham sido do grupo de discípulos de João, quando o profeta gritava no deserto, na margem do rio. Agora viviam em Jericó e sempre que podiam iam a Maqueronte para visitá-lo. Naquela mesma manhã saíram em direção ao norte, à Galileia dos gentios, para cumprir o desejo do profeta encarcerado...

Tomé: Te-te-temos de andar com cautela, Matias. As coisas vão mal.

Matias: E como vão! Na verdade, eu é que não queria acabar como João e que meus ossos apodrecessem num calabouço como aquele...

Tomé: Nem eu. Devemos falar po-po-pouco com esse Jesus. Só o necessário.

Matias: Bom, isso não vai ser problema pra você.

Passaram a noite em Pereia e depois em Decápole. E no terceiro dia, chegaram a Tiberíades. Margearam o lago e subiram até Cafarnaum...

Matias: Psiu... Amigo, por favor, sabe onde vive um tal Jesus, um nazareno?

Um Homem: O que-que-que dizem?

Matias: Não tenha medo. Somos de confiança.

Tomé: Queremos saber a-a-aonde está o nazareno?

Homem: Eu-eu-eu-eu...

Matias: Vamos, Tomé. Este está pior que você.

Perguntando aqui e ali, encontraram nossa casa. E Salomé, minha mãe, lhes disse que Jesus estava no cais, como todas as tardes, esperando que nós voltássemos da pesca... Tomé e Matias se aproximaram pelas costas...

Matias: Psiu... Ei, você...

Jesus: O quê? É comigo?

Tomé: Sim, é con-con-com você...

Jesus: E o que é que há comigo?

Tomé: Quem é você?

Jesus: Eu é que pergunto: quem são vocês?

Matias: Estamos procurando um tal Jesus, de Nazaré.

Jesus: Pois já o encontraram. Sou eu.

Tomé: Tem certeza de que-que-que é você?

Jesus: Até hoje tenho certeza. Não sei se amanhã mudarei de ideia.

Matias: Finalmente o encontramos. Viemos do Sul...

Tomé: De-de-de Jericó...

Matias: Quer dizer, viemos de Maqueronte.

Jesus: De Maqueronte?

Matias: Shh! Não grite. Podem nos ouvir. A situação está muito ruim. Como a Páscoa está próxima, há mais vigilância do que nunca.

Jesus: Mas, é verdade que vieram de Maqueronte?

Matias: Sim, de lá mesmo.

Jesus: São do grupo de João, amigos dele?

Tomé: Sim. Vimos o pro-pro-profeta João na cadeia.

Jesus: E como ele está?

Matias: Está bem. Bom, está mal. Está mais branco que uma lombriga depois de tantos meses sem ver a luz do sol. Um homem que era alto e forte como um cedro, agora está um farrapo. Acabaram com ele.

Jesus: Está doente?

Matias: Sim, muito doente. Cospe muito sangue. Não vai durar muito...

Jesus: Preciso vê-lo antes que morra. Tem alguma maneira de ir até lá e falar com ele?

Matias: Você não poderia entrar. Além disso, reconhecem logo que você é galileu. E os galileus estão muito manjados.

Tomé: Nós damos uns denários ao car-car-carcereiro e ele nos deixa passar e conversar uns minutos com o profeta.

Jesus: Eu tenho de ir lá. Preciso falar com João e perguntar-lhe algumas coisas.

Matias: João também quer perguntar algo a você.

Jesus: Vocês me trazem alguma mensagem dele?

Tomé: Sim. João man-man-manda-nos dizer-lhe: Tenho os dias contados. Po-po-posso morrer tranquilo?

Matias: Gritei anunciando o Libertador. Meu grito se perdeu no deserto? Temos de continuar esperando ou já veio aquele que tinha de vir?

Jesus ficou pensativo, com o olhar perdido nas pedras negras do cais...

Tomé: O que po-po-podemos dizer a João de sua parte?

Jesus: Digam-lhe que... que a coisa vai indo bem. Lenta, mas bem. Começamos aqui em Cafarnaum. Somos poucos ainda, mas... mas anunciamos o Reino de Deus, lutamos contra as injustiças e procuramos fazer algo para que as coisas mudem.

Tomé: E o povo, como reage?

Jesus: O povo está despertando. Os que estavam cegos, vão abrindo os olhos. Os que estavam surdos, vão abrindo os ouvidos. Os que estavam derrotados, sem esperança, se levantam e começam a andar. E os mais pobres, os mortos de fome, compartilham o pouco que têm e se ajudam uns aos outros. O povo está se pondo de pé, sim, o povo ressuscita.

Matias: Quem se uniu a vocês?

Jesus: Muitos. Desses que sempre estiveram por baixo, claro. Digam a João que no Reino de Deus os últimos são os primeiros a entrar. Os que não têm lugar em parte alguma, os doentes, as prostitutas, os publicanos, os leprosos, os mais pisoteados... Estes têm um lugar conosco...

Tomé: Não teve pro-pro-problema com a gente graúda?

Jesus: Sim, claro. Isso já se sabe...Quem procura acha...

Matias: E então?

Jesus: Então, nada. Seguimos adiante. Seguimos anunciando aos pobres a boa notícia da libertação. Que Deus está do nosso lado. Que a Deus revolve o coração ver como está este mundo torcido e quer endireitá-lo...

Matias: João se alegrará de ouvir todas essas coisas. Ficaré muito feliz.

Jesus: Digam-lhe de minha parte. Digam-lhe que o machado não perdeu o fio, que o fogo não se apagou, que sua semente dará o fruto a seu tempo. João entenderá. João é dos que sabem compreender o caminho de Deus. Tem bom olfato para isso. Estou seguro que ele não se desiludirá do que temos feito até agora. Nem do que ainda nos falta fazer.

Pedro: Ei, Moreno, já estamos aqui!

Matias: Quem são esses?

Jesus: São do grupo que lhe falei.

Pedro: Caramba, e estes seus amigos? Quem são, Jesus?

Jesus: Olhe só! Pra falar a verdade, nem perguntei o nome deles ainda...

Matias: Eu me chamo Matias.

Tomé: E eu me chamo To-to-Tomé.

Jesus: Sabe Pedro? Eles acabaram de falar com o profeta João, lá na cadeia.

Pedro: É mesmo? Ei, rapazes, digam logo, têm notícias do profeta João!

Matias: Por Deus santo, não grite, olhe que os guardas...

Pedro: Que os guardas vão à merda! Andem, vamos tomar uma boa sopa de peixe para que nos contem o que sabem do profeta João. Que viva o movimento!

Chegou André. Chegou Tiago. Chegamos nós da outra barca, com o velho Zebedeu. E todos nós fomos com Tomé e Matias para que nos contassem como estavam as coisas pelo Sul e por lá, na cadeia de Maqueronte.

Os evangelhos falam pouco do apóstolo Tomé. João é o que o cita em mais ocasiões, dá-lhe o sobrenome de “Dídimo” e o apresenta como um incrédulo. De Matias se sabe pelo livro dos Atos dos Apóstolos que foi eleito no lugar de Judas para completar o grupo dos doze, depois da ressurreição de Jesus. Nesse relato, Tomé e Matias aparecem como discípulos de João Batista, incorporados depois ao grupo de Jesus. Tomé é gago, ingênuo, um pouco cabeça dura e covarde. A personalidade de seu amigo Matias está menos definida.

João Batista, o profeta, que tanta influência teve sobre Jesus e que inspiraria decisivamente os primeiros tempos de sua atividade na Galileia, quer saber, desde as masmorras do palácio de Herodes em Maqueronte onde estava preso, o que está fazendo o galileu que ele tinha conhecido no Jordão. A

resposta que Jesus dá a seus mensageiros indica a consciência que ele já tinha de ser herdeiro da tradição profética de seu povo e, cada vez mais, a de estar construindo com seus amigos, com suas palavras e com sua atividade, o reino messiânico que João mesmo e os demais profetas haviam anunciado.

Foi na sinagoga de Nazaré onde Jesus anunciou pela primeira vez a mensagem de libertação a seus conterrâneos. Naquela ocasião Jesus descreveu os sinais que caracterizam essa libertação. Agora, depois de um tempo de atividade na Galileia manda que digam a João que o anunciado começa a se cumprir. Até aquele momento, a atividade de Jesus havia sido o que hoje chamaríamos uma tarefa de “conscientização”. Com sinais e com palavras, Jesus havia despertado entre os pobres de Cafarnaum e das aldeias, a esperança de sua libertação e a consciência de sua dignidade. O Reino de Deus começa precisamente quando no coração do Homem se abre caminho para certeza de que todos somos iguais, de que as diferenças entre os seres humanos são contrárias à vontade de Deus, e a partir desta convicção, o homem acha forças para lutar por um mundo justo e livre. Antes de passar a qualquer ação libertadora, o cristão tem de tomar consciência desta mensagem, essencial ao evangelho. Não há ação libertadora sem uma prévia conscientização libertadora.

O texto profético de Isaías no qual Jesus baseou sua missão (Is. 61, 1-2) falava de cegos, de surdos, de mortos... Uma interpretação que reduz os sinais do Reino Messiânico a simples e isoladas curas com as quais Jesus demonstrava quanto poder tinha, falseia o evangelho. Cegos eram os que não viam, os que Jesus – com sua capacidade de fazer com que o homem se supere – fez com que voltassem a ver. Mas cego é, também, o pobre que, mergulhado na injustiça e vítima dela, não vê como sair dessa situação e chega a se cegar, quando pensa que sempre foi assim, assim será sempre. Surdo é o que não escuta com seus ouvidos e mais ainda o pobre que não escuta as vozes que falam de libertação, porque sua dor o fez perder as esperanças de que tudo possa mudar. Surdo é o que acaba se tornando fatalista e passivo. Mortos estão os que nunca viveram uma vida humana e só suaram e choraram, oprimidos por outros homens que os trataram como animais. Quando estes cegos veem, estes surdos são capazes de ouvir e estes mortos se levantam de suas tumbas de miséria, o Reino de Deus está

chegando. Porque o evangelho é uma boa notícia de libertação. Uma libertação integral que irá mais além desse mundo, libertando-nos da própria morte, mas que começa já nesta terra.

(Mateus 11, 2-6; Lucas 7, 18-23)

Capítulo XXVI

DO JEJUM E DO PÃO NOSSO

Na Bíblia, o jejum aparece como uma forma de humilhação do homem ante Deus. Era praticado para dar mais eficácia à oração, em momentos de perigo ou prova. Havia dias de jejum, nos quais a lei religiosa determinava que todo o povo devia abster-se de comer, em memória de grandes calamidades nacionais ou para pedir a ajuda divina. Também se podia jejuar por devoção pessoal. No tempo de Jesus, essa prática estava ganhando cada vez mais importância. Os fariseus e os homens piedosos tinham costume de jejuar duas vezes por semana: às segundas e quintas-feiras.. O jejum, como outras devoções religiosas, foi criticado duramente pelos profetas de Israel. Tinha se convertido em uma espécie de chantagem espiritual pela qual os homens injustos pensavam conquistar a graça de Deus, esquecendo o essencial da atitude religiosa: a justiça. Com o culto, com incenso e orações, com duras penitências, buscavam obter méritos ante Deus e assim salvar-se. Os profetas clamaram contra esta caricatura de Deus e da religião e deixaram bem claro qual é “o jejum que Deus quer”: libertar os oprimidos, compartilhar o pão, abrir as portas das prisões (Is. 58, 1-12). Jesus consagrou definitivamente esta mensagem profética.

Uma equivocada ideia religiosa pode nos fazer crer que Deus gosta mais da gente ou nos concede mais favores se fazemos penitências. Às vezes, não há nisto má intenção. Quando o ser humano se sente doente, quando está diante de um grande problema que não sabe como resolver, quando tem medo, recorre ao céu. E como estas crenças, nascem as promessas (peregrinações, votos, rezas...), os sacrifícios (o jejum, outras mortificações do corpo, os cilícios, as flagelações...). Mas todas estas práticas refletem uma ideia de um Deus realmente horrível: Deus seria um sádico que só se aplaca com nossas dores, que só se abrandava quando nos vê sofrer. Este Deus não se parece em nada com o Deus da Bíblia, com o Deus de Jesus. Parece mais com estes ídolos de pedra diante dos quais os homens primitivos

sacrificavam animais para que o cheiro do sangue acalmasse a sua ira. O Deus de quem falou Jesus, o Deus a que ele chama “papai” não quer nos ver sofrer, não quer nos ver com medo, deseja que sejamos livres, nos compreende e nos espera. É um Deus que não se compra, quer que o amemos. Só pede de nós justiça e humildade: que não nos sintamos superiores nem inferiores a ninguém (Miquéias 6, 8).

Na primeira comunidade cristã, aceitou-se a prática do jejum como uma preparação para a eleição dos dirigentes da Igreja (At. 13, 2-3). Mas em nenhuma das cartas dos apóstolos se menciona o jejum. Depois, na civilização cristã, com o passar dos séculos, se impôs esse costume. Deve-se ter em conta que o jejum é uma prática habitual em muitas religiões orientais, como uma medida higiênica para manter a saúde. Considera-se que jejuar uma vez por semana pode ser benéfico para o bom funcionamento do corpo. Isto é recomendado por muitos médicos hoje em dia. A abstinência (deixar de comer carne e comer peixe em seu lugar), costume que durou até os nossos dias, tem uma origem mais econômica que religiosa. No século XII era necessário dar saída, nos mercados europeus, a grandes quantidades de peixe salgado que eram armazenadas nos mosteiros, os quais tinham o monopólio deste produto. Daí, a lei religiosa da abstinência. São só dois exemplos, mas indicam que sempre devemos analisar e tratar de saber de onde vêm estas práticas de penitência. Nenhuma delas tem suas raízes em Jesus. A mensagem do evangelho é exigente, mas não nestas coisas. Exige justiça, igualdade, liberdade. De Deus, Jesus ressalta a misericórdia com os pecadores e seu amor especial pelos miseráveis, jamais sua mesquinhez com relação aos méritos que podemos acumular. Jesus foi um homem alegre, a quem os que jejuavam acusaram de beberão e comilão. E nos disse que o Reino de Deus era semelhante a um banquete, a uma boda, a uma festa. Isto sim que é autenticamente cristão (Mateus 9, 14-17; Marcos 2, 18-22 e 4, 26-29; Lucas 5, 33-39).

Em várias ocasiões o evangelho se refere ao costume de Jesus de rezar no silêncio da noite (Lc. 5, 16). Jesus cumpria, com toda probabilidade, com as orações tradicionais em seu povo: Ao amanhecer, antes das refeições, na sinagoga aos sábados, etc. Mas não se limitava às “obrigações”. Falava como Deus de forma pessoal, à margem das leis litúrgicas, quando sentia

essa necessidade, quando tinha um problema, quando devia tomar uma decisão. Não rezava por obrigação, mas porque vivia uma relação com Deus que o impelia a falar com ele como se fala com um pai.

Ao ensinar a seus discípulos o Pai-Nosso, Jesus também se afasta do costume. As orações que rezavam os israelitas eram recitadas em hebraico. O Pai-Nosso é, ao contrário, uma oração em aramaico, a língua em uso, o dialeto que o povo falava. Jesus chama a Deus de “Abba”, palavra da linguagem familiar em aramaico. Isto indica que Jesus rezava a Deus em sua língua materna. E quando ensina os seus amigos a orar, lhes entregou uma oração comunitária em aramaico. Com isto, Jesus tirou a oração do ambiente litúrgico e sagrado onde preferencialmente a havia colocado o povo de Israel, para situá-la no meio da vida, no ambiente familiar e cotidiano.

Na língua materna de Jesus o Pai-Nosso soa assim: “Abba, yitqaddás semaj, teté maljutáj...” Jesus ensina a seus amigos a invocar a Deus como “Abba”, como “papai”, “papaizinho”. Usa a mesma palavra com a qual os filhos chamavam a seu pai. “Abba” é, por sua origem, uma palavra típica dos primeiros balbucios infantis. Em aramaico, o bebê começa a falar dizendo “abba”, “imma” (papai, mamãe). Nos tempos de Jesus usavam esta palavra não só os filhos quando eram pequenos, mas também os maiores, como sinal de confiança em seus pais. Mas para os contemporâneos de Jesus era inconcebível dirigir-se a Deus com esta palavra tão comum. Era considerado um desrespeito. Não devemos, porém, considerar que para Jesus “Abba” era uma palavra vulgar. Ao contrário, era um termo muito importante. Quando diz a seus discípulos que não chamem ninguém de pai (Mt. 23, 9), não se refere ao pai carnal, mas indica que não se deve abusar de uma palavra tão significativa. “Pai”, “Abba”, deve ficar reservado, fora do familiar, só para Deus.

O Pai-Nosso, como oração, mais que uma fórmula fixa, reúne umas palavras nas quais se resume uma atitude de vida. Das duas versões que dão os evangelhos (Mt. 6, 9-13 e Lc. 11, 2-4), a de Lucas é a mais antiga e a que conserva as palavras mais originais de Jesus. O Pai-Nosso é uma oração que ressalta a atitude de confiança total em Deus: Podemos chamar a Deus

“Abba” porque temos a certeza de que somos seus filhos e que Ele nos ama. (Rm 8, 15; Gl 4,6).

No Pai-Nosso é central a ideia do perdão, porque toda a oração orienta o coração de quem reza para o futuro: para o Reino que vem, para a justiça de Deus no dia final do ajuste de contas, para o pão definitivo que saciará toda fome. Nesse momento, só Deus e só o perdão poderão salvar os homens. Toda a oração pede que chegue logo o reino de igualdade, de justiça, de liberdade, o Reino de Deus. Repetir uma e outra vez o Pai-Nosso sem se aprofundar nestas atitudes, falseia a mensagem de Jesus, tão oposta às orações rotineiras, ditas com a boca e não com o coração. Na oração de Jesus, o pedir pelos outros foi muito importante. Assim consta várias vezes nos evangelhos (Lc. 22, 31-32; Jo. 14, 15-16). Embora não pareça à primeira vista, isto é muito significativo. Em Israel não era frequente o costume de que uns pedissem pelos outros. Interceder pelos demais era típico do profeta, do homem que sentia, de forma especial, responsabilidade e preocupação pelos problemas de seu povo. Essa forma de oração de Jesus indica a consciência que estava amadurecendo nele e que o aproximava cada vez mais da herança dos profetas de Israel. Em geral, Deus era visto na oração como um rei distante. Rezar era entendido como uma forma de render-lhe homenagens. E assim como diante dos reis tinha-se que cumprir com todo um cerimonial, assim também na oração. Por isso se tendia a usar fórmulas fixas, solenes, estabelecidas por antigas tradições.

Naturalmente, a oração estava também ligada à ideia de mérito. Entendia-se que rezando se conseguiam favores de Deus. E se se recomendava a oração comunitária era, sobretudo, porque assim chegava com mais força ao céu. Quando Jesus busca na espontaneidade da criança, em sua simplicidade, em sua insistência confiada, o modelo de nossa oração, está revolucionando a ideia de oração que tinha Israel e as religiões dos demais povos.

(Mateus 6, 5-15; Lucas 11, 1-4)

Capítulo XXVII

NA CIDADE DO REI DAVI

Ainda era muito cedo quando nos pusemos a caminho. Atrás de nós, o sol começava a acariciar o lago redondo e azul da Galileia que refletia os primeiros raios. Junto com ele, preguiçosamente Cafarnaum despertava do sono. Mas não volvemos a cabeça para dizer adeus à nossa cidade. Só tínhamos olhos para Jerusalém. A alegria da Páscoa enchia nossos corações e nos fazia andar depressa.

Pedro: Vamos, companheiros, amarrem bem as sandálias e firmem seus bastões, pois ainda temos três dias de estrada pela frente!

Na primeira noite acampamos em Jenin. Depois, tomamos o caminho das montanhas até Guilgal. Logo seguimos pelas terras secas e amareladas da Judéia. Nossos olhares saltavam de colina em colina buscando algum indício da cidade santa para onde estávamos indo. Subitamente, todos nós demos um grito de alegria.

João: Corram, corram, já dá pra ver a cidade!

Num certo ponto da caminhada, à altura de Anatot, apareceu resplandecente à nossa frente. Sobre o monte Sion brilhavam as muralhas de Jerusalém, seus palácios brancos, suas portas reforçadas, suas torres compactas. E no centro, como joia maior, o templo santo do Deus de Israel.

Pedro: Que viva Jerusalém e todos os que vão visitá-la!

Jerusalém, cidade da paz, era a noiva de todos os israelitas: capital de nosso povo, conquistada pelo braço astuto de Joab mil anos antes, onde o rei Davi entrou dançando com a Arca da Aliança e onde o rei Salomão construiu, mais tarde, o templo de cedro, ouro e mármore que foi admirado por todo mundo.

As últimas milhas de estrada, seguimos em caravana com muitas centenas de peregrinos que vinham do Norte, da Pereia e da Decápole, para comer o cordeiro pascal em Jerusalém. Entramos pela porta do Peixe. Junto a ela, erguia-se a Torre Antônia, o edifício mais odiado por todos nós: era o quartel general da guarnição romana e o palácio do governador Pôncio Pilatos, quando visitava a cidade.

Pedro: Cusпам e vamos embora daqui! Minhas tripas se revolvem só de ver a águia de Roma!

João: Porcos invasores, eu os estrangularia de dois em dois para acabar mais rápido!

Jesus: Não estrangule ninguém agora, João e vamos procurar um lugar onde pernoitar. Com tanta gente, acabaremos dormindo na rua!

Pedro: Sigam-me companheiros! Tenho um amigo perto da Porta do Vale, que é como um irmão. Chama-se Marcos.

Pedro: Puxa, Marcos, até que enfim o encontrei! Amigo, amicíssimo, toca aqui!

Marcos: Pedro?! Pedro pedrada, o maior pilantra de toda Galileia! Mas, o que faz você aqui, condenado? Está fugindo da polícia de Herodes? Rá, rá, rá!

Pedro: Viemos celebrar a Páscoa em Jerusalém como fiéis cumpridores da lei de Moisés. Rá, rá, rá!

Marcos: Deixe de conversa, Pedro, aposto que algum contrabando você deve estar trazendo de Cafarnaum!

Pedro: Mas é claro, trouxe uma dúzia de amigos de contrabando. Camaradas: este é Marcos. Gosto mais dele do que da minha barca Clotilde, sem exagero! Marcos, todos estes são de confiança! Formamos um grupo. Estamos nos organizando para fazer alguma coisa. Olha, este moreno é Jesus, o mais bagunceiro de todos nós. Este das sardas é Simão.

Marcos: Bom, bom, deixe as apresentações e vamos entrar. Tenho meio barril de vinho suplicando para que uma dezena de galileus o beba!

Pedro: Beber agora? Está louco? Acabamos de chegar!

Mateus: E o que importa isso? Estamos cansados da viagem. Podemos... Podemos brindar porque os ladrões da Samaria não nos quebraram o espinhaço!

João: Que coisa, esse Mateus só pensa em beber!

Pedro: Seria melhor se pudesse nos dizer onde podemos encontrar um lugar para passar a noite.

Marcos: Pois vamos à pousada de Siloé! Ali podem meter-se durante esses dias! É um lugar grande e tem um bom cheiro de romã, como gostam os galileus! Venham, vamos lá! Mas não se separem. Há muita gente. Qualquer um se perde nesse tumulto.

Nos dias da Páscoa, Jerusalém parecia uma caldeira enorme onde borbulhavam os 40.000 moradores da cidade, os 400.000 peregrinos que vinham de todas as partes do país e os imensos rebanhos de cordeiros que se amontoavam nos átrios do templo esperando ser sacrificados sobre a pedra do altar.

Tomé: Um momento, um momento! Antes de procurar po-po-pousada, temos de visitar o templo. Pri-pri-primeiro as coisas de Deus. Quem não vai ao templo quando chega a Jerusalém, se-se-seca a mão direita e a li-li-língua fica pregada.

João: Tomé fala por experiência própria.

Pedro: Sim, companheiros, vamos ao templo saudar os querubins.

João: E dar graças porque chegamos sãos e salvos!

Jesus: Isso. E que o Deus de Israel abençoe a todos nós que viemos esse ano para celebrar a Páscoa!

Milhares de peregrinos se atropelavam para passar sob os arcos do famoso templo de Salomão. No ar ressoavam os gritos, as rezas e os juramentos, misturados ao odor penetrante da gordura queimada dos sacrifícios. Junto aos muros, ficavam os cambistas de moedas e toda classe de camelôs gritando suas mercadorias. Aquilo parecia a torre de Babel.

Marcos: Esses vendedores malditos! Arrebatam os ouvidos da gente! Ei, vocês, vamos ao átrio dos israelitas! Certamente já estarão subindo a escadaria.

João: Quem são aqueles lá, Marcos?

Marcos: Os penitentes. Vêm cumprir as promessas que fizeram durante o ano. Olhem eles lá!

Um grupo de homens, vestidos de saco e jogando punhados de cinza na cabeça, subiam de joelhos as escadarias do átrio. Em seus pescoços e braços penduravam grossos rosários de amuletos. Seus joelhos tornaram-se calejados como os dos camelos, depois de tanto se esfregarem sobre as pedras.

Pedro: E para que fazem isso, Marcos?

Marcos: Jejuam sete dias antes da festa e agora se apresentam aos sacerdotes.

Jesus: E estes sacerdotes não explicaram a eles que Deus prefere o amor aos sacrifícios?

Marcos: É o que eu sempre digo também. Querem jejuar? Pois que lavem a cara e se penteiem bem para que ninguém fique sabendo o que estão fazendo, não é verdade Jesus? Venham, vamos subir.

Subimos a escadaria. Lá, na esquina, em frente ao átrio dos sacerdotes, um coro de homens, com a cabeça coberta com o manto negro das orações, rezava sem parar os salmos da congregação dos piedosos. Eram os melhores fariseus de Jerusalém.

Pedro: Pois olhem esses aí. Parecem maritacas, repetindo a mesma coisa sem parar. Não sei como não travam a língua.

Marcos: Dizem que estão rezando a Deus, mas com o rabo do olho estão bisbilhotando tudo.

Jesus: Isto é o que procuram: que as pessoas prestem atenção neles. Se buscassem a Deus, rezariam em segredo, com a porta fechada.

Marcos: Ouçam, olhem só quem vem lá!

Ao sair, quando íamos atravessar a Porta Formosa, ouviu-se soar as trombetas e a multidão se afastou para um lado. Em seguida se formou uma fila de mendigos junto ao arco da porta. Então apareceram quatro levitas, carregando uma liteira nos ombros. Detiveram-se junto aos mendigos e descansaram a liteira no chão. Abriram as cortinas e José Caifás, o sumo sacerdote daquele ano, desceu lentamente, vestido com uma túnica branca. Com seus olhos de coruja, olhava inquieto de um lado para o outro. Queria que o povo o visse dando esmola. Mas não queria correr nenhum risco. No ano passado, durante a festa, um fanático tinha lhe atirado um punhal.

Mateus: Olhem só a cara desse sem-vergonha!

Tomé: Não diga uma coisa dessas, Ma-ma-mateus. É o sumo sacerdote de-de-de Deus.

Mateus: Que sumo sacerdote que nada! Esse tipo só quer que falem dele! Olhe o que está fazendo.

Caifás se aproximou dos mendigos e lhes distribuiu denários como quem reparte doces para as crianças. Com uma mão dava a esmola e com a outra mostrava o cordão de ouro, símbolo de seu cargo, que os mendigos beijavam com gratidão.

Jesus: Se fosse sumo sacerdote de Deus, não deixaria que sua mão esquerda soubesse o que faz a direita. Esse não é mais que um hipócrita.

Pedro: Natanael, Jesus, André, vamos embora! Já está ficando tarde e ainda não temos onde dormir!

Marcos: Não se preocupem tanto com a pousada. Se não tiver lugar em Siloé, vamos para Betânia. Lá existe o acampamento dos galileus. Mas agora, vamos beber o meio barril que ofereci, ou se não, os denuncio à polícia romana!

Marcos: Um brinde por esses treze compatriotas que viajaram desde a Galileia para visitar a casa deste humilde mercador de azeitonas!

Pedro: Espere aí, Marcos, que não viemos aqui para ver você, seu pilantra. Viemos por Jerusalém. Um brinde pela cidade santa de Jerusalém.

Marcos: Pedro, não se iluda. Desta cidade não sobrou nem o “s” de santa. “O templo de Jerusalém, o templo de Jerusalém!” Sabem o que dizem os que vivem aqui? Que no templo de Jerusalém está guardado o maior tesouro de fé do mundo. E sabem por quê? Porque todos os que vêm visitá-lo, perdem a fé e a deixam ali! E se fosse só o templo! Olhem, estão vendo aquelas luzes? São os palácios do bairro alto. Olhem depois os barracos de Ofel e as casinhas de barro junto à Porta do Lixo. Um formigueiro de camponeses que veio buscar trabalho na capital. E o que encontraram foi a miséria e a febre negra. Esta cidade está podre, é o que eu digo, pois eu a conheço.

Jesus: Sim, Marcos. Está construída sobre areia. Acabará se afundando.

Tomé: Dizem que os alicerces de Jerusalém são de rocha pu-pu-pura.

Jesus: A justiça é a única rocha firme, Tomé. E esta cidade foi erguida sobre a ambição e as desigualdades.

Marcos: Bom, rapazes, agora sim temos de ir caminhando para Betânia. Vamos!

As ruas estavam abarrotadas de gente e animais. Já se sentia o cheiro dos ázimos nos fornos de pão. Sentíamos também o cheiro dos perfumes das célebres prostitutas de Jerusalém que, sem esperar a noite, se exibiam muito

pintadas junto ao muro dos asmoneus. Em todas as esquinas do bairro baixo se apostava nos dados e se jogava o reizinho. As tabernas estavam repletas de bêbados e as crianças saíam para roubar as sobras das mesas. Saímos pela muralha do Oriente. Atravessamos o riacho do Cedron, que na primavera escoava muita água. Subimos o Monte das Oliveiras e chegamos a Betânia, onde os galileus sempre encontravam guarida para passar os dias da Páscoa. Atrás ficava Jerusalém, cheia de luzes e ruídos. A fome, a injustiça e a mentira guardavam, sonolentas e satisfeitas, as portas muradas da cidade do rei Davi.

A viagem a Jerusalém, por ocasião das grandes peregrinações de Páscoa, era feita a pé. Cafarnaum está separada de Jerusalém por uns 200 quilômetros, com o que seguramente Jesus e seus companheiros de caravana fariam o trajeto em quatro ou cinco dias de caminhada. Quando já se aproximavam da cidade santa os peregrinos tinham o costume de cantar os chamados “salmos das subidas” (Salmos 120 a 134). Entre os mais populares estava o que ainda hoje cantamos: “que alegria quando me disseram: Vamos à casa do Senhor. Nossos pés já estão pisando seus umbrais, Jerusalém.” (Salmo 121).

Jerusalém (seu nome significa “cidade de paz”: paz = “shalom”) é uma das cidades mais antigas do mundo. Está construída sobre uma meseta rochosa, flanqueada por dois profundos vales: o do Cedron e da Geena. Mil anos antes de Jesus nascer, Jerusalém foi conquistada dos jebuseus pelo rei Davi e se tornou a capital do reino. Ao longo da história, Jerusalém foi destruída total ou parcialmente em mais de 20 ocasiões. Uma das destruições mais terríveis aconteceu quinhentos e oitenta e seis anos antes de Jesus, quando os babilônios a arrasaram até os alicerces. Outra, setenta anos depois da morte de Jesus. Neste caso, pelas mãos das tropas romanas para sufocar a insurreição dos zelotas. Jerusalém era – e ainda é hoje – uma cidade rodeada de muralhas, nas quais se abriam uma dúzia de portas. As numerosas guerras e destruições suportadas pela cidade fazem com que na atual Jerusalém se superponham zonas e construções mais ou menos antigas com outras mais recentes. No entanto, são inumeráveis as ruínas autênticas do tempo de Jesus. Jerusalém foi desde o tempo dos profetas, até os escritos do Novo Testamento, o símbolo da cidade messiânica, da cidade em que vive Deus, da cidade onde ao final dos tempos se congregarão todos os

povos para a festa do Messias (Is. 60, 1-22; 1-12; Mq. 4, 1-5; Ap. 21, 1-27). A Jerusalém é dado também o nome de Sion, por estar construída sobre um pequeno monte que com esse nome.

Jerusalém era capital do país e o centro da vida política e religiosa de Israel. Calcula-se que nos tempos de Jesus viviam dentro das muralhas umas 20.000 pessoas e fora delas, na cidade que ia se estendendo pelos arredores, entre 5.000 e 10.000 habitantes. (A população total da Palestina era de 500.000 ou 600.000 habitantes). Nas festas da Páscoa chegavam a Jerusalém uns 125.000 peregrinos, com o que a cidade ficava abarrotada de gente. As multidões de visitantes – nacionais e estrangeiros – multiplicavam os negócios e seus lucros, favoreciam todo tipo de revoltas e tumultos e convertiam a cidade em uma autêntica maré humana, na qual a gente do campo ou dos povoados pequenos devia ficar surpresa e confusa.

Dentro das muralhas, entre as grandes construções da cidade, destacava-se o templo, edifício descomunal e luxuoso que equivalia por sua superfície à quinta parte da extensão de toda a cidade murada. Isto pode dar uma ideia de tão impressionante construção, centro religioso do país e sede de uma potência econômica de primeira ordem. Encostada à parte norte do templo, estava a Torre Antônia, fortificação murada, que nos tempos da dominação de Roma servia como quartel de uma guarnição romana. Da Torre Antônia, os soldados vigiavam continuamente a explanada do templo, que se comunicava com a torre através de duas escadas. Esta vigilância aumentava nos tempos da Páscoa, quando a movimentação de pessoas no templo era maior que de costume.

Marcos é mencionado pela primeira vez no livro dos Atos dos Apóstolos (12, 25), acompanhando Paulo em sua viagem de Jerusalém a Antioquia. Era primo de Barnabé, outro companheiro de Paulo em suas viagens. Em diferentes ocasiões Marcos – seu nome inteiro era João Marcos – aparece junto a Paulo e também junto a Pedro, que lhe tinha tanto carinho, que o chama em uma carta de “seu filho” (1 Pd. 2, 13). Sabemos, por vários dados do Novo Testamento, que Marcos era de Jerusalém, onde vivia sua mãe, que Pedro foi amigo dele e de sua família e que os primeiros cristãos se reuniam habitualmente em sua casa (At 12, 12). Desde o século II foi considerado como o autor do segundo evangelho. Baseando-se em tudo

isso, Marcos aparece no relato como um cidadão de Jerusalém e amigo de Pedro. É um homem expansivo, alegre e prático.

Em torno do templo de Jerusalém abundavam sempre e, especialmente nos dias de Páscoa, homens e mulheres que cumpriam promessas religiosas, mendigos que pediam esmola, multidões que oravam e faziam penitências. O que Jesus ensina sobre a esmola, o jejum ou a oração neste episódio pode ser resumido em algo bem simples: uma crítica ao exibicionismo, ao palavreiro desmedido, ao desejo de chamar a atenção que tinham muitos dos que acreditavam serem religiosos. Era costume, por exemplo, que a hora da oração da tarde fosse anunciada com o soar de trombetas. Alguns fariseus preparavam tudo para que, no instante em que se ouvisse este chamado, se encontrassem – como que por acaso – no meio da rua e assim tivessem que rezar diante de todo mundo e as pessoas os tomassem por muito piedosos. Criticando hipocrisias deste tipo, Jesus fala de rezar em segredo, com a porta fechada, de dissimular quando estiver jejuando e de dar esmola sem apregoar aos quatro ventos.

Jerusalém era uma cidade formosa, grande, com bonitos e luxuosos edifícios, famosa em todo o mundo antigo. Mas no meio de todo seu luxo, junto às casas dos poderosos comerciantes e das famílias ricas, aglomeravam-se os casebres dos pobres artesãos que ganhavam apenas para seu sustento, os bairros dos assalariados, que praticavam ofícios mais ou menos mal vistos e subsistiam com dificuldade. Sem falar dos mendigos, que enchiam as ruas e os arredores da cidade. No episódio, Jesus compara esta Jerusalém de ricos muito ricos e pobres muito pobres com uma cidade edificada sobre a areia (Mt. 7, 24, 27). Trata-se de uma parábola de advertência: para Deus é intolerável essa desigualdade. Se não há justiça não há alicerces firmes, e uma sociedade assim corrompida terminará vindo abaixo. Jesus denuncia os grandes responsáveis por esta situação: os chefes, os sacerdotes, os homens religiosos, que alienam o povo com uma falsa ideia de Deus para assim manterem sua situação privilegiada.

(Mateus 6, 1-18)

Capítulo XXVIII

A TABERNA DE BETÂNIA

A pouca distância de Jerusalém, do outro lado do Monte das Oliveiras, está Betânia, um povoado pequeno e branco, rodeado de tamareiras. Aliás, seu nome quer dizer isso mesmo: terra das tâmaras. Quando os galileus iam a Jerusalém, terminavam sempre buscando pousada ali, em algumas das pensões de Betânia.

Lázaro: Marta, veja esse pão que você pôs no forno! Está cheirando a queimado! E você, Maria, pare de falar e prepare outras seis esteiras! Lá, lá, rá, lá, ri! Esta é a melhor época do ano, sim senhor! Jerusalém arrebenta de peregrinos!

Maria: E eu vou arrebentar os meus rins! Não faço outra coisa que agachar-me e levantar-me preparando esteiras. Escute, irmão, isso já está muito cheio. Não cabe mais nem uma agulha. Se alguém chegar pedindo pousada, diga que não, que não há mais lugar.

Lázaro: Mas, menina, você não sabe que quem diz não a um galileu fica com a língua seca e começa a sair lombrigas pelas orelhas? Dá azar dizer não a um galileu. Aqui há lugar para mais uns vinte, pelo que eu sei, e eu conheço esta taberna melhor que a palma de minha mão! Epa, Marta, me ajude com esta sopa, que os clientes estão esperando!

Marta: Já vou, homem, já vou! Não tenho sete mãos!

“A Palmeira Bonita” era o nome da taberna de Lázaro em Betânia. Nela se amontoavam, mulas, homens e camelos nas grandes festas que ocorriam em Jerusalém, três vezes ao ano. E, sobretudo, na Páscoa. Então, quando a taberna estava transbordando de gente e de animais e o ar ficava espesso

com o cheiro de vinho, suor e estrume, era quando Lázaro se sentia completamente feliz.

Lázaro: Que me dizem dessa sopa, hein? Sirvam-se, sirvam-se um pouco mais, que ainda tenho outro caldeirão cheio! Não quero que ninguém passe fome na minha casa! Aqui se dorme bem e se come melhor ainda! Depois, espalhem isso por todo o norte!

Lázaro era um homem gordo e alto, com uma tamanha barba que terminava onde começava sua abundante barriga. Tinha nascido na Galileia, em Séforis, e foi muito jovem para a Judéia. Desde então, se encarregou de levantar aquele negócio. Não tinha mulher. Quando lhe perguntavam, dizia sempre que ele estava casado com sua taberna e retorcia com gosto seus bigodes negros.

Lázaro: Marta, vai preparando quatro cabeças de cordeiro! Estes conterrâneos querem provar a especialidade da casa!

Marta: Vou avisando que demora um pouco para ficar pronto. Não posso estar em toda parte ao mesmo tempo.

Lázaro: Não tenha pressa, mulher, não se afobe.

Marta: Você não tem pressa, mas estes aí estão com fome. E eu não gosto de fazer as pessoas ficarem esperando.

Lázaro: Prepare as cabeças de cordeiro e cale essa matraca. Se eles não quiserem, a gente mesmo manda para dentro.

Marta: Mas você acabou de comer Lázaro! Parece um saco sem fundo!

Marta, a irmã mais velha de Lázaro, era uma mulher forte, de braços robustos e pernas ágeis. Trabalhava na pensão fazia já alguns anos, desde que ficara viúva. E trabalhava muito. Lázaro confiava plenamente e gostava muito dela. Desde que Marta começou a ajudá-lo na taberna, o negócio cresceu como a espuma do vinho ao fermentar. Maria, a outra irmã de Lázaro, era muito diferente.

Maria: Ai, Lázaro, ai!

Lázaro: O que foi, Maria?

Maria: Você nem sabe o que me contou o Salim, o mercador de camelos que acaba de chegar. Diz que por Samaria encontrou-se com uma dezena de ladrões. Levavam uma faca na boca e saiam debaixo das pedras, como caranguejeiras!

Lázaro: Conversa, conversa...

Maria: Mas, Lázaro, imagine se algum dos que chegaram ontem do norte for um deles! Há um manco que não me cheira nada bem.

Lázaro: Se é manco, como pode ser ladrão, Maria?

Maria: Sobram-lhe as mãos, Lázaro! Esse homem é muito estranho, olhe o que estou dizendo. Estive observando seu casaco e lá no fundo brilhava uma coisa. Não será desse bando? Esse mercador de camelos que eu falei, me contou que esses ladrões procuram joias.

Lázaro: Bom, pois se é isso o que procuram, vão sair com as mãos abanando. Aqui a única coisa que encontrarão são caldeirões de sopa e ratos!

Maria: Lázaro...

Lázaro: O que é, Maria? Não me assustam suas histórias de ladrões.

Maria: Não, não é isso. Olhe, esse mercador de que falei... Eu acho que seria um bom marido para Marta, não acha? Parece muito honrado. E tem as mãos grandes e fortes. Saberá defendê-la.

Lázaro: Defendê-la de quem? Marta sabe se defender sozinha! Vamos, chega de fuxico. Já preparou as esteiras que eu mandei?

Maria: Ui, tinha me esquecido! Conversando com o mercador de camelos.

Lázaro: Que diabo, você esquece de tudo! Corre prepará-las! Anda, corre!

Maria era a outra irmã de Lázaro. Tinha os olhos grandes e um pouco vesgos, como dois pássaros soltos que iam atrás de tudo o que viam. Era feia, mas tão alegre, que pouco tempo depois de estar conversando com ela, a gente só tinha olhos para sua boca, que sorria sempre. Seu marido a tinha abandonado há alguns meses. E desde então, também trabalhava com Lázaro na taberna.

Lázaro: Maria, vai preparando mais esteiras, além daquelas que lhe disse! Aí vêm outros galileus!

Era pouco mais de meio-dia quando chegamos à Palmeira Bonita. Em Jerusalém nos disseram que lá poderíamos encontrar pousada. Chegamos cansados da caminhada, cheios de pó e com as tripas vazias. Quando nos aproximamos da taberna, Lázaro saiu para nos receber à porta.

Lázaro: Ei, vocês, quantos são?

João: Conte, conte... todos os que você vê aqui.

Lázaro: Seis, oito, doze... treze. Treze: dizem que este número dá azar.

Tomé: É o que eu di-di-disse.

Lázaro: Mas para mim um galileu nunca trouxe má sorte! Ao contrário! São das bandas de lá, não?

Pedro: Quase todos. Bom, este do lenço amarelo, não. E o de sardas, também não.

Tomé: Eu sou da Judeia, tam-tam-também.

Jesus: Bom, amigo, há lugar para nós ou não?

Lázaro: Pois é claro que sim, galileus, claro que há! Onde cabem sete ovelhas, cabe um rebanho inteiro, não é assim? Além disso, vocês chegaram na hora de fincar os dentes em umas cabeças de cordeiro que estão saindo. Ó? Estão sentindo o cheiro? Outros clientes iam comê-las, mas não tiveram paciência de esperar até que os miolos ficassem bem

macios! Estava escrito no livro dos céus que essas cabeças iriam parar na pança de vocês! Vamos, entrem!

Quando entramos na taberna de Lázaro, Marta estava recolhendo as sobras de comida que tinha sido servida pouco antes a quatro dezenas de conterrâneos. Pelos cantos do amplo pátio ainda ficaram alguns bebendo e jogando dados. Os bodes mordiscavam pedaços de pão no chão e um camelo passava lentamente com suas corcovas diante de nossos olhos.

Lázaro: Ei, Marta, prepare também uma panela de grão-de-bico! E traga o vinho! Chegaram mais fregueses e estão com fome! E você, Maria, venha cá correndo! Sentem-se por aí, camaradas, a comida já está saindo. Bom, e contem-me, que novidades trazem da Galileia? Quando vão cortar o pescoço de Herodes? De onde estão vindo agora?

João: De Cafarnaum. Nos juntamos lá para vir celebrar a Páscoa.

Pedro: E conte-nos você o que há por Jerusalém. Vimos muitos soldados.

Lázaro: Todos os anos é a mesma coisa. Mas este ano há mais guardas que ratos. E cada um tem quatro olhos na frente e outros quatro atrás. Temos de andar com muito cuidado!

Maria: Como, Lázaro? Quantos vieram?

Lázaro: São treze, Maria. Vai preparar treze esteiras.

Maria: Mas, Lázaro, não sabe como está isso? Estão pisando uns nos outros.

Lázaro: Procure treze brechas onde Deus quiser, Maria. Mas antes atende estes compatriotas enquanto eu vou recolhendo os pratos por aí. E vocês, não deem bola para esta minha irmã. Se se descuidam, os enreda em seu novelo e daí não saem mais.

Maria: De onde você é? Galileu, não é mesmo?

João: Sim. Vivo em Cafarnaum.

Maria: Ai, Cafarnaum! Foi lá que conheci um tal Panfílio. Me contava cada coisa! Dizia que Cafarnaum é uma cidade muito bonita e com mais jardins que a Babilônia, e tão grande que só um par de sandálias não dá para percorrê-la de uma ponta a outra. E me dizia também que no lago tem uns peixes assim de grandes, de quatro cores – bendito seja Deus –, e umas palmeiras assim de altas, que tapam o sol com suas folhas. Puxa vida, eu adoraria ir ao norte e conhecer tudo aquilo! Mas, imaginem, compadres, a gente aqui, amarrada nessa taberna para tocar os negócios. Ah, mas quando eu ficar velha, vocês vão ver, então eu vou dar a volta no país inteiro, nem que seja montada nesse camelo. Então você é de Cafarnaum como Panfílio. E você, de onde é? Também é de lá?

Pedro: Não, eu sou de um lugar mais pra cima. De Betzaida.

Maria: Da grande ou da pequena? Esteve por aqui um tipo de Betzaida que andava me paquerando. Mas era vesgo, assim como eu. Bom, um pouco pior que eu. Não nos entendíamos. Quando eu olhava para um lado, ele olhava para o outro. Era uma confusão só! Dois vesgos não podem se casar! Escute, e você de onde é?

Jesus: De Nazaré.

Maria: De Nazaré? Ui, nunca tinha ouvido falar desse lugar!

Jesus: Eu também não, Maria, até ter nascido nele.

Maria: E onde fica isso?

Jesus: Longe, muito longe. Onde o diabo deu os três berros e ninguém escutou.

Maria: Ai, que piada!

Jesus: Aquilo é muito pequeno, sabe? Não é como Cafarnaum. Mas as coisas pequenas também são importantes, não acha? Escute esta: O que é o que é: pequeno como um camundongo e guarda a casa como um leão.

Maria: Pequeno como um camundongo e... A chave! Adivinhei, adivinhei!

Jesus: Escute esta então: Pequeno como uma noz, sobe o monte e não tem pés.

Maria: Espera. Uma noz sobe o monte. O caracol! Rá, rá, rá, Outra, outra!

Jesus: Esta você não acerta. Escute bem: Não tem osso, nunca está quieta, e com mais fio que uma tesoura.

Maria: Não tem osso. Esta eu não sei.

Jesus: A sua língua, Maria, a sua língua que não se cansa de falar!

Maria: Ah, não, isso não vale, não. Que engraçado! Escute, como você se chama?

Jesus: Jesus.

Tomé: O cha-cha-chamam de mo-mo-moreno.

Maria: Está com alguma coisa na garganta? Se quiser, lhe dou uma receita: duas medidas de água e duas de erva-doce que já ficou de molho durante três dias. Faça gargarejos e a língua se solta para falar com gosto.

João: Essa aí já deve ter tomado muito deste xarope, não?

No fundo da taberna, Marta começou a ficar impaciente.

Marta: Lázaro, Lázaro! Mas você não percebe que Maria não para de conversar e me deixa todo o trabalho que há na cozinha? Diga-lhe que me ajude!

Lázaro: Que diacho de mulheres! Arrumem-se como bem entenderem!

Então Marta se aproximou de onde estávamos sentados. Sobre o seu vestido listrado tinha um avental grande, engordurado, que cheirava a cebola e alho.

Marta: Olhem, vocês me perdoem, mas é preciso preparar comida para treze e se esta minha irmã não faz mais do que tagarelar, não vamos acabar nunca. Não falem mais com ela, para ver se ela vem me dar uma mão.

Maria: Marta, escute isso: “pequeno como um camundongo e guarda a casa como um leão”. Hein? A chave!

Marta: Venha, Maria, pelo amor de Deus, senão não acabamos nunca.

Jesus: Mas, Marta, não se preocupe tanto. Temos fome e para boa fome não tem pão duro. Com qualquer coisa nos arranjamos. Não se aflija, não é necessário. Olhe, Maria, escute esta agora: pequeno como um pepino e vai dando gritos pelo caminho.

Maria ficou ainda um bom tempo conversando. Ria conosco e a gente ria com ela. Sua alegria contagiante era mais necessária que o pão e o sal. De qualquer forma, quando Marta nos trouxe aquelas cabeças de cordeiro que Lázaro tinha elogiado tanto, engolimos tudo em um segundo. Lembro-me que não deixamos nem os ossos.

Nos dias de festa era difícil encontrar alojamento em Jerusalém, tamanha a aglomeração de peregrinos. Reunia-se tanta gente que um ditado popular da época afirmava que um dos dez milagres que Deus realizava de seu templo era que todos coubessem na cidade. Embora fosse impossível que todos se alojassem nos albergues situados dentro das muralhas, tendo que ir alojar-se nos povoados vizinhos. Por outro lado, é improvável que acampassem ao relento, pois no tempo da Páscoa, as noites em Jerusalém, próxima do deserto, são muito frias. Sabe-se que assim como os diferentes setores da população tinham seus bairros fixos na capital, assim também os diferentes grupos de peregrinos tinham seus lugares habituais de hospedagem. Tudo leva a crer que o acampamento dos que vinham da Galileia estava situado na parte ocidental da cidade, onde fica Betânia.

Betânia é um pequeno povoado situado a uns seis quilômetros a leste de Jerusalém, pouco além do Monte das Oliveiras, no caminho que vai para Jericó. Atualmente se chama também El-Azariye, em homenagem a Lázaro. No porão de uma igreja dedicada a Marta, Maria e Lázaro, conserva-se uma grande prensa de azeitonas e um poço da época de Jesus.

Em toda cidade israelita relativamente grande havia albergues para alojar os peregrinos que iam a pé ou as caravanas de comerciantes. Estas hospedarias – os hotéis daquela época – consistiam em um grande pátio cercado, com

pequenos quartos ao redor, onde encontravam abrigo tanto os homens como as cavalgadas e outros animais. Atualmente, nos países orientais há ainda hospedarias deste tipo, as chamadas “kans” (caravassares). Em Israel há uma construção antiga na cidade portuária de São João de Arce (Akko), lugar histórico durante o tempo das Cruzadas.

Em uma destas tabernas, cheia de desordem e algazarra em contínuo trânsito de gente, é que situamos o relato de Lázaro e suas irmãs, Marta e Maria. Embora os evangelhos nos deem poucos dados sobre os três, uma tradição piedosa bastante antiga, os apresenta como uma família de classe média, ou média alta, que recebia Jesus, em uma casa cômoda e tranquila, como um conselheiro espiritual que lá iria quando estivesse cansado de se misturar com o povo. Esta imagem não tem base alguma nos textos evangélicos. Ao contrário, os dados históricos sobre as hospedarias que havia na região de Betânia, dão base para situá-los em outro marco: gente do povo, que vivia de seu trabalho e certamente, sem refinamentos. Sua amizade com Jesus era fruto do frequente contato que tiveram com ele e seus amigos quando viajavam à capital. No relato, Lázaro aparece como um homem vitalista, expansivo e generoso, feliz com o seu trabalho, bom comedor e ainda melhor bebedor. Marta é viúva. Uma mulher prática, trabalhadora e séria. Maria, a irmã mais nova, – a quem o marido abandonou – é alegre, faladeira, espontânea, atrapalhada. Os três irmãos dedicam todos os seus esforços para tocar “A Palmeira Bonita”, que é seu negócio e seu lar.

O texto de Lucas que serve de base a este episódio serviu em muitas ocasiões para contrapor oração e ação, vida contemplativa e vida ativa e, inclusive, chegou-se a limitar a mensagem destas palavras aos religiosos: os de vida ativa, frente aos da clausura. No episódio procuramos evitar deliberadamente semelhante contraposição que não tem nada de cristã. Para o crente não há uma dupla alternativa. Enquanto falarmos de oração e ação como realidades separadas ou contrapostas, estamos separando a fé da vida. E isso não tem nenhuma base, nem na atuação de Jesus nem em sua mensagem.

O desafio para o cristão que luta pela libertação de seus irmãos é o de viver a oração na ação. Não se trata de orar por um lado e atuar por outro, mas de

orar no próprio processo de libertação, de contemplar a Deus ali onde Ele está: no rosto do pobre. A coragem necessária para “dar a vida” pelo povo e a paciência necessária para acompanhar, por dentro, a caminhada dos pobres rumo à libertação, amadurecem na oração.

(Lucas 10, 38-42)

Capítulo XXIX

OLHO POR OLHO, DENTE POR DENTE

Toda Jerusalém estremeceu ao saber da morte de João, o profeta do deserto, degolado como um cordeiro de páscoa no cárcere de Maqueronte. Muitos o choravam como quem chora a um pai, como se houvessem ficado órfãos. A notícia correu de porta em porta. Pôncio Pilatos, governador romano, ordenou que se redobrasse a vigilância nas ruas da cidade para impedir qualquer revolta popular. Mas os zelotas não se acovardaram por isso.

Um zelota: Companheiros, o sangue do filho de Zacarias tem de ser vingado. Herodes cortou a cabeça de João. Que caiam as cabeças dos herodianos!

Os revolucionários zelotas esconderam os punhais debaixo das túnicas. E foram de noite ao bairro dos ourives, perto da torre do Ângulo, onde Herodes Antipas tinha seu palácio e onde viviam os herodianos, partidários do rei da Galileia.

Herodiano: Agghhh!

Um zelota: Um a menos. Vamos, depressa.

No dia seguinte, amanheceram as cabeças de quatro herodianos, balançando-se entre os arcos do aqueduto.

Uma mulher: Maldição! Agora degolarão nossos filhos!

Outra mulher: Que Deus ampare minha comadre Rute. Ela tem seu filho preso na Torre Antônia.

A represália dos romanos, instigados pelos cortesãos do rei Herodes, não se fez esperar. Na primeira hora da tarde, quando o sol fazia ferver a terra e ondeavam as bandeiras amarelas e pretas na Torre Antônia, dez jovens israelitas simpatizantes dos zelotas foram levados para serem crucificados no Calvário, a macabra colina onde se justificava os presos políticos.

Um homem: Malditos romanos! Um dia pagarão por todas essas coisas!

Outro homem: Cale-se imbecil, se não quer que lhe preguem as mãos como a esses infelizes.

Diante dos dez condenados à morte, um arauto gritava com as mãos em concha junto à boca para que todos ouvissem e temessem.

Um soldado: Assim terminam todos aqueles que se rebelam contra Roma! Assim acabarão seus filhos, se continuarem a conspirar contra a águia imperial! Viva César e morram os rebeldes!

Um homem: Um dia vocês vão pagar, filhos de uma cadela, um dia!

Os dez crucificados ficaram agonizando toda aquela noite. Seus gritos desesperados e suas maldições eram ouvidas desde os muros da cidade. As mães dos justicados arrancavam-se os cabelos e se arranhavam o rosto junto às cruzes, pedindo clemência para seus filhos, sem poder fazer nada por eles. Jerusalém não pôde dormir naquela noite.

Um zelota: Escute, Simão. Vamos nos reunir na casa de Marcos quando escurecer. De acordo? Avise Jesus, o de Nazaré e os de seu grupo. Que não cheguem todos juntos para não levantar suspeitas. Vai depressa!

Judas, de Kariot, e Simão o sardento, que tinham contatos com os zelotas da capital, nos trouxeram a mensagem. O grupo de Barrabás tinha um plano e queria saber se podia contar conosco.

Jesus: O que foi, Felipe? Está com medo?

Felipe: Medo não, estou aterrorizado... Uff... Quem me mandou vir a esta cidade?

Jesus: Quem não se arrisca nunca faz nada, cabeça. Eia, companheiros, vamos até lá ver o que querem de nós.

Quando o sol se escondeu atrás do monte Sion, saímos de dois em dois e fomos chegando, por diferentes vielas, à casa de Marcos, o amigo de Pedro, também simpatizante do movimento, que vivia perto da Porta do Vale. Todas as lâmpadas estavam apagadas para não chamar a atenção dos soldados que patrulhavam sem descanso até o último rincão da cidade. Os cumprimentos foram em silêncio. Depois nos sentamos sobre o chão de terra e assim, entre sombras, Barrabás, o dirigente zelota, começou a falar.

Barrabás: Cabeça por cabeça, companheiros. Herodes degolou o profeta João em Maqueronte e nós vingamos seu sangue com as cabeças de quatro traidores. Ainda, ainda nem limpamos os punhais e já temos de usá-los de novo. Crucificaram dez dos nossos melhores homens.

Um zelota: Que seu sangue caia sobre a cabeça de Pôncio Pilatos! A maldição de Deus para ele e para Herodes Antipas!

Barrabás: Pilatos pensa que vai nos assustar com isso. Pois terá de cortar toda a madeira dos bosques da Fenícia para preparar cruzes para todos os homens de Israel! Para todos nós, quando chegar o momento!

Barrabás tinha experiência do cárcere. Duas vezes os romanos o haviam agarrado e duas vezes tinha conseguido escapar, quando estava a ponto de perder a pele. Mas ainda o andavam procurando pela Pereia.

Barrabás: E então, galileus? Podemos contar com vocês?

Felipe: Contar para quê?

Barrabás: E pra que seria? Para tirar de circulação uma dúzia de romanos e outro tanto de judeus traidores. Não podemos permitir que esses esbirros levem vantagem. Muito bem, o que acham? Contamos com vocês, sim ou não?

Jesus: E depois, o que acontece?

Barrabás: O que está dizendo, nazareno?

Jesus: Digo o que acontece depois?

A pergunta de Jesus soou um pouco estranha para todos nós.

Jesus: Não sei, Barrabás. Eu o escuto falar e me recordo do pastor quando está em cima da montanha e atira uma pedra, e essa pedra rola e empurra outra pedra, e as duas empurram outras duas, e quatro e dez. E, ao final, não há quem possa deter a avalanche. A violência de que você fala é perigosa, é como uma pedra jogada do cume de uma montanha.

Barrabás: Não me venha agora com histórias, Jesus. Quem está praticando a violência são eles, não compreende?

Jesus: Claro que compreendo. Sim, eles são os que golpeiam, os que destroem, os que semeiam a morte. Mas nós não podemos nos contagiar com sua febre de sangue. Seria o cúmulo se conseguissem fazer de nós sua imagem, gente que só sabe de vingança.

Zelota: Esta bem, mas o que você quer então? Que cruzemos os braços?

Jesus: Quem cruza os braços também faz o jogo deles. Não, Moisés não cruzou os braços diante do Faraó.

Barrabás: Moisés disse: olho por olho, dente por dente.

Jesus: Sim, Barrabás. Mas que olhos e que dentes? Os dos quatro herodianos que vocês degolaram ontem? Quem eram esses homens, diga-me? Foram eles que assassinaram o profeta João? Eram eles os culpados por toda essa injustiça em que vivemos? Ou, ao contrário, eram uns pobres diabos, iguais a você e a mim, desses que os grandes levam e trazem e jogam pra brigar contra nós?

Barrabás: Maldição, mas como você pode falar assim? Você, precisamente, você. Será que você não se lembra de como morreu seu pai, José?

Jesus: É por isso mesmo que eu falo, Barrabás, porque sofri na própria carne a dor de ver meu pai surrado como um cachorro por ter escondido alguns conterrâneos quando da confusão em Séforis. Senti também em minha carne o desejo de vingança. Mas não. Agora penso que esse caminho não leva a parte alguma.

Zelota: E que outro caminho existe, nazareno? Nosso país precisa encontrar uma saída. E a única saída passa pelo fio do punhal.

Jesus: Tem certeza disso? Não sei, vocês do movimento querem a rebelião do povo. Mas o que eu percebo é que as pessoas estão demasiadamente resignadas. Ainda temos muitas vendas sobre os olhos. Não será necessário trabalhar primeiro para que os cegos possam ver e os surdos escutar? O que ganhamos com revanches de sangue se o povo não entende o que está acontecendo?

Barrabás: Nós somos os guias do povo. As pessoas vão aonde as levam.

Jesus: E você não acha que isso não seria mais que mudar de jugo? É o povo que tem de levantar-se sobre seus pés e aprender a andar seu próprio caminho. A saída terá de ser buscada entre todos, a saída verdadeira, a única que nos fará livres.

Barrabás: Suas palavras são as de um sonhador. Mas Deus não sonha tanto quanto você. É Deus que pede vingança. Em nome de Deus acabaremos com nossos inimigos.

Jesus: Você degola os herodianos em nome de Deus. E os herodianos nos crucificam em nome desse mesmo Deus. Quantos deuses há então, diga-me?

Barrabás: Há um só, Jesus. O Deus dos pobres. Se você está com Deus, está com os pobres. Se está com os pobres, está com Deus. **Jesus:** Tem razão, Barrabás. Eu também creio no Deus dos pobres. O que libertou nossos antepassados da escravidão no Egito. É o único Deus que existe. Os demais são ídolos que os faraós inventam para continuarem abusando de seus escravos. Mas...

Barrabás: Mas, o quê?

A luz mortiça da lua se pendurava pelas frestas da casa e deixava ver, na penumbra, os rostos severos dos dirigentes zelotas.

Barrabás: Mas, o quê?

Jesus: Que é preciso amar a eles também.

Zelota: Amá-los? Quem?

Jesus: Os romanos. Os herodianos. Os nossos inimigos.

Barrabás: Isso é uma piada ou... Ou não o entendemos bem?

Jesus: Escutem-me. E me desculpem se não expliquei bem. Mas eu penso que Deus faz nascer todos os dias o mesmo sol sobre os bons e sobre os maus. Nós, que cremos no Deus dos pobres, temos de nos parecer um pouco com ele. Não podemos cair na armadilha do ódio.

Barrabás: Nesta escuridão, apenas lhe vejo o rosto, nazareno. Não sei se é você mesmo que me fala, este que dizem que é um profeta da justiça, ou se é um louco que está se fazendo passar por ele.

Jesus: Olhe, Barrabás. Se lutarmos pela justiça, teremos inimigos, isso já se sabe. E teremos que combatê-los, despojá-los de suas riquezas e de seu poder como fizeram nossos avós ao sair do Egito. Sim, teremos inimigos, mas não podemos fazer como eles, não podemos nos deixar levar pelo afã da revanche.

Barrabás: Vamos acabar com isso de uma vez. Isso tudo é história pra fazer criança dormir. Diga-me se está disposto a matar.

Jesus: Matar? Eu não, Barrabás.

Zelota: Então matarão você, imbecil. E você terá perdido tudo!

Jesus: Quando se ganha? Quando se perde? Você sabe?

Barrabás: Vai pro diabo, Jesus de Nazaré. Você está louco, completamente louco. Ou talvez não passe de um covarde vulgar, não sei. E vocês? Pensam como ele, estão tão loucos como ele?

Pedro ia tomar a palavra para responder, mas nesse momento se nos gelou o sangue a todos.

Um zelota: Os soldados! Os soldados estão vindo!

Outro zelota: A polícia de Pilatos! Fomos descobertos!

Outro zelota: Maldição. Estamos perdidos.

Barrabás: Depressa. Fugam pelo pátio.

Jesus: Pedro, vão vocês por aquela porta.

Pedro: E você, Jesus?

Jesus: Deixem-me aqui. Eu aguentarei os soldados até que vocês estejam longe.

Pedro: Está louco. Eles o matarão.

Jesus: Vai, vai logo.

Pedro: Mas o que você vai fazer?

Jesus: O mesmo que fez Davi com os filisteus.

Os soldados já esmurravam a porta.

Um soldado: Ei, quem está aí? Abram!

Jesus: Depressa, vão embora!

Os da turma de Barrabás saltaram com agilidade as cercas que davam para outra rua. Nós corremos pelo pátio da casa de Marcos e desaparecemos

entre as sombras. Jesus ficou sozinho. Quando abriu a porta, tremia de medo.

Um soldado: O que acontece aqui onde se ouve tanto barulho?

Jesus: Agu, agu, agu! Rá, rá, rá... ré, ré!

Outro soldado: Quem é esse sujeito? Olhe, o que está fazendo aqui?

Jesus: Abaixo os soldados, vivam os capitães, abaixo os centuriões, vivam os generais! Rá, rá, rá!

Jesus tamborilava com os dedos sobre o batente da porta e olhava os soldados com um sorriso estúpido, deixando cair a saliva sobre a barba.

Um soldado: Não tem vergonha? Tão grande e tão imbecil! Tome, para ver se aprende!

Outro soldado: Este homem é louco. Como se não tivéssemos já bastante em Jerusalém! Para com isso, vamos embora daqui!

Jesus: Rá, rá, ré, ré! Uff... Dessa, nós nos livramos.

Ainda era noite fechada quando voltamos a encontrar todo o pessoal do grupo na taberna de Lázaro, lá em Betânia. E quando os galos cantaram, ainda estávamos conversando, trocando mil ideias. O rei Davi se fez de louco para salvar a pele. E o Moreno, com o mesmo truque, nos salvou a todos naquele dia. Sim, às vezes a astúcia serve mais que o gume do punhal.

Ainda que os zelotas tivessem seu centro de atividade nas terras galileias, região onde havia nascido o Movimento, atuavam também em Jerusalém. As peregrinações durante as festas lhes serviam para estabelecer alianças na capital e tinham ali grupos de simpatizantes que seguiam suas propostas. Entre os revolucionários influenciados pelo zelotismo, era muito conhecido o grupo dos sicários – terroristas armados de punhais -, que viam facilitados seus atentados nos tumultos próprios das festas. Zelotas e sicários praticavam sequestros de personagens importantes, assaltavam fazendas e casas dos ricos e saqueavam arsenais de armas. Entendiam sua luta como

uma autêntica “guerra santa”. O Deus zeloso que não tolera outros deuses (o dinheiro, o imperador, a lei injusta) lhes dava seu nome: Zelosos = zelotas. O castigo para todos estes delitos políticos contra o império romano era a morte na cruz.

Barrabás (nome aramaico que significa “filho do pai”), aparece nos evangelhos unicamente nos textos da paixão, como um delinquente político que durante uma revolta havia matado um soldado romano. O relato o apresenta como um dos líderes zelotas de maior importância em Jerusalém. Conheceria Jesus, porque naquelas alturas, Jesus já era um homem popular, a quem começavam a escutar com esperança os pobres da capital. Sendo o movimento zelota um movimento também popular, nada tem de estranho que Barrabás buscasse se relacionar com Jesus e com seu grupo.

A chamada “lei de talião” (Ex. 21,23-25): “Olho por olho...” não deve ser interpretada simplistamente como uma lei de vingança. Às vezes se pretendeu contrapor o Deus que deu a Israel esta lei “selvagem”, com Jesus, todo amor e misericórdia. É equivocada esta contraposição. A lei de talião no mundo de quatro mil anos ou mais, era uma lei de respeito à vida: ao impor um castigo que fosse exatamente igual à ofensa, buscava precisamente pôr um limite à vingança e frear a violência. O mundo antigo no qual se promulgou esta lei, era um mundo sanguinário, com povos que se impunham uns sobre os outros, nunca pelo direito, mas sempre pela força. Tudo isso deve ser levado em conta para entender qual é a posição de Jesus e qual a dos zelotas. Estes não eram animais ávidos de sangue. Eram fiéis a uma longa tradição legal e, de certo modo, válida para seu tempo. Jesus vai contrapor-lhes outro caminho. Vai empurrar ainda mais para a frente as fronteiras da possibilidade da convivência humana, falando não de uma vingança limitada, mas de outros valores. O poder da debilidade e o amor aos inimigos.

Jesus não foi um zelota. Os zelotas eram intolerantemente nacionalistas. Queriam a libertação de Israel do jugo romano, mas paravam por aí. Jesus foi um patriota, porque amou sua terra, mas não foi nacionalista, seu projeto não admitia fronteiras nem discriminações. Os zelotas eram profundamente religiosos, mas seu Deus era um Deus exclusivo do povo escolhido de Israel, que em seu reino vingar-se-ia das nações pagãs. Este nunca foi o

Deus de Jesus. Os zelotas eram fervorosos defensores do cumprimento estrito da lei, ponto no qual Jesus se diferenciou deles por sua total liberdade diante da lei e da autoridade, ainda que estas fossem judaicas. No entanto, opor absolutamente Jesus e os zelotas pode nos fazer perder de vista realidades importantes: Jesus se relacionou com eles, sem nenhum tipo de reticências – alguns de seus discípulos provavelmente foram zelotas – Jesus compartilhou muitas das reivindicações sociais deste grupo, num comum e ardente desejo de que chegasse o reino de justiça, usaram inclusive expressões parecidas. As relações de Jesus com este movimento popular não podem ser despachadas com afirmações rotundas. Poderíamos dizer que o mais exato neste ponto é afirmar que o que Jesus propõe, vai mais além, inclui e supera a revolução proposta pelos zelotas.

Quanto à tática, Jesus também se diferenciou dos zelotas em sua postura frente à violência. Tanto por sua palavra quanto por sua atitude, Jesus pôs em questão a violência enquanto método. Mas este é um tema suficientemente complexo para que se queira liquidar com duas palavras, afirmando simplistamente que Jesus foi um não-violento e que o evangelho condena a violência venha de onde vier. Primeiro é preciso levar em conta que há violência tanto no ato de matar quanto no de não deixar viver, que não só existem atos de violência mas também estruturas e situações violentas. Que existem homens violentos, mas mais perigosas ainda são as sociedades violentas, nas quais a injustiça mata muitos de fome, de desemprego, de doenças, de miséria. Por outro lado, Jesus também foi violento quando enfrentou as autoridades. Sua palavra foi então duramente violenta. O foi também em alguns momentos, especialmente no ato massivo que protagonizou na esplanada do Templo. No entanto, ele não matou, foi morto; nunca instigou os seus a nenhuma forma de violência e não usou de resistência armada para salvar-se, quando seguramente poderia fazê-lo. Nesta época, na conjuntura concreta de Israel, a violência propugnada pelo zelotismo não tinha nenhuma saída, estava fadada ao fracasso e era contínuo pretexto para que os romanos desencadeassem seu poderosíssimo aparato de repressão contra o povo, tal como ocorreu no ano 70, depois de Jesus, quando Roma arrasou Jerusalém na guerra contra a subversão zelota.

É evidente que à prepotência das armas, o cristianismo opõe principalmente a força da debilidade que se esconde na palavra verdadeira e na liberdade

que dá na luta o não estar apegado a nada e, portanto, o não ter nada a perder. É certo que se respondermos ao violento com violência, podemos acabar sendo tão violentos como aquele a quem pretendíamos combater. Por outro lado, é preciso recordar que desde os Padres da Igreja, passando por Santo Tomás, até Paulo VI, a Igreja defendeu o direito à insurreição armada quando se prolonga uma situação injusta e se hajam esgotado todos os meios pacíficos de superá-la.

Levando em conta todo este marco, Jesus fala do amor aos inimigos. Se não dermos um contexto a esta frase, corremos o perigo de evaporá-la, de convertê-la numa receita adocicada, carente de significado. Neste episódio, Jesus diz esta difícil palavra de amor aos inimigos, partindo de sua própria experiência. É que talvez só sabe amar de verdade o inimigo, aquele que se viu tentado a odiá-lo. Só sabe perdoar quem sofreu na própria carne o ódio do inimigo em forma de tortura, humilhação ou morte. Quem só prega o perdão e o amor de ouvido ou de palavras, tem pouca autoridade ao falar e não convence. A palavra evangélica sobre o amor ao inimigo deve ser levada muito a sério. Não se pode manipular, não se deve abusar dela. Por um lado o evangelho não nos diz que não tenhamos inimigos, mas que, tendo-os, sejamos capazes de amá-los. Isto é, o evangelho não foge do conflito. Não cria a luta, nem sequer a fomenta. Aceita-a e pretende orientá-la para o amor.

Neste episódio, Jesus não diz que se deve apresentar a outra face, mas que ele próprio a apresenta. E faz isto inspirando-se no que o rei Davi fez na terra dos filisteus para escapar dos que o perseguiram (1Sam 21,11-16). É um gesto profético, e por isto, libertador. Com ele salva seus companheiros. É uma forma de dizer que, se isto de apresentar a outra face é pregada como passividade ou resignação, não somos fiéis ao evangelho. Por isso se fazemos da atitude não-violenta uma forma de busca de eficácia, uma estratégia, uma astúcia, estaremos muito mais próximos de entender o que é a não-violência na mensagem de Jesus.

(Mateus 5, 38-48; Lucas 6, 27-36)

Capítulo XXX

CINCO PÃES E DOIS PEIXES

Quando o rei Herodes matou o profeta João em Maqueronte, as pessoas ficaram cheias de medo e de raiva. Nós estávamos então em Jerusalém. Ao saber o que havia se passado, regressamos depressa à Galileia pelo caminho das montanhas.

Natanael: Ai, Felipe já não aguento mais. Meus pés estão muito inchados.

Felipe: Não se queixe tanto, Nata. Afinal, só falta um pouco.

Natanael: Como pouco se ainda nem chegamos a Magdala?

Felipe: Não homem, digo que falta pouco para que nos cortem o pescoço como a João o batizador. E então, os calos não ficaram ainda mais doloridos?

Natanael: Se é uma piada, não acho graça nenhuma.

Ao fim, depois de muitas horas de caminho.

João: Ei, companheiros, já dá para ver Cafarnaum. Olhem lá.

Pedro: Que viva nosso lago da Galileia.

Felipe: E que vivam estes treze malucos que voltam a molhar os pés nele.

Depois de três dias de caminho, voltamos para casa. Apesar do cansaço, íamos contentes. Como sempre, Pedro e eu nos pusemos a correr na última milha, para ver quem chegava primeiro.

João: Condenado Pedro-pedrada, você não será o primeiro desta vez.

Pedro: Isso é o que você acha. Já estou quase lá, já estou quase lá.

Quando chegamos a Cafarnaum, a família de Pedro, a nossa e a metade do bairro saíram para dar-nos as boas vindas e inteirar-se de como estavam as coisas lá por Jerusalém.

Um vizinho: Escute, Pedro, é verdade o que dizem que Pôncio Pilatos roubou outra vez o dinheiro do templo para o seu maldito aqueduto?

Pedro: Se fosse só isso. As cadeias estão cheias. Do átrio do templo dá para ouvir os gritos dos que estão sendo torturados na Torre Antônia.

Outro vizinho: Canalhas!

João: Antes de nós sairmos de lá, crucificaram mais dez zelotas. Dez rapagões cheios de vida e com ganas de lutar.

Zebedeu: Pois por aqui as coisas não estão muito melhores.

Pedro: O que? Houve problemas?

Zebedeu: Sim, prenderam o Lino e o Manasses. E o filho do velho Sixto.

Salomé: O marido da sua comadre Cloé estava sendo procurado e teve de se esconder lá pelas cavernas dos leprosos. Foi Gedeão, o saduceu, que o denunciou.

João: Esse traidor!

Um vizinho: Um grupo de ferreiros fez um protesto por causa do último imposto sobre o bronze e, zaz. Todos pra cadeia.

Salomé: E todos apanharam.

Zebedeu: E isso já faz seis dias, e até agora não foram soltos.

Salomé: Bem, creio que há mais gente na cadeia do que na rua.

Jesus: E as famílias dos presos?

Zebedeu: Você pode imaginar, Jesus. Passando fome. O que é que vão fazer? Entre os mendigos e os camponeses que perderam a colheita e agora os filhos dos presos, Cafarnaum está que é uma lástima.

João: Temos de fazer alguma coisa, Jesus. Não podemos cruzar os braços.

Felipe: É o que eu sempre digo: Fomos a Jerusalém, voltamos de Jerusalém, e daí?

Pedro: Agora estamos os treze juntos. Entre todos podemos pensar um plano.

Salomé: Não comece a agitar mais ainda, Pedro, se não quiser que o pendurem em um pau. A polícia de Herodes anda bisbilhotando na taberna e diz que se alguém estiver conspirando será pego.

Jesus: Pois vamos para fora da cidade, para não levantar suspeitas. Sim, é isso, amanhã podemos sair para dar uma volta e procurar um lugar tranquilo para falarmos sobre isso tudo. De acordo?

Natanael: Amanhã, sim, amanhã de manhã. E se for de tarde ainda melhor. Estou de um jeito que não consigo dar nem mais um passo. Ai, minha avó, estou com os rins feitos pó.

No dia seguinte, pela tarde, Tiago pediu ao velho Gaspar sua barca grande. Nela cabíamos os treze. Remamos em direção a Betzaida. Com a primavera, a orla do lago estava coberta de flores e o capim estava muito verde.

João: Ei, Pedro, você se lembrou de pegar algumas azeitonas para enganar as tripas?

Pedro: Azeitonas e pão. Pegue.

Felipe: Vejam, e aquelas pessoas que estão na margem? O que será que acontece?

João: No mínimo alguém se afogou. O mar rebenta muito nesses lugares.

Homem: Ei, vocês, da barca, venham aqui. Venham.

Natanael: Acho que os afogados seremos nós. Veja, Pedro, aqueles que estão fazendo sinais não são os gêmeos da casa grande?

Pedro: Sim, são eles mesmos. Como é que vieram parar aqui?

João: Devem ter vindo a pé de Cafarnaum. Seguramente o velho Gaspar lhes disse que viemos para cá. E chegaram primeiro que nós.

Uma mulher: Pedro, Jesus não veio com vocês?

Pedro: Veio. O que você quer com ele?

Um homem: Com ele e com vocês. As coisas andam mal em Cafarnaum. Já lhes contaram?

Uma mulher: Estamos passando fome. Nossos maridos presos e nós sem um pedaço de pão para dar às crianças.

Um homem: E nós que estamos livres, não achamos onde ganhar uma porcaria de denário. Não há trabalho nem para Deus se ele se sentasse na praça.

Pedro: E o que nós podemos fazer, se estamos quase que nem vocês?

Outro homem: Venham, venham, amarrem a barca aqui. Venham.

João: Escute, Jesus, não seria melhor embicar para outro lado? Há gente demais.

Jesus: É que o povo está desesperado, João. As pessoas não sabem nem o que fazer nem para onde ir, estão como um rebanho sem pastor.

Eram muitos esperando-nos na orla. Alguns vieram de Betzaida. Outros do casario de Dalmanuta. E também vieram muitos de Cafarnaum.

Um homem: Vocês sempre dizem que as coisas vão melhorar, que vamos por fim levantar a cabeça. E vejam vocês, quando o profeta João a levantou,

a cortaram.

Uma mulher: Já não temos ninguém que responda por nós. Que esperança nos resta, heim? Estamos perdidos.

Jesus: Não, dona Ana, não diga isso. Deus não vai deixar-nos desamparados. Se lhe pedirmos, ele nos dará. Se buscarmos uma saída, a encontraremos. Não ficaram sabendo o que fez Bartolo outro dia, quando lhe chegaram alguns parentes no meio da noite?

Um homem: Bartolo? Que Bartolo?

Jesus: Bartolo, homem, o que antes dava aqueles gritos na sinagoga, lembram?

Uma mulher: Ah, sim, e o que aconteceu com esse lunático?

Jesus: Para não perder o costume, continuou gritando. Afinal, que outra coisa esse coitado poderia fazer?

Jesus, como sempre, acabava contando histórias para fazer-se entender melhor. Pouco a pouco, todos fomos nos sentando. Havia muita grama naquele lugar.

Jesus: Pois vejam, acontece que outra noite, seus parentes vieram de visita e Bartolo não tinha nada em seu casebre para oferecer-lhes. Então foi até um vizinho: “Vizinho, abre-me, tum, tum, tum. Vizinho, não lhe sobrou nenhum pão do jantar?”. Mas o outro já estava roncando. “Tum, tum, tum. Vizinho, por favor.” E o outro da cama respondeu: “Deixe-me em paz! Não vê que estou deitado com meus filhos e minha mulher?”. Mas Bartolo continuava a bater, chamando à porta. Era um que não me amole, e outro que me empreste três pães. Resultado, o primeiro a se cansar foi o vizinho de Bartolo. E se levantou e lhe deu os pães que pedia para tirá-lo de cima.

Uma mulher: Bom, e daí?

Jesus: Que assim acontece com Deus. Se chamarmos ele acabará abrindo-nos a porta. E nos ajudará a ir adiante apesar de todas as dificuldades que

temos agora. Vocês não acham?

Quando Jesus acabou de contar aquela história, uma mulher magra, com uma cesta de figos na cabeça e um avental muito sujo, se aproximou de nós.

Melânia: Vocês me perdoem, eu sou uma mulher rude, mas... Não sei, eu penso que a coisa também acontece ao contrário. Muitas vezes o que bate à porta é Deus. E nós somos os que estamos deitados, dormindo a sono solto. E Deus vem e nos esmurra a porta para darmos o pão que nos sobra aos que não o tem.

As palavras de Melânia, a vendedora de figos, surpreenderam a todos nós.

Melânia: Não é verdade o que digo, amigos? Pedir a Deus, sim, isso é bom, mas do céu, que eu saiba, não chove pão. Isso dizem que era antes, quando nossos avós iam caminhando por aquele deserto. Mas agora, já não acontecem esses milagres.

Jesus: Esta mulher tem razão. Escutem, amigos: a situação está ruim. Há muitas famílias passando fome em Cafarnaum e em Betzaida e em toda a Galileia. Mas, se nos unirmos, se colocarmos o pouco que temos em comum, as coisas vão melhorar, vocês não acham?

João: O que eu acho, Jesus é que já está muito tarde. Vai cortando o fio e vamos embora. Ei, amigos, já não é um pouco tarde? Nós estamos voltando a Cafarnaum.

Um homem: Não, não, vocês não podem ir agora. Temos de discutir a questão das mulheres dos presos e o que vão comer os que estão sem trabalho.

Pedro: Deixe isso para outro dia, amigo. Já está ficando escuro e, de verdade, vocês devem ter as tripas coladas à espinha.

Uma mulher: E vocês também, que porcaria! Se formos agora desmaiaremos pelo caminho.

Jesus: Escute, Felipe, não há nenhum lugar por aqui onde se possa comprar alguma coisa?

Felipe: Um pouco de pão poderia ser comprado em Dalmanuta, mas eu creio que para tanta gente seriam precisos duzentos denários.

Jesus: Vejam o que são as coisas, amigos. Vocês têm fome. Nós também. Nós trouxemos algumas azeitonas, mas não queremos mostrá-las porque não bastariam para todos. Penso que alguns de vocês também trouxeram seu pão por baixo da túnica e, tampouco se atrevem a mordê-lo para que o do lado não lhes peça um pedaço.

João: É assim mesmo, Jesus e, sem ir mais longe, há aqui um menino que trouxe alguma comida.

Jesus: O que você tem aí, garoto?

Um menino: Cinco pães de cevada e dois peixes.

Jesus: Ouçam, vizinhos, por que não fazemos o que a Melânia disse há alguns instantes? Por que não nos sentirmos como uma grande família e repartimos com todos o que temos? Na melhor das hipóteses isso dará.

Um homem: Sim, é isso, vamos fazer isso. Ei, você, garoto, traga aqui os cinco pães que você tem. Eu tenho aqui dois ou três mais.

Jesus: Você, Pedro, pegue as azeitonas e coloque-as no meio, para todos. Quem tem alguma coisa mais?

Outro homem: Por aqui há uns quantos dourados. Com os dois do garoto e outros mais que apareçam.

Melânia: Aqui está meu cesto de figos, pessoal. Quem tiver fome, pode ir comendo sem pagar.

Tudo foi muito simples. Os que levavam um pão o puseram para todos. Os que tinham queijo ou tâmaras, o repartiram entre todos. As mulheres improvisaram algumas fogueiras e assaram os peixes. E assim, às margens do lago de Tiberíades, todos puderam comer naquela noite.

Uma mulher: Escutem, se alguém quiser mais pão ou mais peixe. Ainda tem. Você quer, Pedro?

Pedro: Eu? Não, estou mais estufado que um hipopótamo. Comi até demais.

Outra mulher: Você, garoto, recolhe os pedaços de pão que sobraram. Sempre se aproveita...

João: Agora, sim, companheiros, ao barco. Temos que voltar para casa.

Um homem: Esperem, esperem, não vão ainda. Não acabamos de discutir a questão das mulheres dos presos e... Sim, claro, estou entendendo. O que temos que fazer é...

Melânia: O que se tem que fazer é compartilhar.

Jesus: Sim. Compartilhar hoje e amanhã também. E assim, o pão será suficiente para todos.

E nós treze montamos na barca de Gaspar e começamos rema que rema no meio da noite rumo a Cafarnaum. Eu ia pensando enquanto cruzávamos o lago que um milagre, um grande milagre havia acontecido naquela tarde diante dos nossos olhos.

A uns três quilômetros de Cafarnaum, bem próximo do lago da Galileia, está Tabgha, onde a tradição fixou há muito tempo o lugar em que Jesus comeu pães e peixes com uma multidão de conterrâneos. Tabgha é a contração em árabe da palavra grega “Heptapegon”, que quer dizer “Sete Fontes”. A igreja que hoje se visita em Tabgha está construída sobre a que já existia ali há mil e quatrocentos anos. Os mosaicos existentes no piso desta chamada “igreja da multiplicação” são os do antigo templo e têm um grande valor artístico e arqueológico. Em um destes antiquíssimos mosaicos se representa um cesto com cinco pães; e a seu lado há dois peixes. Desde a remota antiguidade, pães e peixes foram um símbolo eucarístico, por referência a este texto do evangelho no qual se realiza o essencial do que celebramos na eucaristia. Uma comunidade que compartilha sua fé, sua esperança e seu pão na presença de Jesus.

Jesus conta a seus vizinhos, neste episódio, a parábola do amigo a quem pede ajuda de noite (Lc. 11,5-8). Com esta história quer ressaltar a confiança que devemos ter em Deus, que escuta nossas vozes quando clamamos a ele em nossa necessidade. Cedo ou tarde ele lhes abrirá a porta. Por outro lado, Jesus está tecendo uma história humorística com um ensinamento bem prático. Esta insistência ao pedir, esta cabeça dura que não cede, esta impertinência tão oriental de saber insistir, esta astúcia que tem aquele que nada possui para conseguir o que procura, para surrupiar, tudo isso são valores que devemos saber usar para construir o Reino da Justiça.

O pão era o alimento básico no tempo de Jesus. Até há pouco tempo, na maioria dos países do mundo, também o era. Algumas revoluções e revoltas populares estouraram precisamente quando faltou o pão ou quando subiu tanto de preço que aos pobres se tornou impossível comprá-lo. A falta de pão – que é o mesmo que dizer a fome – acendeu em muitas ocasiões o estopim da rebeldia dos pobres. Pelos escritos da época, podemos saber com muita aproximação o preço do pão no tempo de Jesus. O que uma pessoa comia diariamente equivalia a 1/12 de denário, isto é, 1/12 do salário de uma jornada, pois o mais frequente era que, na maioria dos ofícios, se ganhasse um denário por dia. O pão era comido na forma de tortas chatas, pouco grossas, como as que ainda hoje se usam nos países orientais. Para sua alimentação, um adulto, consumia pelo menos três dessas tortas.

Deus não dá de comer diretamente aos homens. E a prova mais palpável é a fome do mundo, padecida pela maioria da humanidade e não querida por Deus. Os famintos não devem esperar do céu a solução de sua miséria. O evangelho nos indica outra alternativa: Compartilhar. Não é necessário “comprar” – como propõem os discípulos. Basta “dar”, pôr em comum o que cada um tem. E assim haverá para todos. Este seria o maior dos milagres. Se se compartilha tudo, “todos ficam saciados” e inclusive sobra.

A missão da comunidade cristã no mundo dominado pela injustiça e regida pelo dinheiro e pela acumulação de bens, será sempre o amor. Mas não um amor de palavra, de bonitos discursos, mas um amor expresso no compartilhar. Deus é generoso e quer que todos comam, vivam, estejam saciados. Mas essa sua vontade se torna realidade unicamente através da

generosidade da comunidade. Tudo isso é o que a comunidade expressa e celebra quando se reúne na eucaristia para compartilhar o pão.

Mateus 14,13-21 e 15,32-39; Marcos 6,30-44 e 8,1-10; Lucas 9,10-17; João 6,1-14)

Capítulo XXXI

Diante da sinagoga de Cafarnaum

Aquele dia era sábado. E, como todos os sábados, nós nos reuníamos na sinagoga de Cafarnaum. Ali, na assembleia, estavam muitos dos que haviam comido conosco em Betzaida, quando repartimos os pães e os peixes. Ali estavam também os familiares dos presos e alguns mendigos. Depois das orações rituais, Fanuel, um dos proprietários mais ricos da cidade, levantou-se para fazer a leitura.

Fanuel: “Então apareceu no deserto uma coisa pequena como grãos, semelhante ao orvalho. E Moisés disse aos filhos de Israel: Este é o maná, o pão que Deus nos dá por alimento. E isto é o que Deus manda: que cada um recolha o que necessite para comer ele e sua família. Assim o fizeram os filhos de Israel. Mas alguns recolheram muito e outros recolheram pouco. Então o dividiram para que não sobrasse aos que tinham mais, nem faltasse a quem tinha menos. E assim todos tiveram o necessário para o sustento. Moisés também disse: que ninguém guarde maná para o dia seguinte. Mas alguns não obedeceram a Moisés e começaram a guardar e estocar o alimento. Mas ele se encheu de vermes e apodreceu. Porque Moisés havia mandado que cada um recolhesse o que necessitasse para o sustento.” Esta é a palavra de Deus no livro santo da Lei.

Todos: Amém. Amém!

Então, o rabino Eliab, com sua voz fanhosa de sempre se dirigiu a todos que estavam na sinagoga.

Rabino: Irmãos, quem quer vir explicar esta leitura? Vamos, vamos, não tenham vergonha de fazer um comentário sobre estas palavras santas que acabamos de escutar.

Amós: Quem devia sentir vergonha é esse que a leu.

Amós, um dos tantos assalariados que trabalhavam na fazenda de Fanuel, rompeu o silêncio.

Amós: Eu não quero comentar nada. O que eu quero é gritar a esse pão-duro: cumpre você mesmo o que acabou de ler. Ouçam todos vocês e julguem se não tenho razão: Fanuel não me paga um centavo já faz quatro luas. Eu me mato trabalhando em sua fazenda, e depois não me paga... Ladrão!

Rabino: Cale-se e vai protestar em outro canto. Isto não é um tribunal, mas a Casa de Deus.

Amós: Se não ligam para mim no tribunal, aonde eu vou, heim?

Rabino: Estou dizendo para se calar. Repito: algum irmão quer comentar a palavra de Deus que acabamos de escutar?

Simeão: Sim, sim, eu quero comentá-la, rabino.

Todos os olhos se voltaram dessa vez para o corcunda Simeão, um pobre homem que vivia junto ao mercado.

Rabino: O que você tem a dizer?

Simeão: Bem, na realidade, não vou dizer nada. Moisés já falou tudo. Vocês não ouviram? Que ninguém tenha demais, que ninguém tenha de menos. Que a ninguém sobre o pão, que a ninguém falte o pão. Esta é a lei de Moisés. E eu sou filho de Moisés, não é verdade? E aquele que está ali, dom Eliazim, também... E por que ele tem os celeiros cheios, arrebandando de trigo e cevada, e eu estou morrendo de fome, heim?

Rabino: Cale-se você também, impertinente! O que você está dizendo não tem nada a ver com a palavra de Deus. Se está a fim de falar de política, vá à taberna.

Simeão: Eu não estou falando de política, rabino. Eu estou dizendo que meus filhos não têm um naco de pão para comer.

Rabino: Comer, comer! Vocês só pensam em comer. Irmãos, estamos na casa de Deus. Esqueçamos por um momento as preocupações materiais e falemos das coisas do espírito.

Uma mulher: Claro, porque você come quente todos os dias. Se tivesse fome, você venderia seu espírito por um prato de lentilhas.

Rabino: Tirem essa gritona da sinagoga! Não vou permitir nenhuma falta de respeito neste lugar santo! Hã hã... Falemos das coisas santas, do pão divino, do maná. Como nos disse a leitura, o maná caía do céu sobre os israelitas.

Mulher: Pois a nós, o que nos está caindo em cima são as porradas dos guardas. Meus dois filhos estão presos já faz uma semana, e bateram neles como se fossem cachorros. E sabem por quê? Porque esse canalha saduceu que está aí, os denunciou. Sim, sim, Gedeão, foi você. Vão vire a cara porque aqui todo mundo já sabe, traidor.

Rabino: Mas o que está acontecendo hoje por aqui, heim? O que vocês vieram fazer aqui? Rezar ou molestar alguns irmãos da comunidade?

Amós: Irmãos? Como vai ser meu irmão o usurário que ontem mesmo me agarrou pelo cangote para que eu lhe pagasse seus malditos juros? Você mesmo, Rubem, não adianta disfarçar, você mesmo.

Rabino: Já chega. Já chega! Esta é a casa de Deus. E à casa de Deus se vem para rezar.

Simeão: Mas, rabino, você não compreende o que estamos dizendo? Como podem rezar juntos o leão e a ovelha? O leão pede a Deus que a ovelha durma para poder comê-la. A ovelha também pede a Deus para que o leão durma para que lhe cortem a juba.

Amós: Bem falado, Simeão. Como vou rezar junto de dom Eliazim, eu que não tenho nem sete palmos de terra para morrer? Um dos dois está sobrando.

Um homem: O velho Benjamim lhe rouba vinte e em seguida suborna os juízes, e os juízes lhe roubam mais vinte. E vou ficar rezando com ele debaixo do mesmo teto? Eu digo o mesmo que este meu vizinho: um dos dois está sobrando.

Outro homem: Sim, sim, é preciso falar claro e rasgado para que entendam de uma vez. Olhe, olhe aquele ali com carinha de piedoso. Com o trigo que ele tem armazenado poderiam comer quarenta famílias daqui do povoado. E com os colares da mulher dele, se consertaria todas as casas do bairro. Digo o que já disseram: ou eles, ou nós.

O alvoroço subiu como a maré. Os dedos se levantavam acusadores e abríamos a boca sem medo de denunciar os abusos que cometiam os grandes de Cafarnaum. Então, o rabino Eliab, roxo de raiva, subiu ao estrado das leituras e começou a gritar.

Rabino: Vocês são os únicos que estão sobrando, malditos! Vocês que não respeitam a palavra de Deus e só querem fazer política. Sim, sim, eu sei o que está se passando. O mesmo que aconteceu outra vez, no caso das espigas. Um agitador lhes está enchendo a cabeça de sonhos. Mas, escutem bem, eu não vou repetir mais: ou calam a boca de uma vez, ou ponho todo mundo pra fora.

Jesus: Não é necessário, rabino. Nós já estamos indo. Um dos dois está sobrando.

Jesus se levantou, deu meia volta e saiu da sinagoga.

Rabino: Você, maldito, você! Você é o culpado de tudo isso. Você está dividindo a comunidade. Mas você pagará muito caro, rebelde.

Atrás de Jesus também saímos nós, os do grupo. E os camponeses, os assalariados de Eliazim, os desempregados de Fanuel, as mulheres dos presos e muitos outros mais, abandonaram em silêncio a casa de Deus. Pouco depois, dentro da sinagoga, só ficou o rabino Eliab, andando de um lado para outro em cima do estrado, com os dentes e os punhos apertados. Ficaram também os amigos dos latifundiários e dos agiotas. E alguns

outros que, por medo da maldição do rabino, não se atreveram a sair. Lá fora, num canto da praça, todos nós rodeamos Jesus.

Uma velha: Olhe, você, de Nazaré, não fizemos algo de errado saindo assim da sinagoga?

Jesus: Não, vovó, não se preocupe. O profeta Jeremias também teve de se colocar diante das portas do Templo para denunciar que a casa de Deus havia se transformado numa toca de ladrões.

Um homem: E agora, Jesus? O que vai acontecer?

Jesus: O que sempre acontece, vizinho. Eles atiram a pedra e escondem a mão. E em seguida, quando a gente reclama da pedrada, dizem que estamos agitando, semeando discórdia na comunidade. Enquanto isso eles dão uma de cordeiros mansos. Mas não nos deixemos enganar. Isso é só um disfarce. Por dentro são lobos com caninos afiados. O que querem é roubar, estocar e ficar com tudo.

Uma mulher: E nós, o que temos de fazer, Jesus?

Jesus: O contrário do que eles fazem: compartilhar. Deus nos pede isso: repartir. Isso escreveu Moisés: ninguém com mais, ninguém com menos. Este é o sinal de que o Reino de Deus começou entre nós. Escutem, amigos: por que ontem o pão deu para todos? Porque repartimos o que tínhamos. Esta é a vontade de Deus. Se compartilharmos o pão nesta vida, Deus compartilhará conosco a vida eterna. Se compartilharmos o pão da terra, Deus nos dará um pão ainda melhor, um pão do céu, como aquele maná que caía no deserto.

Um homem: Escute: E onde se consegue este pão do céu?

Jesus: Deixe isso pra lá, Simeão. Primeiro, temos de repartir o pão da terra, não é mesmo?

Enquanto Jesus falava lá fora, o latifundiário Eliazim saiu da sinagoga e se aproximou do nosso grupo, ameaçando-nos com o punho.

Eliazim: Escutem bem, todos vocês. Nós não vamos tolerar isso. O rabino já deu sua aprovação. Vou agora mesmo ao quartel denunciar todos vocês. E você será o primeiro, nazareno, você que é o “cabeça” de toda essa agitação.

Uma mulher: Se você se coça tanto é porque foi muito bem picado.

Eliazim: Podem rir, imbecis. Quando vierem os soldados, quando estiverem presos, quando agarrarem seus filhos e os açoitarem numa coluna e os pregarem na cruz romana, então não terão tanta vontade de rir. Depois, não venham me dizer que não avisei.

Houve um silêncio carregado de maus presságios. As ameaças de Eliazim gelaram o riso em nossa boca. Porque era verdade. Os romanos não perdoavam. Cada dia, levantavam-se novas cruces em todo o país para afogar o grito de protesto dos pobres de Israel.

Um homem: Bom, vizinhos, vamos deixar essa conversa pra outra hora, não?

Outro homem: Sim, já é um pouco tarde e... Enfim, até mais pra todo mundo.

Amós: Eu também tenho de ir. Nos vemos outro dia.

Um a um, da mesma forma que haviam saído da sinagoga, foram indo agora para suas casas.

Tiago: Covardes! É isso que são todos vocês, covardes!

Jesus: Claro que sim, Tiago. Na hora da verdade, todos sentimos medo. Ninguém gosta de arriscar a própria pele. Mas é preciso fazê-lo. Temos de repartir o pão. Mas temos de repartir também nosso corpo e nosso sangue. A muitos de nós romperão a carne como se rasga um pão. Derramarão nosso sangue como se derrama o vinho. E então, quando tenhamos dado a vida por nosso povo, seremos dignos do Reino de Deus.

João: Bem, Jesus, estas palavras são fáceis de falar, mas... Mas muito duras de engolir.

Um menino: Os soldados, os soldados estão chegando. Corram, corram, eles estão trazendo lanças e garrotes.

Muitos saíram correndo quando ouviram que os soldados estavam chegando. Nós também começamos a nos olhar com inquietação.

Pedro: Bem, Jesus, então... Então...

Jesus: O que foi, Pedro? Quer ir? Vai. Vocês também querem ir?

Pedro: Bem, por querer-querer. Uff... Está bem, moreno, ficamos com você. O que você disse é a verdade. Acontece que esta verdade engasga a gente como uma espinha de peixe.

Jesus: Agora somos treze. Qualquer um de nós pode falhar. Por isso, temos de nos apoiar uns nos outros. E que Deus nos dê força para repartirmos tudo... Até o próprio medo.

Pedro: Os soldados já estão aí, Jesus.

Um soldado: Ei, vocês, circulando, circulando. Não queremos nenhuma desordem. Vamos, vamos, andando. E você, forasteiro, você mesmo, tome cuidado com o que faz. Estamos por dentro de tudo, entendeu? Você e seu grupo já estão fichados. Vamos, vamos, voltem para suas casas.

Por sorte, os soldados não fizeram muito caso da denúncia de Eliazim. E nos deixaram ir naquela vez sem maiores problemas. Tudo isso aconteceu num sábado, o dia de descanso, diante da sinagoga de Cafarnaum.

Até o final do século passado ainda não haviam sido descobertas as ruínas de Cafarnaum dos tempos do Evangelho. Uns seiscentos anos depois da morte de Jesus, Cafarnaum foi destruída e, pouco a pouco, todos os cenários do evangelho ficaram reduzidos a escombros. Um dos trabalhos levados a cabo com maior cuidado depois do descobrimento foi a restauração da sinagoga. Não era a que Jesus conheceu, mas estava

construída em cima da daqueles tempos. O atual edifício é do século IV, muito espaçoso, com grossas colunas e formosos adornos nas paredes. Está muito próxima da casa de Pedro.

No culto que se celebra a cada sábado na sinagoga e ao qual Jesus assistia habitualmente com seus conterrâneos, lia-se um trecho das Escrituras e os próprios assistentes o comentavam. Nem a leitura, nem o comentário eram tarefas específicas do rabino. Ordinariamente, as mulheres nunca falavam publicamente na sinagoga, embora neste episódio se faz compreensível sua participação levando-se em conta a evolução do diálogo entre os vizinhos.

No episódio, o texto que se lê foi extraído do capítulo 16 do livro do Êxodo. O maná “o pão do céu” havia sido o alimento que os israelitas encontraram no deserto em sua longa marcha até a Terra Prometida. As normas dadas por Deus para a colheita do maná tratavam de evitar a acumulação e a desigualdade na partilha da comida, para que ela bastasse a todos.

Por mais que o culto judaico da sinagoga não seja equivalente ao culto cristão, nem a celebração do sábado possa ser colocada em paralelo com a celebração eucarística dos domingos, neste capítulo busca-se uma certa semelhança para se colocar o tema básico culto-justiça. O tema Eucaristia-justiça é um problema tão velho como o cristianismo. São Paulo afirma que onde existe desigualdade e esta é ostentosa, não se está celebrando a eucaristia, mas um ato que o Senhor condena. Sua denúncia neste sentido é ardente (1 Cor 11, 17-34). Nos primeiros séculos cristãos havia uma evangélica sensibilidade para captar a relação Eucaristia-justiça. Só celebravam a Eucaristia e repartiam o Pão os que antes punham os seus bens em comum com seus irmãos. E ainda mais: o bispo tinha a obrigação de vigiar os que levavam oferendas para a missa. Se se tratava de pessoas que oprimiam os pobres, era proibido receber qualquer coisa delas. (Const. Apost. II, 17, 1-5 e III, 8 e IV, 5-9). Isso era levado com tanto rigor que a Didascália (século III) dispõe que, se para alimentar os pobres não houver outro meio que receber dinheiro dos ricos que cometem injustiças, é preferível que a comunidade morra de fome antes que aceitar dinheiro desses opressores (Didasc. IV, 8, 2). As disposições deste tipo se

multiplicam nos escritos dos Santos Padres e das Igrejas de diferentes lugares ao longo dos séculos.

Outro exemplo desta radicalidade é o do bispo de Milão, Santo Ambrósio, que, inteirado da matança de milhares de pessoas cuja responsabilidade era do imperador Teodósio, além de denunciá-lo, enviou-lhe uma carta dizendo que “não oferecerá o Sacrifício da Missa diante dele, se ele se atrever a assistir” (Epist. LI, 13). Foi a partir do século IX, que a Igreja oficial foi se esquecendo disso tudo e começou a fixar-se unicamente no tema da presença real de Cristo no pão e no como explicar este sublime mistério. Assim, se perdeu de vista a outra dimensão eucarística.

Os profetas de Israel também estão nesta linha. Nas mesmas portas do Templo de Jerusalém, lugar muitíssimo mais “sagrado” que a sinagoga de um povoado de pescadores, o profeta Jeremias “escandalizou” os homens religiosos de seu tempo e o próprio rei denunciando a falsa segurança dos que se amparam no culto, esquecendo os deveres da justiça (Jr 7, 1-15; 26, 1-24). Com esta liberdade, característica dos grandes profetas, Jesus antepõe a justiça ao culto e no lugar santo fala do que é mais sagrado para Deus: a vida dos homens, a justiça entre eles. Ninguém pode levar oferendas ao altar se existir outro homem que tenha algo contra ele. Primeiro deve reconciliar-se (Mt 5,23-24).

Na Eucaristia dos crentes celebramos o memorial daquele que por sua fidelidade a Deus mataram e ao qual Deus fez Senhor ressuscitando-o da morte. Na Eucaristia se celebra esta fé comum, que se prolonga na história vivendo esta mesma fidelidade. Celebra-se a comum esperança de que as coisas podem mudar até a vida, até a igualdade e a fraternidade entre os homens. Celebra-se o amor que nos impulsiona a compartilhar, a arriscar a vida por esta causa e a criar comunidade. A celebração da Eucaristia – a palavra dos profetas e de Jesus, o pão partido e partilhado – sustenta esta fé, esta esperança e este amor.

(João 6, 22-71)

Capítulo XXXII

O FANTASMA DO LAGO

Era noite fechada sobre o grande lago da Galiléia. A lua, feito uma metade de laranja pendurada no céu, apenas nos iluminava os rostos. Com Pedro, em sua velha barca pintada de verde, íamos seis. Na outra barca, dirigida por André, iam os outros do grupo... Jesus não estava conosco naquela noite. Quando nós doze subimos à barca, disse que não queria vir e se afastou em silêncio por uma das vielas escuras que saíam do cais...

Pedro: Companheiros... isto está muito esquisito... Por que ele ficou na cidade, heim? Por que?

Tomé: Jesus te-te-te-tem medo da água à no-no-noite! Não é por isso?

Tiago: Conversa fiada, Tomé! Aqui tem coisa mais séria. Medo da água não. Isso é uma idiotice. Mas medo sim. Jesus tem medo. Dá pra ver em seus olhos!

Pedro: Mas, medo de quê, Tiago? Vai ter medo por que?

Tiago: As coisas estão ficando feias, Pedro. A cada dia o Moreno está mais fechado. Os fariseus o odeiam e o procuram. Este queijo está apodrecendo...

Pedro: Mas, o que vocês estão dizendo? Isso não pode ser. Jesus é valente. Já demonstrou isso. Por que vocês têm tanta certeza disso?

Tiago: Ninguém tem certeza de nada, Pedro, de nada... Estamos só falando. Mas você não vai negar que é muito esquisito ele nos ter deixado sozinhos...

Tomé: E na-na-na-não será que ele foi rezar? Jesus é muito rezador.

Pedro: Mas para que tipo de santo se vai ficar rezando lá? Não, Tomé, isso não explica o que está acontecendo esta noite...

Tiago: Será que ele nos traiu...? Estará passando pro outro lado e não se atreve a dizer?

Pedro: Mas, como é que ele vai fazer isso, cabelo-de-fogo. Jesus é direito como um remo!... Você está maluco! Não, isso não pode ser!

Felipe: A idéia que anda dando voltas na minha cabeça é outra... Acho que ele está farto de falar que o Reino de Deus está próximo, que já vem... mas não chega nunca. Ele deu uma de profeta, ficou sem saliva na boca dizendo que as coisas vão mudar... e vocês estão vendo, tudo continua igual! E então...

Pedro: E então o que? O que você quer dizer com isso, Felipe?

Felipe: Quero dizer que um dia desses – hoje por exemplo – Jesus vai dizer: “mundo ingrato, que se apodreça!” E ao diabo com o grupo, com a justiça, com o Reino de Deus e com tudo!... E aí ele se vai por um caminho escuro como fez esta noite e a gente nunca mais vai tornar a ver sua barba.

Pedro: Mas, o que você está dizendo?! De onde tirou esta idéia, cabeção do demônio?... Jesus não pode fazer isso com a gente. Ele não é assim! Ele não é assim!

Tiago: Está bem, Pedro, ele não é assim. Mas por que ele não veio conosco esta noite, heim?

Todas as palavras daquela conversa foram se colando dentro do peito como o vento frio da noite que inflava as velas e começava a revolver as tranqüilas águas do lago. Na outra barca, André, Judas, Simão e os demais, falavam sobre a mesma coisa, com as mesmas palavras, com as mesmas perguntas. Depois de um tempo, todos ficamos em silêncio... Só se ouvia o rumor do vento cada vez mais forte...

Pedro: Pelos mil demônios do sheol, digam alguma coisa! Prefiro uma tempestade do que esta história de todo mundo ir com a boca fechada, como

mortos!

Então, como se tivesse ouvido o grito irado de Pedro, o vento começou a agitar com fúria as duas barcas e as nuvens começaram a descarregar sobre o lago os raios e trovões que guardavam escondidos em suas negras barrigas.

Tiago: Maldição! Meu nariz já me dizia que iria haver tempestade! Agarre bem a vela, João!

Tomé: Que-que-que é isso?

Pedro: O que poderia ser, Tomé? Você não está achando que isto é uma festa, não é mesmo?

Tomé: Nos afo-fo-fogaremos!

Tiago: Sim, caramba, nos afogaremos. E você será o primeiro se não fechar este bico!

André: Ei, Pedro, solte um pouco a vela!... Pedro!

Pedro: Afaste-se um pouco magrão! Vamos bater!

As ondas, gigantescas como montanhas, saltavam por cima de nossas cabeças, ensopando-nos vez por outra até os ossos. A barca que André dirigia, envolta num redemoinho de vento, começou a se aproximar demais da nossa, girando loucamente como um pião.

Pedro: Porcaria, Tiago, solte mais esta vela! Vamos nos arrebentar!

Tiago: Caia fora daí, Tomé!... Agarre bem, João!... Mais forte, mais forte!

A quilha rangia como uma alma penada. As ondas levantavam as barcas deixando-as cair com estrépito sobre a superfície. Enquanto Felipe e Natanael tiravam a toda pressa a água que entrava sem cessar pelos costados, Tomé, dando um grito espantoso, abriu os braços e desmaiou, caindo sobre as cordas da popa...

Tomé: Aiii...!

Tiago: Um a menos!... Agarre bem, João!... Ei, cuidado, cuidado...!!!

Tiago e eu tratávamos de controlar a vela, mas então o vento fez estalar o mastro, partindo-o pela metade.

Pedro: Estamos perdidos! Vamos todos para o fundo do lago! Jesus sabia, por isso nos deixou sozinhos! Nos deixou sozinhos!... Estamos perdidos.

Quando nossa barca começava a fazer água pelos quatro costados, André berrou com mais força que os próprios trovões...

André: Ei, olhem lá,! Olhem lá! Lá na direção da orla!!

Felipe: É um fantasma! É o fantasma do lago! Ele vem buscar a gente!

Pedro: Que é isso, Tiago? Você também está vendo?... E você, João?

Tiago: Claro que estou vendo...! E ele vem vindo pra cá!

Felipe: Vai embora, fantasma, vai embora...! Esperem, eu sei uma oração contra fantasmas... Ai, como é mesmo que ela começa... Ah, sim!..."Fantasma, te digo, que Deus está comigo! Fantasma, te digo, que Deus está comigo!"

Tiago: Não seja estúpido, Felipe!

Caminhando sobre as revoltas águas do lago, uma figura branca e luminosa avançava bem devagar em direção de nossas arrebatadas barcas. A lua havia apagado de repente sua tênue luz. E o mar parecia uma imensa boca negra disposta a engolir-nos. Tomé, que já havia despertado, tremia agarrado ao pedaço de mastro que ficara de pé. Estávamos aterrorizados e não tínhamos olhos senão para aquela misteriosa figura... De repente, o fantasma falou...

Jesus: Não tenham medo!... Sou eu!... Sou eu!...

Tomé: E qu-qu-qu-quem é eu?

Felipe: “Fantasma corre, que Deus me socorre! Fantasma corre, que Deus me socorre!...”

Jesus: Rapazes, sou eu!... Não tenham medo!

Tiago: Pedro, esta voz é de Jesus! É ele! É ele!

Quando reconhecemos Jesus, as águas do lago se tranqüilizaram e o vento deixou de soprar. Nossas barcas voltaram a mexer-se suavemente sobre as ondas...

Pedro: Jesus, se é você, diga para eu ir até onde você está!...

Jesus: Vem, Pedro, vem!

Ao ouvir a ordem, Pedro saltou da barca e começou a andar sobre o lago ao encontro de Jesus....

Pedro: Olhem!... Eu posso andar sobre a água!... Olhem!... Com um pé!... Com o outro!... Yupiii!... Sou o sujeito mais maravilhoso de toda Cafarnaum e de toda a Galiléia!... Yupiii!... Olhem isso, senhores.

Pedro fazia piruetas sobre as ondas, aproximando-se de Jesus, quando, de repente, um relâmpago abriu de lado a lado a abóboda do céu e o vento começou a bater as águas em um louco torvelinho... Pedro, amedrontado, começou a afundar...

Pedro: Dê-me sua mão, Moreno!... Jesus, salve-me, que estou me afogando!... Ahgg...!

Jesus, caminhando tranqüilamente sobre as ondas se aproximou de Pedro e o agarrou por uma mão...

Jesus: Que pouca fé você tem, Pedro! Diga, por que você teve medo? Por que teve medo?...

Pedro: Tive medo porque me afogava! Me afogava! Me afoga... mãe afoga... me afo...!!!

Rufina: Pedro, Pedro, o que acontece? Você vai acordar as crianças!... Pedro, veja como você se enrolou na esteira, feito um caracol!... Acorde, homem!

Pedro: Ah... é que o mastro... era horrível... Ai, Rufi, você está aqui... puff!, que alívio... Ele nos salvou! Ele nos salvou!

Rufina: Mas, homem, tranquilize-se, Pedro. E pare de gritar que a avó Rufa tem o sono mais leve que uma mosca...

Pedro: Ai, Rufi, ai, que alívio...Estamos a salvo!... Rufina, esta noite eu entendi tudo. Ele é o homem.

Rufina: Mas, o que você está dizendo?

Pedro: Rufi, veja só, nós íamos na barca. Veio uma tempestade espantosa. Tínhamos medo. Estávamos sós. A vela se rompeu, o mastro quebrou... Rompeu-se também nossa confiança. Tudo estava perdido. Então ele veio...

Rufina: Mas de quem demônios você está me falando?

Pedro: De Jesus, Rufi. Quando eu me afogava, ele me agarrou pela mão e me salvou. A tempestade acabou. E também acabou-se o medo. Estávamos salvos.

Rufina: Muito bonito, muito bonito... Farreando a noite toda, não? Pode-se saber, grande sem-vergonha, a que horas você veio se deitar, que eu nem percebi?

Pedro: Mas, Rufi, você não entende? Isto foi um sinal! Jesus é o homem!

Rufina: Que homem, Pedro? O que você quer dizer com tanto mistério?

Pedro: Escute o que lhe digo, Rufi. Abre bem as orelhas e guarda bem dentro de você o que vou lhe dizer, sob sete chaves, só para você. Eu creio que Jesus é o Messias.

Rufina: Mas, o que você está dizendo, diabo de homem? Vamos ver... está com febre?

Pedro: Não! Nunca estive mais contente! Acabaram-se as tempestades, Rufi! Acabou-se o medo!

Rufina: Pare de gritar, condenado! Olhe, esqueça isso, desenrole esta esteira e volte a dormir. Amanhã você terá outra vez a cabeça no lugar.

Pedro se jogou sobre a esteira. Mas, ao deitar-se, sentou-se de novo, como que empurrado por uma mola.

Pedro: Rufina! E se isso não foi só um sonho. E se for algo mais?

Rufina: Claro que é algo mais... É um pesadelo...

Pedro: Não, Rufi. Nunca em minha vida vi uma tempestade tão espantosa, nem um mar tão revolto. Nunca em minha vida tive tanto medo e tampouco me senti mais seguro do que quando ele me agarrou pela mão... E se não foi só um sonho?... Olhe, Rufi, você está aqui, não é? Está ao meu lado?

Rufina: Mas é claro que estou aqui... E com os olhos quase fechando...

Pedro: Mas, tem certeza?... Não será que agora é que estamos sonhando?

Rufina: Ouça, Pedro, o primeiro galo. Pare com essa conversa fiada. Ande, deite de uma vez e tire outra soneca até que voltem a cantar. E deixe que eu tire a minha também... Estou moída...

Pedro: Está bem, amanhã eu lhe conto o resto... E não conte isso para ninguém... Eu creio que isso não foi um sonho... eu creio...

Rufina: Hummmm... Sim, está bem, amanhã você me conta... amanhã...

Pedro fechou os olhos e voltou novamente a dormir. Mais tarde, muitos anos depois, contou-me tudo isso. Então ainda não sabia dizer-me o que havia acontecido naquela noite. Mas lembrava disso como algo vivo e quente, tão vivo e tão quente como a mão de Jesus em que se havia apoiado para não afundar nas águas revoltas do lago.

No lago da Galiléia, por suas características geográficas, são freqüentes as tempestades repentinas, que se apresentam às vezes com uma força de

autêntico furacão. Os pescadores saíam ordinariamente com suas barcas quando ainda estava escuro, pois as últimas horas da noite e as primeiras da madrugada favoreciam o achado de certos cardumes de peixes. Na Galiléia, como em qualquer outro lugar do mundo, o pescador é um trabalhador que sabe muito de madrugadas.

Ao longo de toda a Bíblia o sonho aparece como espaço em que Deus se revela ao homem. Ao contar-nos os sonhos de que Deus se valeu para dar a conhecer seus projetos, as Escrituras refletem um ponto de vista sobre a vida, habitual em Israel e na maioria dos povos antigos. Acreditava-se realmente que também pelo caminho obscuro dos sonhos Deus podia se chegar ao homem e o homem a Deus. São importantes no Antigo Testamento os exemplos de sonhos que revelam ao homem o que Deus quer deles (Gn 28,10-22 e 37,5-11; Num 12,6-8). Não devemos interpretar isso como uma coisa supersticiosa ou infantil. Ela encerra algo de verdade para nós ainda hoje se soubermos, como então aconselhavam os sábios de Israel, discernir o sentido do sonho (Eclesiástico 34,1-8). Não se trata de acreditar de pés juntos no que sonhamos, mas sim em abriremos o coração a realidades que não se esgotam no que tocamos ou medimos ou contamos. Grandes experiências interiores são tão reais quanto um tapa que nos dão ou um prato de comida que comemos, mas não podemos senti-las da mesma forma, nem sequer expressá-las da mesma maneira. Os limites do consciente e do inconsciente são também difíceis de precisar. E é possível também, pelas vias do inconsciente, chegar a descobrir verdades, experimentar com força sentimentos duradouros e inclusive tomar decisões importantes.

É preciso levar em conta que os evangelistas, ao escreverem, utilizaram diferentes estilos. E assim, nas páginas do evangelho encontramos narrações históricas, esquemas de catequese, relatos baseados em histórias do Antigo Testamento, relatos simbólicos... Este texto de Jesus caminhando sobre as águas contém uma mensagem simbólica. O mar para a mentalidade israelita era como o cárcere onde haviam ido parar, derrotados por Deus no começo do mundo, os demônios e os espíritos malignos. Entre eles, o poderoso Leviatã, monstro terrivelmente perigoso para o homem. Esta idéia negativa sobre o mar atravessa a Escritura até o último livro bíblico. Quando o Apocalipse nos descreve como será o mundo

futuro, o Reino de Deus, diz que ali não haverá mar (Ap 21,1). Naturalmente, Deus tem poder sobre todos os espíritos do mar e Leviatã é para ele como um brinquedo (Jô 40,25-32). Pois bem, Jesus tem também este poder. Deus o deu a ele. E o entregou, não a um sábio, nem a um teólogo, nem a um exorcista, mas a um humilde camponês. Este texto, é, pois, a proclamação de que Jesus é o Messias de Deus. Exatamente o mesmo que Pedro descobre.

Como os demais discípulos, Pedro foi vendo pouco a pouco em Jesus o profeta que ressuscitava no país a esperança no Deus de Israel. O Messias anunciado durante tantos anos. Isto foi nele, como em todos os demais, fruto de um processo. Conhecer Jesus, entender sua mensagem e, sobretudo, comprometer-se a segui-lo, não é algo que acontece sem mais nem menos no batismo, nem nas horas de oração, nem nas reflexões comunitárias com nossos irmãos. É um longo processo.

(Mateus 14,24-33; Marcos 6,45-52; João 6,15-21)

Capítulo XXXIII

DE DOIS EM DOIS

Pedro: Pois então, dito e feito: vamos nos esparramar por toda a Galiléia como formigas depois do aguaceiro!

Foi naqueles primeiros dias de verão, quando decidimos sair de Cafarnaum e viajar para outras cidades de nossa província para nelas anunciar o Reino de Deus. Éramos então um punhadinho de nada, mas Jesus dizia sempre que basta um pouco de sal para dar sabor a todo o guisado. E que uma lamparina colocada sobre a mesa, pode iluminar a casa toda...

Felipe: Um momento, aventureiros. Parem de tagarelar e ouçam o que eu tenho a dizer. Que eu saiba apregoar pentes e escovas, tudo bem, mas esse negócio de fazer um discurso divino... bem, o fato é ...

Jesus: Escute, Felipe: a coisa é muito simples. Além disso, não é preciso falar muito. O que temos de fazer é reunir as pessoas e ensiná-las a pôr em comum aquilo que têm, como fizemos naquela vez dos pães e peixes, não se lembra?

Felipe: Sim, mas... e se eles não quiserem saber dessa conversa?

Pedro: Então sacode o pó das sandálias e se manda com a música para outro lugar. Não se pode forçar as pessoas a compartilhar o que não querem.

Tomé: É o que sempre eu digo, que no Reino de-de Deus ni-ninguém entra aos empu-empurrões.

Felipe: Não, empurrões mesmo vão nos dar os soldados quando nos virem juntando gente e revolucionando...

Mateus: Não se preocupe com isso, Felipe. A sopa a gente leva pra você lá na cadeia!

Tiago: E se um velho agiota nos corta o gorgomilo, vamos diretinhos para o seio de Abraão!

Jesus: Bem, já estamos preparados. Tiago e André irão para Betsaida... Tomé e Mateus a Coroazim... Felipe e Natanael a Magdala...

Felipe: Para morrer juntos!

Jesus: João e Pedro para Tiberíades... Simão e Judas para Séforis... Bartolomeu e Tadeu para Naim...

Tiago: Então, quando partimos?

Jesus: No primeiro dia da semana, que cada cabrito se mande para sua montanha!

Mateus: E quando voltamos a nos encontrar?

Jesus: Vejamos... dentro de uma lua, todos aqui em Cafarnaum! De acordo?

E fomos de dois em dois pelos povoados dos arredores... A verdade é que naqueles tempos cada um de nós imaginava o Reino de Deus à sua maneira. Ninguém tinha as idéias claras e a todos nos tremiam os joelhos. Mas uns aos outros nos animamos para ir anunciar a boa notícia entre nossos conterrâneos...

Quando passou uma lua, tal como havíamos combinado, regressamos todos a Cafarnaum e nos reunimos, como sempre, na casa de Pedro e Rufina...

Pedro: Ei, camaradas, sirvam-se de vinho, que graças a Deus todos voltaram e todos ainda temos os ossos no lugar!

Tiago: Muito bem falado, Pedro-pedrada! Depois dessas escaramuças, todo mundo já conhece as barbas de todos do grupo. Pelo menos o magrão e eu estamos mais fichados do que Davi e Betsabé... Foi um milagre conseguirmos escapar por aquelas bandas...

Pedro: Pois então, jarras pra cima, que isto precisa ser celebrado. Ei, Mateus... o que há com você?

Mateus: Não há nada!

Pedro: Então por que não brinda com a gente?... Não quer vinho?

Mateus: Se eu tomo um gole, não paro mais até beber o barril inteiro... Eu me conheço bem...

Tiago: Que é isso, Mateus?... Depois da viagem, um novo traje... O que aconteceu com você?

Tomé: É que um dia está-estávamos...

Mateus: Chega, Tomé. Acontece que me deu vontade de não beber mais. Antes me dava vontade de beber e agora acontece o contrário. É isso.

Tomé: Não, o que-que aconteceu foi que lhe disseram: sapa-sapateiro, remende pri-primeiro seus sapa-sapatos...

Tomé: Um dia, estávamos em Tiberíadres, nas esquinas da praça. E este Mate-te-us falando qu-qu-que tínhamos qu-qu-que nos unir e nos converter...

Um homem: Você não sabe o que está dizendo! Está mais bêbado que Noé junto à parreira!

Outro homem: Quando tirar todo o vinho que tem nas tripas, então escutaremos você, condenado!... Venham, vamos embora companheiros, que este aí não sabe nem onde pôs os bigodes!

Mateus: Isso foi um dia. E outro. Cambada de intrometidos. Me encheram, sabem?

Tomé: Ma-ma-mas tinham razão, Mateus. Pa-pa-para que as coisas mudem, é preciso começar por varrer a própria casa.

Jesus: E assim, você parou de beber, Mateus...

Mateus: Bem, na verdade, é que em certos dias eu não agüento e... mas em outros eu agarro bem minhas duas mãos para não irem atrás do vinho, que porcaria... São poucos esses dias, no entanto, mas... alguma coisa já é alguma coisa. Ou não? Ou não?

Pedro: Então este gole é para o Mateus, que já deixou os goles!

Mateus: Bah! Ao diabo todos vocês!

Jesus: Bem, e qual foi a confusão em que se meteram o magrão e você, Tiago. Vamos, conte o que aconteceu...

Tiago: Rá! Diga melhor, o que não aconteceu. Vocês conhecem Betsaida. Lá mora o Onésimo que se crê o faraó do Egito, porque é o dono das barcas. Mas os pescadores não são bobos e estão de olhos abertos...

Tiago: Escutem, amigos. Meu avô sempre me repetia aquele ditado dos sábios: a corda de três fios é mais difícil de romper.

Um pescador: Explique-se melhor, companheiro.

Tiago: Isso quer dizer que quando um infeliz reclama seu direito, se vai sozinho, o partem como a um pelo de cabra. Mas se em vez de ser um são três, já é mais difícil. E se são trinta, muito melhor. Compreendem? O que é preciso fazer é trançar uma corda grossa, entre todos.

Outro pescador: Esse cabelo-de-fogo tem razão. Os de cima tiram vantagem em tudo. Mas nós somos mais que eles. E aí está a nossa força.

Outro pescador: O que acontece é que nós estamos desfiados, cada um olhando só pra si.

Tiago: Pois o que Deus quer é que todos olhemos para o mesmo lado. Onde há um grupo que empurra unido, Deus também empresta o ombro. É isto que nós temos feito em Cafarnaum.

Um pescador: Mas por lá as coisas são mais fáceis. Vocês se organizaram bem e se defendem uns aos outros. Aqui é o velho Onésimo que controla tudo.

Outro pescador: As barcas são do Onésimo, as redes são do Onésimo, todo o lucro é do Onésimo. E para nós, nada. Nossos braços, são a única coisa que temos.

Tiago: Bem, e daí? De que mais precisam? Abram bem as orelhas, amigos: se não fosse pelos braços de vocês, as barcas não se movimentariam, as redes não seriam lançadas na água, não é verdade? E Onésimo não ganharia nem um cêntimo.

Um pescador: Sim, mas... mas o que podemos fazer com os nossos braços?

Tiago: Cruzá-los. Isso. Cruzá-los e dizer a esse sanguessuga que aqui não se moverá nenhum remo, nem se lançará a rede grande, nem o anzol até que a diária não suba a dois denários.

Tiago: E assim foi! No dia seguinte, o cais de Betsaida parecia um velório: todos em silêncio, com os braços cruzados... Onésimo, o patrão, lançava espuma pela boca...

Patrão: Dois denários! Dois denários! Estão loucos? Quem é que está esquentando a cabeça de vocês, heim? É, eu já sei, esse cabelo-de-fogo de Cafarnaum e o outro magricela. E é um tal Jesus que anda por trás disso tudo. Malditos agitadores! Vou cortar a língua de vocês dois! Vou cortar sim!

Tiago: E vejam só, companheiros... sabem do melhor? Ganhamos a batalha. O sem-vergonha do Onésimo teve de subir as diárias!... E a coisa pegou como fogo na palha. Disseram-nos que os pescadores de Genezaré estão fazendo a mesma coisa, com os braços cruzados e pedindo dois denários.

Jesus: Pois então sirvam um outro brinde por Tiago e André que souberam trabalhar pela justiça e já têm seus nomes escritos no céu!

Mateus: E escritos também no quartel de polícia de Betsaida!

Pedro: Bem, Felipe, conte você agora. O que o Natanael e você fizeram lá em Magdala? Como foram as coisas por lá?

Felipe: Mal. Sim, mal e muito mal, porque o inimigo de vocês só foi esse safado do Onésimo. Mas o nosso foi o próprio Deus. E quem pode contra ele?

Jesus: Como que o inimigo foi Deus...?

Felipe: Bem, Deus não, mas essas idéias esquisitas que as pessoas fazem de Deus e que são mais difíceis de raspar que a sarna. Vocês vão ver, acontece que quando chegamos à cidade...

Felipe: Aqui todos, aqui!... Minha gente, escutem!... Hoje não venho vender nada... Percebam, até o carroção deixei em casa... Vejam, acontece que este careca e eu lhes trazemos uma boa notícia. **Uma mulher:** Pois solte-a logo para ver se é melhor que as presilhas que eu comprei na semana passada!

Felipe: Amigos, prestem atenção!... Desentupam as orelhas... Bem, uma só, para que o que vou dizer não lhes saia pela outra... Hoje chegou a esta cidade de Magdala o Reino de Deus!... Sim, sim, é isso mesmo, o Reino de Deus.

Outra mulher: Olhe aqui, cabeção, deixe de histórias, que aqui a única coisa que chegou foi o reino das lagartas!

Felipe: Como foi que disse?

Mulher: A mesma coisa que você ouviu. Que todas as hortas de Magdala estão repletas de lagartas. Os tomates, as berinjelas... tudo cheio de lagartas. Um castigo de Deus, sua santa cólera!... E o pior é que se Deus não esfria o sangue, até meus melões vão se estragar porque as lagartas já estão caminhando até lá!

Felipe: Mas, de quê está falando, mulher ignorante? O que Deus tem a ver com os seus melões?

Mulher: Como o que tem a ver? Vai e pergunte ao rabino para ver o que ele lhe diz! Essa lagartice é um castigo do céu pelos muitos pecados desta cidade perversa!

Outra mulher: E diga isso bem alto, vizinha, porque Deus deve andar mais furioso do que aquela vez em Sodoma. Porque aqui o diabo anda solto. Aqui só há tabernas e bebedeiras e zinhas que lhe piscam o olho em todas as esquinas. É por isso que Deus resolveu mandar sua vingança.

Mulher: E bem merecida, a que temos, você não acha, forasteiro?

Felipe: Ran-ran... Bem, eu creio que... que Deus não é tão terrível como vocês o pintam!

Mulher: Deus nos mandou esta desgraça e já deve estar preparando outras piores.

Felipe: Não mulher, não diga isso. Deus é boa gente e não gosta de ficar castigando as pessoas.

Mulher: Eu não disse? Primeiro, lagartas... e agora charlatães!

Felipe: Nem a corneta serviu para acalmá-los... Ali estavam todos obstinados na idéia deste Deus castigador. Puff... Olhe, sabe o que lhe digo, Jesus? Que se muitas coisas têm de mudar, a primeiríssima é esta idéia estapafúrdia que as pessoas fazem de Deus.

Pedro: É a mesma idéia que nós tínhamos antes, Felipe. Ou você já não se lembra mais? Faz só alguns meses e você e eu também víamos Deus assim, como um verdugo com o machado levantado. Mas agora, já acabou esta história. Agora, agora o vemos como... como um pai.

Felipe: Mas, Pedro, é que você não conhece esses madalenos. Têm a cabeça mais dura que um pedregulho. Por mais que a gente explique...

Mateus: Bom, dizem que de tanto a água bater na pedra, acaba fazendo um buraquinho. Eu falo por experiência própria.

Jesus: Bem falado, Mateus. Todos nós começamos assim e, pouco a pouco, Deus nos foi amolecendo a moleira.

Felipe: Tomara que seja, Moreno, mas a verdade é que são muito velhacos...

Jesus: Mas eles têm Deus do seu lado, caramba! E isso é o que mais importa. Eu brindo a Deus nosso Pai que quis se dar a conhecer aos humildes e esconder-se dos orgulhosos! Sim, Felipe, repare em nós treze: não existe entre nós nenhum que seja sábio nem um grande senhor. Não. É que o Reino de Deus cresce de baixo para cima, como as árvores.

Felipe: Bom, Nata, então, prepare-se, temos de voltar a visitar o pessoal de Magdala... e as suas lagartas!

Jesus: Isso mesmo, Felipe. Porque isso não é coisa para um dia só. Veja, por que fomos de dois em dois, como os bois que puxam o arado? Porque o jugo não pode ser levado sozinho, mas com outro. Um só se cansa e desanima. Mas com um companheiro, a carga fica mais leve. Todavia, temos muito chão pela frente.

Tiago: Mas agora é o tempo certo e temos de aproveitá-lo. Trabalho não falta. Por toda parte os pobres estão levantando a cabeça e firmando os joelhos. É que eles cheiram que o dia da libertação já chegou!

Jesus: Muitos profetas quiseram ver este dia e não chegaram a ver. E muitos quiseram ouvir estas coisas e não ouviram...

Pedro: E muitos quiseram provar a sopa da Rufina e não conseguiram porque ela a tinha guardada para vocês. Uma sopa com dois dedos de manteiga que devolve a vida a um morto!... Ei, Rufi, mulher, pega logo esse caldeirão e vamos celebrar o regresso desse grupo de malucos!

Naquele verão, fomos de povoado em povoado por toda a Galiléia e, o Reino de Deus que havíamos recebido de graça, de graça também o anunciávamos a nossos irmãos.

O costume de enviar aos pares os mensageiros estava muito arraigada em Israel. Eram mensageiros portadores de uma notícia – naquele tempo não havia correio, naturalmente – ou levavam uma missão de ajuda ou de investigação, conforme os casos. Mas, geralmente, sempre iam aos pares. Por duas razões: a proteção, pois as viagens eram longas e podiam surgir muitos perigos e, por outro lado tratava-se de cumprir o estabelecido no livro do Deuteronômio (Dt 17,6 e 19,15), que no começo só se aplicou em

processos judiciais, mas que depois se estendeu a outros campos. Segundo esta lei, só se considerava digna de crédito uma declaração de duas testemunhas, e ainda que um só falasse, o outro devia estar presente, ao seu lado, para confirmar seu testemunho e assim dar-lhe validade.

Lendo no evangelho as instruções que Jesus deu a seus discípulos ao enviá-los para anunciar o Reino de Deus, chama a atenção o fato de serem incompletas. Jesus não foi um moralista. E o evangelho não é uma coleção de normas para todas as situações da vida, como se bastasse para enfrentar-se com a realidade aplicar receitas ou “slogans”. Aos primeiros mensageiros do evangelho não se dá leis, se lhes dá um espírito. Toda sua vida deve ser um sinal de novos valores. Devem anunciá-los com a palavra mas sobretudo vivê-los. Neste episódio, os discípulos de Jesus vão deparar-se com situações que não estão descritas na letra do evangelho, mas o espírito com que as vivem e as superam, sim. É o que iam aprendendo em grupo, inspirados pela palavra de Jesus.

Os discípulos, como Jesus, se dirigem aos pobres, como destinatários privilegiados da boa notícia de Deus, o evangelho deve ser anunciado a eles, os últimos, para que comecem a viver e saibam que para Deus são os primeiros.

A libertação que o evangelho anuncia, uma liberdade integral que abarca todo o homem e a todos os homens, tem necessariamente fases e mediações. Uma delas é a organização dos pobres. Deus não quer massas de mulheres e homens submersos na ignorância ou na apatia, passivos, submissos. Deus quer um povo de homens livres. Ele entrou na história precisamente fazendo dos esmagados hebreus, escravos do faraó, um povo organizado e lutador. Ele os fez passar da servidão à liberdade. Toda libertação tem em algum momento deste processo esta etapa de tomada de consciência e de organização, na qual os pobres se irmanam por um ideal comum e conhecem a dignidade que têm como filhos de Deus. A um homem livre não cabe a imagem de um Deus que castiga, de um Deus que faz seus filhos sofrerem, de um Deus que leva em conta pequenas faltas para então se vingar... Também desta imagem falsa de Deus, desse ídolo, é preciso libertar os homens. E uma evangelização em profundidade, ainda que não se pretenda diretamente, tem sempre como fruto o libertar o homem de

todas as idéias equivocadas sobre quem é Deus e quais são suas relações com os homens e com a história.

Assim como Jesus nos ensinou em sua vida e com suas palavras que não há oposição entre ação e oração, entre amor a Deus e amor ao irmão, não devemos criar nenhuma oposição entre o trabalho de evangelização e o de promoção humana, como se a promoção fosse uma tarefa horizontal, de menor categoria para o cristão por ser “política”, e a evangelização fosse superior, mais pura, por ser vertical e relacionar-nos diretamente com Deus. Esta oposição é falsa, pois entre evangelização e promoção humana há uma contínua inter-relação. Evangelizar o homem é anunciar-lhe a boa notícia de sua dignidade de filho de Deus e em nome desta mesma dignidade infinita o homem deve ser libertado da fome, da falta de cultura, da dependência econômica... Promover o homem é abri-lo a todas as realidades físicas, intelectuais, políticas... Também à realidade da fé, pois a dimensão religiosa é essencial ao ser humano. Não existe nenhuma contradição. Ambas as tarefas estão profundamente relacionadas. Assim o recordarão, uma vez mais, os bispos reunidos em Puebla: “A situação de injustiça... nos faz refletir sobre o grande desafio que tem nossa pastoral para ajudar o homem a passar de situações menos humanas a mais humanas. As profundas diferenças sociais, a extrema pobreza e a violação de direitos humanos que se dão em muitas partes são desafios da evangelização. Nossa missão de levar o homem a Deus implica também construir aqui uma sociedade mais fraterna.” (Puebla, 90).

Jesus brinda a Deus, dá-lhe graças pela volta de todos os seus amigos. A ação de graças ocupou um lugar muito importante dentro do estilo de oração de Jesus. Os sábios de Israel diziam que no mundo futuro só restaria a ação de graças. Já não seria necessário pedir perdão nem suplicar favores nem confessar pecados. Diante de Deus, só teríamos a gratidão. Com sua forma de fazer oração, Jesus adianta o mundo futuro, o Reino de Deus.

(Mateus 10,5-15; 11,25-27; Marcos 6,7-13; Lucas 9,1-6; 10,17-24)

Capítulo XXXIV

UM DENÁRIO PARA CADA UM

Um capataz: Um ferreiro! Um ferreiro para ferrar cinco mulas! Um ferreiro!

Uma mulher: Escute aqui, ô caolho, quanto você cobra para consertar a porta do meu celeiro, heim?

Caolho: Primeiro eu conserto, depois falamos do preço.

Mulher: Não, diga primeiro quanto vai cobrar.

Caolho: Olhe aqui, dona Frísia, em se tratando de trabalhar, até de graça eu faço. Vamos!

Na praça de Cafarnaum, em frente à sinagoga, reuniam-se a cada manhã os homens procurando trabalho. Antes do sol se levantar, já estavam ali uns quantos deles, sentados nas escadarias ou encostados às paredes, esperando, cada um com sua ferramenta: os pedreiros com sua pá e nível, os carpinteiros com seus martelos, os camponeses com suas mãos cheias de calos...

Daniel: Ei, rapazes venham trabalhar na minha vinha! Há muita uva esperando!... Sim, todos vocês!... Um denário quando o sol se pôr!... Venham, vamos logo, para que o dia renda bem!

Um grupo de homens se levantou do chão e se pôs a andar atrás de Daniel... Jesus também ia à praça todos os dias, com seus pregos e sua pá, esperando que o contratassem...

Um vizinho: Ei, Moreno, você está com uma cara de sono que dá dó...!

Jesus: Ontem eu vim tarde e não consegui nenhum trabalho... Vamos ver o que acontece hoje.

Vizinho: Se você não madruga, não consegue nada. Veja, agora mesmo, antes de você chegar, apareceu esse Daniel, para contratar uns quantos para

sua vinha. Está colhendo a uva e parece que tem muita.

Jesus: E quanto ele paga?

Vizinho: Um denário, como sempre. Um denário para cada um. E pode crer, se ele diz que paga, paga mesmo. Daniel é um bom sujeito. Com ele se pode trabalhar.

Um capataz: Um pedreiro para dois dias, um pedreiro para dois dias! Teto e parede! Teto e parede!

Jesus: Escute, não procure mais. Aqui está esse pedreiro!... Vamos?

Capataz: Vamos! Um denário hoje e outro amanhã. De acordo?

Jesus: De acordo! Tchau, Simeão!

Vizinho: Tchau, Jesus. Você está vendo que Deus ajuda quem cedo madruga!

Vizinho: O Moreno teve sorte. Até que se arranjou bem depressa.

Neto: Dá pra ver. E eu, já faz três dias que estou vindo aqui e nada de nada... Nesta época ninguém tosquia ovelhas. Maldição! Todos os dias afio a navalha e não sei pra quê... Qualquer dia desses corto meu pescoço com ela.

Vizinho: Deixe disso, Neto. Está preocupado?

Neto: Estou farto. Todos os dias é a mesma coisa: voltar para casa com as mãos vazias e ver as crianças com fome... “Não, meu filho, só tem esse pedacinho de pão. Amanhã... amanhã, teremos mais”. E, diabos, amanhã será igual a hoje!

Vizinho: É, as coisas estão difíceis, Neto, muito difíceis...

Neto: Se hoje não conseguir um denário, juro que não volto para casa. Não agüento mais ver meus filhos morrendo de fome. Não agüento!

Às nove horas da manhã, quando o sol já havia esquentado as pedras da praça, Daniel voltou por lá...

Daniel: Ei, rapazes!... Preciso de mais braços para trabalhar na minha vinha... Quem está disposto?

Vizinho: Vamos com ele, Neto. É trabalho seguro. Com o denário que ele der, seus filhos poderão comer hoje...

Neto: Sim, vamos nessa, Simeão!

Simeão e Neto e alguns mais foram para a vinha de Daniel... Pouco tempo depois, a praça voltou a se encher de homens que procuravam trabalho... A esta hora as crianças já brincavam por lá, correndo e alvoroçando...

Um menino: Um ferreiro! Um ferreiro para pôr ferradura em cinco mulas!

Outro menino: Eu sou a mula!

Diarista: Eu também, garoto, eu também sou a mula, o jumento, o burro...

Tito: Por que você diz isso?

Diarista: Porque é isso que eu sou: um burro de carga. Nem mais nem menos. E você também, Tito. Isso mesmo. E aquele, e aquele outro também. Todos aqui não são mais que isso: burros de carga! Só nos falta o rabo.

Tito: Vamos lá, o que é isso?! Lá vem você com a mesma história...

Diarista: É a verdade. Parece que nascemos para isso mesmo, para dobrar o lombo. De manhã até à noite. E todos os dias, tudo começa de novo. Isso não lhe dá raiva, Tito, heim, não lhe dá raiva?

Tito: E o que vamos fazer, homem, o que vamos fazer...?

Diarista: Nada, o que é que eu vou querer!... Isso deve estar escrito em algum lugar... que nós pobres viemos a este mundo para dobrar o lombo e gerar filhos para que continuem fazendo a mesma coisa que nós: continuar

dobrando o lombo e ficar com as tripas vazias... Olhe só para aquelas crianças... quando crescerem, estarão aqui, no nosso lugar, esperando que alguém lhes dê trabalho para continuar vivendo... como burros de carga!

Ao meio dia, a praça fervia de gente pelos quatro cantos. Os balidos das ovelhas que se aproximavam da fonte redonda, se confundiam com os gritos das crianças, os pregões dos vendedores e os lamentos dos mendigos... E ainda a esta hora havia homens esperando para conseguir algum trabalho...

Uma mulher: Nada, Samuel?

Samuel: Nada, mulher. Nada ainda.

Mulher: E o que vamos comer hoje?

Samuel: Ferva uma pedra, para ver se sai alguma coisa!

Velha: Uma esmolinha para esta pobre cega, que não pode ver a luz do sol!... Uma esmolinha por piedade!

Mulher: Vovó, faz tempo que você não aparecia aqui na praça...! O que aconteceu?

Velha: Ai, minha filha, veja só meus cabelos. Os que enxergam direito dizem que estou mais amarela que os ovos das galinhas!

Mulher: Mas... o que aconteceu?

Velha: Estou morrendo, filha. De uma doença que me chupou o pouquinho de vida que me restava. É assim, cega, cocha... e agora isso!

Mulher: Ai, vovozinha, o que posso lhe dizer?

Velha: Nada, filha, se alguém tem de dizer alguma coisa sou eu... Eu lhe digo que se fosse uma escritora e contasse todos os meus males, faria um livro mais grosso que o de Moisés!

Mulher: Pois dê graças a Deus por estar cega, pode crer. Se você conseguisse abrir um olho só, veria coisas muito tristes... Bem, para que ficar falando nisso. Eu penso que se o lago da Galiléia secasse, nós voltaríamos a enchê-lo num instante com nossas lágrimas!

Daniel: Ei, rapazes, o que acontece com vocês?... Não percam tempo!... Venham para minha vinha, estou precisando de mais braços! Vamos!...

Um grupo de homens se levantou e foi com Daniel para sua vinha... Às três da tarde, quando o sol escaldava o calçamento da praça, ainda havia homens esperando, agachados sobre as escadarias, uma oportunidade de trabalhar...

Samuel: Disseram-me que hoje Daniel está contratando meia Cafarnaum... Vamos ver se volta outra vez por aqui...

Outro diarista: É que ele tem suas videiras todas paridas. Se não recolher logo essas uvas, a chuva estragará tudo...

Samuel: Grande coisa! Primeiro colhê-las, depois pisá-las no lagar, esperar que o mosto fermente e, no fim, para que?

Diarista: Como para que?... Para que a gente tenha um bom gole de vinho descendo pelo gogó, caramba! Isso não é o bastante?

Samuel: Bastante para esquecer. Mas depois, quando o efeito do álcool baixar, tudo continuará como antes... bah!...

Diarista: E o que você está querendo, meu amigo?

Samuel: O que estou querendo?...

Diarista: Sim, sim, o que você quer...?

Samuel: Eu quero... ser feliz. Só isso.

E às três da tarde, Daniel voltou para procurar mais trabalhadores para sua vinha. E ainda encontrou alguns, com os braços cruzados e a cabeça baixa, olhando para o chão, esperando sempre...

Daniel: Mas, o que vocês estão fazendo por aqui, bocejando e perdendo tempo? Estou precisando de mais gente na minha vinha!... E então, quem vem comigo?... Ainda falta um punhado de horas para o dia acabar! Vamos, vamos!

Às cinco da tarde, Daniel voltou uma vez mais à praça...

Daniel: Caramba, não é que ainda há gente olhando para as nuvens!

Samuel: Ninguém nos contratou. Como você vê, estamos aqui esperando para ver se cai alguma coisa para nós...

Daniel: Bem, acho que a única coisa que cai nesta praça é o cocô das pombas. Então vamos lá, que o sol ainda nem se pôs, venham para a minha vinha!

Quando a lua já desenhava sua silhueta sobre a vinha de Daniel e começava a escurecer...

Daniel: Rapaziada, já chega de vergar o lombo...! Está na hora de parar. Venham todos para receber!

E Daniel chamou o capataz de sua vinha...

Daniel: Ciro, pague um denário para cada um. E até outro dia, companheiros!

Caolho: Espere um pouco, Daniel. Quanto você disse que vai nos pagar?

Daniel: Um denário para cada um. Por que?

Neto: É que... esses quatro chegaram aqui não faz nem uma hora. E aqui há alguns que trabalharam o dia todo, agüentando o sol e...

Daniel: Bem, e daí? Não contratei todos vocês por um denário?

Caolho: Sim, mas não é justo pagar para os que chegaram no fim do dia a mesma coisa que para nós...

Daniel: Ah, não? E por que não é justo?

Neto: Bem, porque... porque...

Daniel: Você tem filhos, não tem? E precisa do denário para lhes dar de comer. Por isso eu lhe dou o seu denário. E este que chegou por último, também tem filhos e precisa de um denário para lhes dar de comer. Onde está a injustiça? Cada um fez o que pôde.

Caolho: Mas nós trabalhamos mais tempo na vinha!

Daniel: Digamos que vocês esperaram menos tempo na praça... Não, amigo, não se queixe. Amanhã, quando você for o último a chegar, ficará contente por receber um denário inteiro. Porque todos precisam de um denário para viver...

Salomé: Pois a comadre Lia me contou que hoje seu marido e outros homens estiveram trabalhando na vinha do Daniel... Mas, sabe de uma coisa, Jesus? Ele contratou alguns logo de manhãzinha...

Jesus: É, eu tinha acabado de chegar à praça quando Daniel apareceu.

João: Madrugou hoje, heim, Moreno, isso sim é que é um milagre!

Salomé: Pois ele voltou às nove e levou mais homens. E ao meio dia e às três da tarde, a mesma coisa. Dizem que até às cinco da tarde andou procurando gente para a colheita das uvas... Mas, o grande condenado, à hora de pagar, deu um denário para cada um. A mesma coisa para todos, está entendendo? A mesma coisa para os que foram cedinho e aos que trabalharam só uma hora...

João: Ele sempre faz isso... Diz que todos precisam comer... E paga igual para todo mundo...

Salomé: Esse Daniel é um patrão muito maluco, é isso que eu penso!

Jesus: Por que você diz isso, Salomé?... Ao contrário, ele é o melhor patrão que existe aqui por Cafarnaum. E sabe o que eu acho? Que quando Deus se

põe a contratar peões para trabalhar neste mundo, faz a mesma coisa que Daniel.

João: Não estou entendendo o que você quer dizer...

Jesus: Ora, digo a mesma coisa que Daniel disse. Que todos precisam de um denário para viver. Um denário de pão. E um denário de esperança também. Estamos todos sentados na praça, esperando ser felizes.

Salomé: Sim, está certo, é isso o que todos queremos, mas...

Jesus: Mas nossos olhos ficam amarelos de inveja quando vemos que alguns se levantam da praça antes de nós... Mas veja, mais cedo ou mais tarde, chegará a vez para todo mundo. E então, Deus fará a mesma coisa que Daniel: ele dará um jeito de dar a todos um bom salário... A todos a mesma paga, o que é a melhor justiça... Sim, eu estou certo de que, no final, quando a praça estiver vazia, todos teremos na mão o mesmo denário, a mesma felicidade que por tanto tempo esperamos...

Pouco a pouco, as luzes foram se apagando. O bairro dos pescadores, as ruas e também a praça ficaram vazios e escuros... Os olhos de Cafarnaum, cansados, se fecharam de sono, esperando a luz de um novo dia...

A parábola “dos chamados à vinha” foi interpretada geralmente como um exemplo para ilustrar a vocação nas diferentes etapas da vida (os que são chamados jovens, os mais maduros, os já velhos...). No entanto, o sentido profundo desta história de Jesus justifica que seja melhor chamada de a parábola “do bom patrão”.

Neste episódio, a parábola aparece não só como um conto com moral da história, mas como um fato da vida real. Porque foi da vida, num tempo em que o fantasma do desemprego pairava sempre sobre a vida dos pobres que Jesus foi tirá-la. A praça é o lugar de reunião em qualquer povoado. Também foi assim em Cafarnaum para os que procuravam emprego. Naqueles tempos eram abundantes os trabalhadores eventuais, contratados por algumas horas, alguns dias, para uma colheita. Nos povoados pequenos, da roça, isto era ainda mais generalizado do que em Jerusalém. Não existia como hoje nenhum tipo de estabilidade no emprego e, muito

menos, direitos, sindicatos ou especialização laboral. Isso tornava a vida dos pobres totalmente instável. A dominação romana havia agravado ainda mais esta situação, típica de um sistema econômico primitivo. Em terras galiléias, os impostos cobrados pelo império haviam acabado com a propriedade comunal da terra e favorecido, por outro lado, a concentração da terra cultivável em muito poucas mãos. A venda forçada da terra a que se viram obrigados os pequenos proprietários, os transformou de repente em assalariados. Grande quantidade de diaristas não organizados era mão de obra barata que vivia procurando trabalho onde quer que aparecesse. O fato de ficar vários dias sem encontra-lo, tornava sua situação tão frágil que os empurrava, junto com suas famílias, à miséria mais absoluta. Esta mesma situação ainda é experimentada pelas grandes maiorias de nossos países. Nessa dura condição de pobre, que vive do dia-a-dia, Jesus é seu companheiro.

Jesus compartilhou esta situação, como trabalhador pobre. É importante ressaltar que ele trabalhou com suas próprias mãos, que foi um operário e não um homem versado nas letras e estudos, alheio à realidade diária dos que ganham o pão com o suor de seu rosto. Suas mãos tiveram calos e sabiam mais de toscas ferramentas do que de papéis. Sua origem o havia ensinado também a trabalhar no que aparecesse. Quando o evangelho nos diz qual era sua profissão, não devemos limitar isso unicamente a carpinteiro. A palavra que Marcos emprega (Mc 6,3), é o vocábulo grego “tekton”, que originalmente significa “construtor” e “artesão”. Era também empregado para designar tanto o carpinteiro como o ferreiro ou pedreiro. Um homem da aldeia – como Jesus – tinha três ou mais profissões por necessidade. Além disso Jesus devia saber muito de construção. Em várias ocasiões falou com detalhes da construção de uma casa, comparando este trabalho com a construção do Reino de Deus (Mt 7, 24-27; Lc 14, 28-30).

A videira é um dos cultivos mais típicos da Palestina e de todos os países vizinhos. A vindima – ou colheita das uvas – começa até meados do mês de setembro. E pode durar até à metade de outubro. De qualquer forma é preciso terminá-la antes que comecem as chuvas de outono, porque então as noites são muito mais frias e podem estragar as frutas. Daniel teve uma

boa colheita e lhe interessa colher logo os cachos para que não se estraguem.

A diária de um trabalhador nos tempos de Jesus era ordinariamente um denário. Em alguns casos, o almoço era incluído na diária. Nos povoados pequenos, com muita freqüência, o pagamento era em espécie. O denário foi a moeda oficial de Israel nos tempos da dominação romana. Era de prata e trazia estampado o rosto do imperador que de Roma governava as províncias. Equivalia à dracma, moeda também de prata, que fora usada oficialmente nos tempos da dominação grega, uns duzentos anos antes de Jesus.

Daniel é um bom patrão. Sabe que embora alguns tenham suado durante doze horas e outros tenham trabalhado menos tempo, todos têm uma família para levar adiante. Por isso paga a mesma coisa para todos. Não esbanja pagando mais que o habitual, mas não permite que ninguém fique sem o necessário para aquele dia. Não importa se os últimos tenham sido mais preguiçosos ou não tenham madrugado o suficiente. Todos têm que comer e dar de comer a seus filhos e se lhes pagasse só por um hora, não seria o bastante. Daniel não é arbitrário, nem injusto, nem caprichoso. É bom. Seu coração compreende o drama de um trabalhador desempregado, aborrecido pela insegurança diária. Assim é Daniel, o bom patrão. Assim também é Deus: esta história é seu retrato.

Para além da justiça estrita da diária necessária, Jesus propõe também neste episódio o tema da felicidade. No fundo, por trás de todos os nossos atos, todos os seres humanos, estamos perseguindo sempre uma e mesma coisa: a felicidade. Todos os desempregados que se encontravam na praça e todos os moradores de Cafarnaum estiveram falando de pranto, todos reclamando sua felicidade. Pois bem, Jesus diz que esta felicidade chegará para todos e que Deus não faltará à sua promessa de bom patrão. A história humana, cheia de injustiças e dores, será resgatada pelo amor de um Deus libertador. E também será resgatada a pequena história de cada um, com suas lágrimas e suas dificuldades. Porque o projeto de Deus é que sejamos felizes hoje e para sempre. Esta é a certeza da nossa fé (Rm 8, 31-37).

Diante desta parábola muita gente reage com indignação, com amargura. São mentalidades comerciais: a tanto de esforço, tanto de prêmio; a tantas horas, tanto de pagamento. O que sair disso, é injusto. Mas Deus não é um banqueiro, um capitalista eficaz. Nele não há números, há sentimentos. Ele tem coração. As mentalidades mesquinhas ficam incomodadas com os gastos do generoso. Por isso esta história sempre será escandalosa para todas aquelas pessoas que pensam só em méritos para se “assegurarem” do céu.

A primeira comunidade cristã repetiu o gesto do bom patrão: dava a cada um segundo suas necessidades, não segundo o que produzia (At 2, 44-45). A autêntica justiça é mais qualitativa que quantitativa, busca a unidade e não a uniformidade. Postula que cada um se desenvolva tal como é, em todas as suas possibilidades. Que cada um possa viver.

(Mt 20, 1-16)

Capítulo XXXV

O FERMENTO DOS FARISEUS

Eliazim: Bem, já estou aqui. Teria muito interesse em trocarmos impressões...

Josafá: Fique à vontade, dom Eliazim. Este almofadão estava esperando por você, he, he!

Eliazim: E o mestre Abiel? Ainda não chegou?

Josafá: Está pra chegar. Quando reza suas orações, esquece até do chão em que pisa, he, he!

Alguns momentos depois, o escriba Abiel chegou à casa de seu amigo o fariseu Josafá. Ali se reuniram naquela manhã com dom Eliazim, o poderoso latifundiário de Cafarnaum. Queriam falar sem pressa sobre algo que os preocupava há algum tempo.

Eliazim: Isso não se pode permitir. Desde que esse homem chegou a Cafarnaum, tudo anda de pernas para o ar. Não há mais lei, não há mais religião, não há mais respeito por nada! E tudo por culpa dele! Esta gentalha com quem ele se reúne é capaz de tudo. Com esse homem aqui, alvoroçando as pessoas com essas idéias, estamos todos em perigo. Ouçam-me bem: todos. Vocês também...

Abiel: Então, dom Eliazim, você propõe que...

Eliazim: Sim, nada de panos quentes... Que se faça uma acusação formal diante das autoridades romanas. Eles não estão aqui para manter a ordem e meter na cadeia os revoltosos? Pois não há nenhum maior que ele!... O que aconteceu outro dia na sinagoga transbordou o caneco...

Josafá: Mas veja só, dom Eliazim: os romanos apareceram por lá mas não fizeram nada.

Abiel: Bah, os romanos não nos levam a sério. Eles nos desprezam demais. Para eles, tanto faz se nos esfolamos uns aos outros. Contanto que não toquemos em nada do que é deles...

Josafá: Além disso, se nós o acusarmos, eles empurrarão o caso para o rei Herodes. Herodes é supersticioso e vai demorar pelo menos um ano para cortar-lhe a cabeça, como fez com João, o batizador. Eu creio que é de interesse de todos nós acabar logo com esse assunto...

Eliazim: Pois então vamos provoca-lo, e que ele mesmo acabe se enfrentando diretamente com os romanos.

Abiel: Ele não fará isso. Permita que lhe diga, dom Eliazim, que esse sujeito é tão astuto como as serpentes.

Eliazim: E então...?

Abiel: Está me ocorrendo outra idéia. Deixemos quietos Herodes e os romanos. Talvez nem façam falta. Talvez seja ele mesmo quem nos dará a saída...

Eliazim: O que está querendo dizer, mestre Abiel?

Abiel: Quero dizer que todos os homens têm seu preço. E Jesus de Nazaré o terá também, não lhe parece?

Eliazim: De que se trata?

Abiel: Trata-se de jogar o anzol com uma isca bem gorda... e o peixe a beliscará... estou certo que beliscará...

Pedro: Tiago, escute só: faz pouco tempo que a velha Salomé foi lá pelas bandas do cais. Disse que esta manhã o fariseu Josafá esteve procurando por Jesus lá em sua casa.

Tiago: E o que queria essa ave de mau agouro?

Pedro: Falar com ele. Assunto importante. Salomé foi procurar o Moreno na casa grande. Lá estava ele pregando uma porta.

Tiago: Isso não me cheira nada bem. Onde esses abutres metem o bico, há carniça no meio...

Jesus chegou à casa do mestre Josafá antes do meio dia...

Jesus: Muito bem, aqui estou eu. Disposto a escutá-los...

Abiel: Você fez muito bem em vir, Jesus. É melhor para você que falemos de uma vez claramente, sem rodeios...

Josafá: Trata-se do seu futuro, Jesus. Um homem como você, que vale tanto, que é capaz de incendiar as pessoas só com umas quantas palavras bem faladas, é um homem que pode aspirar a vãos mais altos...

Abiel: Sabemos que seu pai morreu faz uns quantos anos, que você é filho único e que sua mãe agora vive sozinha, lá em Nazaré.

Jesus: Estou vendo que sabem muita coisa a meu respeito...

Abiel: O que acontecerá com sua mãe se você continuar pelo caminho que vai indo? A quem ela se agarrará se você vier lhe faltar?

Jesus: Dissemos que íamos falar claramente. O que minha mãe tem a ver com isso?

Josafá: Queremos ajuda-lo, Jesus. E ajudar a ela também. Desde que você chegou a esta cidade, consegue trabalho um dia sim e dois não. Uns quantos bicos aqui e ali e depois fica perdendo tempo nas tabernas... Para um homem como você, isso é realmente penoso...

Abiel: Nós poderíamos conseguir-lhe algo melhor. Um trabalho fixo. Não precisaria sair a cada manhã e esperar na praça para ver o que acontece. Um trabalho. Sim, muito trabalho, he, he..., cômodo, interessante... Temos influência, você sabe muito bem.

Jesus: E quanto vai custar esse favor? Porque imagino que não irão querer fazer isso de graça.

Abiel: Olhe, nazareno, falemos sem rodeios. Você alvoroçou muito por Cafarnaum. Isso todo mundo sabe. Os romanos também sabem. Não seria difícil fazê-los ver que você é um sujeito perigoso para Roma. E então, você já sabe... eles cortarão sua língua. Mas, ainda há tempo...

Josafá: Deixe sua língua quieta. E nós deixaremos você quieto também. E para que você perceba que sabemos apreciar o que você vale... lhe daremos em troca um grande posto, onde ganhará muito dinheiro...

Abiel: Sim, já sabemos que o dinheiro não é tudo... Mas nesse trabalho, você terá muita gente às suas ordens... Estou certo que um prato assim abrirá seu apetite... Você é ambicioso, não se conforma com pouco. Veja, Herodes quer reorganizar a administração da Galiléia. Precisa de gente inteligente, habilidosa... Gente como você...

Josafá: Pense bem, Jesus... Convém a você dizer que sim...

Jesus: E se eu disser não...?

Josafá: Bem, neste caso... você estaria em perigo, entende?... E não só você... esse grupinho de pescadores que anda com você por todo lado também... pobres rapazes... Por outro lado, eles são jovens e sabem se defender melhor... mas ela... sua pobre mãe poderia ser molestada também... você imagina como as coisas podem se complicar...

Abiel: Está compreendendo, Jesus? Todos esses sonhos que você tem na cabeça são como as nuvens. Aparecem e somem e, de um momento para o outro, não resta mais nada delas. Ponha os pés no chão, rapaz, e pare de olhar as nuvens...

Jesus: Não posso deixar de olhá-las. Aprendi a fazer isso desde pequeno. Camponeses como eu mal sabemos ler nos livros, por isso, aprendemos a ler no céu o que dizem as nuvens.

Abiel: Deixe sua ironia para outra hora. Agora é sua vez de falar claramente.

Jesus: Isto está bem claro. E vocês sabem tanto quanto eu ler as nuvens. Se à tarde o céu fica vermelho como o sangue, é porque vai fazer tempo bom, não é assim?... E se as nuvens se escondem e começa a soprar os ventos do sul, o que você diriam que vai acontecer?

Josafá: He, he... É sinal que fará calor...

Jesus: E você, mestre Abiel, se vir que as nuvens se agitam no poente, o que diria?

Abiel: Diria que vem tempestade...

Josafá: Muito bem, já chega. Aonde você quer chegar com essas histórias?

Jesus: Hipócritas! Como é que vocês conhecem os sinais do céu e não conseguem ver os sinais da terra!?... Sim, vai haver tempestade, mas aqui em baixo!... Hipócritas! Não estão se dando conta do que está acontecendo? O povo desperta e vocês continuam dormindo. E aqueles que não se vendem a vocês por dinheiro, chamam de louco e sonhador. Hipócritas! Quando veio João, o profeta, que não comia nem bebia, disseram que era um endemoniado. De mim, que ando pelas tabernas, dirão que sou um bêbado, um glutão. Vocês são como esses meninos bobões que fazem tudo fora de hora: nem dançam quando há casamento, nem choram quando há velório. E estes são os sábios e os sacerdotes de Israel! Hipócritas!...

Abiel: Espere um momento, nazareno, escute...

Mas Jesus lhes deu as costas e saiu da casa...

Abiel: Imbecil. Algum dia se arrependerá.

Pedro: O que aconteceu, Moreno? O que querias esses caras?

Jesus: O de sempre, Pedro. Desde o que aconteceu na sinagoga, estão doidos para pegar no nosso pé.

Tiago: Temos que ter muito cuidado, Jesus. Essa gente é perigosa.

Jesus: Pois veja, Tiago, eles dizem que os perigosos somos nós.

Tiago: Ah, é? E por que estão com medo de nós? Estou gostando disso, caramba!

Felipe: Pois eu não estou gostando nada... Também tinham medo do profeta João... e veja como acabou...

Jesus: João tinha que acabar assim... O que ele era? Um caniço que o vento agita como quer? Não, ele não se dobrou diante de ninguém.

Pedro: A bem da verdade, nem mesmo diante do próprio Herodes...

Jesus: Por isso o cortaram ao meio, como a uma árvore que crescia reta, sem torcer-se. Era a única forma de acabar com ele. Também a ele propuseram luxos e influências e dinheiro. Mas ele não se curvou diante de nada...

Tiago: Isso porque João era um profeta, caramba!

Jesus: Sim, e muito mais que profeta. Foi o maior homem que tivemos entre nós.

Pedro: Bem, mas, o que foi que aconteceu, Jesus? Para que esses caras chamaram você? Para falar do profeta João...? Será que mesmo depois de morto o batizador ainda os preocupa?

Jesus: Não, Pedro, agora estão preocupados conosco. Estão preocupados que as pessoas abram os olhos e despertem e se dêem conta que esta religião que eles ensinam não é mais que um punhado de leis humanas e preceitos inventados por eles mesmos. Por isso, querem tapar nossa boca na marra, ou com astúcia, quem sabe...

Felipe: E... o que vão fazer?

Jesus: Usar de violência, Felipe. Eles são violentos. Eles ganharam assim todos os privilégios que têm, pela violência, esmagando os outros. E agora

também querem ganhar pela violência. Querem comprar o Reino de Deus, conquista-lo à força...

Tiago: Eles lhe ofereceram dinheiro, Jesus?

Jesus: Dinheiro, sim. E um bom emprego. E qualquer outra coisa, desde que nos caemos. Sabem o que eu penso?... Que a partir de hoje devemos ter o olho bem aberto com o fermento dos fariseus. Basta um punhado de fermento velho para estragar toda a massa. Essa gente está podre, e o que eles procuram é isso, apodrecer tudo...

Tiago: E usarão todas as suas artimanhas contra nós...

Jesus: Hoje armaram a arapuca para mim. Amanhã a armarão para Natanael ou Tomé ou Judas... a qualquer um de nós.

Felipe: Então, pelo que estou vendo, esse negócio de Reino de Deus está ficando complicado...

Pedro: Temos que avisar as pessoas para que fiquem ligadas. Esses caras têm espiões por tudo que é esquina. Com um par de denários compram um dedo-duro. Podem estragar tudo.

Tiago: Isso é bem a cara deles, trabalhar na sombra. Vermes malditos!

Jesus: E o nosso jeito será trabalhar à luz do dia. E jogaremos pra cima todos os planos deles, e tudo o que andam dizendo a portas fechadas, gritaremos de cima das cumieiras das casas... Se acham que vão nos assustar, estão muito enganados... Não daremos um passo atrás sequer.

Eliazim: E então, mestre Josafá? Conseguiu meter medo nele?

Josafá: Medo? Aquele lá está tão cheio de orgulho que não lhe cabe outra coisa no corpo!

Eliazim: O que ele disse?

Josafá: Charlatão! E por cima de tudo, quer dar uma de profeta!

Abiel: A única coisa que sabe fazer é comer e embebedar-se e carregar atrás de si aquela chusma de Cafarnaum...

Eliazim: Então, o que podemos fazer, mestre Josafá?

Josafá: Esperar, dom Eliazim. O peixe morre pela boca, não é assim que diz o povo do mar. Pois esse peixe também morrerá pela boca. É imprudente e altaneiro. Não quer se calar. Pior para ele. Você vai ver, amigo, é tudo uma questão de tempo... Deixe que ele continue... Estará levantando sua própria cruz, he, he...

Dom Eliazim, o rico latifundiário e o fariseu Josafá, mestre e fiel cumpridor da lei de Moisés, continuaram conversando. Enquanto isso, as nuvens, agitando-se no poente, anunciavam uma forte tempestade...

Mais cedo ou mais tarde, foram se aliando contra Jesus os grupos sociais que tinham o poder econômico, político e religioso daquela sociedade. Neste episódio, perfilam-se as primeiras dessas alianças. De um lado está Eliazim, o latifundiário. Na Galiléia, a estrutura agrária chegou a ser, depois da dominação romana, claramente latifundiária. Esses grandes fazendeiros, naturalmente, opunham a qualquer movimento popular que apresentassem reivindicações sociais. Junto dele aparecem dois mestres fariseus. Embora nem sempre os fariseus fossem da classe dominante, muito porém pertenciam a ela. Todos tinham poder religioso: “salvavam” ou “condenavam” com sua interpretação da Lei. Para esse grupo piedoso, Jesus – que se relacionava com os “malditos” e não respeitava a Lei – era sumamente perigoso. Ele questionava todo o aparato religioso. Por fim, estes dois grupos de poder, que se envolveram com o poder político e militar de Roma, percebem que Jesus começava a se tornar um elemento incômodo, por causa das esperanças de libertação que despertava entre os pobres. Entre as inumeráveis táticas que os poderosos utilizam para combater os que lhes oferece resistência, está o suborno. Em geral, antes de se liquidar um líder, tenta-se “compra-lo”. A chantagem – um bom emprego, dinheiro – ou as ameaças são métodos usados para debilitar a vontade daquele que se compromete com uma causa que exige sacrifícios. A esta altura de sua vida, Jesus já era um homem com muita popularidade entre seus conterrâneos. Era um líder e é muito possível, por isso, que sofresse também pressões desse tipo.

Jesus fala a seus inimigos de “sinais no céu”, que eles não sabem ler. Nestes últimos anos, o grande profeta que foi o papa João XXIII, se referiu muitas vezes ao que ele chamava “sinais dos tempos”. Dizia que era preciso estar atentos ao que acontecia ao nosso redor, na história, para enxergar por onde vai o futuro e trabalhar nessa direção. Assim como Jesus despertou o povo de Israel de sua passividade, lhe deu uma esperança e pôs em marcha uma comunidade que compartilhasse e trabalhasse pela justiça, também em nosso tempo aparece esse sinal. E cada vez com mais força. As comunidades cristãs de base, as organizações populares, multiplicam-se, amadurecem e crescem. Elas são um sinal dos tempos. Elas farão o futuro.

Para os homens “decentes” de sua época, Jesus foi um homem mal afamado e sua vida lhes parecia um verdadeiro escândalo. O evangelho conservou o que dele se dizia: “comilão, beberrão, amigo das prostitutas”. Em outra ocasião o chamaram de “samaritano” (Jo 8, 48), insulto muito pesado, equivalente a “bastardo”, “filho de prostituta”. Todo o evangelho dá testemunho de que Jesus não foi um homem insociável, de que sua vida nada tem a ver com a dos beatos, dos santarrões, dos ascetas que castigam o corpo para libertar o espírito. Muito menos se parecia com o profeta solene e sóbrio que foi João Batista. Jesus foi um homem do povo. Seu ambiente natural era a praça, a rua, o bairro. Nele fica para sempre santificada a vida cotidiana, a alegria das pessoas, a simplicidade sem complicações, como caminho para chegar a Deus.

(Mt 11,7-19; 16, 1-12; Mc 8,11-21; Lc 7,24-35; 12,54-56)

Capítulo XXXVI

Em Betsaida: Cura do cego Barnabé ; em Corozaim: cura do surdo-mudo Serápio

A praça de Betsaida estava semeada de amendoeiras. À sombra de uma delas, a mais frondosa de todas, se recostava cada manhã Barnabé, um pobre velho que levava sempre sobre os ombros um grosso manto preto, cheio de manchas e buracos...

Betsaida, que significa “casa do pescado”, era uma pequena cidade situada ao norte do lago da Galiléia, Nela nasceram Felipe, Pedro e seu irmão André. O tetrarca Felipe a chamou de Julia, em honra à família imperial romana que tinha esse sobrenome. Hoje não há restos desta cidade. Supõe-se que os aluviões depositados pelo rio Jordão ao desembocar no lago sepultaram a antiga aldeia pesqueira.

A cegueira era uma enfermidade muito comum em Israel no tempo de Jesus. O clima seco e o sol forte influíam nisso. Em geral, a cegueira abundou em todo o mundo antigo, devido também à falta de condições higiênicas e ao desconhecimento de quais eram as causas que originavam a enfermidade. Era tida sempre por incurável e acreditava-se que era um especial castigo de Deus. O cego, por isso e pela invalidez a que o submergia seu mal, era marginalizado.

Nem sempre o enfermo desperta em seus semelhantes compaixão e misericórdia. Em muitas ocasiões é motivo de chacota e é tratado com crueldade. Aquele que não serve, o diferente, o anormal, se transforma muitas vezes em motivo de riso para todos. Acontece na escola onde sempre há uma criança mais débil, ou mais gorda, ou mais feia para que os demais façam chacota dela. É uma reação humana bastante freqüente. Quando

Jesus se aproxima de Barnabé e lhe devolve a visão, mostra com este sinal a proximidade de Deus com todos os desditosos e ridicularizados. Deus sente por eles um carinho especial.

Ainda que aplicando normas bem críticas ao ler as histórias de milagres do evangelho – algumas duplicadas, outras excessivamente adornadas, outras com base em relatos similares de outros povos – sempre reste um núcleo absolutamente histórico. Jesus realizou curas que foram assombrosas para seus contemporâneos. Tratou-se fundamentalmente de doenças reais, ainda que relacionadas a situações sociológicas especiais. Entre elas estariam a chamadas expulsões de demônios, loucuras, histerias, epilepsia e as curas de leprosos (na ampla gama de enfermidades que esta palavra abarcava), de parálíticos, de cegos. Essas curas estariam na linha do que hoje com linguagem moderna a medicina chamaria de “terapia de superação”.

Fazer aos demais o que gostaríamos que nos fizessem: esta é a chamada “regra de ouro do evangelho” (Mt 6,12). Com ela, Mateus resume todas as palavras pronunciadas por Jesus no monte das bem-aventuranças. Certamente, é uma conclusão muito prática, pois toda a Lei pode ser condensada no amor – de obras, não de palavras – que tenhamos para com nossos semelhantes.

(Mc 8, 22-26)

Depois de passarmos pelas cidades fenícias de Tiro e Sidon, demos uma volta por diversos povoados da Decápolis e chegamos novamente ao lago da Galiléia. Lembro-me que estávamos chegando a Corozaim quando nos deparamos com um tumulto de camponeses que corriam e gritavam furiosos... Diante de todos, à pouca distância, ia mancando e dando tropeções um homem baixinho e sujo, com uma túnica feita de retalhos. Atrás dele, encurralando-o como a um animal, corriam os homens com rastelos e pedras nas mãos...

Os surdo-mudos deveriam ser abundantes em Israel, já que o livro do Levítico dá uma lei especial para esses doentes. É proibido lançar contra eles uma maldição; como não ouvem, ficariam sem defesa diante dela (Lv. 19,14). Como acontecia com muitas outras enfermidades, esta era atribuída ao demônio e a espíritos malignos. Acreditava-se que nos tempos

messiânicos os ouvidos tapados se abririam e as línguas mudas se desatariam (Is 32, 1-4).

Todas as enfermidades diante das quais o homem se sentia especialmente impotente, aumentavam a crença no poder dos demônios. Para enfrentar estes espíritos, faziam-se exorcismos – orações, gestos, invocações – com os quais se conjurava o diabo a sair do corpo do enfermo. Muitas vezes, esses exorcismos eram cruéis, pois como se pensava que se estava lutando diretamente com o diabo, usavam-se métodos de grande violência. Na atualidade, muitas pessoas ainda atribuem ao diabo a conduta estranha de algumas pessoas. E também hoje continua-se a fazer exorcismos aparatosos, espetaculares, com a finalidade de ganhar a batalha contra o diabo. Esta mentalidade deve ser superada, e o evangelho de Jesus é uma ajuda para libertar-se dessas crenças.

No evangelho se fala de Satanás (Satan = o adversário), um dos nomes do diabo, a quem também se chama de Lúcifer, Belzebu... Mas os evangelistas usam dele precisamente quando se quer realçar fatos negativos que não podem ser queridos por Deus, mas que, tampouco, sabem bem como explicar. Ao escrever sobre o poder dos demônios, apresentam-se como homens daquela época – com todas as limitações que se tinha então em tantos campos do saber - , manifestando seu desconcerto, sua desorientação. Em seus textos, no entanto, tentam se expressar, vez por outra, usando uma linguagem simbólica, o que para eles é decisivo: Jesus tem todo o poder sobre o diabo e sua confiança ilimitada em Deus o fez ocupar-se muito pouco em combatê-lo. O evangelho vem libertar-nos do temor do demônio, desta falsa idéia, arraigada em tantas pessoas, de que há dois deuses: um bom – Deus – e outro mau – o Diabo - , com poderes parecidos, embora com intenções opostas. Toda a vida de Jesus é a alegre proclamação de que o único Deus é Pai e nos ama.

A “fé” tradicional no demônio tem sido nefasta. Semeou no coração do homem o terror, nos fez acreditar que somos um brinquedo que os anjos maus e bons disputam entre si, até que ganhe o mais forte. É fácil lançar sobre o diabo a culpa do mal. Daquele que nós mesmos provocamos – porque queremos – e que abunda no mundo, na forma das injustiças. Neste sentido, a fé no diabo é absolutamente contrária à mensagem de Jesus, que é

palavra de libertação, que reafirma a bondade de Deus que envolve o homem e a história e que exige de cada um a tomada de consciência da responsabilidade de seus atos.

Outros horríveis frutos da “fé” no diabo foram as perseguições contra os endemoniados e bruxas. A caça e a queima de bruxas é um dos capítulos mais tenebrosos da Igreja européia. Desde o século XI até o XVI essas perseguições se espalharam como uma peste por todas as regiões da Europa e calcula-se que houve milhões de vítimas. A maioria eram pobres mulheres camponesas, seja porque eram as mais feias, ou por serem as mais bonitas, ou porque eram muito alegres ou por serem muito silenciosas, eram acusadas de estarem possuídas pelo demônio, torturadas e queimadas. Se, a bem da verdade, como disse Jesus, “pelos frutos se conhece a árvore”, a árvore da fé no diabo deu na história frutos tão podres e amargos, que só por isso merece ser arrancado pela raiz.

Jesus foi acusado de estar endemoniado, precisamente pela enorme liberdade que mostrava diante destas e outras falsas crenças e por sua oposição aos sacerdotes e demais autoridades que escravizavam o povo com elas. Os poderosos deste mundo sempre transformam em inimigos aqueles que os denunciam como autênticos demônios. Quantas calúnias e suspeitas se acumulam sobre aqueles que lutam por um mundo diferente e melhor, apresentando-os como os próprios agentes das forças do mal. O mecanismo desta difamação sistemática é o mesmo que se usou contra Jesus. Um mecanismo que não pretende outra coisa que encobrir a verdade. O “demônio” está em outro lugar. O homem não-solidário, o homem cruel, o sanguinário e o injusto: esses são os demônios, ou na melhor das hipóteses, seus melhores cúmplices. É muito fácil recorrer ao diabo para explicar o mal deste mundo, havendo tantos e tantos homens injustos, criminosos e inimigos da vida.

(Mt 12, 22-29; Mc 3,20-26; Lc 11, 14-23)

Capítulo XXXVII

O BASTÃO DO MESSIAS

Por aqueles dias, viajamos para o Norte, para a região montanhosa de Cesaréia de Felipe, nas nascentes do Jordão. Os moradores que viviam por lá queriam ouvir falar do Reino de Deus que traz justiça e paz para a terra.

Jesus: ... E se seu filho lhe pede pão, você vai lhe dar uma pedra? É claro que não!... E se ele lhe pede um peixe, você vai lhe dar uma cobra? De jeito nenhum, porque ele é seu filho! Pois é bem isso que anunciamos, que Deus é nosso Pai e nos ama. E nós, seus filhos e filhas, lhe pedimos que nos dê uma mãozinha! E Deus não nos vai falhar!

Jesus, como sempre, logo ganhava a atenção das pessoas. Emendava uma história com outra e o povo de Cesaréia não se cansava de ouvi-lo...

Jesus: Amigos, o Reino de Deus já está chegando! Já está chegando a libertação! O Messias está à porta. E quando ele vier, trará em uma das mãos a balança para fazer justiça e na outra um bastão para governar sem privilégios.

Um homem: Muito bem falado! Que viva o Reino de Deus!

Uma mulher: E que nós o vejamos depressa!

Então, entre os aplausos e gritos das pessoas, apareceu um homem imenso, com a pele muito queimada pelo sol e uma barba longa, longuíssima, como a dos antigos patriarcas. Foi abrindo caminho entre todos e se aproximou de Jesus. Era um velho beduíno das estepes de Galaad...

Melquíades: Não fale mais, irmão. Já é suficiente... Sou Melquíades, pastor de ovelhas, neto de Ianodab, da tribo dos recabitas, todos pastores de ovelhas, como Deus nos mandou. Atravessando o deserto aprendemos a ler

o céu e também os olhos dos homens. Você tem olhos negros como a noite e brilhantes como as estrelas. Sei olhar neles...

O velho beduíno se aproximou de Jesus e colocou uma mão sobre seu ombro...

Melquíades: Escute, irmão. Nossas tribos andam dispersas já faz muito tempo, muitos anos, muitas gerações de anos... Andamos como ovelhas sem pastor. Obrigado por ter vindo. Tome, isto é para você.

Melquíades, o recabita, levantou em sua mão direita um longo e nodoso bastão de oliveira...

Melquíades: Com este bastão pastoreei meu rebanho desde que era jovem. Com ele espantei os lobos e encaminhei minhas ovelhas pelas estepes. Era do meu avô. Olhe-o: é um cajado de pastor, como o que tinha Davi em suas mãos quando o velho Samuel o foi procurar e o pôs à frente de seu povo.

Jesus: E o que você quer que eu faça com este bastão...?

Melquíades: É seu. Pastoreie seu povo. Você é o homem que precisamos para que as coisas mudem.

Jesus: Mas o que você está dizendo, vovô...? Eu...

Melquíades: Tome o bastão. E aperte-o forte entre suas mãos para que o calor de seu sangue dê vida aos nervos mortos da madeira.

E o velho beduíno entregou a Jesus aquele bastão gasto e amarelo como um osso seco...

Jesus: Mas, vovô, eu...

Um homem: Muito bem, Melquíades. Bem falado e bem feito!

Uma mulher: Estamos com você, Jesus! Conte conosco!

Homem: E conosco também!

Nesta noite, os treze do grupo ficamos conversando até muito tarde. O céu logo se cobriu de estrelas. Ao fundo, iluminado por uma débil luz da lua, descansava o monte Hermon. Suas encostas nevadas já começavam a derreter com a primavera...

Jesus: Esse pastor recabita está maluco!

Pedro: O maluco é você, Jesus, se não aproveitar o momento. O povo está entusiasmado com você!

Jesus: Pedro, o povo está entusiasmado com o Reino de Deus.

Tiago: E com você, moreno, com você!

Jesus: Mas, Tiago, escute...

Tiago: Nada disso, Jesus, não queria tapar o sol com a peneira. Você tem o povo nas mãos, igual a esse bastão. A uma ordem sua, todos se porão em marcha.

Jesus fazia rabiscos na terra com o cajado longo e nodoso que o velho Melquíades lhe havia presenteado naquela tarde...

André: As pessoas esperam muito de você, Jesus. Não as decepcione.

Jesus: E o que é que as pessoas esperam de mim, André?

André: O que esperam? Muito. Que você continue abrindo os olhos delas, que você se ponha à sua frente para que este país se endireite e que se acabem de uma vez tantos abusos e possamos viver em paz... É isso que elas esperam.

Jesus: Mas, vocês estão loucos? Quem eles acham que eu sou?

Judas: Eles o têm como a um profeta, Jesus.

Felipe: Sabe o que uma mulher disse hoje? Que quando ela o olhava assim, meio de lado, se recordava muito de João o batizador. Que ela apostava

cinco contra um que o profeta João havia ressuscitado e se colado a você pelo cabelo.

Tomé: Isso é uma pi-pi-piada. Vão lhe cor-cor-cortar a cabeça de novo!

André: Não, não, o que eu ouvi foi outra coisa. Dizem que o profeta Elias desceu do carro e lhe emprestou o chicote com que fustiga seus cavalos de fogo. Que sua língua tem o mesmo estalido que a do profeta do Carmelo!

Jesus: Bah, bobagens das pessoas...

Judas: Outro dia me perguntaram se você tinha mulher... E eu lhes disse que não.

Jesus: E para que queriam saber isso?

Judas: Bem, porque o profeta Jeremias também não se casou. Dizem que você se parece muito com ele.

Jesus: Sim, claro. E também me pareço com o profeta Amós porque sou camponês. E com o profeta Oséias, porque sou do Norte. E daqui a pouco vão dizer que uma baleia me engoliu e me vomitou como ao profeta Jonas. E não sei de onde as pessoas inventam tantas coisas...

Tiago: Não são as pessoas, Jesus, não são as pessoas...

Jesus: Ah, não? Quem é então?... Não vão me dizer que vocês também...

Pedro: Veja só, moreno. Já faz um bom tempo que estamos juntos... Muitos meses... Formamos um grupo... Podemos falar com confiança, não é mesmo?

Jesus: Claro que sim, Pedro, para isso somos amigos... O que acontece?

André: Jesus, você tem feito cada coisa diante de nós que... a bem da verdade... Bem, sem querer ir longe demais, aquela história do surdo-mudo de outro dia, lá em Corozaim.

Tiago: E aquela menina, filha de Jairo... estava morta, eu vi...

Felipe: E o empregado do capitão romano.

André: E Floro, o paralítico. E Caleb, o leproso. E o louco Trifon. E a ...

Jesus: Está bem, está bem... E daí? Deus é o único que tem o poder para curar. Deus toma minhas mãos, ou as suas ou as de quem quer que seja e faz o que bem entende. Há muita gente que faz coisas maiores ainda...

Judas: Mas... não é somente isso, Jesus. É... é sua maneira de falar. Reconheça: suas palavras são como as pedras que Davi lançava com sua funda.

Pedro: Você cheira a profeta, moreno. E nem com sabão se consegue tirar esse cheiro.

André: Você sabe como falar ao povo. As pessoas o escutam e o levam a sério...

Jesus: As pessoas, as pessoas!... Hoje dizem branco e amanhã, preto. Vocês... o que dizem vocês?... Estamos os treze reunidos agora. Falemos claramente então. O que vocês esperam de mim?

Pedro: O mesmo que todos esperam, Jesus. Que você levante o bastão e se ponha à frente do povo!

Jesus: Você não sabe o que diz, Pedro. Quem sou eu para fazer isso, hein? Quem sou eu?

Pedro: Você? Você é o Libertador que Israel espera!

Jesus: Pedro, Pedro, você está ficando louco? Como pode dizer isso?

Pedro: Eu digo porque acredito, caramba! E minha língua fica coçando para dizer isso. Já disse isso à Rufina e à minha sogra. E elas duas me disseram que pensam a mesma coisa.

Jesus: Pedro, Pedro, por favor...

Pedro: Sim, Jesus. Você se lembra daquela noite? Eu vi com toda a clareza.. Olhe, íamos na barca, na minha. De repente, começaram os raios e o vento do Grande Mar. Uma tormenta horrível. E você apareceu caminhando sobre as ondas. E o vento se acalmou. E você me deu a mão e eu também caminhei sobre o lado, não compreende?

Jesus: Sim, sim, compreendo. Continue sonhando com água, que um dia você amanhece afogado...

Pedro: Você é o Messias, Jesus. Você libertará nosso povo!

Quando Pedro disse aquelas palavras, fez-se um grande silêncio entre nós. Esperávamos a resposta de Jesus. Tínhamos os olhos cravados nele que agora apertava nervosamente o bastão do velho beduíno...

Tomé: Não se pr-pr-preocupe, moreno... Nós o apo-po-poiaremos.

Judas: Conte conosco. Foi para isso que formamos esse grupo, não é?

André: Decida-se, Jesus. Se a coisa vem de Deus, não poderá escapar dele.

Pedro: Não são as pessoas, nem nós. É Deus que lhe deu o bastão de mando.

Jesus foi nos olhando um a um, lentamente, como que pedindo licença para dizer aquelas palavras que lhe subiam pela garganta...

Jesus: Sim, é verdade. Aos homens a gente pode enganar, mas a Deus não. Faz dias e noites que isso que vocês acabaram de dizer fica dando voltas na minha cabeça. Desde que o profeta João morreu, senti que alguma coisa havia mudado. Como se Deus me dissesse: sua hora chegou, o caminho está pronto.

Pedro: Mas dizem que Deus não dá a um burro mais carga do que ele pode carregar. Vamos lá, moreno, tenha confiança! Deus não lhe faltará!

Judas: E nós, muito menos!

Tiago: Você não ouviu o que o velho Melquíades disse? Aperte o bastão e levante-o!... Com você iremos pra frente!

Então Jesus levantou o longo e nodoso cajado do recabita, o agarrou com as duas mãos... e, de um golpe só, o partiu ao meio.

Felipe: Ei, moreno, o que acontece? Por que você fez isso?

Jesus: Porque... porque perseguiram Elias, Jeremias foi atirado num buraco e a João cortaram a cabeça... Olhem todos... O bastão de mando está quebrado: assim acabam os profetas, partidos. Assim acabará também o Messias.

Pedro: Não fale assim, Jesus. Nós o defenderemos, caramba! Não é verdade, companheiros?... Pela boa estrela de Jacó, nada de mal acontecerá com você!

Jesus: Primeiro você me empurra pra frente, e agora quer me passar uma rasteira? Não, Pedro, vamos falar claramente. Vão me partir como a este bastão. E vocês também, se lutarem até o fim. Que cada um ponha desde agora no ombro sua cruz, para depois não sermos pegos de surpresa.

Pedro: Bom, Jesus, não fale mais sobre isso. Amarre firme a correia da sandália, e seja valente!

Jesus: Você também, Pedro. Você vem depois de mim.

Pedro: Como você disse, moreno?

Jesus: Pedro... pedrada... Agora eles vão atira-las sobre você. Mas não se preocupe. Você é uma boa pedra de cimento. Não o romperão nem a marteladas.

Judas: Bem, bem, não falemos de coisas tristes... O importante agora é que estamos juntos e estamos unidos!

Tiago: E que vamos para frente desse jeito, às duras penas, e às moles também!

André: E aconteça o que acontecer, este grupo não se esfacelará!

Felipe: Isso mesmo, André! Nem o diabo, com o seu tridente, poderá alguma coisa contra nós, não é mesmo?

Jesus: Claro que sim, Felipe. A amizade que nos amarrou aqui nesta terra, não iremos desamarrar nem no céu. De acordo?

Tomé: De acordo! Uma boa fechadura e treze chaves, uma para cada um!

Jesus: E você, Pedro, guarde o chaveiro para que as chaves não se percam!

Pedro: Então, mão com mão, para sempre!

Tiago: Mão com mão, companheiros!

Amanheceu em Cesaréia de Felipe. Passamos a noite conversando e agora tínhamos umas quantas milhas adiante... Esticamos as pernas e nos pusemos a caminho para o Sul, rumo a Cafarnaum... O monte Hermon brilhava branco às nossas costas...

A cidade de Cesaréia de Felipe foi fundada por Felipe, irmão do rei Herodes, uns três anos antes de Jesus nascer. Colocou o nome de Cesaréia em honra a César Augusto, o imperador que então governava em Roma. A cidade estava situada bem ao norte, na fronteira com a Síria. Em Cesaréia nasce o rio Jordão, que a partir dali desce e atravessa todo o país de Israel. O rio é formado por três mananciais de água, sendo um deles a fonte de Dan, que dá o nome ao rio: Jor-Dan (“o que desce de Dan”). Na linguagem bíblica, para precisar os limites geográficos da Terra Prometida por Deus a Israel, é freqüente a expressão: “De Dan até Bersheba”. Do norte, onde estava a fonte de Dan, até o ponto situado mais ao sul, a cidade beduína de Bersheba. Cesaréia de Felipe atualmente se chama Banias.

Os recabitas eram um grupo de israelitas que, desde séculos, e por fidelidade a seus princípios religiosos, viviam como pastores, rechaçando a vida de agricultores sedentários. Não tomavam vinho, eram muito zelosos de suas tradições e só entravam nas cidades de passagem e em momentos muito especiais. Representavam a oposição à civilização urbana e a

lembrança da velha tradição religiosa do deserto, quando Israel era um povo errante (Jr, 35, 1-19).

Assim como o momento do batismo e o da proclamação da boa notícia na sinagoga de Nazaré, são momentos decisivos na consciência que Jesus vai tendo de sua missão profética, este episódio de Cesaréia de Felipe aponta também um marco em sua vida. Até este momento, Jesus, impulsionado pelo exemplo do Batista, apoiado por seus discípulos e continuamente interpelado pela dor e esperança de seu povo, se mostrou diante de seus compatriotas como um profeta. Como profeta falou e agiu. Sente-se herdeiro da tradição profética de Israel e opera com essa convicção. Em Cesaréia dá um passo a mais. De fato, a liberdade com que ele falava da Lei e a interpretava e a certeza com que se apresentava como emissário do Reino de Deus que ia mudar a história, o aproximaram cada vez mais da consciência de ser o Messias. Como é impossível determinar um lugar e um momento concreto, fixa-se em Cesaréia este “salto” da consciência de Jesus.

Jesus aceita sua missão messiânica em comunidade. Deus escolheu Jesus como Messias de Israel. Mas esta escolha não estava à margem do povo de quem foi o servidor. Igualmente na Igreja e na comunidade cristã, nenhuma vocação deve vir “de cima”, nem deve ser decidida “solitariamente”. Toda vocação, carisma e serviço, por se entender que são “para” a comunidade, devem ser avaliados pelos que integram a comunidade. Assim se continuará cumprindo na história o que foi o ministério de Jesus.

Quando nos evangelhos Jesus fala de sua futura paixão, de sua morte, não se deve entender isso como “profecia” no sentido mais limitado desta palavra, como se Jesus fosse um adivinho de seu próprio futuro. Se assim o entendêssemos, o final dramático que teve sua vida, não seria um fato histórico. Tudo teria estado predeterminado de fora e sabido desde o início. O que essas palavras indicam é que, a esta altura de sua atividade, Jesus já contava com uma morte violenta. Havia violado a lei do sábado – eixo do sistema – e isso era motivo suficiente para ser condenado à morte; havia sido acusado de estar endemoniado pelos poderosos sacerdotes e isto também era penalizado com a morte; havia enfrentado as autoridades, os latifundiários, havia se relacionado com pessoas que os poderosos

desprezavam, e lhes havia aberto os olhos sobre sua condição de explorados, e com outros, temidos como subversivos – os zelotas - , estava levantando um autêntico movimento popular... Tanto os chefes religiosos como as autoridades políticas o consideravam cada vez mais como um elemento perigoso, um revoltoso... E isso Jesus também sabia. Por isso, tinha que considerar a possibilidade – quase a certeza – de que o matariam, como haviam matado os profetas. Sua fidelidade à missão que Deus e o povo lhe haviam confiado, fizeram-no seguir adiante apesar deste risco. E esta crescente consciência de sua importante missão não o afastou de seus amigos. Ao contrário, Jesus foi um líder que inspirava confiança, que tinha humor, que não se dava importância demasiada nem marcava “as distâncias”. Também nisto, sendo “um de muitos”, nos revelou a proximidade de Deus.

(Mt 16, 13-24; Mc 8, 27-33; Lc 9, 18-22)

Capítulo XXXVIII

NO CUME DO TABOR

Por aqueles dias, Pedro, Tiago, Jesus e eu íamos a caminho de Nazaré, pela rota das caravanas que margeiam o lago de Tiberíades e atravessa o vale do Esdrelon. O sol de verão, como um globo de fogo, fazia brilhar os campos de trigo já maduros para a colheita...

Jesus: Vocês nunca subiram, Pedro?

Pedro: Aonde, Jesus?

Jesus: Ao monte... Eu, de menino, escapava às vezes da sinagoga... Nos juntávamos em três ou quatro do povoado e caminhávamos até aqui... E depois, pra cima! Chegávamos com a língua de fora, é verdade, e com as sandálias meio rotas, mas... valia a pena...

À nossa esquerda, redondo como uma cúpula, elevava-se o monte Tabor, separando os antigos territórios das tribos de Isacar, Zabulon e Neftali, guardião solitário da fértil planície galiléia...

João: Pedro, Tiago, amarrem as sandálias!

Tiago: O que você disse, João?

João: Que eu conheço esse moreno melhor que o quintal da minha casa... Não estão vendo que ele já está se aprontando para subir...?

Em seguida, começamos a andar encosta acima, até o cume do monte, serpenteando por entre os pinheiros e terebintos que crescem nas ladeiras...

Pedro: Pelas melenas de Sansão e pelas tesouras de Dalila... Estou sem forças... puff!... sem fôlego... Espere, Jesus...

Jesus: Você já está ficando velho, Pedro... Puff! Às vezes, quando era garoto subia correndo até... até lá em cima...

Pedro: Ei, João... Tiago... venham aqui...!

João: E essas ovelhas, de onde saíram?

Tiago: Se há rebanho, haverá também pastor, não acham...? Oh, oh, pastor... pastor!... Onde terá se metido...?

Pedro: Vamos continuar subindo!

Lá em cima, sobre a rocha, no cume do monte, estava o velho Jilel, com sua flauta de bambu e os olhos perdidos na linha do horizonte...

Jesus: Pastor!... Pastor!

Jilel: Estou aqui!... O que me pedem ou o que me dão?

Pedro: Só podemos dar-lhe bom dia, velho! E você?

Jilel: Eu posso brindar-lhe com um pedaço de queijo e todo o leite que quiserem!... Venham, rapazes, que o leite de minhas ovelhas é mais puro que a casta Susana!

Jesus: Escute, você não é o velho Jilel?

Jilel: Sim, é assim que me chamo. Mas como sabe meu nome? Algum corvo lhe disse pelo caminho?

Jesus: Não, é que quando era garoto subi várias vezes ao monte, e você já andava circulando por essas bandas...

Jilel: Claro, porque está é a minha casa. Muitos juntam tijolos e se trancam lá dentro. Eu não. Não tenho cabana. Prefiro o ar livre. Meu único teto é o céu... Vamos, provem este leite de cabra... Vai refrescar-lhes a garganta!

João: Obrigado, Jilel...

Tiago: Você não se aborrece por ficar aqui tão sozinho, velho?

Jilel: Aborrecer-me? Rá! A música é a amiga mais fiel do homem, não se esqueça... E olhe o vale... Nem Matusalém, com todos os seus anos, teve tempo para ver toda esta beleza... Vocês, que vivem lá em baixo, nas cidades e nos povoados, aprendem a ler e vão para a sinagoga e ouvem as santas escrituras... Eu não sei nada de letras. Mas tampouco me faz falta, sabiam? Este é o meu livro... e ele me basta...

O velho Jilel apontava com sua mão calosa o vale do Esdrelon que se abria imenso e verde a nossos pés...

Jilel: Olhem bem, rapazes... Esta é a terra que Deus jurou dar a nossos pais, a terra que mana leite e mel, a mais formosa de todas...!

Pedro: Escute, velho, não é por lá, bem no fundo, que fica o lago?

Jilel: Sim, o lago da Galiléia, redondo como um anel de noiva. Dizem que Deus o pôs no dedo de Eva quando a entregou como esposa a Adão... Mas olhem um pouco mais para lá, amigos: estão vendo?...

João: Onde, velho?

Jilel: Lá, por trás de tudo... É o monte Hermon, coberto de neve, tão branca como as barbas de Deus! É dali que o Senhor abençoa nossa terra... Olhem agora até a outra ponta... por lá estão as terras da Samaria... Lá, junto às nuvens, o monte Ebal e o monte Garizim... e entre os dois, como dizem, entre os peitos de uma mulher, a cidade de Siquém. Lá, nosso pai Josué se reuniu com todas as tribos de Israel e as fez jurar a aliança com Deus, bênção para quem a cumprisse, maldição para quem a rompesse...

João: Olhe, velho, e aqueles montes que a gente vê mais perto?

Jilel: Ah, essas são as alturas de Gelboé, onde os filisteus mataram o primeiro rei de nosso povo, Saul, e seu filho Jonatan, o amigo de Davi... E Davi, que também sabia música, pegou a flauta e cantou seu amigo morto... Olhem para lá, para o poente... Há como que uma espora verde que sai da terra e se funde com o mar Grande... É o monte Carmelo, a pátria de Elias,

o primeiro profeta que deu as caras pelos pobres de Israel e defendeu seus direitos... Ah, Elias!... Sua língua foi como um chicote nas mãos de Deus. Fez tremer os reis e todos os que abusavam dos humildes. E, quando Deus o levou no carro de fogo, seu espírito se repartiu como faíscas entre os novos profetas... Estão vendo o que eu dizia, rapazes? Cada uma dessas montanhas que se vê daqui, é como a página de um livro: nelas está escrita a história do nosso povo.

Jesus: Mas esta história começa em outra montanha, velho, a maior de todas, a que não se vê daqui...

Jilel: É verdade, rapaz, o Sinai fica longe, muito longe, lá pelas bandas do sul, onde só o olho da águia alcança... E foi lá por aquelas solidões que Deus resolveu chamar Moisés no fogo de uma sarça. E dali o enviou ao Egito para libertar seus irmãos. E Moisés enfrentou o Faraó, libertou os escravos, e atravessou com eles o Mar Vermelho e o deserto, até leva-los ao Sinai, a montanha santa, que tem duas pontas no cume, como os joelhos abertos de uma parturiente: ali nasceu o povo livre, nosso povo de Israel...

João: Caramba, velho, ouvindo você falar, qualquer um se emociona...

Jilel: Ai, rapazes, é que vocês ainda são jovens e não sabem... Mas aconteceram tantas coisas... E as que ainda faltam, claro. Porque Deus nunca sossega. Podem crer que ele estará tramando mais alguma para esses tempos. Entendem o que quero dizer, amigos? Que Deus se parece com as cabras: ele gosta da montanha. Numa vez está com Elias no Carmelo, noutra com Moisés no Sinai. Mas sempre está brigando pela Justiça e defendendo os mais humildes. Vocês não se lembram como nossos avós chamavam a Deus? El Shadai, o Deus montanheiro. Porque quando Deus não gosta das coisas que acontecem aqui em baixo, na grande cidade dos homens, ele sobe às montanhas. E dali, ele ri... Sim, Deus ri dos reis e dos Faraós. As grandes nações fazem guerra e os poderosos abusam dos pobres. Mas não cantarão vitória. Deus porá um libertador no monte Sião. Ele será meu filho amado e eu derramarei sobre ele minha complacência.

Até hoje trago estampada nos olhos aquela cena: a linha azul do horizonte, o vale imenso cortado em jardins, como retalhos de um pano de cem cores, o sol meio escondido atrás das nuvens e a brisa do Hermon anunciando

chuva no Tabor... Às palavras do pastor Jilel, como um abismo que chama outro abismo, seguiram as de Jesus...

Jesus: Sim, velho, você tem razão.

É nas montanhas que os olhos se limpam

e as orelhas se abrem para escutar a voz de Deus.

É aqui onde a voz de Deus falou em sussurros a Elias

e onde conversou cara a cara com Moisés.

Sim, Deus vive e se deixa sentir.

E a partir de cada uma destas montanhas ele foi entretecendo,

com dedos de mulher prendada,

os caminhos do homem sobre a terra.

Agora o trabalho está realizado,

Agora é o momento de Deus.

Ele vem colocar sua casa em um monte alto,

no cume dos montes,

para que a ela subam os filhos de Israel

e também os de todas as nações.

Porque Deus é Deus de todos, dos próximos e dos distantes.

Ele não se conforma em só reunir as tribos dispersas de Jacó.

Não, há libertação abundante.

Sobra perdão e misericórdia para todos os filhos dos homens.

E o ungido de Deus,
o Messias por quem tanto esperou nosso povo,
será posto no alto do monte,
como luz para os povos,
para que a salvação chegue até os confins da terra.

Pedro: Bravo, moreno! Bem que eu dizia que você tem as barbas de Moisés e a língua de Elias. Continue falando, não se cale, que esta libertação do mundo virá logo, que já não pode demorar!

Tiago: O que vem logo é a tempestade. Vamos, camaradas, deixemos a poesia para outro momento, e vamos descer se não quisermos nos ensopar.

Pedro: Mas, o que você está dizendo Tiago? Não, nunca!... Você não ouviu o que Jesus falou? Agora é que isso está ficando bom!

João: Mas, Pedro, está ficando louco? Não percebe que está vindo um dilúvio e aqui não há sequer uma cabana para refúgio?

Pedro: Pois então a gente as constrói, pombas! Construimos uma e três se for preciso!... Mas daqui ninguém se mexe!

Pedro, entusiasmado, olhava o céu. As nuvens cinzentas iam se juntando sobre nossas cabeças. Em poucos segundos, caíram as primeiras gotas...

Pedro: Que importa a água, companheiros? No Sinai não caíam raios e faíscas quando Deus apareceu? E no Carmelo, não aconteceu a mesma coisa? É que Deus anda solto pelas montanhas!... Sim, sim, agora descera Elias em seu carro de fogo, e também virá Moisés com uma sarça ardente na mão!

As nuvens descarregaram com fúria sobre o monte Tabor, e nos ensopamos até os ossos. Os raios cruzavam o céu como flechas e seu resplendor iluminava os rostos do pastor Jilel, de meu irmão Tiago, de Pedro e de Jesus.

Pedro: Bem, e agora... heim? E agora?... Acabou-se tudo?

Jesus: Pelo contrário. Agora é que começa.

Pedro: Mas, o que vai acontecer agora, moreno?

Jesus: Nada, Pedro. Se não quisermos pegar um bom resfriado, é melhor começar a andar e continuar nosso caminho. O que você queria? Ficar aqui em cima vendo passar os relâmpagos?

Pedro: Não sei, esperava algo mais... Ver Deus... ainda que fosse só um pedacinho, mas...

Jesus: Escute, Pedro: Deus está nas montanhas, sim. Mas os homens estão lá em baixo, preste atenção...

E Jesus olhava o vale de Esdrelon, salpicado de povoados, onde os pobres de Israel amassavam o pão com suor e lágrimas...

Jesus: É para lá que temos que ir, Pedro. Deixe tranqüila a sarça ardendo e o carro de fogo e vamos para baixo. São as brasas desses fogareiros apagados que temos de soprar. Foi isso que fez Moisés e Elias também: ocupar-se de seus irmãos, trabalhar sem descanso para ajuda-los a seguir adiante. Vamos lá, andando!... Temos de acender de pressa um fogo em toda a terra, e que ela arda!

Pedro, meu irmão Tiago, Jesus e eu descemos pelas encostas do monte Tabor, escorregadias depois do aguaceiro. Lá em cima ficou o velho Jilel com seus rebanhos de ovelhas e sua flauta de bambu... Em baixo estavam os campos e as cidades da Galiléia, esperando uma mudança, uma renovação, uma transfiguração...

O monte Tabor é um monte isolado, ao nordeste da formosa e fértil planície do Esdrelon. Tem a forma arredondada e uns 580 metros de altura. Desde muito tempo, foi considerado, por seu enclave nos limites dos territórios das tribos de Isacar, Zalubon e Neftali, e por sua beleza, como um monte santo. E ainda que os evangelhos não digam o nome da montanha onde Jesus subiu com seus discípulos neste relato, a tradição sempre situou a

transfiguração em cima do Tabor. O monte está a uns 30 quilômetros de Nazaré e tem uma vegetação abundante. Em 1921, foi edificada no alto monte a grandiosa Igreja da Transfiguração, que em sua construção exterior tenta recordar a silhueta das três tendas a que se refere Pedro no texto evangélico.

De cima do Tabor, contempla-se uma das vistas mais fascinantes da terra de Israel. Aos pés do monte se estende a planície do Esdrelon, ou do Yizreel (que significa “Deus o semeou”), como que querendo ressaltar a exuberante fertilidade dessa terra (Os 2, 23-25). Yizreel é um extenso vale em forma de triângulo, que flanqueia o monte Carmelo, os montes de Gelboé e as montanhas da Galiléia. Servia para comunicar a Palestina ocidental com a oriental e foi por isto freqüente cenário de guerras e batalhas de grande transcendência na história da nação.

O pastor Jilel, correndo a vista pelos montes que se contempla ou se adivinha da altura do Tabor, faz um resumo dos momentos-chave da história de Israel. Refere-se ao monte Hermon, limite norte da Terra prometida por Deus a seu povo, considerado como o guardião do país, sempre coberto de neve (Salmo 133). Aos montes Ebal e Garizim, em terras samaritanas, que foram cenários de um dos momentos mais solenes da história do povo (Js 8, 30-35). Aos montes de Gelboé, onde os israelitas foram vencidos pelos filisteus e onde morreu Saul, o primeiro rei de Israel, e seu filho Jonatam (1 Sm 31, 1-13; 2 Sm 1, 17-27).

Jilel faz uma referência especial ao monte Carmelo, a montanha do profeta Elias. O Carmelo (seu nome significa “jardim de Deus”) é uma montanha muito fértil, de uns 20 quilômetros de largura, situada entre o mar Mediterrâneo e a planície de Yizreel. Ali o profeta Elias realizou alguns dos seus sinais mais espetaculares (1 Rs 18, 16-40). Na atualidade o Carmelo é chamado de Yebel-mar-Elyas, o “monte de santo Elias”, e multidões de peregrinos acodem para venerar o primeiro grande profeta de Israel em uma caverna cavada na base do monte, a caverna de Elias. Ali rezam e se reúnem em romarias de festa, com cantos e comidas simbólicas.

Elias (seu nome significa “Javé é Deus”) viveu uns novecentos anos antes de Jesus. Foi o grande profeta do reino do norte de Israel, quando a nação se dividiu em duas monarquias. Sua popularidade foi imensa e o povo teceu

ao redor de sua figura lendas de todo tipo, convertendo-o num mito inesquecível: fez grandes milagres, enfrentou reis, não morreu, mas subiu ao céu num carro de fogo e, o mais importante, voltaria de novo para abrir os caminhos para o Messias. Todas essas idéias estavam vivíssimas no tempo de Jesus. Elias foi sempre o profeta por excelência e o anunciador da chegada dos tempos messiânicos. É natural, portanto, que neste quadro cheio de símbolos, que é o relato da transfiguração, apareça Elias junto de Jesus. Está ao seu lado para garantir que seu espírito profético está em Jesus e, mais ainda, como testemunha de que ele é o Messias esperado. (A história de Elias aparece no Primeiro Livro dos Reis, nos capítulos 17, 18, 19, 21, e no capítulo 2 do Segundo Livro dos Reis. As referências a Elias são inumeráveis ao longo de toda a Escritura. Elias aparece como profeta da justiça, de um modo especial, no relato da vinha de Nabot – capítulo 21).

O pastor Jilel faz também uma referência especial ao Sinai, a montanha de Moisés. O Sinai, ao qual a Bíblia também chama de monte Horeb, é a montanha mais sagrada de Israel. Ali, Deus apareceu a Moisés em uma sarça ardente, ali lhe revelou seu nome – Yahweh – ,ali entregou os mandamentos e ali fez a aliança com o povo quando ele marchava pelo deserto. O Sinai está situado em território hoje pertencente ao Egito, na península do Sinai, em pleno deserto, em uma zona habitada unicamente por beduínos, de uma beleza selvagem e dificilmente comparável com a de outras paisagens. Moisés, que viveu mil e oitocentos anos antes de Jesus, foi para Israel uma figura excepcional. O pai e libertador do povo, aquele que o formou e o guiou até a Terra Prometida, o homem excepcional que falou com Deus cara a cara. E, sobretudo, o Legislador, que deu a Israel a Lei Santa. Nenhuma figura bíblica tinha tanto peso, nem tanta autoridade como Moisés. Por isso devia também aparecer junto a Jesus no quadro da transfiguração. No momento em que Deus começava com aquele camponês de Nazaré uma nova lei – a da liberdade – e, uma nova aliança – de justiça e de amor – Moisés estava ali, como garantia de que Jesus herdava as melhores tradições de seu povo. (Todo o livro do Êxodo é importante para conhecer a história de Moisés, especialmente do capítulo 1 ao 24).

Para a mentalidade israelita, o monte, por sua maior proximidade do céu, era o lugar onde Deus se manifestava. Outros povos vizinhos – os assírios,

babilônios, os fenícios – pensavam da mesma maneira. O monte era, pois, o lugar santo por excelência. Mais adiante aparece uma outra idéia complementar: Deus escolhe alguns montes como sua especial morada. E assim, inumeráveis vezes se fala no Antigo Testamento do monte Sião (em Jerusalém), como lugar escolhido por Deus para viver, como lugar do banquete dos tempos messiânicos. Além disso, uma antiga tradição de Israel chamou Deus com o nome de El-Shadai. O próprio Deus teria revelado este nome aos velhos patriarcas (Gn 17, 1-2). El-Shadai significa “Deus das montanhas”. O livro de Jô é o que apresenta em mais ocasiões este formoso nome de Deus.

Com todos esses elementos – monte sagrado, Moisés (a Lei), Elias (os Profetas), a nuvem (que também aparece no Êxodo), a luz resplandecente – os evangelistas armaram um quadro simbólico para nos dizer até que ponto se cumpre em Jesus tudo o que foi anunciado ao povo de Israel pelos antigos escritos. Apresentam-nos, assim, o que se chama uma “teofania” (aparição de Deus), ao estilo de muitas das teofanias do Antigo Testamento: Êxodo 24, 9-11 (Deus aparece a Moisés e aos anciãos); 1 Reis 19, 9-14 (Deus aparece a Elias no vento); Ezequiel 1, 1-28 (Deus aparece a Ezequiel em um carro). Nestas descrições sempre há uma série de elementos simbólicos que têm seu ponto culminante no momento em que se escuta a voz de Deus. Na transfiguração Deus dirá as palavras do Salmo 2: “Tu és meu filho...” As idéias desse salmo servem de fundo à teofania da transfiguração, tal como aparece neste episódio.

Jesus se expressa aqui numa linguagem profética e poética, nascida do calor do clima criado pelo pastor com suas evocações bíblicas. Apresenta em suas palavras profecias nas quais se fala do monte santo, do Messias, do dia da salvação, do projeto de libertação que Deus traz em suas mãos (Is 60, 1-4; 61, 1; Mq 4, 1-8). O que Jesus anunciou não foi “sua” glória, “sua” transfiguração. A boa notícia que ele nos trouxe não foi uma reivindicação barata da sua grandeza, como uma superastro que buscasse com gestos maravilhosos deixar deslumbrado um público atônito. A boa notícia que ele proclamou e pela qual deu a vida, foi a transfiguração do mundo: um mundo novo onde a mensagem de justiça dos profetas fosse realidade. O que ele anuncia é a transfiguração da história. Essa história que por vezes nos pode parecer carente de sentido, absurda, regada com

*demasiado sangue, é uma história que Deus guia até a consumação final.
Uma história que as mãos do Deus das montanhas resgatarão algum dia.
Uma história que será transfigurada.*

(Mt 17, 1-13; Mc 9, 2-13; Lc 9, 28-36)

Capítulo XXXIX

AS PERGUNTAS DE ISMAEL

Ao pé do monte Tabor há um povoado pequeno e rodeado de palmeiras chamado Deboria, em lembrança a Débora, aquela mulher valente que lutou ali pela liberdade de seu povo... Em Deboria vivia Ismael. Ele tinha uma oficina de peles e um único filho, Alexandre... Naquele dia havia festa na casa de Ismael. Seu filho havia se comprometido em casamento com Rute, uma vizinha jovem e bonita. E já pensavam em marcar a data do casamento...

Uma mulher: Pode crer, essa moça tem sorte. Alexandre é um excelente partido para ela.

Vizinha: É verdade! Bom moço, trabalhador e com um pai tão religioso, não é mesmo?

Mulher: Que Deus os abençoe e que sejam sempre muito felizes!

Alexandre dançava na roda dos homens. Seus companheiros o empurraram ao centro e começaram a aplaudir para que ele dedicasse uma trova à sua noiva... Era um rapaz muito alto e forte, cheio de vida...

Alexandre: “As estrelas no céu / não terão tanta alegria / como eu quando lhe canto / adorada... aaii!”

Então aconteceu aquilo. Alexandre, como que fulminado por um raio, despencou no chão debatendo-se e soltando espuma pela boca... Seus companheiros se lançaram sobre ele sem saber como ajuda-lo...

Um amigo: Ei, avisem logo o velho Ismael! Seu filho teve um ataque!

Uma mulher: Alexandre está passando mal!

Amigo: Mas, por Deus, deixem-no respirar!... Não empurrem!...

Uma vizinha: Já está mais tranqüilo. Vamos, Ismael, ajude-me a leva-lo para dentro... Pobre rapaz!

Ismael: Já aconteceu uma vez quando era menino... Eu pensei que estivesse curado e, veja só, justamente hoje quando ia anunciar seu casamento...

Vizinha: Não se preocupe, Ismael! Se Deus quiser, não haverá de acontecer de novo. Tenha confiança.

Ismael: É, assim espero. Que Deus te ouça, Sara, que Deus te ouça...

Mas a partir de então, a doença se agravou. Os ataques se repetiram uma e outra vez. Durante a refeição, ou na oficina de peles onde trabalhava com seu pai, ou caminhando pelo povoado, a qualquer momento, o mais inesperado, Alexandre ficava com os olhos em branco, pulava como que ferido por um chicote e caía no chão, rangendo os dentes e retorcendo-se com tanta força que quatro homens não conseguiam segura-lo... Depois, quando se levantava, muito cansado, o rapaz não se lembrava de nada do que aconteceu...

Ismael: Deus meu, ajude-me... É meu único filho, minha única alegria. Cura-o, Senhor... eu te peço, suplico-te com todas as minhas forças... Diga que ele nunca mais terá esses ataques!...

A cada noite a mesma oração. E depois, sempre, o mesmo desengano. A enfermidade de Alexandre ia de mal a pior...

Médico: Sinto muito, Ismael, mas o que lhe podemos dizer?

Ismael: Vocês estudaram, conhecerão algum remédio, alguma erva...

Médico: Esta é uma doença tão ruim que não sabemos nem como se chama. Tão ruim que deve ter sido inventada pelo próprio demônio.

Ismael: Mas vocês são médicos, caramba...

Médico: Ismael, a doença nasceu muito antes da medicina. Corre sempre com vantagem...

Uma vizinha: Conforme-se, Ismael. A vida é assim.

Ismael: Conforme-se, conforme-se! É fácil dizer isso, não é mesmo? Acontece que não é seu filho...

Vizinha: Está bem, mas o que se vai fazer? Continuar cutucando o agulhão para que doa mais a espetada?... Você não é o único que sofre, Ismael... Veja minha pobre comadre Lia, com o filho que nasceu bobo. Está pior que você, não? E o Rubinho. Da pedrada que lhe deram, ficou cego. E a Rebeca, essa pobre infeliz, com mais corcundas que um camelo...

Ismael: Está bem, está bem, não precisa fazer a lista dos doentes do povoado. Eu já a conheço: Rebeca, aleijada, o neto do meu compare com o rosto queimado, o filho da Anita, sem pernas, o outro sem braços... E daí? É esse o consolo que me dá?

Vizinha: Bom, dizem que mal de muitos, consolo de...

Ismael: De tontos, sim. De tontos! Que há outros piores que meu filho Alexandre, que sofrem mais que eu? E o que isso me resolve? Nem a minha alivia a deles, nem a deles alivia a minha.

Vizinha: Mas é preciso se conformar, Ismael.

Ismael: Pois eu não me conformo! Não! Não posso ver meu filho, de dezoito anos, transformado num trapo qualquer. Seus amigos já não se aproximam dele. Têm pena. A noiva o deixou plantado. Tem medo dele... Resignar-me a ver meu filho jogado ao chão como um cão raivoso?

Vizinha: Conforme-se com a vontade de Deus.

Ismael: A vontade de Deus! Então foi Deus quem mandou esta doença para meu filho? E por que, pode-se saber, por que?

Um amigo: Porque você é um pecador, Ismael. E Deus o castigou do jeito que lhe dói mais. É isso que acontece.

Ismael: Ah, é mesmo? É essa então a justiça de Deus? Os pais comem uvas verdes e os dentes dos filhos ficam cariados. Que ele castigue a mim, se quiser. Mas meu filho não fez nada de mal!

Amigo: Isso é o que você não sabe. Ninguém é inocente diante dos olhos de Deus.

Ismael: Pois se ninguém é inocente que ele nos castigue todos juntos. Mas por que meu filho e não o seu? Por que, diga-me, por que?

Amigo: Porque Deus faz o que quer. O que ele faz está bem feito. Quem é você para pedir contas a Deus?

Ismael: E a quem vou pedir, se não a ele? Quem tem a culpa por meu filho estar doente? Vamos, diga-me, quem?

Rabino: Deus não tem a culpa, filho. Como pode falar assim de Deus. Deus é bom... É nosso pai e quer nossa felicidade.

Ismael: Se ele é tão bom, por que não cura o Alexandre? Eu já pedi a ele, supliquei dia e noite. E ele não me ouve.

Rabino: Sim, ele ouve, Ismael, mas...

Ismael: Mas, o que? Ele não é Deus? Não pode tudo? Por que não cura meu filho, se pode fazê-lo?

Rabino: Às vezes, de um mal, Deus tira um bem.

Ismael: E não seria mais fácil tirar o mal? Assim acabaria mais de pressa.

Rabino: Muitos males e muitos sofrimentos são causados por nós mesmos. Veja o louco Saul, se apodreceu as tripas de tanto beber. E agora a viúva vem jogar a culpa em Deus!

Ismael: Meu filho se chama Alexandre e não Saul! Meu filho não fez nada de mal para ficar doente!

Rabino: Quem sabe o que Deus estará planejando! Os caminhos de Deus são misteriosos.

Ismael: Claro, e com tantos mistérios você quer me tapar a boca. Mas não, escute bem, não me calarei. Pois Deus não tem direito de fazer isso com meu filho. Você diz que Deus é Pai. Será que o coração dele não fica apertado vendo sofrer tantos filhos seus? Que Pai é esse então? Será que não sofre vendo meu filho se debatendo no chão?

Rabino: Deus não pode sofrer, Ismael, porque... porque é Deus.

Ismael: Então não é pai coisa nenhuma! Que vá cantar em outra freguesia!

Rabino: Você não sabe o que está dizendo, Ismael. Tranqüilize-se...

Ismael: Não, eu sei muito bem o que estou dizendo. Tenho rezado dia e noite e Deus não me responde. Levantei meu rosto ao céu e disse: por que? Por que maltratas meu filho? O que ele fez?... Se ele é mau, faça sofrer a mim e não a ele. Se é bom, por que não o curas? O que custaria a ti que tudo podes?... Mas Deus não me responde nada. Ele se faz de surdo. Ele se tapa os ouvidos.

Rabino: Vamos, Ismael, vai para casa. Descanse um pouco. Esse momento ruim vai passar.

Ismael: Sim, este meu momento ruim vai passar. Mas meu filho Alexandre continuará doente. Você voltará ao seu trabalho e à sua vida. Mas Alexandre continuará doente. E Deus continuará ouvindo os anjos cantarem lá em cima. Mas meu filho, doente e amargurado aqui em baixo! Por que, por que, por que?...

Rabino: Tenha paciência, Ismael. Só isso eu posso lhe dizer: paciência e mais paciência.

Ismael: Não. Guarde sua paciência para você mesmo, pois ela não me serve de nada. Não se preocupe, já não vou perguntar mais. Eu já sei a resposta. Sabe por que Deus não cura meu filho? Sabe por que?... Por que ele não existe!... E não me olhe com essa cara. Esta é a única desculpa que ele pode

dar a nós homens, que não existe. Esta é a verdade. O céu está vazio. E quando rezamos, a oração volta e cai na nossa cara, como quem cospe para cima.

Aquele dia era dia de feira no povoado de Deboria. Pedro e Tiago, Jesus e eu, passamos por lá quando descemos do monte... Em uma barraca, um homem já de idade, com umas olheiras muito grandes, como quem havia chorado muito, nos mostrava umas sandálias de couro...

Ismael: É de couro bom, forasteiros, reparem bem...

Ao seu lado, um rapaz alto, de olhos assustados, nos fazia sinais para mostrar-nos outras mercadorias...

Ismael: Dois denários e você as leva já calçadas. Animem-se...

Alexandre: Aiii...!

Ismael: Alexandre, filho... filho...!

Alexandre: Aggg...! Aggg...!

O rapaz havia dado um pulo caindo sobre uma barraca de frutas ao lado. Retorcia-se entre espasmos. Ismael, o pai, tentava separar-lhe os dentes e colocar um pano em sua boca para que não mordesse a língua...

Um amigo: Para que você o traz à feira, caramba? Deixe-o em casa ou tranque-o. É perigo, maldição!

Ismael: Não, não amaldiçoe meu filho que não fez nada. Amaldiçoe a Deus que tem culpa dele estar assim!

Então Jesus se aproximou do pai do rapaz...

Jesus: Há quanto tempo ele tem esta doença?

Ismael: Desde criança. Passou uns anos bem, mas agora...

Uma mulher: Ismael, este homem que está lhe perguntando é o nazareno do qual tanto se fala. Dizem que é um profeta de Deus e que já curou muita gente...

Ismael: Profeta? Você é profeta? Você fala com Deus? Pois vai e pergunte isto da minha parte: por que meu filho sofre, por que, porque...? Perdoe-me forasteiro, é que... é que eu já não agüento mais... estou cansado. Cansado de rezar. Mas Deus não faz caso de mim... Se você é um profeta... talvez possa fazer alguma coisa por meu filho.

Jesus: Você tem fé? Acredita em Deus?

Ismael: Eu já nem sei mais em que acredito...

Jesus se agachou, pôs-se junto ao rapaz que respirava entrecortadamente e lhe enxugou o rosto banhado de suor...

Jesus: Apesar de tudo, há esperança...

Ismael: Não vai me dizer mais nada?

Jesus olhou longamente o pai do rapaz. Estava, como ele, com os olhos marejados...

Jesus: Se lhe dissesse que Deus também sofre por seu filho, você acreditaria?... E que de seus olhos também saltam lágrimas, vendo a dor de tantos doentes... Não, você não está só, irmão. Deus está com você. Ele se põe ao seu lado e o sustenta... Que mais posso lhe dizer?... Venha, vamos leva-lo para casa. E deita-lo para que descanse. Vamos, ele já está mais tranqüilo...

Ismael: Ele voltará a ter outro ataque?

Jesus: Embora possa acontecer, a esperança é possível...

Jesus ajudou o velho Ismael a levantar seu filho do chão para acompanhá-lo até sua casa. Depois, colocou um braço nos ombros de Alexandre e foi caminhando em silêncio com ele e com seu pai pelo caminho empoeirado que atravessa o pequeno povoado de Debória, junto ao monte Tabor...

Ao pé do monte Tabor estava situada Debora, uma cidade pertencente aos israelitas da tribo de Zabulon. Tinha esse nome em memória de Débora, profetiza e “mãe de Israel”, que atuou como juíza nos primeiros tempos da história do povo e ganhou batalhas para sua pátria. Seu canto de Vitória (Juizes 5, 1-31) é uma das obras primas da literatura hebraica. Atualmente Debora é uma pequena aldeia habitada só por árabes.

Pela descrição que o evangelho faz dos sintomas deste moço doente, pode-se deduzir que o mal de que padecia era a epilepsia. Hoje sabemos que a causa destes ataques e convulsões repentinos é geralmente uma lesão em uma parte do cérebro e que, sem poder cura-la totalmente, a epilepsia é uma enfermidade que se pode controlar. Nos tempos de Jesus nada disso era conhecido e os doentes desse tipo eram especialmente temidos. Por não conhecer de onde podia vir a doença ou o que fazer diante dela, tornava a situação angustiada. O mais freqüente era atribuir a causa ao demônio. Também se falava do castigo de Deus por algum pecado oculto do doente ou de sua família.

Diante da dor de seu filho, Ismael, o pai, reza, busca, pergunta. Não se resigna. Acaba rebelando-se, pedindo aos gritos uma resposta a Deus, que é o único que crê poder dá-la. Sua atitude, suas perguntas, são as mesmas que as de Jó. Uns quinhentos anos antes de Jesus, um autor anônimo escreveu um dos livros mais importantes e bonitos da Bíblia: o Livro de Jó. Nele se conta a história de um homem bom, que sofreu toda sorte de calamidades. As páginas do livro recolhem suas reflexões diante da dor, que considera absurda, injusta, imerecida. Confronta-se com três amigos que lhe fazem considerações piedosas, buscando as razões de sua desgraça. E, sobretudo, confronta-se com Deus, a quem torna o responsável último por seus males. Este Jó rebelde diante do sofrimento e que interpela o próprio Deus, significou uma autêntica revolução no pensamento religioso de Israel. Até então acreditava-se que já na terra o homem recebia o prêmio ou o castigo por seus atos. Ao bom, tudo ia bem, era feliz, prosperava. Ao mal, lhe tocava cedo ou tarde, fracassos e sofrimentos. O Livro de Jó vinha contradizer radicalmente essas idéias. Seu tema pode ser reduzido a um só pergunta-chave: porque os bons sofrem, que sentido tem a dor dos inocentes? Ao longo de 38 capítulos, e de todas as maneiras possíveis, Jó coloca diversas vezes a mesma questão. A partir

deste livro, a reflexão do povo de Israel sobre a dor, a responsabilidade individual e os projetos de Deus, variaria substancialmente. O caso de Jó abriu caminho teórico para se começar a compreender uma possível imortalidade, a transcendência da vida humana para além desta terra.

As razões de seus amigos não convencem nem Jó, nem Ismael. Diante da dor dos inocentes, não houve então, nem há hoje “razões” válidas. Nem Deus as dá. É um simplismo dizer que no sofrimento Deus sempre consola quem sofre, pois há muitas pessoas que não sentem esse consolo, que se desesperam e se amarguram, incapazes de superar a dor que padecem em si mesmas ou naqueles que amam. A dor dos inocentes é um mistério. Jesus não dá a Ismael nenhuma “razão”, não busca nem motivos nem culpados. Só lhe dá sua presença. Fica ali, junto do pai dolorido e do filho doente. Nada mais. A fé cristã não dá respostas “convincentes” para tudo e menos ainda para a dor “absurda”. E não porque proponha uma aceitação resignada, mas porque, sempre, a dor se tornará um terreno misterioso, onde talvez a única coisa que podemos fazer por nossos irmãos seja acompanhá-los, compartilhando seu sofrimento (Rm. 12, 15).

Evidentemente, há dores e sofrimentos diante dos quais podemos sim “fazer alguma coisa”. A morte por fome, o sofrimento das pessoas sem emprego, a dor de tantas mulheres exploradas por seus maridos, a falta de cultura de tantas crianças, a falta de moradia, de atenção médica etc., são dor e geram dores. Diante deste tipo de sofrimento não basta a presença nem a companhia. A fé cristã nos empurra a fazer muito mais. Tentar eliminar esse sofrimento, combater-lo, lutar contra ele.

São outras as dores que nos deixam impotentes e reclamam do cristão uma fé e uma esperança nada fáceis. Há doenças que não se podem vencer por mais meios sanitários que se tenha. Há acidentes nos quais morrem pessoas boas, cuja previsão escapa ao controle humano. Há crianças e jovens que morrem antes de terem vivido e a causa de sua morte nos surpreende, por inesperada. Acontece o mesmo com a dor do coração humano (sentimentos não correspondidos, traições de amigos, incompreensões, fracassos, solidão). Ao final de tudo está a morte que, embora chegue “no tempo certo” sempre se torna dolorosa... São dores que nos confrontam com nossa limitação e impotência. A fé então não é um consolo, como se fosse uma aspirina. Talvez sirva unicamente como uma frágil bengala saber que Deus

sofre ao nos ver sofrer, que seu coração de Pai se comove com a dor de seus filhos, que ele resgatará também nossos sofrimentos e um dia enxugará todas as lágrimas de nossos olhos (Apocalipse 21, 1-5).

(Mateus 17, 14-21; Marcos 9, 14-29; Lucas 9, 37-43)

Capítulo XL

COM AS LÂMPADAS ACESAS

Rabino: ... Foi o próprio Senhor quem disse: não é bom que o homem fique só. E lhe deu a mulher por companheira. Rafael, recebe a Lulina. Recebe-a pois ela se entrega como esposa segundo a lei e a sentença escrita no Livro de Moisés. Tome-a e leve-a carinhosamente para a casa de seu pai. E que Deus do Alto os guie sempre pelo caminho da paz!

Naquela noite, o bairro dos pescadores de Cafarnaum estava em festa. Rafael, um dos gêmeos da casa grande, estava se cansando com Lulina, a filha do velho barqueiro. As cítaras e os tamboretas já soavam convidando a todos para o baile em honra dos noivos...

Mulheres: A noiva é uma rosa bonita / o noivo um cravo garboso / e sempre que a noiva pode / dá nele um beijo gostoso.

As mulheres dançavam ao redor de Lulina e os homens faziam a roda com Rafael. Depois de um bom tempo, começou a refeição que o pai do noivo nos oferecia... Sentamo-nos no chão, junto às bandejas cheias de pastéis e jarras de vinho. Os músicos continuavam tocando... Os rostos de todos, muito saudáveis, resplandeciam de alegria...

Tiago: Morrer, morrer num casamento, camaradas! Que minha hora chegue dançando! E comendo!

João: E bebendo! Eu brindo Rafael e Lulina, que hoje estão se casando!

Pedro: Pois eu brindo aqueles que já têm a metade de sua laranja há uns tantos anos!

Um homem: E pelos que estão na fila para casar-se mas não se decidem!

Pedro: Ei, Jesus, essa última foi para você! Puxa vida, moreno, você já esteve em tantos casamentos e... por que não se anima, heim?

Jesus: Deixe disso, Pedro, não estou a fim de beliscar nenhum anzol...

João: Eu digo que este casamento está melhor que o do compadre Rubem...

Tiago: Eu sei o porque. Não foi nele que queimaram sua túnica, João?

João: Foi, homem. É que demoraram tanto para chegar que logo se armou aquele alvoroço com as lâmpadas de azeite. Está lembrado, Jesus?

Jesus: Claro que me lembro, eu estava com o noivo e os amigos da casa. E então saímos juntos para um parreiral que havia perto dali até que aparecesse a noiva...

Um amigo: Está tremendo, rapaz? Esta é a noite mais importante da sua vida!

Rubem: Não, não estou tremendo... Brrr... É que... estou com frio e...

Outro amigo: Aqui não se deve falar de tremores e sim de amores, caramba! E os amores entram melhor com vinho! À sua saúde, grande sem-vergonha!

Amigo: Viva o noivo!

Amigo: E viva mais ainda a noiva!

Jesus: Do lugar onde estávamos reunidos, vimos passar o grupo de moças, iluminando a noite com suas lamparinas de azeite...

Moças: ... Me roubaste o coração, esposo meu, me roubaste o coração, com seu olhar tão caloroso, com palavrinhas de amor...

Jesus: As moças acompanharam a noiva até a casa do noivo. E voltaram a sair para fora, junto à porta, esperando nossa chegada...

Rubem: Iremos para lá, quando todas as estrelas estiverem brilhando no céu!

Um amigo: Pois ainda temos tempo! Até agora só saiu o luzeiro da tarde.

Outro amigo: Não tenham pressa, companheiros. As mulheres que esperem! Antes temos de acabar com esse barril!

Jesus: À porta da casa, as dez amigas da noiva esperavam com as lâmpadas acesas...

Uma moça: Se você se sentar no chão, vai manchar o vestido, Anita. Lembre-se de que ele é emprestado...

Anita: Mas é que até que chegue a noite... Não vamos ficar de pé esse tempo todo... Minhas pernas estão doendo de tanto dançar...

Outra moça: Pois eu estou com sono... Hummm... Tomamos muito vinho...

Moça: Ai, mas como vocês são bobas! Uma dorminhoca, outra cansada... Esses pães estão sem sal. Venham, vamos cantar, pois quem canta o sono espanta! Vamos!

Anita: Sim, vamos cantar trovinhas... Ei, vejam, minha lâmpada está se apagando... e eu não trouxe mais azeite...

Moça: E nem eu, mas não se preocupem que este aqui deve dar...

Moça: Ei, parem de discutir e vamos às trovas!

Jesus: As amigas da noiva se puseram a cantar para passar o tempo. Suas vozes jovens e alegres chegavam até nós...

Moças: ... Já vem o meu amor, pelo campo ele já vem / pelo campo ele já vem, já escuto sua voz...

Jesus: Quando o céu já estava salpicado de estrelas, a cantoria da moças, cansadas pela espera, tornou-se mais lenta... De longe, vimos que algumas das lamparinas haviam deixado de brilhar...

Uma moça: Ei, Anita, veja só essas aqui, dormiram e suas lâmpadas se apagaram...

Outra moça: Elas disseram que não tinham mais azeite...

Moça: Pois deixem-nas pra lá... Que continuem sonhando com os anjinhos!

Anita: Hummm...! Ui, Miriam, estou com tanto sono que meus olhos estão fechando...! Hummm...!

Rubem: Bem, companheiros, acabou-se o barril e acabou-se a despedida de solteiro!

Um amigo: Chegou o momento, Rubem. Firme bem os joelhos, que agora você é o rei da festa!

Outro amigo: Hip! O último brinde por este homem que até que enfim vai encontrar a costela que lhe faltava!

Jesus: Então, quando já era meia-noite, nos pusemos a caminho para a casa onde se ia celebrar a grande festa, o encontro dos dois noivos... As moças estavam adormecidas, junto à porta, recostadas umas sobre as outras...

Amigo: Ei, vocês, o noivo já está chegando!... Não vão recebe-lo?

Moça: Ah... ai, o noivo está chegando!... Acorde, Anita!... Você também, Miriam!

Anita: Ui, minha lâmpada se apagou!

Moça: E a minha também!

Outra moça: E também a minha! E agora, o que vamos fazer? Ai, meu Deus!

Moça: Arrumem-se como puderem! Eu não tenho nem mais uma gota de azeite!

Outra moça: É isso que dá serem descuidadas! Corram, vão comprar mais na barraca de dom Sabas, quem sabe ele lhes vende um pouco!

Moça: E vejam se chegam a tempo para entrar na festa!

Outra moça: Corre, Anita, corre!... Ai, Deus santo!

Jesus: As cinco moças que não haviam levado azeite suficiente saíram correndo à toda para compra-lo na praça. Enquanto ainda estavam longe, nós chegamos à casa, cantando e aplaudindo o noivo...

Moças: Abre a porta, amada, que o noivo pede entrada!

Rapazes: Abre a porta, amor, que chegou o seu senhor!

Moças: Abre a porta, donzela, entre todas a mais bela!

Rapazes: Abre a porta, amor meu, que aqui fora está um breu!

Jesus: As outras cinco moças, com suas lâmpadas acesas, nos abriram a porta e nos acompanharam até dentro de casa, onde a noiva esperava ansiosa, vestida de azul, com uma coroa de flores de laranjeira na frente...

Um homem: Vamos lá, que comece a grande festa!

Jesus: A porta da casa foi trancada. E começou o baile, o jantar e a alegria de todos os convidados... poucos minutos depois, chegaram correndo as cinco moças descuidadas que haviam ido comprar azeite na barraca...

Anita: Ei, vocês, abram a porta!... Já estamos aqui!

Moça: Abram a porta, por favor!... Deixem-nos entrar!

Empregado: Quem está esmurrando a porta, heim?

Moça: São as outras cinco companheiras. Não trouxeram azeite suficiente e agora chegaram atrasadas!

Anita: Abram a porta, por favor, queremos entrar!

Empregado: Fora, fora, a porta já está trancada!

Anita: Por favor, deixem-nos entrar, por favor!

Empregado: Não amolem, caramba! Caiam fora daqui! A culpa foi de vocês! Quem mandou vocês dormirem e chegar tarde?

Pedro: E o que aconteceu então, Jesus? Depois de tanto esperar tiveram que ficar do lado de fora sem entrar na festa?

Jesus: Bem, Pedro, acontece que essas moças não souberam ficar alertas. É como se diz: Deus só ajuda, quem cedo madruga.

Tiago: Bem feito para elas. Por serem tontas e dorminhocas.

Pedro: Sim, está bem, está bem, as moças não foram lá essas coisas. Mas... e o noivo... o que o noivo fez, Jesus? Afinal, não abriu a porta?

Jesus: O noivo fez o que fazem todos os noivos, Pedro. Quando ficou sabendo do que estava acontecendo lá fora...

Rafael: Ei, rapazes, como estão passando esta noite? Os pastéis estão bons? E o vinho?

João: Está tudo muito gostoso, Rafael. Brindamos por você e por Lulina!

Rafael: E eu brindo por vocês, meus amigos! Brindo por todos!

Rafael, o noivo, se aproximou de onde estávamos comendo... Vinha radiante de alegria...

Rafael: E aí? Já estão preparando o casamento de algum de vocês?

Jesus: Não, de verdade, não. Estamos aqui contando histórias de casamento, que dá menos trabalho. Escute, Rafael, a propósito, suponha você que nesta noite, cinco das moças, das amigas de Lulina, tivessem chegado tarde à festa porque não tinham azeite. E quando voltaram da compra, encontraram a porta trancada. O que você faria, Rafael? Deixaria entrar ou não?

Rafael: Mas, é claro que sim, Jesus! Como poderia deixa-las ali fora, com esse frio? As portas da minha casa estão abertas e não se fecham a noite toda. Hoje é o dia mais feliz da minha vida e não quero que ninguém fique de fora! Bem, continuem se divertindo, amigos!

Tiago: Até daqui a pouco, Rafael!

Jesus: Está vendo, Pedro? Foi isso mesmo que o outro fez. Todos os noivos fazem o mesmo...

Anita: Por favor, deixem-nos entrar, por favor!

Empregado: Não amolem mais, caramba! Sumam daqui! A culpa é de vocês. Quem as mandou dormir e chegar tarde?

Rubem: Mas, o que está acontecendo aqui, Teodoro? Com quem você está brigando, com os fantasmas?

Empregado: Com fantasmas, não, meu senhor. Com cinco mulheres irresponsáveis que não chegaram a tempo. Pior para elas. Que se agüentem lá fora. Porque é isto que foi ordenado: trancar a porta.

Rubem: Pois vai abrindo, ande!

Empregado: Como disse, meu senhor?

Rubem: Para abrir as portas de par em par! E que entrem essas cinco moças, que devem estar muito cansadas! Já esperaram muito tempo! Vamos, apresse-se, abre a porta e que entrem todos os que quiserem entrar! Hoje é um dia alegre e quero que todos estejam comigo! Isto é um casamento, sim senhor, e a festa é para todos.

Jesus: Sim, todos os noivos fazem a mesma coisa. Porque a alegria do casamento torna seu coração deste tamanho... E eu penso que Deus fará a mesma coisa, ao final, à meia-noite, quando chegarmos à sua casa com pouco azeite em nossas lâmpadas...

As cítaras e os tamboretas da festa continuaram tocando até de madrugada. E até de madrugada continuamos dançando e celebrando a alegria grande

daquele casamento, com as portas abertas, de par em par...

As bodas eram festa de grande alegria em Israel. Ordinariamente, duravam sete dias, em que se passava comendo, cantando, dançando. Embora os costumes variassem em muitos detalhes de região para região, havia sempre um momento culminante: o encontro dos noivos. Na tarde do primeiro dia da festa levavam a noiva para a casa dos pais do noivo, onde ordinariamente se celebrava o banquete e onde se preparava o quarto dos novos esposos. O noivo saía ao encontro de sua mulher com um turbante especial que sua mãe lhe havia confeccionado: a “coroa”. Seus amigos o acompanhavam e era costume que um grupo de moças, com cânticos e tochas, saíssem ao seu encontro, para todos se reunirem depois na casa onde se celebrava a festa. A noiva aparecia diante de seu futuro esposo coberta com véus e muito enfeitada. Na celebração, era costume que homens e mulheres dançassem e comessem separados.

A chamada “parábola das dez virgens” só é contada no evangelho de Mateus. Com ela o evangelista quer fazer uma catequese à comunidade sobre a vigilância. Correm tempos difíceis e quando chegar a hora do julgamento definitivo de Deus, ninguém deve se sentir seguro. É preciso ter azeite para reposição, é preciso estar preparados, que ninguém durma em seus lauréis mas que vele alerta. Mateus quis dizer tudo isso nesta parábola, que termina dramaticamente com a porta trancada, para indicar a seriedade do tema de que está falando.

Neste episódio, sem contrariar o sentido catequético da parábola, ao final a porta fica aberta. Dos muitos elementos simbólicos que entram em jogo nesta história, mais que reforçar os do azeite ou o da noite de vigília, coloca-se a tônica em outros: o noivo, o casamento. Do ponto de vista de uma catequese cara aos cristãos, deve-se insistir nos primeiros. Mas do ponto de vista missionário, para mostrar como Deus é, que seu modo de agir a respeito de nossas categorias humanas é sempre surpreendente, é válido destacar outros. O homem deve vigiar e levar isso muito a sério, mas Deus, seu amor, sua misericórdia, sempre superarão nosso coração (1 João 3, 20).

Certamente, nesta parábola, se está falando do final dos tempos, do dia do juízo e do acerto de contas. É uma parábola escatológica. Durante muito

tempo, uma pregação unilateral aterrorizou o povo frente a este dia final. O medo do inferno, o fogo e seus castigos, foram constante tema dos pregadores para pressionar as pessoas a mudar de vida, a “converter-se”. Esta crosta pesa ainda sobre os cristãos. A partir destas idéias tenebrosas, a imagem que muitos fazem de Deus é bem mesquinha: um policial que leva em conta os atos bons e os atos maus e que, para nos amolar, nos enviará a morte quando menos esperarmos, quase que gozando por pegar-nos em falta nesse dia e mandar-nos de cabeça para as caldeiras de azeite fervendo. A vigilância cristã se reduz assim ao temor e à necessidade de acumular méritos para quando chegar a hora má (morrer com o escapulário pendurado, fazer as nove primeiras sextas-feiras, ganhar indulgências, podem nos salvar no último momento dos caprichos de um deus vingativo). Diante de tudo isso, precisamos nos abrir para a realidade do Deus de Jesus. Um Deus alegre, que prepara um banquete de casamento para nos receber na outra vida, capaz de compreender nossas fraquezas, que quer nossa felicidade, “sempre maior que nosso coração”.

(Mateus 25, 1-13)

Capítulo XLI

O QUE DEUS UNIU

Tiago: Diga que não, ande, atreva-se a negar agora!

Ester: Mas, de onde você tirou essa história, Tiago? Quem lhe encheu a cabeça de fofocas?

Tiago: Fofocas, não é mesmo? Quem me contou foi o compadre Zabulon! E Zabulon não mente!

Ester: E será que eu posso saber o que o compadre Zabulon lhe contou?

Tiago: Você esteve no mercado, não é mesmo?

Ester: Sim, claro, como em todos os dias.

Tiago: Você foi comprar frutas, não é isso?

Ester: Sim, fui comprar frutas. O que há de errado em comprar frutas?

Tiago: Comprar frutas, tudo bem! Mas piscar para o fruteiro, aí é demais!

Ester: Era só o que faltava! Ciúmes de novo! Deus do céu, que marido o Senhor me deu!

Tiago: Você estava paquerando Rupio, o fruteiro. Confesse.

Ester: Rupio, o fruteiro, tem mais de sessenta anos e não tem sequer um dente na boca.

Tiago: Para isso, dentes não fazem falta!

Ester: Ah, é mesmo? Então você acha que esse velho e eu...?

Tiago: Eu não acho nada. Eu estou certo. Meu compadre Zabulon me disse. Olhe aqui, escute bem, não torne a pôr um pé nesse mercado!

Ester: Ah, é? Para mim tudo bem. A partir de hoje, você vai fazer as compras.

Tiago: Não torne a sair de casa!

Ester: Arranje um cachorro para garantir isso!

Tiago: Não estou disposto a virar motivo de gozação em Cafarnaum, está entendendo? Isso nenhum filho de Zebedeu agüenta!

Ester: Claro, mas essa pobre coitada aqui tem de agüentar que seu marido entre e saia na hora em que bem quiser...

Tiago: Eu sou o homem, pombas!

Ester: E eu não valho nada?

Tiago: Você, cale a boca, desavergonhada! E não me levante a voz!

Ester: Ai, meu Deus...!

Tiago: Acabou-se, está me ouvindo? Acabou-se. Recolhe seus trapos, e some para a casa da sua mãe!... Não preciso de você para coisa nenhuma, está ouvindo? Para coisa nenhuma!

Ester: Você acordou a menina com seus gritos!... Vai lá e dê de mamar para ela, ande, vamos ver como fica...!

Meu irmão Tiago era casado com Ester, uma moça de Betsaida, já fazia cinco anos. Durante este tempo, tiveram três meninas. E tiveram também muitas brigas...

Salomé: Mas, Tiago, filho, como é que você foi fazer isso? Ester é uma boa moça...

Tiago: Ester é uma boa raposa, isso sim é que ela é.

Salomé: Não fale assim da mãe de suas filhas. Ester é sua esposa.

Tiago: Esta corda já se rompeu. Não tenho mais mulher. E lhe disse para pegar suas coisas e se mandar.

Zebedeu: Espere, espere, Tiago, vamos por partes. O que aconteceu. Ela o enganou com outro?

Tiago: Se ela me enganar com outro, eu lhe dou uma surra de vara que os vergões vão ficar até o dia do juízo final!

Zebedeu: E o que ela lhe fez, então?

Tiago: Ela tem os cascos ligeiros, só isso. E pisca o olho para todo homem que vê.

Salomé: Pois não serão muitos os que ela vê, porque você a mantém fechada em casa como se fosse uma leprosa. Pobre infeliz! Nem aqui você a traz.

Tiago: Pobre infeliz... Olhe, mamãe não a defenda.

Zebedeu: Mas, afinal de contas, o que aconteceu?

Tiago: Meu compadre Zabulon a viu sorrindo para o Rupio, o fruteiro, é isso!

Salomé: Mas, Tiago, pelas cãs da minha avó, o que você quer que a pobre faça? Que cuspa na cara dele?

Tiago: Não seja ingênua, mamãe. Todas começam com um sorrizinho. Você se vira e zás! Saltou a lebre.

Jesus: Que lebre saltou por aqui, heim?... Como está, Zebedeu?

Zebedeu: Estamos vivos, Jesus, o que neste país não é pouca coisa!

Jesus ... Epa, o que está havendo?... O que houve, Salomé? Cabelo-de-fogo, você está com uma cara de vinagre!

Tiago: E com razão, Jesus.

Jesus: Ah, é? E o que aconteceu?

Tiago: Que me divorciei de minha mulher. Se casa e descasa, cada um para sua casa, como diz a canção.

Jesus: Mas, por que?

Salomé: Por nada, Jesus, esse meu filho meteu uma cisma na cabeça de que sua mulher piscou um olho para o fruteiro...

Tiago: Não é cisma, mamãe. Foi o compadre Zabulon quem me disse.

Zebedeu: E em toda Cafarnaum não há um fofoqueiro maior que ele...

Tiago: E não é só isso. Zabulon também a viu na praça, e na rua dos curtidores, e a viu outro dia lá no cais...

Jesus: Escute, será que não é o tal Zabulon que “anda atrás” da sua mulher? Ele a segue por onde quer que ela vá...

Tiago: Não me amole, moreno...

Jesus: Afinal de contas, por causa de uma piscada, cinco anos de casamento vão pro buraco?

Tiago: Isso mesmo, pro buraco. Melhor só do que mal acompanhado. Esta corda já se rompeu.

Ester: É claro que se rompeu!

Tiago: Chegou quem faltava...

Salomé: Ester, filha, Tiago nos contou que...

Ester: Eu sei, eu sei, a história do Zabulon. Por que você não vai dormir com ele esta noite, já que o ama tanto!

Tiago: Olhe aqui, mulher do diabo, não comece outra vez. Já lhe disse para juntar os trapos e cair fora!

Ester: Foi para isso que vim aqui... para dizer-lhes adeus...

Zebedeu: Ester, minha menina, fique calma... Venha, sente-se aqui... vamos conversar um pouco...

Ester: Conversar? Conversar sobre o quê? Este seu filho só sabe gritar e dar ordens como se fosse um sargento... Não, não, eu não agüento mais esse energúmeno... Já me cansei. Estou indo...

Tiago: O que você disse? Que se cansou? Se cansou de quê, se você já nasceu cansada? Eu dando o maior duro na barca e você sentada em casa, tranqüila da silva?! E ainda está cansada!

Ester: Ah, é mesmo? Sentada, não é? Cuidar de três meninas não é trabalho, certo? E a cozinha, e comprar tomates, e lavar a roupa e sair correndo porque a Mila caiu e varrer a casa e essas coisas que não acabam nunca... Isso não é trabalho, certo?

Tiago: Sim, sim, e andar choramingando com todo mundo que passa em frente à porta!

Ester: E depois chega o dono da casa e se senta e cruza os braços e é preciso servir-lhe o jantar como a um grande rei porque ele não se presta nem mesmo a pegar seu prato!

Tiago: Era só o que me faltava ouvir! Passo o dia trabalhando como um burro por você e pelas crianças e não tenho direito a um prato de lentilhas?

Ester: Sim, a um prato de lentilhas e a quatro jarras de vinho, que para onde se vai todo o dinheiro, nesta maldita taberna!

Tiago: Com meu dinheiro eu faço o que bem quiser e você não tem nada com isso!

Ester: Sim, é claro, e essa escrava aqui servindo você calada. Em cinco anos de casada, você nunca me deu um centavo para comprar um lenço

sequer!

Tiago: O que vou lhe dar é um pescoção, se continuar me faltando com o respeito!

Ester: O que acontece é que...

Tiago: O que acontece é que já chega! Mulher só deve falar quando a galinha mijar!... Você ouviu, Jesus? Diga-me, tenho ou não tenho direito de me divorciar deste tribufu?... Responda, não fique calado...

Jesus: Bem, Tiago, eu creio que... que ela é quem tem o direito de mandar você para o lixo.

Tiago: O que você disse?

Jesus: O que você ouviu. O que eu não entendo é como Ester agüentou tanto tempo.

Tiago: Ah, é...? Até você está contra mim...? Tudo bem, não há de ser nada. Vai pro diabo, você e o resto do mundo! E você é a primeira, Ester: vamos, some daqui, vai piscar o olho para aquele maldito fruteiro!

Jesus: Pra ver como são as coisas... Nós homens coamos até o último mosquito do que nos fazem as mulheres e elas têm de engolir nossos camelos deste tamanho...

Tiago: Por que está dizendo isso agora?

Jesus: Por que estou dizendo? Olhe, Tiago, a gente já se conhece... É melhor não falar, certo?

Tiago: Bem, é isso aí. É por isso que sou homem, não é?

Jesus: Sim, claro... estava esquecendo que Deus deu os mandamentos não a Moisés, mas à sua senhora...

Tiago: Olhe, Jesus, não comece...! Foi Moisés quem deu a nós, os varões, o direito de abandonar a mulher e nos divorciarmos. Algum motivo deve ter,

não é?

Jesus: Sim, deve haver uma razão. Talvez pela brutalidade e dureza dos homens. Moisés deve ter pensado: é melhor que o marido a mande embora de casa; assim, pelo menos, não a moerá de pauladas... Mas no começo não era assim, está ouvindo? Porque Deus quis que o homem e a mulher vivessem unidos com os mesmos direitos e as mesmas obrigações para os dois. E o que Deus uniu, nem você nem qualquer outro homem pode separar assim sem mais nem menos, só porque dá vontade.

Salomé: Bem crianças, porque em vez de discutir não conversamos um pouco. Conversando é que a gente se entende, não é mesmo?... O que você acha, Ester?

Ester: Conversar!... Com esse seu filho não se pode conversar, Salomé. Ele grita e eu tenho de abaixar a cabeça: é só desse jeito que ele sabe conversar.

Tiago: Ora, é o marido quem deve ter a última palavra, não é?... Ou isso também já mudou?

Ester: Sim, sim, e você tem a última, a primeira e a do meio também.

Jesus: A primeira palavra foi Deus quem disse quando tirou a mulher da costela de Adão. Não a tirou da sola do pé nem de outro barro diferente, certo? Tirou-a daqui, de perto do coração... Porque Deus não queria dar a Adão uma escrava, mas uma companheira...

Uma menina: A bênção, vizinha!

Outra menina: Vovó! Vovó!

Nesse momento, entraram na casa as três filhas de Tiago e Ester. A primeira, Mila, de quatro anos, tinha umas tranças bem compridas. Terina, a segunda, dava a mão a Noemi, a menorzinha, que apenas sabia andar...

Tiago: Para que você trouxe as meninas, Ester?

Ester: Como para que? Elas vão comigo.

Tiago: Vão para onde?

Ester: Ora, vão comigo para Betsaida. São minhas filhas, não? Fui eu quem as pari!

Tiago: Ah, claro, e eu não fiz nada, certo? Foi um anjinho que veio e entrou pela janela... Olhe só os cabelos delas, são vermelhos como os meus... As meninas ficam comigo. Minha mãe, Salomé, cuidará delas.

Ester: As meninas são minhas e elas vão comigo!

Tiago: As meninas ficam aqui, está entendendo? Aqui, aqui e aqui!!!

Jesus: Está bem, Tiago, já chega de gritos!... Você diz que elas têm os cabelos vermelhos como os seus... Não se fixe nos cabelos. Olhe os olhos delas... Olhe-os... Venha, Mila, venha cá... Olhe os olhos, Tiago. Eles o olham com medo. Porque desde que nasceram só ouviram você gritar e dar porradas. Você mesmo disse antes: antes só do que mal acompanhado. E é verdade. É melhor ficar órfão do que ter um pai que mais parece um centurião do exército. Vai, Ester, leve suas filhas. E que Deus a ajude a ser mãe e pai ao mesmo tempo.

Tiago: Calma aí, o que você está dizendo, Jesus...? Isso... isso não pode acabar assim... Espere, Ester, espere...

Ester: E agora, o que é?

Tiago: Eu... bem, eu...

Ester: Você, sim, você que enche a boca protestando contra os abusos dos que governam, contra o rei Herodes, é um tirano pior que eles com sua família. Tiago, o filho de Zebedeu, o que fala de justiça e de repartir as riquezas do mundo entre todos os homens... Sim, sim, e com sua mulher não é capaz sequer de repartir o salário do dia...! É essa a justiça que você prega, não é mesmo? A justiça do funil: o cano mais largo para você e o mais estreito para os outros...

Jesus: Ester tem razão, cabelo-de-fogo. Estamos dizendo que as coisas têm de mudar em nosso país. Então vamos varrer primeiro nossa própria casa, não acha?

Tiago: Mas, eu... Eu... O que tenho que fazer para...? Na verdade, eu... eu...

Jesus: Esquecer-se do eu-eu-eu! É isso que você tem de fazer, Tiago! Esquecer-se de si e pensar um pouco nela, faze-la feliz!

Tiago: Bem, Ester... Então eu... digo, você... Puff... Se você quiser, nós podemos... Caramba, como é difícil a gente pedir perdão... Veja só, você está me entendendo, é isso que eu quero pedir-lhe... pois até o rei Davi meteu os pés pelas mãos e, veja só, depois acabou até cantando salmos...

Salomé: Bem, o resto vocês conversam em casa, porque estas três criaturinhas estão com fome e já está na hora da sopa!

Ester foi alegrando o rosto e, logo depois as meninas saíram correndo para a casa, bagunçando como sempre. A verdade é que meu irmão Tiago era um homem difícil e custava bastante dar o braço a torcer. Mas naquele dia ele conseguiu. E, pouco a pouco, ele e todos nós fomos compreendendo que é preciso tratar os outros como a gente gosta de ser tratado.

Os evangelhos não nos contam quase nada da vida cotidiana dos discípulos de Jesus. Mas como acontece em outras vidas, eles também viveram suas alegrias e suas tristezas, e passaram por momentos difíceis, mais ou menos grandes. Como todo ser humano, teriam momentos de mau humor, discutiriam, cairiam no ridículo. E, como todo ser humano, lutariam para ser melhores, para superarem-se. Tiago, discutindo com sua mulher – brigas tão corriqueiras entre esposos – dará oportunidade para que Jesus possa compartilhar com ele e com o resto de sua família suas idéias sobre o matrimônio, idéias que foram imensamente novas para o seu tempo.

As leis e costumes israelitas com relação à mulher eram marcadamente machistas. Até os doze anos, a menina ficava sob o poder do pai. A partir desta idade já podia se casar – o pai determinava muitas vezes com quem – e o matrimônio se tornava algo como a transposição da mulher do poder do pai, para o poder do marido. Uma vez casada, a mulher tinha direito de

ser sustentada pelo seu marido, mas os direitos do esposo eram muito superiores. A mulher se via obrigada aos trabalhos domésticos e a obedecer ao esposo com uma obediência que era entendida como dever religioso. Era praticamente sua empregada. O marido tinha, sobretudo, os direitos que desnivelavam totalmente a inexistente igualdade conjugal: o direito de ter tantas amantes quantas quisesse, se pudesse sustenta-las, e o direito ao divórcio, que dependia exclusivamente de sua vontade.

Em Israel existia a prática do divórcio. E o “mal” que existia nesta prática vinha basicamente do fato de depender unilateralmente do homem, tornando a situação totalmente injusta para com a mulher. A lei de Moisés permitia o repúdio da esposa (Deuteronômio 24, 1). Mas no tempo de Jesus o que estava em questão eram as razões para repudia-la, os motivos legais para o divórcio. E havia duas correntes na interpretação desta antiga lei. Para uns, só causas graves (o adultério principalmente) justificavam que um homem se divorciasse de sua mulher. Mas para outros, bastavam bem poucas razões: o fato de a mulher ter deixado queimar a comida, ou que passasse muito tempo na rua conversando com as vizinhas etc. Na prática, e pelo fato de a sociedade ser fortemente machista, esta corrente é que se havia imposto. Deste modo, havia divórcios motivados por quaisquer razões. A mulher repudiada ficava numa situação de abandono muito séria, por causa da má fama com que retornava à sociedade, já que de saída, iria viver sem depender de um homem.

O que fundamentalmente Jesus ensina sobre o matrimônio, tem muito a ver com esses costumes de seu país. A famosa frase “o que Deus uniu o homem não separe”, não enuncia um princípio abstrato sobre o matrimônio. “O homem” deve ser lido como “o varão”. Jesus está fazendo uma denúncia concreta contra a arbitrariedade machista: que “o varão” não separe o que Deus uniu. Que a família não fique sob o capricho do varão, que a mulher não fique desamparada por causa da intransigência do marido. Diante do emaranhado de interpretações legais sobre o divórcio, que favoreciam sempre o esposo, Jesus volta às origens, e ao recordar a história da criação, tal como é contada no Gênesis, ressalta que Deus fez, tanto o homem como a mulher à sua imagem e que por isso, o macho e a fêmea são iguais em dignidade, direitos e oportunidades. Isso não para dizer que se a mulher também pode decidir o divórcio, a separação é

válida. Não, o ideal cristão é, evidentemente, o matrimônio “para toda a vida”, uma vez que isso supõe responsabilidade e amor entre os que se casam, o que é o desejável. E isso não só do ponto de vista cristão, mas a partir do ponto de vista da maturidade humana. A separação dos esposos nunca deixará de ser um remédio para uma doença. Mas como todo remédio, deve ser usado com precaução, só quando realmente seja necessário e não haja outra saída. É uma decisão dolorosa e com muitas conseqüências sociais – principalmente para os filhos – que não pode ser tomada levianamente. Acontece a mesma coisa com os remédios: se se abusa deles, podem destruir o organismo.

(Mateus 19, 1-9; Marcos 10, 1-12)

Capítulo XLII

POR CAMINHOS DIFERENTES

Junto à grande praça de Cafarnaum, o bairro dos pescadores, encontra-se o poço que chamam “dos murmúrios”. À cada manhã, quando o sol assoma pelo horizonte, as mulheres se reúnem ali para apanhar água...

Uma moradora: Mas, comadre, você já reparou na cara daquela moça? Que olheiras mais fundas!... E a língua calada. Nem uma palavrinha durante todo o tempo em que esteve aqui... Justo ela que é sempre tão faladeira!

Velha: “Mal de amor, comadre, mal de amor”... Essa moça é jovem demais para ter alguma doença... Deve estar apaixonada... Não reparou como suspirava, quando foi embora?

Salomé: Bom dia para todas! Acordaram bem, vizinhas?

Outra moradora: Com vontade de trabalhar, dona Salomé, enquanto tiver saúde...

Moradora: E além disso estamos aqui comentando a respeito da Raquelzinha...

Salomé: E o que acontece com a Raquel?

Velha: Mas, será possível, Salomé que você não reparou nada naquela cara, já faz algum tempo? Parece que nem tem sangue no corpo e fica assim abobada, olhando as moscas...

Vizinha: Você fala com ela e ela não está nem aí... Entra por um ouvido e sai pelo outro...

Salomé: Vai ver, está doente...

Vizinha: Doença coisa nenhuma. É o amor. Essa menina anda apaixonada... E você mais do que ninguém devia saber...

Salomé: Mas, por que você está dizendo isso? O que eu deveria saber dos amores dessa moça?

Vizinha: Dona Salomé, é sério que você não reparou em nada? Raquel está caidinha por Jesus, o nazareno... Não me diga que você não percebeu como ela fica olhando para ele quando ele fala...?

Outra vizinha: E diga se não é verdade que nesta semana ela tem ido à sua casa um dia sim e outro também... a troco de que...?

Salomé: A menina precisava de um pouco de sal e veio me pedir...

Velha: E no dia seguinte queria um tomate...

Vizinha: E no outro um pouco de farinha...

Salomé: É, foi isso mesmo...

Vizinha: Mas, Salomé, será que você não enxerga? Não percebe que ela sempre aparece por lá para ver se topa com Jesus, em sua casa?

Vizinha: E também fica andando lá pelo cais, como uma tonta, pra cima e pra baixo só para ver se ele não está com seus filhos... Está apaixonada por ele. E não consegue esconder.

Salomé: Mas, será possível que isso é verdade?

Vizinha: Claro que é possível. Comece a prestar atenção e verá que temos razão... E depois, conte tudo pra gente, está bem?

Raquel: Bom dia, dona Salomé!

Salomé: Bom dia... Ah, é você...Entre, entre... O que houve?... Está querendo alguma coisa, Raquel?

Raquel: Dona Salomé, estou precisando de um pouco de azeite...

Salomé: Ah, é? O seu acabou?

Raquel: Bem, ainda tenho um pouquinho, mas não dará até amanhã... A senhora sabe que é melhor prevenir do que remediar...

Salomé: Claro, claro... Bem, mas entre um pouco, não fique aí parada na porta...

Raquel: A senhora... a senhora está sozinha?

Salomé: Estou, filha, os rapazes e o velho Zebedeu estão pescando, como sempre.

Raquel: Sim, claro, trabalhando...

Salomé: Tem que trabalhar pra poder comer, minha querida... Assim disse Deus desde o princípio: ganhar o pão com o suor do rosto...

Raquel: E... e não há mais ninguém por aqui, não é?... Então vou indo...

Salomé: Mas, filha, e o azeite que você pediu?

Raquel: Ui, que cabeça... Com tanto trabalho que tenho em casa, fico toda esquecida... Dez irmãos pequenos dão muito que fazer...

Salomé: Mas, não tenha tanta pressa, minha filha... Por que não se senta um momento para conversarmos um pouco...? Assim você descansa um bocadinho...

Raquel: Bem, mas...

Salomé: Nada de mas... Sente-se aqui... É, eu também vou me sentar... Ai, Raquel, menina, como eu gostaria de ter uma filha como você para poder conversar com ela... Mas, os dois foram homens, você sabe. Quando você tiver filhos, menina, peça a Deus que lhe dê as duas coisas: machos e fêmeas. São os homens que ganham o pão, mas somos nós que o amassamos...

Raquel: Ui, dona Salomé, até que eu tenha filhos... Tem que chover muito até que isso aconteça...

Salomé: Não, menina, você já está na hora de casar... E... e tenho certeza de que você pensa nisso muitas vezes, não é mesmo?...

Raquel ficou mais vermelha do que o lenço que tinha na cabeça, e ficou calada. O coração saltava-lhe dentro do peito.

Salomé: Olhe aqui, minha filha, eu... eu quero ajuda-la. Conte-me tudo. Você não tem mãe e por isso precisa contar a alguém o que vai dentro de você...

Raquel: Dona Salomé... ai, dona Salomé... já faz um mês que não consigo dormir e...

Salomé: E de noite, quando não dorme... fica pensando nele... Em Jesus, não é mesmo?

Raquel: Mas, como a senhora ficou sabendo?

Salomé: Ai, filha, o amor é como um sino. Faz barulho demais para que os outros não percebam.

Raquel: E a senhora acha, dona Salomé, que isso é alguma coisa errada?

Salomé: Não, Raquelzinha, errada por que? Você está apaixonada. Eu ficaria tão contente se esse rapaz se interessasse por alguma mulher e se casasse de uma vez... Esse moreno carrega tanta vida dentro de si, e no entanto está sozinho... Eu acho que isso não está certo...

Raquel: A senhora acha, dona Salomé, que ele está interessado por mim...?

Salomé: Bem, filha, esse Jesus é meio estranho, e isso eu não saberia dizer... Mas, fique tranqüila. Eu vou ajudar você. Eu sei como provocar uns comichões nesse moreno, para saber o que ele pensa... Já está vivendo com a gente uma boa temporada e cada vez eu o conheço mais... Sim, deixe isso comigo...

Salomé: Velho, você tem que falar com Jesus. E bem claro...

Zebedeu: Está bem, vou falar. Se você está dizendo que esta moça vale a pena...

Salomé: Raquel é boa, trabalhadora e carinhosa... E, além disso, é muito bonita. E parece que gosta muito dele. O que mais o moreno vai querer?

Zebedeu: Ah, velha, Jesus é Jesus, a gente nunca sabe... Mas está bem, eu vou falar com ele. De homem pra homem. Vamos saber por que esse camarada não se casa. Esta é uma pergunta que me faço todas as manhãs quando o vejo ir para a praça a procura de trabalho... E ao chegar a noite, volto a fazê-la e nada!... Bah, acho que ele é meio maluco!

Zebedeu: E aí, Jesus?

Jesus: Como está Zebedeu?

Zebedeu: Já faz uns dias que estou procurando um momento para falar com você. Devagar e claramente...

Jesus: Mas, o que está havendo?

Zebedeu: Jesus, quero falar com você, como um pai, como um amigo... Eu gosto muito de você, rapaz, e, para ser sincero, de homem pra homem, não entendo por que... por que você não teve mulher e continua não tendo, caramba!

Jesus: Ah, era isso...?

Zebedeu: Sim, era isso. O que você me responde?

Jesus: Pois, eu não sei... Pensava que você ia dizer para deixar de me meter em tanta confusão, e você me vem com essa... Não esperava...

Zebedeu: Escute bem, rapaz, a vida passa voando e as energias de um homem se esgotam mais depressa do que você imagina... Você está sempre falando de Deus, do que Deus quer... Pois bem, se Deus pôs no homem a

semente da vida, foi para semeá-la na mulher, e não para que ela ficasse estéril. Não é mesmo?

Jesus: Sim, você está certo. Deus gosta de ver árvores cheias de frutos.

Zebedeu: Então, por que diabos você continua sozinho...?

Jesus: Mas eu nunca estou sozinho, Zebedeu. Desde que começamos com o grupo a trabalhar nesta história de Reino de Deus, o que mais me sobra é gente ao redor...

Zebedeu: Não, não, não pense que vai escapar como um desses peixes voadores, condenado... Eu digo “sozinho”. Sozinho de noite. Sozinho, mulher, sem filhos... Você sempre estará rodeado de gente, mas uma coisa não exclui a outra... Não venha querer me enrolar agora... Sabe o que é, Jesus, é que quando um homem não tem mulher, todo seu vigor sobe aqui para os miolos e... tururu... louco! Tome cuidado, tomara que não esteja acontecendo algo parecido com você...

Jesus: Você me acha com cara de louco?

Zebedeu: Não, não estou dizendo por isso, mas...

Jesus: Olhe, Zebedeu, agora estou me lembrando de uma coisa que uma vez ouvi na sinagoga: que o solteiro não é uma árvore seca, que também os solteiros têm um lugar na casa de Deus.

Zebedeu: Bah, lá vem você com as suas tiradas... Olhe, Jesus, deixemos de lado as palavras bonitas e vamos ao que interessa... Será que... Você não gosta de mulher? Será isso?... Será que você é um maricão?... Não, não diga nada! Não me entra na cabeça que você não queira casar porque é uma dessas bichinhas asquerosas!

Jesus: Não fale assim, Zebedeu. Eles não são bichinhas asquerosas.

Zebedeu: Ah, não? E o que são então?

Jesus: São homens que Deus ama. E eles também não são árvores secas.

Zebedeu: Ah, Jesus não queira defender esse tipo de gente...!

Jesus: Então também não os ataque, Zebedeu. O que você sabe deles e de seus problemas?

Zebedeu: Bem, bem, vamos ao que interessa... Você não é desse tipo... Então, por que não se casa? Não vai me dizer que nunca encontrou uma mulher que gostasse...

Jesus: Bem, eu conheci uma moça... já faz alguns anos... Mas não enxergava claro...

Zebedeu: Solteirão toda a vida! É isso que você quer ser, não é mesmo?

Jesus: Calma aí, Zebedeu. Ser solteiro é uma coisa. E ser solteirão é outra bem diferente, pode crer!

Zebedeu: Bah, um solteiro é metade de homem. E uma solteira também. A filha que fica virgem é a vergonha de seus pais!

Jesus: Uma metade de homem é um homem egoísta. E egoístas existem tanto entre solteiros como entre casados.

Zebedeu: Jesus, escute, há uma moça no bairro está apaixonada por você...

Jesus: Ah, é...? Então era aí que você queria chegar, não é, Zebedeu?

Zebedeu: Sim, isto porque você não tem olhos para enxergar que uma mulher o ama, e eu digo isso para ver se lhe esquento o sangue, caramba!

Jesus: E quem é ela?

Zebedeu: Raquel, a filha da falecida Agar, aquela que tem um monte de irmãozinhos.

Jesus: Ah, já sei. Parece uma boa moça.

Zebedeu: Ponha boa moça nisso! E seria uma boa mulher para você!

Jesus: Sim, é provável, Zebedeu, mas...

Zebedeu: Nada de mas... Hoje você vai se encontrar com ela, conversa, e já podem ir planejando as coisas...

Jesus: Espere aí, Zebedeu. Não corra tanto.

Zebedeu: O que acontece? Você não a ama? Você ama outra?... É isso, não é? Muito bem. Pode dizer pra mim, rapaz. Fica tudo entre nós.

Jesus: Eu amo todas, Zebedeu.

Zebedeu: Conversa fiada! Quando alguém diz que ama todas, não ama nenhuma!

Jesus: Pode crer, eu amo todas. E por isso preciso ter as mãos livres para poder ajuda-las.

Zebedeu: Mas, quem você pensa que é? O protetor das mulheres abandonadas?

Jesus: Não é isso, Zebedeu. O que acontece é que eu quero trabalhar para meu povo. E você sabe que as coisas estão difíceis. Veja só o profeta João, como lhe cortaram a cabeça. E então, como ter uma mulher e mantê-la em toda essa confusão? E as crianças, então? Se ficam sem pai, quem lhes dará pão, heim?...Pode crer, Zebedeu, eu preciso ter as mãos livres. E ainda mais nesses tempos em que Deus anda com pressa, e até para dormir é preciso ter as sandálias calçadas.

Zebedeu: Você torna as coisas muito tenebrosas, Jesus. Eu não digo para você cruzar os braços. Mas, acho que se pode lutar e estar casado, demônios!

Jesus: Sim, você está certo, é claro que se pode. Veja Pedro, tem sua Rufina, quatro moleques e agora mais um que acabou de nascer. Tiago, a mesma coisa. João está solteiro, mas André já tem sua noiva e qualquer dia acaba casando... No Reino de Deus há lugar para todos e, nele, todo mundo vale a mesma coisa, os casados, os viúvos, os solteiros.

Zebedeu: Mas você... você...!

Jesus: Eu, o que, Zebedeu?

Zebedeu: Você não fez nada para se casar, caramba!

Jesus: Tampouco não fiz nada para não me casar, caramba!

Zebedeu: E então, como fica?

Jesus: Então não fica nada, Zebedeu. Que cada um faça seu caminho e veja o que Deus vai lhe pedindo. Veja você, Deus chamou Abraão lá do norte e Moisés lá do sul, por caminhos diferentes, mas os dois chegaram à terra prometida...

Só o evangelho de Mateus registra a frase de Jesus sobre “os eunucos, os castrados, os celibatários pelo reino”, que dão azo a este episódio. Para os especialistas, estão entre as palavras mais “enigmáticas” de Jesus, no sentido de que é difícil para nós hoje compreender seu significado exato e sua exata ocasião histórica. Enigmáticas também porque deveriam soar estranhas para seus contemporâneos. Tudo parece indicar que Jesus tentou explicar com essas frases sua situação pessoal aos que lhe perguntaram sobre ela.

Em Israel, nem a virgindade nem a vida de solteiro, nem o celibato, entendidos como situações estáveis, representavam algum valor. Pelo contrário, eram um antivalor, uma desgraça, algo negativo. A virgindade de uma mulher era, sim, muito apreciada, mas somente antes do casamento. A virgindade da moça antes do casamento era defendida por ela e por sua família e era um troféu que levava ao casamento. Mas era um opróbrio, uma mancha familiar, se uma mulher não chegasse a se casar e ter os próprios filhos. Da mesma forma, o homem. Um não casado, seja por qualquer razão, era visto como algo estranho, incompreensível, preocupante, a não ser que tivesse feito um voto especial (alguns dos monges essênios, por exemplo). O valor era a relação sexual e a fecundidade. O restante não entrava na escala de valores daquele povo e, portanto, era entendido como contrário à vontade do Deus da vida. Todas as escrituras exaltam o matrimônio, a união sexual do homem e da mulher

como algo positivo, bonito e como expressão maior da relação humana, a mais exata imagem do amor que Deus sente pelo ser humano e pelo seu povo. Qualquer desprezo, rechaço ou menosprezo à sexualidade humana não tem nada a ver com a mensagem bíblica; está em contradição com ela.

Jesus não se casou. Embora isso não seja dito expressamente por nenhum texto do Novo Testamento, tudo nos leva a crer este não casar-se como histórico. O mesmo se pode dizer de João Batista, e pelos mesmos dados. No entanto, o fato de Jesus não se casar, não significa que foi um ser assexuado, que o sexual não significasse nada para ele. Jesus foi um homem, não uma mulher. E como homem, teve uma dimensão sexual masculina. Neste sentido, não é descabido pensar que houvesse mulheres que sentissem atração por ele. Nada disso aparece no evangelho, mas não tanto porque não existisse em sua vida, mas precisamente porque na mentalidade de seus contemporâneos, era algo tão natural, que não era considerado tema que devesse ser escrito. Tampouco nunca se diz que Jesus espirrasse ou tivesse dor de estômago ou que assobiasse uma canção. E é praticamente certo que isso aconteceu.

Textualmente, Jesus se refere a três tipos de eunucos (não casados, impotentes, homens sem mulher). Os primeiros são “s que nasceram assim do ventre de sua mãe”. Sempre houve meninos homens que, por algum defeito físico – geralmente congênito – não podem ter relações sexuais com uma mulher. Dentro desse grupo se incluiria o homossexual, por apresentar algum transtorno – físico ou psíquico – que obstaculiza sua atração física para uma mulher. O outro grupo de que Jesus falou foi daqueles que “foram feitos eunucos pelos homens”. Está se referindo a meninos e homens que foram castrados. Ao longo da história – inclusive ainda hoje – a castração do homem era institucionalizada. Nas cortes orientais, os reis castravam os homens que eram colocados como guardiões de seus haréns. Asseguravam assim que não teriam relações sexuais com suas mulheres. Em outros países se castrava com a finalidade de conseguir uma maior inteligência, por exemplo, nos professores. Considerava-se que eram feitos para o homem, a guerra, o prazer e o poder. E para a mulher – e para os “efeminados” transformados em não-varões – os trabalhos delicados, uma certa sabedoria etc. Em Israel, a Lei religiosa proibia castrar tanto os homens quanto o gado. O castrado não podia entrar no templo nem na

sinagoga e a rês castrada não podia ser oferecida em sacrifício, Entretanto houve muitos castrados nas cortes dos reis de Israel, por influência de outros países orientais ou por terem sido levados ao país como escravos. Finalmente, Jesus fala textualmente de uma terceira classe de homens: “Aqueles que se fazem eunucos pelo Reino de Deus”.

Este tipo de vida solteira, ou virgindade – o celibato “pelo reino” – na nova categoria que Jesus acrescenta e, depois dele, o cristianismo, ao panorama da sexualidade, tal como era entendido até então no Antigo Testamento, trata-se de um celibato relacional. Isto é, não é um valor em si mesmo, mas em relação ao Reino, pelo Reino. Esta foi a opção de Jesus. Não se casou, não porque fosse anormal em sua sexualidade ou porque fosse castrado, ou porque fosse impotente nem tampouco porque fosse de tipo de homens “solteirões” que temem a mulher e fogem dela ou buscam a vida solitária por rechaço à vida de comunidade ou de convivência. Mas que não se casou, renunciou ao matrimônio “pelo reino”.

Jesus viveu profundamente a “urgência” do Reino de Deus. Concebeu sua missão como algo tremendamente importante, que devia além disso ser realizado em pouco tempo, pois o prazo era curto, o tempo de Deus estava se cumprindo, não havia tempo a perder. No episódio, este modo de entender sua vocação está na base de sua opção de não se casar. Servir o Reino é em essência a justificação do celibato cristão. Quando o compromisso com o Reino é vivido radicalmente, pode-se estar em situações dificilmente compatíveis com uma vida familiar normal. O celibato permite uma mobilidade, uma pobreza e uma liberdade, que em princípio não se dá no casamento.

Qualquer postura frente à sexualidade é válida diante de Deus. Não cabe, nem do ponto de vista bíblico nem cristão dividir virgens e casados em “melhores” ou “piores”, em cristão de primeira e segunda categoria, em perfeitos e imperfeitos. Menos ainda cabem as condenações. Com relação à homossexualidade, o evangelho – que não diz nada explicitamente – diz tudo no conjunto de sua mensagem, ao proclamar com tanta força a liberdade e o respeito à pessoa. Em todo caso, no Reino eles são os privilegiados do amor de Deus quando a sociedade os rechaça, zomba e os marginaliza. É importante lembrar a bela frase que o profeta Isaias lhes

dedica e que Jesus recorda neste episódio (Is 56, 3-5). Eles são amados por Deus e herdeiros de sua promessa (Sab 3,14). Israel esperava para os tempos do Messias esta acolhida generosa da parte de Deus, dos eunucos e castrados como cidadãos do Reino em pé de igualdade com todos.

Tudo o que Jesus falou no texto de Mateus faz referência explícita aos varões. A sexualidade feminina, suas características, sua problemática, são uma conquista bastante recente da ciência e da sociologia. Até muito pouco tempo atrás se pensava que o único valor da sexualidade da mulher estava na fecundidade. O prazer da mulher na relação sexual era visto como algo suspeito, senão mau. Por outro lado, como a mulher não “decidia” casar-se ou não, porque seus pais tomavam a decisão por ela, tampouco se podia colocar o problema do celibato feminino. No entanto, hoje, em outra sociedade e com idéias mais evoluídas, podemos dizer que o característico do celibato cristão – maior liberdade para viver e morrer pelo Reino – aplica-se por igual, tanto para o homem como para a mulher. Os dois são igualmente capazes desta opção e, tanto um como o outro, podem se realizar nela plenamente.

(Mateus 19, 10-12)

Capítulo XLIII

O JUIZ E AS VIÚVAS

Pedro: Olhe, Jesus, veja se não me amola mais!... Já gastamos doze pares de sandálias anunciando que as coisas vão mudar e que a justiça e que a libertação, e o que conseguimos até agora, heim, diga-me?

Jesus: É preciso ter constância, companheiros.

Pedro: Constância... É preciso ter olhos, moreno! Isso não vai pra frente! Isso é como querer mover uma montanha!

Jesus: E ela acabará movendo-se, Pedro. No dia em que de fato tivermos fé em Deus e em nós mesmos, nesse dia empurraremos as montanhas e as lançaremos no mar. Isso eu aprendi de minha mãe...

Jesus: Quando eu era garoto, lá em Nazaré, minha mãe, que era viúva, trabalhava na fazenda do latifundiário Ananias...

Susana: Mas, que bandido este Ananias! Oxalá esta pedra de moinho caia em cima daquela barrigona!

Rebeca: Três semanas colhendo azeitonas e agora não nos quer pagar! Ah, não, mas isso não vai ficar assim! Pelas trombetas de Jericó, mas vou espalhar essa sem-vergonhice para todo mundo e esse velho sovina vai ter que nos pagar até o último centavo, se não...!

Micaela: Se não o que, Rebeca?... Que é isso, mulher, deixe de bravatas! O que nós podemos fazer se ele não nos pagar? Nada! Se tivéssemos maridos, eles nos defenderiam... Mas, o que podemos fazer nós, viúvas? Dobrar a espinha e deixar que nos ponham a canga como aos bois.

Jesus: Minha mãe Maria e a vizinha Susana e outras viúvas de Nazaré, depois de colher os olivais da fazenda de Ananias, não haviam recebido nenhum pagamento. E estavam furiosas. Assim acontecia muitas vezes: os patrões se aproveitavam das mulheres sozinhas, as contratavam para a colheita de azeitonas, ou de figos, ou de tomates... E então lhes pagava muito pouco ou nada pelo trabalho...

Maria: Temos de fazer alguma coisa, vizinhas! Não vamos ficar aqui espantando moscas, e nossos filhos com fome!

Micaela: E o que podemos fazer, comadre Maria? Agüentar! Este é o destino de nós, pobres, agüentar!

Maria: Que destino coisa nenhuma, Micaela! Eu não creio em destino algum. Sabe o que dizia meu falecido José, que descansa em paz? Que o único destino que existe está aqui, nos nossos braços.

Susana: Sim, Maria, mas os braços das mulheres são frágeis, não se esqueça!

Maria: Mas, como você pode dizer isso, Susana? E não foi o braço de Judite que cortou o pescoço daquele grandalhão que eu nem me lembro como se chamava? E quem se pôs à frente do povo quando os cananeus atacaram e os homens de Israel afrouxaram as ceroulas, heim? Foi Débora, uma mulher, como você e como eu, mas que tinha sangue nas veias e não água com açúcar. E a rainha Ester, não foi uma lutadora também?

Rebeca: Maria tem razão. O que acontece é que a gente, como mulher, acaba se metendo na toca como os ratos.

Maria: Pois vamos sair da toca e pendurar o guizo no rabo do gato.

Suzana: Sim, senhor, temos de fazer alguma coisa por nós e por nossos filhos!

Maria: Então vamos, vamos para Caná e abrir um processo contra esse velho explorador. Para que servem os juízes? Para fazer justiça, não é? Pois vamos agora mesmo até o juiz para que ele apresente nosso caso ao tribunal.

Jesus: E minha mãe e as outras viúvas saíram de Nazaré pelo caminho do norte, rumo a Caná, onde vivia o juiz Jacinto, um velho careca e balofo...

Rebeca: Dom Jacinto, Dom Jacinto!... Dom Jacinto!

Jacinto: O que acontece, diacho! Quem são vocês?

Susana: Somos umas pobres viúvas de Nazaré! Temos algo a lhe dizer!... Abre a porta!

Jacinto: Umas pobres viúvas... umas pobres viúvas... O que vocês querem? Derrubar minha porta a pontapés?

Maria: É que nos tomaram o salário de três semanas de trabalho de sol a sol!

Jacinto: E o que eu tenho a ver com isso?

Rebeca: Você é o juiz, não? E os juízes não estão aí para fazer justiça?

Jacinto: Nós juízes estamos aqui para meter na cadeia agitadoras como vocês. Não me amolem que agora estou ocupado.

Maria: Dom Jacinto, espere, não se vá! Escute, aquele velho sanguessuga que se chama Ananias, a quem você conhece melhor do que nós, nos contratou para colher azeitonas. Passou uma semana e ele não tinha o dinheiro. Passou outra e... esperem que eu vou pagar. Passou a terceira e... continuem esperando... Você acha que isso está certo?

Jacinto: E o que vocês querem fazer?

Susana: Denunciá-lo e abrir um processo para que seja feita justiça.

Jacinto: Bom, bom, vamos estudar o caso por partes. Começemos por onde se deve começar: se eu defender vocês no tribunal... quanto custaria meus honorários?

Micaela: Como disse, Dom Jacinto?... Fale mais claro, porque nós do campo...

Jacinto: Digo que se me meter nessa briga, quanto dinheiro vocês vão me pagar, caramba?

Maria: Bem, senhor juiz, o senhor sabe que somos viúvas... e pobres. Além disso, como vamos pagar-lhe se Ananias não nos pagar antes?

Jacinto: Entendo... Sendo assim... voltem outro dia... Hoje estou muito ocupado... É, é isso, voltem na próxima semana para ver se posso fazer alguma coisa por vocês.

Jesus: E minha mãe e suas amigas percorreram de novo as sete milhas que separam Nazaré de Caná e regressaram ao povoado... E quando passou uma semana...

Susana: Faze-nos justiça, senhor juiz!... Dom Jacinto, por favor!

Rebeca: Com o que Ananias nos pagar, pagaremos alguma coisa para o senhor defender nossa causa!

Jacinto: Alguma coisa... alguma coisa... Quanto?... Vamos ver, quanto vão me pagar?

Micaela: Veja... entre todas podemos juntar dez denários... ou talvez quinze...

Jacinto: Porcaria, quinze denários! Que o diabo se morda o dedão do pé se vocês não estão doidas de pedra! Quinze denários! Vocês vêm me pedir que enfrente Ananias, o homem mais poderoso desses campos, que com uma só palavra sua pode mandar que me enforcem... e em troca disso, quinze asquerosos denários! Puah!

Susana: Mas, senhor juiz, somos pobres, compreenda...

Jacinto: Sim, sim, é lógico que compreendo... e vocês também compreendam que eu tenho agora muito trabalho e não posso atende-las... É... É isso, voltem na próxima semana para ver se com um pouco mais de tempo, Re, re...

Jesus: Sete milhas de retorno a Nazaré. E quando a semana se passou, outras sete até Caná...

Susana: Mas, Dom Jacinto, até quando vamos ficar indo e vindo?...

Rebeca: Nossos filhos estão mais magros que as lombrigas!

Micaela: Veja nossos peitos secos, Dom Jacinto! Estamos desesperadas! Não agüentamos mais, nossos filhos estão morrendo de fome, ficando doentes...!

Jacinto: E a troco de que vocês vêm agora com esta história? Eu não pari esses moleques. Virem-se como puderem! E não me amolem mais!

Maria: Está bem, não faça isso por nós, se não quiser.

Jacinto: E por quem seria então?

Maria: Faça-o por respeito a Deus, senhor juiz!

Jacinto: Rá, rá, rá...! Por Deus? E o que me importa Deus? Deus está lá em cima, no céu e eu estou aqui em baixo, na terra. Vocês não dizem que Deus faz justiça aos pobres? Pois comprem uma escada bem comprida e subam até lá em cima e peçam ajuda a ele! Mas a mim, não me encham mais!

Susana: Puff... Esse Jacinto é mais azedo que limão verde...

Maria: Não, Susana, acontece que o raposa do Ananias terá passando melado nas mãos dele, entende?

Micaela: E então, Maria? Acho que estamos perdidas!

Maria: O que é isso agora? Agora é que essa briga começa!

Rebeca: Mas, Maria, ficou louca? Que briga podemos começar se não temos sequer um pedaço de pau?

Maria: Aqui não faz falta nem pau nem espada, Rebeca.

Rebeca: E o que é então, Maria?

Maria: O que falta aqui é paciência.

Susana: Paciência para quê?

Maria: Para acabar com a dele. Não se lembram de Moisés no Egito? O faraó tinha de tudo, até carros de guerra! E Moisés não tinha nada. Bom, a única coisa que tinha era uma cabeça dura... E Moisés juntou os israelitas e acabaram com a paciência do faraó: tingiram de vermelho a água, encheram as casas de sapos e rãs, apagaram as luzes da cidade...

Susana: Mas, Maria, nós somos muito pouquinhas. Moisés pôde fazer isso porque era homem e tinha muita gente atrás dele...

Micaela: Nós somos como um mosquito e ele como um elefante...

Maria: Isso mesmo, Micaela. E essa foi uma das dez pragas do Egito, a dos mosquitos. Porque eu lhe garanto que um bando de mosquitos dispostos a atazanar, é capaz de tirar o sono de todos os elefantes que o rei Salomão tinha em seu palácio. Venham comigo, vamos voltar à casa do juiz Jacinto!

Jesus: E aquelas camponesas cabeçudas, com Maria, minha mãe à frente, voltaram diante da porta daquele juiz balofo...

Jacinto: Outra vez por aqui? Maldição! Já lhe disse para irem embora e me deixarem em paz!... Estão surdas?... O que estão esperando?

Maria: Esperamos que os juízes de Israel façam justiça aos pobres!

Jacinto: Pois esperem sentadas, que de pé cansa!

Maria: É isso mesmo que vamos fazer. Vizinhas, todas sentadas!

Jesus: Quando minha mãe disse aquilo, todas as viúvas se sentaram em frente à porta do juiz...

Jacinto: Vão pro diabo, todas vocês! Está bem, fiquem aí até que lhes saia um calo no traseiro! Malditas camponesas, têm a cabeça mais dura que uma bigorna de ferreiro!

Jesus: E o juiz bateu a porta. Depois de algum tempo...

Jacinto: Ainda estão sentadas aí? Pelos sete chifres de Lúcifer, será que vocês perderam o juízo?

Susana: Não, você é que está perdendo a paciência, senhor juiz!

Maria: Daqui a gente não se mexe até que a justiça seja feita!

Jesus: Mas o juiz voltou a fechar a porta...

Rebeca: Esta casa vai acabar desabando sobre sua cabeça, com tanta bateção de porta!

Susana: Puff... O que você acha, Maria? Conseguiremos alguma coisa?

Maria: Nossos avós agüentaram quatrocentos anos no Egito. E, no final, conseguiram a liberdade. Daqui a gente não sai.

Um homem: Ei, quem são vocês? Estão pedindo esmola na porta do juiz?

Rebeca: Pedimos justiça, não esmola!

Susana: Trabalhamos três semanas colhendo azeitonas na fazenda do Ananias e agora não quer nos pagar.

Homem: Velho ladrão!... E esse juiz não faz nada?

Maria: É isso que estamos esperando. Mas vocês já sabem o que acontece, amigos. Ananias ensaboa a mão do juiz, o juiz molha a mão do capitão, e por aí vai...

Homem: Isso é verdade. Os de cima protegem as costas uns dos outros. E nós, atirando cada um para um lado... Ei, companheiros, venham aqui, venham todos!

Jesus: Aquele homem começou a chamar seus amigos que matavam o tempo na praça e na taberna... E dali a pouco, muitos vizinhos de Cana se uniram às viúvas de Nazaré...

Jacinto: Que o diabo me corte em quatro fatias! O que vocês querem? Eu não sou o governador da Galiléia e muito menos distribuo docinhos, então sumam todos daqui e deixem-me em paz, vagabundos!

Jesus: Mas foram se juntando muitos, muitíssimos homens e mulheres diante da porta do juiz Jacinto. Era como uma praga de mosquitos...

Jacinto: Já chega! Vão pro inferno, com as viúvas e com todos! Venham, vamos resolver esse caso de uma vez!

Susana: O que? Suas entranhas já se comoveram, senhor juiz?

Jacinto: O que me comoveram foram as orelhas com essa gritaria. Mas, fiquem sabendo, não faço isso por Deus, nem por vocês nem por seus “filhinhos famintos”, mas para que vocês desapareçam e que eu não tenha nunca mais de ver suas fuças.

Jesus: E o juiz Jacinto levou o caso perante o tribunal e o latifundiário Ananias teve de pagar o salário das viúvas de Nazaré. Haviam ganho a briga, sim senhor! E assim se ganham todas as batalhas, batendo, batendo até ir para frente! E com Deus temos que fazer o mesmo. Rezar dia e noite, sem desanimar. Se lhe pedirmos assim, ele não nos dará as costas, fará justiça!

Rufa: Que Deus lhe abençoe a língua, Jesus e que viva a mãe que o pariu!

Pedro: Bem falado, vó Rufa!

Jesus: Sim, que viva ela e que vivam todos os que lutam até o final, sem cansar-se, custe o que custar!

As mulheres camponesas de Israel tinham mais liberdade que as da cidade em muitas coisas. A necessidade de tocar a família adiante as levava a trabalhar igual aos homens nas fainas agrícolas. As mulheres participavam da colheita, da sega, na vindima junto com os homens, ou trabalhavam por sua conta, contratadas pelos latifundiários locais.

Viúva na Bíblia não deve nunca ser tomada como sinônimo de idosa. Como as meninas se casavam ao doze, treze anos, muitas mulheres ficavam viúvas ainda jovens. Se supormos que quando Jesus iniciou sua atividade na Galiléia, José já estaria morto, Maria teria ficado viúva aos trinta, quarenta anos. Sua condição social a fazia dependente de seu filho, que tinha a obrigação de mantê-la. Mas, seguramente, ela também ganharia a vida com o trabalho de suas mãos. A parábola “do mau juiz”, ou “da viúva insistente”, é contada por Jesus a seus amigos neste episódio como um fato real vivido por sua mãe e algumas vizinhas, também viúvas como ela.

A administração da justiça em Israel começa nas próprias origens da história do povo com os anciãos designados por Moisés, mas não se tem dados precisos sobre como era exatamente os juízos, qual a forma de apresentar os pleitos etc., nos tempos de Jesus. A institucionalização da justiça variava muito conforme as regiões. Maria e suas companheiras vão em busca de um juiz que reside em Cana, pois Nazaré era uma localidade pequena para ter o seu próprio. Esses juízes decidiam em casos de menor importância, em pequenos conflitos regionais. Acontecia que, às vezes, os ricos os “compravam” com presentes e não havia autêntica justiça em suas decisões.

Os profetas de Israel clamaram sempre para que nos tribunais se fizesse justiça aos pobres e identificam o direito de Deus com o direito do pobre. Entre os pobres, destacaram sempre o estrangeiro, o órfão e a viúva, como desamparados por excelência, frente aos quais a exigência de justiça era ainda, se cabe, maior. Os profetas denunciaram a corrupção dos tribunais, as benesses recebidas pelos juízes e os atropelos cometidos contra os infelizes (Amós, 57-13).

Na história de Israel houve mulheres que participaram muito ativamente nas lutas do povo e que chegaram a ter um grande prestígio. Débora, juíza de Israel, vencedora de batalhas (Jz 4 e 5); Éster, heroína popularíssima e Judite, vencedora do tirano Holofernes por astúcia e coragem, eram importantes figuras femininas da história de Israel. Maria, a mãe de Jesus, também viveu inserida na história desse povo, embora construísse o Reino a partir de seu trabalho, sua fidelidade diária e sua coragem diante das adversidades.

Maria, mulher do povo, camponesa, trabalhadora, deve servir de inspiração às mulheres. Há muitos pontos de contato entre ela e as mulheres de nossos países. Porque Maria viveu numa sociedade machista. Porque trabalhou com suas mãos e sofreu tudo o que sofrem os pobres: escassez, insegurança, marginalização. Porque teve um filho que, ao comprometer-se com a justiça, a fez viver com a alma por um fio. Porque sem entender o todo daquela missão, colaborou com ele em tudo o que podia. Não basta que se venere Maria, que inclusive se “adore” – como de fato acontece. No canto do Magnificat, canto de fé em Deus, alento para a luta e esperança dos pobres, estão vivos todos os elementos necessários para uma autêntica veneração a Maria.

Jesus aprendeu de José e de Maria, como qualquer filho aprende de seus pais, as atitudes fundamentais diante da vida. De Maria teria aprendido sua tenacidade, sua constância, essa típica teimosia camponesa que “move montanhas”. Embora a parábola “do juiz injusto” tenha sido considerada ordinariamente como uma exortação à constância na oração, neste episódio Jesus estende seu significado: também na oração devemos ser constantes, pacientes, insistentes. Como Maria, oração e ação vão juntas, alimentam-se de um mesmo espírito, devem ser orientadas pelas mesmas atitudes. E assim, Jesus propõe Maria como exemplo de constância na oração.

Não haverá libertação feminina até que homens e mulheres não participem ombro a ombro na construção de um mundo diferente do atual, sem discriminações de qualquer tipo. A libertação feminina que só contempla os aspectos sexuais (aborto, divórcio, união livre etc.) é um produto importado por nossos países de sociedades desenvolvidas e com reivindicações que não têm muito a ver com nossas realidades.

Neste relato, a estratégia das viúvas para abrandar o juiz injusto é a tenacidade em forma de ação não-violenta. Insistem, viajam uma e outra vez, pressionam com palavras, gritam, sentam-se no chão... Vencem assim as resistências do juiz. A união as faz fortes e lhes dá a vitória.

(Lucas 18,1-8)

Capítulo XLIV

O JUIZ E AS VIÚVAS

Quando chega o outono e o trigo enche os celeiros e as vinhas carregam de uvas, todo Israel viaja ao sul para celebrar a festa das tendas. São sete dias nos quais Jerusalém se veste de verde, adornada com as folhas de muitas árvores. Centenas de cabanas feitas de troncos e folhas de palmeira rodeiam as muralhas da cidade santa, em lembrança das tendas em que nossos pais viveram durante a longa marcha pelo deserto. O vinho da nova colheita é bebido em abundância e a alegria corre loucamente pelas estreitas ruas da cidade do rei Davi...

Um homem: Eu aposto cinco asses que ele vem para a festa!

Outro homem: Pois eu não entro nesta aposta! Este sujeito está muito manjado... Sabe que se vier aqui os romanos podem lhe dar um susto... Ele agita demais!

Homem: Tenho a maior vontade de vê-lo de perto. E de ouvi-lo! É um profeta! Camaradas, a Israel não falta nem vinho nem profetas! Um brinde por nosso povo, o maior povo da terra!

Outro homem: Muito cuidado com o que você está dizendo, orelhudo! De Jesus, da Galiléia, dizem coisas maiores... Profeta era João. E por isso lhe cortaram a cabeça. Este é mais. Dizem que é o próprio Messias...

Homem: E então?... acha que lhe cortarão a cabeça?

Outro homem: Ele é que irá cortar o pescoço dos romanos, diacho! Se é o Messias, virá com uma espada deste tamanho e, zaz! Abaixo todas as águias imperiais! Ah, carambola, esse dia sim é que será a grande festa de Jerusalém! Um brinde pelo Messias da Galiléia!

No primeiro dia da festa, quando o luzeiro da tarde brilhava no céu, acendiam-se grandes tochas no Templo de Jerusalém. Toda a noite as ruas estavam infestadas de peregrinos que cantavam e riam. Jerusalém velava jubilosa durante uma longa semana de festa, agradecendo a Deus os frutos da nova colheita.

Enquanto isso, em Nazaré...

Maria: Então, filho, você não pensa em ir a Jerusalém?

Jesus: Não sei, mamãe, ainda não sei...

Maria: Seus primos queriam viajar com você, sabia?

Jesus: Sim, eu sabia. Acontece que eu não queria viajar com eles...

Quando terminou a colheita daquele ano, Jesus foi a Nazaré para ver sua mãe. Alguns do nosso grupo foram com ele. Os campos de trigo, já ceifados, descansavam depois de um longo trabalho. E as uvas já haviam sido pisadas no lagar.

Jesus: E você, mamãe, não quer ir à festa?

Maria: Não, filho. Já há bastante festa por aqui com a comadre Susana doente e a mulher do Neftali também. Alguém tem que cuidar das crianças delas, não?

Simão: Você trabalha demais, prima Maria. Vai ver que é por isso que se conserva tão jovem. E então, Jesus? Já pensou? Vem conosco a Jerusalém?...

Os primos de Jesus, Simão e Jacó, entraram no casebre de Maria. Já levavam nas mãos os bastões para o caminho...

Jesus: Não, eu não vou. Fico na Galiléia.

Simão: Como? Não andam dizendo por aí que você faz coisas maravilhosas, e que tem cheiro de profeta...? Então? Não me diga que os profetas de agora se escondem debaixo da terra como as toupeiras... Já que você faz coisas tão grandes, venha fazê-las na capital e que todos o vejam de cara... Jacó e eu gritaremos pelas ruas: “Ei, aqui está o profeta! E é nosso primo!” Nós juntamos as pessoas, você lhes fala e prometo que quando terminar nós aplaudiremos, eu lhe prometo, primo...

Jesus: Muito obrigado, primo Simão. Guarde seus aplausos e ponha-se a caminho de pressa, anda, que a festa começou ontem à noite e você vai chegar tarde. Eu não vou.

Simão: Bah, você é maluco e cabeçudo, Jesus. Vai a Cafarnaum com esses amiguinhos que você achou. Vamos, Jacó, andando!

Jesus: Mamãe, amanhã, ao amanhecer eu vou.

Maria: Aonde, filho? A Cafarnaum?

Jesus: Não, a Jerusalém. Para a festa. Vou com Tiago, Pedro e João e alguns mais do grupo...

Maria: Eu sabia que você iria... Estava dizendo a Jacó e Simão não com a boca, mas eu o olhava e a mim você não engana... Jesus, filho, tenha cuidado! Jerusalém não é a Galiléia. Ali os romanos têm sete olhos e ficam sabendo de tudo...

Jesus: Você está com medo, mamãe?

Maria: Sim, filho, como não vou ter? Mas já não é mais como no começo. Parecia então que poderia pega-lo no colo como se fosse criança. “Jesus, isso não se faz, obedeça sua mãe”... Não, já sei que não posso pôr pedras no seu caminho para impedi-lo. Aquilo que você me disse lá em Cafarnaum ficou dando voltas e voltas na minha cabeça, está lembrado?

Jesus: Claro que me lembro. E a verdade é que naquele dia eu estava meio zangado com você.

Maria: Não, filho, era eu que estava zangada com Deus como nosso avô Jacó quando deu uma de galo-de-briga e se pôs a lutar uma noite com aquele anjo e foi ele que acabou coxeando... Assim aconteceu comigo, sabe? Eu dizia a Deus: “Vai e procure outro. Por que tem que ficar olhando pro meu filho? É o único que tenho. Por que quer tirá-lo de mim? José morreu. Eu estou ficando velha. Pelo menos que eu possa vê-lo casado com uma boa moça e com um trabalhinho seguro e, quem sabe, até ajudo a criar meu primeiro neto...”. Não pedia mais que isso. E não era muito, não é mesmo? Pois veja só, Deus se saiu com as dele. Pegou você pela mão e disse: “É você que eu ando procurando”. Está bem, filho. Ele ganhou. Ele é mais forte.

Jesus: Você é valente, mamãe!

Maria: Não, filho, na verdade, estou morrendo de medo! E continuo sem entender bem o que Deus está preparando para você. Mas não se preocupe que não vou atravessar seu caminho. Ao contrário, gostaria muito de segui-lo ... gostaria de ajudá-lo... mas não sei como...

Jesus: Mas, mamãe, se foi você quem me deu o primeiro empurrão! Você que andava sempre com aquela matraca: “Deus quer derrubar os grandes e elevar os humildes”. Você me ensinou isso. E isso é o que temos feito durante todos esses meses em Cafarnaum e nas cidades do lago...

Maria: E em Jerusalém?

Jesus: Também em Jerusalém é preciso anunciar a boa notícia. E faremos isso, sim, já é tempo de fazê-lo.

Maria: Bom, deixe isso pra lá e tome um pouco mais de leite, que magro do jeito que você está não vai chegar caminhando nem até Samaria... Beba, filho, ele está bem gostoso...

Quando chegamos a Jerusalém, a festa já ia pela metade. Ao nos aproximarmos do templo, vimos sair a procissão. Homens, mulheres e crianças com folhas de palmeira e de salgueiro cantavam pelas ruas. No átrio dos sacerdotes se repetia a mesma cerimônia: os ministros de Deus rodeavam uma e outra vez o altar entoando os salmos das tendas...

Sacerdote: Senhor, dá-nos a salvação! Senhor, dá-nos a vitória!

Todos: Bendito o que vem em nome do Senhor!

Os átrios do templo estavam cheios de bêbados e crianças que corriam atrás das ovelhas. Jerusalém recendia a frutos maduros e despedia com risos o ano que terminava...

Um homem: Conterrânea, olhe só quem está ali! É o profeta da Galiléia!

Uma mulher: Você já bebeu tanto, seu sem-vergonha, que agora está vendo profetas pelas esquinas!

Outro homem: Pois eu lhe digo que não, mulher, olhe bem aquele lá com o manto cheio de remendos... aquele mesmo, é... Ei, camaradas! Corram... O profeta chegou! O profeta chegou!

Aos gritos daquele homem as pessoas começaram a espremer-se onde nós estávamos, perto da porta de Corinto... Um grupo de homens empurrou Jesus para que subisse em um ponto mais alto...

Um homem: Ei, você, galileu, o que está fazendo por aqui?

Jesus: Celebrando a boa colheita deste ano, amigo!

Outro homem: Fale mais alto que daqui não dá para ouvir nada! Maldito seboso, não fique na minha frente!

A porta de Corinto parecia um galinheiro revolto. Todos queriam ver de perto as barbas do profeta recém chegado...

Jesus: Viemos celebrar a colheita deste ano e contar-lhe o que anda acontecendo no norte do país! Os campos deram trigo e a vinhas deram suas uvas, sim. Mas Deus nos anuncia uma colheita maior, uma festa e um banquete que celebrarão todos os povos da terra. Amigos de Jerusalém: viemos trazer-lhes uma boa notícia. O Reino de Deus chegou!

Um homem: Bem-vindo este Reino de Deus!

Uma mulher: E onde diabos está para que o vejamos?

Jesus: Não olhe para cima nem para o lado, conterrânea. Está aqui, onde os pobres se reúnem com esperança!

Outro homem: Vivam os da Galiléia, de Jerusalém, e de todo o país!

Outra mulher: Escute, rapaz, você que fala tão bonito, explique-nos uma coisa: o que se deve fazer para entrar nesse Reino? ... porque eu aqui não quero ficar de fora!

Jesus: A porta para entrar é estreita. Para poder passar por ela é preciso ter os bolsos vazios. Por esta porta passarão somente os que sabem repartir o que têm com os demais. E os que fecham sua mão para os pobres ficarão de fora. Os que pensam que são os primeiros, serão os últimos. E os que estão na fila, os últimos, esses serão os primeiros!

Um homem: Muito bem falado, Galileu!

Custou-nos muito trabalho sair do templo. As pessoas se apertavam contra nós. Todos queriam ver Jesus. Os soldados romanos vigiavam de perto para que aquele alvoroço não terminasse em uma revolta maior. Alguns galileus nos convidaram para passar a noite em suas tendas de palmeiras e caniços. E até a uma delas nós fomos ao cair da tarde, enquanto os vizinhos da capital continuavam discutindo...

Um vizinho: Você não ouviu que língua mais esperta? Esse homem é o Messias, ouça o que estou dizendo!

Outro vizinho: Mas onde já se viu um Messias com sandálias estropiadas? Você está louco!

Outro vizinho: Além disso, o Messias não pode ser galileu. Tem que ser da família do rei Davi.

Vizinho: E este aí? De que família será? Isso sim é que ninguém sabe.

Vizinho: Tem que ser filho de Davi! Ou é da família de Davi, ou não é o Messias!

Um mestre: Mas, amigo, como vai ser filho de Davi se há um salmo em que Davi o chama de pai, em vez de filho?

Vizinho: Mas, o que está dizendo você? Que salmo que nada! Esse sujeito fala claro e tem Deus na garganta...!

Fariseu: E tem mais: como pode o Messias ser filho de Davi se o próprio Davi o chama de pai, porque, como diz outro salmo, ninguém pode ser filho de seu próprio filho, não acha?

Vizinho: Escute, amigo, de você eu não entendi nem uma... e deste galileu, todas... daí, é melhor você ir cantar seus salmos em outra esquina!

Vizinho: Esse Galileu nasceu num povoado que não vale nada, que se chama Nazaré! Por acaso o Messias vai sair de um lugar desses, heim? Não sejam patetas! Quando vier o Messias, ninguém saberá de onde veio. Virá de repente. Zaz! Os céus se abrirão e nós o veremos... Esse sujeito é um engana-bobos... Deixemos que o Messias durma tranqüilo esta noite e nós, para a taberna do Aziel! O melhor vinho de Jerusalém está escondido nos barris desse safado!

Naquela noite, uma mesma pergunta percorreu o bairro dos alfaiates e o bairro dos carregadores de água, a rua das prostitutas e o grande mercado... Todos perguntavam pelo profeta da Galiléia... E ninguém sabia encontrar uma boa resposta... Quando a lua nova do mês do outono, no ponto mais alto do céu, iluminava debilmente as muralhas rodeadas de cabanas da cidade santa, Jerusalém, cansada de tanta festa, foi adormecendo devagar...

No começo do outono, no mês de setembro, o povo de Israel celebrava a festa dos “sukkot” (das tendas, das cabanas). Com ela termina a colheita dos frutos e a vindima. Das três peregrinações anuais que os israelitas faziam a Jerusalém – por ocasião da Páscoa, Pentecostes e Tendas – esta última era a mais alegre e popular. Era também a que concentrava mais gente na capital. Durante os sete dias que durava a festa, o povo vivia em choças e cabanas que se construía nos terraços ou nos pátios das casas, na esplanada do templo, nas praças públicas ou nos arredores de Jerusalém. Essas choças eram feitas como recordação das tendas nas quais o povo hebreu havia vivido durante quarenta anos em sua peregrinação pelo deserto até a terra prometida.

No tempo de Jesus e por influência de textos proféticos (Zc 14,16 e 19), o povo associava a festa das Tendas com o triunfo definitivo do Reino de Deus e do seu Messias. Por isso se explica neste relato que os primos de Jesus, interessados em que seu parente fosse cada dia mais famoso, pelo que isso poderia favorecer seus interesses, insistiram que estivesse em Jerusalém para estas festas. A esta altura, Jesus já era um profeta de grande popularidade, tanto em suas terras galiléias, quanto no sul, na Judéia, e principalmente na capital. A estas alturas também, Jesus estava plenamente consciente do conflito que criavam suas palavras, suas atitudes e as pessoas de que se rodeava: pobres, à margem da lei, “malditos” de má fama, os “últimos” daquela sociedade.

No relato, esta é a segunda vez que Jesus sobe a Jerusalém. Ele o faz clandestinamente, porque depois das notícias de que Herodes o procurava para matá-lo, não lhe parecia prudente fazer muito barulho. Neste caso, recusa a espetacularidade que lhe propõem seus primos, mas não renuncia à difusão mais massiva que pode ter sua mensagem profética entre os peregrinos concentrados na capital.

Se a estas alturas Jesus já contava com uma morte violenta, Maria também intuía que esse poderia ser o final de seu filho. E por isso tinha medo. Maria foi uma mulher valente e uma mulher de fé, mas a fé não suprime o medo nem as debilidades. E Maria sofreu por causa do compromisso de seu filho, sem ver claramente aonde o levaria, temendo sempre as conseqüências a que se expunha. No entanto, seguia em frente, guiada por esta fé que ia crescendo e amadurecendo dentro dela.

Também é certo que os caminhos que levavam a Jerusalém não eram nada seguros. No tempo de Jesus reinava em todo o país o banditismo. Para proteger o comércio pelas rotas das caravanas, os romanos haviam tomado especial cuidado em limpar os assaltantes dos caminhos. Os camponeses aumentavam as histórias de salteadores que corriam de boca em boca e, embora não levassem muita coisa em suas viagens, temiam especialmente esses perigos. E consideravam um favor especial de Deus chegar sãos e salvos a Jerusalém.

Depois deste primeiro discurso público na capital, a que se recorre neste episódio e que se resume na constante mensagem do evangelho: compartilhar, esforçar-se para entrar pela porta estreita do dar em vez de acumular (Mt 7,13-14), Jesus estará na boca do povo reunido para as festas em Jerusalém. As pessoas discutem nas ruas se ele é ou não o Messias ou – mais ainda – se de fato pode sê-lo um homem de extração tão baixa, sem doutorados nem estudos, sem poderes espetaculares... Naquele tempo, a espera de um Messias libertador era constante tema nas conversas populares. Para algumas escolas de rabinos o Messias reconhecido por sua pertença à família de Davi (seria “seu filho”). Outros não davam importância a este aspecto e se fixavam mais, não de onde viria o Messias, mas no que faria. Nesta sua segunda viagem à capital, Jesus já é muito popular e os pobres do país canalizam cada vez mais até ele suas esperanças de justiça.

(João 7,1-13 e 40-43)

Capítulo XLV

A PRIMEIRA PEDRA

Marido: Saia daí, descarada! Você não vai escapar!

Um vizinho: Derrubem a porta e vamos tirá-los pra fora!

Uma vizinha: Adúltera! Adúltera!

Um bando de homens e mulheres esbravejava rodeando a casa de Cirilo, no bairro dos carregadores de água de Jerusalém. As pedras chocavam-se contra a porta e as maldições eram ouvidas em todo o Ofel...

Outro vizinho: Agora você vai ver o que é bom pra tosse, sua raposa safada!

Outra vizinha: Sabemos que vocês dois estão aí, sem-vergonhas!

Por uma brecha do pátio, como um rato que sai dos escombros, um homem meio desnudo pulou e se pôs a correr rua abaixo...

Marido: Deixem que vá, dele eu cuidarei outro dia! O que eu quero agora é ajustar as contas com a Joana!

Vizinho: Tirem-na daí, não percamos mais tempo!

A tranca de madeira que fechava a porta se partiu com os empurrões e um punhado de homens invadiu a casa... Lá dentro, num canto, junto a uma suja esteira, estava agachada uma mulher com um gesto de horror nos olhos!

Marido: Era você que eu queria agarrar, sua asquerosa! Cadela, filha de cadela, juro pela minha cabeça que hoje será o último dia de sua vida!

Um vizinho: Morte para ela, é adúltera! Tem de matá-la!

Uma vizinha: Deve morrer! Deve morrer!

Vizinho: Agarrem-na!

Dois homens se lançaram sobre a mulher, a agarraram pelos cabelos e a arrastaram para fora da casa... Então um velho lhe arrancou, com um forte puxão a manta com que tentava cobrir-se...

Marido: Sim, deixem-na assim, e que todos vejam suas vergonhas. Se ela não se importou de esfregar-se no Cirilo, também não se importará de ficar assim, no meio da rua!... Vizinhos, esta mulher me enganou com outro! Ajudem-me a apagar a infâmia que sujou meu nome!

Vizinha: Morte pra ela! Morte pra ela!

Vizinho: Para o lixo! O lixo para o lixo!

Os dois homens levantaram a mulher por um dos braços e a arrastaram esperneando pela estreita viela... Com os punhos erguidos, gritando e assobiando, encaminharam-se para o barranco da Geena, que fica ao sul da cidade, o vale maldito onde os moradores de Jerusalém queimavam o lixo e onde eram apedrejadas as mulheres que haviam sido descobertas em delito de adultério.

Vizinha: Vamos matá-la, vamos para a Geena!

Vizinho: Mas olhem só quem está aqui! O profeta da Galiléia!

Jesus e nós estávamos conversando perto do Templo, quando vimos aproximar-se, em meio a uma nuvem de poeira, aquele tumulto de gente enfurecida...

Vizinho: Ei, profeta, venha conosco cumprir a lei de Moisés! A mancha do adultério só se limpa com pedras!

Marido: E quanto mais mãos, mais pedradas! Venha, venha conosco! E que venham também esses seus amigos!

Vizinho: Pegamos essa cadela na mesma cama que o carregador de água, Cirilo!

Vizinha: Não tem desculpa: todos os somos testemunhas do seu pecado!

Os dois homens que arrastavam a mulher, abriram caminho e a deixaram cair no meio de todos, boca para baixo, com os joelhos sangrando e o corpo cheio de cuspe e escarros... Um deles, com um gesto de desprezo, colocou o pé direito sobre o rosto dela, apertando-o contra as pedras do chão...

Um vizinho: Quem é o profeta? Você? Pois lance sobre ela uma maldição para que o diabo a engula de uma só vez e se vá diretinha para os infernos!... Vamos... o que está esperando? Não dizem que você é um profeta? Pois fale, responde: por que não a amaldiçoa?

Vizinha: Que morra! Que morra! Morte para ela!

Jesus se aproximou do grupo de moradores que gritavam e ameaçavam com o punho...

Jesus: Onde está o marido desta mulher?

Marido: Estou aqui! Eu “era” o marido desta safada. Já a repudiei. O que você quer?

Jesus: Quero saber o que aconteceu. Ela o havia enganado outras vezes?

Marido: Claro que sim. Ela negava, mas dizem que se descobre um mentiroso mais rápido que a um aleijado...

Jesus: Diga-me, quantas vezes você acha que ela o enganou?

Marido: Quantas? E sei lá!... Três, quatro, cinco vezes... essa aí é pior que uma cadela no cio!

Então Jesus se agachou e escreveu com o dedo na terra três, quatro, cinco risquinhos...

Jesus: O que mais você tem contra ela?

Marido: O que eu tenho a mais contra ela? Essa é boa! Não basta essa sem-vergonhice em plena luz do dia? Está querendo juntar mais carvão em cima da cabeça dela? “É que vou visitar uma comadre, vou levar-lhe um remédio”... Pois é! Acontece que a comadre doente era o Cirilo e um açougueiro da outra esquina que quando o encontrar vou picá-lo com sua própria faca de cortar carne!

Uma vizinha: E quando ela deu de paquerar o meu marido, heim? Sim, sim, e bem debaixo do meu nariz, como se eu fosse uma idiota. Se vocês a vissem passando em frente à minha casa, se requebrando toda. Sorrizinhos pra cá, sorrizinhos pra lá... Grande safada!

Outra vizinha: Essa aí já dormiu com a vizinhança inteira.

Vizinha: E quando a pegaram esfregando-se com o filho do Joaquim, heim? Conte isso para o profeta, vamos!

Vizinha: E algum motivo haverá para que o rabino lhe vire a cara quando passa por perto. Quantas coisas ele deve saber!...

Vizinha: Ela tem a boca mais suja que um camaleiro, tudo o que diz são palavras asquerosas.

Vizinho: O que diz e o que faz!

Vizinha: E aquela vez que essa “garota” foi vista com os peitos de fora! Descarada!

Jesus, agachado, ia fazendo rabiscos com o dedo a cada uma das acusações que lançavam contra a mulher...

Um velho: Seu dedo vai se gastar antes que fique sabendo de todas as safadezas dessa rameira!

Vizinha: Todo mundo já sabia que um dia isso ia acontecer, vizinhos! Filho de gato caça rato. Onde está a mãe dela? Encostada no muro, com todas as outras rameiras!... Do pai eu não digo nada, porque não sei quem semeou esta erva daninha!...

Marido: Já chega de conversa fiada! O que você diz, profeta da Galiléia?

Jesus: Eu digo para me darem uma pedra...

Todos: Muito bem, nada de moleza com ela!

Um velho, de olhar malicioso se inclinou, pegou uma pedra do chão e a deu a Jesus...

Vizinha: Na cabeça, acerte na cabeça como bem merece uma adúltera!

Vizinho: Machuque-a! Machuque-a!

Jesus tinha em sua mão a pedra e sentia seu peso olhando para a mulher que continuava estendida com a boca no chão, no meio da rua...

Jesus: Sinto muito, conterrâneos, mas eu não vou atirar a pedra nela. Se algum de vocês se considera limpo de pecado, venha e atire...

Então, outro velho, de barriga estufada, se aproximou de Jesus...

Velho: Dê-me a pedra. Eu atirarei. É preciso cumprir a lei de Moisés. E a lei condena o adultério.

Jesus: Oxalá ela não lhe arrebente na testa, como aconteceu a Golias...

Velho: O que você quer dizer com isso?

Jesus: Escute, cá entre nós, na confiança, a quanto de juros você empresta o seu dinheiro: a dez, a vinte... talvez quarenta?... Isto também está condenado na lei de Moisés, não é mesmo, amigo?

Jesus cravou seu olhar como um punhal nos olhos daquele velho gordo que já levantava sua mão para lançar a pedra sobre o corpo desnudo da mulher...

Jesus: Está proibido estrangular os desgraçados que não podem pagar-lhe os empréstimos a tempo, não é, amigo?

A pedra escorregou da mão do velho que deu meia volta e escapou entre as pessoas...

Uma vizinha: O que aconteceu com esse aí? Também deu pra trás?

Jesus se voltou de novo aos vizinhos, que esperavam impacientes.

Jesus: Quem quer atirar a primeira pedra nesta mulher?

Vizinho: Eu, dê a pedra pra mim. Se existe uma coisa que me repugna nesta vida é a infidelidade... nojo de mulher!

Um homem alto e arrogante se aproximou da mulher...

Jesus: Escute, amigo, qual sua profissão?

Vizinho: Minha profissão? Comerciante. Tenho uma tenda de alimentos perto da Porta do Ângulo.

Jesus: Na melhor das hipóteses você tem duas balanças em seu comércio, uma para pesar o que compra e outra para pesar o que vende... Quantas você tem?... Uma ou duas?

O vendedor abriu a boca para responder a Jesus, mas não disse uma palavra. Em seguida retrocedeu e se misturou entre a turba...

Jesus: E você... pela cara deve ser advogado ou juiz... juiz dos que julgam no Grande Conselho... Diga-me uma coisa, amigo, quantos denários colocam debaixo de seu assento para que diga que o latifundiário tem razão e a viúva é culpada?... Você quer atirar a primeira pedra? ... E você, suas mãos são de médico... Vamos, pegue a pedra e atire você... Afinal, esta mulher mora no Ofel... você nunca vai a esses casebres de barro, não é mesmo?... Todos os seus clientes são do bairro alto porque eles sim lhe podem pagar, claro...

Vizinho: Chega de bobagem! Esta mulher é uma pecadora. Você mesmo anotou seus delitos com estes riscos na terra... E olhe quanto tem...

Jesus: E por que você se apega tanto a todos esses ciscos no olho dela e não vê o tronco que há em seu próprio olho?

Vizinho: Ciscos! Esta mulher cometeu o maior de todos os pecados, o adultério!

Jesus: Maior adultério é ver os sacerdotes do Templo banquetando-se com os governantes que oprimem o povo e ninguém lhe atira pedras. Maior adultério é ver os servidores de Deus servindo a Mamom, o deus do dinheiro e ninguém levanta um dedo sequer contra eles. Hipócritas! Escondam-se nas cavernas das montanhas porque o Deus de Israel está para chegar e vai lhes lançar sua mão e os deixará de cueiros igual vocês fizeram com esta mulher. Porque com a medida com que medirem os demais, com esta mesma ele medirá vocês.

Jesus se agachou e não disse uma palavra mais. Com a mão estendida alisou a terra onde havia marcado as acusações contra aquela mulher surpreendida em adultério...

Pedro: Caramba, Jesus, você os deixou sem fôlego!

Jesus: É que parece, Pedro, que o único pecado que existe para eles é deitar-se com uma mulher. Passam a vida esquadrinhando estes pecados e aí sim, coam o último mosquito, até os maus pensamentos, um a um... E os grandes camelos, os grandes abusos contra os pobres, passam por eles e nem percebem...

Pedro inclinou-se sobre a mulher que continuava jogada na rua...

Pedro: Você se livrou de uma boa, heim, moça?... Como se chama?

Joana: Joana... mas eu... eu...

Jesus: Vamos, não chore... Tudo já passou... Cubra-se com este manto, ande... Acalme-se, mulher... Ninguém vai lhe fazer nada... Abre os olhos, veja... Onde estão os que a acusavam?... Nenhum a condenou. E Deus tampouco a condena e nem lhe atira nenhuma pedra... Preste atenção, já está tudo apagado... tudo.

Pedro e Jesus levantaram Joana do chão e a acompanharam de volta para sua casa, pela rua do aqueduto, a que dá no bairro dos carregadores de água, perto do Templo santo de Jerusalém.

A passagem da adúltera – que só aparece no evangelho de João – não está em todos os antigos manuscritos que se conservam do texto original deste evangelho. Alguns pensam que este texto, que tem por outro lado todas as garantias históricas, deve ter sido suprimido do evangelho de Lucas e destes manuscritos de João, precisamente porque a indulgência de Jesus para com esta mulher pecadora pública poderia parecer excessiva, e portanto escandalosa, mesmo para as comunidades cristãs. Isto dá uma pista da importância prática que há nesta história.

Em Israel, o adultério era considerado um delito público. As antigas leis o castigavam com a morte (Levítico 20,1). A tradição e os costumes fizeram desta lei, como de tantas outras, uma interpretação machista. E assim, o adultério do homem casado só era considerado tal se tivesse relação com uma mulher casada, mas se ela era solteira, prostituta ou escrava, sua falta não era considerada como adultério. Para a mulher, bastava que tivesse relações com qualquer homem. Por outro lado, a mulher suspeita de adultério era submetida a uma prova pública de tomar águas amargas. Se lhe inchasse o ventre era certo seu adultério, se não sentia mal-estar, tudo ficava como uma falsa suspeita (Números 5,11-31). Esta prova era realizada diariamente por um sacerdote na porta de Nicanor do templo de Jerusalém. O homem não podia ser submetido a semelhante rito jurídico. Em todo caso, comprovado o adultério, os pecadores – ele ou ela – deviam ser apedrejados pela comunidade.

Por ser o adultério considerado um pecado público, a comunidade devia apagar a mancha também publicamente. O apedrejamento ou lapidação devia ser realizado pelos moradores do lugar em que o pecador havia sido descoberto em falta e, geralmente, o lugar do suplício ficava fora dos muros da cidade. As testemunhas do fato eram os que atiravam as primeiras pedras contra o culpado. Eram delitos castigados também com o apedrejamento a blasfêmia, a adivinhação e as diferentes formas de idolatria e a violação da lei do descanso do sábado.

O adultério é um pecado de infidelidade. E é também, em muitíssimos casos, uma expressão de fraqueza. Para salvar a adúltera da morte que para ela ordenava a lei, Jesus, neste episódio, contrapõe este pecado a outros: fraude, exploração, usura, corrupção judicial etc. Entre estes pecados e o da mulher, fica claro que os atos injustos com que se oprime os infelizes aproveitando-se de sua miséria, são muito mais graves aos olhos de Deus que os pecados sexuais.

Com os trapaceiros, as prostitutas, os bêbados – com essa ampla gama de fraquezas humanas relacionadas com o sexo, com a astuta sobrevivência dos pobres – Jesus foi sempre misericordioso, compreensivo, tolerante. Ao contrário, não o foi nunca com a hipocrisia e a injustiça dos poderosos. Nunca chamou de “raça de víboras” os que a religião oficial qualificava de pecadores e malditos, mas reservou esse insulto precisamente para os dirigentes da religião oficial. A comunidade cristã deve saber localizar, da mesma forma que Jesus, o autêntico pecado que separa de Deus e isola dos irmãos.

(João 8,2-11)

Capítulo XLVI

COMO UM RIO DE ÁGUA VIVA

O último dia da festa das Tendias era o mais importante. A semana de alegria que celebrava o fim do ano e o término da nova colheita. Os peregrinos que abarrotavam Jerusalém se despediam agora da cidade santa, assistindo à solene cerimônia da água no tanque de Siloé, perto das muralhas do sul...

Abias: Tudo preparado para a procissão, sacerdote Ziraj?

Ziraj: Tudo preparado. Dentro de poucos minutos iremos ao Templo buscar o cântaro de prata. Você vem conosco, magistrado Nicodemos?

Nicodemos: Sim, pode estar certo que irei...

Abias: Ele também estará por ali... Todos esses dias andou borboleteando pelo templo com seus amiguinhos galileus...

Nicodemos: A quem você se refere?

Abias: A quem poderia ser? A esse tal Jesus de Nazaré. Todo mundo já está com ele pela ponta dos cabelos! Não faz outra coisa que armar confusão ou meter-se nas que outros armam.

Ziraj: Graças ao Altíssimo, essas confusões vão se acabar. Cachorro raivoso tem de ser tirado do meio para que não morda os demais... he, he, he... não é mesmo?

Nicodemos: O que você quer dizer com isso, Ziraj?

Ziraj: Quero dizer que já conversamos com o sumo sacerdote Caifás e que contamos com a autorização dele...

Nicodemos: Autorização para que?

Abias: Para agarrar esse agitador. Hoje termina a festa e termina também sua charlatanice. Ao calabouço por um bom tempo e irão baixar de uma vez essas malditas fumaças!...

Nicodemos: Mas como isso é possível? O que você está dizendo? Conforme nossa lei, não podemos condenar ninguém sem ouvi-lo antes...

Ziraj: Nicodemos, você não acha que já são suficientes todas as loucuras que tivemos de suportar desse indivíduo? Já encheu toda a Galiléia com sua baba e agora quer alvoroçar também a capital! Você não soube o que aconteceu outro dia com a mulher adúltera que iam matar a pedradas, como manda a lei de Moisés?

Nicodemos: Como não saberia! Toda Jerusalém só fala nisso...

Abias: Pois vamos tapar a boca de todos eles. Acabou-se! Vamos tirar esse agitador de circulação!

Nicodemos: Muito cuidado com o que fazemos, amigos. As pessoas dizem que Jesus é um profeta...

Ziraj: Sim, claro, o vinho da festa os fez ter visões... Um profeta! Da Galiléia não saem mais que safados e ladrões!

Nicodemos: Este homem é diferente, Ziraj. Eu fui uma vez falar com ele e lhes confesso que...

Ziraj: Que você também foi embromado? Mas, magistrado Nicodemos, por favor, abra os olhos! Por acaso algum dos nossos chefes ou dos fariseus acreditou? Veja só quem o segue: a chusma, essa gentinha que nem toma banho nem cumpre a Lei! Malditos!

Nicodemos: Ouçam-no falar primeiro. Só lhes peço que o ouçam falar.

Abias: Primeiro vamos pega-lo, depois vamos ver o que faremos com ele, he, he... Sacerdote Ziraj, diga aos guardas que venham. Temos de dar-lhes instruções para que façam um bom trabalho, he, he...

Um pouco mais tarde, as ruas próximas do tanque de Siloé rebentavam de gente. Com ramos de palmeiras nas mãos, esperávamos a procissão dos sacerdotes que chegariam à fonte com um cântaro de prata para enche-lo de água benta e depois derrama-lo sobre o altar do templo... As tochas, já acesas, iluminavam o entardecer de Jerusalém...

Ziraj: Demos graças ao Senhor porque ele é bom!

Todos: Porque seu amor não tem fim!

Ziraj: Que o diga a casa de Israel!

Todos: Seu amor não tem fim!

Ziraj: Que o digam os da casa de Aarão!

Todos: Seu amor não tem fim!

Ziraj: Que o digam os amigos do Senhor!

Todos: Seu amor não tem fim!

A solene procissão chegou à piscina de Siloé. E um sacerdote com uma dalmática bordada com uma estrela de seis pontas, desceu os úmidos degraus até o manancial que dava de beber a todos os moradores da cidade do rei Davi. Em seguida abaixou-se para encher de água o cântaro de prata...

Ziraj: Filhos meus, esta é a água bendita, a água que purifica e mata a sede e dá a vida! Louvem o nome de Deus e levantem os ramos em sua honra!

Então, aconteceu algo inesperado. Jesus subiu sobre uma mureta da piscina e gritou com voz muito forte para que todos o ouvissem...

Jesus: Amigos, escutem-me! Esta água está contaminada, não bebam dela! A água viva é outra! A água viva é o Espírito de Deus!

Um homem: Por mil capetas, quem é este bêbado que está gritando tanto?

Outro homem: Desçam-no daí, está distraindo as pessoas e atrapalhando a procissão!

Jesus: Amigos, o Espírito de Deus paira sobre as águas e faz coisas novas como no princípio da criação! Os que têm sede de justiça, que venham e juntem-se a nós! E em seu coração brotará um rio de água viva, como aquela torrente que viu o profeta Ezequiel, que inundou a terra e a limpou de todos os seus crimes!

Um homem: Mas, que desordem é essa? Até quando vamos agüentar este descalabro? Tapem a boca desse palhaço!

Outro homem: Veja, mas não é esse que dizem que é profeta e andam procurando para matá-lo?... E como fica aí gritando e ninguém faz nada?

Uma mulher: É bem capaz que os chefes do Sinédrio se converteram e engoliram também a história de que este agitador é o Messias!

Um homem: Quanta estupidez! O Messias vem do céu, em uma nuvem de incenso! E este aí veio da Galiléia, fedendo à cebola!!!

Tiago e eu estávamos nos dois lados de Jesus. Uma avalanche de gente nos rodeava. Os sacerdotes da procissão, encolerizados pelo que estava acontecendo, deixaram o cântaro de água e os ramos de palmeira e foram procurar os guardas. Mas Jesus continuou falando...

Jesus: Amigos, olhem lá pra cima! Olhem essas tochas que iluminam as muralhas da cidade!... Assim brilhará a nova Jerusalém. Eu lhes trago uma boa notícia que é luz para o mundo! E a notícia é que Deus, nosso Pai, presenteia seu Reino a nós, os de baixo. Deus é luz, e seu Espírito é uma tocha, e o Espírito vem botar fogo na terra, sim, fogo pelos quatro cantos, para queimar em seu cadinho toda a escória e para dar a luz a um mundo sem ricos nem pobres, sem senhores nem escravos, um novo céu e uma nova terra onde reinará a justiça!

Uma mulher: Vamos embora daqui, Leonora, que isso vai acabar mal!

Outra mulher: Que nojeira virou isso, sempre têm que misturar as coisas de Deus com a política!

Mulher: Vamos, corra, que daqui a pouco começam as pauladas e pedradas...

Um homem: Charlatão, isso é o que você é, um charlatão! Só podia mesmo ser galileu!

Outro homem: Palavras bonitas, mentiras grandes!

Homem: Cale-se e morda a língua, pedaço de animal! Você não vê que esse homem é um enviado de Deus?

Homem: Enviado de Deus? Mas, o que você está dizendo? Olhe só os cabelos dele!... É um louco e quer enlouquecer a todos nós. Ei, não tem ninguém para dar um empurrão e joga-lo desse muro?

Homem: Este homem está endemoniado! Vocês não o estão ouvindo? Você tem o demônio da rebeldia, nazareno!

Jesus: Não, amigo, eu não tenho nenhum demônio. Eu só estou dizendo a verdade! Acontece que a verdade machuca. E por isso alguns tapam os ouvidos!

Homem: Não escutem esse maluco! Tem duas línguas, como a serpente! É um enviado de Satanás!

Homem: E aqueles que estão vindo por aí, são enviados de quem?

Mulher: Esses sim é que são uns bons demônios!... Vamos embora, comadre que isto já está ficando feio!

Pela calçada de pedra que desce do monte Sião até a piscina de Siloé, vinham abrindo caminho quatro soldados da guarda do Templo enviados pelos sacerdotes, para prender Jesus...

Um soldado: Já chega, galileu! Já criou confusão bastante... Vocês, dissolvam-se!... Vamos, vamos, já falei para dispersarem-se todos...! E você desce desse muro se não quiser que a gente o desça na marra...!

Jesus: O que vocês querem de mim?

Outro soldado: Está preso. Acompanhe-nos!

Jesus: Preso? E de que sou acusado?

Soldado: São ordens do sumo sacerdote.

Jesus: Mas de que me acusam?

Soldado: Não sei e nem me importa. Temos ordem de prisão contra você assinada pelo sumo sacerdote.

Jesus: E quem é o sumo sacerdote?

Soldado: Você é tão ignorante que nem sequer sabe isso? Só podia ser um camponês!...

Jesus: Faz muito pouco tempo, soldado, e você também era um camponês como eu... Você e seus companheiros... Ou já não se lembra?... Sim, eu sei quem é o sumo sacerdote do Templo... É Caifás, um “grande homem”... E vocês estão ao seu serviço, não é assim?

Soldado: Chega de conversa mole, galileu! Eu já lhe disse que está preso!

Jesus: Pois então vamos para a cadeia!... Que coisa mais curiosa essa...! Uns presos levando outros presos...

Soldado: Mas, que tontice é essa que você está dizendo agora?

Jesus: Nada, disse que mais presos que eu, estão vocês. Vocês, guardas do Templo, que caíram no embuste dos chefes e dos sacerdotes e já não podem safar-se deles. Vocês que saíram do mesmo lado que nós e mamaram o mesmo leite e lavraram a mesma terra. Mostre-me suas mãos, soldado... não temos você e eu os mesmos calos?... Vocês eram dos nossos... e ainda continuam sendo. Mas os grandes os mandam lutar contra nós. Puseram em suas mãos espadas e lanças para matar e os encheram de ódio... Eles não mostram a cara. Usam vocês, os têm aprisionado num uniforme e umas quantas moedas que antes roubaram de nós. Essa é a verdade. Se vocês entendessem essa verdade, seriam livres.

O murmúrio das pessoas foi se apagando. Diante de Jesus, os quatro soldados da guarda do templo o olhavam fixamente. Já não empunhavam suas lanças com raiva... Tinham-nas inclinadas para o chão... Depois, olharam-se entre si, deram meia volta e se foram...

Ziraj: Vinte chicotadas para cada um desses quatro imbecis! E cadeia de um mês! E uma multa de cinquenta denários! Vão pro diabo, vocês!

Abias: E ai, sacerdote Ziraj... O que aconteceu?

Ziraj: Estes soldados estúpidos... Deixaram-no escapar...

Abias: Por que não o trouxeram?... Digo, por que não prenderam esse sujeito?

Ziraj: Responda, imbecil! Ou receberá vinte chicotadas mais!

Soldado: Não pudemos... Nunca havíamos ouvido um homem falar... como ele.

Ziraj: Está vendo, sacerdote Abdias! Esse sujeito é mais perigoso do que parece! Enganou até esses aqui! Maldição para esse embusteiro!... E vocês quatro, fora! Ao calabouço! E quero ouvir os açoites daqui...! Para que aprendam a cumprir as ordens que recebem!

Enquanto isso, no manancial de Siloé, a água continuava correndo. E as tochas, naquele último dia da festa das Tendias, continuavam iluminando as muralhas e as torres compactas da cidade do rei Davi.

O último dia da festa das Tendias era o que tinha maior riqueza de celebrações. Eram tradicionais as procissões com ramalhetes feitos de palmeira, salgueiro, limão e outras árvores, em que se cantavam salmos, especialmente o 118. A liturgia também incorporava à festa o símbolo da água e os sacerdotes organizavam uma procissão em que se trazia em um cântaro de prata a água da fonte de Siloé – situada fora das muralhas – para derramá-la no altar dos sacrifícios. Durante este rito pedia-se a Deus chuva abundante para a nova colheita.

A Palestina é uma terra pobre em águas. Tem somente um rio importante, o Jordão. A chuva é um fator decisivo para a economia nacional. A época das chuvas dura de outubro até abril. Chove apenas no verão. A chuva precoce (metade de outubro a metade de novembro) prepara a semeadura do terreno, endurecida pelo calor do verão. A chuva fria (dezembro-janeiro) é mais abundante e arrasta terras férteis para os vales. Entre uma chuva e outra, começa a época da semeadura, que dura até fevereiro. Para uma boa colheita é imprescindível que venha também a chuva tardia (março e abril). Que essas chuvas fossem suficientes era o que pedia especialmente o povo a Deus nesta festa. Para que houvesse fecundidade e para que se cumprissem definitivamente as profecias que anunciavam aquele dia do Messias em que transbordariam as águas dos mananciais de Jerusalém até juntar-se com as águas do mar. A Festa das Tendias tinha pois, um marcado caráter messiânico e punha anualmente num vermelho vivo as esperanças de libertação do povo.

As antigas tradições de Israel comparavam o Espírito de Deus com a água que fecunda a terra estéril e tira dela frutos de justiça, de paz, de fidelidade a Deus (Is 32,15-18 e 44, 3-5). Era o Espírito quem devia converter Israel em um povo de profetas e transformar os corações de pedra em corações de carne (Joel 3,1-2 e Ez 36,26-27). No tempo de Jesus, a tradição dos rabinos e doutores, mais fria e rígida, havia abandonado bastante este simbolismo vital para comparar a água, não com o Espírito mas com a Lei. O gesto profético que faz Jesus na metade da cerimônia, sua solene proclamação, busca voltar ao simbolismo original da água: Ela é como o Espírito. E o Espírito de Deus faz sempre coisas novas.

Desde o primeiro dia da festa das Tendias se acendiam os candelabros de ouro no pátio das mulheres, no Templo. Por ali passava a solene procissão da água. Cada candelabro sustenta quatro vasos de ouro com azeite, nos quais ardiavam mechas fabricadas com fios tirados das vestes sacerdotais. Para subir até os vasos era preciso usar escadas, pois estavam colocados bem altos e assim, sua luz era vista por toda a cidade. Falando do dia do Messias, os profetas haviam anunciado uma luz que superaria a noite (Zacarias 14,6-7). Aquelas tochas tinham, pois, um sentido messiânico. A tradição profética havia sempre relacionado o Messias com a luz, até dar-lhe inclusive o nome de “Luz” (Is 60,1). Partindo também deste simbolismo, Jesus fala também do Reino de Deus: Um reino sem sombras de injustiças, iluminado por homens livres. Dizer tudo aquilo no Templo, diante dos sacerdotes dirigentes, no meio da liturgia oficial, foi visto como um escândalo tão tremendo que os sacerdotes decidiram atuar imediatamente detendo Jesus para condena-lo como blasfemo.

A “guarda do Templo” que os sacerdotes enviam para prender Jesus, estava formada por levitas, funcionários a serviço do templo, de posição menor que a dos sacerdotes. Entre as missões que desempenhavam, uma delas era a de ser polícia. Estes soldados tinham poder para prender, para reprimir pelas armas e inclusive para executar penas. Não só estavam a serviço dos sacerdotes, mas

que as próprias autoridades romanas utilizavam este corpo armado para controlar as manifestações populares na região da Judéia. A estes homens armados Jesus fala com firmeza, mas com compreensão. Tanto que os soldados, apesar de sua situação de privilégio, sentem-se interpelados por estas palavras.

(João 7, 37-39 e 43-53; 8, 12-38)

Capítulo XLVII

UM SAMARITANO SEM FÉ

Jesus: Amigos, de que adianta você dizer: “eu creio em Deus, eu tenho fé”, se você não faz nada pelos outros? Se um vizinho com fome bate à sua porta e você lhe diz: “Que Deus o abençoe, irmão” mas não lhe dá um pão, de que adianta isso, heim?... Assim acontece com todos os que dizem ter fé, mas ficam de braços cruzados. Esta fé é morta, é como uma árvore sem frutos!

Um homem: Bem falado! Viva o profeta da Galiléia!

Estávamos no templo de Jerusalém, no átrio dos estrangeiros. E, como sempre, os moradores da cidade de Davi foram nos rodeando para ouvir Jesus e aplaudir suas palavras. Era gente do povo que vinha nos escutar: oleiros, vendedores ambulantes, mulheres públicas, carregadores de água... Por isso, todos nos surpreendemos quando aquele mestre da Lei, com seu manto de linho e um grosso anel de ouro no dedo se aproximou do nosso grupo...

Mestre: Posso fazer-lhe uma pergunta, galileu?

Jesus: Por que não? Aqui estamos todos conversando... O que quer perguntar?

Mestre: Veja só, estou escutando você há algum tempo. E só o ouço falar de compartilhar o que se tem, de dar de comer ao faminto... Tudo isso está muito certo, não digo que não... Mas, você não acha que está esquecendo o mais importante?

Jesus: O mais importante?... E o que é mais importante?

Mestre: Deus. Você está se esquecendo de Deus. Ou será que você é um agitador político e não um pregador da fé de Moisés?

Jesus: Foi o próprio Deus que entregou a Moisés estes mandamentos de justiça.

Mestre: Claro que sim, galileu, mas na lei de Moisés há muitos, muitíssimos mandamentos... Se eu lhe perguntasse qual é o mais importante de todos eles, o que você me diria?

Jesus: Você sabe melhor que eu qual é a resposta. O que nos ensinaram na sinagoga desde crianças? ... “Amarás o Senhor teu Deus com todo teu coração, com toda tua alma, com todas as tuas forças”.

Mestre: Então, segundo você mesmo, o primeiro é amar a Deus sobre todas as coisas, não é isso?

Jesus: Claro que sim, amigo. Deus é o primeiro. Mas... onde está Deus? Às vezes o encontramos onde menos se espera...

Jesus: Certa vez, ia um camponês pelo caminho solitário e perigoso que desce de Jerusalém a Jericó. Montado em seu velho jumento, aquele homem ia contente, de volta para sua casa. Havia vendido por bom preço a colheita de centeio e agora voltava a reunir-se com sua mulher e seus filhos...

Camponês: Anda, jumento, anda, não durma!... ainda temos um bom trecho pela frente... Ai, mulher, quando lhe contar...!Larará, larará...! Com esse dinheirinho podemos pagar todas as dívidas... Caramba, tive uma grande sorte hoje! Larará, larará!

Jesus: Mas não, aquele não era seu dia de sorte. Porque na curva do caminho, no meio do deserto, alguns bandidos estavam de tocaia... E quando viram passar o homem montado em seu jumento...

Um ladrão: Passe o dinheiro se não quiser perder a pele!

Camponês: Não, não, por favor, não façam isso... é meu trabalho de seis meses, a comida dos meus filhos... eu sou um homem pobre...

Ladrão: Tome! Tome!

Camponês: Ai, ai, por favor...! Aiiii...!

Jesus: Os ladrões lhe deram com um pau na nuca, espantaram seu jumento e roubaram todo o dinheiro da colheita...

Ladrão: Eu acho que este já esticou as patas... Tira-lhe também a roupa...

Outro ladrão: Bah, jogue-o aí nesta valeta... e vamos embora antes que alguém passe e nos veja... Depressa!

Jesus: E o deixaram assim, junto ao caminho, meio morto, sem dinheiro e sem roupa... Pouco depois, quando o sol caía de cheio sobre o deserto, ouviram-se as pisadas de uma caravana de camelos. Eram os sacerdotes de Jericó que viajavam a Jerusalém para celebrar lá, no templo de Deus, o culto solene dos filhos de Israel...

Sofar: As festas deste ano, ficarão muito lindas, sacerdote Elifaz, posso lhe assegurar...

Elifaz: Diga-me uma coisa, Sofar. Disseram-me que o sumo sacerdote mandou comprar o melhor incenso da Arábia...

Sofar: Comprou também toalhas novas para o altar, e ouro puríssimo de Ofir...! esperemos que não falte o vinho para completar as festas! Rá!

Elifaz: Escute, preste atenção naquilo que está naquela valeta...

Sofar: Onde?... Ah, sim, estou vendo... mas não distingo bem... é um animal morto?... Ou um homem?

Elifaz: Aposto que é um homem... mas bêbado. Esse sujeito tem mais vinho dentro que um barril!... E não tem a mínima vergonha de embriagar-se nestes dias sagrados? Ah, sacerdote Sofar, são os vícios que estão acabando com nosso povo!

Sofar: Ei, amigo, você não tem vergonha?!... Não tem respeito a Deus nem à sua Lei?... Não está nem ligando... Talvez esteja até morto. O que você acha se nos aproximarmos para ver se podemos fazer alguma coisa por ele?

Elifaz: Veja, sacerdote Sofar, se estiver vivo saberá se virar... se soube chegar até aqui, também saberá sair... E se está morto, o que é que vamos fazer?

Sofar: Tem razão, sacerdote Elifaz, muito sensata sua observação... Mas, e se estivesse meio morto?

Elifaz: Sabe o que eu penso, Sofar? A gente faz um favor para esta gentinha e eles nem mesmo lhe agradecem. Um sacerdote amigo meu levou em seu camelo um sujeito desses, e não havia andado com ele nem um par de milhas e ele já estava sacando o punhal e ameaçando-o, e lhe roubou tudo que levava. E se se descuidasse, até o esquartejava... Ah, foi tão triste aquilo!...

Sofar: Eu creio que você tem razão. E pensando bem, acho que este desgraçado já está até duro... Enfim, Senhor, dá-lhe o descanso eterno!

Elifaz: Amém.

Sofar: Bem, falar menos e caminhar mais, senão vamos chegar tarde para a cerimônia... Ohh, camelo, ohhh...!

Jesus: Pouco tempo depois, pelo mesmo caminho seco e empoeirado, passou outra montaria. Era um levita, um desses que tem por ofício ensinar ao povo os mandamentos de Deus. Ia acompanhado por sua mulher...

Levita: Estou lhe dizendo, Lídia, não preparei nada... Falar num povoado é mais fácil... mas um sermão inteiro em uma sinagoga da capital!

Lídia: Não se preocupe tanto, Samuel. Fale pra eles de ...disso, do amor a Deus, de que temos que ser bons e... e por aí vai.

Levita: Veja, que vulto é aquele?... Olhe...

Lídia: Não vai me dizer que é um morto...! Tenho horror disso!

Levita: Não, parece que está ferido, o sangue ainda está fresco, repare bem...

Lídia: Ai, que coisa mais desagradável! Vamos embora, Samuel, o sangue me enjoa, você bem sabe... não suporto essas coisas!...

Levita: Mas, quem será este infeliz...? Está com o rosto todo machucado...

Lídia: Vai ver é um desses revoltosos que andam conspirando contra o governador Pilatos... Claro, metem-se em confusões, se enredam na política e aí está o resultado... Depois, que não se queixem...

Levita: Este não está se queixando muito, esta é a verdade...

Lídia: Você se lembra do filho do Daniel? Tão jovem, tão bom moço... e entrou nessa febre de revolucionar... Que pena!... Acabou igual a este aí... Eu não entendo por que as pessoas não podem viver na paz e na tranqüilidade sem meter-se em problemas, não é mesmo, Samuel?

Levita: É que esse povo é muito violento, Lídia. Claro, não respeitam a Deus... Alguém lhes explica os mandamentos e os bons costumes e... e nada. Pela orelha direita entra e pela orelha esquerda sai. Se amassem o Senhor, não aconteceriam essas coisas... Bendito seja Deus!

Lídia: E bendito seu santo nome!

Levita: E este bendito jumento que se apresse, que neste passo não chegaremos nem no dia do juízo. Eia, jumento, arre...!

Jesus: E aconteceu que, pouco tempo depois, cruzou por aquele lugar um camponês montado em um jumento velho e magro...

Samaritano: Êta calor dos diabos! Quem será que inventou o deserto? Se não levo os figos ao mercado, ninguém os compra. E se os levo, me apodrecem pelo caminho... E depois dizem que Deus faz as coisas direito!... Pois eu digo que Deus dá barba a quem não tem queixo e dá moscas a quem não tem rabo para espantá-las!... Que porcaria, quando chegar a Jerusalém não me restará nem um figo para arreventá-lo na pança do sumo sacerdote Caifás!

Jesus: Aquele camponês era um samaritano, daqueles que não acreditam em Deus nem põem nunca o pé no Templo. Quando viu aquele homem estropiado...

Samaritano: Ei, você, conterrâneo, o que aconteceu?! Caramba, se eu estou mal, este aqui está pior... Está quase morto, compadre... Epa! Os abutres já estarão afiando o bico para o banquete!

Jesus: E o samaritano desmontou do jumento. E se aproximou daquele que estava estirado na valeta. E limpou-lhe primeiro o sangue do rosto.

Samaritano: É, esse vinho irá curar suas feridas... Vejamos... E azeite para que doa menos... Assim... assim...

Jesus: Em seguida rasgou a túnica para cobrir as feridas... E o cobriu com seu manto e o levantou do chão...

Samaritano: E depois dizem que Deus cuida do mundo e dos homens!... Pois veja como cuidou deste infeliz!... Bah, besteiras, se alguém já viu as orelhas de Deus, que me avise... vão contar esta história para outro idiota!

Jesus: E aquele samaritano sem fé carregou o homem em seu velho jumento, junto com o saco de figos que levava para vender no mercado e, embora estivesse a caminho de Jericó, regressou ao

albergue que fica em Anatot e lá cuidou e passou a noite velando junto dele, porque o ferido ardia de febre... E quando amanheceu, o samaritano falou ao dono da pousada...

Samaritano: Ei, amigo, eu tenho que ir... Olhe vou pagar adiantado... Gaste o que seja necessário em remédios e, se não bastarem esses denários, eu lhe darei o resto quando voltar...

Dono: Escute, se este homem perguntar quem o trouxe aqui, o que lhe digo?

Samaritano: Diga-lhe que outro homem... um homem como ele e como você... Adeus, boa sorte e... cuide bem dele!

Jesus: E aquele samaritano que não acreditava em Deus nem nunca pisava no Templo, voltou a fazer o caminho, aquele caminho solitário e perigoso que vai de Jerusalém a Jericó... E agora você, que é mestre da Lei, diga-me, quem foi de todos estes que amou a Deus?

Mestre: Bem... não sei... na verdade... claro, o que se aproximou do ferido não tinha fé, mas...

Jesus: ... mas se aproximou do ferido que precisava dele. Você também, se alguma vez for a caminho do Templo, levar sua oferenda diante do altar, e se lembrar que seu irmão precisa de você, deixe sua oferenda, volte, e procure primeiro seu irmão.

O mestre da Lei ficou mais um bom tempo escutando Jesus... Depois o vimos afastar-se, com passo indeciso, até que atravessou a Porta dos três arcos, fora do Templo de Jerusalém...

Com muita frequência, enquanto estava em Jerusalém, Jesus falava ao povo nos átrios do Templo, com palavras bem fáceis de entender por todos. O discurso dos escribas e doutores que ensinavam naqueles mesmos lugares, era sempre obscuro, misterioso, como para marcar bem a diferença entre eles que eram “sábios” e a massa ignorante. Haviam também despojado as Escrituras, com suas interpretações moralizantes, de toda a força profética. Como leigo, sem estudos, com a linguagem do povo, Jesus apresentava aos seus conterrâneos sua própria interpretação das Escrituras, tão livre, frente à dos especialistas, era surpreendente para o povo e irritante para os teólogos oficiais. Um deles lhe apresenta precisamente neste texto um problema de interpretação da Lei.

A pergunta do mestre da lei é uma pergunta teórica: qual é o mandamento principal? Jesus não irá respondê-la teoricamente, mas com um caso prático, com um exemplo bem concreto. A atitude religiosa não consiste somente em aceitar mais ou menos dogmas, saber o catecismo com sua lista de verdades e seu catálogo de normas morais. Porque a fé não está somente na cabeça, mas também nas mãos, em nosso agir. A fé exige obras, ações concretas. E não ações concretas dirigidas a Deus, a quem não vemos, mas aos irmãos, a quem vemos. Esta é a medula da mensagem de Jesus, de toda a fé cristã (Mt 5,23-24; Tg 1,22-27 e 2, 14-26; 1Jo 3,11-18 e 4, 19-21).

Jerusalém, como capital, era o centro do comércio de todo o país. Apesar disso, as comunicações com outras cidades não eram nada boas. Jericó estava separada por 27 quilômetros de caminho em declive, ao longo do deserto da Judéia. Nas desérticas montanhas da Judéia, há muitas cavernas e esconderijos que têm sido até hoje lugares propícios para a atividade dos salteadores de caminhos. O banditismo era então muito freqüente. As autoridades tratavam de controlá-lo, embora não fosse fácil. Às vezes, os romanos se vingavam dos ataques dos ladrões a suas caravanas, saqueando as aldeias vizinhas. Parece que em Jerusalém havia um tribunal especial para julgar os casos de pilhagem e para organizar medidas policiais contra os bandidos. Atualmente, o caminho que vai de

Jerusalém a Jericó é, como naquele tempo, impressionante por sua nudez. Está ladeado por montanhas cinzas e peladas. Em uma das curvas do caminho, uma pequena capela – a do Bom Samaritano – recorda aos caminantes a parábola de Jesus.

Por aquele caminho passaram primeiro os sacerdotes. Por turnos deviam ir ao templo de Jerusalém para oferecer ali os sacrifícios (sangue de animais, incenso e orações). Era uma casta poderosa, com muitos privilégios – em dinheiro e em prestígio social. Abaixo deles, no serviço do templo, encontravam-se os levitas. Não eram sacerdotes nem podiam oferecer sacrifícios já que, como leigos, se lhes proibia aproximar-se do altar. Encarregavam-se da música do templo. Cantavam no coro e tocavam instrumentos nos atos do culto. Outros atuavam como sacristãos: ajudavam os sacerdotes a se vestirem para as cerimônias, levavam os livros santos, limpavam o templo. Alguns, com formação nas Escrituras, atuavam como catequistas. Outros trabalhavam como policiais do templo. No tempo de Jesus, havia uns 10.000 desses levitas. Para sacerdotes e levitas, o Templo, seu serviço, seu esplendor, era o valor primeiro, a principal obrigação religiosa. As leis de pureza os proibiam, por outro lado, de se aproximar de um cadáver. Buscando desculpas – a pureza ritual, a pressa, o desprezo que sentiam pela “gentalha” – não se aproximaram do ferido no caminho. E ao fazer isso, pensaram agradar a Deus.

Ao empregar um samaritano como terceiro personagem de sua história, Jesus surpreendeu a todos e irritou o teólogo que lhe havia perguntado. Os samaritanos eram sumamente mal vistos pelos israelitas, que sentiam por eles um profundo desprezo, mescla de nacionalismo e racismo. Além disso, o samaritano de quem Jesus fala aqui, não era um homem religioso. É um ateu. Não crê nem em Deus nem nos sacerdotes nem em nada. Usando este exemplo extremo, Jesus vai responder à pergunta teórica que lhe foi formulada pelo doutor: ama a Deus quem ama o companheiro ferido. Basta isso. E tampouco é necessário fazer esta caridade “por Deus”, mas pelo companheiro. Assim, um marginal da instituição, um ateu, um mestiço desprezado, se apresenta como o homem autenticamente religioso. Tremendamente escandalosa, a parábola do bom samaritano é uma das mais subversivas de Jesus.

A palavra original que Jesus emprega nesta parábola não é “próximo” mas “plesíon” (em grego), equivalente a “rea” (em aramaico) e, para nós, “companheiro”. No tempo de Jesus se entendia que para agradar a Deus era necessário fazer o bem aos outros, mas estava em discussão quem eram os “companheiros” que deviam ser objeto desta caridade. Os fariseus excluía de seu amor os não fariseus, “a chusma”; os essênios tiravam fora “os filhos das trevas” (= os pecadores); muitos israelitas excluía os estrangeiros; outros, os seus próprios inimigos pessoais. O “companheiro” – diz também esta história – é qualquer homem, pelo simples fato de sê-lo, que se encontra em necessidade. Ao final da parábola se descobre quem foi realmente “próximo”. Foi o ateu, que se aproximou do ferido e o fez seu próximo, seu chegado. Próximo não é somente aquele que encontramos em nosso caminho, mas aquele em cujo caminho nos colocamos. O amor verdadeiro exige uma atitude ativa de solidariedade, de busca e de aproximação.

(Lucas 10,25-37)

Capítulo XLVIII

O CEGO DE NASCENÇA E O PIEDOSO E O MALANDRO

(Escribas , doutores e Fariseus)

E os ministros de Deus expulsaram da sinagoga Roboão, a quem chamavam de Chispa, que havia nascido cego e que desde aquele sábado pôde ver a cor das pedras e as formas das nuvens. Jesus lhe havia devolvido a vista. E tudo ele fazia bem: abria os olhos dos cegos, e deixava na escuridão os que, cheios de orgulho, acreditavam ver.

Os escribas, doutores e mestre da lei exerciam uma forte influência sobre o povo. Eles sabiam e isto os fazia considerarem-se superiores. Por outro lado, por serem os “especialistas” em religião, os que “sabiam”, se sentiam imunizados, a salvo do pecado. A superioridade com que se apresentavam ao povo era, portanto, intelectual e moral. Muita gente os respeitava e seguia suas instruções, os consultava e se deixava ensinar por eles. Difícilmente os mestres da Lei, que se haviam feito assim com o monopólio de Deus e da religião, iriam renunciar a este privilégio que lhes proporcionava tantas vantagens. Daí sua oposição sistemática a Jesus, leigo, sem formação teológica especial, que falava sobre temas religiosos com toda liberdade e de maneira contrária à estabelecida pela religião oficial.

A pergunta que fazem ao mestre sobre a cegueira de Chispa, corresponde à mentalidade da época. Acreditava-se que toda desgraça era conseqüência de um pecado cometido e que Deus castigava na proporção exata da gravidade da falta. Deus também podia castigar “por amor”, para pôr à prova o homem. Se se aceitava estes castigos com fé, o mal se convertia em bênção, pois o homem chegava a alcançar um mais profundo conhecimento da lei e recebia o perdão de seus pecados. Mas era crença também que nenhum castigo que viesse como prova de Deus poderia impedir o homem do estudo da Lei. Nesse sentido, a cegueira não podia nunca ser prova de amor, mas maldição. Alguns rabinos opinavam que uma criança podia pecar ainda no ventre de sua mãe, mas o mais freqüente era pensar que os defeitos corporais do nascimento eram devidos aos pecados dos pais, apesar do esclarecimento que sobre esse tema dos castigos herdados haviam feito os profetas, insistindo na responsabilidade individual de cada pessoa diante de Deus (Ez 18,1-32).

Diante da intolerância e do fechamento que supõe o ensinamento oficial, Jesus se aproxima do cego, de igual para igual, não aceita os juízos que sobre sua enfermidade fez a religião estabelecida nem muito menos a idéia de Deus que se esconde por trás desses juízos. Deus não é monopólio dos teólogos e nem pode o homem estabelecer os caminhos de sua atuação. Deus é livre e quer homens livres. Tudo isso indica o sinal que fez Jesus ao abrir os olhos do cego de nascença. Os que acreditam que vêem, que têm a verdade, que possuem a ciência, são cegos. E aqueles que são

desprezados, os últimos, são os que na realidade vêem, os que chegam a conhecer de fato quem é Deus.

Jesus unta os olhos do cego com barro feito com terra e saliva. Isto também é um sinal: está reproduzindo a cena do Gênesis, quando Deus criou o homem do barro da terra. Jesus faz a argila com sua saliva. Em Israel pensava-se que a saliva transmitia a própria força, a energia vital e, por isso, era usada para curar enfermidades. Por exemplo, era crença tradicional que a saliva do filho primogênito curava as enfermidades dos olhos. O elemento simbólico deste barro, feito assim, é importante. O evangelho de Jesus, sua boa notícia, é capaz de criar um homem novo, que seja realmente livre, não só diante de seus irmãos, mas inclusive diante do próprio Deus. Deus não condena o homem nem o castiga com sofrimentos. Deus quer relacionar-se com o ser humano de igual para igual.

A piscina de Siloé estava situada fora das muralhas de Jerusalém. Siloé significa “enviada”, e esse nome faz referência à procedência da água que se acumulava no tanque. A água chegava a Siloé vinda do manancial de Guijon, situado ao oriente da cidade. A fonte do Guijon era o único manancial de águas de Jerusalém que emanava ininterruptamente, em qualquer época do ano. Daí o interesse das autoridades de represar esta água para abastecer a cidade em tempos de seca e, sobretudo, em época de guerra. Por isso, setecentos anos antes de Jesus, o rei Ezequias mandou construir um túnel, da fonte de Guijon a Siloé, que naquele tempo se encontrava dentro dos muros da cidade. Este túnel, cavado na rocha viva, é uma obra de engenharia admirável. Tem meio quilômetro de comprimento e tão somente meio metro de largura e uma altura que oscila entre 1,5 e 4,5 metros. Ainda hoje se pode percorrê-lo. É um trajeto que se faz em três quartos de hora, à luz de uma lanterna e com a água do manancial a meia perna, até chegar às ruínas do primitivo tanque de Siloé.

O que importava aqui às autoridades religiosas não era se o cego via ou não via, mas manter seu poder e sua influência. O acontecido os desconcerta, porque rompe seus esquemas teológicos. Mas não estão dispostos a admitir que, através de um leigo que havia, além de tudo, violado a lei do descanso do sábado, possa manifestar-se o poder de Deus. Seu sistema de condenação irá por etapas. Primeiro negam que o fato seja verdade e tratam de reduzi-lo totalmente a uma fraude. Depois, tentam frear, pela ameaça e pelo medo, a alegria diante da cura e tratam de definir – com a autoridade a que se arrogam – que a vida (o ver) é algo negativo, perigoso. Negam a evidência, invertem os valores: ao bem chamam mal, à luz chamam trevas. Sua falsa teologia tem argumentos para tudo. E entre o homem e a lei, escolhem a lei. A última etapa é já um ato de violência: expulsão da comunidade.

(João 9,1-41)

No bairro do Ofel, no centro mesmo de Jerusalém, vive muita gente e as casas se amontoam umas sobre as outras. Querendo ou sem querer, todo mundo fica sabendo da vida alheia... Naquela Segunda-feira, ao passar em frente à casa de Ezequiel, o piedoso...

Jesus: *E aconteceu, amigos, que naquele dia, o malandro voltou para sua casa reconciliado com Deus. E o piedoso não. Porque Deus coloca na frente os que ficam atrás. E põe atrás os que se põem na frente.*

O piedoso e o malandro são “o fariseu e o publicano”. São o decente e o sem-vergonha, o homem religioso e o pecador. Ao contar esta história, Jesus faz uma dura crítica à piedade orgulhosa de seu

tempo e de todos os tempos. Também está falando de sua conduta pessoal: Jesus esteve habitualmente rodeado desses malandros e sem-vergonhas, alguns deles faziam parte de seus discípulos mais próximos e sua boa notícia foi dirigida a eles. Jesus simpatizava com essa gente. Ao falar e agir assim, estava revelando-nos, em sua vida e com seus gestos, como é Deus. Um Deus próximo dos miseráveis e distante dos que se crêem perfeitos.

O movimento fariseu, composto por leigos homens, tinha muita importância no tempo de Jesus. Calcula-se que então, contava com quase 6.000 membros. Embora os chefes do movimento fossem pessoas instruídas e de classe social elevada, tinha muitos adeptos entre as classes populares. Suas comunidades eram fechadas – como seitas. Consideravam-se os bons, os salvos, os prediletos de Deus. Para entrar e fazer parte destes grupos fariseus, selecionava-se muito os candidatos e havia um período de formação de um a dois anos.

O centro da prática farisaica era o cumprimento escrupuloso da lei, segundo a interpretação que eles mesmos faziam das Escrituras. No tempo de Jesus haviam estabelecido 613 preceitos na Lei. Deles, 248 mandamentos eram positivos e 365 eram proibições. Convertiam assim a vontade de Deus – a Lei – num jugo pesado e angustiante. Os que não cumpriam todas estas normas pontualmente eram considerados malditos. Os fariseus desprezavam profundamente a massa do povo e estavam convencidos de que era gente incapaz de conseguir a salvação. Grande parte da mensagem de liberdade e esperança de Jesus recobra seu sentido contrapondo-a ao estilo de vida que os fariseus levavam e tratavam de impor.

Os fariseus haviam conseguido atrair algumas camadas populares, sobretudo porque eram anticlericais. Eram contra a hierarquia sacerdotal e proclamavam que a santidade não era coisa somente de sacerdotes, mas que qualquer fiel leigo podia alcança-la. No entanto, desvirtuaram profundamente esta verdade ao interpretar na prática em que consistia ser santo. Reduziam tudo ao cumprimento escrupuloso de uma série de atos piedosos: jejum, esmolas, rezas. Eram formalistas e viviam de ritos. Salvar-se para eles era uma questão de acumular méritos. Jejuavam às Segundas e às Quintas-feiras (a Lei só ordenava um dia de jejum por ano), pagavam ao templo impostos (dízimos) até de ervas insignificantes, marcavam fanaticamente a distância com os “pecadores”. Estes eram, justamente, os glutões, os beberrões, os que entravam em jogos de aposta (muito mal vistos pelos homens religiosos), os que sempre estavam metidos em trapanças e logros... Os “malandros”.

A mensagem constante de Jesus – em gestos, em palavras, em parábolas – de que Deus se interessa especialmente pelos pecadores, pelos sem-vergonhas, de que estes estão conseqüentemente mais perto de Deus que os piedosos, provocou sempre um irado protesto por parte dos fariseus. Aquilo lhes era intolerável, pois sempre haviam vivido seguros em sua piedade. E isso é justamente o que Jesus lhes atira na cara. O evangelho vem dizer que nada afasta mais o homem de Deus do que a piedade segura de si mesma. Essas pessoas pretendem separar-se dos maus e de um possível contágio e, na realidade, elas mesmas se separam de Deus. Os fariseus acreditavam que era praticamente impossível os malandros se salvarem. Jesus inverte tudo: a salvação é mais difícil para o homem “piedoso” porque o que afasta de Deus não são esses pecados tão grandes, mas essa piedade que conduz à insolência, à soberba, à segurança, essa atitude em que praticamente não há esperança de conversão. Os malandros, pelo contrário, estão mais abertos à humildade, a reconhecer suas faltas diante de Deus.

Esta mensagem tão transcendental é contada neste episódio de forma bem humorada e picaresca. Não para tirar-lhe a importância mas para que confrontados com a caricatura de nossas atitudes,

aprendamos a profunda humildade que há em saber rir de nós mesmos e não nos levarmos demasiadamente a sério.

(Lucas 18, 9-14)

Capítulo XLIX

JUNTO AO POÇO DE JACÓ

Quando terminou a Festa das Tendias, Jerusalém despediu com tristeza os peregrinos que haviam enchido suas ruas durante aquela longa semana. Para nós, galileus, era hora de regressar ao norte...

Tiago: Olhos abertos! Por estas paragens há ladrões até debaixo das pedras...

João: Já passaram todas as caravanas... O que vão roubar de nós?...

Jesus: Fora os piolhos que pegamos em Jerusalém, não estamos levando mais nada...

Tiago: Digam o que quiserem, mas esta terra parece maldita...

João: Sim, é encardida... como a pança do demônio...

Tiago: E está vazia como o esqueleto de uma vaca morta.

Felipe: Caramba, Tiago, não fale assim, que já estou com medo suficiente aqui dentro...

Desde centenas de anos nós, galileus do norte e os judeus do sul temíamos e odiávamos os samaritanos, aqueles compatriotas nossos que viviam nas terras centrais do país... Por todos os caminhos de Israel corriam lendas que aumentavam esses temores. Um samaritano era para nós um rebelde às tradições de nosso povo e não merecia nem uma saudação. Os samaritanos, claro está, também nos desprezavam...

João: O que dizem os seus calos, Jesus?

Jesus: Estão dizendo que querem tirar um descanso, João. Puf...

Felipe: Pois eu trocaria meu bastão e minhas sandálias por um copo de água... Estou morrendo de sede!

Tiago: O sol da Samaria é tão traidor como sua gente, Felipe...

João: Paciência, camaradas. Quando esse traidor tiver andado dois palmos mais, estaremos em Sicar. Lá poderemos comer e beber...

Tiago: Até lá, conforme-se engolindo saliva, Felipe...

Quando o sol sinalizava a metade do dia, chegamos a Sicar, uma pequena aldeia construída entre dois montes, o Ebal e o Garizim, a montanha sagrada dos samaritanos...

João: De pressa! Vamos ver quem chega primeiro ao poço!

À entrada da aldeia ficava o poço que nosso pai Jacó comprou dos cananeus dois mil anos atrás para presenteá-lo, ao morrer, a seu filho José.... É um poço grande e muito profundo. A água que corre em abundância debaixo da terra ressecada faz crescer, junto dele, tamareiras de folhas brilhantes...

Tiago: Vamos primeiro comprar azeitonas e pão! Minhas tripas já estão cantando as lamentações de Jeremias!

João: Vamos, Pedro! Correndo!... Você vem, Judas?... E você, Felipe?

Felipe: Sim, vamos todos!... E você, Jesus?

Jesus: Não, eu vou ficar aqui no poço. Estou muito cansado... Estou até achando que estou com um pouco de febre... Eu espero vocês aqui.

Felipe: Está bem. Tire uma soneca, moreno. E quando você acordar terá à sua frente uma bela jarra de vinho!... Vamos embora!...

Saímos correndo até Sicar. Quando nos afastamos, Jesus se recostou sobre uma pedra, entre os caniços, e fechou os olhos... Passou um bom tempo...

Abigail: Ei, quem está aí?

Jesus: Humm... Peguei no sono...

Abigail: Vai pro diabo, barbudo! Você me deu um belo susto, sabia? Pensei que era uma ratazana.

Jesus: Pois agora você está vendo... não tenho rabo... Sou Galileu... Pior que uma ratazana, não acha?

Junto ao poço de Jacó, uma mulher samaritana, de rosto formoso e tostado pelo sol, olhava fixamente Jesus, estendendo até ele seu braço moreno, cheio de pulseiras...

Abigail: Você é que está dizendo... Eu não disse nada... Olhe, eu não me meto com ninguém. Venho buscar água e volto por onde vim. Não gosto de confusão... Daí que não quero nada com você, está bem?

Jesus: Mas eu sim quero algo com você..

Abigail: Ah, sim?... Um galileu com uma samaritana... Vê lá! Isso sim é que é divertido... pois você se enganou de poço, amigo... A água “desta fonte” já tem dono...

Jesus: Não, você é que está se enganando, mulher...

Abigail: Mmmm... mmm... mmm...!

Jesus: Como?

Abigail: Mmmm... Que eu não falo com galileus, caramba! Não quero nada com eles!

Jesus: Pois eu falo com samaritanas. E já lhe disse que quero algo de você...

Abigail: Mmmm... mmm... mmm...

Jesus: Olhe, pare de resmungar e dê-me um pouco de água... Estou morto de sede... Não fale comigo se não quiser, mas dê-me de beber, ande...

Abigail: Ah... então era isso? Olhe, até que essa não foi tão ruim, mas o que você quer então é só água...?

Jesus: Não é o bastante? Custa pouco e não embriaga.

Abigail: Sim, sim... .. Mas eu prefiro vinho...

Jesus: Então você é como o mosquito...

Abigail: Como o que?

Jesus: Como o mosquito. Você não sabe o que disse o mosquito à rã, quando se atirou no barril?... “Mais vale morrer no vinho que viver na água”... e splash! Se enfiou de cabeça e se afogou contentíssimo no vinho!

Abigail: Rá, rá, rá!...!... Mmmm... mmm...

Jesus: O que aconteceu? Sua língua travou de novo?

Abigail: Olhe aqui, moço, ponha as coisas claras de uma vez... O que você anda procurando?... A mim você não enrola... quem é você, heim?

Jesus: Quem você acha que eu sou?

Abigail: Aposto todas as minhas pulseiras que você é um desses bandidos que andam soltos pela montanha roubando os homens e violando as mulheres.

Jesus: Você acha que eu tenho cara disso?

Abigail: Não, o que você tem é cara de contador de histórias. E de embromador. Porque eu sou uma mulher decente e você já me enredou para conversar... com um galileu!

Jesus: E lá vem de novo essa história de galileu. Mas, venha cá, mulher, o que os galileus lhe fizeram, diga-me?

Abigail: A mim, nada. Mas aos meus, muito. Vocês galileus se acham os donos do mundo e nos desprezam e falam mal de nós.

Jesus: E vocês samaritanos se acham os donos do mundo, nos desprezam e falam mal de nós. Assim que, dê logo essa água que estou com o gorgomilo pregado aqui atrás...

Abigail: Tome a água, então... e para de me embrulhar...

Jesus: Ahhh... Que delícia...!

Abigail: Só podia ser galileu... vocês só servem para pedir... Não ouviu o que eu disse? Que vocês só servem para pedir e depois nem agradecem!

Jesus: Não precisa gritar assim que eu já ouvi... E eu vou lhe dar algo em troca... sabe o que é?

Abigail: O que?

Jesus: Água.

Abigail: Como, água?

Jesus: O mesmo que lhe peço, o mesmo que lhe dou. Você quer água?

Abigail: O sol deve ter derretido seus miolos. Quem tem o balde e a corda sou eu! Como você vai tirar água?

Jesus: É que eu conheço outro poço que tem uma água mais fresca.

Abigail: Outro poço? Que eu saiba o único poço que há por aqui é este. Foi por isso que nosso tataravô Jacó o comprou para beber ele e seus filhos e seus rebanhos...

Jesus: Pois eu conheço um poço que tem uma água melhor... Você bebe esta água e em um par de horas volta a ter sede. Mas se conhecesse o outro poço que lhe digo, se beber uma vez dele sua sede acabaria para sempre.

Abigail: Ei, e onde fica esse poço maravilhoso?

Jesus: Ah, é um segredo...

Abigail: Ande, conte para mim e assim não terei de ficar indo e vindo para tirar água...

Jesus: Não, não, é um segredo...

Abigail: Um segredo?... Um conto da carochinha! Já sei quem você é, um charlatão e um embusteiro!... Um poço maravilhoso, rá!

Jesus: Está bem, está bem, vou lhe dizer onde está... Mas, chama primeiro seu marido.

Abigail: O meu marido? E o que tem a ver meu marido nisso tudo?

Jesus: Bom, para que ele também fique sabendo do poço...

Abigail: Pois sinto muito, conterrâneo, mas tenho que lhe confessar que não tenho marido... esta que você está vendo aqui é solteira e sem compromisso...

Jesus: Vamos, vamos, mulher que nisso nem você mesma acredita... Você não disse antes que “a fonte” já tinha dono...?

Abigail: Bom, claro, cada um se defende como pode...

Jesus: Quantos?

Abigail: Quantos o que?

Jesus: Quantos maridos você já teve?

Abigail: Olhe aqui, o que você tem a ver com isso, intrometido? Diacho de sujeito! E você, quantas, heim? Por acaso eu lhe perguntei se você já esteve na cadeia ou se lhe caíram os dentes?

Jesus: Está bem, não fique assim... Venha cá, deixe-me ver sua mão...

Abigail: Você sabe ler as linhas da mão?

Jesus: Espere... deixe ver... Aqui vejo... vejo cinco.

Abigail: E como você sabe? Sim, é verdade, já tive cinco maridos!

Jesus: Não, eu dizia que estava vendo cinco dedos na sua mão...

Abigail: Eu já sei quem você é! Um adivinho! Um profeta!... Você é profeta, não é mesmo?

Jesus: Bom, eu sou um galileu, como você disse antes...

Abigail: Não, você é um profeta! E eu nunca havia visto as barbas de um profeta! Pois agora você não me escapa!... Vamos ver, o que vou perguntar agora... Sim, sim, já tenho uma. Você me vai resolver esta questão: Veja, vocês galileus e os judeus dizem que Deus colocou seu trono no monte de Jerusalém. E nós, samaritanos, dizemos que não, que é aqui no monte Garizin onde vive Deus... E você, o que acha?

Jesus: Bom, pois eu acho que Deus já se levantou do trono e desceu do monte e pôs sua tenda aqui embaixo, entre as pessoas, entre os pobres...

Abigail: Você é um profeta, tenho certeza!...E se me descuido, acaba sendo o próprio Messias...

Quando a mulher samaritana disse aquilo, Jesus se agachou, pegou uma pedrinha branca do chão e se pôs a brincar com ela entre as mãos...

Jesus: E... e se eu fosse?

Abigail: O que você disse?

Jesus: Que se eu fosse o Messias, o que você faria?

Abigail: Isso eu é que lhe pergunto: O que você faria?

Jesus: Pois olhe, a primeira coisa que eu faria seria comprar uma esponja assim deste tamanho para apagar as fronteiras entre a Samaria e a Galiléia, entre a Galiléia e a Judéia, entre Israel e todos os países... E depois, procuraria uma chave mestra para abrir todas as fechaduras de todos os celeiros e assim o trigo daria para todos... E com um martelo grande arrebentaria as correntes dos escravos e os grilhões dos presos. E depois, chamaria todos os pedreiros da terra e lhes diria: Eia, companheiros, desmontem pedra a pedra o templo de Jerusalém e o templo do Garizim e todos os templos. Porque Deus não está nos templos, mas nas ruas e nas praças. E os que de verdade buscam a Deus, o encontrarão ali, entre as pessoas... E também compraria o melhor sabão do mundo que existe para esfregar todas as leis e todas essas normas que durante anos descarregaram sobre nossas costas... e escreveria uma só lei aqui dentro, no coração: a liberdade... Sim, era isso que eu faria...

Abigail: Agora eu tenho certeza! Você é o Messias que esperamos! Venha à minha casa e ao meu povoado e que todos o ouçam! Venha, ande!...

Jesus: Sim, mulher, mas espere um pouco, meus amigos foram comprar alguma comida e já devem estar chegando...

Pouco tempo depois, nós chegamos. Quando vimos Jesus falando com aquela samaritana, estranhamos muito. Não era costume que os homens falassem com mulheres a sós. Nem era bem visto que um judeu conversasse com um samaritano de igual para igual. Mas Jesus nunca se preocupou com o que dissessem dele. Era um homem livre, mais livre que a água que brotava daquele manancial de Siquém. E nós, como já o conhecíamos um pouco, não dissemos nada então e nos pusemos a comer. Era meio dia.

Samaria é a região central da Palestina. Para regressar de Jerusalém à Galiléia era freqüente ir pelo caminho das montanhas, atravessando a Samaria. Uns setecentos anos antes de Jesus, os assírios haviam invadido esta zona do país. Deportaram o melhor da população israelita que ali vivia e povoaram a região de colonos. Com o passar do tempo os colonos assírios se miscigenaram com o restante da população autóctone que havia ficado na Samaria. O resultado foram os samaritanos: uma raça de mestiços, um povo com uma grande mistura de crenças religiosas. O desprezo que sentiam os israelitas, tanto os galileus do norte, quanto os judeus do sul, pelos samaritanos, era uma mistura de nacionalismo e racismo. Chamar alguém de "samaritano" era um dos piores insultos, sinônimo de bastardo.

Uns quatro séculos antes de Jesus a comunidade samaritana se separou definitivamente da comunidade judaica e construiu seu próprio templo sobre o monte Garizim, um templo rival de Jerusalém. Com isso se cristalizou o cisma religioso entre ambos os povos. A partir de então, as tensões foram aumentando e, no tempo de Jesus, a inimizade era muito profunda. Estava proibido

expressamente que judeus e samaritanos se casassem, já que eles eram impuros em grau extremo e causadores de impureza. Tampouco podiam entrar no templo nem oferecer sacrifícios. Eram chamados de “o povo estúpido que habita em Siquém”.

Os samaritanos tinham a grande honra de descenderem dos antigos patriarcas de Israel. Realmente, tinham sangue hebreu, mas o restante dos israelitas terminou por considerá-los como pagãos e estrangeiros. Os samaritanos também guardavam escrupulosamente a Lei mosaica, mas eram tidos como idólatras por render culto a Deus na montanha do Garizim. O Garizim, a montanha sagrada dos samaritanos, era certamente um monte muito importante na história do povo de Israel, por ser o lugar onde foram pronunciadas as bênçãos sobre o povo ao entrar na terra prometida, tendo Josué à frente (Josué 8, 30-35). O templo samaritano ali erigido estava destruído no tempo de Jesus, mas o cimo do monte continuou sendo o lugar de culto e ali subiam os samaritanos para rezar e fazer seus sacrifícios.

A Siquém do tempo de Jesus corresponde à atual Nablus, uma das cidades mais puramente árabes em território de Israel. Em Nablus existe hoje um bairro dos samaritanos, onde vivem os descendentes desta raça rebelde e singular. Na atualidade restam apenas uns 400, só se casam entre si, conservam um dialeto próprio, têm suas escolas e sua literatura. Os chefes da comunidade samaritana vestem sempre turbantes vermelhos, como sinal de sua hierarquia. Os samaritanos de hoje continuam guardando zelosamente suas tradições, sobem pela Páscoa ao Garizim para sacrificar um cordeiro segundo seu rito – diferente do judeu – e conservam na sinagoga do bairro um rolo da Lei que, segundo eles, foi escrito por um neto de Aarão, o irmão de Moisés, embora isto não tenha nenhum fundamento histórico. É uma comunidade fechada, fadada a extinguir-se pelo incessante cruzamento entre primos ou parentes, na qual já se notam traços de deterioração biológica: vêem-se muitos cegos e anormais.

Sicar era uma pequena aldeia entre o Ebal e o Garizim, montes guardiões da região da Samaria. Ali ficava o terreno que o patriarca Jacó havia comprado (Gênesis 33,18-20) e que depois havia presenteado a seu filho (Gênesis 48,21-22). Neste terreno havia um poço que depois de quase dois mil anos o povo continuava chamando – no tempo de Jesus – “o poço de Jacó”. Os poços são muito importantes na Palestina, por causa da escassez de água. Essas fontes são subterrâneas, por serem tão pouco abundantes, são facilmente localizáveis, ainda depois de séculos, com exatidão. Para os pastores e nômades, os poços eram vitais, pois de suas águas dependia a vida do gado, sua única fonte de riqueza. Esses poços chegavam a ter até 20 metros de profundidade. Na atualidade, ainda é possível, depois de quatro mil anos, beber água fresca do poço de Jacó – para os cristãos, poço da Samaritana. Bem perto do poço, a tradição árabe conserva um momento funerário venerado como a tumba de José, o filho do patriarca Jacó, herdeiro das terras de Siquém.

A narração que faz o evangelho de João do diálogo de Jesus com a samaritana é uma densa elaboração teológica carregada de símbolos, parecida com a do capítulo 3, com Nicodemos. O elemento substancial deste diálogo pode ser resumido na palavra liberdade. Jesus, ao falar com uma mulher samaritana a sós, está rompendo de uma vez dois fortíssimos preconceitos de seu tempo: o

sexual, que proibia um homem falar sozinho com qualquer mulher, e o nacional-racista, que inimizava de morte israelitas e samaritanos. São marcas de sua enorme liberdade e de sua amplíssima capacidade de relação humana. Do ponto de vista teológico, esta cena também fala de liberdade. A liberdade de Deus, que não quer ser encerrado nos templos – nem no de Jerusalém nem no de Garizim – mas que quer relacionar-se conosco como Pai, em espírito e em verdade. A nova comunidade que Jesus vem inspirar já não se distinguirá pelo culto que preste a Deus, mas pela fraternidade com que faça presente esse Deus no meio de sua vida.

(João 4,1-27)

Capítulo L

O SANGUE DOS GALILEUS

Naquele inverno Jerusalém se vestiu de branco, com neve sobre as muralhas e sobre os tetos das casas. Era o mês de Kisleu, quando nosso povo comemora, com alegria e com lâmpadas acesas, a dedicação do Templo e a purificação do altar. Jesus e alguns do grupo subimos à capital durante a festa. E, como sempre, hospedamo-nos no povoado próximo de Betânia, na taberna de nosso amigo Lázaro...

Lázaro: ...É isso mesmo que vocês estão ouvindo, amigos. Aconteceu ontem mesmo, um pouco antes de vocês chegarem. Eram dois rapazes galileus. Estavam no Templo, oferecendo uma ovelha em sacrifício. Então, entraram os soldados romanos, o agarraram ali mesmo e, zaz! de um pontapé só, os jogaram na Torre Antônia.

Maria: Estavam hospedados aqui com a gente, os coitados... Suas roupas e coisas ainda estão no quintal...

Lázaro Um é filho de um tal de Rubens, de Betsaida. Ao outro chamam Nino. Sua mãe é de Coroazim.

Jesus: E o que eles fizeram, Lázaro?

Lázaro: Quem sabe, Jesus? A vida dos presos está pendurada por um fio de aranha. Depende do capricho de Pôncio Pilatos. Vejam vocês, o grande canalha não respeitou o Templo nem o sacrifício que estavam oferecendo...

Jesus: A história se repete. Os romanos agora riem de nós do mesmo jeito que antes riram os gregos...

Durante a dominação grega, nos tempos do cruel Antíoco Epifanes, duzentos anos atrás, os estrangeiros haviam saqueado o Templo de Jerusalém e profanado o altar dos sacrifícios. Depois das primeiras vitórias dos irmãos Macabeus, nossos antepassados realizaram grandes cerimônias de expiação. E, desde então, todos os anos, à chegada do inverno, celebrávamos aquela festa da Dedicção...

Maria: Ei, Lázaro... Marta... vocês!

Lázaro: O que foi, Maria? Alguma notícia?

Maria: Sim, o coxo Saul me disse que vão julgar os dois rapazes galileus na Torre Antônia. E que Pilatos vai mostrá-los no pátio, diante de todo mundo...

Judas: Quando será isso, Maria?

Maria: Agora, pela manhã, Judas. Se formos depressa, chegaremos a tempo...

Lázaro: Vamos lá, companheiros!

Lázaro, suas duas irmãs e nós, saímos juntos da taberna. Em poucos minutos ganhamos o casario de Betfagé, subimos a ladeira do monte das Oliveiras, atravessamos a torrente do Cedron, escorregadia por causa da neve que havia caído e entramos na cidade de Jerusalém. Muita gente se apinhava pelas ruas. Pouco a pouco, à custa de cotoveladas e empurrões, fomos abrindo caminho até chegar em frente à Torre Antônia... Nas ameias ondulavam as bandeiras amarelas e negras de Roma... Sobre a escadaria, uma gigantesca águia de bronze nos lembrava que nossa pátria estava sob o domínio de uma nação estrangeira...

Um homem: O julgamento é ali!... Corram, o governador já está saindo!

Na parte de baixo da Torre Antônia havia um pequeno pátio lajeado, onde Pôncio Pilatos, o governador romano, julgava publicamente os presos e pronunciava as sentenças...

Pilatos: Quer dizer então que vocês nunca aprendem? O que esperam que eu diga?... Estão proibidas as reuniões clandestinas!

Uma mulher: Meu filho não estava fazendo nada, governador, meu filho não estava reunido com ninguém!

Pilatos: Este seu filho e seu amiguinho estavam conspirando contra Roma. E os conspiradores eu esmago como piolhos, estão me ouvindo, como piolhos e pulgas!

Pôncio Pilatos, o governador de Jerusalém e de toda a região sul de nosso país, era um homem alto e robusto. Trajava uma toga de linho branco e sandálias trançadas. Tinha o cabelo cortado ao estilo romano e na boca um eterno esgar de desprezo contra nós judeus...

Mulher: Governador, meu filho é inocente! Estava no Templo!

Um homem: E o Templo é um lugar sagrado!

Pilatos: O Templo é uma toca de ratazanas. E meus soldados se encarregam de apanhar os ratos que querem esconder-se nesse bueiro.

Mulher: Governador, eles não estavam conspirando! Eles estavam oferecendo um sacrifício, derramando o sangue de uma ovelha sobre o altar de Deus!

Pilatos: Ah, é? E a troco de quê estavam fazendo isso?... Pois o sangue de seu filho e o do outro Galileu vão logo se misturar ao sangue desta ovelha!... Soldados, tragam-me essa dupla de rebeldes agora mesmo!

Um soldado: Imediatamente, governador!

Fez-se um silêncio tenso enquanto os guardas romanos saíram do PATIO e se dirigiram aos fossos da Torre Antônia onde os presos esperavam a sentença. Pouco depois voltaram empurrando com lanças os dois jovens galileus apanhados no dia anterior dentro do Templo... O primeiro era bem moreno. Tinha o cabelo revolto e a túnica feita de remendos. O outro, mais baixo, escondia o rosto entre as mãos amarradas. Tremia como se tivesse febre e se podia ver as costas destroçadas pelos açoites...

Mulher: Tenha um pouco de piedade, Pôncio Pilatos, perdoa-os! Será que o senhor não tem coração?... Não lhe dói ver uma mulher chorando?... Perdoa meu filho, perdoa-o!

Homem: Clemência também para o outro rapaz!

Pilatos: Não há perdão para os rebeldes. Roma é uma águia e ninguém escapa de suas garras. E vocês, judeus xucros, quando voltarem para seus povoados depois da festa, contem aos demais o que agora verão com seus próprios olhos...

Pôncio Pilatos olhou-nos a todos de um modo burlesco e levantou sua mão encrespada para dar a ordem fatal...

Pilatos: Degolem-nos!

Mulher: Não, não...!

Dois soldados da guarda do governador agarraram os jovens galileus e os derrubaram sobre o úmido lajeado. Outros dois se aproximaram, desembainhando suas espadas... e de um golpe fizeram rolar as cabeças ainda imberbes dos rapazes... Um alarido de espanto saiu de nossas bocas. A mãe de um dos justicados gritava enlouquecida, e o pelotão de soldados teve que cerrar fileiras para conter a avalanche da multidão... Mas Pôncio Pilatos permanecia indiferente...

Pilatos: Tragam-me um pouco de sangue.

Então um soldado, pegou um jarro, o aproximou dos corpos das vítimas e o encheu com o sangue que saía aos borbotões dos pescoços decepados... Depois o entregou ao governador romano que esperava de pé...

Pilatos: Este será meu sacrifício. Irei derramar o sangue desse par de xucros sobre o altar deste Deus, ainda mais xucro, de vocês judeus. Escutem bem, rebeldes: o único Deus que tem poder está sentado em Roma. O imperador Tibério é o único Deus verdadeiro. Reina sobre todos vocês e mistura o sangue dos filhos de Israel com o sangue das ovelhas e dos cães. Viva César!

Um homem: Maldito seja, Pôncio Pilatos!. Que algum dia esse sangue caia sobre sua cabeça!.

O desconcerto foi muito grande. Muitos de nós tapamos os olhos com horror enquanto o governador, fortemente guardado, atravessou pelo passadiço que unia a fortaleza romana com o Templo. Pilatos se apresentou sem nenhum respeito diante do altar dos holocaustos e derramou ali, em meio aos risos de seus soldados, o sangue ainda quente daqueles jovens galileus...

Outro homem: Profanação! Pôncio Pilatos profanou o altar! Rasguem a túnica, irmãos!

Outro homem: O governador zomba de nós. Há pouco, colocou as bandeiras de César nos átrios do Templo! E agora isto!

Um velho: Se os macabeus levantassem a cabeça, empunhariam outras vez a espada da vingança!

Homem: Vingança, sim, vingança! Juro por meu povo que haverá vingança!

A partir desse dia, multiplicaram-se em Jerusalém os protestos, os distúrbios populares e os assassinatos. Um grupo de zelotas tentou fazer um túnel até à torre de Siloé, um pequeno arsenal junto à fonte de água de Ezequias, onde os romanos guardavam espadas e lanças... Mas os alicerces da torre estavam podres e a construção veio abaixo inesperadamente... No desmoronamento morreram várias famílias galiléias que tinham seus casebres junto à torre.

Lázaro: A situação está muito ruim, Jesus...

Jesus: E ficará pior, Lázaro. Dizem que Pilatos vai aumentar a vigilância.

Judas: Então, com toda certeza aumentará o número de presos e crucificados.

Maria: Se vocês já sabem disso, por que continuar se metendo em confusão, por que?

Judas: Porque já não há quem agüente isso, Maria. Esses malditos estrangeiros não têm o direito de pisar em nós desse jeito.

Maria: Mas, Judas, também não é direito derrubar um torre na cabeça desses dezoito inocentes, caramba! Quebrem os ossos de Pilatos se quiserem e puderem, mas, o que vocês ganham fazendo essas coisas? Não percebe que mataram esses pobres infelizes que não tinham culpa de nada, heim?

Lázaro: Fazem isso para provocar Pilatos.

Maria: Sim, e Pilatos matando para provocá-los. E assim, estamos como estamos, já não se pode andar pela cidade por puro medo de que lhe cravem um punhal em qualquer esquina. Não, não, não, eu não quero saber nem de uns nem de outros.

Jesus: Sim, Maria tem razão. Pilatos é um sanguinário. E alguns dos que lutam contra ele se tornaram tão sanguinários quanto ele. Mas, quem os ensinou a ser assim? Quem pôs para rodar a pedra da violência? Aí está um assunto que merece ser pensado, não acha? Os de cima semearam ventos. Agora estão colhendo tempestades dos de baixo. E se isto continuar assim, se todos nós não mudarmos, logo nos afogaremos em um dilúvio de sangue.

A festa daquele inverno se tornou amarga pelos crimes, pelo medo e pela vigilância romana. Foi durante aquela semana da Dedicção em que um grupo de judeus rodearam Jesus em um dos arcos do Pórtico de Salomão...

Um homem: E você, nazareno, o que acha de tudo isso? Até quando você vai nos deixar em suspense, caramba?!

Outro homem: Se você é o Messias que esperamos fale claramente, e não percamos mais tempo!

Um velho: Aqui está fazendo falta alguém com coragem, que dê a cara por seu povo!

Todos: Sim, é isso, é isso!

Jesus: Não, amigo. O que está fazendo falta é um povo que aprenda a dar a cara por si mesmo! Quando a criança é pequena, a mãe lhe dá a mão para que não tropece. A criança cresceu, se fez homem, e tem de caminhar por suas próprias pernas.

Judas: De que criança está falando, Jesus?

Jesus: De nós mesmos. Já é hora de fortalecer os joelhos e levantar a cabeça. A libertação está em nossas mãos! Não temos que esperar por ninguém! O Messias já está aqui, entre nós! Onde dois ou três homens lutam pela justiça, aí está lutando o Messias! Sim, Deus soprou sobre os ossos secos e os ossos se uniram e o povo reviveu e se pôs de pé! O Messias é um grande corpo! Em um corpo há cabeça e mãos e pés! Mas todos os membros têm um mesmo espírito e todos são necessários! Todos juntos temos de quebrar o jugo que nos oprime e levantar juntos o bastão de comando! E todos juntos construir uma nova Jerusalém e escrever um nome novo em suas muralhas: “Casa de Deus, Cidade de Homens Livres”! E nela não haverá mais violência, nem a violência do lobo que mata a ovelha, nem a violência da ovelha que se defende do lobo! Transformaremos as espadas em enxadas e as grades dos cárceres em relhas de arado!

Um homem: É assim que se fala! Viva o Messias de Deus!

Todos: Viva, viva!

Um soldado: Ei, galileus, dispersando, vamos lá! Não sabem que é proibido reunir-se? Vamos, vamos, saiam daqui se não quiserem amanhecer com a cabeça cortada como aqueles dois!

Os soldados romanos tentaram prender Jesus. Mas conseguimos escondê-lo. E nos dispersamos entre as pessoas que lotavam o Pórtico de Salomão. E naquele mesmo dia empreendemos viagem até Jericó, porque a situação em Jerusalém estava se tornando cada vez mais difícil para nós.

Na palestina há somente duas estações no ano: verão e inverno. Também se fala em Calor e Frio, semeadura e colheita. O mês de Kisleu corresponde ao nono mês do ano, equivalente aos nossos meados de novembro, meados de dezembro. Como Jerusalém é uma cidade situada no deserto, no inverno chega a baixar muito a temperatura e não é raro nevar.

A Festa da Dedicção do Templo caía em dezembro e durava oito dias. Esta festa, que fazia referência à consagração do Templo nos tempos do rei Salomão, havia se renovado à época dos

Macabeus (uns cento e sessenta anos antes de Jesus). Nos tempos evangélicos, o povo de Israel comemorava nesta festa a vitória dos Macabeus, guerrilheiros nacionalistas, sobre os gregos selêucidas, invasores do país, e a purificação do Templo e a construção de um novo altar depois das profanações que o cruel rei selêucida Antíoco Epifanes havia feito no lugar santo. Celebrava-se também como festa da luz, recordando que, ao dedicar o Templo, se havia tornado a acender o santo candelabro de sete braços. Em Jerusalém, para esta festa, acendiam-se de novo as tochas usadas na festa das Tendias de Inverno. As celebrações tinham também um sabor messiânico, como as da colheita. Na atualidade, os judeus acendem solenemente nestas festas a “hanuká” (candelabro com oito luzes, uma por cada dia da festa).

Roma dominava suas colônias através de funcionários enviados como representantes de César às províncias do império. Essas províncias era de três tipos: as senatoriais (governadas por pró-cônsules romanos, que eram trocados anualmente), as imperiais (tinham à frente governadores, legados ou procuradores, sempre romanos) e outros territórios que eram províncias, mas eram governadas por nativos, que serviam aos interesses econômicos e políticos do império. Este último era o caso da Galiléia governada por Herodes. A Judéia – com sua capital Jerusalém - foi província “imperial” de forma definitiva desde o ano 6 depois de Jesus. Tinha à frente um governador, tropas romanas a ocupavam militarmente e a administração estava nas mãos de funcionários também romanos. Pôncio Pilatos foi governador da Judéia desde o ano 6 até 36. Vivia habitualmente na cidade costeira de Cesaréia – residência oficial de governadores – e se trasladava com suas tropas especiais a Jerusalém para as festas, pois esses eram dias mais propícios para os distúrbios e mobilizações populares. A classe sacerdotal de Jerusalém, máximas autoridades religioso-políticas de Israel, estava em total conivência com o poder imperial romano representado por Pilatos.

Não corresponde à realidade histórica a imagem que uma certa tradição cristã fez de Pilatos como um homem intelectual, de uma certa estatura humana, ainda que covarde. Todos os dados dos historiadores daquele tempo – Filon, Flávio Josefo e Tácito, tanto judeus como romanos – confirmam a crueldade daquele homem, odiado pelos israelitas por causa de suas contínuas provocações e situado em tão alto cargo por sua estreita amizade com Sejano, militar favorito do imperador Tibério. Sejano foi um dos personagens mais influentes em Roma durante aqueles anos. Conhecendo a aversão religiosa que os judeus sentiam pelas imagens, Pilatos fez desfilar pelas ruas de Jerusalém imagens do César Tibério e as colocou no antigo palácio de Herodes, o Grande. A pressão do povo o obrigou a tirá-las. Pilatos também profanou o santuário em várias ocasiões, roubou dinheiro do tesouro do Templo para suas construções etc. O texto de Lucas que serve de base a este episódio corresponde com grande probabilidade a uma destas vinganças políticas e profanações religiosas protagonizadas pelo detestado governador. Por ser a Galiléia o principal foco das correntes anti-romanas do país, Pilatos perseguia com mais sanha os galileus, sempre suspeitos para ele de zelo.

A Torre Antônia, situada junto ao Templo e em comunicação com os lugares mais sagrados do santuário por escadarias interiores, foi durante a dominação de Roma, sede das guarnições imperiais encarregadas de vigiar a cidade e especialmente a explanada do Templo, lugar de concentração multitudinária do povo. Na torre encontrava-se o tribunal – pretório – onde Pilatos julgava todos os acusados de rebeldia contra Roma e suas leis. Esses julgamentos não tinham nada a ver com os atuais tribunais, pela pouca justiça que havia neles. As sentenças – que nos casos de oposição ao império sempre podiam ser de morte – dependiam unicamente da vontade arbitrária do governador.

As profanações e a crueldade de Pilatos desencadearam movimentos populares de rechaço e ações violentas por parte dos zelotas, mais organizados para isso. A dominação romana opressiva, política e militarmente, e exploradora no plano econômico, gerou fortíssimos movimentos de resistência em Israel, que foi a província do império que mais contínua e iradamente se rebelou contra o poder romano, até o último levante do ano 70 depois de Jesus, em que Jerusalém foi destruída e começou o exílio judaico, que durou até nossos dias.

O tempo de Jesus foi um tempo semeado de violência dos opressores e contra-violência dos oprimidos, nas quais inevitavelmente morria pessoas inocentes, como no suposto desmoronamento da torre de Siolé, a que se refere este episódio. Existe uma violência gerada por estruturas injustas de poder. É uma violência que está nas leis, nos tribunais, em tantas desigualdades econômicas, na falta de oportunidades. Ela tem a forma de fome, exploração dos trabalhadores, falta de cultura, de higiene etc. Esta violência também toma formas repressivas de tortura e assassinato, quando encontra resistência. Há outra violência: a protagonizada pelos que, cansados de suportar a injustiça, rebelam-se e resistem, atacam e lutam. Não é justo, do ponto de vista cristão, julgar com a mesma medida estas formas tão diferentes de violência. Como exercer a contra-violência justa sem deixar-se arrebatado pelo ódio, que cega e desumaniza, como se esquivar do perigo de exercer esta contra-violência como revanche ou vingança, é um dos temas maiores que se coloca hoje.

O Pórtico de Salomão, estava situado na fachada oriental do grande pátio exterior do Templo. Nas palavras que ali dirige ao povo reunido para escutá-lo, Jesus está fazendo referência, com textos proféticos e às vezes com textos do próprio Paulo, a idéia do “Messias coletivo”. (Ez 37, 1-14; Is 2, 3-5; 9, 2-4; 11, 6; I Cor 12, 1-29 e 13-11). Desde o profeta Miquéias (Mq 2, 12-13) começa a ganhar espaço na mentalidade israelita a idéia de um messianismo pobre que vai fazendo pouco a pouco de um “resto” popular ou de todo o povo de Israel, cativo na Babilônia, o portador das promessas messiânicas do Reino (Sf 3, 11-13). Jesus, fiel a esta tradição teológica, nunca pretendeu o monopólio da ação messiânica, mas se encontrou mais a si mesmo nesse messianismo pobre (em oposição ao triunfalista).

(Lc 13, 1-5; Jo 10, 22-40)

Capítulo LI

EM JERICÓ: O RICO ZAQUEU E O CEGO BARTIMEU

No meio do deserto da Judéia, no vale do rio Jordão, como um tapete verde e redondo, está Jericó, a cidade das palmeiras e das rosas, a mais antiga das cidades de nosso país..

De Jerusalém viajamos a Jericó, aquela que Josué conquistou com o clamor das trombetas. Naquele inverno Jesus já era bastante conhecido em todo o país, das terras da tribo de Dan, até o deserto da Iduméia, do mar dos fenícios até as secas montanhas de Moab...

Quando chegamos a Jericó, os moradores se alvoroçaram e saíram para receber-nos...

Os moradores continuavam amontoados na praça, gritando e aplaudindo Jesus, que mais se distinguia naquele mar de cabeças... Zaqueu foi abrindo caminho entre as pessoas. Levava debaixo do braço o rolo de couro onde guardava os recibos, anotava as dívidas e controlava os pagamentos alfandegários... Pouco a pouco, conseguiu distanciar-se dali, cortou caminho por entre uns barracos e se dirigiu à cômoda casa onde vivia, na outra ponta do bairro...

Antes de entrar em sua casa, Zaqueu se olhou no canal de água que atravessava a cidade... E se viu pequeno, ridiculamente pequeno... E uma vez mais se encheu de amargura...

Zaqueu entrou em sua casa, deu um beijo rotineiro em sua mulher e sentou-se à mesa para comer sozinho, como sempre... Depois deitou-se para dormir um pouco... Mas o alvoroço continuava e seu sono durou muito pouco.

Zaqueu se levantou pesadamente da cama e se aproximou da janela, subindo em um banquinho...

A mulher de Zaqueu abriu a porta, saiu para a rua e se perdeu no meio daquele tumulto de gente que gritava e aplaudia...

Na rua, o barulho e o alvoroço cresciam...

Quando aquela mulher de longas tranças gritou aquilo, todos nos voltamos para onde ela apontava. Trepado em um dos sicômoros do quintal de sua casa estava Zaqueu. Suas pernas curtas balançavam de um lado para outro...

As pessoas se esqueceram de nós e correram para o quintal da casa do publicano. Um grupo de homens rodeou o sicômoro e começou a sacudir os galhos com força... Jesus e nós também saímos correndo para lá...

Por fim, os moradores de Jericó, entre gritos e gargalhadas, fizeram Zaqueu cair do sicômoro. O pequeno corpo do publicano se desequilibrou e caiu no meio do quintal...

Jesus abriu caminho entre as pessoas e chegou até onde estava Zaqueu que, com a cara vermelha de raiva e vergonha, trocava insultos com seus vizinhos...

Quando Jesus disse aquilo, os moradores o olharam espantados... Zaqueu também olhou Jesus com surpresa.

Zaqueu: O que você disse?

Jesus: Disse quanto vai nos cobrar? Vamos jantar aqui em sua casa... E se a noite nos surpreender, é bem capaz que ficaremos para dormir...

Um tempo depois, entramos na casa de Zaqueu. Ninguém em Jericó entendeu aquilo e criticavam Jesus, despeitados por ele ter escolhido a casa daquele homem que todos odiavam. Para nós também, que desprezávamos os publicanos e que tanto nos havia custado admitir em nosso grupo Mateus, o publicano de Cafarnaum, tornou-se difícil senta-nos à mesa de um chefe deles...

Zaqueu estava contente. Sentado à cabeceira da mesa, ao lado de Jesus, seus olhos brilhavam de satisfação. Pela primeira vez, depois de muitos anos, havia convidados em sua casa...

O riso foi contagiando uns depois de outros como se uma mão invisível nos fizesse cócegas... Pedro e eu nos debruçávamos sobre a travessa de cordeiro. Zaqueu também estava vermelho de tanto rir. De repente, levantou-se da mesa...

Todos nós nos olhamos sem saber o que fazer ou dizer... até que Jesus quebrou o silêncio...

Então Zaqueu se aproximou do armário onde guardava o rolo de couro dos recibos e das dívidas. Colocou-o sobre a mesa, à vista de todos...

Zaqueu: Eu não vou falar muito. Prefiro fazer isso... Meus devedores estão livres. Aos vizinhos, contra quem tenha cometido alguma fraude, devolverei quatro vezes o roubado. E pegarei a metade do dinheiro que tenha no baú: já não é meu, é dos outros!

As palavras de Zaqueu surpreenderam a todos. A Jesus, encheram de alegria...

Jesus: Sabe, Zaqueu? Eu acredito que hoje você foi profeta em Jericó... Porque, veja, uma obra de justiça vale mais que mil palavras. Sim, as coisas mudam, quando as pessoas mudam. E, o fato é que... a salvação veio hoje à sua casa!

Zaqueu: Como você disse? Quer que lhe sirva mais vinho da casa? Mas, é claro, Jesus! Vamos, erga essa jarra!! E vocês também!!

Zaqueu encheu novamente as jarras de vinho. E continuamos comendo e bebendo na casa do chefe dos publicanos. Sem saber então estávamos anunciando o grande banquete do Reino de Deus, onde os mais desprezados ocuparão os lugares de honra.

Jericó é uma cidade situada no meio do deserto da Judéia, no centro de uma fértil planície de clima tropical. Está a 250 metros abaixo do nível do mar e a uns sete quilômetros da orla do rio Jordão. A partir das escavações feitas em 1952, chegou-se à conclusão de que Jericó é a mais antiga cidade conhecida de todo o mundo, conservando restos de muralha que remontam a Idade da Pedra. Jericó foi a primeira cidade conquistada pelos israelitas ao entrar na Terra Prometida, a mando de Josué (Js 6,1-27). Estas importantíssimas ruínas estão situadas a uns dois quilômetros da atual Jericó.

No tempo de Jesus, Jericó era uma cidade importante como lugar de passagem das caravanas comerciais que atravessavam o deserto. Por isso havia ali um escritório de certa categoria para a cobrança de impostos, à frente do qual estava um tal Zaqueu como chefe dos publicanos ou cobradores. Os impostos cobrados em Jericó iam engordar as arcas romanas, já que a cidade está na Judéia, província dominada administrativamente por Roma, (os impostos que o publicano Mateus cobrava em Cafarnaum eram para o rei Herodes). Os postos de publicanos eram concedidos pelas autoridades romanas, arrendando-os a quem dava o melhor lance. Depois, os publicanos tinham de pagar a Roma pelo aluguel por outros gastos. Era Roma quem fixava as quantidades a cobrar em termos de impostos. Sobrava pouco lucro aos publicanos, se eles fossem honestos na cobrança. Por isso, eles aumentavam as taxas arbitrariamente, ficando com as diferenças. Suas contínuas fraudes e seu colaboracionismo com o poder romano, faziam dos publicanos pessoas desprezadas e odiadas pelo povo.

O sicômoro é uma árvore muito grande, procedente do Egito, da família da figueira, que cresce na costa da Palestina e toda a planície do Jordão. É chamado também de “figueira louca”. Seu tronco dá uma madeira dura e incorruptível, que no Egito era usada para os ataúdes das múmias. Suas raízes são muito resistentes, suas folhas grossas e em forma de coração, e seus frutos, abundantes, se parecem aos figos pequenos.

Zaqueu é um dos poucos ricos – com Nicodemos e José de Arimatéia – que no evangelho são convertidos por Jesus. A conversão de Zaqueu, que se desencadeia por sua curiosidade em ver o profeta e pela acolhida que encontra nele, não foi um puro sentimentalismo nem um vago desejo de ser bom. Sua conversão não fica nas palavras ou nos remorsos de consciência: mexe com seu bolso. A quem ele defraudou devolverá quatro vezes mais do que lhes tirou. E a metade do que lhe restar, entregará aos pobres. É uma conversão bem concreta. E até “exagerada”: Zaqueu vai aplicar a si mesmo – como “penitência” por suas trapaças – a lei romana, que ordenava restituir quatro vezes mais do que foi roubado, e não a lei judaica, que era muito menos severa. Prescindirá também da norma judaica que proibia dedicar mais de 1/5 da própria fortuna aos pobres: ele dará a metade. Jesus põe em marcha esta autêntica conversão de Zaqueu com um gesto que carrega um profundo matiz teológico. Geralmente se entende que a atitude religiosa é acolher com carinho o pecador, mas sempre depois do seu arrependimento. Pensamos inclusive que Deus age da mesma forma. A atitude de Jesus desmente este critério. Jesus acolhe Zaqueu antes dele fazer penitência. O fato de querer ir à sua casa – e nada menos do que comer com ele, sinal máximo de amizade – parece inconcebível a

Zaqueu. É para ele um gesto tão assombroso que lhe evidencia quem é e o que fez contra os demais ao defraudá-los. O que as iradas reprovações dos vizinhos não haviam conseguido com Zaqueu, Jesus consegue arriscando-se neste gesto de abertura sem limites. Aquele homem, desprezado por todos – e desprezando-se a si mesmo – encontra de repente sua dignidade perdida e sua vida se transforma.

Os ricos não estão excluídos do Reino de Deus. O que acontece é que a conversão, para eles, passa necessariamente pela renúncia, a continuar tendo riquezas para si mesmo. Ao descobrir a dignidade perdida no gesto de acolhida de Jesus, Zaqueu descobre também por que perdeu essa dignidade. Compreende que sua riqueza foi acumulada à custa da opressão exercida contra os pobres do povo. E não só compreende, mas age em conseqüência: renuncia o dinheiro acumulado injustamente.

(Lc 19, 1-10)

Na larga avenida de Jericó, Bartimeu tinha sua pequena oficina de curtidor. Vivia com ele Rute, uma mulher alegre e decidida, a quem amava até em sonhos. Os meses e os anos passavam. E o trabalho, o amor e os amigos enchiam de felicidade os dias de Bartimeu...

A doença correu seu caminho sem deter-se por um momento sequer. E, em poucos meses, os olhos negros de Bartimeu se fecharam à luz para sempre. Não pôde mais usar a agulha nem cortar com a navalha. Não pôde continuar trabalhando em sua oficina. Tampouco pôde escapar da tristeza e da angústia que se abateu sobre sua casa, com duas visitantes inoportunas, sempre ao seu lado, de dia sentadas à mesa, de noite deitadas entre ele e sua mulher...

Pouco tempo depois, Bartimeu teve que fechar sua oficina de curtidor. A cegueira o havia deixado sem alegria de trabalhar e sem o amor de sua mulher. Pouco a pouco, foi ficando também sem a companhia de seus amigos, que nunca mais se aproximaram dele como antes, a não ser para demonstrar-lhe uma fria compaixão...

Bartimeu: Isso não era vida para ela... Não era vida... E para mim? As poucas economias que tinha já estão se acabando. O que vou fazer sem meus olhos?... Pedir esmola! Mas, eu tenho braços fortes para trabalhar e sou jovem e... Tonto! Os cegos já não servem para nada!... É preciso que se lhes dê a mão... Se se esquecem do bastão, tornam-se como crianças... Não servem para nada... Maldito seja o dia em que nasci! Foi para isso que saí do ventre de minha mãe? Deus! Por que me fizeste ver a luz para depois me cegar?

Uns dias depois, Bartimeu, com passo vacilante, guiando-se com um bastão, foi sentar-se à beira do caminho por onde passavam os moradores de Jericó e por onde entravam os mercadores de outras cidades. E começou a pedir esmola. Depois, quando escurecia, Bartimeu voltava para sua casa fria e solitária. E, sem vontade de comer, sem vontade de falar com ninguém, deitava-se na esteira apertando os olhos mortos com os punhos cerrados...

Bartimeu: De noite... sempre de noite! Sempre será de noite!... Como era mesmo o rosto de Rute... como era? Estou me esquecendo de seus olhos... de sua boca... Já não voltarei a vê-la nunca mais...

Para que quero viver então? Para nada! Ninguém precisa de mim e eu... eu não preciso de ninguém... Só quero me esquecer desse pesadelo...

Bartimeu se levantou rastejando de sua esteira e começou a tatear por todos os cantos de sua oficina vazia...

Bartimeu: No sicômoro do quintal... sim... Uma corda... Será difícil, mas será só um instante... Mais difícil é viver assim, um dia depois do outro sem esperar nada... esperando só morrer... A morte não precisará vir me buscar... Eu é que irei procurar por ela... Sim, sim... será só um instante... e tudo estará acabado! Mas, maldição, onde está a corda, onde?... Todos dirão: “ficou louco”... Que digam o que quiserem... Não, não fiquei louco... Fiquei cego, o que é pior... Estava por aqui... a corda... a corda... Onde está a corda, Deus?! Onde?!... Foi você que a escondeu!... Ou será que foi o diabo?... Malditos seja os dois!... Nem sequer posso me enforçar?

Bartimeu tateava, de quatro, por toda a oficina procurando a corda grossa com que antes amarrava os pacotes de couro... Revolvia tudo, procurava por todos os cantos, mas não a encontrava em nenhuma parte...

Bartimeu: Maldição! Onde estará, diacho...? Onde?! Eu quero morrer!... Eu quero morrer!... Eu quero... Eu quero viver... eu... quero viver... eu quero... viver.

Bartimeu: Por que não me matei naquele dia?... Não, não foi o diabo... Agora estou certo de que foi Deus quem escondeu a corda de mim... e me meteu nos ossos a vontade de viver... Não sei como você chegou até aqui, Bartimeu, raposa velha, depois de tantos anos andando por aí aos tropeções... Mas, aqui está você, mais firme que o duro sicômoro do quintal, com um bom nariz para cheirar as rosas mais bonitas do mundo e as orelhas atentas no meio deste caminho... Isso também é viver, eu acho... E também vale a pena, caramba...!

Quando estávamos indo embora de Jericó, muitos homens e mulheres da cidade saíram para despedir-se de nós...

Um homem: E fora os romanos e os que abusam do povo!

O cego Bartimeu, radiante de alegria, jogou para cima seu manto de mendigo, jogou o bastão e, de um pulo só, se pôs de pé e abriu caminho entre todos até chegar a Jesus...

Jesus se deteve e fechou os olhos por um momento... Bartimeu levantou suas mãos até ele e tateou a fronte larga, as bochechas, o nariz, o perfil dos lábios, a barba bem cheia..

Jesus se aproximou e passou a mão pelos olhos daquele homem que não deixava de sorrir...

Jesus: A esperança foi seu bastão por todos esses anos... Você soube ver o mais importante, Bartimeu... Viu com os olhos do coração.

Bartimeu: E... agora estou vendo você... Não... não poder ser...! Eu estou vendo seu rosto, profeta! Eu o conhecia só de ouvir falar, mas agora meus olhos estão vendo você!

Os moradores de Jericó se apertaram contra nós e começaram a gritar, cheios de entusiasmo. E diziam que Jesus era o Messias esperado por nosso povo há tantos anos... Bartimeu chorava de alegria e nos acompanhou por um trecho quando regressamos para a Galiléia... À saída de Jericó, sobre o pó do caminho, ficou jogado o sujo manto de mendigo e o velho bastão...

No meio do deserto da Judéia, Jericó aparece como um oásis verde e fértil. Era também chamada de “a cidade das palmeiras”. Eram conhecidas e famosas as rosas de Jericó (Eclesiastes 24, 14), embora não se tenha segurança de que estas rosas sejam as flores que hoje conhecemos como tais. Alguns acreditam que se trate das adelfas, flores típicas dos climas quentes. Em todo caso, Jericó é um autêntico jardim. A fertilidade desta terra se deve à chamada Fonte de Eliseu. A tradição dizia que foi Eliseu, o profeta discípulo do grande Elias, quem purificara e tornara fecundas estas águas, antigamente salobras (2Rs 2, 14-22).

O texto evangélico dá apenas alguns dados sobre quem foi Bartimeu – embora conserve seu nome, detalhe pouco freqüente nas histórias de milagres – e sobre a origem de sua cegueira etc. Neste episódio, Bartimeu aparece como um homem que esteve a ponto de suicidar-se. Sua vida fracassada – no ofício, no matrimônio, em suas amizades – tornou-se insuportável. Tocou fundo em seu desespero e, a partir desse descer ao mais fundo do poço – aprendeu o que podia ser a esperança. O milagre que Jesus fará sobre seus olhos mortos será um sinal de que, apesar de tudo, a vida sempre tem sentido. Um sentido às vezes obscuro a descobrir, difícil de entender – isso sabem muito bem os que sofreram muito – mas um sentido que só pode aparecer se dermos tempo à vida para que ela nos mostre o que nos tem reservado.

O suicídio é um fato raríssimo na Bíblia. Aparece um só vez em todo o Antigo Testamento (2Sm 17,23). Outros casos são os dos guerreiros que se matam antes de cair nas mãos do inimigo, como aconteceu com Saul, primeiro rei de Israel (1Sm 31, 1-6), mas essas mortes têm outro sentido bem diferente do suicídio “frio”. No Novo Testamento, o único caso de suicídio é o de Judas. Pode ser que isso se deva ao grande apreço à vida característico do povo de Israel. Para os israelitas, a vida vinha de Deus e só a Deus pertencia. Viver era o destino do ser humano e sempre era melhor que a morte. Alguns livros do AT, marcados por um certo pessimismo, chegaram a afirmar que era melhor a morte que uma vida de enfermidade (Eclesiastes 30, 14-17), mas em todo caso, Israel foi um povo vitalista.

No evangelho não há uma só palavra explícita que oriente a reflexão cristã a respeito do suicídio. Mas, a partir das atitudes de Jesus e de suas palavras, podemos dizer que, em termos cristãos, não deve haver condenação do suicida. (Às vezes se lhes negaram sepultura em cemitérios da Igreja como castigo póstumo). Chega-se ao suicídio pelo desespero, pelo medo, por um forte desajuste psíquico etc. Nenhuma das causas que podem estar na base de uma decisão tão dramática, pode ser motivo de rechaço ou de condenação, pois todo esse conjunto de debilidades encontrou sempre em Jesus acolhida e compreensão.

Neste episódio, Bartimeu tem algo do Jó bíblico, personagem que se rebelou contra Deus porque considerava que suas dores era imerecidas: enfermidade, ruína, abandono por parte de seus amigos (Jó 3, 1-4; 20-23; 6, 2-4). No final do livro de Jó, ele diz a Deus as mesmas palavras que aparecem na boca de Bartimeu: “Eu te conhecia só de ouvir falar, mas agora estou te vendo com meus olhos...” (Jó 42, 5). Embora devamos fugir da dor, tentar afastá-la, reduzi-la e combatê-la, para sermos fiéis à vontade do Deus da vida, às vezes não podemos escapar dela. E temos de submeter-nos às nossas limitações. Neste caso a aceitação ativa da dor, pode nos tornar mais maduros, mais tolerantes, mais compreensivos. Em uma palavra, mais sábios diante da vida. E também mais sábios

diante do mistério de Deus. A dor pode servir de porta para uma nova forma de ver a realidade de Deus. Como aconteceu com Jó e com Bartimeu.

(Mc 10, 46-52; Lc 18, 35-43)

Capítulo LII

OS LEPROSOS DE JENIN

Um leproso: Senhor, Deus meu, veja-me de joelhos e com o rosto colado ao chão! Lembre-se deste pobre desgraçado a quem não cabem mais feridas na cabeça! Peço, suplico e espero. Peço, suplico e espero!

Uma leprosa: Mas, o que você está dizendo, língua comprida? Acha que vai conseguir enrolar Deus com esse palavrório? Senhor, tu sabes de sobra que eu estou pior que ele! Veja, tenho mais chagas no corpo do que cabelos na cabeça!

Outro leproso: Cale-se, sarnenta, que eu cheguei primeiro! Eu comecei a rezar antes de você!

Um leproso: Peço, suplico e espero! Peço, suplico e espero!

Uma leprosa: Senhor, piedade, Senhor, piedade, piedade!

Lá nas grutas de Jenin, perto dos montes de Gelboé, viviam muitos homens e mulheres que padeciam a pior das doenças: a lepra. Não era permitido aos leprosos entrar em nenhum povoado, nem bater em nenhuma porta, nem pôr o pé na sinagoga. Por isso, quando chegava o dia de sábado, alguns se reuniam na grande caverna para rezar, pedindo saúde. Gritavam e queimavam folhas de hortelã para que a oração entrasse em Deus pelo nariz e pelas orelhas...

Um leproso: Senhor, se tu me curares, prometo nunca mais cortar o cabelo nem provar uma só gota de vinho até o fim da minha vida!

Uma leprosa: Eu irei descalça todos os meses até o santuário de Silo!

Outro leproso: Consagrarei minha vida ao teu serviço! Se tu me curares, Senhor, irei para o monastério do Mar Morto para estudar dia e noite as santas escrituras!

Enquanto os demais leprosos rezavam, Demétrio, o samaritano, entrou na gruta. Também padecia da doença...

Demétrio: Se algum dia você se curar, grande safado, procure um irmão gêmeo para cumprir a promessa!... Ei, minha gente, parem a oração e escutem-me! Acho que lá no céu está todo mundo com as orelhas em farrapos com tanta lenga-lenga. Vamos, deixem Deus descansar um pouco e escutem isso... Sabem do que eu fiquei sabendo?

Um leproso: Se você não diz, como vamos saber?

Demétrio: E se você não cala essa boca, como vou dizer? Escutem: já ouviram falar desse tal Jesus, de Nazaré?

Leprosa: E quem é esse sujeito?

Demétrio: Um profeta! Um enviado de Deus! Dizem que os anjos sobem e descem sobre a cabeça dele!

Leproso: Não estou nem aí com profetas, principalmente se vêm da Galiléia!

Leprosa: Eu penso a mesma coisa que o Tolônio. Não mexo nenhum dedinho por eles!

Demétrio: O que temos de mexer são os pés. Fiquei sabendo que ele e seus amigos estão indo para Cafarnaum. E têm de passar por Jenin.

Leproso: Pois que passem por onde acharem melhor caminho. O que isso importa para nós, Demétrio?

Demétrio: Dizem que ele curou muitos doentes. Toca neles e... plim!... ficam curados.

Leproso: Pois, da minha parte... plim!... Daqui eu não me mexo.

Outro leproso: Muito menos eu! Olhe, Demétrio, eu sei como são essas coisas. Você sai da gruta, anda quatro milhas, o calor, o cansaço, bolhas nos pés e... afinal, para quê?

Demétrio: Como para quê? Para ver o profeta, para falar com ele! Quem sabe ele nos ajuda.

Leprosa: Quem sabe ele nos ajuda! Rá! Você é samaritano, por isso é tão idiota e ainda não entendeu que nosso único remédio é nos agüentar. Nós já estamos perdidos.

Demétrio: Pois se já estamos perdidos... não perdemos nada por tentar! Vamos lá, cambada de aves de mau agouro, deixem os lamentos de lado e vamos pegar a estrada para ver esse profeta!

Leproso: Nada disso, Demétrio, nada disso.

Demétrio: Nada disso, o que?

Leproso: Que o profeta não vai passar pelo caminho de Jenin.

Demétrio: Não me diga! E como você sabe disso?

Leproso: Está na cara. Quem nasce bode não ganha barba do céu. Estou certo de que se desviarão pelo caminho de Dotan. Vamos e voltamos e perdemos a viagem.

Leprosa: Eu penso a mesma coisa que o Tolônio. Irão por Dotan.

Demétrio: Pois o que eu acho é que com um exército como vocês, até Nabucodonosor cairia do cavalo. Está bem. Fiquem aqui queimando hortelã. Pois eu vou sair agora mesmo e vou montar guarda no caminho de Jenin. Ah! E depois, não digam que não avisei!...

Vários leprosos: Não vá ainda, Demétrio, espere... nós... espere...

Apesar dos pesares, e resmungando contra Demétrio, o samaritano, os outros leprosos jogaram-se em cima os trapos negros e sujos com que se cobriam, penduraram a campainha obrigatória para que nenhuma pessoa se aproximasse deles e, depois de andar quatro milhas, se postaram no caminho que vem de Jerusalém, à entrada de Jenin...

Leproso: Fizemos muito mal em dar ouvidos ao Demétrio! Vejam só o tempão que estamos aqui esperando e... para quê?

Leprosa: Para que se desviem para Dotan, para isso!

Outro leproso: Aposto nove contra um, que nem hoje nem nunca veremos as fuças desse profeta andarilho!

Demétrio: Pois vai logo pagando a aposta, companheiro, porque... juraria que são aqueles que vêm vindo pela curva do caminho!... Não estão vendo lá em baixo?... Sim, são eles, estou seguro disso!!

Leproso: “Seguro” era o nome do meu avô e ele já está morto...

Demétrio: Mas, não estão vendo? São eles! Lá vem o profeta da Galiléia!!

Leproso: Sim, Demétrio, está certo, são eles... e daí?

Demétrio: Como e daí? Agora vamos dizer ao profeta o que está acontecendo e ver se ele nos ajuda.

Leproso: E você acha que o profeta vai perder seu tempo com a gente? Qual é, Demétrio, não suba tão alto, que o tombo será pior! O profeta passará de longe por aqui, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda.

Leprosa: Eu digo a mesma coisa que Tolônio. Quem nasce para bode...

Demétrio: Sim, já sei, não ganha barba do céu. Mas a barba que me interessa é a daquele galileu... Ei, Jesus, ajude-nos, faça alguma coisa por nós! Ei, Jesus, venha cá um momento!

Demétrio, o samaritano, fazia sinais com os braços, gritando e pulando para que o vissemos. Atrás dele, olhando-nos com desconfiança, os outros leprosos esperavam...

Demétrio: Eles nos viram! E estão vindo para cá!... Ei, Jesus, profeta!... Mas, o que acontece com vocês? Vão ficar assim, como pintos molhados? Vamos, minha gente, aviem-se, façam alguma coisa!

Leprosa: E o que quer que façamos, Demétrio?... Vamos vem, diga-me, o que este profeta pode nos dar, heim? Como vai nos ajudar?... Não alimente ilusões e não terá desenganos.

Leproso: Eu acho a mesma coisa. Convença-se, Demétrio, quem nasceu bode...

Demétrio: Sim, sim, já sei! Mas você ganhou do céu barba, bigode e rabo! Vão pros infernos! Nem o santo Jó agüentaria vocês!

Jesus, Pedro e eu vínhamos caminhando na frente dos outros e, quando vimos aquele grupo de leprosos, nos detivemos como a um tiro de pedra...

Jesus: Ei, amigos, quem são vocês? De onde vêm?

Leprosa: Agora vai nos mandar fazer gargarejos...

Demétrio: Das grutas de Jenin! Somos leprosos!... Pode fazer alguma coisa por nós?

Jesus: Pois, veja só... Não temos nada... Nem comida, nem dinheiro...!

Leproso: Não lhe disse? Tempo perdido e bolhas nos pés.

Jesus: ... Mas, vão até os sacerdotes e apresentem-se diante deles!... Quem sabe não terão sorte!... Adeus!

Leproso: “Quem sabe, quem sabe”... Esse profeta não sabe de nada e passa a bola para os sacerdotes!

Leprosa: “Vão até os sacerdotes e apresentem-se a eles!” Puah!

Outro leproso: Bem, um homem prevenido vale por dois. Eu trouxe algumas tâmaras para a viagem de volta. Então, até mais ver!

Demétrio: Mas, venham cá, bando de idiotas, se o profeta nos tivesse mandado ir descalços até o santuário de Silo ou subir ao monastério do Mar Morto, não teríamos feito?

Leproso: Bem, nesse caso...

Demétrio: Pois ele nos pediu algo mais fácil: ir até os sacerdotes de Jenin. Vamos lá ver o que acontece.

Leproso: Ver o que acontece! Já me cansei de ver o que acontece e não acontece nada! Peço, suplico e espero... e não acontece nada!

Demétrio: Se o profeta disse isso, por algum motivo será!

Leprosa: Claro que será por algum motivo! Para gozar da gente! Você não viu a cara dele?... Eu não vou a parte alguma.

Leproso: Muito menos eu!

Outro leproso: Nem eu.

Outro leproso: Mas, Demétrio, você acha que com esta ferida na perna posso me apresentar para que o sacerdote me examine?

Quando Tolônio, um dos leprosos, levantou os trapos que cobriam as pernas, todos os demais ficaram de boca aberta...

Leproso: Olhem... Olhem!!... Minha carne está rosada como um bumbum de nenê!

Leprosa: Não é possível!... Deixe-me ver...

Outro leproso: E você também, Martina!... E você, Godolias!!

Outro leproso: E eu!!... E o Demétrio também!...

Os leprosos de Jenin choravam e gritavam de alegria quando se deram conta de que as chagas e as manchas da pele haviam desaparecido sem deixar rastro...

Leproso: Pelas benditas barbas do meu bode, aqui aconteceu algo de muito grande!

Leprosa: Algo nunca visto! Um verdadeiro milagre!

Demétrio: Eu não lhes disse, cambada de fuxiqueiros? O profeta da Galiléia nos curou sem sequer tocar um dedo na gente! Venham, companheiros, vamos depressa, não se demorem, corram...!

Leproso: Aonde vamos, Demétrio? Aonde você quer nos levar agora?

Demétrio: Aonde estiver o profeta! Tanto faz se está em Jenin ou Cafarnaum, vamos procura-lo.

Leprosa: Mas, Demétrio, você ficou louco? Procura-lo para quê?

Demétrio: Como para quê? Para agradecer-lhe, diacho!

Leproso: Deixe disso, Demétrio. A gente não vai conseguir encontra-lo.

Leprosa: Está na cara que não. Não vê que ele é um profeta?

Demétrio: E o que isso tem a ver?

Leprosa: Que os profetas voam. Lembre-se de Elias, que se foi pelo ar montado num carro de fogo. Não vamos encontra-lo.

Outro leproso: Eu também acho. Esse já desapareceu...

Outro leproso: Vem, vocês que continuem discutindo... esse aqui que vocês estão vendo vai se mandar para a taberna do Bartolim, porque já faz três anos que não passa um gole sequer pela minha garganta!

Outro leproso: Eu digo o mesmo que o Tolônio. Hoje vou amanhecer dentro de um barril de vinho!

Leprosa: Pois eu vou cumprimentar minha família que vive em Betulia!

Outro leproso: Vocês que me encontrem na casa da Marta e da Firmina, uma da perna grossa, outra da perna fina! Rá, rá, rá!...

Mas Demétrio os deixou e saiu correndo pelos caminhos...

Demétrio: Ei, vocês, por acaso não viram por aqui um moreno barbudo, um tal Jesus, de Nazaré?!

Um homem: Não, amigo, não vimos não... Espere, mas você não é o leproso Demétrio que... espere...

Demétrio: Escute, senhora, não passou por aqui um grupo de galileus, e junto com eles não ia um que chamam de Jesus, o profeta...?

Uma velha: Não, meu filho, não vi ninguém... eu também estou andando atrás de um netinho meu que se perdeu...

À altura de Jarod, depois de muito correr e perguntar, Demétrio por fim nos encontrou...

Demétrio: Obrigado, Jesus, obrigado...!

Jesus: Escute, e os outros que estavam com você?

Demétrio: Bem, eles... eles só se lembram de Deus quando trovoa, sabe?

Demétrio, o samaritano, ficou um bom tempo conosco na pousada de Jarod. E todos juntos brindamos por ele; por seus nove companheiros que não voltaram; e por Deus, que faz chover sobre bons e maus e levanta o sol sobre os agradecidos e também sobre os ingratos.

A palavra original hebraica com que se denominava a doença da lepra é “sara’at”, que deriva da expressão “ser castigado por Deus”. A lepra era sempre considerada como um terrível castigo divino. A “impureza” religiosa que o doente contraía por isso, o fazia ser repudiado pelo resto da comunidade. E assim, os leprosos viviam em lugares afastados, eram totalmente proibidos de entrar nas cidades e quando iam pelos caminhos deviam avisar para que ninguém se aproximasse. Como a doença era considerada também incurável, a única esperança que restava a esses doentes era um milagre. Em todo caso, se a cura se realizasse, um sacerdote tinha de comprova-la e certificar com sua palavra que era verdadeira (Lv 14, 1-32).

Dotan e Jenin são duas pequenas cidades separadas por uns oito quilômetros, situadas no caminho que vai da Judéia para a Galiléia passando por terras samaritanas. Mas dos 10 leprosos que sofrem e rogam na gruta de Jenin, só Demétrio é samaritano. Há aqui um símbolo interessante. O mais desprezado de todos eles (por ser leproso e ainda por ser samaritano) é o único que manterá a confiança do grupo (por sua fé acontecerá o milagre para todos) e também o único que saberá agradecer o que fizeram por ele.

A atitude fatalista diante da vida paralisa o homem. Se realmente tudo “está escrito”, se o destino é algo contra o qual ninguém pode, nada mais resta que esperar o momento em que ele se cumpra, seja para o bem, seja para o mal. Demétrio lutará contra o pessimismo de seus companheiros e os porá em movimento. Isso os aproximará de Jesus, abrirá possibilidades em suas vidas. Uma falsa religião plantou no coração de muitos homens e mulheres uma convicção fatalista diante da vida. Mas essas idéias não são certas: somos livres. Depende de nós o rumo que tomar nosso viver. E se por acaso não somos livres, se a nossa vida é esmagada pela opressão e pelo sofrimento, a atitude fatalista (“sempre foi assim, e assim sempre será”) só fará perpetuar essa situação. Não é o destino que a perpetua, mas a nossa passividade.

Neste episódio, é mostrado como os leprosos vão desanimados nessa busca de Jesus, como desconfiam dele, como o criticam e como, no final, não sabem agradecer. E, apesar de tudo isso, Jesus opera um sinal de cura em favor deles. Este milagre é, pois, um sinal da gratuidade dos dons de Deus. Deus não nos dá a vida, a saúde, as oportunidades porque lhe agradecemos mais ou menos ou porque somos bons. Ele dá porque nos ama. Seu amor é desinteressado, não espera em troca nem incenso nem aplauso.

Lucas, o único evangelista que escreveu este pitoresco e “incrível” relato dos dez leprosos curados, pretendeu elaborar um esquema de catequese sobre como deve ser nossa atitude para com Deus e o fez contando uma parábola sobre o agradecimento. É importante uma atitude de agradecimento, não porque Deus “necessite” dele para nos estender sua mão, mas porque ser agradecidos nos ajuda a sermos retamente humilde e nos faz mais irmãos uns dos outros. Há quem “só se lembra de Deus quando trova”. E age de forma semelhante com os demais: sempre está pronto para pedir, nunca para agradecer. Esta postura indica, evidentemente, um certo egoísmo, enquanto que ser agradecidos nos tira de nós mesmos, nos traz conhecimento sobre nossas limitações e nos ensina uma alegria que os mesquinhos nunca conhecerão e que tem muito a ver com a solidariedade humana, com o compartilhar, com o saber-nos apoiados e sustentados pelos outros, responsáveis uns pelos outros, colaborando em uma tarefa comum.

(Lc 17, 11-19)

Capítulo LIII

O MILAGRE DE JONAS

Os rumores do que Jesus havia feito em Jerusalém e nas cidades da Judéia rolaram como pedras de montanha. As notícias corriam de boca em boca, cresciam, misturavam-se com lendas, eram discutidas nos mercados e nas caravanas. As pessoas diziam muitas coisas de Jesus. Que brotavam raios de sua cabeça, como em Moisés. Que Elias lhe havia emprestado o carro para viajar mais rápido de um lugar a outro. Que os milagres saíam de suas mãos como mariposas.

Velha: Vamos, comadre, depressa! Disseram-me que os doentes ficam curados só com a sombra do profeta quando passa! Vamos!

A fama de Jesus crescia feito pão fermentado. E cresciam também os grupos de pessoas que se punham a caminho à procura do novo profeta de Israel para pedir-lhe ajuda.

Homem: Abaixei a cabeça, companheira, com esse monte de enfeite que você tem não dá ver nada!

Mulher: Escute aqui, não comece de novo que eu estou esperando desde o meio-dia!

Naquele inverno, quando regressamos a Cafarnaum, os moradores foram nos esperar à entrada do povoado, perto da Porta do Consolo.

Velha: Ei, Jesus, como foram as coisas lá na capital? O que vocês fizeram desta vez?

Jesus: O que sempre fazemos, anunciar o Reino de Deus.

Velha: Sim, sim, e o que mais vocês fez?

Jesus: Só isso, vovó, falar para as pessoas, abrir os olhos dos peixes pequenos para que não se deixem comer pelos peixes grandes.

Homem: O que a velha quer saber é se você abriu os olhos de algum cego!

Mulher: É isso mesmo, quantos milagres você fez nesta viagem, Jesus?

Quando aquela mulher falou dos milagres, a multidão que nos rodeava se apertou ainda mais. Muitos doentes vieram arrastando suas muletas ou deitados em macas de galhos trançados. Outros tapavam suas feridas com trapos amarrados nas pernas e nos braços.

Homem: Bah, de fato, o que importa mesmo não é o que você fez em Jerusalém, mas o que vamos fazer agora, não é mesmo? Olhe só todos esses infelizes. Estão esperando que você faça alguma coisa por eles.

Os doentes olhavam para Jesus com uma súplica nos olhos e estendiam suas mãos para poder tocar em sua túnica. Então Rebeca, a fiandeira, abriu caminho no meio de todos e conseguiu se pôr à frente dele. Tinha a perna direita muito magra e retorcida e se apoiava em um bastão para não cair.

Mulher: Cura-me! Faça com que eu volte a caminhar. Cura-me, profeta, cura-me!

Jesus olhou para a mulher e permaneceu calado.

Mulher: Cura-me! Você pode fazer isso! Sim, sim, já me sinto melhor! Sinto um calor por todo o corpo.

Em seguida, a mulher levantou as mãos para o céu, soltou o bastão que lhe servia de muleta e gritou para que todos ouvissemos...

Mulher: Estou curada, estou curada!

Homem: Curada? Rá! Com este grito é bem capaz que se quebraram suas duas pernas!

Ferreiro: Eu aqui, Jesus, cura-me! Eu estou doente há mais tempo que ela! Saiam da frente e deixem-me passar!

O ferreiro Túlio dava socos no ar para poder chegar até Jesus e pedir-lhe um milagre. Tinha nas costas uma corcunda como a de um camelo.

Ferreiro: Vamos, faça um milagre, endireite-me. Vamos, o que está esperando? Cura-me!

Jesus o olhou com pena, mas tampouco disse uma palavra sequer.

Ferreiro: O que acontece com você? Será que já não tem os poderes de antes? Por que não me cura? Estou perguntando, por que não cura?

Mulher: Você abriu os olhos de um tal Barnabé, lá pelas bandas de Betsaida! Eu também sou cega! Eu também quero ver! Ou será que aquele sujeito era melhor do que eu?

Homem: Você sabe fazer isso! Em Corozaim você curou Serápio, que não falava nem ouvia!

Velha: Jesus, olhe estas chagas e tenha pena de mim.

Os doentes começaram a impacientar-se com Jesus, que continuava calado, com os olhos baixos. A algazarra ia crescendo. Foi então que apareceu o rabino Eliab.

Eliab: Outra vez nos encontramos, nazareno. Só que agora não é na sinagoga, mas aqui, em plena luz do sol.

Jesus: Você também está doente, rabino?

Eliab: Não, o Altíssimo me concedeu boa saúde. E me concedeu também inteligência para descobrir os lobos que se cobrem com pele de cordeiro.

Jesus: Então repare nas minhas orelhas, para ver se são de lobo.

Eliab: Sim, foi isso mesmo que vim fazer, porque já estou cansado de ouvir histórias. Todo Israel fala de você. Uns quantos loucos o chamam de profeta. E outros ainda mais atrevidos dizem que você é o próprio Messias que nosso povo tem esperado por tantos séculos. Muito bem. Você é ou não é? Fale. Não fique calado. Quem cala, consente.

Jesus: A árvore se conhece pelo fruto. Olhe o que eu faço e saberá quem sou.

Eliab: Vamos esclarecer as coisas, nazareno. As escrituras dizem que quando Deus envia um profeta, coloca em suas mãos o poder de fazer milagres.

Homem: E Jesus tem esse poder, ora se tem!

Mulher: Jesus fez muitos milagres, rabino Eliab. Não se lembra do aleijado Floro? Colocaram-no pelo teto e ele saiu andando com as pernas mais retas que um remo.

Eliab: Ouvi falar sobre isso. Mas não vi. E se o olho não vê, o coração não crê.

Homem: E aquele fruteiro, rabino Eliab, que tinha a mão seca? Jesus a esticou bem diante de você na sinagoga.

Eliab: Água passada não move moinho. Deixem pra lá o fruteiro, o aleijado Floro e todos os que andam dizendo coisas passadas. Hoje estamos aqui. Eu quero ver um sinal hoje. Não é muito o que estou pedindo, nazareno. Olhe só para estes. Pode escolher. Cura quem você quiser. Mas, dê-nos uma prova clara, que não caiba dúvidas. Faça um milagre aqui, diante de todos nós. E todos creremos em você. Eu, em primeiro lugar.

Jesus continuava com os olhos baixos, cravados na terra. Logo depois, agachou-se e arrancou do chão umas quantas ervas. Colocou-as na palma da mão e soprou. A brisa do lago levou para o ar as pequenas folhas.

Jesus: A vida do homem é como a erva. Brota em um dia e com um sopro se acaba. Nossas vidas estão nas mãos de Deus. Só Deus tem poder para nos curar.

Mulher: Deus e você, que é um profeta!

Todos: Um milagre! Um milagre!

Homem: Ou será que para os outros há milagre e para nós não? Então, por que isso?

Velha: Depois de esperar tanto tempo, não vamos voltar com as mãos vazias, caramba!

Todos: Sim, um milagre! Faça um milagre!

Jesus: Escutem bem. Para vocês só haverá um milagre, um só!

Homem: Sim, sim, mesmo que seja só um! Vamos, faça-o!

Todos: Eu aqui, cura-me!

Mulher: Eu cheguei primeiro! Eu aqui, Jesus, eu aqui!

Os doentes rodearam Jesus. O rabino Eliab conseguiu afastar-se um pouco e ficou esperando, com um olhar cheio de desconfiança, o milagre que se ia produzir.

Jesus: Só um milagre, vizinhos. O milagre de Jonas. Somente este.

Homem: E o que acontece agora com Jonas?

Jesus: Acontece o mesmo que aconteceu, quando Deus o chamou e o enviou para profetizar na grande cidade de Nínive...

Voz de Deus: Jonas, filho de Amitai, levante-se e vai a Nínive. Os ninivitas são homens de mãos violentas. Pisam no fraco, abusam do órfão e atropelam as viúvas no tribunal. Vai e grite pelas ruas de Nínive que se as coisas não mudarem, eu vou fazê-las mudar. Estenderei minha mão e defenderei a causa dos pobres. E serei inflexível contra os que maltratam meu povo.

Jonas: Convertam-se! Convertam-se todos! Esta cidade está edificada sobre a injustiça! Se as coisas não mudarem dentro de quarenta dias, Nínive será destruída. Convertam-se!

Rei: Ordens do rei de Nínive: todos, do primeiro ao último, homens e mulher, velhos e crianças, todos teremos que mudar. Que cada um limpe suas mãos manchadas de sangue e violência. Que cada um se arrependa diante de Deus e pratique a justiça. Quem sabe se Deus também não se arrependerá do castigo que merecemos, quem sabe!

Homem: Esse Jonas foi um grande sujeito, sim senhor!

Mulher: Maior ainda foi a baleia que o engoliu!

Velha: E maior do que Jonas, é você, moreno!

Homem: Pois se é tão grande assim, que me cure! Ei, Jesus, deixe as histórias para lá e vamos ao que interessa: cure-me! O que lhe custa?

Mulher: Faça um milagre para que todos vejamos!

Jesus: Jonas não fez nenhum milagre na cidade de Nínive. Quem fez o milagre foram os ninivitas que mudaram e começaram a viver com retidão. E a cidade, que estava doente, curou-se.

Velha: Meu filho também está doente! Cure meu filho como curou a filha de Jairo!

Mulher: Cure-me, Jesus! Será que eu não tenho direito?

Jesus: Ninguém se cura por direito, mulher, mas por fé.

Mulher: Eu tenho fé, eu creio em Deus. O que está me faltando, caramba?

Jesus: É Deus que tem fé em nós e espera que nós façamos o milagre. O milagre de Jonas.

Eliab: Chega de palavras e empurrões! Você vai fazer um milagre, sim ou não? Pode ou não pode?

Jesus: Por que você mesmo não faz, rabino? Você sim pode fazê-lo. Veja, sabe como esta infeliz adoeceu? Dobrando as costas dia e noite sobre o tear. Foi assim que seus ossos se entortaram. E sabe o que entortou o pescoço desse homem? Carregando na cabeça sacos e mais sacos de farinha para ganhar um miserável denário. Faça você o milagre, fariseu! O milagre não é abrir os olhos de um cego, mas abrir o bolso e compartilhar seu pão com o faminto. O milagre não é limpar a carne de um leproso, mas limpar todo o país que apodrece por causa das falcatruas de uns quantos. Esta mulher coxeia de uma perna, mas nosso país coxeia das duas. Não peçamos a Deus mais milagres. Nós é que temos de fazer o milagre: o milagre da justiça!

Eliab: E lá vem a política de novo! É só isso que você sabe fazer, nazareno, esquentar a cabeça da chusma. Charlatão, é isso que você é, um charlatão e um agitador. Vai com esse palavrorio para outro lugar.

Mulher: O rabino tem razão. Esse aí não é mais que um falador! Vamos embora, vamos embora!

Homem: Vai pros diabos, Jesus. Tanta história e tanta espera por nada!

Os doentes foram embora, cada qual por seu caminho. Uns iam com seus bastões e suas muletas. Outros, carregados em macas ou apoiando-se no braço do vizinho. Pouco depois, ficamos só nós do grupo. Já escurecia sobre Cafarnaum, e as cidades que adornavam as margens do lago, como pérolas de um colar, começaram a acender suas luzes esbranquiçadas. Jesus parecia muito triste e ficou com o olhar perdido nos reflexos da água.

Jesus: Que pena, Corozaim! Tantas palavras que dissemos lá tua praça e pelas tuas ruas... e tudo continua igual. Continuas sendo uma cidade adúltera, pior que Nínive, pior que Sodoma. Pobre de ti, Betsaida, que te deitas num leito quente com os grandes comerciantes enquanto teus filhos agonizam de fome e de frio pelos portais e continuas parindo usurários e traficantes de violência e não escutas o grito de morte dos inocentes. E tu, Cafarnaum, que queres subir ao céu para roubar milagres de Deus, mas não fazes nada para que as coisas mudem aqui na terra, tu mesma não queres fazer o único milagre que Deus reclama: a justiça.

A religiosidade popular mal orientada e alimentada por uma situação de miséria, transforma-se facilmente em “milagreira”. O religioso, a fé, acabam identificados com o maravilhoso, o surpreendente, o singular. Reduz-se Deus a um médico poderoso ou a um ilusionista de circo. Adultera-se a fé, simplificando suas atitudes em uma só: ser capaz de crer no milagre. E, o que é pior, ao cair nesta vertigem, perde-se de vista o mais importante: a realidade de cada dia, cheia de injustiças e “enfermidades” que exige uma mudança e que necessita de nosso esforço para que se transforme.

Os quatro evangelhos nos transmitiram muitas histórias de milagres realizados por Jesus, salpicando todos os seus relatos com fatos que procuram explicar quem é Jesus e como passou fazendo o bem, curando todos os oprimidos pelo diabo porque Deus estava com ele (At 10, 38). Todos os relatos de milagres não devem ser lidos com os mesmos critérios. Se aplicarmos a eles uma crítica rigorosa, observaremos que alguns milagres estão duplicados (comparar Marcos 10, 46-52 com Mateus 20, 29-34), outros ampliados, outros deliberadamente enfeitados. Tudo isso indica que, embora haja um núcleo histórico certo nas curas que Jesus operou, não se deve interpretar os evangelhos como um catálogo de maravilhas realizado por um superman poderoso. O ponto de partida é fazer a diferença entre a palavra “milagre” e a palavras “signo” ou “sinal”.

O evangelho de João, que reduz a sete o número de milagres que Jesus teria feito, é o que mais claramente estabelece esta diferença. Ao referir-se aos fatos milagrosos, João se refere sempre à palavra “sêmeion”, equivalente a “sinal”. Um sinal não tem valor em si mesmo. Aponta em uma direção, indica um caminho. Não é a meta, é o meio para chegar a ela. Segundo o evangelho de João, os “milagres” de Jesus não foram fatos isolados e maravilhosos que ele teria operado movido pela compaixão que lhe inspirava casos individuais de sofrimento. Se assim fosse, não seriam sinais de nada, esgotar-se-iam em si mesmos. João os apresenta como sinais que devem conduzir à compreensão da missão de Jesus.

O que poderia significar hoje, que Jesus de Nazaré tenha curado um paralisado no século I da nossa era? Os evangelhos respondem a esta pergunta apresentando Jesus como o mensageiro do projeto de Deus: se Jesus pôs de pé um homem prostrado, foi um sinal de que sua mensagem é capaz de fazer andar os seres humanos, tirando-os da passividade. Assim, em cada um dos curados por Jesus, os evangelistas rascunharam arquétipos de homens e mulheres vítimas de diferentes problemáticas.

Fé e religião não são a mesma coisa. A atitude religiosa “religa” o ser humano com Deus e o faz dependente dele. Certa mentalidade religiosa espera de Deus o que pode conseguir com seu próprio esforço ou com a organização dos esforços de outros e teme de Deus castigos por obras más ou por descuido nos ritos religiosos. Outra mentalidade religiosa “compra” a benevolência de Deus acumulando méritos diante dele através de orações, sacrifícios, votos, promessas, penitências. Jesus de Nazaré enfrentou estas mentalidades, arraigadas em todas as culturas, com uma nova visão de Deus. Jesus propôs uma relação com Deus baseada na responsabilidade da própria vida e na solidariedade comunitária. Nas atitudes de liberdade, maturidade, compromisso histórico, equidade entre os seres humanos, superação de medos religiosos está a base humana de que se nutre a atitude de fé, oposta à atitude religiosa.

(Mt 11, 20-24 e 12, 38-42; Mc 8, 11-13; Lc 10, 13-15 e 11, 29-32)

Capítulo LIV

A HORA DE JERUSALÉM

Aquele inverno passou rápido como uma flecha. Nos galhos da amendoeira surgiram os primeiros brotos. O campo começava a cobrir-se de flores e o ar limpo da nova primavera perfumava a planície de Esdreton... Naquele dia, enquanto comíamos na casa de Pedro...

Pedro: O que foi, Jesus?... Está sem apetite?

Rufina: O moreno está com umas olheiras, como se não tivesse pregado o olho a noite toda...

Jesus: E não preguei, Rufina... Mas, não é nada. Acontece que eu precisava ver com mais clareza... Na verdade, venho rezando há vários meses, pedindo a Deus que nos aponte o caminho e...

Pedro: E então...?

Jesus: Companheiros, parece-me que a hora chegou.

Tiago: A hora de que, Jesus?

Jesus: De ir a Jerusalém. Já é hora de que também na capital, no coração deste país, os pobres se unam para compartilhar o que possuem, e assim enfrentar o velho mundo que está se acabando. Sim, o que dissemos tantas vezes por esses rincões da Galiléia, vamos repetir sobre os tetos da cidade grande.

Pedro: Ei, Rufi, você não pôs muita pimenta nesta sopa?!... Jesus está soltando fumaça!

Judas: Muito bem, moreno, então, quando pegamos a estrada?

Jesus: O quanto antes, Judas. Deus tem pressa. Há muita miséria no país. Herodes abusa demasiadamente no norte e os romanos abusam demasiadamente no sul. E, enquanto isso, Caifás e os sacerdotes de Israel ficam falando de paciência. Companheiros: a paciência acabou! É hora de pôr fogo no rabo de todas essas raposas, como Sansão fez aquela vez, e que tudo se queime!

Judas: Isso mesmo! Não há que ter medo do fogo. A cinza é o melhor adubo que existe!

Rufina: Vocês é que vão virar adubo! Estão ficando loucos? Da última vez, quase os levaram presos e já querem voltar a Jerusalém? Isso é o mesmo que meter a cabeça dentro da boca do leão!

Jesus: Claro que sim, Rufina. É isso mesmo que vamos fazer. Sansão também meteu a cabeça, mas o Senhor lhe deu a força de que precisava para quebrar a queixada do leão. Deus também não nos faltará quando estivermos em Jerusalém, tenho certeza disso!

Tomé: Pois eu-eu tenho ma-mais certeza dos caninos do leão, ma-mas enfim, se temos de ir, vamos.

Pedro: E vamos logo! A Páscoa já está perto!

Judas: Temos que aproveitar o momento, companheiros. Durante a festa é quando há mais gente na cidade.

Pedro: E é quando todas as raposas se reúnem na toca. Pôncio Pilatos vem de Cesaréia, Herodes vem de Tiberíades. Todos se juntam em Jerusalém para celebrar a Páscoa.

Jesus: Pois nós também iremos. Mas não só para relembrar a liberdade de nossos avós, quando saíram do Egito, mas para começar uma nova libertação. Porque continuamos sendo escravos. Porque os faraós continuam aí, sentados nos palácios de Jerusalém. Temos que ir lá e jogar na cara deles todos os seus abusos, como fez Moisés!

Todos: É assim que se fala, moreno! Muito bem!

Jesus: Então, avisem todos! Os do grupo e todos os do bairro que quiserem vir conosco. Vamos subir para Jerusalém. E não vamos para jogar água, mas para botar fogo!

Em poucos dias, alvoroçamos todo o bairro dos pescadores, convidando os vizinhos para irem a Jerusalém. Vieram também muitos homens e mulheres do vale de Séforis e de outros povoados do interior. A cidade de Cafarnaum se transformou num vespeiro. Já não se falava em outra coisa que a viagem à capital no mês de Nisan...

Pedro: Juntem-se a nós, companheiros. Chegou a hora de subir a Jerusalém! Você, conterrâneo, o que acha? Vem ou não vem?

Um homem: É claro que vou! Não vou perder essa briga nem por todo o ouro do bezerro de Aarão!

Pedro: E a senhora, dona Ana, o que está esperando? Vamos, apresse-se!

Uma mulher: Apresse-se você, Pedro-pedrada, e deixe a conversa mole para outro momento. Mas, explique-me uma coisa: o que vocês vão fazer lá na capital? Que diabos vão aprontar por lá? Brigar, rezar, divertir-se?

Pedro: Ai, dona Ana, ainda não tive tempo de pensar nisso! Mas não se preocupe, que Jesus sabe o que faz! Vamos com ele e lá veremos o que vamos fazer! Pode crer, vizinha, esse moreno é o Messias que nossos avós esperaram tanto tempo!

Mulher: Mas, o que você está dizendo, seu abestado?

Pedro: O que todo mundo diz, que Jesus libertará Israel e quebrará o focinho de todos os sem-vergonhas que riem de nós. Com Jesus à frente, conquistaremos a capital e todas as cidades do país!

Mulher: Ah, é mesmo? Se esse moreno é o Messias, onde é que está a espada dele?

Pedro: Escondida, caramba! Se ele a mostrar antes da hora, os romanos o farão engoli-las com bainha e tudo. Viva o Messias!

Todos: Viva, viva!

Pedro: E então, dona Ana?... Sim ou não?

Uma mulher: Não e não. Não vou. Eu estou doente.

Pedro: Que doente que nada! Você tem joelhos fortes para caminhar até Jerusalém!

Mulher: Mas, você está louco, Pedro? Se eu for a pé até lá, vocês terão de me trazer de volta num saco de farinha. Não contem comigo. Estou doente.

Pedro: Doente nada! Acontece que você está com medo, não é? Dona Ana, pense bem, sobre os covardes não se escreveu nada na história.

Mulher: E sobre os valentes se escreveu muito, mas eles não puderam ler porque tinham formigas na boca.

Jesus: Vamos Simeão, anime-se e venha conosco. Precisamos de gente como você, caramba, com pêlo no peito!

Simeão: Não, até que por mim eu iria, Jesus, mas...

Jesus: Mas, o quê?

Simeão: Minha família. Você sabe como é lá em casa... Minha mãe se preocupa muito comigo...

Jesus: E você se preocupa muito com sua mãe, e já vai completar trinta anos e ainda não cortou o cordão do umbigo.

Simeão: Olhe, Jesus, vamos fazer uma coisa. Eu vou conversar com meus pais sobre esse assunto... para eles irem fazendo uma idéia do que se trata... Devagarzinho, entende?

Jesus: Olhe, Simeão. Você acabou de decidir. Vai acontecer com você o mesmo que a um vizinho meu de Nazaré que saía para semear e agarrava o arado. Mas quando ia abrindo o sulco, voltava a cabeça de um lado para o outro, para cumprimentar todos que passavam pelo caminho... E, claro, no final ficava com o pescoço torto e os sulcos mais tortos ainda.

Simeão: Mas, Jesus...

Jesus: Simeão, quando se põe a mão no arado, é preciso olhar para frente. E nada mais.

Jesus: Escutem, amigos: se um pedreiro vai levantar uma torre, primeiro não conta quantos tijolos tem para não ter que parar no meio da parede? Ou, se um rei declara guerra a outro rei, primeiro não conta os seus soldados? E se ele tem dez mil e fica sabendo que seu inimigo tem vinte mil, antes de começar a batalha manda um mensageiro para fazer as pazes, não é mesmo? Nós vamos a Jerusalém, sim, mas... com quantos soldados contamos?

Um morador: Aqui tem um! Só preciso do uniforme!

Jesus: O uniforme é um bastão e um par de sandálias, companheiro!

Morador: Então já estou pronto! Irei com vocês a Jerusalém!

Jesus: E depois?

Morador: Como, depois?

Jesus: É que Jerusalém é só o começo!

Morador: Irei com você para qualquer lugar, fique tranqüilo.

Jesus: Está disposto a deixar o ninho?

Morador: Que ninho?

Jesus: O seu. Aquele que todos fabricamos para dormir quentinhos.

Morador: Por isso, não. Eu pego minha esteira e durmo numa boa!

Jesus: E se não tivermos esteira?

Morador: A gente arranja alguma pedra para se encostar.

Jesus: E se tirarem a pedra?

Morador: Então eu durmo em pé, diacho! As mulas não fazem assim, e parece que se saem muito bem!

Jesus: Você é um dos nossos, sim senhor! Podemos contar com você!

Júlio: Escute, Jesus, eu também quero ir com vocês.

Jesus: Pois então, venha. Quem lhe disse que não?

Júlio: Ninguém, mas... estou com medo, essa é a verdade. Você bem sabe que mataram meu pai quando eu ainda era pequeno. Minha mãe ficou viúva, com cinco filhos e nenhum centavo. Meu pai

foi um valente, sim, mas... o que ele conseguiu? Isso já faz muitos anos e, de lá pra cá, as coisas não mudaram nada...

Jesus: Seu pai perdeu a vida, mas não deve ser por isso que você deva perder a esperança. Se a perder, estará mais morto que seu pai.

Júlio: Sim, talvez seja isso. Mas, sinceramente, estou com medo. Eu sei como essas coisas são. Quem mexe com fogo, acaba se queimando.

Jesus: Mas produz luz. De fato, Júlio, a vida a gente ganha quando a perde. Meu pai José também perdeu a vida por ajudar uns infelizes que fugiam de uma matança injusta. Sua vida foi curta, mas valeu mais que a de outros que se protegem tanto que acabam cheirando à traça. Seja corajoso, homem!

Pedro: Com esse rapaz não se pode contar, Jesus. Deixe-o pra lá! Está com medo.

Jesus: E você não, Pedro?

Pedro: Eu? Medo eu? Rá! Fique sabendo que eu nunca encolhi o umbigo. Olhe, Jesus, nós já estamos metidos até o pescoço nesta história de Reino de Deus. Deixar por deixar, já deixamos tudo, até o medo! Acho engraçado esse pessoal que quer montar no barco na última hora. No início, quando tudo começou, nos olhavam como a um bando de malucos. E agora, todos querem vir a Jerusalém.

Jesus: Pois quanto mais vier melhor. Você não acha, Pedro?

Pedro: Sim, claro, mas... não pode furar a fila. Nós já estamos remando este barco há muito tempo, não é mesmo? Eu penso, moreno, que quando conquistarmos Jerusalém e cantarmos vitória... tem que sobrar algo de especial para nós...

Jesus: Algo de especial, Pedro?

Pedro: Jesus, veja se me entende... não é que a gente faz isso por interesse, mas...

Jesus: Ah, estou entendendo. Fique despreocupado, Pedro. Eu lhe prometo cem por um. Para cada problema que você tinha antes, agora terá cem problemas mais. E cem brigas mais e cem perseguições.

Pedro: Bem, moreno, eu acho que quem rói o osso, tem direito de comer da carne, não? Todo mundo gosta de sentar-se à cabeceira...

Jesus: Mas, Pedro, onde já se viu o empregado pegar a cadeira do patrão?

Pedro: Não, o que estou dizendo é que...

Jesus: Você não disse nada. Quando acabarmos de fazer o que Deus nos mandou, você e todos nós diremos uma coisa só: a tarefa está terminada, cumpri com meu dever. E nada mais.

Durante aquela semana de vai e vem por Cafarnaum para avisar a todos, Jesus não se cansava de falar com as pessoas...

Jesus: Eles vão dizer que estamos dividindo e agitando o povo. Pois isso é verdade. De agora em diante, até numa família haverá divisão: se houver cinco, estarão divididos, três contra dois, dois contra três, e o filho estará contra o pai e a filha contra a mãe e a sogra contra a nora. Porque ninguém pode mais cruzar os braços. O que não recolhe, esparrama. O que não luta pelos pobres, luta contra os pobres e faz o jogo dos de cima.

Todos: Muito bem, Jesus! Assim é que se fala, moreno!

Jesus: Amigos, Jerusalém nos espera! Deus estará conosco em Jerusalém e nos libertará da escravidão como libertou nossos avós do jugo do faraó! Nós também atravessaremos o Mar Vermelho e sairemos livres!

Nunca havíamos visto Jesus tão inflamado como naqueles dias. Seus olhos brilhavam como os do profeta João, quando gritava no deserto. Como João, falava com pressa, como se as palavras se apertassem em sua garganta, como se lhe faltasse tempo para dizê-las todas e fazê-las chegar até os ouvidos dos humildes de nosso povo.

O tema da “hora” de Jesus é de muita importância no quarto evangelho. Com esta palavra, João designa o momento culminante da vida de Jesus, que se inicia com sua última viagem a Jerusalém. A “hora” é para a teologia de João, o momento em que Deus vai intervir de forma definitiva, o momento da consumação da Missão do Messias (momento final, escatológico). É o momento da glorificação de Jesus e da irrupção do Reino de Deus na história. Tudo isso que soa grandiloquente, poderia ser expresso assim: O compromisso assumido por Jesus no momento de ser batizado no Jordão vai chegar até às últimas conseqüências. Até à entrega da vida. Não devemos ver nisso nada de fatalismo. Como se Jesus tivesse preparado toda sua atuação para este momento e houvesse ido a caminho da morte, sabendo de antemão tudo o que ia acontecer. Não, Jesus desenvolveu uma atividade, teve projetos e planos, e neste episódio aparece um deles, que depois seria seu último plano: sacudir com a boa notícia do Reino de Deus os alicerces de Jerusalém, cidade satisfeita e injusta que era o centro do poder religioso e sócio-político daquele tempo.

Na pessoa de Jesus, em sua psicologia, em suas palavras, em suas ações descobre-se continuamente um elemento dominante: a pressa, a urgência. Do ponto de vista puramente histórico, Jesus se nos apresenta como um homem que acreditou na chegada iminente do Reino de Deus. Viveu convencido de que a intervenção definitiva de Deus em favor dos pobres se realizaria imediatamente, que os tempos finais estavam à porta. Por isso, para ele, cada minuto era precioso. Por causa desta urgência que o inspirava e impulsionava fala como fala: de guerra, espada e fogo. Tenta sacudir os que estão adormecidos e acreditam que há tempo de sobra. Muitas palavras e parábolas de Jesus precisam ser situadas neste ambiente de crise em que ele viveu historicamente e na crise futura e final que ele via como iminente e necessária para a chegada da justiça de Deus. Isso não nos deve fazer pensar em Jesus como um iluminado fanático, semelhante a esses pregadores de catástrofes, que ainda percorrem as ruas e povoados assustando as pessoas. Mas tampouco se pode esquecer esta visão que Jesus teve frente à sua época, se quisermos ser fiéis aos dados que o evangelho nos transmitiu.

No momento em que Jesus empreende sua última viagem a Jerusalém, já é conhecido como profeta, tanta na Galiléia como na capital. Jesus conta com o apoio das pessoas do povo e conta também

com o ódio e perseguição dos dirigentes. Sua aposta para ir a Jerusalém parte dessas duas certezas: sabe o que está arriscando, sabe também a importância do gesto profético que pode realizar em Jerusalém, no próprio Templo. Conta com a morte, mas está convencido de que a vitória será de Deus. Sabe que o Reino só se conquista com risco e dor e está disposto a pagar esse preço confiando no poder de seu Pai. Como se pode ver, aqui não há fatalismo, mas lucidez a respeito das forças que estão em jogo, coragem para o risco, confiança cega – mas não iludida – no poder de Deus, mais forte que todos os poderosos.

Neste ambiente de urgência situam-se as “vocações” de três conterrâneos de Jesus. Ao primeiro, propõe a comparação do arado. Os primitivos arados da Palestina exigiam do camponês uma atenção máxima no trabalho, pois qualquer descuido poderia estragar tudo. É um sinal do que supõe a vocação para o Reino: compromisso contínuo e com todas as suas conseqüências. Uma atitude frívola não serve para uma tarefa que traz tantos riscos. Ao segundo, pede austeridade. Não “ter onde reclinar a cabeça”. A vocação exige renúncia: à própria comodidade e à própria tranqüilidade. Finalmente, a vocação exige estar disposto a dar a própria vida (Mt 16, 24-26), superar o medo de morrer. Nada torna o homem mais livre. Homens e mulheres de qualquer estado social são chamados para o trabalho do Reino. Cada um o fará a partir de sua situação familiar, social ou profissional. No entanto, não há maior perfeição no monastério do que na rua, nem mais cristianismo num padre do que num leigo. Todos os textos que no evangelho se referem a vocações são um chamado para todo o povo de Deus. Jesus pediu a todos o mesmo compromisso. Este compromisso – e Jesus o sabia bem – traria dores e sofrimentos. Não se deve sair procurando por eles, pois eles virão dos que se opõem ao projeto de Deus.

Quando se diz que Jesus é sinal de contradição, é preciso levar isso muito a sério. Sua pertença do mundo dos pobres e o fazer deles os destinatários da mensagem do amor de Deus, fizeram dele uma pedra de escândalo. Nela tinham de tropeçar necessariamente os poderosos e os sábios do seu tempo. Não podiam tolerar tudo o que Jesus fazia e dizia, colocando absurdamente o nome de Deus no meio, fazendo de Deus o último responsável. Jesus era plenamente consciente das animosidades que essas atitudes despertavam (Mt 10, 34-35).

A vocação é algo mais que o simples desejo de ser bom (de ser “perfeito”, como às vezes se formulou). É orientar toda a vida de forma radical a uma direção que se torna difícil, conflitiva, nada tranqüilizadora. Jesus veio trazer a espada, não a paz (Mt 10, 34). O caminho supõe tensões, renúncias, decisões firmes. Também estratégias inteligentes (Lc 14, 28-33). E não dar demasiada importância ao que se faz (Lc 17, 5-10).

Por vezes, interpretou-se que a “vocação” é só uma coisa de padres e freiras. Mas a maior parte dos textos que fazem referências aos chamados de Jesus – também os deste episódio sobre o “cem por um” (Mt 19, 27-29) – foram monopolizados pelos religiosos. Isto é errado. Homens e mulheres de qualquer estado social são chamados ao trabalho pelo Reino. Cada qual o fará a partir de sua situação familiar, social ou profissional, mas não há maior perfeição no monastério que na rua, nem mais cristianismo em quem é padre ou em quem é leigo. Todos os textos em que o evangelho se refere a vocações são um chamado para todo o povo de Deus. Jesus pediu a todos o mesmo compromisso. Este compromisso – e Jesus o sabia bem – trará dores e sofrimentos. Não que se deva sair à sua procura, mas que eles virão a partir daqueles que se opõem ao projeto de Deus e os sábios do seu tempo. Não podiam tolerar tudo o que Jesus fazia e dizia, colocando absurdamente o nome de Deus no meio, fazendo de Deus o último responsável. Jesus era plenamente consciente das animosidades que suas atitudes despertavam (Mt 10, 34-35).

(Mt 8, 18-22; Lc 9, 57-62)

Capítulo LV

PELO BURACO DE UMA AGULHA

Rubens: Mas, Névio, você está falando sério?

Névio: Claro que sim, amigos. Por que não acreditam?

Tito: Mas o que aconteceu? Brigou com sua noiva? Ou seu pai lhe negou a herança?

Névio: Nem uma coisa, nem outra.

Rubens: Então você está com febre.

Névio: Nada disso. Eu me sinto perfeitamente bem. E me sentirei melhor quando chegar na frente do profeta e lhe disser: profeta, conte comigo! Eu também quero juntar-me ao seu grupo e viajar a Jerusalém e comer a Páscoa na cidade de Davi”.

Tito: Você não vai se atrever!

Névio: Me atrever a quê?

Tito: A dizer isso ao profeta.

Névio: Então você não me conhece! Pois hoje mesmo eu vou e direi isso!

Rubens: Quanto você quer apostar, Névio?

Névio: O quanto vocês quiserem. Vinte denários?

Rubens: Quarenta é melhor.

Tito: Não, não, não, um barril de vinho. Assim, quando você voltar com o rabo entre as pernas, o beberemos juntos e você poderá afogar seus sonhos revolucionários com o delicioso suco da uva.

Rubens: Rá, rá... Vamos, agora não pode voltar atrás. Venha, jure.

Névio: “Juro, prometo e determino: esta aposta bem vale um barril de vinho.”

Tito: Era só o que nos faltava ver em Cafarnaum! Névio, o filho de dom Fanuel também mordeu o queijo e caiu na ratoeira do profeta nazareno, Rá!

Rubens: O que dirá o “papaizinho” quando souber que você quer se juntar a essa chusma?

Névio: Por mim, que diga o que quiser, pouco me importo! Ele faz a vida dele, eu faço a minha.

Rubens: Quem te viu e quem te vê, heim Névio! O senhorzinho da cidade vai beijar os pés de um camponês, meio bruxo, meio agitador!

Névio: Digam o que quiserem, mas esse Jesus é um grande sujeito. Tem coragem, caramba! Temos mais que ouvi-lo.

Tito: Temos mais que cheira-lo. Fede à cebola e perfume de rameira!

Rubens: Diga com quem andas...

Tito: Quer dizer então que o nazareno lhe passou a sarna!

Névio: Rá, se a inveja fosse sarna, vocês já estariam se conçando...

Rubens: Inveja? Inveja, nós? Rá, rá, rá... Não, fique sossegado, eu estou muito tranqüilo em minha casa, com muitos criados e pouco trabalho!

Tito: E eu também!

Névio. Pois eu não. Estou decidido a mudar de vida. Quero fazer alguma coisa de grande! Nesta mesma tarde vou procurar o profeta e dizer-lhe que viajarei com ele à capital e depois a...

Rubens: Depois vai logo tomar um banho para tirar os piolhos que lhe deu de presente o profeta dos mortos de fome! Rá!

Tito: Mas, Névio, será que você não entende? O azeite não se mistura com a água. Esse sujeito não é dos nossos. E você não é dos deles. O que você vai procurar então?

Rubens: Eu não sei o que você vai procurar, Névio, mas sei muito bem o que vai encontrar: Um carraspana contra seu pai e contra os ricos e adeus, até à vista!

Névio: Isso é o que vocês pensam! Mas eu lhes digo que Jesus é um sujeito aberto. Tenho certeza de que ficará contente em me ver. Eu posso lhe ser útil. Tenho dinheiro, tenho boa preparação, tenho...

Tito: O que você tem é uma aposta para pagar, não se esqueça!

Rubens: Então, está combinado: um barril de vinho! De acordo, Névio?

Névio: De acordo, amigos.

Névio era o filho caçula de Fanuel, um dos ricos latifundiários de Cafarnaum. Era um rapaz alto e forte, a quem nunca faltou boa comida, boas roupas e a melhor escola. Ajudava seu pai na administração da fazenda e lhe sobrava tempo para gastá-lo com seus amigos... Naquela tarde, Névio saiu da luxuosa casa onde vivia e foi ao bairro dos pescadores, pela ruazinha que segue junto ao mar...

Simãozinho: Pule, danado, pule logo!

Renato: Pocotó, pocotó, pocotó... vamos, cavalo!

Simãozinho: Meu cavalinho pula mais que o seu, veja só! Rá, rá, rá!

Renato: Agora é minha vez!

Névio: Ei, garotos, é aqui que mora Jesus de Nazaré?

Simãozinho: Puff...! É, ele está ali dentro, consertando uma porta... Moreno, estão te procurando!

Jesus: Então já me acharam! Quem é?

Simãozinho: Um senhorzinho!

Quando Névio chegou à casa, Jesus estava sozinho. Minha mãe remendava as redes no cais e o velho Zebedeu, meu irmão Tiago e eu estávamos, como sempre, pescando no meio do lago...

Jesus: Ei, você não é um filhinho de Fanuel, o fazendeiro?

Névio: Sou eu mesmo. De onde me conhece?

Jesus: Você sabe, em Cafarnaum a gente acaba conhecendo as orelhas de todo mundo... Bem, esta porta já está firme... Nem o anjo exterminado conseguirá derrubá-la!... O que eu não sei é o seu nome...

Névio: Névio. Já me chamo assim faz dezoito anos!

Jesus: Muito bem, Névio... Dizem por aí que embora seu pai seja um bandido, você é boa gente...

Névio: Não sei não. Acho que a única boa pessoa que temos por ora na cidade é você mesmo, nazareno.

Jesus: Eu? Por que diz isso?

Névio: Porque é verdade. Você e seu grupo são os únicos que estão fazendo alguma coisa para que as coisas mudem em nosso país.

Jesus: Pois para você não conviria muito que elas mudassem, não é mesmo?

Névio: Não, não, Jesus, você é um grande sujeito. Eu sempre disse isso.

Jesus: E eu sempre disse que o único grande sujeito é Deus. Os demais cravam um prego aqui e outro acolá, assentamos um par de tijolos e vamos fazendo o que se pode...

Névio: É sobre isso que eu vim conversar. Eu também quero pôr meu tijolo e ajudar a levantar a parede.

Jesus: Você?

Névio: Sim, eu. Está achando estranho, não é mesmo? Claro, eu entendo, o filho de Fanuel! Mas não se deixe levar pelas aparências, nazareno. Você e eu podemos nos entender muito bem, você vai ver...

Jesus: Espero que sim... Venha, sente-se aqui... e vamos conversar...

Jesus guardou o martelo e os pregos e se sentou no chão. O filho do latifundiário fez o mesmo...

Névio: Por toda a cidade não se fala em outra coisa que da viagem a Jerusalém.

Jesus: De que viagem?

Névio: Qual poderia ser? A de vocês.

Jesus: Ah, sim, claro...

Névio: Eu pensei bem e decidi: pode contar comigo, Jesus.

Jesus: Não me diga que você também está com o comichão...

Névio: Não posso ir com vocês?

Jesus: Claro que pode, homem! Você é bem-vindo. Fico muito contente. Tenho certeza que todos os outros ficarão contentes também.

Névio: Eu achava que sim... Enfim, Jesus, vamos ao que interessa. O que exatamente vamos fazer em Jerusalém? Já tem algum plano? Conte para mim.

Jesus: Bem... o plano é tentar dar uma virada no bolo.

Névio: Que bolo?

Jesus: Em tudo isso que está aí... Vamos construir um novo céu e uma nova terra onde todos os homens possam se dar as mãos, possam sorrir e viver felizes... O que você acha do plano?

Névio: Eu gosto, sim. Soa bonito!

Jesus: Mas, é claro, para chegar até lá, há um pequeno problema... “para que os que têm menos tenham mais, é preciso que os que têm mais tenham menos”.

Névio: Como é?... Isso é um trava-língua?

Jesus: Não, é algo muito simples, escute: por que há gente que passa fome em Israel? Porque outros comem o dobro da ração. Por que há meninos andando pelas ruas descalços e maltrapilhos? Porque outros têm sete túnicas e catorze pares de sandálias no baú. Uns têm só um grãozinho de trigo no bolso, outros um celeiro cheio. Está entendendo, Névio?

Névio: Entendendo o que?

Jesus: Que a única maneira de nivelar um buraco é rebaixando uma montanha. O plano de Deus é nivelar, compreende? O que você acha?

Névio: Sim, está certo... Enfim, voltando à viagem, diga-me, quantos irão a Jerusalém?... Muitos? Poucos?... Quem você convidou?

Jesus: Bah, convidar, convidamos todos... Mas você sabe como é essa gente... Primeiro “sim, sim”, depois “me esqueci”.

Névio: É, eu imagino. Muita conversa e nada mais, não é isso, Jesus?

Jesus: Isso mesmo. O que precisamos é de gente que pegue bem firme no arado e empurre com força o Reino de Deus.

Névio: Pois eu estou aqui para cerrar fileiras, pode contar! Na verdade, não que eu queira me incensar, mas desde pequeno me ensinaram os mandamentos de Deus e desde pequeno eu os cumpro. Eu nunca roubei.

Jesus: Mas também nunca passou fome...

Névio: Nunca matei ninguém. Nem mesmo tive vontade de fazê-lo.

Jesus: Mas também nunca sentiu nas costas as chicotadas do capataz...

Névio: O que? Não acredita em mim?... Estou falando sério, Jesus, juro que nunca fiz mal a ninguém...

Jesus: Não precisa jurar. Eu acredito em você. Claro... os zangões também não fazem nada de mal na colméia...

Névio: Ah, já sei onde você quer chegar... Pois saia pela rua e pergunte quem em Cafarnaum deu mais esmolas do que eu.

Jesus: E quem mais poderia dá-las se todo mundo não tem sequer uma agulha no bolso?

Névio: Bem, sim, mas... Voltando à viagem... Você já pensou no que vamos precisar para a caminhada? Eu acho que é preciso levar algumas coisas.

Jesus: Bah, não se preocupe com isso, Névio...

Névio: Se está precisando comprar alguma coisa, pode falar...

Jesus: Comprar, não. Vender.

Névio: Vender? Vender o que?

Jesus: Vender tudo. Deixar tudo para ter as mãos livres.

Jesus se fixou nas mãos do filho de Fanuel. Não tinham calo nem ruga. Depois, levantou os olhos e o olhou com simpatia...

Jesus: Escute, Névio, Moisés também foi criado numa casa rica. A filha do faraó o alimentou bem, deu-lhe a melhor roupa e a melhor escola do Egito. Mas um dia, o senhorzinho Moisés foi visitar seus irmãos e viu um capataz egípcio chicoteando um pobre escravo hebreu. E Moisés sentiu tanta raiva que matou o capataz. Perdeu tudo, sua casa, suas comodidades. Ficou sem nada e perseguido pela polícia do faraó. Então se fez digno de seu povo. Então pôde se aproximar dos escravos, de igual para igual e chama-los de irmãos e ajuda-los a serem livres. Vamos, Névio, comece por aí e depois pode voltar para continuarmos falando da viagem...

Névio: Eu vou pensar, Jesus... sim, pode crer, eu vou pensar...

Névio olhou Jesus sem saber o que dizer. Em seguida, levantou-se do chão, sacudiu a túnica nova que se havia enchido de pó e saiu da casa.... Tinha o rosto muito triste.

Pedro: Ei, moreno, o que o filho do Fanuel veio procurar por aqui?

Jesus: Veio me ensinar uma brincadeira, Pedro.

Pedro: Uma brincadeira?

Jesus: Sim, você vai ver... Simãozinho, corre aqui... Venha cá um momento... venha!

Jesus se aproximou da porta e chamou o filho de Pedro, que continuava brincando na rua com um grupo de crianças...

Jesus: Ei, Simãozinho, do que vocês estavam brincando?

Simãozinho: De pulo do cavalinho. Pocotó, pocotó, pocotó...!

Jesus: Quer aprender outra brincadeira, uma que você ainda não sabe?

Simãozinho: Sim, sim. Como é?

Jesus: Preste atenção. É a brincadeira do camelo. Você é o camelo. Vamos lá, fique de quatro pés... assim... Você tem uma corcunda grande nas costas... E isso é uma agulha, está vendo?

Jesus juntou os dedos formando um pequeno círculo com eles...

Simãozinho: E agora, o que eu faço?

Jesus: Você está vendo esta agulhinha. O camelo tem que tentar passar pelo buraquinho da agulha. Se passar, ganha. Se não passar, perde.

Simãozinho ficou olhando a mão de Jesus. Depois se levantou do chão...

Simãozinho: Essa brincadeira é muito sem-graça, Jesus, tchau. Pocotó, pocotó...!

Jesus: Essa era a brincadeira que o filho do Fanuel queria brincar. Mas o camelo não consegue passar pelo buraco da agulha. Até os meninos sabem disso, Pedro.

Rubens: Pelo visto, Névio, hoje teremos que afogar as mágoas no suco da uva!

Tito: “Juro, prometo e determino...”

Rubens: Que sua aposta valeu bem um barril de vinho! Rá, rá...!

Tito: Vamos lá, Névio, alegre essa cara e vamos brindar pela sua cabeça que estava perdida e agora voltou a se colocar sobre os ombros! Rá, rá, rá...!

Os amigos de Névio entraram em sua casa, abriram um barril e começaram a beber e jogar conversa fora. E o filho do latifundiário, entre risadas e vinho, foi esquecendo a viagem a Jerusalém...

Este texto evangélico, usado freqüentemente para ilustrar o tema vocacional, tem palavras nada tranqüilizadoras para os ricos. Diríamos que é um relato no qual Jesus se mostra pretensamente “demagógico”. A primitiva tradição cristã foi fiel a esta dura crítica feita por Jesus às riquezas e nunca encontrou justificção possível diante dos que acumulam dinheiro. Os santos padres da Igreja também foram “demagógicos” ao falarem deste tema: “Acertadamente o evangelho chama riquezas “injustas”, pois toda riqueza não tem outra origem que a injustiça e ninguém pode se fazer dono dela a não ser que outro perca ou se arruíne. Por isso, parece-me acertada o ditado popular que diz: os ricos o são por sua própria injustiça ou por herança de bens adquiridos injustamente”, dizia São Jerônimo, quatrocentos anos depois de Jesus (Epístola 120, 1).

Névio é o que chamaríamos hoje um “revolucionário de boteco”. O que ele sente é o que, justamente o que às vezes se entendeu por “vocaçãõ”: uma indefinida inquietação para ser melhor, para ajudar os outros. Há também nele uma certa má consciência por um lado e, por outro, o desejo de cotejar-se com Jesus, um líder que arrasta pessoas, e assim ganhar importância diante de seus amigos.

É bom desmistificar o “jovem rico”. Muitas vezes foi apresentado como um bom rapaz, puro, honesto, cumpridor de todos os mandamentos, mas “não apto para a vida religiosa”, porque não foi corajoso o suficiente para seguir o “conselho” de Jesus: “vender tudo e dar aos pobres”. Este não é

o posicionamento do evangelho. Jesus não está dando um “conselho” para os que buscam a perfeição. Jesus apresenta ao rico a única posição válida para entrar no Reino: a perspectiva dos pobres. Pôr-se no lugar deles, compartilhar sua vida, fazer sua a causa da libertação deles. Não se trata de um conselho isolado, mas de todo um projeto de vida. O jovem rico não praticou grandes males, mas deixou de fazer muitos bens. Seu pecado é de omissão. E quando Jesus lhe mostra onde está sua falha – na falta de sensibilidade diante do pobre – ele continuará cego, obstinado no seu individualismo, satisfeito com sua vida “decente”.

Esta incompreensão que o dinheiro produz nos ricos, tão freqüente, tão comprovável a cada dia, é que leva Jesus a fazer essa exageradíssima comparação do camelo e a agulha. Não se trata nesta frase da agulha de uma porta oriental – por causa de sua forma – como às vezes se pretendeu indicar, para assim açucarar a comparação de Jesus. (Dizia-se que o buraco de agulha das portas orientais era muito estreito, mas que se se abaixasse um pouco a corcunda do camelo, podia-se passar...) Não, trata-se de uma agulha de costura. E trata-se do camelo, o maior animal conhecido na Palestina. Um camelo nunca poderá passar por esse buraco. Nunca. Com essa exagerada comparação, Jesus quer simplesmente dizer: É impossível, a não ser que Deus faça um milagre. Estas comparações extremas são, por outro lado, típicas da expressão oriental e Jesus as empregou com freqüência para assegurar que não se desvirtuasse a radicalidade de sua mensagem.

A “decência” de Névio, seu bem viver agir, é posta em questão por Jesus. Porque, bem alimentado, bem educado, com o futuro garantido, tinha todas as facilidades para ser bom, para não se ver na necessidade de roubar, para não sentir empurrado para a violência. A “moral” de algumas pessoas não é mais que um luxo. Sua posição econômica lhes permite, além de viver muito bem, ser bons. E mais, ser considerados os tais pela sociedade. Enquanto que para muitas pessoas que vivem na miséria, as trapaças, a agressividade, e às vezes a prostituição ou outras formas de “pecado” não são vícios, mas a conseqüência lógica de sua situação desesperada ou sua única forma de sobrevivência.

(Mt 19, 16-24; Mc 10, 17-25; Lc 18, 18-25)

Capítulo LVI

OS QUE MATAM O CORPO

Tiago: Chegou a hora, companheiros, a hora da vitória!

Simeão: Em três dias estaremos em Jerusalém e em três horas a capital será nossa!

Júlio: E então, que os traidores se preparem! Fora com eles!

Simeão: Os romanos, fora!

Júlio: Os herodianos, fora!

Tiago: Os saduceus, fora também!

Um morador: Ei, você, escute aqui. Quem vai ficar dentro?

Tiago: Nós, pedaço de idiota, nós sentados sobre doze tronos e com o cetro do poder entre os joelhos.

Morador: É mesmo, Tiago? Você acha que chegaremos a isso?

Tiago: Não acredito. Tenho certeza! E por isso vou com o nazareno e com todo o povo! Anime-se, homem! Vai ser algo grande, e fim de papo! Depois, você vai se arrancar os bigodes por não ter ido!

Ana: Pode crer, comadre! Jesus disse que vai pegar Jerusalém de surpresa. E que no Templo não vai ficar pedra sobre pedra!

Rufina: E depois, o que vai ser?

Ana: Como o que vai ser? Depois da batalha, é repartir o botim! Eu estou de olho nas cortinas do átrio. E nas mantas!

Rufina: Pois eu me conformaria com um desses candelabros que tem sete anjinhos de ouro!

Uma moradora: E o que vai sobrar para mim, heim? As sete velas? Ao diabo com essas duas!

A cada dia eram mais moradores e moradoras de Cafarnaum que se animavam a viajar conosco a Jerusalém para celebrar a Páscoa daquele ano. Acredito que tínhamos idéias bem diferentes do que aconteceria por lá, durante as festas. Cada um levava dentro uma esperança diferente. Mas todos sonhávamos com ver chegar o grande dia da libertação do nosso povo...

Júlio: Ouça bem, Cleto: o céu se abrirá de par em par! Então, Deus meterá seu dedo entre as nuvens e dirá: esse moreno é o Messias! Vão com ele e aonde ele disser! Está entendendo, Cleto? Ele na frente e nós atrás!

Cleto: E atrás de nós, os soldados, com suas lanças, não é? Não, não, deixe-me em paz que eu não vou a lugar algum!

Júlio: Como não? Mas, e quando Deus esticar o dedo...?

Cleto: Se o esticar, que o chupe, pouco me importa! Mas não vou com vocês nem amarrado.

A notícia da nossa viagem a Jerusalém logo saiu de Cafarnaum e foi ecoando através do vale, de povoado em povoado, de porta em porta, até chegar a Nazaré e bater na casa de Maria, a mãe de Jesus...

Susana: Maria, comadre Maria! Já está sabendo? Seus primos não disseram nada?

Maria: Sim, Susana, já estou sabendo. Jacó veio contar-me agora há pouco.

Susana: Se Jesus não está louco de vez, não parece muito bem! Mas, diga-me você, Maria, será que esse moreno, seu filho, não pode ficar um pouco sossegado? Afinal, com o que você o criou, com leite ou pimenta malagueta?

Maria: Estão dizendo que vão setecentos, oitocentos, mil homens com ele. Um exército inteiro!

Susana: Sim, claro, um exército de formigas para brigar com um gigante!

Maria: Bem, Susana, Davi também saiu para lutar contra Golias e ganhou!

Susana: Ah, é mesmo? Trocando de camisa agora? Só me faltava isso agora! Comadre Maria, nessa viagem tem dente de coelho, escute o que estou falando.

Maria: E qual é o dente de coelho, Susana?

Susana: Política, revoluções... O moreno está com a água até o pescoço.

Maria: Pois se ele está em perigo, não sou eu que vou ficar aqui tranqüila. Parto hoje mesmo para Cafarnaum.

Susana: Mas, o que você está dizendo, Maria? Não está lembrada? Da outra vez que você foi buscalo ele a mandou passear. Jesus já não faz caso de você.

Maria: Agora não vou brigar, Susana, mas ficar ao seu lado. E ajuda-lo no que puder. E se for preciso, vou com ele a Jerusalém, e aonde mais for necessário!

Susana: Mas, Maria, espere, deixe-me explicar...

Maria: Você explica no caminho, Susana. Você vem comigo, não é?

Susana: Eu? Mas, Maria...!

Maria: Venha, Susana, depressa, temos de sair antes que caia a noite...

Susana: Ai, Deus santo, mas, que doença é essa?!

Jesus: Mas, mamãe... e você, Susana... o que estão fazendo aqui em Cafarnaum?

Susana: Vamos com você e com todos os cabeludos que o seguem para celebrar a Páscoa em Jerusalém.

Jesus: Mas, vocês estão ficando loucas?

Susana: O único louco por aqui é você, Jesus, mas essa é outra história.

Maria: Jesus, meu filho, isso está parecendo um caldeirão fervendo. As pessoas não falam de outra coisa que esta viagem à capital.

Jesus: Falam, falam... Na hora da verdade, quantos ficarão?

Susana: Bom, aqui você tem duas formiguinhas a mais no formigueiro.

Jesus: É o que estou vendo. Mas acho melhor que voltem a Nazaré. As coisas já estão bastante complicadas e vão se complicar ainda mais. Não sabemos como isso vai acabar.

Maria: Por isso mesmo, filho. Daqui a gente não sai. Se você for a Jerusalém, vamos com você. Se voltar para a Galiléia, voltaremos para a Galiléia juntos.

Jesus: Mas, mamãe, você não percebe que...

Maria: Não gaste sua saliva, Jesus. Você não me fez caso quando o mandei voltar a Nazaré, lembra-se? Pois agora eu faço ainda menos caso de você. Iremos a Jerusalém. Venha, Susana, vamos falar com Salomé, a mulher de Zebedeu, para que ela arranje um cantinho para nós na casa dela, vamos...

Faltavam ainda duas longas semanas para a festa da Páscoa, mas os moradores de Cafarnaum já estavam preparando suas mochilas. Todos estavam entusiasmados com a viagem. Naquele dia, quando vi Jesus falando com Pedro, me dei conta de que ele estava preparando alguma...

Pedro: Mas, Jesus, como vou dizer isso?

Jesus: Acredite em mim, Pedro. É melhor assim.

Pedro: Mas isso é como espantar o jumento antes de atravessar o rio...

Jesus: Pior ainda é espantar no meio da correnteza e acontecer com a gente o mesmo que aconteceu com os cavalos do faraó...

Pedro: Está bem, se você está dizendo, eu farei. Mas depois não se queixe. Eu bem que avisei!

Naquela noite, a lua parecia um grande pão redondo partido ao meio. As pessoas do bairro estavam reunidas conosco no cais, pedindo a Jesus que lhes falasse o que fariam ao chegar a Jerusalém...

Júlio: Muito bem, Jesus, por onde vamos começar, heim? Pela Torre Antônia, ou pelo palácio de Herodes?

Simeão: Eu acho que a primeira coisa é dar um belo chute na bunda do gordo Caifás!

Ana: Na capital vão ficar logo sabendo quem são os galileus se todos fizermos a mesma coisa!

Um morador: Eu sonhei esta noite com o momento em que entrávamos em Jerusalém com a bandeira do Messias nas mãos! Viva Jesus, hozana!

Quando estávamos mais inflamados, Jesus fez um sinal a Pedro...

Pedro: Pois o que eu sonhei foi outra coisa, companheiros...

Ana: E o que você sonhou, Pedro? Vamos lá, conte para nós, que um bom sonho vale mais que uma boa sopa.

Pedro: É melhor eu não dizer... afinal, é um sonho...

Vários: Não, não, conte! Desembucha, Pedro, vamos!

Pedro: Está bem. Vamos lá com o sonho. Vejam só... sonhei... sonhei que todos nós estávamos caminhando por um longo vale, caminhando... e, de repente, quando levantamos a cabeça... vimos um abutre fazendo círculos no céu, sobre nós. E cada vez que acabava uma volta, vinha outro abutre e ficava junto com ele, e voavam juntos, asa com asa... e depois, mais outro, e outro... e, no final eram muitíssimos abutres, um bando de urubus negros dando voltas sobre nossa cabeça, esperando...

Quando Pedro disse aquilo, todos engolimos em seco. As mulheres se olhavam com o canto dos olhos. Alguns mordiam as unhas sem se atreverem a perguntar nada.... Foi Julinho, um garoto meio bobo, quem rompeu o silêncio...

Um garoto: Escute, Pedro, esse sonho aí... o que quer dizer, heim? Dá para explicar...?

Pedro: Explique você, Jesus. Certamente você sabe melhor do que eu o que ele significa.

Jesus: Bem, Pedro, eu acho que aqui todos entenderam... Amigos, que ninguém venha enganado. O Reino de Deus tem um preço. O preço do sangue. E os grandes de Jerusalém vão fazer a gente pagar. Eles não perdoam o que andamos dizendo aqui pela Galiléia. Muito menos perdoarão o que vamos jogar na cara deles quando chegarmos à capital. Os lobos saem de noite para procurar o rebanho e se

escondem e esperam o melhor momento para saltar sobre as ovelhas e despedaça-las. Assim eles farão conosco. E depois, nos darão de presente aos abutres.

Júlio: Ei, Jesus, não seja tão pessimista, caramba! Primeiro, o Pedro, agora, você...!

Jesus: É que não vamos a uma festa, mas a uma luta. E o inimigo é muito mais forte que nós. Hoje estamos aqui. Amanhã podemos estar na cadeia. Todos corremos perigo. E muitos de nós seremos perseguidos de povoado em povoado, arrastados diante de Herodes e Pilatos, e os chefes dos sacerdotes nos agredirão nas sinagogas e... muitos de nós perderão a vida.

Cleto: Não fale assim, Jesus. Nós seremos os vencedores. Não é você que vai à nossa frente?

Jesus: Por isso mesmo, eu serei o primeiro a cair. Os profetas sempre morrem em Jerusalém.

Todos nos olhamos com inquietação e sentimos o ar frio da noite como um punhal que nos transpassava a carne e os ossos. As palavras que Jesus continuou dizendo já não serviram para mais nada...

Jesus: Mas não se assustem, amigos. Não se deve temer aqueles que matam o corpo mas não podem matar nosso espírito. Deus está conosco. E Deus já contou até o último cabelo de nossa cabeça e não permitirá que nossa luta seja estéril. É bem possível que caiamos nesta luta. Mas então daremos mais fruto, como a semente quando cai na terra.

Eu estava sentado no chão, com a cabeça entre as mãos. Quando ergui os olhos, vi Ismael e seu companheiro Neftali que já iam longe pela rua do cais. Gente do bairro, o velho Simeão, dona Ana e os gêmeos também se foram, meio encabulados. Depois, de repente, um grupo mais numeroso de homens e mulheres, como se obedecessem a uma ordem silenciosa se levantaram e se perderam na noite...

Pedro: Covardes! Tomara que o diabo apareça e lhe meta um tição bem aceso na boca de todos vocês, charlatães!

Tiago: O exército saiu correndo antes de pôr o uniforme!

Pedro: Bem que eu o avisei, Jesus, que os galileus têm sangue de galinha! Olhe só os que ficaram, nós doze, os mesmos de sempre!

Tiago: E sua mãe Maria e a comadre Susana!

Madalena: E eu também, diacho! Ou será que as madalenas não são gente?

Tiago: O que essa zinha faz aqui?

Madalena: O mesmo que você. Eu disse a Jesus que ia, e aqui estou. Vou com vocês a Jerusalém.

Pedro: Ninguém vai com ninguém, Maria. A viagem fracassou.

Jesus: Por que você diz isso, Pedro?

Pedro: Abra os olhos, Jesus... Todos se foram. Somos um punhadinho de nada...

Jesus: E daí, Pedro? Você não se lembra de Gedeão? Foi para a guerra com trinta mil homens e chegou com trezentos. Os outros se foram. Sentiram medo e dobraram os joelhos. Mas com aquele grupinho, o Senhor lhe deu a vitória contra seus inimigos. Sim, somos um rebanho pequeno. Mas Deus levantará o cajado e nos defenderá dos lobos. Não tenhamos medo: Deus estará conosco em Jerusalém.

Tiago: Você está falando sério, Jesus?

Jesus: Claro que sim, Tiago. Amanhã mesmo saímos para a capital.

Pedro: Mas ainda faltam duas semanas para a Páscoa...

Jesus: Temos que andar depressa. Aqui já não podemos mais ficar. Há muitos espiões e muita vigilância. Vamos, companheiros, ergam esse ânimo! Amanhã de manhã vamos pôr o pé na estrada! Deus vigiará conosco. Jerusalém nos espera!

Pedro: E os abutres também!

Naquela noite fomos todos dormir sobressaltados. Poucas horas depois, quando o sol ainda não havia saído, nos espreguiçamos, pegamos os bastões, as mochilas e começamos a marcha pelo caminho das caravanas. Cafarnaum ficou para trás. As barcas dos pescadores já adentravam o lago. Diante de nós, a três dias de caminho, Jerusalém nos esperava.

A idéia que Jesus tinha sobre a chegada iminente do Reino de Deus não era igual à de seus discípulos nem à dos moradores de Cafarnaum. Embora todos esperassem a chegada do Reino, alguns a reduziam a aspectos individuais, outros à oportunidade de uma justa revanche contra os romanos, outros se juntam sem saber muito bem para onde ir, enquanto outros compreendem com maior profundidade. O momento do crivo se dá, geralmente, quando se começa a enxergar os riscos, os perigos, o preço a pagar. Então, os prudentes, os pouco convencidos, os mais acomodados ou os covardes abandonam o barco. O compromisso com o evangelho é sumamente exigente. E à medida que um cristão amadurece nele, vai descobrindo as conseqüências desse compromisso para sua vida. Mas também irá descobrindo a força de Deus para assumi-las.

Maria viveu esse processo de maturação de sua fé. Seu “sim” a Deus foi coisa de cada dia, de cada nova oportunidade que se apresentava. Ela não poderia ser o modelo de nossa fé e de nossa esperança, se não tivesse duvidado, se não tivesse arriscado, mesmo quando não via com clareza. Neste momento do relato, sabendo o que Jesus arriscaria em sua viagem a Jerusalém, também quer participar com ele, compartilhar esse risco. Já não se opõe – como no início da atividade de Jesus – nem permanece à espera do que possa acontecer, mas quer colaborar. Sua fé amadureceu e aqui chega a um ponto decisivo do processo: a solidariedade diante do perigo.

Ao empreender esta viagem a Jerusalém, Jesus teve que contar com a possibilidade de uma morte violenta. Seus enfrentamentos com as autoridades religiosas, violando deliberadamente a Lei (especialmente, a do sábado, miolo central do sistema social e religioso daquele tempo), punham sua vida em perigo. E ele estava plenamente consciente disso. Na Galiléia, Herodes tinha jurisdição para mandar mata-lo e, de fato, pretendeu fazê-lo (Lc 13, 31). Na Judéia, para onde Jesus irá, a

sentença só poderia ser dada pelos romanos, mas sua decisão de realizar no templo um ato profético, o colocava em gravíssimo perigo diante das autoridades civis, tão ligadas aos sacerdotes.

No tempo de Jesus, o povo considerava os profetas como mártires, por terem sido perseguidos pelos reis do país e muitos deles assassinados por causa de suas denúncias. Isaías, Jeremias, Ezequiel, Amós, Miquéias, Zacarias, eram para o povo de Israel, mártires nacionais. Jesus tinha consciência de ser herdeiro da tradição profética iniciada com Elias e continuada até João Batista. Ele se sabia um profeta. Por isso, sem procurar diretamente a morte, não podia esperar para si mesmo um destino melhor do que aquele que tiveram os grandes homens de seu povo.

O evangelho nos diz que Jesus “predisse” sua paixão. Fala-se, inclusive de três dessas predições, mais insistentes à medida que se aproximavam os dias da sua morte. É preciso ter cautela com esses textos, para não tirar deles a conclusão de um Jesus adivinho de sua própria vida, que sabia de antemão tudo o que ia acontecer e que por isso mesmo, sofreu “menos” por conhecer o bonito desenlace da sua história... Se o interpretarmos assim, desumanizamos Jesus e transformamos sua morte e ressurreição em uma peça de teatro. Como todo homem, ele estava a par dos riscos, mas não conhecia as circunstâncias. E, como todo homem, se viu surpreendido por elas e procurou modificá-las. Tudo parece indicar, por exemplo, que Jesus contou com a morte por apedrejamento (Mt 23, 37), pelo que seria enterrado como delinqüente em uma vala comum (Mc 14, 8) e que também, logo depois de sua morte, seus discípulos também seriam violentamente perseguidos e mortos (Lc 22, 35-38). Também pensou que Deus não permitiria seu fracasso, que não o abandonaria. Tanto pensava assim, que não se explica sua angústia na cruz. No entanto, as coisas não aconteceram como ele pensava: Jesus morreu, ainda que não apedrejado e foi enterrado em um sepulcro digno e as autoridades deixaram seu grupo em paz. Tudo isso nos indica que Jesus, efetivamente, contava com a possibilidade de um desfecho violento, nada mais que isso. Sua consciência de estar em perigo não pode ser interpretada como um vaticínio infalível de tudo o que iria acontecer. O assassinato de Jesus aconteceu na história, submetido a circunstâncias históricas concretas – e portanto variáveis. Foram aquelas as circunstâncias, mas poderiam ser outras. A paixão e morte de Jesus são fatos acontecidos na história. Não são o cumprimento fatal do desígnio de um Deus alheio à história nem de “profecias” predeterminadas. São acontecimentos fruto da liberdade humana. Jesus foi livre para arriscar-se em sua atividade durante meses e com seu gesto no Templo. E foram livres os que o mataram. Na paixão, ninguém será marionete de Deus, mas todos estarão no jogo das liberdades dos homens, tanto a dos assassinos, quanto a do que foi assassinado por causa da justiça.

(Mt 10, 16-33; Mc 13, 9-13; Lc 12, 4-12; 21; 12-19)

Capítulo LVII

O FOGO DA GEENA

Junto à cidade de Jerusalém, ao pé das muralhas do sul, estende-se um barranco pedregoso que no nosso tempo chamávamos de Geena. Desde que o profeta Jeremias amaldiçoou aquele lugar onde foram oferecidos sacrifícios ao deus pagão Moloc, a Geena foi utilizada como lixão público... As moradoras de Jerusalém saíam ao entardecer pela porta chamada do Lixo, com as sobras de comida, com galhos secos ou carregando animais mortos e jogavam tudo aquilo na Geena. Depois, um queimador de imundícies borrifava tudo com enxofre e botava fogo...

Pedro: O que eu me pergunto é de onde sai tanto lixo nesta cidade! Olhe só esse fogaréu!

Felipe: Diacho, tomara que o vento não sopra porque se essa labareda se voltar para nós, estamos fritos!

Susana: Tapem o nariz que isso fede mais que o fiofó do diabo!

Deixamos para trás o grande fogo da Geena e atravessamos o outro vale, o do Cedron, caminho de Betânia. Já era noite quando chegamos à taberna do nosso amigo Lázaro, onde nos hospedávamos...

Lázaro: Até que enfim vocês estão mostrando as fuças de novo! Marta, Maria... aqui estão nossos compatriotas galileus com mais fome que um exército de lagostas... Mas, não se preocupem, a Palmeira Bonita lhes oferece hoje a especialidade da casa: cabeças de cordeiro assadas em fogo brando!

Pedro: Olhe, Lázaro, nem me fale de fogo nem de animais mortos porque acabamos de passar pela Geena e ali havia a mesma especialidade da casa!

Maria: Bem, bem, rapazes, todo mundo lavando as pantorrilhas e vamos comer que a mesa está servida. Vamos, vamos...

Pedro: Pode crer, Lázaro, um pouco mais e quase queimo o focinho. Nunca mais torno a passar perto da muralha quando estiverem queimando o lixo!

Lázaro: E já imaginou o que você vai fazer, Pedro, quando o queimarem no fogo do inferno... quando vier o diabo agarrá-lo pelos cabelos e jogar você no Lixão da Eternidade?

Pedro: Rá! Ele não vai me pegar! Neste dia meus cabelos já terão caído, como os do Natanael! Afinal, os carecas merecem alguma vantagem, não?

No quintal da taberna, ao redor de uma mesa destrambelhada que cheirava a vinho azedo, estávamos sentados os doze do grupo, Jesus e as mulheres e outros galileus que se hospedavam com Lázaro e suas irmãs. Das cabeças de cordeiro já não restavam nem os olhos. Um par de lamparinas de azeite, penduradas nas paredes, projetava sombras misteriosas nos rostos de todos os que estavam ali reunidos...

Pedro: Podem crer, camaradas, quando estava olhando o fogo da Geena fiquei como os caranguejos quando se põe uma brasa diante de seus olhos... assim, teso. E depois, senti como que uns calafrios aqui nas costas.

Felipe: Calafrios piores eu senti quando vi o que fizeram com um amigo meu...

Maria: O que fizeram, Felipe?

Felipe: Foi horrível. Amarraram-lhe os pés e as mãos enfiaram-lhe um trapo na boca para não gritar, o levaram ao alto da muralha e entre quatro o balançaram como se fosse um saco de farinha e, um, e dois, e três e... Plash! Foi horrível!

Natanael: Deixe de ser loroteiro, Felipe. Isso é uma história que você está inventando agora!

Felipe: Uma história, Nata? Está bem, quando a fogueira se apagar, pode ir lá recolher suas costelas tostadas no lixão.

Lázaro: Pelo menos, na Geena a fogueira se apaga. Dizem que no inferno o fogo queima e queima e queima... e é como se lhe botassem um tição aceso aqui na pança e que não se apaga nunca.

Susana: Que o Altíssimo nos proteja, amém, amém!

Maria: Parem com isso, Felipe e Lázaro! Não podem falar de outra coisa?... A comida não está lhes fazendo bem?

Lázaro: A mim está fazendo muito bem. E a você, Felipe?

Felipe: A mim também. Mas claro, a eles nem tanto...

Maria: A eles quem?

Felipe: Aos pobres cordeiros que nós comemos. Se eles pudessem falar, diriam o que é sentir-se com um pau atravessado pelo espinhaço e dando voltas em cima de uma fogueira!

Lázaro: Pois... não querendo insistir na mesma toada, dizem que o demônio também tem um espeto desse tamanho para enfiar nos condenados e assá-los em fogo lento.

Felipe: Não, homem, assim não acabaria nunca. O que ele tem é um panelão de quarenta pés de largura e ali, nas borbulhas de azeite fervendo, vai cozinhando seus amigos.

Natanael: Vão vocês para o diabo ou calem a boca de uma vez! Vocês conseguiram arrepiar até os pelos do meu sovaco!

Maria: Eu também estou com os dentes rangendo!

Um saduceu: ... Rá, rá, ráaaaa...!

Um homem corpulento e com muitas verrugas no rosto havia dado uma ruidosa gargalhada...

Maria: Pois olhe só, a gente pode saber por que você está rindo assim?

Saduceu: Rá! Estou rindo de todas essas besteiras que vocês estão dizendo. Eu não acredito em nada disso.

Maria: Não me diga! Então você não acredita no inferno, conterrâneo?

Saduceu: Não. Eu acredito que quem gosta de morto é sepultura, quem está vivo quer mais é fartura. O resto são histórias para espantar criança. Com a morte, tudo se acaba!

Felipe: Ah, já sei, você é um saduceu...

Saduceu: É isso mesmo, e daí? Eu sou um sujeito racional, que não usa a cabeça só para pôr turbante, mas para pensar.

Maria: E o que você pensou, já que pensa tanto?

Saduceu: O que disse aquele outro: “comamos, bebamos que amanhã morreremos”! O resto é idiotice!

Lázaro: Mas, como é que você pode falar assim, amigo?

Saduceu: Porque tenho provas. Quer uma? Escute: eu conheci uma mulher que se casou e poucos dias depois seu marido morreu. Casou-se outra vez e outra vez e o marido morreu. E outra vez, e outra vez e outra vez... e aquela mulher ficou viúva de sete homens. Depois, ela também morreu.

Maria: E o que você quer dizer com isso?

Saduceu: Que não pode haver outra vida depois desta porque se houver, com qual dos sete maridos essa mulher vai ficar?... Vamos lá, respondam... Não conseguem, não é mesmo? Com isso fica demonstrado que os mortos não ressuscitam.

Pedro: Não, homem, não, o que fica demonstrado é que esta mulher teve muito pouca sorte!

Saduceu: Pois eu digo que essa é uma prova contundente!

Pedro: E eu digo que isso é uma solene estupidez!

Saduceu: Não existe nada, companheiros, nem céu nem inferno. Ninguém mais acredita nessas histórias!

Tobias: Eu sim. Como não vou acreditar no inferno... se agora mesmo eu vim de lá?

Todos voltamos o rosto para Tobias, o velho cameleiro, que não havia aberto a boca a noite toda. Era um homem magro e musculoso, muito queimado pelo sol. Parecia feito de raízes...

Tobias: Sim, amigos, eu venho de lá. Estive quatro dias no inferno. E espero não voltar nunca mais...

Natanael: O que... que lhe aconteceu...? Conte pra gente...

Tobias: Sabem o que é? Eu faço a rota do deserto, a que vai de Bercheba até Hebron...

Naquela noite soprava o vento gelado de Temam. Eu estava com o sono atrasado de muitos dias e descí do camelo, enrolei-me na minha manta de lã e adormeci sobre a areia... E enquanto eu dormia, o camelo se assustou com o zumbido do vento, se espantou e se perdeu na noite...

Tobias: Ei, onde diabos você se meteu, animal das mil rebeldias?!... Camelooo!... Camelooo!... Com mil diabos, quando você voltar vou lhe cortar a corcova com um talho só!

Mas o camelo não voltou. Meu único companheiro naquele interminável caminho havia me abandonado. E com ele se foi também o cântaro de água, a comida, a lamparina...

Tobias: Camelooo!... Camelooo!...

Eu me senti desamparado naquela imensa escuridão. Não conseguia ver nem a palma da minha mão... Então me pus a andar, a caminhar sem saber para onde, a caminhar afundando-me naquelas dunas de areia do deserto, onde só vivem os escorpiões...

Tobias: Camelooo!... Camelooo!

Tinha sede, fome, cansaço... Mas isso não era o pior. O pior é que estava completamente só. Amanheceu e não havia nada nem ninguém ao meu redor. Continuei caminhando... Voltou a noite sem lua, fechada sobre minha cabeça como uma lápide de sepultura. Eu corria, gritava, mas ninguém me respondia, ninguém... Estava completamente perdido e totalmente só...

Tobias: E fiquei assim quatro dias e quatro noites naquele inferno.

Pedro: E como você saiu de lá, conterrâneo?

Tobias: As estrelas me salvaram. Elas são as amigas mais fiéis que um cameleiro pode ter. Pouco a pouco elas foram me orientando até que avistei, ao longe, uma pequena aldeia que chamam de Guerar. Juro pra vocês, amigos, que quando vi uma pessoa, corri até ela e me atirei a seus pés e os beijei e gritei de alegria. Eu não estava mais só. Acreditem, prefiro que me queimem na Geena se tiver alguém perto de mim, do que voltar a sentir-me como lá, sem ninguém ao meu lado. Porque isso é o inferno: ficar sozinho.

Quando Tobias, o cameleiro, terminou seu relato, todos nós respiramos fundo, como se nós também acabássemos de sair do deserto... As lamparinas de azeite continuavam crepitando sobre as paredes da taberna...

Pedro: Puff!... Escutem, companheiros, por que não mudamos de assunto? Estou com os olhos do cordeiro dançando aqui nas tripas...

Susana: Não é de estranhar, Pedro, também com tanto inferno... Por que não subimos um pouquinho até o céu? Lá, pelo menos, ninguém se sentirá sozinho, pode crer...

Felipe: Eu não sei você, dona Susana, mas aquela dos sete maridos vai ter mesmo que escolher, não é assim, saduceu?

Saduceu: Deixe essa coisa de saduceu, caramba! O que eu disse é que não pode haver céu porque, se houver, como é que essa viúva vai se arranjar?

Lázaro: E se não há, como é que os anjos se arranjam, heim? Onde ficam todos os anjinhos, diga?

Felipe: Os anjinhos... e anjinhas também. Porque deve haver de tudo, eu acho...

Maria: O Felipe já começou de novo com as suas. Claro que não, cabeção, lá em cima não tem nada disso.

Felipe: Ah, não? E então, o que se faz por lá, caramba? Chupa-se o dedo?

Susana: O que se faz é pôr-se de joelhos diante de Deus e adora-lo. É isso que se faz no céu.

Felipe: E depois, nada mais?

Susana: Depois você continua adorando porque o Senhor é três vezes santo e no céu estaremos todos assim, com as mãos postas, diante do trono de Deus, repetindo sem cessar “santo, santo, santo”... pelos séculos dos séculos.

Lázaro: Amém!... Ahummm...! Perdoe-me, dona Susana, mas só de pensar em tantos séculos e tantos “santo, santo, santo”... está me dando um sono...

Felipe: Mas aí eu pergunto, camaradas, não haverá outro lugar melhor para a gente ir? Porque, pra dizer a verdade, esse céu é um bocado chato...

Maria: Não há outro lugar, Felipe. Ou ao céu, ou ao inferno. Você escolhe.

Felipe: Bom, neste caso... quando me enterrarem, que alguém de vocês coloque os dados no meu bolso, porque se encontrar por lá algum querubim que goste de jogar e, entre um santo e outro, a gente tira uma partidinha... O que vocês acham, companheiros?

Jesus: Eu tenho uma idéia melhor, Felipe....

Felipe: Diacho, Jesus, já era hora de você abrir a boca! Vamos ver, solte sua idéia!

Jesus: Eu digo, porque você não pega os dados e comecemos o céu agora mesmo... Não precisa esperar pra morrer, homem!

Pedro: Eu apóio o moreno! Onde estão esses dados?

Felipe: Estão aqui, rapazes!... Vamos lá, quem vai jogar?

Lázaro: Eu!

Natanael: E eu também!

Jesus: Vamos, Lázaro, corre e traga umas boas jarras de vinho! E você, Maria, bote mais azeite nas lamparinas para que esses espertinhos não façam trapaças no escuro...! Marta, ponha mais lenha para queimar e tirar o frio dos ossos...! Vamos, vamos!

Jesus jogou os dados. E todos nós que estávamos ao redor da mesa, desde o saduceu até o cameleiro Tobias, entramos no jogo.

Felipe: Aposto cinco contra um que o céu deve ser desse jeito mesmo: uma festa de amigos!

Jesus: Pois eu aposto cinqüenta contra um que será ainda melhor!

Naquela noite em Betânia, Jesus nos ensinou que o céu será uma grande festa, sem fim... Então já não perguntaremos nada e ninguém poderá tirar nossa alegria.

O Vale da Geena rodeia Jerusalém pelo Oeste. Pelo Sul, junta-se ao vale do Cedron. “Geena” é a forma grega da palavra hebraica “Ge-Hinnom” (Vale do Hinnom). Neste vale foram oferecidos antigamente sacrifícios humanos ao deus pagão Moloc. Isso fez com que os profetas amaldiçoassem o vale (Jer 7, 30-33). Uns duzentos anos antes de Jesus, a crença popular era que neste lugar estaria situado um inferno de fogo para os condenados por suas más ações e este inferno recebeu o mesmo nome do vale: geena.

Por ser um lugar desacreditado e maldito, o vale da Geena tornou-se o lixão público de Jerusalém. No ângulo sudeste das muralhas abria-se a chamada Porta do Lixo, que dava para o vale. Por ela se jogava fora da cidade todos os detritos. Em Jerusalém havia varredores e parece que diariamente varriam as ruas da capital. Todos os escombros e detritos iam parar na Geena, onde eram queimados. O ofício de lixeiro estava na lista dos ofícios “desprezíveis”, por seu caráter repugnante.

Durante séculos, o povo de Israel acreditou que ao terminar a vida na terra, os mortos desciam ao “sheol”, um lugar situado nas profundidades da terra ou debaixo das águas, onde bons e maus misturados permaneceriam sem gozo nem pena alguma. O “Sheol” é mencionado 65 vezes no Antigo Testamento. Sempre como um lugar triste, onde não há esperança nem estímulo algum. Outros povos – como os babilônios – acreditavam num lugar semelhante (Jó 10, 20-22; Salmo 88, 11-13; Eclesiastes 9, 5 e 10). Esta idéia chega até o Apocalipse – último livro da Bíblia – quando se diz que é o Cristo que tem as chaves deste abismo (Ap 1,18). Só no final do Antigo Testamento aparece na mentalidade israelita a doutrina de que depois da morte haverá recompensas e penas para as boas ou más ações feitas durante a vida. O livro da Sabedoria, escrito uns cinqüenta anos antes de Jesus, já fala neste sentido (Sab 3,1-10; 4,7-19; 5, 1-22). São reflexões de caráter espiritual e moral. Mas, do ponto de vista histórico, a esperança na imortalidade individual, é encontrada nos livros dos Macabeus. Em 2Mac 12,41-46 e 2Mac 14,46. O mais interessante do que aportam os livros dos Macabeus neste sentido é o seguinte: diante da morte dos guerrilheiros israelitas que combatiam

pela libertação de seu povo contra tropas estrangeiras, o povo começou a intuir que os mártires da libertação nacional seriam ressuscitados por Deus, que os justos mortos injustamente, continuariam vivos e receberiam de Deus o prêmio por seu gesto de solidariedade com a causa de seu povo. Aqueles mártires não podiam ficar mortos. Não se fala no livro de ressurreição de todos os homens, mas destes, os caídos em combate. Isto é, a idéia da ressurreição surge em Israel a partir de uma história de insurreição. E assim como nas origens do povo Israel Deus é conhecido como “libertador”, ao ver que sendo eles escravos no Egito conseguem sua libertação com a ajuda de Deus, agora, uns cem anos antes de Jesus, Israel conhece o Deus “ressuscitador” quando, ao ver morrer em uma luta de libertação seus melhores homens, começa a entender que estes mortos são “dos que nunca morrem”.

O que acontecerá com os homens depois de sua morte é algo que preocupou todas as culturas, todos os povos, até nossos dias. O evangelho foi escrito por pessoas que eram herdeiras de uma série de idéias – umas mais antigas e outras mais recentes – sobre esses temas. Por isso não se pode tirar deles uma articulação homogênea sobre o que seja a vida além-túmulo. Porque não a dão. E porque o fato histórico da ressurreição de Jesus viria mudar completamente as idéias neste ponto para os que se chamavam cristãos, partindo do judaísmo. Jesus falou do fogo e do “ranger de dentes” porque era filho de seu tempo. Por isso não “dogmatizou” sobre esses temas. Falou assim porque assim se falava em sua época. E o fez inspirando-se no lixão da Geena. Sim, há uma coisa bem clara no pensamento de Jesus sobre a morte dos que são filhos do Reino, são justos, lutam pela justiça e amam seus irmãos: tanto sua vida quanto sua morte estão nas mãos de Deus, como está a vida e a morte dos pardais (Mt 10, 29). Não têm porque temer. A fé em Deus, Pai de Jesus, encerra a certeza de que venceremos a morte. Em resumo, o evangelho faz do “depois” da morte objeto de esperança. Frente à morte insuperável e ao silêncio que Deus guarda diante dela, a palavra de Jesus é isso: Esperança. A libertação que ele anuncia, vencerá também a “última inimiga”, a morte (1Cor 15, 26).

Jesus falou do cumprimento “pleno” do Reino de Deus, sem chamá-lo de céu. Mas, por experiência, sabemos que essa plenitude não se dá nesta vida, pois a morte sempre ameaça o ser humano. Três coisas caracterizam suas palavras sobre o futuro que aguarda o homem:

- 1. Não haverá ali “nacionalidades”, fronteiras, discriminações. Haverá uma igualdade plena, inclusive muito além das diferenças biológicas (Mt 22, 30). Jesus faz esta aparente – à primeira vista – “espiritualização”, e é preciso assinalar, por oposição às idéias que, em seu tempo, representavam os saduceus. Eles eram pessoas influentes e poderosas que não acreditavam em nada na vida após a morte, porque esta já os satisfazia o suficiente. Ligados ao poder romano e a seus benefícios econômicos, defendiam em sua “teologia” que a recompensa só se dava nesta terra, precisamente na forma de uma boa posição, dinheiro e privilégios. Sua falta de “esperança” estava, pois, bem justificada. Por isso, os saduceus eram ardorosos defensores do sistema estabelecido e descarados colaboracionistas dos romanos. Jesus rechaça esse materialismo saduceu como referência ao que possa ser a plenitude do Reino de Deus (Mc 12, 18-27).*
- 2. Jesus utiliza símbolos para falar do “mundo novo”: as pessoas verão a Deus com seus próprios olhos, a herança será repartida, ouvir-se-ão risos de festa, a família de Deus se*

sentará à mesa do Pai, o pão da vida será repartido etc. E tudo mudará. Os últimos serão os primeiros, os pobres serão ricos, os famintos serão saciados... Evidentemente, isso deve começar aqui na terra, e só assim teremos uma visão do que será depois a plenitude.

- 3. Jesus promete a plenitude do Reino de Deus, a salvação à comunidade. Nesta perspectiva, a imagem do banquete da festa, com a casa a transbordar (Mt 22, 1-14) é como que um resumo destas três características da linguagem de Jesus sobre o futuro. O “céu” será uma festa de pobres que não terá fim.*

As imagens que alguns pregadores e livros de religião deram, tanto do céu como do inferno, são perigosíssimas para uma autêntica maturação da fé. Quanto ao inferno, procuram aterrorizar e dão de Deus uma imagem de sádico que goza em ver sofrer os condenados em câmaras de tortura onde o fogo toma conta de tudo. Quanto ao céu, conseguem aborrecer e dão de Deus a imagem de alguém tão soberbo que a única coisa que quer é que se o contemple em seu trono de majestade, se lhe façam reverências, se lhe cantem e louvem, enquanto ele permanece distante e solene.

Em nada disso se percebe o Jesus do evangelho que falou de um Deus Pai cheio de ternura e que o revelou misturando-o a todos como um a mais, tendo compaixão de todas as fraquezas, alegrando-se nas festas, sofrendo a dor dos demais. O céu e o inferno estão bem perto de nós. O céu está na comunidade que compartilha e se alegra, no amor verdadeiro entre os seres humanos, na convivência, na relação, no gozo de estar juntos e saber que todos se querem e que ninguém procura dominar ninguém. O céu é a criatividade, o humor, a saúde, a vontade de viver, a brincadeira... O inferno está na sociedade. Quem se nega a ser irmão, a ser igual a todos, a servir, a compartilhar, poderá ter dinheiro, fama e poder, mas está cavando sua própria sepultura.

(Mateus 22, 23-33; Marcos 12, 18-27; Lucas 20, 27-40)

Capítulo LVIII

O JUÍZO DAS NAÇÕES

Naquele dia, depois de subir e descer muitas colinas, o mensageiro de Deus, com sua trombeta, abaixou o braço, chegou ao vale de Josafá...

Com a primavera, o vale estava todo coberto de erva muito verde e um regato de água cristalina corria sem fazer ruído. O mensageiro sorriu satisfeito, saudou o sol que acabava de despertar, e começou a subir à muralha de grandes pedras que se levanta junto ao vale... Quando chegou lá em cima, ao pináculo mais alto, apoiou-se bem sobre a pedra angular, respirou profundamente e fez soar a trombeta... Os ouvidos do mundo ficaram atentos. Os olhos adormecidos se abriram e todos os habitantes da terra, dos grandes aos pequenos, compreenderam que havia chegado a hora de prestar contas a Deus.

Depois de tocar a trombeta, o mensageiro colocou as mãos em forma de concha diante da boca e gritou a toda voz...

Mensageiro: Todos aqui!... Vamos, depressa!... Venham todos ao vale de Josafá!... Deus convoca o Juízo! Chegou o grande dia, em que o Senhor irá julgar todos os povos e todas as nações que viveram debaixo do sol, desde Adão até o último filho de mulher que haja nascido na terra...

O mensageiro desceu do pináculo da muralha e se dirigiu ao centro do vale, onde havia uma tamareira. Ali, debaixo de suas folhas verdes e brilhantes, estendeu uma pele de cordeiro que poderia muito bem servir de tapete. Depois, com ramos de árvore a destreza de sua faca fabricou um banco de madeira... Aquele seria o trono onde Deus iria julgar todas as nações da terra...

Quando o mensageiro levantou os olhos, viu as primeiras caravanas que assomavam pelo horizonte... Atrás delas viam-se outros grupos de homens e de mulheres, de velhos com barba branca, rebanhos inteiros de povos que vinham até o vale de Josafá para participar do grande juízo de Deus... O mensageiro saiu para recebe-los...

Mensageiro: Quem são vocês e de onde vêm?

Egípcio: Viemos da terra dos faraós e das pirâmides. Somos os egípcios, os filhos de um povo grande e numeroso como as areias de nossos desertos.

Mensageiro: A que deus vocês adoraram durante a sua vida?

Egípcio: Ao único deus verdadeiro! A Osíris, filho do sol e juiz dos vivos e dos mortos! Osíris, aqui estamos nós, teus servidores!

Mensageiro: Vamos, vamos, entrem e sentem-se por aí, sobre a relva...

E os egípcios entraram no vale de Josafá vestidos com túnicas verdes, tão verdes quanto a fertilidade das terras do Nilo...

Caldeu: Viemos da Mesopotâmia. Da terra que os dois rios abraçam e que serviu de berço a sete impérios.

Mensageiro: Qual é o deus de vocês?

Caldeu: O único deus verdadeiro, nosso protetor Marduk, dono e senhor da história, que renasce com o ano novo! Marduk, aqui estão teus filhos, os assírios e os babilônios!

E entraram no vale os habitantes da Mesopotâmia, com suas vestimentas de cânhamo e seus turbantes azuis, tão azuis como o céu que quiseram alcançar levantando a torre de Babel.

Mensageiro: E vocês, de onde vêm?

Grego: Viemos atravessando o grande mar, cheio de ilhas. Somos gregos, nascidos à sombra do Parnaso, em uma terra de sábios e artistas.

Mensageiro: A quem procuram?

Grego: A Zeus, o deus poderoso, o que se senta no sagrado Olimpo. Procuramos Hermes, Dionísio, Afrodite... aos mil deuses que nossos pais adoraram e a um deus desconhecido que não sabemos ainda como se chama...

E também entraram os gregos, com suas túnicas brancas como as colunas de mármore com que embelezaram seus templos...

Romano: Nós viemos de Roma, a dona do mundo. Sete colinas nos viram nascer e uma loba nos amamentou. Somos um povo guerreiro. Nosso deus é Marte, com seu capacete militar e sua lança. Os outros deuses não nos interessaram muito, essa é a verdade...

E os romanos, como um grande exército, atravessaram o vale e se sentaram sobre a relva. Estavam cobertos com capas vermelhas, vermelhas como o sangue de tantos inocentes que foi derramado por seus imperadores...

... E eram centenas de nações e milhares de povos que acudiam dos quatro cantos da terra e se apertavam no vale de Josafá, cada um com a cor de sua religião, cada um perguntando por seu deus... Então se apresentou outro povo, uma pequena nação...

Mensageiro: E vocês, quem são? De onde vêm e para onde vão?

Judeu: Por acaso não nos conhece? Somos os filhos de Abraão, de Isaac e de Jacó. Viemos da Jerusalém da terra e estamos a caminho da Jerusalém celeste.

Mensageiro: Pois terão de esperar. Aqui será celebrado o grande juízo.

Judeu: Esperar o que? Nós fomos circuncidados em nome do Deus de Israel, o único Deus verdadeiro. Onde está Javé, o deus de nossos pais? Responda!

Mas o mensageiro não respondeu. Somente apontou o vale. E os filhos de Israel, como um rebanho procurando seu pastor, também entraram e se colocaram, como todos, ao redor da tamareira... Iam cobertos com suas túnicas de listras pretas e brancas, 613 listras, tantas quantas os mandamentos que existem na lei de Moisés...

Mensageiro: Vamos lá, os do fundo... vamos, vamos, apressem-se. O juízo já vai começar... E quem são vocês, se é que se pode saber?

Ateu: Nós?... bem, nós somos... pessoas.

Mensageiro: A que deus vocês adoraram durante a vida?

Ateu: A nenhum. Nunca acreditamos nessas coisas...

Mensageiro: E por que vieram então?

Ateu: É isso mesmo que estamos nos perguntando. Mas, enfim, o que vamos fazer se nos empurraram até aqui?...

Mensageiro: Pois entrem e sentem-se... Deus os espera.

Ateu: Deus? Que deus?... Qual deles?

Mas o mensageiro não disse nada e apontou para o centro do vale, onde logo depois se sentaria o grande rei para julgar todas as nações da terra... Uma multidão imensa abarrotava o vale de Josafá. Os olhos de todos estavam fixos no pequeno trono de madeira que continuava vazio.

Egípcio: Mas, o que está acontecendo aqui? Até quando vão nos fazer esperar?

Uma mulher: Onde está Osíris, o deus dos egípcios?

Caldeu: Que Osíris que nada! Marduk! Onde está Marduk o deus dos mesopotâmios?

Grego: Não entendo o que pode ter acontecido... Zeus Olímpico nunca se atrasa.

Outra mulher: E muito menos Afrodite!

Judeu: Javé, Deus de Israel, abre os céus e desce depressa! Onde estás? Onde te escondes?

Ateu: Bem que a gente dizia que não existe deus. O trono ficará vazio.

Mensageiro: Silêncio! Silêncio!... Façam silêncio, por favor!

O mensageiro correu e voltou a subir no pináculo da muralha de onde se avistava todo o vale, agora coberto por aquele mar de cabeças que esperavam impacientes...

Mensageiro: Calem-se, caramba, que aí não há quem julgue ninguém!... Vamos, deixem-no passar!... Não percebem que ele já chegou?... Abram o caminho para ele!

Mas a multidão continuou discutindo e invocando cada um a seus deuses. E não se deram conta daquele rapaz magro, com a túnica cheia de remendos, que foi abrindo caminho entre todos... Levava em sua mão um bastão de viagem e parecia muito cansado... Ao fim, depois de muitos empurrões, o rapaz conseguiu chegar até o centro onde estava a tamareira de folhas brilhantes... Enxugou o suor, aproximou-se do banco... e se sentou.

Romano: Vejam, quem é aquele atrevido que se assentou no trono do Altíssimo?

Uma mulher: Ei, você, pé-de-chinelo, o que está fazendo aí? Está meio tonto por causa do calor? Pois fique em pé como todos nós, caramba, porque você não é melhor do que ninguém...! Veja só esse sujeitinho!

Então o mensageiro, tocando a trombeta, conseguiu um pouco de silêncio.

Mensageiro: Vai começar o juízo das nações! Que todos tirem as túnicas, as capas e os turbantes, a roupa toda!

Judeu: Mas, o que este maluco está dizendo? Se tirarmos nossos trajes, ninguém vai saber quem é quem, não é?

Uma mulher: Eu digo que devemos ficar juntos, mas não revoltados!

Mensageiro: Calem-se e obedeçam!

Rangendo os dentes, a multidão obedeceu àquela ordem e, num canto do vale se ergueu uma torre com os trajes amarelos, com as capas vermelhas e os turbantes azuis, com as túnicas de todas as cores... O mensageiro regou a torre com enxofre a ateu fogo... Num instante, num estalar de dedos, a fumaceira se elevou até o sol e só sobraram cinzas...

E todos os homens, os grandes e os pequenos, os que haviam viajado do oriente e do ocidente, do norte e do sul, ficaram de cueiros diante do trono de Deus... Então o rapaz magro que estava sentado à sombra da tamareira, se pôs de pé, apoiado em seu bastão, e começou a falar...

Rapaz: Amigos, perdoem-me por tê-los feito esperar... é que... acabo de sair da prisão e estava um pouco cansado... estava preso há muitos anos, indo de um cárcere a outro... e há muitos anos pedindo trabalho, batendo de porta em porta... Sim, trabalhei no campo, mas a fazenda não era minha... Semeei durante séculos sobre a terra alheia... Suei em tantas oficinas, dobrei o lombo em tantos teares, engoli o pó em muitas minas... e, para quê? Para ganhar um par de moedas e continuar passando fome. E continuar dormindo no chão, sem cobertor... e tremer de febre sem ter um trapo para jogar por cima... Caminhei muito pelo mundo. Nasci em muitas choças e morri em todas as guerras... Atravessei montanhas de miséria até chegar hoje aqui... Naveguei rios de lágrimas até

chegar a vocês... Vocês se lembram de mim, não é mesmo?... Ou será que não sabem quem eu sou?... Não me reconhecem?

Então se fez um silêncio de cerca de meia hora... Todos os habitantes da terra, amontoados no vale de Josafá, tentaram se lembrar de onde haviam visto aquele rapaz, porque seu rosto parecia muito conhecido, muito familiar...

Egípcio: Mas, aquele não é o Martim, que chegou naquela noite pedindo um prato de sopa?

Ateu: Não, homem, não, aquele é o Lalo, o sujeito que se meteu na greve dos camponeses e depois apanhou pra valer...

Uma mulher: Mas que coisa curiosa! Eu conheci uma viúva que era igualzinha a ele!

Enquanto todos discutiam, ouviu-se uma voz profunda, como a voz de muitas águas, que vinha de cima, de junto do sol...

Deus: O que fizeram com ele, fizeram comigo. O que deixaram de fazer com ele, deixaram de fazer comigo.

Então o rapaz que estava sentado no banco, sobre a pele do cordeiro, levantou o bastão que tinha na mão. Era como o cajado de um pastor. E com aquele cajado separou a imensa multidão que tinha diante de si, uns para um lado, e outros para o outro...

Caldeu: Escute, você, espere, e todos os sacrifícios que eu fiz em honra de Deus, heim?

Uma mulher: E as orações que rezamos dia e noite?

Grego: Eu queimei incenso, acendi velas, entrei em todos os templos e me ajoelhei diante de todos os altares!

Mas o rapaz, com o cajado na mão, respondeu...

Rapaz: Nada disso conta agora.

Judeu: Senhor, Senhor, em seu nome falamos, em seu nome pregamos, em seu nome até fizemos milagres!

Rapaz: Quem é você? Eu não o conheço.

Judeu: Como não me conhece? Como pode dizer isso? Eu era o sumo sacerdote do Templo!

Egípcio: E eu fui doutor e mestre da Lei!

Romano: E eu fui rei de quatro impérios!

Então o rapaz tornou a responder...

Rapaz: Nada disso conta agora.

Então o céu voltou a abrir-se e se escutou novamente a voz profunda do Deus escondido, do único Deus verdadeiro cujo nome é mistério e a quem nenhum mortal jamais viu...

Deus: Os deste lado, vão para fora. A vocês não importou a fome nem o frio nem a miséria de seus irmãos. Saíram daqui... Vocês sim, venham comigo. Vocês os que me viram com fome e me deram de comer. Os que me viram sedento e me estenderam um copo de água. Os que me abriram as portas de suas casas quando andava procurando um teto para passar a noite. Os que me fizeram companhia quando estava doente, quando estava preso... Os que lutaram pela justiça... Os que amaram seus irmãos... Não importa a que Deus tenham adorado... Venham comigo!

Então o mensageiro correu, subiu na muralha e tocou a trombeta pela última vez...

Mensageiro: O Juízo está terminado! Começa a Eternidade!

E, do alto do pináculo, o mensageiro de Deus viu como todos os homens do mundo formavam agora dois grupos, apenas dois... E se punham a andar pelos caminhos, apenas dois...

Era já o entardecer e o vale foi ficando novamente vazio, como no princípio.

Esta história nós ouvimos Jesus contar no átrio do Templo de Jerusalém, junto à Porta Dourada, a que dá para o vale do Cedron, e que nossos conterrâneos chamam também de vale de Josafá...

A parábola “do juízo final” é uma das mais importantes do evangelho. Fala do dia final da história, da sentença definitiva de Deus para os seres humanos. Na mentalidade popular, o juízo final aparece adornado com uma multidão de lendas e representações plásticas. A descrição que Jesus faz no evangelho deste último dia é transcendental para entender a novidade da mensagem evangélica. Estamos diante de um dos textos básicos que resume aspectos essenciais da teologia cristã.

A tradição de Israel situou no chamado “vale de Josafá” o lugar onde se celebraria o juízo final (Joel 4, 2 e 12). Josafá significa “Deus julga”. Mas este lugar era só um sítio simbólico e não geográfico. Há uns quatrocentos anos depois de Jesus, começou-se a identificar este vale de Josafá com o vale do Cedron, que separa o monte das Oliveiras, da zona sudeste de Jerusalém. Baseados nesta tradição, há várias gerações, muitos israelitas quiseram enterrar-se no vale do Cedron. Atualmente, esta zona que rodeia as muralhas de Jerusalém é um extensíssimo cemitério. Inumeráveis sepulcros se orientam para as portas da cidade santa. Ali os fiéis judeus mortos nesta crença esperam ser os primeiros a ressuscitar no dia do juízo das nações.

A imagem de grandiosidade que às vezes fazemos do que será o juízo foi praticamente suprimida neste episódio. Os anjos de Deus não são mais que pequenos mensageiros de voz infantil, a solene trombeta é uma corneta rouca, o trono de Deus é um banco de madeira etc. A solenidade da palavra definitiva de Deus ao final da história humana se dará no que é mais simples, no mais elementar, no mais pobre. Como aconteceu em Jesus – onde Deus se revelou a nós de forma definitiva - o juízo será também a confirmação do evangelho: Deus presente nos pobres, Jesus identificado para sempre com eles. Os povos que são mencionados neste episódio são os que no tempo de Jesus ou em séculos anteriores haviam influenciado mais o curso da história. Os gregos e os caldeus criaram duas das maiores culturas da antiguidade. Dominaram a astronomia, a aritmética, a arquitetura... Entre eles houve grandes sábios e filósofos. Mais próximos do tempo evangélico estão os gregos, pais de uma

civilização que influenciou decisivamente toda a Europa, com importantíssimas descobertas em todos os campos: na medicina, na história, na filosofia, nas matemáticas, na física, na biologia, na política etc. Contemporâneos de Jesus eram os romanos, que se destacaram principalmente no direito, na arquitetura, na organização militar. O outro grande povo mencionado no juízo é o próprio povo de Jesus, o povo de Israel, que trouxe à humanidade, entre outras muitas coisas, a fé inabalável em um único Deus que intervém na história. Para nosso tempo seriam outros os povos convocados: os norte-americanos, os russos, os chineses, os japoneses, os alemães... se considerarmos só as grandes potências políticas e econômicas. Se nos fixarmos nos grandes grupos religiosos, estariam os cristãos (católicos, protestantes e ortodoxos), os muçulmanos (povos árabes de diferentes nacionalidades), os judeus (fiéis ainda hoje a muitas tradições e leis do povo em que nasceu Jesus). Entre esses povos – como também aparece no episódio – estariam também os ateus, os que não têm fé em Deus, nem na vida depois da morte. Na hora do juízo final não importarão as diferenças de raças, nações ou idéias. Não importará o que se acreditou ou o que se deixou de crer – com a cabeça ou com a boca – mas o que se fez ou se deixou de fazer pelos outros. Isso unificará todos os seres humanos. De todos os tempos. Não haverá então roupagens de cores diferentes. Todos estarão nus diante de Deus com um único traje: suas obras de justiça.

Há três idéias teológicas essenciais neste texto evangélico do juízo final. A primeira é que o sentido da vida humana é a fraternidade, a união entre os homens. Fomos feitos por Deus para isso: para sermos irmãos. E sobre isso serão julgadas nossas vidas. Seremos julgados pelo amor que tenhamos tido aos demais e pela capacidade que tenhamos desenvolvido de criar no mundo condições fraternais de vida. Em segundo lugar, este amor não é uma idéia abstrata, um bom sentimento, uma palavra carinhosa. São obras concretas: dar de comer, vestir, visitar na prisão... E fazer tudo isso não necessariamente “por amor a Deus”. Basta que se faça por “amor ao outro”. Se realmente for assim, se estará fazendo a plenitude e segundo a vontade de Deus. E esta é a terceira idéia básica: Deus não nos julgará pelo que tenhamos feito “a ele”. Ninguém ama a Deus diretamente, nem ofende diretamente a Deus. Nós o amamos e o ofendemos no nosso irmão (1Jo 4, 19-21). A pessoa humana é o sacramento de Deus, a necessária mediação e o único caminho para chegar a ele.

Ninguém será julgado por sua doutrina, pelas idéias que teve sobre a religião, pelos dogmas em que acreditou. Essas diferenças que existem hoje entre as diferentes religiões e grupos não são fundamentais. Um diálogo profundo e sério nos faria ver já agora o quão próximos podemos estar uns dos outros, se nos dermos conta. Ninguém será julgado tampouco pelos atos de culto dirigidos a Deus: orações penitências, promessas, novenas, jaculatórias, primeiras sextas-feiras, escapulários, velas. Isso não contará no final. Só contará o dar de comer, o dar de beber, o dar de vestir... Coisas tão simples e tão básicas, as elementares “obras de misericórdia” salvarão o homem. Jesus – e isso é essencial na sua mensagem – considerará como feito a ele mesmo – e por ele ao próprio Deus – o que se tenha feito pelo homem.

É preciso evitar a interpretação deste amor e deste serviço em uma dimensão puramente individualista. Nosso próximo não é só o homem e a mulher individuais. É, e hoje mais que nunca, o homem na coletividade. São as maiorias, a classe social explorada, a raça marginalizada, o povo oprimido. Já Pio XII falava de uma “caridade política”. Dar de comer, não dar um prato de comida, por mais que às vezes isso seja urgente e necessário. Dar de comer é possibilitar que os povos comam e para isso é necessária mais que a beneficência, mas a transformação das estruturas econômicas que impedem que hoje todos possam comer. O mesmo poderíamos dizer de todos os atos de serviço pelos quais Deus julgará os homens. Se encontramos Deus em nosso irmão, o lugar privilegiado para esse encontro é o irmão empobrecido e despojado de sua própria condição humana pela ambição de outros homens. No final da história, Jesus, o pobre, nos julgará em nome

de todos os pobres. O sentido último da história passa por eles. Nosso compromisso com eles determinará nossa salvação ou nossa condenação definitiva.

(Mateus 25, 31-46)

Capítulo LVIX

COM DEUS OU COM CÉSAR

Funcionário: Mas, governador Pilatos, este imposto não lhe parece demasiadamente alto?... Seiscentos talentos de ouro são seis milhões de denários... Seis milhões de jornadas de trabalho!

Pilatos: O que eu disse, está dito: a província de Judéia pagará a Roma seiscentos talentos de ouro, nem um a mais, nem um a menos.

Funcionário: Muito bem, governador. Hoje mesmo informarei os coletores e o exército. Mas, para ser sincero, temo que haverá protestos e distúrbios de rua. O senhor sabe muito bem que o povo judeu é mais cabeça dura que uma mula.

Pilatos: O pescoço de uma mula cabeça dura se amolece com umas boas pauladas. Se não quiserem pagar o imposto, vão saber quem é Pôncio Pilatos.

Funcionário: E o que dirá o sumo sacerdote Caifás?

Pilatos: Bah, não vou perder o sono por causa desse gordo. Caifás é como uma prostituta: não tem segredos. Mas, em todo caso diga-lhe que quero vê-lo urgentemente, “que o governador tem a honra de convidá-lo a seu palácio para explicar-lhe as novas medidas tributárias”. Rá!

O governador romano Pôncio Pilatos assinou a ordem de novos impostos: a contribuição que a província da Judéia teria de pagar se elevava à enorme quantidade de seis milhões de denários. Também foram aumentados os direitos de alfândega e se forçava todos os israelitas recenseados ao pagamento de impostos pessoais... Os protestos populares não se fizeram esperar...

Um homem: Mas, o que Pôncio Pilatos está achando que é? Que vai continuar esticando a corda sem que ela arrebente?

Outro homem: Sanguessugas, isso é que os romanos são! Mas não lhes pagaremos nenhum denário a mais.

Uma mulher: Se não pagar, você não poderá nem sair nem entrar na cidade, meu belo! Você não sabe que eles têm tudo sob controle? Transformaram Israel numa enorme ratoeira!

Um homem: E nós em ratazanas, não é mesmo? Pois que seque a mão direita do israelita que pagar tributo ao César romano!

Os grupos dos zelotas se recusaram a pagar. Muitos simpatizantes e outros inconformados se amotinavam diariamente nas portas da cidade de Davi, vociferando contra Roma e derrubando as mesas dos coletores... Naquela tarde, José Caifás, sumo sacerdote do Templo de Jerusalém e máxima autoridade religiosa de nosso país, entrou apressadamente no palácio do governador romano Pôncio Pilatos...

Pilatos: Ilustre Caifás, em nome de Roma eu lhe apresento mais uma vez meus respeitos...

Caifás: E eu os meus, governador. Faz apenas um instante que recebi seu convite e aqui estou. Deixei de lado todos os outros compromissos...

Pilatos: Suponho que já sabe do que se trata, excelência. Das janelas de seu palácio no monte Sião dá para ouvir da mesma forma que daqui os protestos deste grupinho de fanáticos que não respeita nem a lei nem a autoridade. Você já pensou em alguma solução para esfriar essas cabeças quentes?

Caifás: Perdoe meu atrevimento, governador Pilatos, mas... não lhe parece algo excessivo a soma de seiscentos talentos de ouro para uma província pobre com a nossa?

Pilatos: Muito me estranha que você, sumo sacerdote Caifás, me faça esta pergunta. Principalmente você, que sabe tanto quanto eu dos enormes gastos do império, do dinheiro necessário para equipar um exército como o nosso, requisito indispensável para assegurar a ordem e a paz romana... Você sabe o quão custosa tem sido a construção e manutenção do aqueduto... E mais custoso ainda manter você e sua família sentados no Sinédrio!

Caifás: Compreendo, governador, compreendo e creia-me, faço idéia perfeitamente de todos os sacrifícios que o senhor tem feito pelo nosso país. Mas, apesar disso...

Pilatos: Apesar disso, nada! O dito, dito está. Seiscentos talentos de ouro. Se vocês, os chefes desse povo de mulas cabeçudas, não conseguirem coletar esse dinheiro, pagarão de seu próprio bolso. E se não quiserem, eu irei pessoalmente ao Tesouro do Templo, cuspirei no altar e pegarei dali o que estiver faltando. Está claro, excelência?

Caifás: Claro, claro, governador.. Perdoe se não soube me explicar bem... Afinal, não quis ofendê-lo nem tive a pretensão de alterar seus nervos...

Pilatos: Mas consegui sem pretender...

Caifás: Darei ordem agora mesmo aos magistrados do Sinédrio para que...

Pilatos: As ordens quem dá sou eu! O que você tem que fazer é tranqüilizar o povo. Para esta gentalha você, o sumo sacerdote, é a figura de Deus na terra. Quando eles vêem seu cangote é como se estivessem vendo o de Deus. Pois bem, diga a esses cabeçudos que César manda pagar os impostos. E que Deus manda a mesma coisa, porque Deus e César são amigos, muito amigos... tão amigos quanto você e eu, não é mesmo, excelência?

Caifás: Por certo que sim, governador, mas não estaria faltando...

Pilatos: Ah, é verdade, não se esqueça de passar amanhã ou depois pela torre Antônia para pegar seus ornamentos sacerdotais. Já que estão próximas as festividades da Páscoa...

Caifás: E... e depois das festas?

Pilatos: Fique despreocupado, excelência. Se você e sua família me ajudarem nesta necessária tarefa de tranquilizar o povo, você também poderá dormir tranquilo. Renovarei sua designação como sumo sacerdote para o próximo ano. Roma sabe ser agradecida com seus colaboradores...

Caifás, Obrigado, governador, o senhor sabe que pode contar comigo...

Pilatos: Informarei meu colega Sejano, que é tão amigo do imperador Tibério, sobre sua conduta exemplar ao longo deste ano...

Caifás: MUITÍSSIMO obrigado governador. Saúde sua digna esposa Cláudia Prócula de minha parte.

Pilatos: Também cumprimente de minha parte seu digno sogro Anás...

O sumo sacerdote Caifás saiu do palácio do governador romano com passo vacilante. Do lado de fora alguns membros do Sinédrio e seus guardas o esperavam, para leva-lo bem protegido em uma liteira, até sua luxuosa residência no bairro alto da cidade.

Caifás: Temos que ser prudentes, meus amigos. A entrevista, como lhes direi, foi muito cordial e cheia de respeito de ambas as partes. O governador Pilatos está na melhor das disposições de nos ajudar... se nós o ajudarmos também.

Um escriba: O que espera de nós, excelência?

Caifás: Que sejamos razoáveis com as novas medidas tributárias. E que façamos o povo ser razoável também. O mandamento diz: “honrarás teu pai e tua mãe”. Deus é nosso pai no céu. Roma é nossa mãe na terra. Os dois nos pedem obediência às leis. Isso é o que deve ser dito ao povo.

Em poucas horas, toda a cidade sabia que o sumo sacerdote Caifás apoiava os novos impostos ordenados pelo governador Pôncio Pilatos. Nas ruas de Jerusalém não se falava outra coisa...

Um homem: Se Roma é nossa mãe, é melhor ficar órfão!

Outro homem: Vá pro inferno, esse gordo do Caifás não faz outra coisa do que lambar o traseiro de Pilatos!

Uma mulher: Ei, vejam, aqueles não são os galileus que andam sempre com o profeta?... E, se não me engano, o nazareno está com eles!

Um homem: Ei, vocês, não se vão, esperem...!

Quisemos nos disfarçar no meio da multidão que saía do templo àquela hora, mas foi impossível. Eles nos rodearam. Queriam escutar Jesus... Mas nesse momento, abriu passagem entre as pessoas um grupo de sacerdotes, mestres da Lei, e herodianos que também nos andavam procurando...

Um escriba: Não se esconda, Jesus de Nazaré, que aqui todos lhe conhecem as barbas... É muita sorte que tenha vindo à capital, e mais ainda nestes dias... E então, o que você diz?

Jesus: Dizer sobre o que?

Escriba: De tudo isso que está acontecendo em Jerusalém.

Jesus: Explique-se melhor, amigo. Mal acabamos de chegar do norte e... e não estamos sabendo de nada.

Um fariseu: Não se faça de tonto, nazareno, que de tonto você não tem nem um pêlo...

Escriba: Muito menos tem pêlo na língua. Ao menos, assim dizem por aí, não lhe importa o que dizem ou o que não dizem, mas somente a verdade que é clara como a água. Pois fale claro então: deve-se pagar o imposto ao César de Roma? O que você diz?

Todos nós que estávamos perto de Jesus compreendemos a armadilha que estavam tramando aqueles partidários de Caifás. Jesus, no entanto, parecia tranqüilo...

Fariseu: E então? O profeta perdeu a língua?... Por que você tem medo de responder? Vamos, fale, deve-se pagar o tributo a César?

Jesus: Bem... isso depende...

Fariseu: Fale claro, sim ou não?

Jesus: Eu lhe digo que depende.

Escriba: E depende do quê?

Jesus: Do que você tenha no bolso. Eu, por exemplo, não posso pagar porque não tenho nenhum centavo!

As pessoas aplaudiram Jesus enquanto os sacerdotes o olhavam com expressão de desprezo...

Fariseu: A Lei não depende de nada, galileu. Todos temos obrigação de cumprir a lei. Ou não?

Jesus: Mas se eu não tenho nenhum denário para pagar o imposto, como posso cumprir a lei, diga-me?

Escriba: Pois tem que pagar. É Roma que está mandando.

Jesus: Mas se você não me der um denário, eu não posso pagar nada, ainda que quem esteja mandando seja o arcanjo Rafael.

Fariseu: Você não vai escorregar assim tão fácil, nazareno. Olhe, aqui você tem o denário. Tome, é seu... eu lhe dou de presente...

Um dos sacerdotes tirou de sua túnica um denário de prata e o deu a Jesus. O sol fez brilhar a moeda sobre sua mão calejada...

Fariseu: E agora, heim?

Jesus: Como que agora?

Fariseu: Você já tem o denário que precisava. O que vai fazer com ele?

Jesus: Bom... estava pensando em comprar um denário de pão com esta esmola que vocês me deram.

Escriba: Nós lhe demos este denário para você pagar o imposto. Queremos vê-lo frente à mesa dos impostos pagando sua contribuição a César.

Jesus: Pois eu acho que vocês me verão em frente à padaria. Com certeza César já comeu, e eu, no entanto, ainda estou em jejum.

Fariseu: Está querendo dar uma de engraçadinho, Jesus de Nazaré. Mas do César de Roma não se ri. O imperador Tibério é quem ordenou o pagamento desses novos impostos.

Jesus: E o que eu tenho a ver com esse imperador Tibério?

Escriba: O que tem a ver? Nosso país está sob o domínio de Roma. Todos os israelitas estão sob o domínio do César de Roma.

Jesus: Você pode estar. Eu não. Eu não dobro meu joelho diante desse tal Tibério nem de homem algum.

Fariseu: Tibério é o César. E o César é autoridade suprema na terra.

Jesus: Tibério é um homem como você e como eu. E a única autoridade é a do céu. O único chefe, o único imperador é Deus. Não há outro. E ninguém neste mundo tem o direito de chamar-se rei nem pai porque há um só, o de cima, e todos os demais são irmãos e valemos a mesma coisa.

Escriba: Como você pode falar assim? Os governos são postos por Deus. Os governantes fazem as vezes de Deus para o povo.

Jesus: Não me diga...?! Pois veja você que os governantes por aqui não fazem outra coisa que abusar do povo e carregar-nos de impostos e mais impostos para chupar de nós o pouco dinheiro que nos resta. E depois ainda têm o descaramento de chamarem-se benfeitores do país!

Escrita: Meça suas palavras, nazareno. Quem se rebela contra César se rebela contra Deus.

Jesus: Ao contrário, conterrâneo: quem se faz amigo de César se torna inimigo de Deus. Não se pode servir a dois senhores: ou fica com Deus ou com César!

Fariseu: O que você diz é quase uma blasfêmia. Caifás, nosso sumo sacerdote, acaba de declarar que temos de obedecer a César!

Jesus: E em nome de quem ele disse isso?

Fariseu: Em nome de Deus! Caifás representa Deus na terra!

Jesus: Diga melhor, em nome do diabo e de seus interesses.

Escriba: Como se atreve a falar assim do sumo sacerdote de Deus.

Jesus: Digam de minha parte a este sumo sacerdote que não se pode servir a dois senhores nem se pode usar a religião para adormecer o povo.

Escriba: Você já ultrapassou todas as medidas, camponês charlatão. Nós lhe demos um denário. Vai entregá-lo como imposto a César ou não?

Jesus: Eu acho que cada um deve ficar com o seu. A Deus o de Deus e ao demônio o do demônio. Veja a moeda... de quem é esta cara?... Olhe bem... Dele, de um homem igual a você e eu que quis subir ao céu para roubar o lugar de Deus. O demônio também fez a mesma coisa e caiu como um raio até lá embaixo. E assim cairão todos esses que põem sua cara e seu nome nas moedas que antes roubaram do povo... Aí está o denário: devolvam a ele vocês mesmos!

Jesus atirou a moeda aos pés dos sacerdotes e dos mestres da Lei, deu meia volta e se foi.

Uma mulher: É assim que se fala, diacho! Que viva o nazareno!

Fariseu: Agarrem esse homem, não o deixem escapar!

Os partidários de Caifás quiseram prender Jesus, mas também daquela vez ficaram só na vontade. Passamos a noite na casa de Marcos e, no dia seguinte, muito cedo, quando ainda as ruas de Jerusalém estavam meio desertas, saímos às escondidas até a Peréia, do outro lado do rio Jordão, onde antes o profeta João tinha estado batizando.

Desde o tempo do rei Salomão (uns mil anos antes de Jesus), o reino de Israel cobrava impostos de seus cidadãos, ainda que com uma organização não plenamente desenvolvida. Os persas e os gregos, que ocuparam o país (500 e 150 anos antes de Jesus), também estabeleceram o sistema de impostos. Com a dominação romana na Palestina, que começou a ser definitiva a partir do ano 6 da era cristã, impôs-se de forma rigorosa a cobrança dos tributos aos israelitas. De fato, o Estado romano reteve todo o excedente da produção do país numa ampla rede de alfândegas que estabeleceu para a cobrança dos diversos impostos. Através delas, controlava todo o movimento comercial da província.

Pilatos, governador da província romana da Judéia, era na Palestina o mais alto representante de Tibério César, imperador de Roma. Realmente, sua função principal era precisamente a de ser agente de finanças do império. Era essencial em seu cargo a super-vigilância da arrecadação de impostos. Em contrapartida, devia manter à rédea curta o povo, que periodicamente se insubordinava por causa da exploração econômica que supunha, entre outras muitas medidas, o

sistema fiscal romano. A província da Judéia devia pagar anualmente a Roma 600 talentos (seis milhões de denários) a título de impostos. (A diária de um trabalhador era de um denário). Os impostos que Roma cobrava na Palestina eram de três tipos: 1) impostos territoriais (pagava-se parte em produtos, parte em dinheiro); 2) impostos pessoais (de vários tipos: conforme a riqueza ou renda; havia outro que era geral e todos pagavam, exceto as crianças e velhos: o “tributum capitis” – por cabeça. A ele se refere o relato evangélico; 3) impostos comerciais (sobre todos os artigos de importação e exportação).

Os sumos sacerdotes – máximas autoridades religiosas de Israel – “pactuaram” com os romanos com a finalidade de manter seu poder e, sobretudo, sua privilegiada situação econômica. No tempo de Jesus foram sumos sacerdotes Anás (anos 6-15 depois de Jesus), alguns de seus filhos e, do ano 18 a 37, seu genro José Caifás), que é quem aparece no episódio. Ele pertencia, como Anás, à aristocracia sacerdotal e a uma das famílias mais ricas de Jerusalém. Caifás tratava de contemporizar com Pilatos e Pilatos o dominava com todo tipo de pressões políticas ou econômicas e até com ameaças. O meio que o governador romano usou foi, por exemplo, reter na Torre Antônia – quartel romano vizinho ao Templo – os sagrados ornamentos com que se revestia o sumo sacerdote para as grandes festas religiosas. O governador os entregava unicamente para as festas e depois tornava a guardá-los. (Este método também foi usado por Herodes, o Grande, e por Arquelau). Era todo um símbolo da falta de independência que tinha a autoridade religiosa com relação ao poder político imperial.

Em sua conversa com o sumo sacerdote Caifás, Pilatos se refere à construção do aqueduto de Jerusalém. Efetivamente, Pôncio Pilatos foi o executor, no tempo de Jesus, desta grande obra de engenharia, de que se conserva ainda alguns restos na atualidade. Pilatos, que desprezava profundamente os judeus e que ofendeu por numerosas vezes seus sentimentos religiosos, lançou mão para esta construção do chamado “tesouro do Templo”, dinheiro que os israelitas piedosos consideravam sagrado. Este fato provocou candentes revoltas populares contra o poder romano que foram reprimidas violentamente pelos soldados e das quais os historiadores da época deixaram relatos.

No evangelho se fala de dois imperadores romanos. César Augusto, que dominou desde o ano 30 antes de Jesus até o ano 14 depois de seu nascimento. Com ele iniciou-se a dinastia imperial romana da família Cláudia. O outro é Tibério César, filho da segunda esposa de Augusto, que governou desde o ano 14 até 37. Sob seu mandato foi assassinado Jesus. Depois de Tibério continuaram governando Roma outros Césares: Calígula, Cláudio, Nero... Tibério fez de Augusto, seu pai adotivo, um “deus”. Pouco a pouco, a ambição de poder determinou que os Césares reclamassem para si um culto por parte de seus súditos. No tempo de Jesus esta tendência de divinizar o imperador estava se acentuando cada vez mais. Depois, ficou definitivamente fixada até a queda do império. Calígula se fez adorar em vida. Os Césares fizeram para si imagens que deviam ser veneradas, devia-se prostrar-se em sua presença etc. Tudo isso não era mais que fruto da ambição e, sobretudo, de uma hábil tática para reforçar seu poder e o servilismo de seus súditos. Entre o povo submetido de Israel, esta idéia que Roma tratava de impor não prosperou, pois a fé judaica resistiu tenazmente à blasfêmia. Mas não os seus dirigentes, que embora não aceitassem teoricamente que César fosse deus, na prática fizeram vista grossa e se calaram, em cumplicidade com o poder estabelecido.

O governo local (Sinédrio – Conselho ou Tribunal de Israel – cuja máxima autoridade era o sumo sacerdote), realmente carecia de iniciativa no assunto de impostos, como tampouco nas relações com outros países ou na defesa. Sua única missão era manter o culto religioso e vigiar para que a Lei religiosa fosse estritamente cumprida. Em momentos como o que descreve esse episódio, se punha de manifesto até que ponto Israel era uma nação submetida ao arbítrio de um poder estrangeiro.

“Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” é talvez uma das mais manipuladas frases do evangelho. Em todos os tempos foi usada continuamente para dividir campos e dizer que os padres, os cristãos, não têm que se meter a fazer juízos de tipo político nem intervir nas coisas do Estado, mas que devem dedicar-se muito mais às coisas de Deus: rezar, estar na igreja... Não se devem misturar os campos – dizem - cada um no seu lugar. Mas o sentido original das palavras de Jesus foi nada mais que este: ao separar Deus de César, ao desmistificar a figura do imperador, máxima autoridade daquele tempo, ao dizer que César não era Deus, Jesus estava lhe tirando a autoridade de base religiosa em que pretendia apoiar-se.

Um dos motivos mais freqüentes das revoltas populares em Israel eram os impostos. Foi precisamente a negativa de pagar impostos a Roma o estopim que desencadearia a guerra judaica do ano 70 depois de Jesus, na qual Jerusalém foi destruída até seus alicerces e a sociedade judaica definitivamente desmantelada. Naquele ambiente, a pergunta sobre o imposto dirigida a Jesus era chave. Os zelotas se negavam a pagá-lo, como uma forma de resistência ativa ao império ocupante. As classes colaboracionistas (saduceus, sacerdotes) recomendavam o pagamento. Os fariseus duvidavam. Teoricamente estavam contra, pois eram muito nacionalistas, mas na prática terminavam pagando. Jesus, no relato, não legitima a ocupação romana mostrando-se partidário do pagamento, mas tampouco faz do não pagar uma forma de rebeldia direta contra o poder. Sua resposta se situa em outro plano: a de uma total liberdade diante da autoridade.

A história está cheia de exemplos nos quais a autoridade dos reis (e depois, a de tantos governantes) se apresentou aos súditos como algo que “vem de Deus”. Durante séculos se disse que Deus é que “escolhe” o rei. Também foi formulado “Fulano de Tal, presidente pela graça de Deus”. Mas não é assim. A autoridade é escolhida pelos homens – se é democrática -. Impõe-se, se é autoritária.

(Mateus 22, 15-22; Marcos 12, 13-17; Lucas 20,20-26)

Capítulo LX

O AMIGO MORTO

Enquanto Jerusalém abria suas doze portas para receber os peregrinos que chegavam para celebrar a Páscoa, nós estivemos vivendo escondidos em Peréia, do outro lado do Jordão. As coisas na capital ficaram difíceis para nós e pensamos que durante alguns dias se tornaria muito perigoso ensinar as orelhas por lá...

Mensageiro: Psst...! Amigo, me disseram que aqui encontraria Jesus, o profeta...

Pedro: E disseram bem. O que você quer?

Mensageiro: Vê-lo. Tenho que lhe dar um recado.

Pedro: E de onde você vem...?

Mensageiro: De Betânia.

Pedro: Santo e senha...?

Mensageiro: Nem santo nem senha! Quanto mistério vocês arranjam. Tenho que ver Jesus e o verei... É urgente.

Jesus estava doente. As águas salobras de Peréia lhe provocaram febres. Quando aquele mensageiro de Betânia entrou na casa onde nos haviam dado albergue, o encontrou prostrado sobre uma esteira, pálido e com olheiras...

Mensageiro: Até que enfim topei com você, nazareno. Você se esconde melhor que as topeiras em seus buracos. Ainda que, na verdade, não esperava encontra-lo assim....

Jesus: Nem eu pensava encontrar-me assim e, você bem vê... faz uns dias que estou doente...

Mensageiro: Pois eu venho lhe falar de outro doente. Marta e Maria, de Betânia, me mandaram dizer que Lázaro está muito mal.

Jesus: Então aquele safado também está de cama?... E o que é que ele tem?

Mensageiro: Uma doença bem ruim. Já faz três dias que nenhuma maldição sai de sua boca. Nem ri, nem come. Acho que vai morrer...

Pedro: Bah, praga ruim nunca morre. Acontece que essa Maria é muito espevitada. Aposto que foi ela quem fez você vir aqui todo cheio de pressa...

Mensageiro: Não é só ela... A Marta também. A situação de Lázaro é muito séria. As duas estão muito preocupadas. E não sabem o que fazer...

E quando o mensageiro de Betânia foi embora...

Pedro: Mas, Jesus, moreno, você não se dá conta que é perigoso?

Tiago: Na semana passada quiseram prendê-lo, caramba. Se voltarmos agora, vamos colocar nossos pescoços a prêmio.

Pedro: Espere até que a Páscoa esteja mais próxima. Com Jerusalém abarrotada de gente é outra coisa. Quando o rio estiver bem revolto, então sim poderemos lançar os anzóis...

Após dois dias de ter recebido o mensageiro de Betânia, Jesus já se sentia melhor e nos falou em voltar à Judéia. Para alguns do grupo aquela idéia pareceu descabida...

Jesus: Vamos, companheiros, esqueçam-se do medo e amarrem as sandálias, que a luz do sol brilha só doze horas e temos de aproveitá-la bem. Sairemos amanhã ao amanhecer. Lázaro está nos esperando. Amigos são amigos.

Tiago: E inimigos são inimigos, Jesus. Eles também estão nos esperando.

Jesus: Pois vamos andar com os olhos e os ouvidos bem abertos, Tiago, para que não nos peguem na armadilha.

Tomé: E se nos ma-ma-matarem, que nos ma-matem. Algum dia temos de mo-mo-morrer!

Pedro: Ao menos desta vez estou com Tomé. Vamos para a Judéia, camaradas, e que saia o sol por onde sair!

No dia seguinte saímos de Peréia. Atravessamos o Jordão à altura de Jericó. Depois de longas horas de caminho, vimos as muralhas de Jerusalém. Mas passamos perto delas sem entrar na cidade. Queríamos chegar o quanto antes à taberna de Lázaro... Deixamos atrás o monte das Oliveiras e, quando já víamos bem perto as casinhas brancas de Betânia, Marta, levantando o pó do caminho, veio nos receber...

Maria: Jesus, até que enfim você chegou!

Jesus: Como anda Lázaro, Marta...?

Marta: Mas, você ainda não está sabendo? Ele morreu, Jesus, ele morreu... Já faz quatro dias... Por que você não veio antes? Mandamos lhe avisar... Lázaro perguntava por você... Sofreu muito... Ai, Jesus, que dor tão grande!

Marta, com os cabelos revoltos e a túnica de luto, abraçou-se a Jesus, chorando. Os soluços sacudiam seu corpo robusto como o vento da manhã, lá ao longe, sacudia as folhas das tamareiras... A mãe de Jesus e as mulheres se uniram em seguida ao seu pranto... Os olhos de Felipe e de Natanael foram os primeiros a umedecer-se... Pelo rosto de Jesus também corriam as lágrimas... Todos nós gostávamos muito de Lázaro.

Marta: Por que Deus o levou, Jesus...? Por que...? Maria e eu precisávamos tanto dele...

Jesus: Onde está Maria?

Marta: Lá em casa. Não faz mais que chorar... Já faz quatro dias que não come nem dorme... Vou chamá-la... Ficará contente em vê-los.

Com a energia que seu corpo conservava, apesar da tristeza, Marta saiu correndo para a taberna. Todos, angustiados, sem saber o que dizer, a seguimos devagar por aquele caminho empoeirado que tantas vezes havíamos percorrido com alegria em nossas viagens à capital... Quando cruzamos o portão da taberna, Maria saiu ao nosso encontro e, com ela, muitos dos vizinhos que estavam com as irmãs consolando-as depois do enterro de Lázaro.

Maria: Jesus, por que você não veio antes? Por que?

Maria, no chão, arrancava os cabelos e se batia no peito contra a terra...

Maria: Maldita seja a vida e mais maldita a morte!

Uma velha: Que Deus tenha misericórdia de todos nós, que também vamos terminar na cova!

Mensageiro: Pobres mulheres.... ficaram sozinhas. Agora, quem vai cuidar delas?

Uma moradora: E você, profeta, por que não veio quando ele ainda estava doente? Não dizem que você curou tanta gente? Pois você podia também ter sarado a ele!

Velha: O gordo Lázaro era um bom homem. Que nosso pai Abraão o tenha em seu seio!

A taberna de Betânia não cheirava, como das outras vezes, a cordeiro, vinho e cebola. Estava de luto. E o perfume do incenso queimado durante aqueles dias ainda recendia pelos quartos. Já se haviam apagado os lamentos das carpideiras e a música das flautas. Um grupo de vizinhos e alguns hóspedes acompanhavam Marta e Maria chorando com elas. Quando lavamos os pés e nos sentamos no quarto grande, perto da cozinha, nos parecia que Lázaro, com seu sorriso de sempre, iria aparecer por qualquer canto de sua taberna, para nos dar as boas vindas...

Um homem: A maior barriga de Betânia e também o maior coração...!

Uma mulher: Pode dizer, Serápio! Se houve um homem honrado neste povoado esse era o irmão de vocês, meninas... Mais reto que um cipreste e melhor que o mel, sim senhor...

Maria: E não tinha que ter morrido, não... Era jovem e forte...

Velha: Paciência, minha filha, paciência.

Pedro: E que demônios de doença foi essa...?

Marta: De repente. Caiu ali na cozinha, com o caldeirão na mão, como se um raio o tivesse atingido... Uns dias na cama sem se mexer, e se acabou...

Pedro: Que desgraça... E agora, o que vocês vão fazer?

Maria: O que vamos fazer, Pedro...? Meu irmão era o coração desta taberna. Agora tudo se acabou...

Jesus: Não, Maria. O Lázaro gostaria de ver vocês continuarem trabalhando, que seu negócio fosse adiante...

Velha: E como pode ser isso, se os vermes vão lhe comer os olhos?

Jesus: Vovó, os mortos continuam nos vendo e nos amando porque... continuam vivos.

Maria: Você diz isso para nos consolar, Jesus, mas... isso não é verdade.

Jesus: Sim, é verdade, Maria. A morte é uma despedida curta, nada mais que isso. Um pouco de tempo e vamos nos ver novamente... Agora choramos, mas chegará o dia em que nos encontraremos todos juntos na casa de Deus e ali se acabarão as lágrimas... Acredite, Maria: os mortos não estão mortos; continuam vivos com Deus.

Maria: Meu irmão também?

Jesus: Seu irmão também. Lázaro não está morto. Está dormindo. E Deus se encarregará de despertá-lo. Ele está vivo, Maria!

Maria: Vivo!... Mas eu não o escuto rir nem o vejo entrar nem sair por esta porta, com o avental cheio de gordura!... Faz só quatro dias e me parece que quatro anos se foram...

Jesus: Você voltará a vê-lo, Maria.

Maria: Não Jesus, não me engane. Com a morte tudo se acaba.

Jesus: Ao contrário, começa tudo. Veja, Maria, se uma criança, quando vai nascer, pudesse falar, diria que não, que ela não quer sair... pensaria que já se acabou tudo para ela... Sim, acabou-se o calor, a tranqüilidade junto ao coração de sua mãe. Mas quando vem para fora, começa uma nova vida, vendo a luz do sol, vendo as cores do mundo... Quando nós morremos acontece a mesma coisa: nos dá medo, choramos... a verdade é que estamos nascendo pela segunda vez, nascendo para uma vida muito melhor e que agora não podemos nem sonhar...

Maria: Isso parece bonito, Jesus. Mas eu sempre vi que quando alguém morre o jogam na terra e ele apodrece.

Jesus: Também apodrece a semente e dela nasce uma árvore nova que dá flores e frutos.

Jesus se voltou até Marta, a outra irmã de Lázaro, que permanecia silenciosa, junto à engordurada mesa da taberna, com os olhos vermelhos de tanto chorar...

Jesus: Onde o enterraram, Marta?

Marta: Ali, Jesus, no jardim do terreiro, atrás do quintal... Quer ir lá?

Jesus: Sim, vamos...

Todos nós fomos para fora. Era meio dia e o sol nos irritou os olhos. Ao chegarmos ao jardim e nos aproximarmos da rocha onde estava escavada a sepultura, Marta e Maria, no chão, choravam sem consolo... Jesus, ao vê-las, levou as mãos até o rosto e começou a chorar também...

Velha: Bem se vê que o profeta gostava muito dele...

Jesus: Lázaro, como é que você não nos esperou para celebrar juntos esta Páscoa?... Por que teve tanta pressa, companheiro?

Jesus, com os olhos cheios de lágrimas, ficou olhando fixamente a branca e redonda pedra do sepulcro. Estava rezando... Nós também rezávamos entre sussurros diante da tumba de nosso amigo...

Jesus: Pai, eu te dou graças porque tu não queres que a terra trague os mortos. É tua mão que os leva da morte para a vida, como levaste nossos pais através do Mar Vermelho... Tu és a ressurreição e a vida e todo aquele que crê em ti, ainda que esteja morto viverá... Sim, Pai, os ossos secos se levantarão. Que venha teu espírito dos quatro ventos e que sobre sobre os mortos para que vivam!

Nenhuma folha sequer se mexia. Jesus tremia.

Jesus: Por favor, rolem a pedra da sepultura...

Marta: Mas, Jesus...

Jesus: Sim, Marta, para que possa entrar o vento...

Marta: Jesus, mas o que você está dizendo? Já faz quatro dias... vai cheirar mal.

Jesus: Confie em mim, Marta. Por favor, rolem a pedra...

Estávamos desconcertados... Mas Tiago, Judas, Simão e o ferreiro se aproximaram do sepulcro e começaram a fazer força para rodar a pedra... Todos nós estremeçemos, como se estivéssemos à beira de um precipício... Já ninguém mais chorava. Tínhamos os cabelos em pé. E já não podíamos afastar o olhar daquele buraco negro que começava a se abrir diante dos nossos olhos... Quando ficou aberto, sentimos na cara a baforada de ar frio misturado com o cheiro penetrante de mirra...

Jesus: Lázaro, irmão, venha! Volte para a vida!

Betânia fica a um par de milhas de Jerusalém, bem perto do vale de Josafá, onde, segundo a tradição de meus conterrâneos, Deus levantará os mortos na hora derradeira do mundo. Naquela manhã de primavera, em um jardim de Betânia, Jesus nos adiantou alguma coisa do que será a alegria e a surpresa do grande dia de Deus.

Na última etapa de sua vida Jesus conheceu a clandestinidade. Teve que se esconder como medida de precaução diante do crescente ódio das autoridades (Jô 10, 39-40; 11, 54). Da Peréia, do outro lado do Jordão, teria ido à Betânia, ao ficar sabendo da enfermidade de Lázaro. Betânia é uma pequena aldeia situada a uns seis quilômetros a leste de Jerusalém. Atualmente se pode visitar em Betânia uma tumba que a tradição venera com sendo a de Lázaro. Por umas escadarias profundas e estreitas se desce a um reduzido espaço onde há uma mesa de pedra. Nela teria estado o cadáver do irmão de Marta e Maria. Em uma das úmidas paredes estão escritas as palavras de Jesus segundo o evangelho de João: “eu sou a ressurreição e a vida...”

O relato da ressurreição de Lázaro só aparece narrado no evangelho de João. O mesmo acontece com outras cenas que somente este evangelista conta. Estamos diante de uma densa e cuidada elaboração teológica em forma de narração com a qual, por meio de numerosos detalhes, se nos quer deixar gravada uma importante idéia. A comunidade dos discípulos de Jesus esteve escutando sua mensagem de libertação e comprovando-a também nos gestos, nas atividades e nos sinais. Mas ainda vê na morte a interrupção da vida, o fracasso invencível de todo projeto de libertação. Nesta narração teológica, João quer dar uma resposta de fé a esta angústia: a morte não é a fronteira. Para quem crê em Jesus não é nunca o final definitivo.

Quando Jesus decide voltar a Betânia, tão perto de Jerusalém, os apóstolos se opõem. Têm medo. As autoridades já procuram Jesus para mata-lo. Mas ele vai desafiá-las, arriscando-se ao perigo para estar perto de seu amigo Lázaro, que precisa dele. João também quer dizer algo importante neste detalhe do relato: para que a vida resplandeça em sua plenitude é preciso superar o medo de morrer.

Na mentalidade popular pensava-se que a morte era totalmente definitiva a partir do terceiro dia, quando a decomposição começava a apagar os traços pessoais do defunto. Quando Jesus chega a Betânia, Lázaro já estava morto há “quatro dias”. Quer dizer, estava definitivamente morto, não havia dúvida sobre isso. Com esses detalhes, João quer explicar que a fé em Jesus não prolonga indefinidamente a vida física do ser humano. Jesus não é nem um médico nem um mago que possa impedir a morte. Mas a fé nele dá ao homem uma vida definitiva, que se prolongará para além da morte física. Para o justo, a morte não é mais que “passagem”, como dirá Jesus. Como a passagem do Mar Vermelho que levou os israelitas de uma terra de escravidão para a terra da liberdade. Jesus – com sua vida e suas palavras – veio revelar ao homem qual é o projeto de Deus: não fez o ser humano para que morresse definitivamente, seu destino não é a morte mas a vida plena e definitiva. Daí a solenidade deste relato do evangelho de João. Poucos dias antes de sua própria morte, Jesus revela em Lázaro a totalidade do evangelho: Deus nos libertará também da morte.

No tempo de Jesus as tumbas eram construídas escavando-as em rochas naturais, em forma de grutas. Na entrada, para tampa-las, colocava-se geralmente uma pedra redonda que podia girar como uma enorme roda. Diante da tumba de seu amigo, Jesus chora. Gostava de Lázaro e sente profundamente sua morte e o sofrimento de suas irmãs. Deus, a quem vemos em Jesus, chora diante da dor humana, é solidário com as nossas tristezas. Diante da tumba Jesus também invoca o Deus da vida e o faz com as palavras do profeta Ezequiel (Ez 37,1-14), nas quais se anunciava para os

tempos messiânicos a superação de todas as dores e também da morte. Nelas o profeta proclamava a solene ressurreição dos “ossos secos” do povo oprimido de Israel. A pedra que fecha a entrada da tumba é um símbolo da desesperança. Estabelece uma fronteira definitiva entre a vida e a morte. Mas Deus é capaz de romper esta fronteira. Por isso Jesus manda retirar a pedra. E assim pode entrar o “vento” símbolo bíblico por excelência do Espírito de Deus. É um momento de extraordinária solenidade, pois o que esta narração quer dizer é talvez a palavra última de toda a mensagem de Jesus, o que é a mais profunda convicção da fé cristã. A morte como final de nossa vida é o ponto máximo da debilidade humana. Se tudo acabasse com ela, se obscurece o sentido de toda nossa existência. E isso não só do ponto de vista individual, da “minha” vida, mas do ponto de vista coletivo. Como poderá haver plena alegria nesta terra nova “onde habitará a justiça” (1Pd 3, 13) que esperamos, se os mortos que a tornaram possível a terra tragou... Daí que a fé na vida depois da morte é essencial inclusive para agora, para a história.

(João 11, 1-44)

Capítulo LXI

UM NOVO CÉU E UMA NOVA TERRA

Maria: Marta, Marta, venha, corra...! Marta, acorde!

Marta: Humm... O que foi, Maria...?

Maria: Chegou a hora da vizinha Susa!

Marta: Tão depressa?

Maria: Não está ouvindo? Ela está gritando mais que Raquel em Ramá... Vamos, Marta, avie-se!

Marta: Está bem, Maria, mas acalme-se, afinal não é você que vai dar à luz, caramba!

Felipe: Ahummm... O que acontece por aqui, pode-se saber?... A troco de quê tanto alvoroço?

Maria: Uma vizinha já está com as dores e em toda Betânia não existe melhor parteira que minha irmã Marta!

Felipe: Bom, não é que eu queira me gabar, mas já cortei a tripa do umbigo de mais de um bezerro... assim que, se puder ajudar em alguma coisa...

Maria: Sua ajuda é ficar aqui tranqüilo, na taberna. Vamos, Marta, depressa...! Ande, Felipe, volte a dormir com os outros...

Felipe: E quem consegue dormir com essa conversa toda?... Por que as mulheres não aprendem a parir de dia, heim?

Marta e Maria, as irmãs de Lázaro, saíram da taberna e entraram no portão vizinho... Já passava da meia noite... Era uma casinha pobre e simples como as de todos os camponeses de Betânia. As paredes de adobe estavam esfumaçadas pelas lamparinas de azeite... Num canto, junto às tralhas da cozinha e um embrulho de roupas, estava preparado um jarro com água, uma faca limpa e uma toalha. No outro canto, lamentando-se sobre uma esteira de palha, estava deitada a pobre Susa, segurando o ventre com as duas mãos... Ao seu lado, sem saber o que fazer, o marido esperava...

Maria: Eu acho que devem ser gêmeos porque esta barriga está parecendo o monte Tabor!

Lúcio: Puff! Que Deus não a escute, vizinha! Se já tenho que trabalhar demais para alimentar essa aí, o que há de ser com duas bocas a mais?

Marta: Não se preocupe, meu bom homem. Dizem que todas as crianças já nascem com um pão debaixo do braço...

Lúcio: Então o meu nascerá maneta, pode crer!...

Marta: Vamos lá, Lúcio, você espera lá fora... Quando o menino nascer, avisaremos...

Enquanto Marta arregaçava a túnica para ajudar sua vizinha, o marido de Susa foi buscar companhia na taberna...

Felipe: Diacho essa sua mulher, Lúcio, grita como se a estivessem esfolando viva...

Lúcio: E o que você quer que eu faça, Felipe? O menino é mais cabeçudo que você, e não consegue sair! Já faz quatro horas que está lutando para dar à luz... e nada!

Pedro: E nós, quatro horas lutando para dormir... e tampouco, nada! Vamos, Lázaro, alegre a nossa noite com um par de jarras de vinho, não seja sovina!

Lázaro: É isso mesmo, Pedro! Ao mau tempo, boa cara!

Felipe: Pois olhe as outras caras que aparecem por aqui... O que foi, Tiago, também não conseguiu pregar o olho?... Nem você, Natanael...?

Natanael: E quem consegue com essa gritaria...?

Felipe: Lázaro, traga quatro jarras de vinho em vez de duas!

Um depois do outro, fomos deixando as esteiras e nos reunindo no quintal... Os gritos de Susa chegavam até a taberna e despertaram todo mundo...

Lázaro: Aqui está o vinho e aqui tem também sementes de abóbora para mastigar. Vamos lá, companheiros, o que vocês preferem? Jogar dados, contar piadas ou rezar para que a criança deste vizinho nasça forte e sadia?

Natanael: Que ela nasça até com seis dedos, mas que nasça logo, caramba!

Felipe: Não fale assim, Nata, que esse pobrezinho já tem desgraça de sobra... Eu não queria me ver na pele desse infeliz!

Lúcio: Por que você diz isso, Felipe? O que há com meu filho?

Felipe: Com seu filho não há nada, Lúcio, mas...

Lúcio: Mas o que? Fale claro!

Felipe: Que tudo isso vai se acabar logo, amigo. Pobre do seu filho, chegou tarde ao mundo! Antes que o desmamem já terá soado a trombeta do juízo final!

Pedro: Você é que tem de desmamar, Felipe. Vamos ver, de onde você tirou essa idéia?

Felipe: Foi Jesus que disse isso outro dia, quando passamos perto da muralha de Jerusalém. Não se lembram? Eu ouvi com minhas duas orelhas.

Pedro: Pois então vai lavá-las, para ver se escuta melhor da próxima vez.

Felipe: Jesus disse que o mundo vai acabar logo e que vai ser pior que o dilúvio de Noé. O céu vai tremer e as estrelas cairão sobre nossas cabeças! Acabou-se tudo. Acabou-se o mundo. Seu pobre filhinho só poderá ver pó e cinza.

Natanael: Você é um embusteiro, Felipe. Jesus nunca disse isso.

Felipe: Disse sim. E disse também que sabia a data do fim do mundo!

Pedro: Não me diga!

Felipe: Sim, eu lhe digo!

Enquanto discutíamos, Jesus apareceu pela porta do quintal, esticando os braços e bocejando... Ele também não conseguia dormir...

Lázaro: Aí está o homem! Ei, moreno, venha cá, quanto falta, fale claramente?!

Jesus: Ahummm... Quanto falta para que?

Felipe: Para que se acabe o mundo!

Jesus: Eu pensei que já havia acabado... A julgar pelos gritos da mulher e os de vocês...

Jesus se sentou conosco na desengonçada mesa da taberna, enquanto Lázaro chegava com outra jarra de vinho...

Lázaro: Camaradas, esse parto vai ser longo! Venha, Jesus, tome um trago, limpe a garganta e fale sem rodeios: quando demônios vai se acabar o mundo, heim?

Jesus: Mas, que pulga picou vocês para estarem discutindo sobre isso a essas horas?

Felipe: Porque temos que ser precavidos, caramba! É preciso já ir comprando a madeira e o breu para construir a arca! Você não disse que vem aí um dilúvio pior que o primeiro?... Ou já não se lembra mais?

Jesus: Eu disse isso, Felipe?

Felipe: Bem, se você não disse, dá no mesmo! Porque está escrito. Todos os profetas dizem isso nas santas escrituras.

Jesus: O que está escrito é que não haverá nenhum dilúvio. Deus o prometeu a Noé.

Felipe: Está bem, com água ou sem água, dá no mesmo. Haverá terremotos e coisas espantosas no céu e na terra quando chegar o último dia. É assim ou não é?

Jesus: Eu não sei, Felipe, isso era o que pensava o profeta Elias... mas depois, veja só a surpresa que ele teve...

Elias: Não posso mais... Não chegarei nunca... Já chega, Senhor...

Jesus: Elias ia atravessando o imenso deserto de Negueb, a caminho do Sinai, a montanha de Deus... Estava tão cansado que se atirou debaixo da copa de uma árvore e desejou a morte e adormeceu... Mas um mensageiro de Deus veio despertá-lo...

Mensageiro: Elias, Elias!... Vamos, levante-se e coma alguma coisa... Você tem um longo caminho pela frente...!

Elias: Quanto falta para chegar? Diga, por favor...

Mensageiro: Não pergunte quanto falta. Ponha-se a caminho. A cada passo que você dá, Deus dá outro passo até você. Vá para aquele que vem.

Elias se levantou, comeu, e começou a andar através do deserto, com o sol fervendo sobre sua cabeça... Caminhou quarenta dias e quarenta noites e, ao final, chegou ao monte Sinai...

Elias: Puff!... Agora verei a Deus... Agora saberei como ele é... Cheguei ao final do caminho... Onde estás, Senhor, como tu és?

Elias subiu ao monte para ver Deus... E a primeira coisa que viu foi um furacão que passava... Soprava tão forte e levantava tanta areia que o sol se escureceu, a lua perdeu seu brilho e todas as lâmpadas do céu, as estrelas grandes e as pequenas, se apagaram com a fúria do vento...

Elias: Deus meu, Deus meu, eis que por fim te conheço. Tu és o estouro da tormenta e a violência do furacão!

Mas ninguém respondeu à sua voz, porque Deus não estava nos trovões nem nas rajadas de vento...

Depois, a terra começou a tremer... E o terremoto era tão forte que as colunas do mundo balançaram, as montanhas racharam de cima abaixo e as rochas se partiram em mil pedaços...

Elias: Deus meu, por fim te conheço! Tu és o furor do terremoto!

Mas ninguém respondeu à sua voz, porque Deus tampouco estava no rugido da terra nem na avalanche das pedras... Depois, levantou-se um grande fogo... A fogueira crepitante surgiu das entranhas do mundo e arrasou tudo, e não deixou mais que pó e cinzas...

Elias: Por fim, Senhor, por fim sei como tu és, um fogo abrasador!

Mas o fogo guardou silêncio, porque Deus tampouco estava na terrível labareda...

E, ao final, ouviu-se como o sussurro de uma brisa suave... Era como um sopro que refresca, como o alento de um pai diante de seu filho ou o beijo de uma mãe no rosto... E Elias, o homem que ardia de zelo por Javé, o profeta do raio, do fogo e do terremoto, compreendeu que Deus estava ali, naquela brisa leve.

Jesus: Assim foi o encontro de Elias com Deus. E eu penso que assim será também o nosso encontro com ele no fim do mundo.

Lázaro: Bom, bom, está bem, Jesus, com furacão ou com brisa suave, mas eu volto ao de antes: quando demônios se acabará isso?

Felipe: Eu repito a mesma coisa que Lázaro: quando vai soar a trombeta, heim?

Jesus: E eu sei lá, Felipe? Isso é assunto de Deus. O nosso é vigiar e estar preparados como os bons servos que esperam acordados até que chegue o patrão. O resto é coisa de Deus.

Pedro: Vamos lá, moreno, aqui entre amigos não deve haver segredos... No mínimo Deus piscou um olho para você e lhe disse a data...

Jesus: Ou, quem sabe, não há data, Pedro. Porque o Reino de Deus não cai de cima como o maná. O Reino de Deus tem que ser amassado por todos, como o pão.

Pedro: Pois nós já estamos amassando há três anos, caramba! Quando Deus vai estender a mão e tirar o pão do forno? Isso é o que eu quero saber...

Jesus: Ainda falta um pouco, Pedro. Ainda é preciso caminhar um bom pedaço, como Elias, até chegar ao Sinai.

Lázaro: Mas, diga, Jesus, algum dia veremos o final?

Jesus: Antes terá que ver guerras e desastres, porque ainda há muito egoísmo no mundo. Os de cima não querem afrouxar a corda e nós não podemos ficar dormindo debaixo da árvore. Não, teremos de lutar, e duro. A luta será longa, sim. Eles nos perseguirão e gritaremos mais que sua mulher, Lúcio... E isso não será senão o começo das dores, até que estale o furacão dos pobres reclamando justiça e a luta se faça tão encarniçada que as nações da terra e os poderosos deste mundo tremam pelo que lhes virá em cima. Tudo isso terá que acontecer primeiro. São os gritos do mundo que está dando à luz.

Lázaro: E depois, Jesus?

Jesus: Depois, quando este mundo velho tiver passado, virá a brisa suave: um novo céu e uma nova terra onde não haverá prantos, nem guerras, nem fome, nem dor. E aparecerá sobre as nuvens do céu o sinal de Deus, o arco-íris da paz. E os filhos de Deus, todos os homens de boa vontade, herdarão a terra e poderão viver em paz e livres.

Felipe: Mas, nós... nós veremos este dia, Jesus?

Jesus: Não sei, Felipe. É bem possível que sim. Ou, no mínimo, nossos netos verão, ou os netos de nossos netos. Não importa. Mas esse dia chegará. Cedo ou tarde, nós pobres cantaremos vitória. Deus prometeu e sua palavra não falha. O céu e a terra passarão, mas esta promessa de Deus não falhará.

Neste momento, Maria entrou pela porta da taberna gritando e alvoroçando tudo...

Maria: Ei, vocês, charlatões, corram, ele já nasceu! Um menininho mais salgado que a água do mar!

E todos fomos correndo para a casa de Susa, aquela vizinha de Betânia, que depois de tantas horas de esforço, descansava agora tranqüila enquanto Maria lavava o bebê recém nascido...

Marta: Olhe que preciosidade, Lúcio! Você não acha?

Maria: Não é que ele se parece com a mãe? Olhem só os olhinhos e o narizinho!

Felipe: Vamos, Lázaro, traga vinho da taberna e vamos brindar este novo israelita que acaba de pôr as patas neste mundo!

Pedro: E pelo novo papai, que está mais contente do que se tivesse cantado o Cantar dos Cantares!

Lázaro: E pela mãe, que fez o trabalho pior!

Lázaro nos trouxe o melhor vinho de sua taberna e ficamos conversando no quintal da casa de Lúcio até que os galos anunciaram o novo dia... Susa, que havia passado tantas dores durante aquela noite, já nem se lembrava do aperto, pela alegria de ter seu filho no colo...

Nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, há uma série de discursos de Jesus a respeito da catástrofe que se avizinha sobre o mundo. São os chamados discursos “escatológicos” (do fim) ou “apocalípticos” (da revelação do fim). Tradicionalmente eles foram lidos como uma descrição detalhada de tudo o que irá suceder no dia do fim do mundo. E também, tradicionalmente, foram usados para semear terror, para assustar as pessoas ingênuas ou para tornar simplistas as interpretações das catástrofes ou guerras que ocorrem no mundo atual.

Jesus não deu detalhes sobre a vida do além, do céu, dos anjos ou do demônio como era habitual na linguagem apocalíptica de sua época. Tampouco fez cálculos sobre o fim do mundo e evitou fazer uma descrição das diferentes etapas do drama apocalíptico. Quando no evangelho se faz referência a estes aspectos devemos pensar, sem temor de nos equivocarmos, que estes foram os pensamentos das primeiras comunidades da igreja. Da mesma maneira Jesus não falou quase nunca sobre o tema da morte, e quando fala da ressurreição (Mt 12,18-27) termina com a confissão de que Deus não é um Deus dos mortos mas dos vivos. Jesus viveu com esta esperança e morreu nesta fé.

Se Jesus é mensageiro da boa notícia de Deus e busca a vida, também estes textos do evangelho devem ser lidos a partir desta perspectiva. Jesus não fala de fim, mas de começo, não de destruição mas de nascimento, não de morte mas de vida. Para ressaltar este aspecto positivo e esperançoso, todo o episódio se baseia na descrição de um parto. Para que um novo ser venha ao mundo são necessários tempo, amor, paciência, esperança e no momento decisivo, nas horas finais, esforço e dores tremendos. Esta é a melhor imagem do que será “o fim do mundo”: uma nova criação, uma nova sociedade com seres humanos novos. Pensar no fim do mundo é pensar no dia da justiça

definitiva, no dia em que Deus irá exigir claramente as contas da história, o dia em que serão realidades esse “novo céu e nova terra em que habite a justiça” (2Pd, 13). A palavra de Deus nos diz que o que terminará do mundo na hora final serão as lágrimas, as dores e a morte, para que todo o bem do mundo fique e seja transformado. São inumeráveis os textos proféticos que descrevem o futuro para onde vamos, com imagens de alegria e de festa. Esses apocalipses (revelações do futuro) identificam-se com os tempos messiânicos e na linguagem evangélica com o Dia do Reino de Deus. Nesses textos vemos imagens maravilhosas do fim do mundo (Is 60, 1-22; 62, 1-12; Amós 9, 11-15; Miquéias 4, 1-5; Sofonias 3, 14-2; Apocalipse 21, 1-8; 22, 1-21).

Certamente, ao mesmo tempo em que se descreve a festa, também se insiste no doloroso caminho até chegar esse dia de justiça. A libertação é uma conquista, a felicidade tem um alto preço, a liberdade que Deus deu aos homens põe continuamente obstáculos no caminho da vida. Também com imagens, os profetas falaram da cólera de Deus, contra os injustos e opressores no dia do ajuste de contas. Falaram de guerras, de dores, de dificuldades sem conta. Uns duzentos anos antes de Jesus, começaram a usar também imagens cósmicas (estrelas que caem, terra que treme etc), símbolos que Jesus também empregou, pois eram os mais freqüentes em sua época para descrever as tremendas lutas dos tempos finais (Is 63, 1-6; Jr 6, 11-19; Dn 9, 6-27; 12, 1-13; Joel 2, 1-11; Amós 5, 14-20; Apocalipse 19, 11-21).

A imagem do parto é muito adequada para descrever a luta do fim dos tempos. Foi usada pelos profetas (Is 66,5-16) indicando que o nascimento de um novo povo não era coisa de um dia e estava cheio de dores. Jesus também a usou (Jo 16, 19-23) e, depois dele, Paulo a usaria também (Rm 8, 18-27), comparando toda a história humana com um longo e penoso parto de uma nova sociedade. Da mesma forma que a esperança do filho que vem sustenta a mãe no doloroso momento do parto, a esperança de uma vida nova e diferente sustenta todos os homens e mulheres que trabalham hoje por seus irmãos. Neste parto gigantesco, já assomou a cabeça, já nasceu a cabeça do homem novo, que é Jesus. Nós, que somos o corpo, nasceremos depois dele (Ef 1, 22. 1Cor 12, 12 e 27).

Saber quando será o fim do mundo preocupou muitas gerações de homens. Jesus acreditou, certamente, que o fim deste mundo injusto e a chegada do Reino de Deus eram iminentes. Sua forma de proclamar o evangelho e de desafiar as autoridades, a pressa que sentia e que suas palavras demonstram, indicam que ele acreditou que esta hora estava próxima, inclusive que ele próprio chegaria a vê-la. Esta urgência de Jesus foi herdada pelos primeiros cristãos, que viveram durante o primeiro século de nossa era pendentes do fim do mundo. Até o ponto em que Paulo teve que chamar-lhes a atenção em várias ocasiões (2Tes 2, 1-7 e 3, 6-12), embora ele mesmo estivesse convencido que o dia estava próximo (1Tes 4, 13-18). Eram tempos de duras perseguições contra os cristãos, em que caíram milhares de mártires. A ardente esperança das comunidades os levou a crer que chegaria logo o dia da libertação definitiva. Neste sentido é que devemos ler o Apocalipse, o último livro da Bíblia. É um maravilhoso texto sobre o fim dos tempos, escrito para consolar os cristãos perseguidos a ferro e fogo pelo poder imperial de Roma. Termina com uma ardente chamada: “Marana-tha! Vem, Senhor, Jesus!” São as últimas palavras escritas na Bíblia.

Até hoje permanece viva a curiosidade por conhecer o dia do fim do mundo. Numerosas seitas religiosas chegaram inclusive a dar a data exata desse dia. Buscam também “converter” as pessoas às suas crenças, infundindo-lhes terror sobre os castigos que aguardam os seres humanos para então. As testemunhas de Jeová puxam essa fila, mas não são os únicos. A resposta cristã a todas essas idéias aterrorizantes é que nós “finalizemos” o mundo, transformando-o no sentido da justiça, da vida e do amor. A inquietude pelas datas ou por supostas catástrofes que virão sobre nós, nos distrai desta tarefa essencial.

Deus, o Pai de Jesus, não é um monstro interessado em assustar-nos, em salvar-nos valendo-se do terror. Esta imagem de Deus, como um personagem encolerizado, que esmagará o mundo com fúria quando menos se espera, é totalmente falsa. Uma péssima caricatura. A cólera de Deus é algo muito mais sério e exigente. É um constante apelo a que os injustos deixem de sê-lo. Para os humildes e para os simples, Deus se mostra, não na cólera, mas na ternura, na “brisa suave”, como aconteceu com o profeta Elias (1Reis 19, 1-13) e nessa promessa que nos fez: No final veremos seu rosto e levaremos seu nome como um beijo de paz na nossa frente (Apc 22,4).

(Mateus 24, 3-51; Marcos 13, 3-37; Lucas 12, 41-48; 17, 26-37; 21, 7-36)

Capítulo LXII

VIVA O FILHO DE DAVI!

No dia nove do mês de Nisan, Jerusalém, em vésperas de festa, estava abarrotada com mais de cem mil peregrinos vindos de todas as cidades da Judéia, da Galiléia, da Decápole, das colônias judaicas dispersas pelo longo e largo império romano. Como todos os anos ao despontar a primavera, os filhos de Israel acudiam em massa para celebrar a Páscoa dentro das muralhas da cidade de Davi...

Naquela manhã, enquanto nos espreguiçávamos na taberna de nosso amigo Lázaro, chegaram Judas, de Kariot, e Simão, o sardento... Vinham de Jerusalém e traziam pressa nos olhos...

Judas: Olá, companheiros, que a paz esteja com todos vocês!

Todos: Saudações, Judas!... Paz, Simão!

Judas: Carácoles, mas o que vocês fazem aqui nessa moleza toda? O que estão esperando? A cidade está arrebetando de peregrinos!

Simão: Agora é o momento, Jesus! As pessoas perguntam por você. Todos estão esperando.

Judas: O povo está com você, moreno. É agora ou nunca! O que você diz?

Jesus: Eu digo a mesma coisa que já disse quando saímos de Cafarnaum. Hoje começa a semana de preparação para a Páscoa. Hoje começaremos a despertar Jerusalém de sua dormência para anunciar-lhe que Deus vem cumprir o Ano da Graça!

Todos: Isso mesmo, isso mesmo! Todos iguais, tudo para todos! Como no começo!

Judas: Os grupos da capital estão avisados, Jesus. Ontem Simão e eu estivemos conversando com alguns dirigentes, Barrabás e outros do movimento. Estão nos apoiando. Têm confiança em você.

Jesus: Sim, Judas. Mas confiam mais em seus punhais. E para aquilo que vamos fazer hoje não falta outra lâmina que a da Palavra de Deus. Escutem, companheiros, nosso plano deve ser o mesmo que Deus ordenou a Moisés: chegar diante do faraó e dizer-lhe que já não suportamos o jugo de nenhum tirano.

Todos: É assim que se fala, moreno!

Jesus: Nossos avós pediam que os deixassem sair do Egito para irem à terra prometida. Nós vamos pedir que eles se mandem e nos deixem viver em paz na terra que o Deus de Israel nos deu de

presente. O faraó era antes aquele egípcio de coração duro. Agora os faraós são pessoas que levam o nosso próprio sangue, mas que traíram o povo.

Pedro: Sim, senhor! E esses são os que se fazem chamar de representantes de Deus. Olhem esse Caifás, o sumo sacerdote, vendido como uma prostituta ao governador romano! E seu sogro, o velho Anás, o maior ladrão de toda Jerusalém!

Felipe: E o gordo Herodes, o rei mais corrupto que já pôs o traseiro no trono da Galiléia!

Jesus: Pois nós iremos bater às portas de seus palácios e também nos portões de bronze da Torre Antônia, onde se esconde esse romano sanguinário que se chama Pôncio Pilatos, e lançaremos na cara de todos eles os seus crimes, um por um, tais como Deus os têm anotados em seu livro. Porque Deus viu o sofrimento de seu povo e escutou o clamor que o chicote do capataz arranca de nós. E ele vem para nos libertar daqueles que nos oprimem. Nós lhes diremos: Deus nos envia diante de vocês com o mesmo nome de sua aliança com Moisés. E esse nome é: “Eu Sou. Agora saberão quem Sou!”. A vocês, que nunca se importaram conosco, os pobres da terra, viemos dizer nosso nome: “Aqui estamos Nós. Agora saberão quem Somos!”.

Todos: Muito bem! Muito bem!

Jesus: Companheiros, este é o plano, o que vocês acham?

Susana: Eu digo que é a coisa mais descabelada que já ouvi em toda a minha vida. Mas, moreno, que pulgas danadas picaram você? Em que cabeça pode caber essa idéia de chegar na frente desses figurões e cantar-lhes a verdade assim à boca dura?

Maria: Jesus, filho, por favor, não seja louco! Você acha que os chefes desse país vão dar importância a você, um camponês de sandálias gastas, heim, diga-me?

Simão: Por isso não, dona Maria, o faraó também fez pouco caso de Moisés na primeira vez. Moisés foi um dia, outro e outro mais e quem se cansou primeiro foi o faraó e não Moisés.

Jesus: E é isso o que nós vamos fazer: nós nos faremos mais teimosos que a burrinha de Balaão. Iremos de palácio em palácio, de faraó em faraó uma e outra e outra vez, até que as pedras se rompam. Estão de acordo?

Natanael: Não, eu não estou de acordo. Sinto muito, mas não estou de acordo...

Felipe: Lá vem o Nata com os seus medos...

Natanael: Não é medo, Felipe. É que este plano é um desvario. Não haverá nem segunda nem terceira vez. Vão nos esmagar como baratas logo de saída.

Jesus: Se formos sozinhos, sim, Natanael. Mas iremos com todos os moradores de Betânia, com os de Betfagé...

Judas: O pessoal da capital se unirá a nós, estou certo disso. E quando virem o reboiço, irão ao Cedron nos esperar!

Simão: Quando você levantar o braço, Jesus, mil braços se levantarão com você!

Felipe: Formaremos um exército, Nata, um imenso exército!

Natanael: Sim, Felipe, um exército de pulgentos! Um batalhão de mortos de fome!

Jesus: O mesmo exército e o mesmo batalhão que Moisés tinha quando cruzou o mar Vermelho. O mesmo que tinha Débora quando reuniu os Israelitas ao pé do Tabor. O mesmo que tiveram os irmãos Macabeus.

Simão: Mas os Macabeus iam com armas, Jesus. E nós não temos sequer duas espadas velhas.

Pedro: E o que tinha Davi quando foi ao encontro do gigante Golias, heim?

Simão: Pelo menos ele tinha pedras, caramba! E nós, nem isso!

Jesus: A pedra que nós vamos pôr na funda, a pedrada que nós vamos acertar neles, é nossa palavra. E todos unidos, ombro a ombro, levantaremos uma muralha mais compacta que as de Jerusalém. Formaremos um corpo imenso, o corpo do Messias, maior que Golias, tão grande e tão forte quanto a esperança dos pobres de Israel!

Felipe: Eu estou com Jesus! Vamos lá, companheiros, ele já disse tudo. Quem tiver medo, que fique! Mas esse cabeção aqui vai se postar na primeira fileira, junto da bandeira!

Natanael: Que bandeira porcaria nenhuma, Felipe! Nem sequer temos uma!

Felipe: Pois então levaremos o lenço de Judas, que era de um neto dos Macabeus! E cortamos uma folha de palmeira e o amarramos na ponta, e pronto!

Pedro: Jesus, moreno, por onde vamos começar?

Jesus: Pelo osso mais duro de roer. Pelo Templo. A família do sacerdote Anás o emporcalhou com seus negócios e suas trapaças. Vamos lá! E por aí que começaremos a limpar o país!

Maria: Filho, pelo amor de Deus, quem lhe esquentou a cabeça desse jeito? Quem lhe meteu esta febre no corpo?

Jesus: Deus, mamãe! Isso é coisa de Deus. Iremos ao Templo em nome do Deus de Israel!

Judas: Quando saímos, Jesus?

Jesus: Agora mesmo, Judas. Para que esperar mais? O que tem que ser feito, que seja feito logo! Eia, companheiros, vamos, vamos todos! Lázaro, feche a taberna. Mamãe, Susana, Maria... venham vocês também, mulheres e homens, todos fazem falta. Até as crianças gritarão conosco e romperão as pedras com seus gritos!

Estávamos inflamados. Apesar do medo e do risco, saímos da taberna. Éramos uma dúzia de homens, seis mulheres e Jesus. Em dois tempos chegamos à pequena praça de Betânia onde ficava o poço de água. Jesus subiu na mureta e dali chamou os moradores...

Jesus: Amigos de Betânia! Venham todos e escutem nossas palavras!... Anunciamos uma boa notícia a todo o povo! Chegou o Reino de Deus e a justiça de seu Messias! Deus vem reunir os que estavam dispersos! E nos abre um caminho, e vai adiante de nós!... Deus está na cabeça e nos dará de presente a vitória!

Simão: É assim que se fala! Viva o Messias!

Todos: Viva!!

Suzana: Viva o Filho de Davi!

Todos: Viva!!

Jesus: Amigos de Betânia, Deus está conosco! Os que têm fé, sigam-nos! Os pobres, os que choram, os que passam fome, os humildes da terra, venham conosco!

Todos: Liberdade, liberdade, liberdade, liberdade...!!

A aldeia de Betânia se pôs em movimento. As pessoas aplaudiam e gritavam e, em poucos minutos todos os moradores se apinharam em volta de nós e começaram a caminhar pelo atalho das tamareiras rumo a Betfagé...

Pedro: Bendito o que vem em nome do Senhor!

Todos: Bendito!! Hosana!!

Os peregrinos galileus que estavam acampados nas pousadas do caminho, quando ouviram aquele alvoroço, deixaram as jarras de vinho e os dados e se uniram ao grupo. As mulheres assomavam às janelas e nos saudavam com seus lenços e com as vassouras para o alto. Vários rapazes cortaram galhos de louro e folhas de palmeira e os agitavam no ar como se fossem espadas... A gritaria era ensurdecedora...

Felipe: Ei, Jesus, aqui ninguém ouve nada! Fale mais alto!

Jesus: O que você quer que eu faça, Felipe? Teria que subir numa destas tamareiras para poder falar a tanta gente!

Felipe: Em uma tamareira não, mas em um cavalo, sim! Ei, conterrâneo, ninguém tem um cavalo por aqui?

Susana: Quem tem cavalos são os soldados e os centuriões!

Felipe: Pois então, ao menos um jumento, caramba! O Messias dos pobres irá montado num jumento!

Pedro: Você, rapaz, corra até a aldeia e desamarre o primeiro jumento que encontrar e traga-o aqui! Vai, ande, Jesus precisa dele!

Cada vez mais gente nos seguia. Nós, os doze, íamos com Jesus, abrindo a marcha. Maria, sua mãe e as outras mulheres já haviam esquecido o medo do primeiro momento e agora gritavam a plenos pulmões, misturadas com as moradoras de Betânia e as das pousadas... Um camponês emprestou seu jumento a Jesus e ele montou nele para melhor falar às pessoas...

Jesus: Amigos, chegou o grande dia do Senhor! Queremos justiça hoje, não amanhã! Queremos liberdade hoje, não amanhã!

Todos: Hosana hei, hosana há, justiça hoje, justiça já! Hosana hei, hosana há, justiça hoje, justiça já!

Quando chegamos a Betfagé, todo o povo estava na rua. Alguns, num entusiasmo exagerado, estendiam seus mantos sobre as pedras do caminho por onde Jesus ia passar. Outros levantavam ramos de oliveira, saudando o Messias...

Judas: Viva o profeta da Galileia, hosana!

Todos: Hosana hei, hosana há, justiça hoje, justiça já!

Íamos subindo a ladeira do monte das Oliveiras. Era cerca do meio-dia e o sol caía em cheio sobre nossas cabeças, torrando nossos miolos. Foi quando, logo à frente, apareceu estendida a nossos pés, como uma imensa colméia, apinhada de casas, a cidade de Jerusalém, cercada por suas quatro muralhas que brilhavam como ouro. E, no meio dela, sobre a colina baixa do Mória, o Templo com suas escadarias repletas de vendedores e comerciantes...

Pedro: Que viva Jerusalém e que sumam dela todos os sem-vergonhas!

Jesus se deteve e, sem desmontar do jumento, ficou olhando a cidade. Lembro-me que, naquele momento, seus olhos se encheram de lágrimas...

Jesus: Jerusalém, cidade da paz, se pelo menos hoje compreendesses como se consegue a paz, a verdadeira! Pai, ajuda-nos! Vamos falar em teu nome! Abra os ouvidos dos surdos que não querem ouvir o grito de justiça dos pobres de Israel! Leva-nos nas asas da águia como levaste teu povo em outros tempos, quando o libertaste da escravidão do Egito!

Pedro: Olhe, moreno, as pessoas estão saindo da cidade e vindo juntar-se a nós! A vitória é nossa! Ninguém poderá nos deter!

Judas: Levante um ramo, Jesus, para que todos o vejam. O povo está esperando esse sinal!

Então Jesus pegou um galho de oliveira, segurou-o com as duas mãos e o levantou como a um estandarte no meio de todos...

Jesus: Irmãos, Jerusalém nos espera! Deus está conosco! Adiante, em nome de Deus!

Como uma rocha que se desprende e arrasta tudo, assim nos lançamos pela encosta das Oliveiras, levantando intensa poeira e agitando os ramos... Atravessamos a torrente do Cedron e nos enfileiramos pela Porta Dourada, que dá na esplanada do Templo... Os soldados romanos, postados sobre a muralha, olhavam-nos com desprezo... Um dos centuriões, quando viu aquele tumulto, deu ordens para fechar a porta, e os guardas já estavam manobrando os ferrolhos... Mas nós que íamos à frente, avançamos precipitadamente e nos lançamos como um só homem contra os batentes de madeira da porta já meio fechada... A gritaria da multidão inflamada se derramou sobre o duplo arco da Porta Dourada e, arrastados pela avalanche, entramos na grande esplanada do Templo de Jerusalém...

Para as festas da Páscoa, na primavera, congregavam-se em Jerusalém milhares de peregrinos, triplicando a população da capital. Calcula-se que entre israelitas vindos do resto do país e judeus das colônias do estrangeiro, reuniam-se em Jerusalém uns 125.000 peregrinos. Como a cidade não podia absorver tal quantidade de pessoas, elas se hospedavam – conforme os lugares de origem – nas aldeias vizinhas, que nos dias de Páscoa formavam o que se chamava a “Grande Jerusalém”. Betânia e Betfagé, aldeias situadas ao leste da capital, acolhiam milhares desses peregrinos. O ambiente de Jerusalém nestes dias de festa era de expressiva alegria. Durante todo o ano, esses milhares de peregrinos economizavam para os gastos extraordinários daqueles dias. Comia-se melhor, bebia-se muito, compravam-se presentes. Para o povo, eram dias de respiro e de expansão em meio a uma vida de contínuas privações.

A par deste ambiente festivo, os dias de Páscoa coloriam de vermelho vivo as expectativas políticas do povo, suas ânsias de libertação e sua esperança messiânica. A Páscoa comemorava anualmente a libertação do povo de Israel. Escravos no Egito durante séculos, os israelitas, conduzidos por Moisés e pelo poderoso braço de Deus, haviam conseguido uma terra própria: isso é que era celebrado naqueles dias. A dominação imperial romana, que Israel suportava há mais de vinte e cinco anos, exaltava os sentimentos nacionalistas do povo. A Páscoa era uma ocasião para mobilizações populares de todo tipo. Jesus estava muito consciente da ocasião que se lhe apresentava nas festas para realizar um importante gesto profético no próprio coração de Jerusalém, o Templo. E quis aproveitá-la. Ele, com todos os seus compatriotas, participavam daquele ambiente de festa e de exaltação que caracterizava as festas da Páscoa.

Neste episódio, para mostrar aos seus amigos qual é seu plano, Jesus se inspira nas palavras e gestos de Moisés, o Libertador de Israel. Assim como Moisés foi enviado pelo próprio Deus ao palácio do faraó para exigir que ele deixasse o povo em liberdade (Ex 3, 16-20), Jesus quer repetir este mesmo gesto profético diante dos palácios dos “faraós” de seu tempo. E assim como Deus disse a Moisés qual era seu nome para que o levasse como bandeira diante do opressor, Jesus planeja apresentar-se também diante deles com esse nome. Yahweh – o nome de Deus na Bíblia – que significa literalmente: “Ele é”. (Yahweh é a forma em terceira pessoa do nome que, na primeira pessoa, se traduz por “Eu sou o que sou”). Este nome, algo misterioso para nós, pode ser lido também de várias formas: “Eu sou aquele que faz ser” (o Deus criador), “Eu sou aquele que verão que sou” (o Deus libertador, que age na história fazendo coisas novas). Neste episódio, Jesus toma esta última significação do nome de Deus.

Os fatos ocorridos no domingo de Ramos foram uma autêntica manifestação popular, massiva e inflamada, na qual se misturavam os mais profundos sentimentos da fé do povo no Deus libertador e em seu Messias, com sentimentos nacionalistas e políticos dos mais diversos matizes. Os zelotas – tal como aparecem no episódio Judas e Simão – veriam naquele dia na atuação de Jesus uma ocasião para conseguir um imediato levante popular. Os discípulos esperariam o triunfo definitivo dos ideais de justiça do Reino de Deus. O povo esperava a liberdade, embora não soubesse bem por que

caminho ela iria chegar. É o que acontece em qualquer atividade de massa. As expectativas são diferentes, embora todas se nutram de sentimentos comuns. Não se trata, pois, no domingo de Ramos, de uma procissão religiosa ordeira, com palmas que se agitam pacificamente ao ritmo de cânticos religiosos. Aquilo foi um verdadeiro tumulto.

Para entrar na capital naquele domingo, Jesus veio pelo caminho de Betânia. Ao chegar à altura do monte das Oliveiras, já se contemplam as muralhas orientais de Jerusalém. É uma vista inesquecível, impressionante, até nos dias de hoje. Na ribanceira, a torrente do Cedron. Em frente, a Porta Dourada que dava acesso ao soberbo edifício do Templo. Esta porta, uma das mais formosas que se abriam nas muralhas, está hoje fechada. As velhas tradições judaicas dizem que tornará a abrir-se solenemente quando o Messias chegar e entrar em Jerusalém por ela. (Atualmente, parte do povo judeu continua ainda esperando a chegada do Messias). No alto do monte das Oliveiras, em frente a essa maravilhosa panorâmica de Jerusalém, construiu-se, faz alguns anos, uma pequena capela que se chama “Dominus fleuit” (o Senhor chorou), em recordação das lágrimas derramadas por Jesus no domingo de Ramos ao contemplar dali a capital de sua pátria.

A palavra “Hosana” com a qual Jesus foi aclamado neste dia significa literalmente “Salva-nos, por favor!”. Com ela se pedia a Deus ajuda para a vitória (Salmo 118, 25). Pouco a pouco, o povo a foi usando como sinal de aclamação, tanto a Deus, quanto ao Rei. No domingo de Ramos o emprego do Hosana foi uma confissão popular e massiva de que Jesus era o Messias esperado. Pelo fato de a idéia do Messias estar profundamente vinculada, tanto ao religioso, como à aspiração patriótica e política de libertação, precisamos entender os vetores daquele dia em seu sentido global. Com o domingo de Ramos se inicia tradicionalmente a paixão de Jesus. É preciso ter cuidado ao fazer desta vibrante entrada de Jesus em Jerusalém o primeiro capítulo de seu inexorável caminho para a morte. Quando Jesus se decidiu a entrar no Templo e a purificá-lo, a fazer esse gesto no próprio coração do sistema religioso-político de seu tempo, devia saber claramente que estava arriscando a vida. De fato se aqui se inicia a paixão é precisamente porque o que aconteceu no Templo representava um desafio tal às autoridades, que foi a gota d’água para sua condenação à morte de forma oficial e definitiva.

(Mateus 21, 1-11; 23, 37-39; Marcos 11, 1-11; Lucas 13, 34-35; 19, 29-38; João 12, 12-18)

Capítulo LXIII

COM O CHICOTE NA MÃO

Desde muito cedo, a grande esplanada do Templo de Jerusalém tinha se inundado de vendedores de vacas, cordeiros e pombos. Junto às colunas do pórtico de Salomão, os ambulantes colocaram seus carroções com amuletos e mil quinquilharias. Sobre as escadarias que davam para os átrios interiores, se postaram os cambistas de moedas. Ressoavam as maldições e as pechinchas e, no ar, como uma nuvem espessa, flutuava o cheiro de sangue dos animais degolados, misturado ao fedor do esterco e do suor rançoso dos milhares de peregrinos que abarrotavam a esplanada...

Em meio àquela barafunda de gente e animais, entramos nós, forçando a Porta Dourada: uma avalanche de camponeses de Betânia, de forasteiros galileus, de homens e mulheres agitando com entusiasmo ramos de louro e de palmeira, já roucos de tanto gritar saudando o Messias, o Filho de Davi...

Todos: Hosana hei, hosana há, justiça hoje, justiça já. Hosana hei, hosana há, justiça hoje, justiça já!

Um homem: Viva o profeta de Nazaré!

Todos: Viva!!

Outro homem: Abaixo Caifás e toda a sua corja!

Todos: Abaixo!!

Jesus ia adiante, montado no jumento, espremido pela enorme multidão que enchia o átrio dos gentios...

Jesus: Amigos de Jerusalém! Chegou o Reino de Deus! Acabou-se o mundo velho! Deus viu a opressão de nosso povo e escutou nosso clamor! Deus quer libertar-nos de todo jugo para que possamos servi-lo em liberdade, com a fronte bem alta, sobre uma nova terra! Que a justiça corra como um rio e a paz como uma torrente transbordante!

Um homem: Viva Jesus, o Messias de Deus!

Todos: Viva!!

Outro homem: O Messias já está aqui / Ele é o Filho de Davi!

Todos: O Messias já está aqui / ele é o filho de Davi!

O sol ardente tirava fumaça dos mosaicos que cobriam a grande esplanada do Templo... Dos muros da Torre Antônia, os soldados romanos, com suas couraças de metal e suas lanças, nos olhavam com desprezo e esperavam ordens para dissolver a manifestação...

Todos: O Messias está aqui / ele é o Filho de Davi!

Nós mal tínhamos chegado ao primeiro terraço, quando um grupo de levitas e guardiões do Templo cortaram a passagem, ameaçando-nos com seus punhos fechados...

Um levita: Ao diabo com todos vocês! Pode-se saber quem organizou esta desordem?

Jesus: Quem organizou esta desordem foram vocês, que transformaram a Casa de Deus num mercado!

Todos: Muito bem, é isso mesmo!

Todos: O Messias já está aqui / ele é o Filho de Davi!

Levita: Galileu rebelde, será que você não está ouvindo o que esta chusma está gritando? Não está ouvindo esta insolência?

Um homem: Jesus é o Messias, viva Jesus!

Todos: Viva!!

Levita: Tapem a boca de todos esses blasfemos!

Jesus: Nem você nem ninguém nos calará porque viemos em nome de Deus! E se nos fecharem a boca, as pedras gritarão!

Levita: Está nos ameaçando, maldito?

Jesus: É Deus quem aponta o dedo contra vocês, é Deus que tapa o rosto quando vê a abominação que vocês fizeram deste lugar santo!

Uma mulher: É assim que se fala, caramba! Duro com eles, Jesus, duro mesmo!

Um homem: Avante o que vem em nome do Senhor!

Todos: Avante!

Os levitas tiveram que se pôr de lado e deixar-nos passar. Jesus soltava faíscas pelos olhos, como se tivesse um forno dentro de si... Avançou com pressa, por entre os currais de vacas e cordeiros, até alcançar os primeiros degraus, já próximo da escadaria repleta de pequenas mesas onde se trocavam moedas gregas e romanas para pagar os impostos do Templo, em benefício de Caifás e dos sacerdotes... Jesus subiu na mureta do terraço e com o braço estendido, como Moisés quando abriu em dois o Mar Vermelho, apontou o faustoso templo de ouro e mármore que tinha à sua frente...

Jesus: Amigos de Jerusalém! Ali dentro estão os sacerdotes e os fariseus e os mestres da Lei! Estão sentados na cátedra de Moisés! E se Moisés se levantasse do túmulo, tiraria todos de lá a porretadas! Porque eles chamam a si mesmos de representantes de Deus, mas eles representam é Mamón, o deus do dinheiro! Porque com a boca falam da Lei de Moisés, mas com as mãos vão atrás do bezerro de ouro!

Todos: Muito bem, muito bem! Duro com eles, Jesus!

Jesus: Ali estão os hipócritas! Aí estão os que falam e não fazem! Jogam em cima de nós uma carga de leis, nos afogam com impostos, jejuns, penitências que eles mesmos não cumprem, mil normas que eles mesmos inventaram! Nós com o jugo sobre a nuca e eles não movem um dedinho sequer para aliviar-nos a carga!

Todos: É isso mesmo, Jesus, é isso mesmo! Pau neles, Jesus!

Jesus: Ali estão os hipócritas! Dizem que todos somos irmãos, mas correm atrás dos primeiros lugares e vestem roupas luxuosas e querem que beijemos sua mão e os chamemos de pais e mestres! Mestres de quê? Da mentira, porque é isso que eles ensinam! Pais de quê? Da avareza, porque é isso que fazem, roubar e comerciar com as coisas de Deus!

Todos: Muito bem, muito bem!

Jesus: Nós, a ninguém chamaremos de pais e de mestres porque há um só, o que está lá em cima, o Deus que eleva os humildes e derruba os tronos dos poderosos! Viva o Deus de Israel!

Todos: Viva!! Viva!!

Nesse momento, roxos de raiva, um grupo de sacerdotes desceu as escadarias, com o comandante da guarda do Templo à frente... Vinham vestidos com suas túnicas negras e altas tiaras sobre a cabeça...

Sacerdote: Cale-se, maldito! Com que direito insultas os ministros de Deus, você que é um leigo ignorante, um camponês cheio de imundície, que fede mais que o lixo da geena?

Jesus: O fedor e o lixo foram vocês que trouxeram, traficantes de Satã, que encheram a Casa de Deus com vacas e ovelhas para engordar os bolsos desse velho ladrão que se chama Anás!

Sacerdote: Mas, como se atreve a falar assim, seu filho de prostituta? Não sabe onde está?... Esse é o templo do Altíssimo de Israel! Você está a dois palmos do Santo dos Santos onde vive o Deus Bendito!

Jesus: Não, escute bem, o Bendito não está ali. O Deus de Israel deu meia volta e se foi daqui, porque vocês transformaram sua casa num mercado e sua religião num negócio! E eu lhes digo que deste templo não ficará uma pedra sobre a outra! Tudo isso virá abaixo como a estátua que o profeta Daniel viu, uma estátua enorme e luxuosa mas que tinha pés de barro! E com uma pedra desmoronou inteira! Nós somos essa pedra e Deus nos lançou hoje contra esse Templo que tem alicerces de barro!

Sacerdote: Pedras é o que nós vamos jogar em você, agitador, blasfemo da maior blasfêmia, por ter falado contra o santo Templo do Altíssimo!

Jesus: Você se engana, amigo. Isso não é um Templo. É uma tumba! Um sepulcro coberto de mármore! Mas por dentro está todo podre. E vocês também fedem a defunto! Sepulcros pintados com cal, isso é o que vocês são. Por fora bonitos, por dentro cheios de vermes. Hipócritas! Trapaceiam as viúvas, vendem os órfãos por um par de sandálias e depois vêm aqui dar esmolas. Primeiro arrancam o pão da boca dos pobres e depois jejuam em honra a Deus. Primeiro ameaçam com o punho os infelizes e depois vêm cheios de piedade rezar no Templo, como se Deus não se desse conta de toda a mentira de vocês, fariseus e farsantes que engolem camelos inteiros e depois coam o mosquito.

Todos: Hosana hei, hosana há, justiça hoje, justiça já! Hosana hei, Hosana há, justiça hoje, justiça já!

Sacerdote: Este homem está endemoniado! É um perigo para todos! Façam-no calar, façam-no calar!

Jesus: Claro, porque não lhes convém que digamos a verdade. Porque a verdade torna os homens livres e vocês querem que continuemos com a venda nos olhos para continuarem aproveitando-se de nós. Os demônios são vocês, raça de víboras, filhos da serpente que enganou nossos primeiros pais!

Todos: Muito bem, Jesus, muito bem! É assim que se fala!

Então apareceram no umbral da Porta de Corinto, a que chamam Formosa, quatro anciãos do Sinédrio, com túnicas de linho puro e as mãos cheias de anéis... Eram os magistrados mais temidos e mais poderosos do nosso povo, parentes do sumo sacerdote Caifás, da mais alta aristocracia de Jerusalém... Quando os vimos sair, retrocedemos um pouco... Até os cambistas de moedas e os vendedores que se apinhavam na escadaria, deixaram seus negócios para verem como terminaria aquilo... Os magistrados ficaram em cima, junto à Porta. Transpiravam ódio contra Jesus, mas se contiveram para não amotinar ainda mais o povo...

Magistrado: Chega de besteiras, Galileu trapaceiro... Quem você pensa que é?... Pensa que vamos aturar que, debaixo de nossos narizes, venha você, um camponês de sandálias estropiadas, vomitar seus ressentimentos?... Vamos, sumam daqui... Vão todos por bem, se não quiserem que o façamos por mal... Já dissemos para irem embora!

Jesus: São vocês que têm de ir embora deste lugar e deixar-nos viver em paz. Vocês é que são os trapaceiros do povo, você que têm mais crimes que anos sobre as costas!

Magistrado: Este rebelde deve morrer! Deve ser apedrejado agora mesmo!

Jesus: Façam isso, sim, este é o costume de vocês! Primeiro matam os profetas e depois, quando passou o perigo, levantam monumentos para eles e lhes enfeitam as tumbas! Assassinos! Vocês têm as mãos manchadas de sangue inocente! Mas Deus lhes pedirá contas de todo esse sangue derramado por vocês, desde o sangue do justo Abel até o de Zacarias, filho de Berequias, que vocês mataram aqui mesmo, junto ao altar de Deus!

Um dos anciãos, com os olhos injetados de cólera, levantou o punho para amaldiçoar...

Magistrado: Anátema contra você, cão raivoso! Anátema contra todos vocês, rebeldes!!... O castigo de Deus será terrível!...

Jesus: Suas palavras não nos assustam, magistrado do Sinédrio. Deus está do nosso lado. E é Deus quem lança o anátema contra vocês, que transformaram sua Casa de oração em uma toca de ladrões!

Jesus se agachou e pegou do chão algumas cordas que haviam servido para amarrar o gado... Deu com elas uma volta na mão e se lançou pela escadaria, subindo os degraus de dois em dois... Nós fomos atrás atropeladamente... Jesus brandia o chicote com tanta fúria que os quatro anciãos saíram correndo pela porta por onde haviam aparecido... Quando chegou em cima, gritou com autoridade...

Jesus: Fora daqui, mercadores de Satã, fora daqui!!

A confusão foi espantosa. Jesus derrubou as mesas repletas de moedas e as jogou escadaria abaixo... As pessoas se atiravam sobre o dinheiro e os cambistas, enfurecidos, se atiravam sobre as pessoas... Uma e outra vez, Jesus descarregou o chicote sobre as balanças dos impostos... As vacas e as ovelhas se espantaram com aquela gritaria e saíram correndo pela esplanada... As pessoas gritavam e os vendedores se esgoelavam maldizendo... Voavam as pombas e também os bofetões... Como o tumulto ia aumentando, os soldados da Torre Antônia começaram a se movimentar. Mas Jesus continuava falando inflamado...

Jesus: Digam a Caifás que amanhã iremos à frente de seu palácio, e depois de amanhã iremos até Herodes acusá-lo por sua safadeza e depois iremos a Pôncio Pilatos diante da Torre Antônia. E no terceiro dia Deus vencerá! Chegou o grande Dia do Senhor, o Dia da libertação!

Todos: Liberdade, liberdade, liberdade, liberdade...!

Levita: Prendam esse rebelde! Não o deixem escapar!

Sacerdote: Prendam a cidade toda se for preciso!

Uma mulher: Ai, santo Deus, vão matar todos nós! Corram, rapazes!

Em meio aquele torvelinho humano, conseguimos tirar Jesus pelos pórticos até o bairro de Ofel. Dali, fomos nos escondendo até à Porta de Sião, e depois à casa de Marcos, o amigo de Pedro... Quando anoiteceu, escapamos para Betânia... Naquele dia, a colina do Templo de Jerusalém tremeu em seus alicerces, como quando Elias, lá no Carmelo, empunhou o chicote de Deus contra os sacerdotes de Baal...

De qualquer ponto de vista (religioso, político, social e econômico), o Templo de Jerusalém era a instituição mais importante de Israel no tempo de Jesus. Era para as autoridades religiosas (sacerdotes, sinedritas, levitas, fariseus, escribas). Cada uma dessas classes, a seu modo, vivia do Templo e “usavam” sua significação religiosa em proveito próprio. Era para o povo que vivia humilhado diante da magnificência daquele suntuoso e descomunal edifício. A transcendência daquele lugar não passou despercebida nem para o próprio império romano. Após difíceis negociações, os governadores romanos conseguiram que se oferecesse cada dia no Templo um sacrifício para o imperador. Com isso, os israelitas ficavam dispensados de qualquer outra forma de culto ao soberano de Roma.

O Templo designa um amplíssimo recinto que dominava Jerusalém por completo. (Ocupava a quinta parte da superfície total da cidade). Neste recinto estava compreendido o santuário – capela onde a

religião judaica localizava a presença de Deus, o átrio dos sacerdotes e outros três átrios ou pátios rodeados por amplos pórticos com colunas. Os três átrios onde os leigos podiam entrar eram: o dos pagãos (único lugar do templo onde podiam entrar os estrangeiros não judeus), o das mulheres (até onde as mulheres podiam entrar) e o dos israelitas (onde entravam os judeus homens). No santuário só os sacerdotes podiam entrar. A estrutura do templo, suas divisões, eram um reflexo do sistema discriminatório daquela sociedade. O átrio dos pagãos (dos gentios), o mais exterior, era a chamada “esplanada do Templo”. Ali se instalava o mercado de animais para os sacrifícios (tours, bezerros, ovelhas, cabras, pombos) e as mesas para o câmbio de moedas.

Os cambistas de moedas, de quem Jesus derrubou as mesas, tinham como função trocar o dinheiro estrangeiro (grego e romano) que os peregrinos traziam ao Templo para pagar seus impostos, com a moeda própria do santuário. As moedas estrangeiras traziam gravada a imagem do imperador e, portanto, eram para os judeus blasfemas e impuras (o imperador era um homem divinizado). Por isso esse dinheiro não podia entrar em lugar sagrado e era necessário trocá-lo. Todos os israelitas estavam obrigados a pagar anualmente ao Templo vários tributos: 1) duas drácmas; 2) as primícias da colheita ou dos produtos de seu trabalho e 3) o chamado “segundo dízimo”. Este não era entregue ao Templo, mas todos estavam obrigados a gastá-lo em Jerusalém (em comida, objetos ou hospedagem). Na Páscoa, a afluência de dinheiro na capital era enorme. Os cambistas não só trocavam moeda, como atuavam como autênticos banqueiros.

No Templo se prestava culto a Deus. Um culto em forma de orações, cânticos, perfumes que se queimavam, procissões de louvor etc. E um culto em forma de sacrifícios sangrentos de animais ou de outros produtos do campo (trigo, vinho, pães, azeite). Esses sacrifícios são expressão de um profundo sentimento religioso do ser humano. Em todas as culturas primitivas o homem oferecia a Deus algo de seu – destruindo-o, matando-o, queimando-o – como símbolo de submissão, como forma de pedir ajuda ou perdão. No tempo de Jesus a maioria dos animais que se sacrificavam no Templo, era vendida ali mesmo ou em tendas próximas que também pertenciam ao Templo. Depois eram entregues aos sacerdotes que os queimavam totalmente ou os degolavam dentro do santuário como oferenda agradável a Deus. Todos os dias do ano havia sacrifícios no Templo, mas na semana da Páscoa eles se multiplicavam: a cada dia se sacrificavam dois tours, um carneiro, sete cordeiros e um cabrito em nome de todo o povo. À parte disso havia, naturalmente, uma multidão de sacrifícios privados pelas mais variadas razões: pecados, impurezas, promessas, votos, etc. As vítimas pascais propriamente ditas (cordeiros machos e jovens, conforme prescrito pela Lei) chegavam nestes dias a dezenas de milhares. Certo historiador apresenta a cifra de mais de 250.000 cordeiros sacrificados por Páscoa.

O culto do Templo representava a fonte de entradas mais importante de Jerusalém. Do Templo vivia a aristocracia sacerdotal, os simples sacerdotes, e a multidão de empregados de diversas categorias (policiais, músicos, pedreiros, ourives, pintores etc.). Enormes quantidades de dinheiro fluíam para o Templo. Vinham dos donativos de pessoas piedosas, do comércio de gado, dos tributos que os israelitas deviam pagar, das promessas etc. Administrar o fabuloso tesouro do Templo era estar colocado no posto de máximo poder econômico de todo o país. A família dos Sumos Sacerdotes exercia este cargo através de um corpo de três tesoureiros adjuntos, às vezes de sua própria parentela. Testemunhos históricos demonstram que no tempo de Jesus o negócio de animais para os sacrifícios pertencia a Anás e sua família. A tão fabuloso poderio econômico estava ligado, naturalmente, o poder político. O Sinédrio, máximo órgão religioso-político-jurídico de Israel, realizava suas sessões no Templo e o era presidido pelo Sumo Sacerdote.

Nenhuma instituição de nosso tempo é comparável a esta, nem edifício algum – símbolo – de poder em nossos países pode pôr-se em paralelo com o Templo de Jerusalém. Tudo isso pode nos servir

para fazermos uma idéia do que significou o fato de Jesus, um leigo, sem autoridade de teólogo, se atrever a denunciar naquele lugar as supremas autoridades religiosas.

Daquele fabuloso edifício do Templo, uma das grandes maravilhas do mundo antigo, não resta hoje mais que um pedaço de uma das paredes que lhe serviam de muralha: o chamado “muro das lamentações”, construído com pedras de até sete metros de largura. Junto a este muro os judeus ainda rezam por causa da destruição do Templo ocorrida há quase dois mil anos. Ali celebram suas festas, rezam e louvam o Deus de seus antepassados. No ano 70 depois de Jesus, o Templo foi incendiado e arrasado pelos romanos que sufocaram desta forma uma revolta nacionalista judaica. Não ficou do Templo pedra sobre pedra... Hoje podemos ver no lugar que ocupava aquele grandioso edifício uma imensa esplanada (491 x 310 metros), no bairro árabe de Jerusalém. No centro desta esplanada ergue-se a belíssima mesquita de Omar, ou mesquita da Rocha. (Foi construída ali no século VII pelos árabes que se tornaram donos de Jerusalém). No interior desta mesquita há uma enorme pedra que os judeus veneraram como o monte Moria (onde Abraão ia sacrificar Isaac) e onde se realizavam os sacrifícios de animais no Templo.

Não devemos interpretar o gesto da expulsão dos mercadores do Templo como um ato exclusivamente religioso. Os mercadores estavam ali porque os próprios sacerdotes viviam daquele negócio. No Templo de Jerusalém o político, o religioso e o econômico estavam tão estreitamente ligados que era impossível fazer uma denúncia religiosa sem que ao mesmo tempo fosse um ataque ao poder econômico e político.

Por ser este o gesto mais arriscado de Jesus dentro de sua atividade profética, incluem-se também neste episódio as palavras mais duras que dele recolhe o evangelho. São palavras de uma ardente denúncia contra os sacerdotes, que negociam com o nome de Deus e reduziram o culto a uma idolatria do dinheiro. Denúncia contra os teólogos, que enganam os ingênuos com leis que eles inventam, que deformam a imagem de Deus por sua ambição de fama e privilégios. Denúncia contra quem fez da religião uma insuportável carga de leis e normas.

(Mateus, 21, 12-17; 23, 1-36; Marcos 11, 15-19; 12, 38-40; Lucas 11, 37-52; 19, 45-48; 20, 45-47; João 2, 13-22).

Capítulo LXIV

UM HOMEM PELO POVO

Um pregoeiro: Moradores de Jerusalém e forasteiros vindos para a festa... As autoridades desta cidade estão procurando um tal Jesus, um camponês de rosto moreno, de uns trinta anos, alto, com barba, procedente da Galiléia, e que se faz chamar de profeta e messias. Qualquer pessoa que saiba o paradeiro deste perigoso rebelde, que informe os magistrados do Sinédrio e será recompensado com sessenta siclos de prata...

Depois do acontecido no domingo no Templo, quando invadimos com gritos e ramos de palmeira a esplanada dos gentios, os chefes religiosos da capital mandaram apregoar este aviso nas doze portas da cidade de Davi, no mercado e nos bairros...

Enquanto isso, o velho Anás, o sacerdote mais rico e mais influente de toda Jerusalém, que controlava de seu palácio a venda dos animais que eram sacrificados no Templo, conversava com seu genro José Caifás, o sumo sacerdote daquele ano.

Caifás: Se você tivesse estado lá, se tivesse presenciado o motim, não falaria agora com tanta tranqüilidade...

Anás: Fico contente de não ter visto nada. Na minha idade, querido genro, esses desgostos são perigosos.

Caifás: Não podemos consentir em outro escândalo como esse. Creia-me, Anás, o que aconteceu domingo no Templo foi algo muito lamentável.

Anás: Bom, o que mais lamentei foram as minhas vacas. Como sempre acontece nesses casos, a chusma se aproveita da confusão. Desapareceram cinco vacas com seus bezerros. Ovelhas perdidas, pelo menos umas quarenta. As pombas nem conto.

Caifás: Nem eu tampouco conto as moedas esparramadas pela escadaria... Os cambistas disseram que não puderam se defender da turba... Imbecis... Precisamente na hora sexta, quando teriam recolhido mais dinheiro, é que esse agitador entrou e armou o tumulto... maldito nazareno!

Anás: Enfim, meu querido genro Caifás, não há porque se preocupar tanto. O aviso já está dado. Foi apregoado por todos os cantos.

Caifás: E o que adianta isso?... A cidade toda está com ele. Escondem-no. Protegem-no.

Anás: Mas sempre aparece um que canta. Sessenta ciclos de prata é uma boa tentação para qualquer morto de fome. Tranqüilize-se, Caifás. Não dê tanta importância a um camponês maluco. Amanhã,

ou no mais tardar na quinta-feira, este assunto estará resolvido... Mesmo que esse tal Jesus se esconda no próprio sheol, daremos de cara com ele. E agora, em vez de ficar roendo as unhas, vai e reúna o Sinédrio e explique a todos a “delicada situação” que o nazareno provocou... Todos os magistrados lhe darão seu voto de confiança... Depois, meu querido genro, você já sabe o que tem de fazer...

Era o 11 de Nizan, quarta-feira. Desde domingo estávamos escondidos com Jesus em Betânia, no segundo andar da taberna de Lázaro. Judas, de Kariot, que conhecia bem a cidade, ia e vinha para contar-nos como andavam as coisas. Mas naquela manhã, demorou para voltar...

Barrabás: Que demônios o chefe de vocês está esperando, Judas? Em que está pensando?... Sim, o ato de domingo no Templo foi um bom golpe de efeito, mas nada mais. Com ramos de palmeira não se ganha uma guerra.

Judas: Foi isso mesmo que alguns de nós dissemos, Barrabás. Mas, o que você quer? O chefe é o chefe, caramba. Nós estamos com Jesus e vamos para onde ele disser.

Barrabás: A causa é a causa, Judas! E nossa causa está acima de todos os chefes!

Em um dos casebres do bairro de Ofel, com as portas e janelas fechadas, Barrabás, um dos líderes do movimento zelote, discutia com Judas, de Kariot...

Barrabás: Judas, escute-me. Você já foi dos nossos durante um tempo. Posso falar-lhe com confiança. Nós do movimento passamos a noite toda discutindo e... e temos um plano.

Judas: E qual é esse plano?

Barrabás: Preste atenção, companheiro. Uma coisa é clara. De todos os cabeças que temos agora em nosso país, o único que é capaz de mobilizar o povo é o de vocês, o nazareno. Sim, temos que reconhecer. Deu muito trabalho para que os dirigentes do movimento reconhecessem isso, mas eu os fiz enxergar. Pilatos crucificou nossos melhores homens. Os sicários se tornaram antipáticos ao povo por sua sede de sangue. Os chefes de Peréia e da Judéia já estão muito queimados. Com quem podemos contar então?... Jesus é o único que pode levantar o povo em armas, compreende?

Judas: Sim, compreendo, mas por que está me dizendo isso?

Barrabás: Escute, Judas. Nós sabemos onde conseguir uma boa quantidade de espadas e lanças. Temos gente preparada para assaltar o arsenal de Siloé e o da Torre Antônia. É questão de dividirmos o trabalho. E de planejar bem o golpe. E você sabe muito bem como são essas brigas, uma vez que estalam, não há quem segure. Só está faltando uma coisa.

Judas: Que Jesus empunhe a espada e dê o primeiro passo, não é isso?

Barrabás: Isso mesmo, Judas. Responda-me, então: Jesus se decidirá, sim ou não?

Judas: Creio que não, Barrabás. O moreno é... é um idealista. Diz que a nossa força não está nas armas mas em protestar juntos até arrebentar a paciência do faraó, como fez Moisés no Egito.

Barrabás: Um idealista não. Um imbecil. Eu já disse isso a ele quando assassinaram João o batizador. Se não mudar de tática, nazareno, você terá a mesma sorte que o filho de Zacarias.

Judas: Jesus não vai mudar. Ao menos por ora.

Barrabás: É que agora é a oportunidade, Judas! Agora ou nunca! A cidade está em brasas, esperando o sinal para lançar-se contra o quartel romano!

Judas: Se você quiser podemos falar com Jesus e ver se...

Barrabás: Não, iscariote. Não é momento de falar e sim de agir. E logo. Se Jesus não se decidir, nós decidiremos.

Judas: E o que o pessoal do movimento pensou?

Barrabás: Mata-lo.

Judas: O que você disse?

Barrabás: Disse mata-lo. Eliminar Jesus. Nós o degolaremos. Depois diremos que os romanos o assassinaram.

Judas: Mas, estão loucos? Como é que vocês podem pensar numa coisa dessa...?

Barrabás: Você não entende nada de política, Judas. Um líder morto pode às vezes ser mais útil, que vivo. Com o sangue derramado é que se pintam bandeiras, compreende?

Judas: Mas, o que vocês ganhariam com isso...?

Barrabás: Que o povo se levante em armas, caramba! Em dois minutos correrá a notícia por toda Jerusalém e em outros dois estalará a revolta! Será a faísca necessária para o grande incêndio.

Judas: Não posso acreditar que o movimento seja capaz de uma coisa dessa... Você, Barrabás, faria uma coisa tão baixa...?

Barrabás: Será você que irá fazê-la, Judas. Contamos com você. Você sabe onde o nazareno está escondido. Você é um dos seus.

Judas: Mas, será que estou ouvindo bem ou...? O que você está insinuando, Barrabás?

Barrabás: Não estou insinuando nada, iscariote. Estou dizendo bem às claras, tais como estão as coisas, Jesus é mais útil morto, que vivo. E você é o mais indicado para levar a cabo este plano.

Judas: Maldição! Repugna-me ouvir você falar, Barrabás! Adeus. Não conte comigo para matar um companheiro. Muito menos Jesus.

Barrabás: Espere, Judas, espere. Tranqüilize-se. Trate de compreender o movimento.

Judas: Sinto muito, Barrabás. Eu não traio os meus.

Barrabás: Por que usa essa palavra?

Judas: Porque não há outra.

Barrabás: Sim, há outra. Não é traição, é estratégia. É necessário que morra um homem pelo povo. Compreenda, Judas!

Naquela quarta-feira, à tarde, o sumo sacerdote José Caifás havia convocado uma reunião de urgência com os principais magistrados de Jerusalém.

Caifás: Compreendam, ilustres do Sinédrio. É um assunto delicado sobre o qual devemos chegar a uma pronta decisão. Trata-se desse fanático chamado Jesus, de quem muitos de vocês já devem ter ouvido falar. Um homem da pior espécie, rebelde contra Roma, blasfemo contra o Templo, agitador, conspirador e... e além disso, imbecil. Porque somente um imbecil se põe a atirar ovos para quebrar uma parede...

Um magistrado: Minha opinião, excelência, é cortar o mal pela raiz. Leproso, impuro e rebelde devem ser afastados o quanto antes da comunidade.

Jeconias: Sinto muito, mas não estou de acordo. A cidade está repleta de peregrinos. O povo está muito excitado com os novos impostos. Esperemos que passem esses dias de festa. Então tudo será mais fácil e menos ruidoso.

Outro magistrado: Apoio meu colega Jeconias. Além disso, não devemos ser nós a deter esse revoltoso. Será mal visto pelo povo. É melhor que seja o governador Pilatos a se ocupar dele.

Outro magistrado: O governador Pilatos diz que já está farto de levantar cruzes para crucificar os nossos messias. Não quer mais nenhuma confusão.

Jeconias: Ao contrário, o que Pilatos quer é ter uma nova desculpa contra nós para continuar roubando o Tesouro do Templo!

Caifás: Ilustres, não falem assim do governador. Pôncio Pilatos tem suas pequenas manias, é verdade, mas é um homem prudente e sempre nos tem apoiado no bom governo da província... Pessoalmente, considero que se deixarmos correr esse assunto do rebelde nazareno, o governador Pilatos pode ficar nervoso e avisar a César. Seu amigo Sejano, lá em Roma, não tem nenhuma simpatia por nosso povo. E pode dar ordens de invadir Jerusalém e saquear o Templo. Não lhes parece mais simples eliminar um só homem do que pôr em perigo a paz e a ordem de nossa nação?

Todos: Sim, sim, o senhor tem razão, excelência! Este rebelde deve morrer!

Caifás: Alegro-me que tenhamos chegado a este acordo. Convém que morra um só homem para salvar todo o povo.

A essa mesma hora, no casebre de Ofel...

Zelota: Está bem, Judas, compreendo suas razões e... seus sentimentos. Vamos chegar a um acordo. Não será necessário derramar o sangue do nazareno, como lhe havia proposto o companheiro Barrabás.

Judas: E do que se trata então?

Zelota: Bastará que o levem preso. Jesus tem muita popularidade. Quando as pessoas se inteirarem de que o prenderam, irão para as ruas.

Judas: E o que o movimento quer de mim?

Zelota: Você não ouviu o anúncio que os magistrados do Sinédrio fizeram? Estão procurando Jesus.

Judas: E não o encontrarão nunca. Nós o escondemos muito bem.

Zelota: Sim, Judas. Mais cedo ou mais tarde o encontrarão. Eles o levarão preso quando os peregrinos já se tenham ido da cidade, e já não será mais a mesma coisa. Você tem que compreender, Judas. Agora é o momento. Jerusalém está abarrotada de gente. Não podemos perder esta oportunidade.

Judas: E vocês querem que eu bata com a língua nos dentes, não é isso?

Zelota: Escute, Judas. Deixe os sentimentalismos de lado e trate de raciocinar. É necessário que prendam Jesus durante estes dias de festa. Mas não tenha medo. Antes que lhe ponham a cruz sobre os ombros terá estalado a revolta. A primeira coisa que faremos será libertar os presos que apodrecem nas masmorras da Torre Antônia. Confie em nós, companheiro. Nós lhe devolveremos seu querido chefe são e salvo. Promessa do movimento.

Judas: Se eu disser que sim, o que teria de fazer?

Zelota: Uma missão um pouco desagradável... mas necessária. Ir até o comandante da guarda do Templo e dizer onde Jesus está escondido.

Judas: Ou seja, ser um alcagüete vulgar.

Zelota: Não, Judas, ser um verdadeiro lutador que chega até às últimas conseqüências. Vamos, decida-se. Vai até esses filhos de uma cadela e diga que você sabe onde está o nazareno. Se oferecerem dinheiro, aceite. É preciso representar bem a comédia.

Judas: É preço de traição.

Zelota: Não, Judas, é preço de revolução. E então?... Podemos contar com você?... Sim ou não?

Comandante: Como você se chama?

Judas: Judas... Judas de Kariot.

Comandante: O que você quer?

Judas: Eu sei... eu sei onde está o homem.

Comandante: Não me diga!... Olhe que já passaram muitos por aqui dando alarmes falsos e não estou disposto a mobilizar tropas para caçar fantasmas.

Judas: Pode confiar em mim... Eu sou... eu era um dos seus.

Comandante: Ah, é?... Isso está bem melhor. E onde está seu chefe?

Judas: Agora não podem agarrá-lo. Há muita gente com ele. Eu lhes avisarei quando for o melhor momento.

Comandante: Não se preocupe, você virá conosco. Se estiver mentindo pagará com o seu pescoço. De acordo?

Judas: De acordo.

Comandante: Tome, rapaz. Eu lhe darei a metade adiantado. Trinta siclos de prata... A outra metade quando o homem estiver em nossas mãos. E agora, suma daqui!... Puah... esses desgraçados são assim mesmo... vendem o próprio chefe por umas moedas...

E Judas, de Kariot, saiu do palácio do sumo sacerdote Caifás e se perdeu por uma das estreitas e escuras ruelas da cidade de Jerusalém...

Judas: Velho imbecil... quando o povo se levantar em armas, você há de se lembrar de mim...!

No gesto do Templo pode-se resumir o que foi toda a atividade profética levada a cabo por Jesus. Durante meses Jesus havia vivido dentro de um clima muito tenso, observado com crescente desconfiança pelo poder, tanto romano como judaico. Ante esta sociedade, Jesus tomou claro partido. E no gesto do Templo manifestou de forma evidente com quem estava o profeta e com quem estava Deus de quem era mensageiro. Jesus não foi alguém etéreo, que se distanciou igualmente de todos os grupos. Tomou partido e ao fazê-lo se pôs em contradição com as classes dirigentes que se aliaram a partir daquele momento para eliminá-lo do meio.

Se os acontecimentos do Templo colocaram em definitivo alertas as autoridades, Jesus também procurou, desde então, aparecer menos em público, por questão de cautela elementar. Nunca se insistirá o suficiente em que a paixão de Jesus não foi uma espécie de destino fatal que o Filho de Deus veio cumprir neste mundo, mas um fato histórico, com culpáveis concretos que, ao assassinar Jesus, agiram livremente. Além disso, Jesus, em cada um dos passos que deu nesses dias de tensão e conflito, agiu livremente, escolheu, teve confiança, arriscou.

Se devemos ver a paixão de Jesus como algo histórico e, por isso mesmo, circunstancial, também a traição de Judas deve ser recuperada desse total fatalismo com que tradicionalmente foi interpretada. Nunca conheceremos, à distância de dois mil anos, as razões da alma de Judas, aquele homem que compartilhou com Jesus tantas coisas durante sua atividade profética. Mas se fizermos dele o arquétipo da maldade, o absolutamente mau, o que nasceu “só para trair”, o próprio

demônio, estamos mutilando gravemente a realidade histórica dos fatos que aconteceram naqueles dias em Jerusalém. O porquê da traição de Judas é colocada neste episódio como uma questão de “tática” política, coerente com a ideologia dos grupos zelotas aos quais ele muito provavelmente pertenceu. É uma forma de “aterrizar” esta traição, de tira-la do âmbito do fatal, ou da banalização que supõe fazê-la depender da motivação ambiciosa de trinta moedas... Temos que ver em Judas o homem de carne e osso e não a marionete cujos fios são manejados da altura por um Deus terrível que o predestinou à traição para assim matar seu próprio filho.

Os zelotas eram grupos revolucionários sanguinários. Tampouco podemos identifica-los, sem mais, como um partido político, tal como hoje entendemos este termo. Sua ideologia remonta a uma tradição religiosa profunda pela qual Israel entendia que seu país era uma terra santa e não podia ser oprimida por estrangeiros. Caracterizava-os um apaixonado nacionalismo e uma espiritualidade muito funda com base na dos profetas. Quanto à sua prática, distinguiam-se pela vontade de libertar de maneira imediata Israel do domínio romano. Taticamente eram “impacientes”. Sua opção eram as armas. Ideologicamente, era talvez o grupo que melhor representava a sede infinita de liberdade que Israel havia experimentado nos últimos séculos de sua história. Tudo isso explica que coincidiram com Jesus em muitas coisas, que depositaram nele muitas esperanças e que, por vezes, fascinados pelo poder de convocação popular do profeta Galileu e, decididos a uma ação imediata, contribuísem também – como propõe este episódio – a desencadear sua sentença de morte, sugerindo a Judas a traição como estratégia para conseguir uma sublevação popular. Para eles também, o ocorrido no Templo foi decisivo e eles entenderam como o prelúdio da ansiada e definitiva insurreição.

Jesus se manteve sempre independente dos diferentes grupos que estavam em jogo na cena política daquele momento. No final de sua vida, as forças dirigentes que querem eliminá-lo, confluem com outras forças populares organizadas – como a dos zelotas – que pretendem “usá-lo”. Segundo a colocação apresentada neste episódio, o complô final em que “um homem morre pelo povo”, coloca em evidência a enorme liberdade de Jesus e o perigo que às vezes pode se esconder na radicalização de grupos revolucionários por sua ânsia de eficácia a curto prazo ou por sua desvinculação da realidade popular.

A traição de Judas e a responsabilidade que puderam ter os grupos zelotas ou outros grupos populares na morte de Jesus não devem fazer-nos esquecer que a culpabilidade máxima do assassinato de Jesus recai historicamente sobre as autoridades religiosas de Jerusalém, aliadas ao poder imperial romano. Caifás, sumo sacerdote e, como sombra sua, o homem mais rico e influente de Jerusalém, foram os maiores culpados.

(Mateus 6, 14-16; Marcos 14, 1-2; Lucas 22, 1-6; João 11, 45-57)

Capítulo LXV

CORDEIRO E PÃES ÁZIMOS

Desde o domingo, depois do acontecido no Templo, não havíamos voltado a mostrar as orelhas em Jerusalém. Jesus era procurado por toda a cidade e todos nós estávamos em perigo. Nosso amigo Lázaro escondeu todos os doze e as mulheres num sótão de sua taberna em Betânia...

Lázaro: Que tal viver nessa ratoeira, heim, rapazes?

João: Nada mal, Lázaro. O que mais se pode querer? Teto, comida e amigos para conversar...

Lázaro: Uff...! Estou parecendo um rato como vocês... Ai, diacho, que a nova extravagância estará tramando esse bando de galileus? Vamos lá, contem-me...

Pedro: O que estamos pensando é que diabos faremos amanhã, Lázaro, porque...!

Tiago: Psiu! Cale a boca, Pedro! Se continuar gritando desse jeito o que faremos é jogar dados na cadeia!

Pedro: Está bem, então vou falar baixinho... O que vamos fazer amanhã?

João: Comer a Páscoa, eu acho, como todos os bons israelitas. Celebraremos a festa escondidos nesse buraco se for preciso, mas celebraremos, caramba!

Maria: Amanhã já é a ceia da Páscoa... Como os dias passam depressa, não é, rapazes...?

Madalena: Nem me fale, dona Maria...

Pedro: Olhem, camaradas, se nos descuidarmos vamos ficar sem cordeiro. Nossos conterrâneos são os primeiros a comprá-los, pegam os mais gordos e depois, para você, lhe vendem um cabritinho que mais parece um saco de ossos.

Começava a escurecer, mas não acendemos nenhuma lamparina para não chamar a atenção. Era Quarta-feira, 12 de Nisan. No dia seguinte, nós galileus que havíamos ido a Jerusalém para a festa, comeríamos a grande ceia da Páscoa...

Lázaro: Amigos, desculpem se joga areia na fogueira de vocês, mas acho que não devem celebrar a ceia aqui...

Tiago: Eu estou com Lázaro. Cada dia que passa esta taberna se torna um lugar mais perigoso. Betânia está repleta de peregrinos. E onde há muita gente, há muitas línguas.

Lázaro: Com dedos-duros ou sem dedos-duros, cedo ou tarde virão procurar Jesus aqui. E a noite da Páscoa é uma boa ocasião para esses tipos. Sabem que podem encontrar todas as pombas no viveiro. Querem meu conselho? Vão para outro lugar. Sinto por Marta e Maria que tinham muita vontade de preparar-lhes o cordeiro, mas não, este não será um lugar seguro na Quinta-feira de manhã.

Susana: Mas, se não for aqui, para onde a gente vai?

Pedro: Eu tenho uma idéia!

João: Psiu!... Não grite tanto, Pedro...

Tiago: O que você está pensando, pedrada?

Pedro: Em falar com meu amigo Marcos. Ele nos emprestará sua casa. Não é muito grande, mas caberemos todos.

João: Isso é uma loucura, narigão. A casa de Marcos fica muito perto do palácio de Caifás.

Pedro: Por isso mesmo, João. Quem vai imaginar que estaremos tão perto? É o último lugar onde nos procuraríamos.

Tiago: É verdade. Além disso, se na Sexta-feira vamos nos juntar diante do palácio de Caifás, já poderemos ir sondando o terreno e falando com os vizinhos...

Susana: Mas, vocês não estão delirando, não?... Ou será que seus miolos ficaram moles? Vocês estão pensando em armar outra confusão como a de domingo?

Jesus: É claro, Susana. Na Sexta iremos até Caifás e depois até os outros grandes de Jerusalém e lhes diremos o que é preciso dizer. Agora que começamos, não podemos voltar atrás.

João: Está certo, Jesus, mas não podemos repetir uma briga como a de domingo. Você estará colocando sua cabeça a prêmio, moreno.

Jesus: Todos nós já colocamos, João. Mas temos de ir adiante. Quem não arrisca não perde, mas também não ganha.

Lázaro: Ir em frente, sim, Jesus, mas entrando por aqui e saindo por ali, como faz a cobra. Agora é preciso ter muita astúcia.

Maria: Ai, filho, por Deus, você acha que pode acontecer alguma coisa ruim...? Quando escuto vocês falarem assim, fico com o coração na boca...

Jesus: Não tenha medo, mamãe. Você vai ver que dará tudo certo. Deus estará com a gente. Ele não vai nos faltar, tenho certeza. O guardião de Israel não dorme e não deixará que nossos pés escorreguem.

Pedro: Bem, pois é dito e feito. Amanhã, antes do amanhecer, João, você e eu iremos falar com Marcos e comprar o cordeiro. As mulheres, que madruguem também para preparar a comida...

Lázaro: E os que ficarem aqui, psst!, como mortos. Boca fechada até a hora da ceia!

O sol daquela Quinta-feira começava a dourar as muralhas de Jerusalém quando Pedro e eu chegamos ao templo. Apesar da hora, ainda havia centenas de pessoas na grande esplanada de mosaicos brancos e tivemos que abrir caminho aos empurrões...

João: Ei, pedrada, você entende mais de animais. Escolha você o cordeiro.

Pedro: Veja aquele, João! Parece uma boa peça... Venha!... Ei, você, conterrânea!

Vendedora: O que foi?

Pedro: Conterrânea, quanto você está pedindo por aquele animalzinho?

Vendedora: Catorze denários e pode levar!

Pedro: Catorze o quê? Escute aqui, com esse dinheiro eu compro um rebanho inteiro! Não, não, não, tome aqui seis denários e não falamos mais nisso!

Vendedora: Seis denários? Nunca, nunquinha mesmo! Doze e vá com Deus!

Pedro: O que é isso? Sete e ponto final!

Vendedora: Escute aqui, narigão, porque eu fui com a sua cara, deixo por nove e acabou-se!

Por fim, compramos nosso cordeiro. De um ano, macho, sem nenhum defeito, como mandava a Lei de Moisés. Com ele às costas, subimos as escadas de mármore, atravessamos a porta Formosa e fomos avançando sem problemas até chegar ao átrio dos israelitas. Centenas de galileus se amontoavam ali, esperando sua vez. Junto à pedra dos holocaustos, os sacerdotes, com suas túnicas empapadas de sangue, degolavam um atrás do outro os cordeiros que o povo apresentava como sacrifício de Páscoa...

Pedro: Não precisa empurrar, conterrâneo, as facas não vão perder o fio!

Um velho: Olhe aqui, galileu... você é um dos que estavam no domingo com o profeta de Nazaré...?

Pedro: Eu?... Bem, eu... sabe o que é...?

Velho: Sim, é você mesmo. E você também. Não esqueço dos rostos... Sou de confiança, fique sossegado... Eu fiquei rouco aqui no Templo de tanto gritar hosanas com todos vocês. Foi o maior dia da minha vida, podem crer!... Bem, se vocês virem o profeta, digam-lhe da parte deste velho que todos do meu bairro estão esperando a próxima... Se no domingo éramos mil, quando voltar a levantar a voz seremos cem mil! Ai, caramba, quem diria que antes de morrer ainda veria as barbas do Messias!

Susana: Você, Madalena, varra bem a casa! Meta a vassoura em todos os cantos, menina... Cuide para que não reste nenhum grão de fermento em canto algum...

Madalena: Puff!... Esse negócio de tanto varrer e varrer seguramente ocorreu a Moisés porque não era ele que tinha que segurar a vassoura, mas a sua mulher, claro...

Susana: Ei, Madalena, leve para a Maria um pouco mais de água para amassar!

Na manhã de Quinta-feira, enquanto Pedro e eu estávamos comprando o cordeiro, as mulheres foram até à casa de Marcos no bairro de Sião para preparar a comida da noite. A casa de Marcos tinha dois andares. No andar de cima, num quarto pequeno de paredes caiadas e piso de madeira, íamos celebrar a ceia da Páscoa...

Susana: Esta massa já está pronta, Maria, veja...

Maria: Eu acho que ela ficou muito pesada, Susana... Jogue um pouco mais de água, senão depois, sem o fermento, os pães ficam muito duros.

Susana: Não ficarão mais duros que a cabeça de seu filho, Maria... Eu fico aqui pensando: como é que pode ser que esse moreno que eu vi nascer, seja... seja... o Messias, como as pessoas gritavam no domingo. Será que todo mundo deste país ficou louco, Maria? O que você acha?

Maria: Não sei, Susana, não sei nem o que pensar... Mas, veja só, também pareceu que nosso povo ficara louco lá no Egito, no tempo de Moisés. E a loucura deles é que queriam ser livres...

Susana: Aí você tem razão... Quando as pessoas buscam a liberdade é porque Deus está no meio... Ai, filho, acho que o que está me fraquejando é a fé, santo Deus!

Maria, a mãe de Jesus, e Susana, agachadas no chão, amassavam a farinha e a água dos pães ázimos. Segundo a tradição de nossos pais, os pães que se comia na ceia pascal eram preparados sem o fermento, em recordação dos pães que as mulheres de Israel haviam amassado com pressa, sem tempo de esperar que fermentassem, na noite em que saíram do Egito.

Pedro: Ei, mulheres, aqui está o rei da festa!...

Maria: Não arme tanto alvoroço, Pedro!... Ninguém precisa saber que estamos aqui...!

Pedro: Está certo, está certo, é que a gente vem da gritaria da rua e acaba se esquecendo... E então, o que vocês acham do cordeiro?... Saiu barato e, reparem bem, é pura carne...

Susana: Madalena, menina, se já acabou de varrer, ajude a Salomé a lavá-lo, ande...

Pedro: Não toque em nenhuma tripa, Maria, que hoje é dia de comê-lo todinho, até as patas...!

Minha mãe e a madalena começaram a preparar o cordeiro. Na noite da Páscoa, ele era assado ao fogo sem partir-lhe nenhum osso. Havia que comê-lo inteiro, com entranhas e tudo. E o que sobrava não se guardava para o dia seguinte, mas se queimava ao amanhecer.

Susana: Lembraram-se de trazer o sangue para as portas, Pedro?

Pedro: Está aqui... Vamos, João, ajude aqui, e depois voltamos para Betânia!... Estou louco de vontade de ver Jesus para contar-lhe...

Madalena: Conte antes para nós, caramba...

Maria: O que acontece pela cidade, Pedro?

Pedro: O que acontece? Não se fala em outra coisa do que de seu filho, Maria. Todo mundo se pergunta onde diabos estará escondido. Na hora em que ele mostrar as orelhas, toda Jerusalém se porá de pé como um só homem.

João: Dizem que ontem estiveram apregoando pelas esquinas para ver se aparecia algum dedo-duro... Mas, deixe estar, o povo está com ele. Não há por quê se preocupar...

Susana: Chega de conversa e vamos trabalhar! Ei, Pedro, as portas!

Na festa da Páscoa, pintávamos as folhas e os batentes das portas da casa, com o sangue do cordeiro sacrificado, igual ao que fizeram nossos antepassados no Egito. Aquele era o sangue da Aliança que Javé, nosso Deus, havia selado com seu povo, de tirá-lo aquela noite da escravidão para a liberdade...

Madalena: Uff!... Como arde!...Vamos pôr um bocadinho mais de cebola... Está delicioso... O cordeiro vai agradecer este molho mais que a chuva da primavera... Na verdade, essa salada acaba com o soluço de qualquer um...!

À tarde daquela quinta-feira, a casa de Marcos cheirava a pão feito na hora e a cordeiro assado. A madalena havia preparado as ervas que, segundo a tradição, devia-se comer naquela noite. Era uma salada amarga em recordação às lágrimas e aos sofrimentos de nossos pais no Egito. A mãe de Jesus e Susana fizeram o molho picante no qual se molhava o pão. Um molho vermelho, da mesma cor que os tijolos que os israelitas haviam fabricado nas terras egípcias quando eram escravos do faraó...

Marcos: Bem, vamos ver o que as mulheres fizeram tanto tempo juntas, além de fofocar...!

Susana: Já está tudo pronto, Marcos!

Marcos: Sim, sim, já está tudo pronto, até os guardas! Porcaria, como é que fui me deixar convencer por esse narigudo do Pedro? Veja só que coisa, aceitar meter esse bando de agitadores na minha casa!... É bom que vocês rezem alguma oração ao arcanjo Miguel para que ele nos empreste sua espada para quando vierem prender todos nós, rá, rá, rá!

Maria: Psst, Marcos, não faça bagunça...! Onde será que se meteram esses rapazes que ainda não chegaram... Já deveriam estar aqui...

Susana: Devem estar esperando escurecer mais um pouco. Precisam tomar cuidado. As portas da cidade estão muito vigiadas...

Marcos: Muito bem, muito bem, alguma de vocês se lembrou do mais importante?

Madalena: Do mais importante? Será que você não tem faro? O cordeiro estará pronto num segundo!

Marcos: Nesta noite, tão importante quanto o cordeiro é o vinho. Não me digam que esqueceram...?

Madalena: O vinho! É mesmo! Não temos vinho!... E agora, onde vamos comprá-lo?

Marcos: Sossegue, mulher, sossegue... Lá em baixo tenho um tonel deste tamanho, cheio até à boca!... Podemos todos nos embebedar e ainda sobrar para brindar o profeta Elias quando ele chegar...! Nesta noite temos de levantar bem alto as jarras e brindar pela libertação de nosso povo...!

Susana: Levantar as jarras e baixar a voz, Marcos, que diacho de escandaloso é você...!

Apesar do medo e do perigo, naquela tarde todos estávamos contentes, dispostos a celebrar a maior festa do ano. Esperávamos contra toda esperança que Deus estaria conosco e que, naquela Páscoa, romperia de uma vez as cadeias que tornavam nosso povo escravo.

A festa da Páscoa era a mais solene das festas de Israel. Era celebrada no primeiro mês do ano judaico, o mês de Nisan (correspondente para nós a meados de março-meados de abril). A festa durava sete dias, mas considerava-se dia de Páscoa o 14 / 15 de Nisan, quando se comia a ceia Pascal. As indicações sobre como celebrar a festa foram transmitidas de geração em geração e foram fixadas no livro do Êxodo (Ex 12, 1-28).

A festa da Páscoa estava unida à festa dos ázimos desde vários séculos antes de Jesus (Ex 13, 3-10). Em sua origem, antes de Moisés, a Páscoa foi uma festa de pastores (comia-se o cordeiro) e a dos ázimos, uma festa de agricultores (comia-se o pão de uma nova colheita). Depois de Moisés, estas festas populares foram definitivamente relacionadas com a libertação do povo da escravidão do Egito. E isto foi o que Israel comemorou durante séculos até os tempos de Jesus. A Páscoa era algo como a festa da independência nacional. Uma celebração, por vezes patriótica e por vezes profundamente religiosa. Para o povo de Israel foi o braço de Deus que abriu o caminho da libertação para seus antepassados.

O centro da festa era a ceia Pascal. E o centro daquela ceia, o mais importante, era o cordeiro. Nos tempos de Jesus, o cordeiro era geralmente comprado nos átrios do Templo e ali mesmo sacrificado. Os sacerdotes, descalços, com vestimentas próprias do culto, degolavam diante do altar, um atrás do outro, os cordeiros que os israelitas homens levavam até o átrio. Depois que o sangue tivesse escorrido diante do altar, como sacrifício agradável a Deus, as vítimas eram devolvidas a seus donos, que as levavam para casa ou para fornos coletivos que havia nas ruas para assá-los.

Devia-se comer o cordeiro, segundo as prescrições judaicas, dentro dos muros de Jerusalém, a cidade santa. Ao pôr-do-sol, que era a hora em que começava um novo dia para os israelitas, as

famílias, os grupos, os vizinhos, congregavam-se comunitariamente para a solene ceia. Pelo fato de as casas serem pequenas e de precisar reunir pelo menos dez pessoas para cada cordeiro, também se comia a Páscoa nos quintais, nos terraços e até nos telhados. Jerusalém, repleta de peregrinos, apresentava um ambiente festivo impressionante. Era a noite mais solene de todo o ano. Primitivamente ceava-se dentro do Templo, na esplanada, mas uns cem anos antes de Jesus esse costume foi suprimido, devido à multidão que se congregava na capital. Como um símbolo, as portas do Templo permaneciam abertas de par em par durante toda a noite da Páscoa.

Nos dias pascais os mercados de Jerusalém transbordavam de produtos típicos para aquela ceia. A verdura que era prescrita para a salada daquela noite era a alface. Mas também podia ser feita com chicória, agrião, cardos ou outras ervas amargas. O amargor era uma recordação da dor e das lágrimas do povo quando era escravo no Egito. A marmelada ritual daquela noite, que se chamava “jaroset” era feita de diferentes frutas (figos, tâmaras, passas, maçãs, amêndoas), diversos temperos (canela, sobretudo) e vinagre. Servia como aperitivo para passar no pão. Sua consistência e sua cor lembravam aos israelitas a argila que seus antepassados escravos no Egito haviam amassado os tijolos para as enormes construções dos faraós.

O pão que se comia durante os sete dias das festas de Páscoa devia ser amassado sem fermento. Era os “massot” ou “pães ázimos”. Também estava prescrito que se varressem todos os cantos das casas, para que não ficasse dentro sequer um grão de fermento. A mentalidade primitiva via na fermentação do pão um símbolo de decomposição e morte. Por isso, o costume de comer pães mais “puros” na festa. Os pães ázimos eram feitos em forma de tortas, um tanto grossas. Lembravam os pães que os israelitas haviam levado do Egito em sua fuga, sem ter tempo de esperar que a massa crescesse e fermentasse.

Alguns israelitas conservariam ainda o antigo costume de marcar com o sangue do cordeiro sacrificado as portas do lugar onde se reuniam para cear. Na noite em que Israel havia saído do Egito aquele sangue foi o sinal para diferenciar as casas dos opressores, das dos oprimidos, para que Deus libertasse estes e castigasse aqueles (Ex 12, 2-13).

Já o livro dos Atos fala que as primeiras comunidades cristãs se reuniam na casa de Marcos para rezar (At 1, 12). Baseando-se nisto, uma antiga tradição fixou na casa de Marcos o lugar onde Jesus teria celebrado a ceia pascal às vésperas de sua morte. Como tem sido impossível localizar este lugar na Jerusalém de hoje, outra tradição mais recente situa o “cenáculo” numa ampla sala do segundo andar de um templo construído no monte Sião, a sudoeste da cidade. Nos porões deste edifício os judeus veneram hoje a tumba do rei Davi. Nem um lugar nem outro têm autenticidade histórica.

Os judeus continuam celebrando ainda hoje, a cada ano, a festa da Páscoa, com um rito bastante similar ao que Jesus conheceu, quanto à comida, orações, cânticos etc. Os cristãos, na Eucaristia, se aproximam diretamente desta celebração. Páscoa (em hebraico “pésaj”) significa “passagem”. Javé passou pelo Egito na noite da libertação: **passou** ao largo das casas dos hebreus assinaladas com sangue e castigou os egípcios e assim, o povo em liberdade pôde **passar** pelas águas do Mar Vermelho (a cor do sangue) para uma nova terra. Jesus, pelo sangue de sua vida, **passou** da morte para a vida. A comunidade cristã, na Eucaristia, memorial deste sangue entregue por nossa libertação, continua celebrando a passagem de Jesus e sua própria passagem da morte para a vida (1 Jo 3, 14).

(Mt 26, 17-19; Mc 14, 12-16; Lc 22, 7-13)

Capítulo LXVI

A CEIA DE PÁSCOA

Entardecia sobre Jerusalém. O sol terminava sua carreira, escondia-se agora entre os montes secos e amarelentos da Judéia. Logo apareceu no céu, redonda e silenciosa, a lua da Páscoa... Era dia 13 do mês de Nisan, quinta-feira, véspera da grande festa...

Pedro: Ei, companheiros, está na hora! Minha sogra Rufa sempre diz que o cordeiro Pascal tem que ser comido entre duas luzes, entre o sol e a lua, para que se tenha uma boa digestão. Depressa, Natanael! Vamos, Tomé!

João: É, vamos logo, porque na casa de Marcos as mulheres já devem estar desesperadas pensando que nos aconteceu algo de ruim.

Felipe: As mulheres desesperadas e minhas tripas também!... Vamos andando!

Tiago: Esperem um pouco... esperem um pouco!...

Pedro: O que é agora, Tiago?

Tiago: Não é nada, Pedro. Mas... não devemos ir todos juntos. É perigoso, a cidade está muito vigiada.

Pedro: O cabelo-de-fogo tem razão. Melhor uns saírem por um lado e outros por outro. E você, Jesus, afunde-se no manto e não fale com ninguém. Estão dando sessenta siclos por seu pescoço, então fique ligado, desconfie até de sua sombra!... Vamos, vamos embora...!

As ruas de Jerusalém, apesar da hora, estavam repletas de peregrinos que iam e vinham procurando pousada para dormir ou uma taberna para beber... Nós, em grupos de dois e três, atravessamos o casario de Ofel, bordejamos a fonte de Siloé e pegamos a rua Longa, que sobe até o bairro de Sião, onde morava Marcos, o amigo de Pedro... Jesus e eu íamos juntos...

João: Escute, moreno preciso tratar de um assunto com você...

Jesus: Fale, João...

João: Moreno, está acontecendo algo esquisito por aqui. E a coisa é com Judas... Não sei, mas o iscariote não está jogando limpo... Na quarta-feira ele foi visto falando com Barrabás e outros do movimento. Foi visto também saindo da casa do chefe da guarda do Templo.

Jesus: Como você sabe disso, João?

João: Quem me disse foi um amigo meu que trabalha de empregado no palácio de Caifás.

Jesus: Você está desconfiado de Judas?

João: Estou.

Jesus: Eu também, João. Mas não tenho certeza... Não posso crer que o iscariote nos passe a perna.

João: Nem eu, Jesus... Mas tudo pode ser...

Jesus: Os outros estão sabendo de alguma coisa?

João: Acho que não. Pedro ainda não desconfiou de nada. Tiago, muito menos.

Jesus: E o que vamos fazer, João?

João: Preste atenção, moreno. Fique de olho em Judas. Não o perca de vista. Se o iscariote está aprontando alguma, não se esqueça de que eu o avisei!

Pouco depois, chegamos à casa de Marcos. As mulheres haviam marcado a porta, conforme a antiga tradição, com o sangue do cordeiro pascal... Cruzamos o pequeno quintal cheio de barris de azeite e subimos pela escadaria de pedra até o andar de cima onde íamos cear naquela noite...

Marcos: Puxa, até que enfim esses marotos mostram as orelhas! Está vendo, Maria, seu filho e todos os outros chegaram à minha casa sãos e salvos!

Madalena: E sairão de sua casa mais sãos e mais salvos depois de fincarem os dentes no cordeirinho!

Maria: Jesus, filho, você acha que estamos seguros aqui...?

Jesus: Estamos, mamãe, não se preocupe. Ninguém nos viu entrar...

Maria: Você traz preocupação nos olhos, Jesus. Eu o conheço como a palma da minha mão. Não me engane, filho...

Jesus: Fique tranqüila, mamãe. Não vai acontecer nada de mau.

Pedro: Vamos lá, dona Maria, deixe esse medo de lado e alegre esta cara, que isso é uma festa, caramba!

Tiago: Isso mesmo, hoje é a Páscoa, a festa que nossos antepassados celebraram durante setenta gerações!... Temos que estar alegres!

Madalena: E temos que preparar a mesa! Vamos lá, seus preguiçosos, mexam-se e dêem-nos uma mãozinha!

Minha mãe, Salomé e a madalena estenderam sobre o piso de madeira várias esteiras de palha trançada. Como já estava escuro, Marcos acendeu os sete pavios do candelabro ritual e o pôs no centro da sala. Nós ajudamos as mulheres trazendo da cozinha as jarras de vinho, as tortas redondas de pão ázimo, as travessas de molho picante e as bacias repletas de salsa, agrião e outras ervas, temperadas com vinagre e sal...

Marcos: Mais alguma coisa, companheiros?

Jesus: Os bastões, Marcos. Que cada um pegue o seu. Nossos avós comeram assim a primeira páscoa, com pressa, porque iam a caminho da liberdade. Nós faremos a mesma coisa, mesmo que seja por um só momento.

Formamos um círculo ao redor das esteiras. Nós, homens, empunhamos nossos bastões e levantamos o pé direito, como se estivéssemos prontos para partir para uma longa viagem. As mulheres se apoiavam no braço dos homens...

Marcos: Vamos, Jesus, abençoe a comida.

Jesus: Não, Marcos, você é o dono da casa, o pai de família.

Marcos: Nem dono nem pai. Não é você que sempre diz que essa história já acabou?... Vamos lá, abençoe você...

Felipe: Muito bem, muito bem, decidam-se, porque se demorarem mais acabarei desmaiando...

Jesus abençoou a comida com as palavras antigas que durante tantas gerações nossos antepassados haviam repetido, as palavras que José, seu pai, lhe ensinou quando ainda era garoto lá em Nazaré...

Jesus: Bendito seja, Senhor, nosso Deus, rei do mundo, que dás a Israel esta festa para alegria e memorial!

Todos: Amém! Amém!

Depois do primeiro salmo com que se inicia a ceia pascal, todos deixamos num canto os bastões, tiramos as sandálias e nos sentamos no chão, sobre os mantos, ao redor das esteiras de palha... Estávamos os treze, as mulheres e a família de Marcos, formando um grupo apertado. As pequenas chamas do candelabro, movidas pela brisa da noite, iluminavam nossos rostos...

Marcos: E agora, para começar, um primeiro brinde, companheiros! Vamos, encham as jarras até à borda, que hoje o vinho corre por minha conta!... Levantem o copo da liberdade!... Viva Javé, o Deus de Israel!

Todos: Viva! Viva!

Tiago: E vivam nossos avós que lutaram contra a escravidão e saíram livres numa noite como a de hoje!

Todos: Vivam! Vivam!

Madalena: E nossas avós, caramba, elas também brigaram duro contra esse faraó sem-vergonha!

Marcos: Muito vinho, muito brinde, mas estamos esquecendo algo muito importante. Ei, vocês, afastem-se e deixem um lugar para Elias, caso esta noite ele venha à nossa casa!

Segundo a tradição de nossos conterrâneos, o profeta do Carmelo viria de noite, durante uma ceia pascal, avisar-nos da chegada do Messias. Por isso, as portas das casas nesse dia ficavam abertas e havia um lugar reservado em todas as mesas dos filhos de Israel, caso chegasse o profeta Elias, cansado e com fome, anunciando a grande notícia...

Felipe: Elias pode vir à hora que quiser, mas que também venha o cordeiro, porque no ritmo que as coisas andam, minha barriga vai criar teias de aranha!

Maria e Susana desceram a escadaria e, pouco depois, estavam de novo conosco, no andar de cima, trazendo uma grande bandeja com o cordeiro recém assado...

Pedro: Viva o cordeiro pascal!

João: E as mãos que o cozinham!

Madalena: Olhem bem primeiro, para não virem falar depois, não tem nenhum osso quebrado!

Pedro: Vamos, rapazes, ao ataque! Não deixem de fora nem as patas!

Marcos: Um momento, um momento!... Todas as mãos fora do prato. Primeiro temos de lavá-las, como está prescrito.

Felipe: Deixe isso pra lá, Marcos, e comecemos a comer, estou com mais fome que a baleia de Jonas.

Marcos: De jeito nenhum. Um dia é um dia. Pelo menos uma vez no ano este bando de piolhentos precisa comer limpo, caramba!

Felipe: Está bem, então vamos às lavações... Ei, vocês, mulheres, onde estão os jarros de água?

Madalena: Pelo que eu sei, você não é aleijado, Felipe... Pode muito bem ir buscá-los...

Maria: E você também, Tiago, que está aí todo refestelado, enquanto sua mãe sobe e desce as escadas...

Jesus: Eu vou, podem deixar...

Jesus foi o primeiro que se levantou, desceu até à cozinha e trouxe um jarro cheio de água e uma toalha...

Madalena: Venha, moreno, dê isso para mim, e vai sentar-se...

Jesus: Não, Maria, deixe-me ajudar...

Maria: Mas, filho, pelo amor de Deus, deixe disso... Susana e eu lhes lavaremos as mãos.

Felipe: Aqui, dona Maria, mais do que as mãos terá que lavar também os pés, está uma catinga...!

João: E ela está vindo do seu lado, Felipe!

Então Jesus se aproximou de Felipe, amarrou a toalha na cintura e se agachou...

Jesus: Venha cá, cabeção, ponha os pés sujos para cá...

Felipe: O que é isso, Jesus, está me gozando...?

Quando vimos Jesus lavando os pés de Felipe, começamos a rir. Pouco a pouco, nosso riso foi se transformando em assombro... Aquele serviço só era feito pelas mulheres ou pelos escravos...

Jesus: Vamos, Pedro, que suas pantorrilhas também não estão cheirando a rosas!

Pedro: Mas, está ficando louco, moreno?... Você vai lavar os meus pés?

Jesus: Vou, Pedro. O que tem de mal?

Pedro: Jesus, você é o chefe. E um chefe tem que se fazer respeitar.

Jesus: Ah, é?... E quem disse isso, Pedro?

Pedro: Quem disse... eu é que digo, caramba! Venha, levanta-se daí e deixe esse jarro...

Jesus: Não, pedrada, aqui não há chefes nem senhores. Ninguém está acima de ninguém. E quem quiser ser o primeiro, que se ponha como último da fila. Portanto, estique os pés para cá...

Pedro: Não, não e não. Eu disse que não.

Jesus: Tudo bem, Pedro. Então, pelo que estou vendo, você não serve para o Reino.

Pedro: O que você disse, moreno?

Jesus: Que se você não meter na cachola que aqui todos somos iguais, você não serve para o nosso grupo. Melhor cair fora.

Pedro: Espere, espere, Jesus. Se a coisa é assim... bem, então, jogue o jarro inteiro na minha cabeça para ver se meus miolos amolecem.

Quando Jesus acabou de lavar os pés de todos, nos apertamos mais nas esteiras para poder alcançar a comida com as mãos... Pela clarabóia da pequena habitação entrava agora o resplendor da lua de Nisan...

Marcos: Companheiros, bom proveito para todos!

E começamos a comer o cordeiro, a molhar o pão ázimo e as verduras no molho vermelho e a levantar as jarras cheias de vinho em nome de Javé, o Deus de Israel.

Pedro: O que foi, Jesus, está sem fome?

Jesus: Não, Pedro, tenho fome, sim. E pressa também. Acreditem, companheiros, estava com muita vontade de comer esta Páscoa com todos vocês... porque esta será a última!

Jesus, com as pernas cruzadas sobre a esteira, nos olhou a todos, um por um...

Jesus: Sim, de verdade eu lhes digo, alegrem-se. Neste ano ainda somos escravos. No próximo ano seremos livres!... Amigos, antes que voltemos a nos reunir assim, como nesta noite, Deus terá feito sua obra por nós. Sim, hoje eu tenho certeza. O Reino de Deus está perto, muito perto, já não tarda!...

Jesus pegou sua taça de vinho e a levantou no meio de todos...

Jesus: Brindo pelo Reino de Deus! Companheiros, até aqui semeamos com lágrimas. Agora colheremos com alegria!

Jesus bebeu primeiro e depois passou a taça para nós. Todos tomamos um pouco dela. Depois, levantou-se, pegou entre as mãos a taça vazia e a arrebentou contra o chão...

Jesus: Vocês são testemunhas: não torno a provar uma gota de vinho até que chegue o Reino de Deus, até que o Senhor mude nossa sorte como o deserto muda com as chuvas, até que a terra se abra e brote a Justiça!

Maria: Que Deus te ouça, filho!

Mil e duzentos anos atrás, numa noite de pressa e de esperança, o Deus de Israel havia mudado a sorte de nosso povo. Noite de vigília foi aquela para Javé, quando tirou nossos pais da terra do Egito. Os avós contaram isso a seus netos e os netos, aos filhos, e de geração em geração a Páscoa tornava a ser noite de vigília para todos nós em honra de Javé, o Deus da liberdade...

Depois do que aconteceu no Templo, e sabedor de um possível “passo em falso” de Judas, Jesus participou com grande tensão na celebração da ceia pascal. Durante aqueles dias, tinha vivido clandestinamente em Betânia, Jesus sabia que as autoridades haviam colocado sua cabeça a prêmio. Daí a enorme dramaticidade da ceia. Aquela celebração estava carregada de ressonâncias proféticas. Contando com a possibilidade de um final próximo, mas também esperando contra toda esperança que Deus o salvasse, Jesus celebrou sua última ceia pascal.

Uma ampla calçada romana atravessava Jerusalém, comunicando o bairro de Ofel, onde se amontoavam os casebres dos pobres, com o bairro alto, no monte Sião, onde as construções eram melhores e onde muitos dos ricos tinham os seus palácios. Entre eles estavam o de Anás e o de Caifás. Não há certeza histórica sobre o lugar onde se celebrou a última ceia. Mas Jesus, para entrar em Jerusalém naquela tarde, ou para sair à noite da cidade, terminada a ceia, provavelmente passou por esta calçada. E não só naquele dia, mas talvez dezenas de vezes em suas várias visitas a Jerusalém. Um trecho desta larga rua conserva-se perfeitamente até hoje, com vários de seus amplos

degraus perto do lugar em que a tradição fixa o Cenáculo. Esse trecho de rua é um dos poucos lugares que se conservam em Jerusalém exatamente como nos tempos de Jesus.

Na época de Jesus, os judeus contavam o tempo diário fazendo coincidir o começo do dia não com a meia-noite ou o amanhecer como nós, mas com o pôr-do-sol. Ou, mais exatamente, com a aparição da primeira estrela no céu. A esta hora, ao iniciar-se o dia, começava a ceia pascal, que prolongava-se até muito tarde da noite. Existiam inclusive escritos em que se recomendava aos pais diversas distrações para manter as crianças acordadas, que deviam permanecer em vigília com os adultos aquela noite, a mais solene de todo o ano. Permanecer em vigília aquela noite era um importante gesto de fidelidade religiosa (Ex 12, 42).

Muitos quadros e estampas nos fizeram imaginar a última ceia de uma forma que não corresponde com os costumes do tempo evangélico. Em primeiro lugar, pinta-se Jesus comendo só com os doze apóstolos, quando a tradição de Israel reunia naquela noite homens e mulheres igualmente. Tudo leva a supor que Jesus teria se reunido com os doze e com as mulheres que ordinariamente seguiam o grupo: Salomé, Susana, Madalena, sua mãe etc. Em segundo lugar, as imagens nos apresentam os apóstolos e Jesus sentados à mesa, como o fazemos hoje em dia. O mais provável é que os participantes daquela ceia comeram semi-recostados, no chão, sobre esteiras ou almofadas. Nos tempos mais primitivos, os israelitas comiam de cócoras. Mais tarde foi se impondo o costume de sentar-se à mesa ou de sentar-se no chão – quando eram muitos para comer – em torno dos alimentos. Mas na noite de Páscoa, uma vez sentados, o ritual obrigava a recostar-se. Estar reclinado era um símbolo de liberdade. “Enquanto os escravos têm o costume de comer de pé, na Páscoa é preciso que comamos recostados para manifestar que passamos do estado de escravidão para o da liberdade”, dizia uma disposição ritual da época. Especificava-se, inclusive, que até “os mais pobres de Israel” deviam fazer a refeição reclinados, porque Israel era um povo de homens livres.

Neste episódio, Jesus e seus companheiros, antes de começar esta ceia de libertação, põem-se de pé – sinal da escravidão no Egito – com seus bastões nas mãos e suas sandálias calçadas. É uma lembrança das prescrições do Êxodo para quando os israelitas saíssem naquela noite do país do faraó (Ex 12, 11). São um símbolo da pressa daquela noite e do caminho que iriam empreender e que os levaria, pelo deserto, até à Terra Prometida.

O vinho era um elemento básico na ceia pascal. Ordinariamente, na Palestina, não se comia com vinho. Muito menos os pobres. Mas nas ocasiões solenes, e especialmente na Páscoa, uma característica essencial era a abundância de vinho. Segundo o ritual, devia-se beber, no mínimo, quatro copos. Um dos costumes daquela noite era a espera de Elias, o mensageiro do Messias. Cada ano, o povo de Israel esperava naquela mesma noite a chegada do Messias e sua revelação definitiva como libertador do povo. Elias, que na tradição popular era o precursor do Messias, tinha em muitas casas lugar reservado na mesa do banquete pascal. Um antigo poema, que se chamava “As Quatro Noites”, cantava que sempre na noite da Páscoa aconteciam os fatos mais importantes da história: a criação do mundo, a aliança com Abraão, a libertação do Egito... Também o Messias – e este era o quarto acontecimento – chegaria numa noite como aquela.

Para solenizar a refeição pascal, uma das prescrições era a da purificação pela água antes de comer o cordeiro. Como as pessoas usavam sandálias, os pés eram a parte do corpo que mais se sujava durante o dia. Os amigos de Jesus não faziam parte dos “piedosos” (fariseus) aficionados a mil e uma purificações. Mas naquela noite, até os menos cumpridores tratavam de respeitar os ritos. Era uma forma de dar a máxima importância ao que se comemorava na ceia.

Certamente, lavar os pés era uma missão dos criados ou escravos nas casas em que os houvesse. Quando não os havia, as mulheres os lavavam. Mas foi Jesus quem o fez naquela noite. O gesto de Jesus deve ter sido espontâneo, totalmente natural, nada solene ou rígido. Ele não tentou demonstrar aos demais que era humilde. Ele o era, simplesmente. Nesta simplicidade, os discípulos leram, depois da Páscoa, a importante mensagem nela contida: Jesus se lhes revela neste gesto como servidor, como companheiro. Este gesto não era outra coisa que um sinal do que foi toda a sua vida: estar no meio de sua gente, “como um a mais”.

Jesus, quebrando a taça, formula o voto de não tornar a beber até que o faça de novo no Reino de Deus (Lc 22, 16). É um gesto profético cheio de significados. Consciente do perigo que o rondava, Jesus aposta na esperança do Reino que se já avizinha e que ele vê chegar de forma iminente. Põe em Deus sua confiança, porque vê que se avizinha também a hora do “trago ruim”. Não beber – jejuar – tem também um sentido de “intercessão”. Jesus pede ardentemente a Deus, com este voto, que venha seu Reino.

(Lc 22, 14-18; Jo 13, 1-17)

Capítulo LXVII

A NOVA ALIANÇA

Jerusalém velava, com as lamparinas de suas casas acesas, banhada pela luz da lua cheia. Era quinta-feira, 13 de Nisan. Sentados sobre os mantos, ao redor das esteiras de palha, já estávamos comendo o cordeiro pascal quando Judas, de Kariot, que havia estado calado durante toda a refeição, fez menção de levantar-se...

Judas: Escutem, companheiros, como isso ainda vai longe, eu acho que é preciso comprar um pouco mais de vinho...

Marcos: Não creio que vai faltar, Judas. Ainda tenho meio tonel lá na cozinha.

Judas: Mas é sempre melhor sobrar do que faltar, não acha?

Jesus: O que acontece, Judas...?

Judas: Nada, Jesus. O que poderia acontecer...?

Judas estava muito nervoso. Jesus também, embora tentasse disfarçar. Eu já o tinha advertido que o iscarriote andava muito estranho havia alguns dias... Pelo que pudesse acontecer, levei a mão ao punhal que tinha debaixo da túnica e apertei o cabo com força...

Jesus: Sente-se, Judas... Não quer mais um pouco de molho?... Está muito gostoso.

Jesus molhou um pedaço de pão no molho vermelho e o estendeu a Judas...

Judas: Obrigado, moreno...Bom, então, eu vou comprar alguma coisa para...

João: Maldição, iscarriote, você não vai a lugar algum!

Judas: O que está acontecendo, João. Deixe-me sair.

Jesus: Sim, João, deixe-o ir...

João: Mas, Jesus...

Jesus: Deixe-o sair, João... Judas, companheiro, vai e volte logo.

Judas abriu a porta, jogou seu manto de listras sobre os ombros e desceu lentamente a escadaria de pedra que dava para o quintal. Jesus ficou um tempo em silêncio, com o olhar perdido no quadro negro da porta... Era noite.

Pedro: Mas, que diabos está acontecendo por aqui, caramba? Falem claro!

Marcos: Ei, João, o que está havendo com Judas? Por que você não queria que ele sáisse, heim? Vamos, deixe de mistérios...

Mateus: Falem de uma vez, caramba... O que vocês estão querendo, que o cordeiro nos atravesse na garganta?

Voltei a sentar-me no chão, olhando Jesus, sem atrever-me a dizer nada...

André: O que está acontecendo, moreno? Desembuche, homem...

Jesus levantou os olhos do prato. Olhava-nos com tristeza, com preocupação...

Jesus: Quando o lobo aparece, cada ovelha foge pro seu lado. Companheiros, as coisas ficaram difíceis, mais difíceis do que nunca...

Jesus ficou um momento calado. Sua fronte larga estava marcada pelas rugas e empapada de suor... Todos estávamos inquietos. A Madalena começou a soluçar abraçando-se em Maria...

Pedro: Diabos, Jesus, por que você disse isso agora?

Jesus: Porque qualquer um de nós pode falhar.

André: De quem você está falando?... De Judas?

Jesus: Não. Falo isso de todos...

André: De mim você não fala, moreno!... Não, não me olhe assim...

Mateus: Nem de mim... suponho. Eu sou um covarde, é verdade, mas eu... eu...

Pedro: Vamos falar claro de uma vez, porcaria! Está bem, está bem, qualquer um pode falhar... Pois que cada qual responda por si! Eu respondo por mim, e lhe digo que se todos estes fugirem agora mesmo e o deixarem sozinho, eu nunca farei isso. Juro pela Rufina e por todos os meus filhos.

Jesus: Não jure, Pedro.

Pedro: Juro porque é verdade o que estou dizendo! Ou não me chamo Simão!

Jesus: Não, Pedro, você também pode falhar, igual a qualquer um. Não encha a boca com juramentos... Sim, você, você... Se esta noite as coisas se puserem feias, antes do cantar dos galos você já teria se esquecido que nos conhecia...

Pedro: O que é isso, moreno! Então é você que não me conhece! Prefiro morrer do que falhar com você! Que chova sobre o molhado e juro sobre o jurado!... E todos vocês são testemunhas!

João: Jesus, não seja tão pessimista, homem. Claro que as coisas estão más, mas tenha certeza de que aqui ninguém dará para trás.

Madalena: O que João disse, nós também dizemos, diacho!... Não fique tão sombrio, Jesus, que a salada já está amarga por demais...

Aquela hora não se apaga da minha memória. Jesus, com as pernas cruzadas sobre a esteira, foi nos olhando a todos, um por um, e quando começou a falar sentimos que suas palavras vinham do mais fundo do seu coração...

Jesus: Companheiros, quero agradecer a vocês tudo o que pudemos fazer juntos durante este tempo. O caminho foi muito curto, mas também muito difícil. Até aqui estivemos unidos... Vocês foram meus amigos, estiveram ao meu lado nos momentos ruins e em tantos momentos bons... De verdade, eu os amei com toda minha alma...

Jesus deixou cair as mãos sobre os joelhos. Seus olhos estavam cheios de lágrimas...

Jesus: Temos que continuar unidos, até o final, aconteça o que acontecer...

Maria: Mas, Jesus, filho, por que está falando assim? O que é que vai acontecer?

Jesus: Não sabemos, mamãe, mas aconteça o que acontecer, temos que nos manter unidos e nos estreitar-nos uns contra os outros... Em grupo, sempre em grupo.

Então Jesus, com suas mãos grandes e calosas, tomou uma das tortas de pão que estava sobre a esteira...

Jesus: Estreitar-nos uns aos outros, como se estreitam os grãos de trigo para formarem este pão... As espigas estavam dispersas pelas colinas e pelos montes e se uniram para fazer esta massa. Nós devemos estar unidos, assim, da mesma forma que esses grãos...

Jesus olhava o pão dourado e crocante que as mãos de sua mãe havia amassado, o pão ázimo da grande festa da Páscoa.

Jesus: Amigos, nossos pais comeram no Egito um pão de aflição. Em uma noite como esta, eles também sentiam angústia e tinham medo e se reuniram para comê-lo com pressa, esperando a passagem de Deus por aquela terra de escravidão e miséria... E Deus passou e aquele pão foi para eles um pão de liberdade... Durante muitos meses anunciamos a boa notícia de que Deus está do nosso lado, de que Deus escolheu a nós, os pobres deste mundo, para dar-nos seu Reino, a nós que amassamos esse pão com suor e lágrimas... Durante muitos meses lutamos para que as coisas mudem, para que o pão chegue a todos... Talvez seja esta a última vez que comemos juntos... Tudo bem, não importa... Coloco minha sorte nas mãos de Deus e ponho minha vida neste pão!... Lembrem-se de mim quando se reunirem para compartilhá-lo... Quando fizerem isso, eu sempre estarei com vocês...

Jesus partiu a torta de pão ázimo em muitas partes e todos comemos um pedaço... Depois, pegou com mão firme uma jarra e com ela encheu uma taça que tinha diante de si... No vinho, vermelho e fresco, refletiam-se as luzes das lamparinas...

Jesus: Como poderemos pagar ao Senhor todo o bem que ele nos fez?... Levantemos este copo de libertação e alegremo-nos em seu nome!... Amigos, quando Deus tirou nossos pais da escravidão do Egito, levou-os à montanha do Sinai e ali fez com eles uma aliança. Um pacto de sangue. Com o sangue de muitos animais, Moisés aspergiu o povo... Já não é preciso sangue de mais animais... Este vinho foi feito com o suco de muitas uvas pisadas e espremidas no lagar... É o sangue de todos os inocentes que morreram, voltando seus olhos ao céu, sem saber por que morriam... É o sangue de todos os que caíram lutando pela liberdade de seus irmãos... Eu também ponho meu sangue neste vinho. Com este sangue Deus faz uma nova aliança para libertar o povo de todas as escravidões...

Jesus passou-me a taça cheia até à boca e eu a passei a Pedro e Pedro a Maria... Todos bebemos um gole daquele vinho forte e cheiroso...

Jesus: Sim, de verdade, eu sempre estarei com vocês e vocês sempre estarão comigo, como estamos nesta noite comendo do mesmo pão e bebendo do mesmo copo. Temos que nos amar muito uns aos outros, estar dispostos a apostar a vida uns pelos outros... Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida pelo seu povo... Sim, temos que estar dispostos a que partam nosso corpo como se parte o pão e que derramem nosso sangue, como se derrama o vinho. Não podemos perder a esperança em Deus... Nós também, um dia, alcançaremos a liberdade...

Maria: Ai, filho, não sei, mas você está falando como se estivesse se despedindo...

Jesus: Mamãe, já lhes disse que as coisas estão muito mal...

João: Jesus, por Deus, pare de rodeios e diga de uma vez...

Pedro: É sempre a mesma coisa!... Mas, o que está acontecendo, homem?

Todos nós tínhamos os olhos cravados em Jesus...

Jesus: Companheiros... houve uma traição.

Pedro: Mas, o que você está dizendo? De quem está falando? De Judas, não é mesmo?

João: Sim, suspeitamos dele. O iscariote anda muito estranho nesses últimos dias... Ou será que vocês não enxergam?

Pedro: E, aonde foi esse condenado, heim? Aonde foi?

Jesus: Não sabemos, Pedro. Não sabemos que planos ele tem.

Mateus: Se tivesse sido eu... eu que sempre tive bons amigos entre os lá de cima... Mas, Judas, por que ele?

Todos nós olhamos Mateus, o cobrador de impostos. Com os olhos brilhantes parecia pedir-nos perdão por uma traição que sempre tivera ao alcance da mão, muito mais que qualquer um de nós...

Marcos: Agora não importa por quê ele fez. O que importa agora é sair já desta casa.

Pedro: É isso mesmo! Se Judas foi cagüetar, virão atrás da gente aqui...

Marcos: Vamos lá, não há tempo a perder!...

André: Puxa vida, moreno, por que você não disse antes? A essas horas já estarão na nossa pista!

Marcos: Depressa, peguem seus mantos e vamos embora!

Maria: Mas, para onde... para onde vocês vão?

Madalena: Ai, Deus bendito, ampara-nos!

Marcos: As mulheres ficam. Ninguém vai se meter com vocês. Aqui estarão mais seguras... Nós vamos para o monte, àquele horto que eu tenho lá perto do Cedron. Há umas grutas lá para a gente se esconder.

Pedro: Boa idéia, Marcos.

Marcos: Não se fala mais nisso. Temos que passar esta noite longe desta casa... E eu vou lhes dizer uma coisa: amanhã, antes que amanheça, vão para a Galiléia. Eu me encarrego de tirá-los da cidade. Vocês não podem ficar aqui em Jerusalém nem um dia mais...

Madalena: Isso, a Galiléia! Esta cidade está amaldiçoada pelos quatro lados!

Jesus: Eu não vou voltar para a Galiléia. Ainda nos resta muitas coisas para fazer em Jerusalém.

André: Venha, moreno, não seja maluco!

Marcos: Jesus, se mostrar a cara eles os pegarão e se Judas bateu com a língua nos dentes, vão procurar até encontrá-lo...

Maria: Mas, Deus meu, como é possível que esse moço fez uma coisa dessas?

Marcos: Deixe isso pra lá, Maria. Seja o que for, o que é preciso é sair daqui. Vamos embora!

João: Pedro, pegue essas duas espadas, por precaução!

Pedro: Safado do Judas! Eu o faria em pedaços!

Marcos: Iremos pelo caminho mais curto... Vocês, mulheres, fiquem tranqüilas, não acontecerá nada com vocês... E nem pensar em dizer a alguém onde estamos! Nem ao próprio anjo do céu, se ele aparecer!... Andando, companheiros!... E separados, sem formar grupos. Vamos logo!

Sáímos depressa, sem olhar para trás, como fizeram nossos pais na noite em que Deus passou pelo Egito, com mão forte e braço estendido, para tirá-los da escravidão do faraó.

Logo que Judas saiu do lugar em que estavam reunidos, Jesus experimentaria com ainda maior ansiedade a tensão que caracterizou aquela ceia pascal. Fala de “traição”, o horizonte começa a se fechar. A fé no Deus libertador se tornará para ele, a partir deste momento, mais árdua, mais dolorosa, mais dramática. Neste marco se inaugurará uma nova aliança, novos laços para a comunidade dos que continuarão no mundo o projeto que ele ia deixar apenas começado.

Era costume que na ceia de Páscoa quem presidisse a celebração – o pai de família, ou se não estivesse, a mãe ou o mais velho do grupo – cumprisse o rito de explicar passo a passo a cerimônia para os demais. Era um costume que todos cumpriam fielmente naquela noite. O mais jovem ia perguntando ao mais velho o significado simbólico das orações, do cordeiro, dos pães... As palavras de Jesus na ceia, dando ao pão e ao vinho um sentido tão especial, devem ser enquadradas neste costume de séculos. Não estavam isoladas do resto da cerimônia. Era totalmente coerente com as tradições da ceia que quem presidia explicasse que sentido tinha o pão, e que sentido tinha o vinho que estavam comendo e bebendo naquela noite.

É típico da mentalidade israelita, como da de outros povos orientais, a crença de que comer juntos une os comensais em comunidade. Para eles é algo muito sério e muito profundo o comer juntos: vincula uns aos outros, é sinal de uma fraternidade que permanece para além do momento da refeição. Jesus e seus amigos foram criados nesse ambiente. Quando o que presidia a mesa – no caso Jesus – abençoava o pão ao iniciar-se a refeição, ficava constituída a comunidade. Por outro lado, era habitual em todas as refeições que aquele que presidia – geralmente o pai de família – partisse o pão e desse um pedaço para cada comensal. O mesmo se pode dizer do vinho. Era habitual usar-se um copo comum, que passava de mão em mão durante a refeição e do qual todos bebiam. Esses gestos não eram nem especiais nem “misteriosos”. Eram algo totalmente cotidiano e todos os que comeram com Jesus naquela noite tinham visto fazer aquilo desde a infância. Além de serem gestos familiares a todos, entendia-se que ao comer o pão e beber o vinho todos participavam da bênção pronunciada antes de distribuí-los.

Jesus parte o pão e o reparte e passa entre todos o copo de vinho. No pão “partido” Jesus indica um sinal de vida compartilhada até o extremo, até o último, até à morte se for necessário. No vinho vermelho Jesus oferece um sinal do sangue derramado pelos demais, entregue generosamente para que fecunde a terra para a chegada do Reino de Deus.

A Eucaristia que os cristãos celebram até hoje, repartindo os gestos e símbolos que Jesus realizou naquela noite pascal, deve ser entendida no mesmo sentido. Trata-se de uma comunhão de mesa que deve se tornar comunhão de vida. Não podemos limitar a comunhão ao comer o Pão e beber do Cálice. A comunhão tem que se dar na vida. É preciso levar em conta que os primeiros cristãos não entendiam suas celebrações eucarísticas como uma mera repetição formal do que Jesus havia feito unicamente na quinta-feira santa, mas uma continuação de sua vida comunitária com ele, como vivência através do tempo daquelas muitas refeições que compartilharam juntos, com todo o profundo significado que tinham para eles.

Dos textos que chegaram até nós da ceia e das palavras que Jesus disse a seus amigos naquela noite, a partir das quais a Igreja cristã celebra o memorial da Eucaristia, o mais antigo de todos não está nos evangelhos. É o que Paulo recolhe em sua primeira Carta aos Coríntios (11, 23-25). Nesta fórmula que Paulo conservou, fala-se de uma “nova aliança”. Há um momento central na história

de Israel: quando Moisés asperge o povo com o sangue do sacrifício dos novilhos imolados no Monte Sinai e consagra os israelitas como povo de Deus (Ex 24, 1-8). Jesus, com sua vida entregue até o derramamento de sangue, inaugura uma nova aliança entre Deus e os homens. Uma aliança, porque a vida dos cristãos é um compromisso, pacto de entrega. Nova porque com Jesus todas as antigas formas religiosas (culto, sacrifícios) ficam superadas.

Ao explicar o significado do pão e do vinho, como era habitual na ceia da Páscoa, Jesus diz que ele “entrega” sua vida pelos demais. Já no tempo de Jesus entendia-se que a morte de um inocente – uma criança, um homem vítima da injustiça – tinha “um valor” como resgate para o povo. Essas mortes eram um grito diante de Deus. Um grito de intercessão pela comunidade. Isto já aparece no Livro dos Macabeus, escrito uns cento e cinquenta anos antes de Jesus. Na mentalidade do povo fiel entendia-se que a morte de um homem justo aproximava o dedo de Deus da história, trazendo-lhe uma fecundidade libertadora e o perdão dos pecados do povo. Jesus teve consciência de ser um profeta mensageiro definitivo do Reino de Deus e, por vezes, teve o pressentimento seguro de que sua vida terminaria de forma violenta. Quando ele se perguntou pelo sentido de sua morte deve ter se respondido com estas idéias do mundo crente em que vivia. Nas palavras do profeta Isaías (Is 53, 1-12) que falam por vezes do fracasso e do êxito, de humilhação e de prêmio, de dor e de esperança, Jesus encontraria uma luz no meio daquela noite de incertezas em que seu coração se envolveu com tanta intensidade com o Deus de quem tudo esperava.

(Mt 26, 26-35; Mc 14, 2-31; Lc 22, 19-23; e 31-38; Jo 13, 21-38; 15, 4-15)

Capítulo LXVIII

NO HORTO DE GETSÊMANI

Naquela noite de quinta-feira 13 de Nisan, a mãe de Jesus e as mulheres ficaram na casa de Marcos, com as janelas bem fechadas. Nossa ceia de Páscoa havia acabado precipitadamente. Nos pratos, sobre as esteiras de palha, ficaram alguns pedaços de cordeiro e nas jarras brilhava o vinho que não tivemos tempo de beber... Ao ficarmos sabendo do que Judas havia feito, saímos dali com pressa, escondendo-nos nas sombras...

André: E vocês acham que esses bandidos vão se lembrar de nós...? Hip...!

Pedro: Diabos, André, você bebeu demais...

João: Pois olhe o Tomé, então...

Pedro: Fecha o bico deles, Tiago!... Estamos botando nosso pescoço a prêmio!

Marcos: Não corram, companheiros!... Sem formar grupo!... Vão se esgueirando pelas paredes!

As ruas estavam escuras. Marcos, que ia à frente com Jesus e Pedro, guiava-nos pelo melhor caminho, para não levantar suspeitas. Deixamos para trás o bairro de Sião... As casas onde moravam os galileus ainda estavam acesas e os salmos da Páscoa chegavam até à rua... Saímos de Jerusalém pela porta do Vale e bordejamos as muralhas até à torrente do Cedron... Não havia uma nuvem sequer... A lua cheia, guardava a noite no meio do céu...

Natanael: Será que estão nos seguindo, Felipe?... Estou com medo.

Felipe: E eu também, Nata. Para ser sincero, não contava com isso...

Natanael: Jesus disse que agora é quando Deus se colocará do nosso lado...

Felipe: Deus ou os guardas, não sei quem chegará primeiro...

Com passos cuidadosos atravessamos a pequena ponte sobre o Cedron... quase no sopé da encosta do monte das Oliveiras, ficava o horto de Getsêmani. Ali Marcos tinha um pedaço de terra que havia sido de seus avós... Entre aquelas velhas e retorcidas árvores, abrigados em algumas grutas, passaríamos escondidos a noite da Páscoa...

Marcos: Companheiros, acho que aqui estaremos a salvo... E antes do cantar dos galos, pegaremos o caminho para o norte...

Jesus: Marcos, eu já lhe disse: não penso em voltar à Galiléia.

João: Pois se você ficar, Jesus, eu fico também...

Pedro: O que é isso, João, não seja louco...

João: Vá pros diabos, pedrada, eu acho que temos de ...

Marcos: Chega. Agora não é momento para discutir isso. Olhe, moreno, você tem algumas horas para pensar direito no que vai fazer...

João: Bom, eu ficarei de guarda. Estou com uma espada. Quem fica comigo?... Você, Pedro?

Pedro: Eu, João. Aqui está outra espada. E você, Tiago, fique também para vigiar.

Marcos: Isso, vocês três, de sentinelas... Não acho que aconteça nada, mas em todo caso... Os demais, vão dormir por aí entre as pedras, com um olho fechado e outro aberto.

André: Não, não e não... Eu não vou dormir até que me digam onde Judas se meteu... É isso que eu quero saber...!

Pedro: Demônios, magricela!... Cale essa boca de uma vez e vá dormir pra ver se esse vinho abaixa!... Desgraçado, onde estará o iscariote?... Isso é o que todos nós queremos saber...

A essas horas, Judas estava em um destrambelhado casebre do bairro de Ofel, falando com um dos líderes zelotas...

Zelota: O que está esperando, homem? Barrabás já está agindo, organizando o assalto para amanhã. Agora é com você. Vá até o Sinédrio e represente bem a comédia. É por aqui que temos de começar. O resto virá por si.

Judas: Fazer isso me repugna.

Zelota: Sabemos disso. Já disse setenta vezes. E nós acreditamos, homem. Mas é preciso que você pague esse preço para que estoure a revolução. Cada um tem sua parte. Você vai ver só quando amanhã Jerusalém acordar e souber que agarraram o nazareno... Será um grande dia! Não vamos parar até expulsar daqui os romanos...

Judas: E enquanto isso, aos olhos de todos, eu serei o traidor...

Zelota: O traidor?... Quando formos livres todos agradecerão pelo que você fez. Vamos, Judas, vá de uma vez falar com o chefe da guarda do Templo e diga-lhe que estão na casa de Marcos...

Pedro, Tiago e eu montávamos guarda, com as espadas desembainhadas. A noite estava fresca. Bem perto de nós, escondidos entre as rochas, os outros tinham conseguido pegar no sono. Embrulhados em seus mantos, já roncavam. Sem túnica e enrolado num velho avental, Marcos dormia junto à casinha onde ficava a prensa de azeite... Jesus estava sentado sobre uma pedra, com a cabeça entre as mãos... Não quis se deitar... Os grilos eram as únicas vozes da noite...

Jesus: ... Por que você fez isso, Judas?... Não entendo... Não cabe na minha cabeça... Tanto tempo juntos... Desde aquele dia em Nazaré, quando nos conhecemos... O trabalho de tantos meses, impulsionando o Reino de Deus... e agora isso!... Mas, o que aconteceu, Judas?... Que mal eu lhe fiz?... Nosso grupo prejudicou você?... Nós confiamos em você... por que você não confiou em nós?... Por que você nos falhou, companheiro? Por que fui deixar você sair da casa de Marcos? Por que não me pus no meio? Por que não o impedi de ir nos denunciar?... Maldição, por que?!...

Comandante: Entre, amigo, estávamos esperando você. Você disse que esta noite...

Judas: E cumpri o prometido. Sei onde ele está.

Comandante: Está sozinho?

Judas: Com um punhado de amigos.

Comandante: Armados?

Judas: Um par de espadas velhas.

Comandante: Qual é o sinal para que meus homens não se enganem?

Judas: Eu me aproximarei dele e o cumprimentarei com um beijo.

Comandante: Está certo. Então, o combinado. Quando o nazareno estiver em nossas mãos, venha cobrar os 30 siclos que faltam. E se for um alarme falso, prepare seu pescoço, meu querido..

Judas: Não estou mentido. Vamos de uma vez.

Comandante: Você à frente, iscariote. Vamos lá, todos os guardas a postos!...

E Judas, de Kariot, saiu do pátio do palácio de Caifás ao lado do comandante da guarda do Templo. Seguia-os um pelotão de soldados com espadas e lanças. As tochas iluminavam as ruas já escuras do bairro de Sião... Lá, no Getsêmani, Tiago, Pedro e eu estávamos encostados no tronco de uma velha oliveira. A terra recendia, carregada da umidade da noite... Jesus se aproximou de nós e nos olhou com olhos assustados...

Jesus: Ouviram este barulho...?

João: Ahuummm... Que barulho, moreno?

Jesus: Me pareceram passos... lá em baixo...

Pedro: São passos de alguma raposa procurando sua toca. Sossegue, homem, neste horto estamos mais seguros que debaixo das asas dos querubins!

João: Está se sentindo mal, Jesus? Você está pálido. Vamos, tire um cochilo. Nós ficamos de vigia...

Jesus: Estou com medo, João. Sinto uma angústia... é como se uma mão me apertasse aqui e não me deixasse respirar...

Pedro: Venha, moreno, sente-se aqui, converse um pouco. Conversando a gente espanta o medo.

Jesus se pôs de cócoras junto a nós... Olhava-nos, não sei, como que pedindo ajuda... Mas os olhos de nós três estavam pesados de sono...

Jesus: Vocês se lembram daquela noite, lá no norte, em Cesaréia? Era uma noite como esta... Eu tinha medo... Sentia que não iria suportar tanto peso... Vocês me animaram muito... Disseram-me que não iriam me deixar sozinho... que lutaríamos juntos, sempre em grupo... De fato, companheiros, vocês me animaram muito... Esta noite, estou precisando... não sei... precisando que me digam que tudo valeu a pena... que valeu a pena continuar lutando...

João: Jesus, naquela noite você nos disse que... que...

Tiago, Pedro e eu acabamos caindo no sono. As palavras do moreno se distanciavam de nós na escuridão e se perdiam no peso do sono... Então Jesus se afastou como que um tiro de pedra e se sentou sobre uma pedra. Para além do Cedron, Jerusalém brilhava, vestida de lua, completamente branca...

Jesus: Péssima hora em que eu me meti nisso! Devia ter ficado em Nazaré... teria feito minha vida a meu modo... Uma casa... filhos... mulher, igual a todo mundo... O trabalho de cada dia... a pequena felicidade de cada dia... Minha mãe ficaria tranqüila, cuidando de seus netos... Em péssima hora fui ao Jordão e conheci João, o profeta, e me deixei batizar por ele...! Não, não foi João... foste tu, Senhor... tu é que estás por trás de tudo isso... Tu me atraíste... tu me agarraste e foste mais forte... Tu me seduziste... e eu me deixei seduzir... Puseste palavras em minha boca que ardiam como brasas... e eu queria apagá-las mas não conseguia... elas se colavam dentro de mim como fogo, que queimavam até os ossos... Em péssima hora pus a mão no arado!... Mas já é tarde demais para olhar para trás... Não, ainda há tempo. Tenho que escapar, fugir, ir embora daqui... Pedro e os outros irão amanhã mesmo para a Galiléia... Sim, é o melhor a fazer... Eu também irei com eles... Por que tenho que ficar aqui?... Regressarei para o norte, e me esconderei na aldeia... ou na montanha, ou debaixo das pedras se for preciso... Que se esqueçam de mim e eu me esquecerei de tudo o que passou... Sim, é o que vou fazer....!

A essas horas, Judas, à frente da guarda, chegou à casa de Marcos...

Judas: Maldição, não estão aqui! Aonde diabos terão ido?

Maria: Judas, Judas, espere, não vá embora...! Judas!

Ao sair para a rua...

Judas: Para onde eles foram, velha...?

Velha: Para aquele lado, meu filho, para o Cedron, mas eu...

Judas: Ei, vocês, soldados, por aqui, venham por aqui!

As oliveiras retorcidas projetavam suas sombras sobre a terra. Pelo oriente, apareceram umas nuvens que atravessam apressadamente o céu e logo ocultaram a luz leitosa da lua. As trevas cobriram o horto, a velha prensa de azeite, os corpos adormecidos... Ao longe, os piados dos pássaros da noite rasgaram o ar como avisos de sentinela... Não fazia frio, mas Jesus começou a tremer... Levantou-se da pedra em que estava sentado e veio outra vez em nossa direção... Mas, apesar do sono, senti seus passos vacilantes...

Jesus: Pedro!... João!...

Nossos olhos se abriram... mas voltaram a fechar-se... Estávamos rendidos de cansaço... Jesus se afastou e se perdeu entre as oliveiras...

Jesus: Pai! Se minha hora tiver chegado, dá-me forças... Dá-me coragem para não responder com violência a violência deles... Se me levarem a juízo, que não me falem palavras para denunciá-los no tribunal... Se me torturarem, que eu saiba calar para não delatar meus companheiros... Eles querem matar-me, Pai... mas eu não quero morrer... Ainda não! Ainda não! Não quero morrer, não quero, não quero...!! Dá-me tempo, Senhor... Preciso de tempo para terminar a obra começada!... Tenho que continuar abrindo os olhos do povo... continuar anunciando a boa notícia aos pobres... Nosso grupo está apenas começando a andar... não, não, eu não posso fraquejar agora, não posso!... Pai, eles querem tapar-nos a boca, querem afogar a voz dos que reclamam justiça... Que não se faça a vontade deles, mas a tua! Que não ganhem os poderosos, os homens sanguinários, mas que ganhes tu, o Deus dos pobres, nosso Defensor!... Faça alguma coisa já, Pai! Dê a cara por nós, os humilhados deste mundo, os sempre derrotados... senão, apaga-me do teu livro!... Sim, eu sei que se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, não dará fruto... eu mesmo disse isso e meu espírito entende... mas depois, quando chega a hora, a carne treme... Tenho medo, Pai... tenho medo... Se pelo menos tu me desses um sinal... Sim, dá-me um sinal, uma prova de que tu não me enganaste, de que esta luta não tenha sido em vão... A Gedeão deste um sinal antes dele sair para a batalha... A Jeremias mostraste um galho de amendoeira... Olhe este galho, Senhor, o galho desta árvore... se florescesse, se de repente se abrisse a flor branca da oliveira como um sinal de paz... Responde-me, Senhor!... Por que te calas?... Será que é pedir muito?... Tu me pediste mais!... Pediste que deixasse minha terra e a casa de meus pais... Por ti falei, por ti me enchi de raiva conta os grandes deste mundo e gritei nas praças e nas ruas e não me sentei para comer à mesa dos mentirosos... Por ti fiquei só... Perdi tudo por fazer caso de ti... E tu não podes dar-me o sinal que peço?... Nem isso sequer?... Fala, responde!! Ou tudo isso será uma miragem, como as águas falsas que se vêem no deserto...?

Jesus se ajoelhou e colou o rosto contra a terra e arranhou as pedras com as mãos, com as unhas, desesperadamente... A essa mesma hora, Judas, de Kariot, seguido de uma tropa de guardas, atravessou o Cedron. Os soldados entraram na escuridão e foram tomando posição na encosta do Monte das Oliveiras...

Para chegar ao horto de Getsêmani, Jesus e seus discípulos atravessaram a torrente do Cedron. O Cedron é uma ribanceira ou vale estreito que rodeia Jerusalém pela parte oriental. É formado por nascentes de diversos arroios. Ordinariamente ficava seco, só apresentando água no inverno. As terras próximas ao Cedron eram particularmente fecundas porque pela torrente corria o sangue das vítimas sacrificadas no Templo. O canal de deságüe deste sangue começava junto ao altar e por

baixo da terra chegava até o Cedron. O sangue animal era um adubo que dava à terra uma grande fertilidade.

Getsêmani era um dos muitos hortos que se espalhavam pelas férteis encostas do Monte das Oliveiras, separado de Jerusalém pelo Cedron. Getsêmani, em aramaico, significa “prensa de azeite”, seguramente por causa das prensas para as azeitonas que eram produzidas pelos olivais plantados por todo o Monte. Na atualidade, uma grande igreja construída ao pé deste Monte lembra o lugar da oração de Jesus. No centro do templo se conserva a chamada “rocha da agonia”, onde a tradição venera o lugar em que Jesus rezou naquela noite. No jardim da igreja ainda há várias oliveiras milenárias, que podem ser filhas daquelas que existiam no tempo de Jesus. Das sementes das azeitonas ainda produzidas por estas antiqüíssimas árvores, fazem-se objetos piedosos para os visitantes, rosários, principalmente.

No Getsêmani, vendo muito próxima e muito possível uma morte violenta, Jesus experimenta um sem-fim de sentimentos contraditórios. Foi um momento decisivo no compromisso de fé de Jesus. Nunca havia se sentido tão vulnerável e nunca sua fidelidade foi mais dolorosamente firme que então. A Carta aos Hebreus nos fala das lágrimas com que suplicou a seu Pai para que o salvasse da morte (Hb 5, 5-10).

*Na oração do Getsêmani não se enfrentam a vontade de Jesus que queria viver com a de Deus que queria matá-lo. Se fosse assim, o Deus de quem Jesus nos falou não seria mais que um verdugo, aplacável só com o sangue de seu filho, além de ser cúmplice dos poderosos deste mundo. Uma imagem monstruosa de Deus. Seria impossível ver nesse deus o “Abbá”, o “Papai” de Jesus. Deus não matou seu filho e muito menos o enviou para a morte. **Deus não quis essa morte.** Se admitirmos essas falsidades, os autênticos assassinos ficariam livres da culpa. Não, Deus é Deus de vida e de vivos. Nunca quer a morte. Ele se rebelará a tal ponto diante da morte de Deus que o ressuscitará..*

A vontade que Jesus pede que se cumpra é a de Deus. Também pede a seu Pai que o faça capaz de superar a debilidade que sente naqueles momentos, que fortaleça sua frágil vontade de homem que tem medo, que desconfia, que perde apoios para sua esperança. Todos os profetas experimentaram estes sentimentos ao longo de suas vidas e voltaram seu rosto para Deus. A oração de Jesus neste episódio recolhe as palavras angustiadas do profeta Jeremias (Jr 15, 15-18; 20, 7-9) e o clamor de Moisés, que falou com Deus cara a cara e reclamou aos gritos a libertação para Israel (Ex 32, 32; Nm 11, 11-15). São as orações do profeta, ponte entre seus irmãos, pelos quais se sente responsável, e Deus, do qual se sabe mensageiro.

(Mt 26, 36-44; Mc 14, 32-40; Lc 22, 39-46)

Capítulo LXIX

Prisão, interrogatórios, torturas e julgamentos

1. *Era madrugada da sexta-feira 14 de Nisan. Jerusalém dormia recendendo sangue de cordeiro, bebedeira de vinho e festa. Nós também dormíamos, esparramados entre as oliveiras do Getsêmani, sonhando em viajar o quanto antes para a Galiléia e esconder-nos lá, em nossa terra... Só Jesus se mantinha acordado. Com a cabeça baixa, afundada entre suas mãos calosas, via passar as horas e rezava...*

Do Getsêmani até o Calvário, Jesus se verá enfrentando não a fatalidade de seu destino, mas uma série de circunstâncias dolorosas diante das quais porá às claras a qualidade de sua vida e de seu compromisso. Passo a passo, a cada momento, Jesus tentará descobrir o sentido do que acontece para permanecer fiel a Deus e à sua missão. Em nenhum momento de sua paixão Jesus deixou de decidir, de escolher suas palavras e sua atuação. Foi livre. Toda a paixão manifestará sua coragem e sua retidão.

Os levitas (clérigos de classe inferior aos sacerdotes) desempenhavam diferentes funções no templo. Entre elas, a de policiais. São estas as tropas que vão prender Jesus no Getsêmani. Esses levitas-policiais patrulhavam o templo para que ninguém passasse além do lugar que lhe correspondia por sua categoria. De noite, montavam guarda em 21 postos situados nas portas e na esplanada. Esta polícia ficava à disposição do Sinédrio (aristocracia sacerdotal), que podia encarregá-la de missões especiais – como esta de prender Jesus. De fato, todos os serviços de segurança da província da Judéia recaíam sobre as autoridades de Jerusalém e sobre esta polícia que estava às suas ordens. À frente da tropa de policiais do Templo estava um comandante ou guarda superior.

No horto os discípulos praticaram resistência armada para que Jesus não fosse detido. Saíram já da casa onde celebraram a ceia com um par de espadas e o evangelho anota que Pedro feriu um dos soldados. Muitos dos discípulos tinham, com toda a certeza, raízes zelotas e provavelmente portariam armas. Mas Jesus não os apóia neste caminho. No Getsêmani sua opção foi a de não-violência. Não se deve interpretar simplistamente que os discípulos fugiram por covardia. Tentariam ganhar tempo, entender o que havia acontecido, procurar uma solução, pedir ajuda. Deve ter sido um momento de grande desconcerto para todos. Para Jesus e para seu grupo.

(Mt 26, 45-56; Mc 14, 41-52; Lc 22, 47-53; Jo 18, 1-11)

2. Quando prenderam Jesus no horto de Getsêmani. Jerusalém ainda dormia sem saber o que havia acontecido. Por maior precaução, os soldados, com as espadas desembainhadas e algumas tochas acesas, rodearam as muralhas da cidade pelo vale da Geena e entraram pela porta dos Essênios. Bem perto dali o sumo sacerdote Caifás tinha seu palácio...

Os palácios do que havia sido sumo sacerdote, Anás, e do que era aquele ano, José Caifás, ficavam muito próximos um do outro, no bairro alto da cidade. Eram edifícios luxuosíssimos, tanto por fora quanto no seu interior. Neles serviam uma multidão de escravos, criados e funcionários. No palácio de Caifás havia salões suficientemente amplos para celebrar ali sessões extraordinárias do Sinédrio, sem precisar transladar-se para as dependências do Templo.

Anás havia sido sumo sacerdote durante nove anos (do 6 ao 15 depois de Jesus). Foi nomeado a este cargo por Quirino, o governador romano da província da Síria. Anás chegou a ter tanta influência que, depois dele, cinco de seus filhos foram sumo sacerdotes e, depois deles, seu genro José Caifás. Sua ambição de poder, sua cobiça e suas fabulosas riquezas eram conhecidas por todos. O negócio da venda de animais para os sacrifícios do Templo praticamente dependia dele e de sua família. Como chefe de uma poderosa linhagem sacerdotal era a personalidade judaica de maior poder no tempo de Jesus e, embora já não ocupasse o cargo, conservava – segundo os costumes de Israel – sua hierarquia e todos os privilégios correspondentes. Como o caso de Jesus não se tratasse em absoluto de um julgamento legal, a decisão de Anás era a de maior peso em toda aquela farsa jurídica.

Jesus não se mostra “humilde” diante de Anás. Recusa-se ser interrogado como réu e não oferece “a outra face”, mas interpela o criado do sumo sacerdote que o agride, para que ele lhe dê uma explicação. Não pede nenhum tipo de desculpa, nem fica para trás. É preciso levar em conta que o enfrentamento será entre um leigo sem nenhuma autoridade e o Sumo Pontífice daquele tempo. A liberdade de Jesus diante do poder religioso é total. Neste episódio põe-se na boca de Jesus as palavras do profeta Ezequiel denunciando, uns seiscentos anos antes, os maus pastores de Israel (Ez 34, 1-10).

Maria, as mulheres e os discípulos não se renderam passivamente aos acontecimentos. Trataram de fazer alguma coisa, embora suas possibilidades, sobretudo num primeiro momento, não lhes pareciam muitas. Não devemos ver neles expectadores de um drama cujo desenlace já conheciam de antemão. Maria acompanhou Jesus ao longo de todas aquelas horas, mas com a esperança de que tudo poderia ser resolvido.

Pedro não negou Jesus de uma maneira “fatal”. Como se por causa dos avisos que Jesus lhe havia dado durante a ceia, estivesse já “predestinado” àquela traição. Mas teve medo. Os fatos estavam se desenrolando de uma maneira inesperada. Pedro fraquejou. Suas três negações são, antes de tudo, um modelo, um arquétipo. É característico das narrações aramaicas dar à história três momentos para fazer ver que se trata de um acontecimento acabado, completo, definitivo, que chegou ao final. O elemento galo também tem um sentido especial. Os orientais consideravam que o galo era uma representação do poder das trevas porque agia sempre na escuridão, cantava quando ainda não havia luz. Quando Pedro se acovarda e nega Jesus, o canto do galo é um símbolo do drama que está se desenrolando em Jerusalém: o triunfo das trevas.

(Mt 26, 69-75; Mc 14, 66-72; Lc 22, 54-65; Jo 18, 12-27)

3. O palácio do sumo sacerdote José Caifás, rodeado de guardas com lanças, não havia apagado suas luzes durante toda a noite. Jesus continuava detido na residência vizinha do velho Anás, esperando que os magistrados do Sinédrio se reunissem para começar o julgamento sumaríssimo contra ele. Os criados de Caifás iam e vinham pelo bairro de Sião avisando os 70 membros do Tribunal Supremo: haveria sessão extraordinária na madrugada daquela sexta-feira...

Tiraram Jesus do Tribunal a tapas e empurrões. Os sinedritas cuspiam quando ele passava ao seu lado. Outros, tirando as sandálias, batiam com elas em seu rosto... O sumo sacerdote deu ordem para que nas 400 sinagogas de Jerusalém fosse lida essa mensagem: “Jesus de Nazaré, julgado pelo Sinédrio, foi excomungado da nossa fé: que todas as portas se fechem ao blasfemo”. Eram seis horas da manhã. Jerusalém despertava molhada pelas finas gotas de chuva que não paravam de cair desde as primeiras horas da madrugada. A luz acinzentada do amanhecer anunciava um dia triste.

Durante a dominação grega, uns duzentos anos antes de Jesus, constituiu-se definitivamente em Jerusalém o Sinédrio, cuja origem situava-se a um par de séculos antes. Nos tempos do evangelho, sob a dominação romana, o Sinédrio era a principal representação política e religiosa do país diante do governador Pilatos. No sul, na Judéia, era onde o Grande Conselho tinha sua maior influência. O Sinédrio era também a suprema corte de justiça e a instância máxima para resolver os assuntos municipais de Jerusalém. Funcionava também como assembléia financeira na tomada de decisões econômicas ao nível nacional.

O Sinédrio era composto de 70 membros, além do sumo sacerdote que o presidia. No tempo de Jesus havia três categorias de sinedritas: os sacerdotes, os escribas e os anciãos. No grupo sacerdotal estavam todos os que haviam exercido o cargo de sumo sacerdote e os membros mais destacados das quatro grandes famílias de Jerusalém. Constituíam uma espécie de Comissão Permanente que tomava decisões em todos os assuntos ordinários. O grupo dos escribas era composto por teólogos e juristas importantes do grupo fariseu, associação leiga. Os anciãos eram os chefes das famílias mais influentes e ricas de Jerusalém. O Sinédrio era, pois, o organismo que reunia as pessoas mais poderosas religiosa, política, ideológica e economicamente da capital do país.

O lugar ordinário das reuniões do Sinédrio ficava a sudoeste do Templo na luxuosa e solene “sala das pedras talhadas”. Mas como todos os edifícios ficavam fechados durante a noite, Jesus foi levado ao palácio de Caifás, onde havia salões especiais para reuniões de urgência. Ainda sob a dominação romana, o Sinédrio havia conservado seu direito de sentenciar à morte, embora o poder romano tivesse que ratificar a condenação. A competência para esta pena de morte que os sinedritas podiam decretar limitava-se somente a matéria “religiosa”. Várias das acusações que pesavam sobre Jesus – o de estar “endemoniado” e fazer sinais de cura com poderes diabólicos, de blasfemar contra Deus, rebelar-se contra a Lei e as autoridades religiosas – estavam apenas pelas leis do

Sinédrio com a morte por apedrejamento. Os “falsos profetas”, segundo as leis judaicas, deviam morrer por estrangulamento.

José “de Arimatéia” havia nascido numa cidade da Judéia que levava esse nome, forma grega do hebraico Rama. Os escritos da época indicam que era um rico proprietário, com terras compradas recentemente nas cercanias de Jerusalém. Pertencia ao grupo dos “anciãos” do Sinédrio. Na reunião daquela noite e junto com Nicodemos, magistrado do grupo dos fariseus, exigiu sem muito êxito que o julgamento fosse realizado de forma justa e legal.

O processo a que Jesus foi submetido foi uma pura comédia. Nem a hora intempestiva, nem o dia (na solenidade da Páscoa) nem o procedimento de urgência possuíam desculpa jurídica válida. A sentença já estava dada antes de começar. Mas as autoridades quiseram revestir tudo de legalidade com justificativa perante o povo e perante os poucos dentre eles que tinham alguma simpatia por Jesus, a quem alguns no mínimo viam como um autêntico profeta e um líder amado pelo povo.

Depois das acusações das falsas testemunhas encontradas pelo Sinédrio em seu afã de dar aparência de legalidade àquela farsa, Jesus será finalmente acusado pelo Grande Conselho como blasfemo. A blasfêmia em Israel era um pecado gravíssimo, que não se reduzia a dizer grosserias contra Deus, tal como é entendida hoje em dia. A blasfêmia compreendia o desprezo a Deus ou a seus representantes, o usurpar os direitos divinos, o relacionamento com pecadores que eram considerados malditos por Deus. No excesso de escrúpulos dos fariseus, inclusive era blasfêmia pronunciar o nome de Deus: Yahweh.

A blasfêmia de que Jesus foi acusado foi a de se reconhecer como Filho de Deus. Esta afirmação não deve ser tomada como se Jesus revelasse um dogma sobre si mesmo. Não se trata de uma expressão ou formulação dogmática tal como hoje entendemos “Filho de Deus” (segunda pessoa da natureza divina, união hipostática etc.). Trata-se de uma afirmação messiânica, já que “Filho de Deus” era então um título bastante freqüente para designar alguém próximo à vontade de Deus e também um dos nomes com que se designava o Messias.

Diante do supremo tribunal de sua pátria, Jesus se reconheceu como Messias, mensageiro de Deus, portador de uma boa e definitiva notícia para os homens e mulheres de seu povo. Para aquele tribunal composto de homens corrompidos pelo dinheiro e pelos privilégios, era blasfemo que um leigo tivesse a pretensão de ser o Libertador de Israel. A pena de morte imposta pelo código sinédrito por semelhante blasfêmia era a lapidação: morte por apedrejamento fora dos muros da cidade.

No tempo de Jesus as autoridades religiosas haviam se arrogado o direito de excomungar qualquer israelita, separando-o transitória ou definitivamente da sinagoga (lugar de reunião religiosa da comunidade). Era o que se chamava de “anátoma sinagoga”. O homem ou mulher assim excomungado não podia entrar na sinagoga nem rezar com a comunidade. O evangelho de João em duas ocasiões relata que os simpatizantes de Jesus eram ameaçados com este castigo (Jo 9, 22 e 12, 42). O próprio Jesus avisou seus companheiros de que eles seriam considerados hereges, seriam excomungados e inclusive assassinados, sendo o próprio Deus usado como justificativa (Jo 16, 2).

(Mt 26, 57-68; Mc 14, 53-65; Lc 22, 66-71)

4. Era sexta-feira, 14 de Nisan. Um céu de chumbo cobria a cidade de Davi e uma garoa incômoda e contínua ia molhando tudo: os telhados dos palácios, as torres das muralhas, as pequenas cúpulas

caídas das casas dos pobres, os mármore do Templo e as vielas estreitas e com escadas por onde corria nervosamente o esgoto... Quando os galos anunciaram o novo dia, triste e cinzento, Jerusalém despertou sobressaltada...

O governador Pilatos enviou Jesus ao palácio de Herodes Antipas, tetrarca da província da Galiléia, que havia chegado a Jerusalém para as festas. Era cerca da hora tercia...

As autoridades religiosas de Israel eram cúmplices do poder romano. Nos acontecimentos da paixão deixam claro até que nível estavam atados de pés e mãos aos invasores de seu país. No entanto, pretendem continuar parecendo homens religiosos e cumpridores das leis de Deus. Por isso, Caifás fala a Pilatos de fora, sem entrar no palácio do governador. Se nos dias de Páscoa um israelita entrasse na casa de um pagão ficava contaminado e não podia celebrar a festa. Os sacerdotes eram muito ciosos desta norma, ao tempo em que não têm escrúpulos em assassinar um inocente. Seus ritos religiosos revelam-se assim, como uma casca oca.

O Lajeado (“Lisóstrotos” em grego, “Gabbatá” em hebraico) era um amplo pátio situado no interior da Torre Antônia, onde ficavam os quartéis da guarnição romana responsável pela ordem em Jerusalém. Seu nome vem das grandes lajes que cobriam sua superfície, calculada em uns 2.500 metros quadrados. No evangelho, em vez de se falar de Torre Antônia, faz-se referência ao Pretório como lugar da residência de Pilatos quando estava em Jerusalém. Algumas investigações situam-no, não na Torre Antônia, mas em um dos palácios que Herodes tinha na capital e que emprestava ao governador durante as festas. No entanto, desde muitos séculos a tradição localizou o Lajeado no lugar onde esteve construída a Torre Antônia. Conserva-se um bom pedaço de laje deste tipo nos sótãos de um convento católico situado na chamada “via dolorosa” de Jerusalém. São lajes enormes, desgastadas pelo tempo, com inscrições de caracteres romanos gravadas à faca.

Pilatos foi um homem cruel e ambicioso. De sua gestão como governador da Judéia (ano 26 a 36) há muitas menções dos historiadores. Agripa I o descreve como “inflexível, de caráter arbitrário e desapiadado”. Filon o acusa de “banalidade, roubos, ultrajes, ameaças, acumulação de execuções sem julgamento prévio, crueldade selvagem e incessante”. Há também muitas menções do profundo desrespeito que sentia pelo povo israelita. Sejano, favorito do imperador Tibério, era quem de Roma apadrinhava Pilatos. Sejano também era um homem sanguinário e cabeça do movimento anti-judáico no império romano. Por isso tudo, não é exato historicamente fazer de Pôncio Pilatos um homem culto, embora brando, um intelectual covarde que – atropelado pelas circunstâncias – não teve outro remédio

senão condenar Jesus à morte. Não, ele o sentenciou à cruz porque lhe convinha conservar seu posto, ameaçado de alguma forma por aquele homem. A destituição de Pilatos deveu-se, no ano 36, ao massacre que ordenou contra os samaritanos, ato de barbárie que lhe custou o posto. Acredita-se que pôs fim à vida suicidando-se.

Jesus não se atemorizou diante de Pilatos. Da mesma forma que diante das autoridades religiosas, mostrou no julgamento político que era um homem livre. Até o fim foi fiel a algo que havia sido essencial durante toda sua atividade: a denúncia do poder. Não devemos interpretar as palavras de Jesus diante de Pilatos como uma tentativa de diálogo de igual para igual ou como uma conversa de mestre com seu discípulo curioso ou como um encontro de “políticos” que trocam seus opostos pontos de vista. Jesus não pactuou com Pilatos, deixou bem claro diante dele que só Deus tem autoridade.

A frase que o evangelho de João põe nos lábios de Jesus nesta cena – “Meu reino não é deste mundo” – foi freqüentemente mal entendida. Estas palavras não querem dizer que o evangelho não tenha nada a ver com economia, política ou sociedade. “Mundo” no evangelho de João é uma palavra importante e característica. O “mundo” tem seus deuses: o dinheiro e a força. Tem seus métodos: a mentira, a exploração, as armas, a acumulação e lucro. Meu reino não é deste mundo significa, portanto: meu projeto, o projeto de Deus não tem nada a ver com “o mundo”. É outra coisa, é uma alternativa frente a ele. É vida e não morte. É compartilhar e não acumular. É servir e não se impor.

Só o evangelho de Mateus fala da pressão da mulher de Pilatos para que seu marido soltasse Jesus (Mt 27,19). Reflete nisso o sentimento religioso do povo romano, muito supersticioso e dado a temores sagrados, a interpretação de sonhos, a oráculos etc. A inteireza de Jesus, sua contínua referência a Deus, chegaram a preocupar seriamente aquela mulher e mais tarde contagiaram até o próprio Pilatos, também supersticioso (Jo 19, 8). O fato de Pilatos lavar as mãos depois de decidir a sentença é mais um sinal de sua superstição, um sinal de irresponsabilidade e arbitrariedade como governante, que pretende desprender-se assim da injustiça que acaba de decretar.

(Mt 27, 1-2 e 11-14; Mc 15, 1-5; Lc 23, 1-5; Jo 18, 28-38)

5. A notícia de que Jesus havia sido aprisionado e de que estava nas mãos do odiado governador romano Pôncio Pilatos atravessou muito rápida todos os bairros de Jerusalém. E os pobres da capital, os galileus vindos para as festas, os homens e mulheres de nosso povo, que tantas esperanças haviam posto em Jesus, se lançaram às ruas para reclamar a liberdade de seu profeta. Não parava de chover. O sol, muito pálido, não conseguia abrir espaço no céu cinzento e fechado daquela sexta-feira, 14 de Nisan.

Herodes Antipas era o filho mais novo de Herodes, o Grande. Seu pai não tinha sangue judeu e isso fizera recair sobre aquele poderoso rei um sério complexo ao longo de toda sua vida, pois lhe abalava a autoridade diante de seus súditos. Herodes, o Grande, que morreu quatro anos depois do nascimento de Jesus, teve dez mulheres. Algumas delas sim, foram de famílias judias. É o caso de Maltaké, a mãe de Herodes Antipas. Isto permitiu ao jovem Herodes mostrar-se diante do povo como judeu de fato, esmerando-se em parecer como fiel cumpridor das leis religiosas. A cada ano, por ocasião da Páscoa, trasladava-se para Jerusalém a fim de participar das festas com seus compatriotas. Nas moedas de seu reino Galileu nunca imprimiu sua própria imagem, pois isso indignava os israelitas piedosos. Procurava também interceder diante de Pilatos na defesa de alguns compatriotas, buscando assim ganhar simpatias entre seus súditos.

Foi uma dessas defesas em favor de um grupo de israelitas rebeldes que inimizou Herodes Antipas com o governador romano Pôncio Pilatos. Para ferir de propósito os sentimentos religiosos dos judeus, Pilatos fez desfilar em certa ocasião pelas ruas de Jerusalém estandartes imperiais com a imagem de Tibério César. E colocou no palácio de Herodes, o Grande, à vista de todos os cidadãos, os escudos do imperador. Aquilo foi uma grave ofensa aos judeus, que não toleravam representações de César, a quem os romanos veneravam como a um deus. O escândalo foi tão grande que, além das revoltas populares, enviou-se a César de Roma um texto de protesto assinado pelos judeus mais importantes do país, pedindo a destituição de Pilatos. Herodes Antipas foi um dos assinantes daquele texto e isso levou Pilatos a considerá-lo desde então como inimigo... A custosa construção do

aqueduto que Pilatos ergueu em Jerusalém, utilizando para isso dinheiro do Templo, também foi motivo de inimizade com Herodes que, como homem que lutava para manter a aparência “religiosa”, não podia tolerar este sacrilégio. Todas essas altercações rancorosas se dissolveram por ocasião do julgamento contra Jesus, em cuja sentença ambos os governantes coincidiram. Para os dois, Jesus constituía um perigo e convinha aos dois que fosse assassinado o quanto antes. Herodes, o Grande, pai de Herodes Antipas, havia construído edifícios magníficos em Jerusalém. Foi ele que restaurou o Templo, terminado uns vinte anos antes do nascimento de Jesus (o primeiro Templo foi construído por Salomão e destruído uns quinhentos anos antes de Jesus). Construiu a Torre Antônia, um gigantesco teatro, um aqueduto, um enorme hipódromo – para corridas de cavalos e jogos de circo – um grande sepulcro para ele e sua família etc. Entre as construções se destacava seu próprio palácio, perto da muralha ocidental da capital, com três imensas torres que dominavam a cidade. A mais alta (45 metros) era a de Fasael (dedicada a um irmão de Herodes), outra de 40 metros levava o nome de Hípicus (um amigo do monarca) e a menor, de forma mais artística (27 metros), era a de Mariame, uma das esposas de Herodes, a que levou exclusivamente o título de “rainha” e a quem o próprio rei assassinou. Os alicerces destas três grandes torres do palácio de Herodes ainda se conservam.

Este imponente palácio sobressaía entre todos os edifícios de Jerusalém. Herodes ia para lá durante as festas que se celebravam na capital e para lá Jesus foi conduzido para ser interrogado pelo rei da Galiléia. Pelo fato de Jesus ser natural da Galiléia, seu caso pertencia legalmente à jurisdição de Herodes. O interior daquele palácio era de um luxo impressionante. Estava abarrotado de obras de arte e era servido por numerosos escravos. Antipas, que teria uns cinqüenta anos neste momento, era um homem corrupto em todos os sentidos. Supersticioso, superficial e vicioso, carregava ainda o terror que sentiu por João Batista, a quem havia mandado matar. Nesta cena mostra toda sua baixeza e debilidade. Jesus não denunciou este homem com nenhuma palavra. Bastou seu silêncio para desqualificar absolutamente aquele rei a quem já havia chamado de “raposa”.

Quando o povo de Jerusalém e os milhares de peregrinos – muitos deles galileus – que haviam ido à capital para as festas souberam que Jesus

estava preso, manifestaram sua surpresa e possivelmente sua oposição àquela medida. Se os sacerdotes e as autoridades tardaram em se decidir a prender Jesus e uma vez preso o condenaram imediatamente – violando todas as leis – foi precisamente porque temiam o povo (Mc 14, 1-2). Esse mesmo povo que aparece neste episódio na rua, reclamando liberdade para Jesus.

(Lc 23, 6-12)

6. Do palácio de Herodes, no bairro alto de Jerusalém, os soldados haviam voltado à torre Antônia trazendo Jesus bem guardado. Sem nos importar com os golpes recebidos na frente do palácio do rei Galileu, voltamos a nos juntar ao pé da fortaleza romana, pedindo aos gritos a liberdade de Jesus e dos que haviam sido presos também durante aqueles dias de festa...

Naquela sexta-feira, apesar da chuva, a esplanada do Templo transbordava de peregrinos que compravam animais e os levavam a sacrificar no átrio dos sacerdotes. Os cordeiros, em fila, sem protestar, eram degolados um atrás do outro sobre a pedra do altar que já estava empapada de sangue... Mas muitos peregrinos, quando ouviram o alvoroço diante do quartel romano, deixaram o Templo e se uniram a nós para protestar...

O centurião chamou um de seus verdugos e juntos empurraram Jesus para os calabouços da torre Antônia. Os soldados romanos chamavam aquele lugar de Inferno. Era um sótão úmido e escuro, que cheirava a sangue e excrementos, onde se torturava os presos. Sobre as paredes de pedra podiam-se ver as argolas, os grilhões, os ferrões para arrancar unhas e vazas olhos, as facas para castrar... A um canto, amontoados, os paus das cruzes e os torniquetes... No centro, o tronco para desconjuntar os membros e as colunas baixas para flagelar os detidos... Nos dias de festa, o Inferno ficava cheio. Uma fila de patriotas judeus esperava sua vez para serem açoitados e torturados. Muitos zelotas e jovens simpatizantes do movimento haviam morrido naquela masmorra depois das 39 chibatadas...

O verdugo deixou Jesus quase nu e o empurrou sobre a coluna. Amarrou suas mãos e pés em uma argola cravada na base, de modo que todo o corpo, com a cabeça para baixo, acabava formando um arco sobre a pedra... Depois, retirou o flagelo da parede. Era um chicote com oito

correias de couro, cada uma finalizada com uma bolinha de ferro do tamanho de uma amêndoa. As bolinhas tinham pequenos ganchos para desgrudar a carne das costas...

Roma torturava seus prisioneiros. A morte de Jesus foi um assassinato decretado por um poder imperial. Não devemos ver em Jesus um réu que sofre sozinho ou o “homem que mais sofreu”, o único que passou por esse trago amargo. Milhares de israelitas foram crucificados e torturados antes dele e milhares o foram depois. Não foi o povo quem sugeriu ou pediu a libertação de Barrabás, dirigente zelota a quem as autoridades procuravam desde um bom tempo por sua participação em revoltas populares violentas. Inclusive é possível que durante os acontecimentos do domingo de Ramos no Templo, Barrabás e outros grupos revolucionários tenham aproveitado a confusão para usar armas e matar alguns soldados. Foram as autoridades religiosas, combinadas depois com uma claque comprada, quem quiseram com esse ato de “indulgência” de soltar um preso, revestir ainda mais de legalidades o processo contra Jesus. Fica bem claro nos evangelhos que quem pedia por Barrabás foram os sacerdotes e sua camarilha (Mc 15, 11; Jo 19, 6). Naquele momento, os chefes religiosos e as autoridades romanas preferem libertar um zelota com clara opção violenta do que Jesus.

As leis judaicas permitiam flagelar os acusados. Usavam-se varas para este castigo e no tempo do evangelho era usual açoitar na própria sinagoga. Todos os doutores e magistrados tinham autorização para decretar esta pena. A violação, a calúnia, a transgressão da Lei eram motivo suficiente para sofrê-la. Posteriormente, as varas foram substituídas por um chicote de três correias. Os golpes não podiam passar de 40 – por isto, dava-se ordinariamente 30 – e a tradição indicava que devia-se açoitar 13 vezes sobre o peito desnudo e outras treze vezes sobre cada lado das costas. Os romanos popularizaram ainda mais esta tortura. Empregavam-na por vários motivos: para castigar os escravos rebeldes, por faltas graves cometidas pelos soldados em seu serviço militar, como tormento para arrancar confissões de seus prisioneiros e como prelúdio do tormento da cruz. Entre os romanos havia três tipos de flagelos. Um tinha três cordas nas quais se trançavam pedacinhos de osso. Os outros dois tinham as cordas com nós de espaço em espaço e, nas extremidades penduravam bolinhas de chumbo. Um desses flagelos, o de correias mais numerosas e

largas, é que foi usado em Jesus. Embora fossem só 39 golpes, aquela era uma tortura realmente desumana, que causava a morte com muita freqüência.

Na basílica do Santo Sepulcro de Jerusalém há uma pequena capela onde se conserva uma coluna das que eram usadas no tempo de Jesus para açoitar os prisioneiros, similar àquela na qual Jesus foi torturado. É de pedra preta, grossa e baixa, com argolas nas quais se amarrava o corpo desnudo e arqueado do prisioneiro.

O silêncio de Jesus diante de seus torturadores não deve ser interpretado neste episódio como um silêncio passivo, de mansidão simplista, de “entrega” vazia de sentido a seus inimigos. Jesus está sim se entregando, mas por seus companheiros, para salvá-los. Seu silêncio é um calar solidário para não delatar ninguém, para não comprometer os seus. Ele não abriu a boca, segundo a bela imagem do Servo de Javé anunciado pelo profeta Isaias (Is 53, 3-7). Depois de tê-la aberto com tanta firmeza para denunciar os injustos, não o fez quando os demais corriam perigo de vida. Seu silêncio solidário o torna irmão dos milhares de homens e mulheres que na tortura souberam resistir inclusive até à morte para não delatar seus companheiros de luta.

(Mt 27, 26; Mc 15, 15; Jo 19, 1)

7. Jesus sentia em todo o corpo o latejar violento de sua cabeça atravessada pelos espinhos... Tinha o rosto banhado de sangue, que ia caindo lentamente pelo peito desnudo... Aquelas cruéis gargalhadas dos soldados golpeavam suas fontes como pedras lançadas de um poço escuro e sem fundo no qual se afundava, completamente só... O fedor dos excrementos sobre seu corpo se tornava insuportável... Abriu o olho que ainda estava são para olhar os soldados que continuavam fazendo-lhe troça... E chorou... Suas lágrimas, mais salgadas que seu sangue, rolaram pelas faces que estavam em carne viva... Sentiu que ia desmaiar e, com as últimas forças que lhe restavam, desejou a morte...

Este não é um episódio terrificante. Não busca o sensacionalismo fácil, não é horror-ficção. Quase sempre ficamos tímidos ao tentar traduzir em palavras a dor de um homem ou uma mulher humilhados e desfeitos pela

tortura. Jesus foi um desses homens. Sua integridade física, sua inteireza moral, sua própria fé sofreram golpes muito duros nos calabouços da Torre Antônia. Se Jesus nos precede no caminho, se por sua fé em meio à prova se tornou pioneiro dos que comprometem sua vida pela justiça (Hb 12, 2) foi também porque suportou a dor limite da tortura.

Nos relatos da paixão, os evangelistas recorrem sempre a três momentos nos quais Jesus foi objeto de zombaria dos poderosos. Os levitas-policiais a serviço dos sacerdotes do Sinédrio brincaram com ele uma espécie de “cabra-cega”, pedindo-lhe que adivinhasse quem batia nele (Lc 22, 63-65). Num segundo momento é Herodes e sua corrupta corte quem zomba dele, jogando sobre seus ombros um manto branco, distintivo do rei da nação (Lc 22, 11). Por último a soldadesca romana humilha Jesus colocando-lhe um manto vermelho e uma coroa, símbolos reais da época, desde o tempo dos gregos.

Nos ladrilhos que ainda hoje se conservam do Pátio Lajeado da Torre Antônia há algumas inscrições de grande interesse para entender o jogo que os soldados fizeram com Jesus durante sua prisão. Em um deles, rabiscado à faca, há um tabuleiro com casas. Conforme diversas investigações, parece que este jogo, que consistia basicamente em ir fazendo avançar fichas sobre essas casas até chegar a uma meta, tinha no final um prêmio para o vencedor: fazer-se de rei e impor provas aos perdedores. Chamava-se o jogo “do escorpião”, ou “do reizinho”. Os soldados usaram esse passatempo naquela ocasião e Jesus foi o seu humilhado reizinho.

A corte da Torre Antônia era composta por homens que pertenciam às tropas auxiliares que Roma recrutava nas províncias que estavam sob seu domínio. Estas tropas eram diferentes das dos legionários, que participavam nas guerras e eram na sua totalidade compostas por cidadãos romanos. Na província da Judéia as tropas auxiliares eram integradas por estrangeiros de diferentes regiões da Palestina. Os que serviam na Torre Antônia eram majoritariamente recrutados das terras centrais da Samaria. Os judeus estavam isentos de prestar esse serviço militar ao invasor. A corte era formada por gente de baixa extração, sem escrúpulos, soldados doutrinados por seus chefes para a repressão.

Tudo é humilhante nesta cena. A única dignidade é dada pela resistência de Jesus, seu silêncio firme, seu espírito que não se dobra. O perdão ao inimigo, a não violência, o próprio mistério do pecado, tanto individual como estrutural (o mal que existe no coração do torturador, o mal que existe na estrutura que possibilita que haja homens assim), têm no marco da tortura uma significação muito especial.

(Mt 27, 27-30; Mc 15, 16-19; Jo 19, 2-3)

Capítulo LXX

ESTE É O HOMEM

Era cerca do meio-dia. Com uma multidão de peregrinos galileus e de moradores de Jerusalém apinhados em frente à Torre Antônia continuávamos pedindo aos gritos a liberdade para Jesus...

Centurião: Se vocês não calarem a boca darei ordens aos meus lanceiros para atravessarem todos como cães!

As ameaças do centurião não conseguiram acalmar os ânimos. A chuva continuava caindo fina e persistente sobre a cidade de Davi, molhando tudo e nos encharcando até os ossos... O céu estava completamente fechado como as janelas e portas da fortaleza romana, onde o governador Pôncio Pilatos se protegia...

Centurião: Governador, o povo continua muito excitado.

Pilatos: Nem precisa vir me dizer, centurião. Estou escutando perfeitamente a balbúrdia daqui.

Centurião: Devo dispersá-los, governador?

Pilatos: Você os dispersa e eles voltam a juntar-se! São iguais a uma praga de mosquitos: mata um e vêm cem, mata cem e vêm mil!...Xucros!... Estou com esse povo por aqui, ó! Faz sete anos que levanto cruzes e os prego nelas e lhes tapo a boca com pedras e terra, e aí está o resultado: nada! Não se consegue nada!... Povo maldito!

Centurião: Devo dispersá-los, governador?

Pilatos: Que diabos está acontecendo agora? Já soltei um preso, aquele que eles pediram... O que mais eles querem?

Centurião: Continuam na mesma, governador. Os de trás pedindo a liberdade para esse fulano de Nazaré. Os da frente, pedindo sua morte.

Pilatos: Pois então eles que se entendam e me deixem em paz. Entreguem-me o prisioneiro. E façam com ele o que quiserem.

A essa mesma hora, em um casebre do bairro de Ofel, Judas, de Kariot, discutia com um dos líderes zelotas...

Judas: Vocês me prometeram e agora não podem dar para trás!

Zelota: Mas, Judas, companheiro, tente compreender. Houve perto de cinquenta feridos na frente do palácio de Herodes. Cortaram até a mão de um menino, de um golpe só. Eu vi.

Judas: Não me interessa o que você viu, mas sim o que me prometeram antes.

Zelota: Mas antes a cidade não estava como agora. Jerusalém parece um quartel. Há mais soldados que nunca. Nem quando aconteceu aquela história da torre de Siloé apareceram tantos na rua.

Judas: Diante da Torre Antônia há milhares de pessoas gritando. Só precisam de armas. Onde estão? Agora é o momento de fazer alguma coisa!

Zelota: Agora é o momento de ficarmos quietos, Judas e esperar que passem as festas.

Judas: Maldição, não foram vocês mesmos que disseram que tínhamos que aproveitar a oportunidade?

Zelota: Sim, é verdade, mas como você pode ver, os planos mudaram... Companheiro, temos que ser realistas.

Judas: Realistas?... Covardes! Isso é o que vocês são, covardes e traidores. Vocês me traíram... Eu entreguei meu líder porque era necessário para levantar o povo... O que eu faço agora, heim? O que eu faço agora?!

Zelota: Fique calmo, Judas. Sim, você fez o que pôde... E nós também. Mas a política é assim, como um jogo. Às vezes se ganha, outras vezes se perde.

Judas: Este jogo custou a vida de um homem, está ouvindo?

Zelota: Pode crer que eu sinto muito, companheiro. Sinto de verdade. Jesus era um bom sujeito, sim, mas agora... agora não podemos fazer nada por ele...

Judas: Maldição, se vocês não fazem nada, eu vou fazer, agora você vai ver o que eu vou fazer...!

Zelota: Espere, companheiro, espere...!

O governador chutou a porta e desceu rapidamente as escadarias da fortaleza até chegar no pátio Lajeado onde uma massa de homens e mulheres gritava furiosamente já fazia um bom tempo... O governador também estava encolerizado... Quando o vimos entrar, o alvoroço cresceu...

Um homem: Liberdade para Jesus! Liberdade para os presos!

João: Pilatos terá que dar o braço a torcer!

Madalena: E se não torcer, seus ouvidos vão explodir, caramba, porque ele tem que soltar o moreno!... E você, Maria, pare de choramingar e comece a gritar com a gente, vamos!

João: Não se desespere, Maria, eles não podem fazer nada com Jesus... para isso estamos aqui!

Cada vez se juntava mais gente diante dos portões da Torre Antônio... Maria, a mãe de Jesus e a outra Maria, a madalena, estavam comigo, uma de cada lado... Tentamos avançar por aquele mar de cabeças, mas a claque dos sacerdotes e a barreira dos soldados não nos deixavam ir adiante...

Madalena: Demônios, quanto será que pagaram para esses bestalhões?

João: Deixe que se esgüelem, madalena. Nós somos maioria. Pilatos terá que dar atenção a nós!

Um homem: Ei, amigo, andam dizendo que o governador deu ordem de soltar o nazareno!

Madalena: É verdade, conterrâneo?

Homem: É sim, parece que vão botá-lo pra fora!

Madalena: Está vendo, Maria, não foi o que a gente disse? Água mole em pedra dura...!

João: Olhem, olhem, estão abrindo a porta...!

Nós ainda não sabíamos que Jesus havia sido açoitado e torturado. Por isso, quando se abriu a pequena porta que dava para os calabouços da torre, e o vimos aparecer, todos tapamos o rosto horrorizados... Nunca esquecerei aquele momento... Maria, ao meu lado, ficou lívida e se agarrou fortemente em meu braço para não cair... Não, aquele farrapo não podia ser Jesus... Os soldados o arrastavam, sustentando-o por debaixo dos braços... e o largaram no meio do pátio. Todos nos calamos diante daquela figura encurvada, com o chapéu de espinhos na cabeça e um manto vermelho sobre o corpo desnudo e empapado de sangue... Jesus, que mal podia se manter em pé, tentou levantar os olhos, mas não conseguiu... Foi Pôncio Pilatos que se aproximou dele e com a ponta da espada encostada em seu queixo, levantou sua cabeça para que todos nós pudéssemos reconhecer o prisioneiro...

Pilatos: Este é o homem!... Aqui está ele, e lhes dou de presente... Façam com essa pelanca o que bem quiserem e não me amolem mais!

Então empurrou brutalmente Jesus para a turba que se aglomerava junto aos portões de ferro... Levantou-se então uma gritaria ensurdecidora... Nós, os de trás, tentamos pular a barreira dos soldados, vociferando e empurrando para abriremos passagem e resgatar Jesus... Mas não pudemos chegar até lá... Então, a claque das primeiras filas, como as feras quando farejam sangue, se lançaram sobre ele e o empurraram novamente para o Lajeado...

Claque: Crucifica-o, crucifica-o!!

Jesus escorregou sobre as pedras molhadas do pátio, caiu no chão, e ficou como um cachorro surrado, deixando ver as costas, uma massa de carne destrocada, de onde afluíavam algumas costelas...

Claque: Crucifica-o, crucifica-o!!

Como o alvoroço crescia, a tropa romana apertou os escudos e levantou as lanças, esperando a ordem do governador...

Judas: Não matar Jesus... mas antes eu degolarei uma dúzia desses canalhas...!

Pouco depois de deixar o casebre do líder zelota, Judas, tremendo de raiva, saiu correndo em direção ao palácio do sumo sacerdote Caifás, procurando o comandante da guarda do Templo...

Comandante: Estávamos esperando você, loirinho. E então? Veio buscar as outras trinta moedas?

Judas: Não, vim devolver estas...

Judas lançou no chão os siclos de prata e puxou o punhal de debaixo da túnica...

Judas: ... e também matá-los!

Lançou-se sobre o comandante da guarda... Estava enlouquecido e não sabia o que fazia... Depois de forcejar uns instantes, o comandante lhe arrancou o punhal e o atirou a bofetadas pela porta...

Comandante: Suma daqui, imbecil!... Agora vem você com remorsos, heim?... O passarinho já está na gaiola... O resto é problema seu!

Os soldados romanos, com as lanças e porretes, conseguiram conter a avalanche de gente que empurrava por trás, lutando para entrar no pátio ladrilhado... Pôncio Pilatos ia de uma ponta à outra do tribunal, cada vez mais irritado com aquela situação... Os da frente, um grupinho comprado pelos sacerdotes e magistrados, ficou frente à frente com o governador...

Um homem: Este homem é um blasfemo, deve morrer!

Claque: Crucifica-o, crucifica-o!!

Uma mulher: Ele zombou do Templo!

Outro homem: Ele se fez chamar rei dos judeus!

Pilatos: Pois se ele é rei de vocês, podem levá-lo e deixem-me em paz!

Uma mulher: Nosso rei é o César de Roma! Se você soltar este aí, vai provocar uma confusão com Roma!

Claque: Crucifica-o, crucifica-o!

Pilatos: Já chega, filhos de uma cadela, já chega!!

O governador Pilatos dobrou com violência o chicote que tinha nas mãos e olhou colericamente a multidão...

Pilatos: Irá para a cruz, sim, irá para a cruz e que os infernos o engulam de uma vez e vocês todos também!

Em meio àquele turbilhão de gritos e maldições, Pôncio Pilatos subiu ao estrado e sentou-se em sua poltrona do tribunal. No alto do espaldar, a figura da águia romana, brilhante e dourada, estendia suas asas...

Pilatos: Escriba, traga-me imediatamente a lousa!

O escriba se aproximou. O governador a marcou com o selo de seu anel e a devolveu. Então o escriba fez um sinal ao pregoeiro e o pregoeiro, subindo num banco de pedra, leu em voz alta a sentença...

Pregoeiro: O governador da Judéia, representante nesta província do imperador Tibério, condena à morte este rebelde chamado Jesus, pelo grave delito de conspiração contra a autoridade romana. Eu, Pôncio Pilatos, assino, nesta cidade de Jerusalém, hoje, sexta-feira, 14 do mês de Nisan.”

Quando ia correndo em direção da Torre Antônia, Judas, de Kariot, ficou sabendo da sentença. Também lhe disseram que Jesus havia sido destroçado pelos açoites. Sentiu que a terra se abria debaixo de seus pés. Não se atreveu a chegar até à fortaleza... Saiu correndo pelas ruas molhadas e foi para fora da cidade... Cruzou a ponte do Cedron... Chegou mancando ao horto onde umas horas antes havia visto Jesus pela última vez e onde o havia entregue aos guardas do Templo...

Judas: Por que tudo saiu ao contrário?... Por que?... Jesus, companheiro, perdoe-me... Perdoe-me e deixe-me ir na frente...

Ninguém viu o pranto de Judas. Ninguém estava com ele quando tirou da cintura a corda com que cingia sua túnica, trepou em uma oliveira, amarrou-a em um dos galhos retorcidos e fazendo um nó, passou-o pelo pescoço...

Judas: Deus!... Deus!... Se tu és Pai, como Jesus dizia, tu saberás compreender-me...!

Não disse mais nada. Pulou e enforcou-se... Ainda levava amarrado ao pescoço o lenço amarelo que havia ganho de presente de um neto dos macabeus...

Enquanto isso, na Torre Antônia...

Cláudia: Mas, Pôncio, pelos deuses, o que você fez?

Pilatos: O que tinha de fazer. Condená-lo à morte!

Cláudia: Eu lhe disse para não manchar as mãos no sangue deste homem.

Pilatos: Não diga isso para mim. Vai dizê-lo para os que estão lá fora, gritando.

Cláudio: Você assinou outras sentenças?

Pilatos: Sim, de mais dois. Um tal Gestas, conspirador. E outro chamado Dimas, também metido em política. Com a do nazareno, foram três.

Cláudia: Não devia ter assinado a do nazareno... Espere aí, Pôncio, por favor, não se mexa...

Cláudia Prócula, a esposa do governador romano, foi buscar de pressa um jarro com água e uma bacia...

Pilatos: Para quê isso agora?

Cláudia: Para conjurar o sangue... Venha, lave as mãos... e que os deuses nos protejam!

Pilatos: Ao diabo com os deuses e com os seus medos!

Cláudia: O sangue traz azar, Pôncio.

Pilatos: Não, Cláudia. O sangue traz sangue... e mais sangue. Só isso.

Em baixo, no pátio, um cordão de soldados empurrava para trás os que continuavam protestando e lançando maldições contra o governador Pilatos. O centurião deu ordem e trouxeram dos calabouços os outros sentenciados, Dimas e Gestas, dois jovens zelotas que também iam ser crucificados naquela manhã. Os verdugos já tinham preparado os três grossos troncos que serviriam para o último tormento.

Não havia nenhuma majestade em Jesus quando Pilatos o mostrou à multidão que continuava reclamando sua libertação. Não era mais que um farrapo. Era o servo fiel de que falara Isaias centenas de anos antes (Is 53, 1-3). E, no entanto, apesar de não ser mais que um despojo fracassado, para os crentes “este é o homem”. Por sua fidelidade a Deus e a seus irmãos, por seu compromisso com a vida e a justiça até às últimas conseqüências, este é o homem.

Por mais que se tenha lavado as mãos, Pilatos é o último responsável pela morte de Jesus, o maior responsável jurídico daquela sentença, já que sem sua aprovação a decisão do Sinédrio não teria tido qualquer validade. Assim consta na história, tal como ficou fixado na fórmula do Credo: “Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos...” Outros culpados levaram Jesus diante do governador romano: os sacerdotes e fariseus que não só o

condenaram por motivos “religiosos”, mas porque de modo igual ao que acontecia com Roma, aquele homem punha em perigo todo o seu sistema. Assim Jesus foi morto como réu político, acusado de subversão contra o império romano. E foi justicado com o tormento reservado aos zelotas e aos escravos rebeldes: a cruz. Sobre suas costas pesava ainda a acusação dos sacerdotes que o enviaram à morte como “maldito” de Deus e rebelde diante da Lei.

Não foi o povo judeu que matou Jesus. Esta falsa idéia calou durante séculos na mente dos cristãos, fez-se quase um dogma e desgraçadamente trouxe horrorosas conseqüências para os judeus de todos os tempos: discriminações, ódios, perseguições, guetos. O povo de Israel – o povo do qual nasceram Jesus, Maria, Pedro, João e todos os homens e mulheres que protagonizaram as páginas da Bíblia – foi um povo como qualquer outro, com virtudes e com defeitos. Profundamente fiel a Deus e às suas tradições. O povo não poderia ser responsável pela morte do seu profeta. Foram os dirigentes, os poderosos sacerdotes do Templo aliados com o império romano, os únicos culpados. Por isso, todo anti-semitismo (anti-judaísmo) baseado na horrenda “maldade” deste povo que “matou Deus” é fruto da ignorância, além de uma injustiça histórica.

O suicídio de Judas é o único suicídio relatado no Novo Testamento e praticamente em toda a Bíblia (há outro caso único no Antigo Testamento). Neste episódio, o suicídio está colocado em coerência com as razões que segundo o relato teve Judas para entregar Jesus. O desespero de Judas deve ter sido terrível ao compreender que não havia nenhuma insurreição popular, que Jesus iria morrer e com ele o projeto do Reino de Deus no qual haviam trabalhado juntos. Não é difícil imaginar os sentimentos de Judas naquela hora em que toda a cidade vivia um autêntico estado de agitação. E ele era o “responsável” imediato de tudo aquilo. Vergonha diante de seus companheiros, dor por Jesus, raiva contra si mesmo, desespero diante de Deus, desprezo por seus camaradas zelotas... Judas se viu apanhado e pensou que sua única saída era a morte. Para lavar sua falta e para descansar daquele enorme peso que o agoniava. É um suicídio que tem muito de desejo de expiação e de fuga. Por isso, inspira compreensão e respeito.

A figura de Judas tem sido usada como bode expiatório a tal ponto que o fazer recair todas as maldades havidas e por haver, que se chega a dizer que se de alguém se pode afirmar com certeza que está no inferno, é dele. A base para isso se encontra na frase que Jesus lhe dirige na ceia (Mt 26, 24). Mas esta interpretação não tem fundamento. Parece muito provável que essa frase não passe de um acréscimo em forma de dramática advertência às comunidades que Mateus e Marcos incorporaram ao seu evangelho, pondo-a na boca de Jesus para dar-lhe mais autoridade e relacionando-a com Judas para que tivesse um marco histórico. Tratar-se-ia de uma advertência para que os membros das primeiras comunidades cristãs não traíssem seus companheiros. Eram tempos de clandestinidade e de duríssimas perseguições contra os cristãos. Às vezes ocorriam delações e qualquer descuido poderia ser causa de morte para alguém da comunidade. A frase, pois, enuncia um princípio geral a ser lido, não como um “inferno” para esse Judas individual, mas como uma norma coletiva para todos: mais vale não ter nascido para a comunidade cristã se ao final você vai trair seus irmãos.

(Mt 27, 3-5 e 15-26; Mc 15, 6-15; Lc 23, 13-25; Jo 18, 39-40; 19, 4-16)

Capítulo LXXI

A CAMINHO DE GÓLGOTA / ATÉ A MORTE NA CRUZ

1. O caminho que Jesus percorreu até o Calvário, sua via-crucis, ia desde a saída da Torre Antônia, ao lado do Templo, atravessava a cidade pelos bairros do norte, e chegava até à porta de Efraim, pela qual se saía fora dos muros, onde estava o Gólgota. Atualmente, uma longa e retorcida rua de Jerusalém, empinada como todas as da velha cidade, chama-se Via Dolorosa. Acaba na Basílica do Santo Sepulcro. Torna-se difícil hoje assegurar que o traçado desta rua corresponda ao percurso exato feito por Jesus há dois mil anos. No entanto, peregrinos do mundo todo a percorrem na procissão de Sexta-feira Santa todos os anos. Ao longo de toda esta Via Dolorosa, diferentes lugares e igrejas recordam as 14 estações ou passos que a tradição, desde muitos anos, fixou como momentos-cume no caminho de Jesus até à cruz. Algumas destas estações têm base nos textos do evangelho e outras – a da Verônica, o encontro com Maria, as três quedas – têm sua origem na tradição popular, muito apegada ao exercício piedoso da via-sacra.

Era costume romano que o réu que ia ser justificado levasse até o lugar do suplício não a cruz inteira (como aparece nas imagens), mas só o pau transversal, chamado de “patibulum”. Este madeiro era colocado atrás da nuca e devia ser sustentado pelos braços, que eram amarrados a ele. O lenho era colocado sobre os ombros como se fosse um jugo. Para um homem que havia sido torturado, aquela posição se tornava dolorosíssima. Isso explica a enorme fadiga sentida por Jesus e que levou os soldados a pedir a ajuda de Simão de Cirene.

Dois revolucionários zelotas foram levados com Jesus para serem crucificados. Não se tratou de ladrões ou gatunos, mas de réus políticos. A palavra grega empregada no evangelho é “lestai”, a mesma que era usada para designar os militantes deste grupo guerrilheiro. Os nomes de Dimas e Gestas não são históricos, a tradição é que os chamou assim. Os madeiros que aqueles três condenados levaram nos ombros recenderiam o sangue de muitos outros condenados. Jesus não foi o único crucificado da história. Nem sequer naquele dia seu caso foi excepcional. Sobre uma tabuleta branca escrevia-se a razão pela qual se condenava o réu à cruz. Esta tabuleta (o “título”) era levado por um pregoeiro à frente do condenado ou era pendurado ao pescoço deste. Atravessar as ruas da cidade com o patíbulo nos ombros e o título no pescoço era a última humilhação a que era submetido o réu antes da sua morte. Isto era feito assim para servir de escarmento e advertência a possíveis futuros agitadores. A via-crucis era realmente mais um ato de força da repressão estabelecida.

A tabuleta de Jesus, escrita por Pilatos, assinalava a razão de sua condenação: “Jesus o Nazareno Rei dos Judeus”. A acusação última contra Jesus foi, pois, de tipo político. Seria como dizer: Este homem está sendo justificado por pretender ser o representante deste povo. Nesse “rei” dos judeus lia-se “o Messias”. De qualquer forma, o “rei” dos judeus era César e pretender qualquer liderança popular à margem desta realidade, era atentar contra o império. O título era escrito em três línguas:

hebraico, latim e grego. Na língua de sua pátria, na língua do império e na língua dos gregos, estrangeiros presentes durante as festas. Para Roma era importante que esta tabuleta fosse compreendida pelos milhares de visitantes que estavam em Jerusalém; devia ficar bem claro para todos com que poder Roma castigava os agitadores. O INRI que aparece em tantos crucifixos é a abreviatura da condenação em Latim: “Iesus Nazarenus Rex Iudeorum”.

Para ajudar Jesus a chegar até o final e impedir que morresse pelo caminho, os soldados pediram ajuda a um curioso, um tal Simão de Cirene. Cirene era uma região da África, situada onde hoje está a Líbia. Naquela colônia estrangeira que havia sido grega e depois província romana, moravam muitos judeus. Alguns vinham para as festas da Páscoa e outros, nascidos lá, residiam em Jerusalém habitualmente. O evangelho de Marcos (Mc 15, 21) refere que Simão de Cirene era pai de Alexandre e Rufo. Seguramente estes dois rapazes faziam parte das comunidades cristãs para as quais se escreveu este evangelho. Em uma de suas cartas, Paulo menciona um tal Rufo que poderia ser o filho deste Simão (Rm 16, 13).

As damas de Jerusalém formavam uma espécie de confraria beneficente. Dedicavam-se a diferentes formas de beneficência. Além de dar esmolas, tinham entre outras, a obrigação de rezar pela conversão dos condenados à morte e de levar-lhe ao patíbulo vinho misturado com incenso – que agia como narcótico – para atenuar suas dores.

Durante sua atividade, Jesus havia dito a seus companheiros que anunciar a boa notícia era estar disposto a “carregar a cruz” (Mc 8, 34). Geralmente, tomamos estas palavras como um convite para suportar pacientemente o que Deus nos manda. Esta é uma interpretação mais que tibia do que Jesus quis dizer. Tampouco serviria para interpretar o “carregar a cruz” como o simples estar disposto ao martírio, pois não se trata somente de uma disposição que talvez algum dia se concretize com uma morte violenta. Jesus não nos convida a um ato isolado mas a uma atitude. Carregar a cruz é atrever-se a empreender um caminho no qual se saboreia o fracasso, a amargura, o ridículo. Os poderosos que decretam a condenação humilham, hostilizam, insultam o réu até o lugar de seu suplício. Isto Jesus percebeu, isto ele sofreu. O caminho cristão é duro. Manter-se nele até o fim é a prova de nossa fidelidade ao compromisso com a justiça.

(Mt 27, 31-32; Mc 15, 20-21; Lc 23, 26-32; Jo 19, 17)

2. O Gólgota (palavra que significa “crânio”) ou Calvário (lugar da caveira) era uma pequena colina situada fora das muralhas de Jerusalém. Era costume realizar ali as crucificações. Os arredores daquele lugar serviam de cemitério. Havia várias tumbas particulares – em uma delas enterraram Jesus – e outras eram valas comuns para os corpos dos justicados. A porta de Efraim, aberta na parte noroeste das muralhas, dava para o Gólgota. Como o lugar era um tanto elevado, da cidade podia-se ver as cruces e nelas os crucificados. As execuções eram públicas. As autoridades procuravam fazer disso escarmento para todos os cidadãos. No caso de Jesus tentaram a todo custo evitar um amotinamento popular.

Na Jerusalém atual o lugar mais importante para os cristãos é a basílica do Santo Sepulcro, um enorme edifício que abarca o espaço onde esteve a colina do Gólgota e a sepultura de Jesus, muito próxima a ela. No interior da basílica, hoje excessivamente carregada, com muitos altares, imagens, capelas, pode-se ver parte da autêntica pedra do Gólgota. Diante do altar da crucificação pode-se inclusive tocar essa rocha, que foi impregnada com o sangue de Jesus. O lugar é de plena autenticidade histórica.

A morte na cruz foi usada pelos persas, pelos cartagineses e, em menor medida, pelos gregos. Foram os romanos que mais a empregaram, por considerá-la o suplício mais cruel que existia. Reservavam-no para os estrangeiros e somente em raras ocasiões se crucificava cidadãos romanos. Era a pena de morte sofrida pelos escravos. Os homens livres podiam ser crucificados por crime de homicídio, roubo, traição e, sobretudo, por subversão política.

Era costume desnudar os crucificados para assim aumentar sua humilhação. Era no chão que se lhes pregavam os braços ao pau transversal que eles mesmos deviam carregar até o local do suplício. Os cravos eram introduzidos nos pulsos, entre os dois ossos do antebraço. Se fossem cravados nas palmas das mãos, o corpo se desprenderia do patíbulo por falta de sustentação. Quando os braços estavam pregados, içava-se os réus com cordas para colocar a trave horizontal sobre a vertical, que já estava plantada no chão. Então eram pregados os pés, introduzindo-se os pregos no vão dos ossos dos tornozelos. A dor era indescritível. Finalmente, pregava-se a tabuleta de acusação no alto da cruz para que fosse lida por todos.

A cruz não era alta, como algumas que se vêem nas imagens. Era bem mais baixa. Os pés do justificado ficavam a muito pouca distância do chão. Entre as pernas o madeiro tinha uma espécie de saliência para sustentar o corpo, que ficava assim meio sentado. Tentava-se com isso evitar o desmoronamento do réu para baixo. E isso não por piedade, mas para prolongar o mais possível seu tormento. Muitos crucificados permaneciam dias inteiros agonizando sobre a cruz à vista dos curiosos, rodeados de aves de rapina. Se Jesus morreu tão depressa foi porque ao chegar ao suplício, já estava desfeito pelas torturas. Geralmente, a morte dos crucificados acontecia por asfixia. A tensa e insuportável posição de todo o corpo ia dificultando cada vez mais a respiração e a circulação do sangue, até que chegasse inexoravelmente pela imobilidade a que estava submetido o moribundo.

Recolhendo os testemunhos dos quatro evangelistas, temos as “sete palavras” de Jesus na cruz, que foram suas últimas palavras nesta terra. A primeira delas - “Pai, perdoa-os...” – refere-se a um costume religioso de Israel. Por entender que toda morte tinha um valor de expiação (de perdão, de resgate), os delinquentes eram ainda exortados antes de morrer a pronunciarem o chamado “voto expiatório” com uma fórmula que dizia “Que minha morte sirva de expiação de todos os meus pecados!” (Que Deus me perdoe). Jesus não diria isso. Reivindicou até o último momento sua inocência e não por orgulho ou cabeçudisse. Por isso, subverteu esta fórmula: Que Deus perdoe os assassinos, são eles que estão em pecado. Eles não sabem o que fazem.

Neste episódio, a segunda palavra reflete a esperança que Jesus manteve até o último alento de sua existência, de que Deus iria intervir de uma forma desconhecida por ele, mas tão eficaz que o libertaria da morte. Jesus esperou no Gólgota a irrupção libertadora do Reino de Deus, pelo qual havia lutado durante sua vida. Não se resignou ao desalento, não admitiu que Deus pudesse lhe falhar e esperava contra toda a esperança. Esse “hoje” de que fala seu companheiro de tormento indica a imediatez com que ia se dar a mudança que ele esperava. Até o final, Jesus foi um homem amante da vida, crente na vida. Essa vida que ele reclamava e esperava de seu Pai no meio da agonia.

A terceira palavra ele dirige a Maria sua mãe e a seu amigo João. É preciso ressaltar que no último momento, as mulheres foram mais fiéis a Jesus que os homens. Elas, as mais “frágeis” e as mais “covardes” segundo o dito machista, mantiveram-se em pé diante daquele torturado que agonizava, mostrando sua fidelidade a Jesus e arriscando-se à zombaria das autoridades, que o ridicularizaram até o último momento.

A quarta palavra é conservada em grego pelos evangelistas e às vezes dão sua tradução, como que para causar maior impacto no leitor, para fazer com que ele se detenha especialmente nesta frase. Jesus se sente abandonado por Deus, já não espera mais nada, experimenta toda sua vida como um fracasso. “Eli, Eli lema sabaktani” é a frase em grego. (Marcos a encabeça com a forma aramaica “Eloi, Eloi”). Jesus não chama a Deus como o fazia habitualmente: “papai” (Abba). Chama-o Deus. Sente-o longe, distante, calado. Com essas mesmas palavras inicia-se o Salmo 22. Os evangelistas nos estão indicando que na cruz Jesus rezou com esse impressionante grito de angústia e abandono deste salmo. Lendo-o podemos descobrir quais foram os sentimentos que teve seu coração antes de se arrebentar por causa daquela cruel tortura. Jesus, como todo homem, experimentou em sua consciência uma evolução, um crescimento. Sua fé também teve um desenvolvimento e ele soube o que eram as dúvidas, os altos e baixos, os temores. Esta quarta palavra na cruz é um dos momentos mais significativos para se apreciar a profunda humanidade de Jesus, o caminho de sua fé e de sua esperança, caminho difícil e doloroso.

A quinta palavra é um indicativo da sede espantosa que os crucificados sofriam e que era um dos maiores tormentos do suplício da cruz. A contínua hemorragia produzida pelos cravos desidratava o réu. Naquele momento ofereceram a Jesus uma droga para aliviar a dor. A sexta palavra – “Tudo se acabou” – indica a consciência que tinha da proximidade do fim. Jesus não perdeu a consciência. Embora extenuado pelas torturas, viu a morte chegar em plena lucidez. Sua última “palavra” neste mundo foi um grande grito (Mc 15, 37), expressão de uma dor suprema e também de sua suprema entrega nas mãos de Deus em quem confiava e a quem chamava de Pai. Para refletir esta fidelidade até o final, Lucas deu àquele grito inarticulado e terminal com que finalizou a vida de Jesus a forma de uma oração cheia de confiança (Lc 23, 46; Sl 31. 6).

Jesus morreu. Morreu realmente. Sua vida terrena deixou de existir. E quando morreu não sabia nem imaginava que Deus o ia ressuscitar. Não o podia imaginar porque no quadro de idéias de sua fé nem mesmo entrava esta crença em uma ressurreição “individual e imediata”. Se Jesus tivesse morrido sabendo que em poucos dias viveria novamente, sua morte não teria sido real nem humana nem dolorosa. Quando põe sua sorte nas mãos de Deus, crê Nele, espera Nele com a mesma fé e a mesma esperança com que na morte fazem todos os crentes, o maior ato de fé e de esperança de toda sua vida. E fazem às cegas, no meio da dor terrível de que tudo se acabe.

Na morte como na vida ele foi nosso irmão. Na morte, como na vida, experimentou a insegurança e pôs em Deus uma difícil e dolorida esperança para poder dar o salto final. Aquele em quem cremos é um crucificado. Séculos de história, de cultura e arte fizeram do crucificado uma jóia, um enfeite, um motivo decorativo. E a cruz não é outra coisa que um horrendo patíbulo. E o crucificado um amaldiçoado (Dt 21, 23). Precisamos ver na cruz um cruel instrumento de tortura. Ver em Jesus – um trapo ensangüentado pendurado num pau – a revelação de Deus é um escândalo. Não devemos nos acostumar, precisamos escandalizar-nos sempre. Isto é, sacudindo-nos se quisermos renovar em nossa própria experiência qual foi a origem da fé cristã.

A morte na cruz significava, por si mesma, a exclusão da comunidade de Israel e da comunidade romana. Jesus foi assassinado fora dos muros de Jerusalém, amaldiçoado pela lei de seu povo, expulso e marginalizado pelo sistema do império. As instituições políticas, religiosas, econômicas o lançaram fora de seu seio. É nesse excomungado que nós cristãos acreditamos. Nosso Messias é um “amaldiçoado” pelas autoridades e, por isso, o poder injusto sempre “amaldiçoará” o verdadeiro cristão e o lançará fora, como fez com Jesus.

(Mt 27, 33-50; Mc 15, 22-38; Lc 23, 33-46; Jo 19, 18-30)

Capítulo LXXII

EM UM SEPULCRO NOVO

Pilatos: Está bem. Digam a esses condenados sacerdotes que entrem, caramba! Já nem se pode tirar uma sesta em paz!

Um sacerdote: Governador Pilatos, é quase a hora nona. Dentro de pouco tempo, a estrela da tarde anunciará que entramos no Grande Sábado...

Pilatos: Rá! Que estrela que nada! Desde que amanheceu não pára de chover. O céu está mais fechado que um túmulo... e vocês ainda querem ver uma estrela!

Outro Sacerdote: Vossa Excelência tem razão. Mesmo assim, faltam só algumas horas para o Grande Sábado da Páscoa...

Pilatos: Isso vocês já disseram. O que é que estão querendo?

Sacerdote: Trata-se dos três rebeldes crucificados no Gólgota, governador. Não podem continuar lá quando a festa começar... Nossa tradição o proíbe... Seria uma grave impureza...

Pilatos: Então, onde querem que eles fiquem...?

Sacerdote: Na vala, excelência. Debaixo da terra. Bem mortos e bem enterrados.

Pilatos: Ainda não me informaram se eles já morreram...

Sacerdote: Não, claro que não, mas, por que não economiza a esses malditos uma agonia longa? Afinal, já purgaram todas as suas rebeldias.

Seus corpos ainda se retorciam de dor cravados nas cruces. Jesus já havia morrido, mais ou menos às três da tarde. Dimas e Gestas, os rebeldes zelotas que haviam sido crucificados com ele, menos torturados do que Jesus, resistiram o tormento por mais tempo. Perto deles, as mães dos revolucionários esperavam a morte com os olhos avermelhados... Junto ao madeiro onde estava pendurado o cadáver ainda quente de Jesus, as mulheres e eu, sentados sobre o chão molhado da colina, nos apoiávamos uns nos outros e chorávamos...

Maria: João, filho... o que será que agora vão fazer com Jesus...?

João: Não sei, Maria, não sei... não sei de nada...

Madalena: Olhe, Maria, palavra de madalena, não vou deixar que joguem Jesus na vala... Nós o enterraremos... como a um grande senhor!

Maria: Mas, menina, de que jeito se a gente não tem nem um pedaço de terra para a sepultura... nem os denários para um lençol decente... Não sei o que vamos fazer...

A colina do Gólgota estava semeada de troncos de cruzes empapados de sangue. Ao redor, escavadas nas rochas nuas, havia várias valas profundas onde se jogavam os corpos dos justificados...

João: Não sei... Talvez, se falássemos com aquele Nicodemos... Ele era amigo de Jesus... É um sujeito de muita influência... Se esse maldito Pilatos lhe desse o corpo para enterrá-lo em outro lugar...

Madalena: É isso, João, é isso mesmo! Não podem jogá-lo na vala, por Deus!

Pegados às muralhas, sem se atreverem a dar um passo para se aproximarem, estavam Pedro, André e alguns outros do grupo. Depois da morte de Jesus muito pouca gente havia ficado nos arredores do Gólgota. Faltavam só algumas horas para começar o Grande Sábado da Páscoa e muitos, cansados, depois de um dia de chuva tão longo e tão triste, voltaram para a cidade e fecharam-se em suas casas...

Túlio: E então, eles já morreram?

Soldado: O nazareno sim. Os outros dois ainda não. Olhe só para eles!

Pela porta de Efraim apareceram três soldados com porretes e lanças. Subiram a passos largos pelas rochas nuas da colina...

Túlio: É preciso acabar rápido com isso. Ordens do governador. A festa do judeus começará quando o sol se pôr e eles não podem ficar aqui.

Soldado: E o que vamos fazer?

Túlio: Vamos quebrar as pernas deles dois para que morram de uma vez.

Soldado: Bem pensado, caramba! Estou até o gargalo com tanta chuva e tanta lágrima...! Eu não ganho para isso!

Túlio: Ei, fora daqui, mulheres, afastem-se das cruzes!

Mulheres: Assassinos, assassinos!

Túlio: Vão embora daqui, já disse, vão!

Dois soldados se aproximaram das cruzes onde Dimas e Gestas lutavam com a morte e levantando seus grossos porretes descarregaram vários golpes, com violência, sobre os joelhos e as pernas, macerando-lhes os ossos...

Uma mulher: Acabe logo com esse inferno, meu Deus!... Acabe logo!

A morte não demorou a chegar. Os corpos daqueles rapazes, ao perderem o apoio que tinham nas pernas, desmoronaram, sufocando-os logo. Seus rostos ficaram contraído pela horrível dor do último momento...

Túlio: E esse outro aqui? Tem certeza que está morto...?

Soldado: Tenho. Ele deu um grito e ficou hirto já faz um tempo...

Túlio: Estranho. Então morreu bem depressa...

Soldado: Do jeito que chegou aqui, até que durou bastante... Chegou feito um trapo...

Maria: Por favor, não façam mais nada... Ele já está mesmo morto...

Túlio: Saia daqui, mulher... É preciso comprovar esta morte... São ordens...

Madalena: Maldição, deixem-no descansar em paz de uma vez!

Túlio: Saia, rameira, já disse para irem embora!

Um dos soldados agarrou fortemente a lança que havia trazido e a dirigiu contra o cadáver de Jesus... Com um golpe certo atravessou-lhe o coração... O último sangue que ainda restava naquele corpo destruído escorreu lentamente pelo peito...

Túlio: Agora sim. Serviço concluído. Mas que dia foi esse, heim?

O soldado puxou a lança e com a beirada de seu velho manto vermelho limpou o sangue da ponta...

Soldado: Sabe de uma coisa, Túlio? Este sujeito, sei lá... Eu sempre digo que é na hora da morte que de fato a gente conhece as pessoas... Este era um homem bom... Para mim ele era inocente...

Túlio: Pare de se preocupar, rapaz... Você não ficou com a roupa dele?... Então, deixe de sensibilidades... Que eles sejam despregados logo e jogados e mais logo ainda jogados na vala. Nós temos que voltar ao quartel e prestar contas ao governador. A gente se vê por lá! Dizem que esta noite teremos um bom vinho no jantar!

Soldado: Venha cá, você, vamos descê-los!

Maria: João, filho, vá correndo procurar esse tal Nicodemos... Veja se consegue alguma coisa...

João: Não, madalena, você fica aqui! Eu voltarei logo!

João: Até que enfim o encontrei, Nicodemos...

Nicodemos: Já sei que ele morreu, já sei... Eu vi da muralha... Já faz um tempo que estou dando voltas como um imbecil... Maldição! Por que não conseguimos impedir isso?

João: Agora precisamos de sua ajuda, Nicodemos... Trata-se do corpo de Jesus.

Nicodemos: José, os amigos do nazareno precisam de nós... Você tem boas relações com o governador. Ele conhece muito sua mulher, não é?... Pois então vai e diga para ele lhe dar o corpo para ser enterrado como se deve.

José de Arimatéia: Fique sossegado, Nicodemos, irei ver Pilatos agora mesmo.

Pilatos: Mas, como? Esse homem já morreu?

Soldado: Sim, governador. Está tão morto quanto eu estou de pé aqui. Eu atravessei o coração dele com uma lança.

Pilatos: Está bem, pode ir...

Soldado: Pois não, governador...

Pilatos: E você, José de Arimatéia... desde quando você é um dos que iam atrás desse profeta maluco...?

José de Arimatéia: Loucos fomos nós que não soubemos defendê-lo.

Pilatos: O quê?... Remorsos?... Ora, sossegue, homem, que a coisa não é para tanto... O que você quer? O corpo? Pois pode pegar. Se é para satisfazer um capricho seu, tem minha permissão.

José de Arimatéia: Dê-me a autorização por escrito, governador.

Pelas ruas de Jerusalém não se ouvia falar de outra coisa que do acontecido no Gólgota. Àquelas horas da tarde, a chuva começou a amainar e o sol esquentava timidamente os telhados das casas... As pessoas, com o coração triste, tentando sepultar tudo no esquecimento, faziam os preparativos da festa para o grande descanso sabático...

Nicodemos: Já não falta mais nada... Não se preocupe pelo dinheiro, nem pelo lugar. Já falei com meu amigo José e vocês podem enterrá-lo no sepulcro novo que ele tem para sua família e fica perto de lá... ande, volte para junto das mulheres, não as deixe sozinhas... Eu irei em seguida com tudo o que é necessário. Já vão fechar as lojas e temos que agir depressa...

Quando voltei à colina do Gólgota, já haviam despregado Jesus e um dos zelotas e estavam descendo outro...o corpo de Jesus, com os braços esticados, conservava ainda a forma da cruz e descansava no chão, sobre o manto de Maria, que o contemplava em silêncio, agachada junto a ele... As mulheres, de pé, choravam mordendo-se os lábios... Mateus e outros mais haviam se aproximado, vencendo o medo. Ninguém reconhecia naquele rosto completamente desfigurado, coberto de crostas de sangue, os traços tão queridos de nosso companheiro...

Pedro: Isso é um pesadelo, João, um pesadelo...

João: Venha, Pedro, vamos falar com os soldados. Temos autorização para enterrá-lo aqui perto...

Enquanto Pedro e eu falávamos com o centurião, mostrando-lhe permissão, Maria recostou a cabeça ferida de Jesus sobre seu regaço e, com o lenço empapado pela chuva, começou a limpá-lo...

Maria: Você parece outro, Jesus... Olhe só como deixaram você, meu filho... Bem que eu dizia que estava com medo... Quando você foi para Cafarnaum eu lhe disse: “Não se meta em confusão, filho”... Mas você nem ligou e ainda me arrastou atrás de vocês... Você dizia: “Mamãe, você sempre foi uma lutadora valente”... Não, filho... Você é que foi um valente... Até o final, Jesus, até o final... Como seu pai... Se José tivesse visto você... Parece até que o ouço: “Mulher, que nosso garoto cresça direito para que sempre dê a cara a tapa pelos outros. É isso que temos de ensiná-lo, é isso que Deus quer dele”... E você aprendeu, filho, você aprendeu muito bem... Agora, é voltar a Nazaré, trabalhar a terra, buscar água no poço, e ganhar mais calos nas mãos... “Comadre Maria, o moreno está chegando!”... Mas você já não voltará, filho... Não voltará nunca mais... E o que eu vou fazer sozinha... sem José e sem você?... Por que você não me escutou, filho? Jerusalém é malvada, não vá a Jerusalém... Eu tinha muito medo... você bem sabia... Mas estou orgulhosa de você, de tudo o que você fez... O que você dizia ficava dando voltas e voltas no meu coração... quando você estava longe, em Cafarnaum... Sim, filho, eu também creio que Deus presenteia seu reino aos pobres... aos que choram... não agüento, filho, não agüento... Meu filho...

João: Vamos, Maria, já está ficando tarde...

Sem tempo para lavar direito o corpo de Jesus, nós o unguimos apressadamente com uma mistura de perfume de mirra e aloés que Nicodemos trouxe, conforme o costume dos meus conterrâneos para enterrar os mortos. Depois o envolvemos num lençol grande e fino que José de Arimatéia havia comprado... Ninguém dizia uma palavra. Tínhamos muita pressa e muita tristeza... A chuva havia parado e um vento fresco inflava nossas túnicas molhadas... Pedro e eu carregamos o corpo de Jesus. Bem perto da colina do Gólgota havia um horto onde José de Arimatéia tinha um sepulcro novo no qual ainda ninguém havia sido enterrado. Dentro daquela gruta profunda, escavada na rocha, colocamos o cadáver de Jesus. Fechamos a entrada com uma pedra redonda e grossa como uma roda.

João: Vamos embora, Maria... O Sábado está começando...

Durante alguns momentos Maria apoiou sua frente contra aquela pedra úmida... Depois segurou meu braço para não escorregar e se pôs a caminho. Voltamos com ela para Jerusalém... A tarde morria sobre as muralhas e as trombetas do Templo anunciavam que estávamos entrando no descanso do Grande Sábado.

Jesus morreu na sexta-feira da semana da Páscoa, que era para os judeus “dia de preparação”, já que no dia seguinte, sábado, não se podia trabalhar. Era o dia de descanso imposto pela Lei. Por se tratar do Grande Sábado da Páscoa, aquele sábado era ainda mais solene que os demais do ano. O grande sábado começava ao cair da tarde, quando as primeiras estrelas apareciam no céu. Os cadáveres dos justicados eram “impuros” e, conforme a Lei, não deviam manchar com sua presença a festa daquele dia. Isso explica a urgência com que terminou a execução e o efetuar-se o enterro de Jesus.

Alguns crucificados permaneciam pendurados no madeiro dias inteiros, em uma agonia sem fim. As leis romanas previam as formas de acelerar a morte: quebrando a golpes os ossos das pernas. O

desmoronamento que se produzia em todo o corpo provocava a asfixia final. Este método brutal foi aplicado nos revolucionários zelotas. No caso de Jesus não foi necessário quebrar nenhum osso. Havia morrido muito depressa. O golpe de lança do soldado era uma forma de assegurar-se que ele estava realmente morto. Como um tiro de misericórdia.

José de Arimatéia e Nicodemos, das classes dirigentes, que simpatizavam com Jesus embora o fizessem clandestinamente, atreveram-se no momento final a dar as caras para reclamar o corpo e poder enterrá-lo com certa dignidade.

A imagem clássica e muito querida da piedade popular ao longo dos séculos, tem sido a de Maria com seu filho morto nos braços. É “A Pietá”, cantada pelos músicos e poetas, immortalizada em esculturas e quadros. O assassinato de Jesus foi a suprema prova de fé para Maria que, como seu próprio filho, não contava com a ressurreição. Maria que havia entendido confusamente os projetos de seu filho nos primeiros momentos, que depois havia tentado compartilhar com ele seus riscos e esperanças, teria sentido naquele dia uma infinita solidão, um profundo sentimento de fracasso, de tristeza, de inutilidade. Teria sentido também orgulho pela valentia demonstrada por Jesus.

Para os israelitas, um enterro era algo de grande importância, a maior mostra de carinho pelo defunto. O de Jesus – pelas circunstâncias – também foi realizado com os mesmos requisitos tradicionais. Os cadáveres eram lavados e unguídos com azeite. O evangelho diz que em Jesus foi usada uma mistura de mirra e aloés. A mirra era uma resina aromática de muito valor, usada também para unguir os noivos no dia de suas bodas, e o aloés, uma essência cheirosa tirada da seiva de certas árvores da Índia. Era empregado para dar perfume à roupa de cama, vestuários e mortalhas. Como mortalha era usado um lençol ou lenços em forma de tiras, embora não se saiba com exatidão eram colocados no corpo do defunto.

Desde tempos muito antigos, Israel enterrava seus mortos em grutas naturais para não desperdiçar terreno cultivável. Jesus foi colocado em uma tumba particular, comprada por José de Arimatéia para sua família, e na qual ninguém tinha sido enterrado antes. Aproveitando a escavação natural da rocha, arrumava-se o local em forma de habitação, com uma ou várias mesas de pedra para colocar os cadáveres. Às vezes, eram escavados nichos ao longo das paredes. Em muitos casos, e um foi o do sepultamento de Jesus – esta habitação ou câmara sepulcral estava precedida por uma ante-sala ou corredor. A entrada da tumba era fechada por uma pesada pedra redonda, que girava como uma roda.

Depois de dois mil anos ainda se conserva este banco de pedra onde foi depositado o cadáver de Jesus, o lugar exato onde ficava aquele jardim próximo ao Gólgota. Dentro da Basílica do Santo Sepulcro, no bairro árabe de Jerusalém, fica este lugar, transcendental para a fé cristã. Apesar da abundante decoração acumulada durante séculos, ainda se pode distinguir perfeitamente a estrutura daquela gruta: a ante-sala, o corredor e a câmara mortuária – bastante estreita, onde fica a mesa de pedra, recoberta hoje por um mármore branco. À entrada, um letreiro: “Não está aqui. Ressuscitou”.

Desde que Santa Helena, mãe do imperador Constantino, por meio de escavações que mandou fazer nesta zona de Jerusalém onde esteve o Calvário, descobriu sua localização exata, os chamados Lugares Santos – inicialmente o Gólgota e o lugar da sepultura de Jesus – converteram-se em centro de peregrinação para os cristãos de muitos países vizinhos. Isso ocorreu depois de uns trezentos anos após a morte de Jesus. Os Lugares Santos também foram motivo de guerras cruéis. Uns mil e cem anos depois da morte de Jesus eles estavam em mãos dos muçulmanos. Homens de toda a

Europa cristã envolveram-se em guerras, chamadas de Cruzadas, que além de outros importantes motivos políticos e econômicos, tentavam recuperar esses Lugares Santos. As Cruzadas duraram, com intervalos, duzentos anos. Não conseguiram seu objetivo de resgatar o Santo Sepulcro. O pior foi que em nome da cruz de Jesus foram cometidos saques e crimes de todo tipo contra os árabes, que também usaram de enorme violência contra os cristãos.

(Mt 27, 51-61; Mc 15, 38-47; Lc 23, 47-56; Jo 19, 31-42)

Capítulo LXXIII

O GRANDE SÁBADO

As primeiras luzes da manhã, que se infiltravam por uma estreita janela, nos despertaram lentamente. Aquele sábado, dia seguinte da morte de Jesus, era dia de descanso e de grande festa em Jerusalém e em todo o país. Desde a tarde do dia anterior os onze e as mulheres estávamos escondidos no sótão da casa de Marcos, o amigo de Pedro, esperando para voltar logo para a Galiléia. Os olhos de todos, cansados pela noite ruim e pelo choro, acostumaram depressa à penumbra daquele esconderijo, onde eram guardadas velhas prensas e alguns barris de azeite...

Pedro: Parece que já é dia, companheiros...

João: Conseguiu dormir um pouco, Maria...?

Maria: Um pouquinho, sim... mas...

Madalena: Vamos, deite-se mais um pouco e descanse... Susana e Salomé foram preparar alguma coisa quente... Temos azeitonas e pão... Você não se mexa...

Em seguida minha mãe e Susana trouxeram uma travessa de caldo e um punhado de azeitonas... Sentamo-nos para comer, em silêncio, sem apetite. A tristeza por tudo o que foi vivido no dia anterior pesava sobre nós como um fardo insuportável...

João: Marcos esteve aqui há pouco, quando ainda estava escuro... Foi embora, mas disse que voltará ao meio-dia com alguma coisa para comer...

Madalena: Nem sei para quê, com a fome que a gente está... Vamos, Maria, come um pedaço de pão...

Maria: Não, Susana, não consigo...

Tiago: E o que há de novo na cidade...?

João: En... Encontraram Judas... enforcado...

Pedro: Mas, o que você está dizendo, João? Onde?

João: No Getsêmani... Onde estivemos na noite da quinta-feira... pendurado numa oliveira...

Madalena: Mas, meu Deus, o que foi isso? Um pesadelo? Maldição! Juro por todos os meus falecidos que nunca mais porei os pés nesta cidade do demônio!

João: Calma, madalena... sossegue... É bom não fazer tanto barulho...

André: Coitado do Judas... era um bom companheiro...

Tiago: Não me venha agora com lamentações, André... Ele Foi o Culpado de tudo.

André: Ele, Tiago, ele?... Ele foi um louco que se deixou enrolar, sabe Deus por que... mas ele não foi o único culpado...

João: Já sabemos quem foram os culpados... que Deus pegue todos eles de jeito, canalhas!

Pedro: É verdade, ruivo... Com Judas a gente acabaria se entendendo... Ele era dos nossos... mas com essa cambada do Sinédrio e esses cães romanos... Mas, por que não fizemos alguma coisa? Por que ficamos assim, feito imbecis, com os braços cruzados...? Eu em primeiro lugar, sim, sim, não precisam ficar me olhando, eu em primeiro lugar... Maldição, não valemos nem quatro asses, somos o lixo dos lixos...!

Natanael: Não adianta ficar remoendo, Pedro... Para quê? Tudo se acabou...

A chuva incessante que havia caído sobre Jerusalém na sexta-feira inundou o pequeno terraço que havia sobre o nosso esconderijo. Desde a noite, as goteiras formavam poças no chão...

Susana: Por que não rezamos, heim? Nos maus momentos isso consola muito... Vamos pedir a Deus que venham dias melhores... O que vocês acham?... Maria, quer começar?

Maria levantou o rosto do chão, envelhecido pela dor, e olhou Susana com olhos cansados...

Maria: Não, melhor você começar... Nós a acompanhamos...

Susana: Bem, então... “Senhor nosso Deus, de dia te pedimos auxílio, de noite te invocamos... Vem em nosso socorro...”

Vários: Vem em nosso socorro porque estamos te chamando...

Susana: Estou te esperando, Senhor, responde-me...

Vários: Responde-me porque confio em ti...

Susana: Tu és meu Deus, eu te procuro, atende-me, porque meus inimigos... me fizeram cair numa armadilha...

Custava-nos rezar. As palavras morriam em nossas bocas antes de nascerem, inúteis, carentes de sentido. Sobre o chão, as vasilhas havia ficado pela metade e havíamos comido apenas uns pedaços de pão...

João: O Marcos disse que amanhã de manhã nos levará para a Galiléia pelo caminho da costa... Ele o conhece bem, e por esta rota teremos menos problemas... Além disso, como muitos peregrinos voltarão para o norte no domingo, poderemos nos disfarçar melhor...

Mateus: E... será que não há perigo...? Talvez seja melhor esperar mais alguns dias...

João: Não, Mateus, perigo nós corremos aqui... Com certeza a estas horas já estão nos procurando...

Felipe: Bah, para que vão querer encontrar uma cambada de medrosos como nós?

João: Quererão acabar com o grupo, Felipe...

Tiago: Eles não terão que acabar com nada, João... O grupo já se acabou...

Pedro: Ah, é, cabelo-de-fogo? E por que você acha isso? Ou será que não podemos continuar fazendo coisas juntos?

Tiago: Que coisas, Pedro, diga lá, que coisas...? Cada um irá para o seu lado e... Resultado?

Pedro: Isso não pode ficar assim... Se Jesus começou foi para que fôssemos atrás...

Tiago: Pois vai você atrás, atirando pedras como sempre... e fanfarronando ... Ora, isso não serve para nada...

Pedro: E você, heim? Diga lá, e você...?

Tiago: Bah, Pedro, você é um cachorro que late muito mas nunca morde...

Pedro: Eu, não é mesmo? Como se você tivesse feito alguma coisa por Jesus... Escondido pelas esquinas...

Tiago: Está certo, mas... pelo menos...

Pedro: Pelo menos o quê?... Diga, diga de uma vez... Diacho, Tiago! É sempre a mesma coisa... Sim, está bem, eu fui um covarde! Eu disse que não o conhecia! Mas, o que você teria dito se estivesse na mira de uma espada, heim...?

Susana: *Pelo amor de Deus, calem a boca de uma vez... Vão brigar hoje também? Será que nem por respeito a Jesus, que descanse em paz, vocês não podem ficar quietos?*

Maria, com o olhar perdido para além daquelas quatro paredes, nos ouvia falar e continuava chorando, em silêncio, inconsolável. Estava destroçada... Ao vê-la assim, todas as lágrimas que consegui conter no dia anterior me vieram aos olhos...

Felipe: Vamos, João, homem, não chore... Pense que dentro de alguns dias estaremos outra vez no lago, longe de tudo isso...

João: É por isso que estou chorando, Felipe, é por isso...

Susana: Deixe-o, filho, deixe-o desabafar...

João: Não posso acreditar que voltaremos a lançar as redes, a pescar, a ir à taberna... e que Jesus... como se nada tivesse acontecido... como se tudo tivesse sido um sonho...

Felipe: E foi, pela minha vida, foi mesmo... Digam se não foi um sonho acreditar que o Reino de Deus estava chegando e que nós, uns pedaços de mortos de fome, o estávamos puxando...? Esta é a primeira e última vez que me pegam numa coisa dessa...

Susana: A vida é assim, assim mesmo... Mais amarga que uma amêndoa antes de amadurecer...

Tomé: Por que será qu-que os bo-bo-bons sempre ter-ter-terminam mal?

André: Não isso não terminou, Tomé... Não pode terminar... Será muito difícil que o povo esqueça o moreno...

Susana: Ai, meu filho, com o tempo, tudo se esquece... O tempo se encarrega de apagar tudo...

Pedro: Não, Susana, com Jesus não será assim... Ele era.... diferente... um grande sujeito, Maria, o seu filho... O melhor amigo que já tive em toda a minha vida...

Tiago: Você lembra, quando o conhecemos lá no Jordão, quando João ainda batizava...?

André: Claro, Tiago, como não...

Felipe: E você, Nata...? Fizemos o caminho com ele de Magdala até o rio... Era um grande proseador... Sempre contando histórias e fazendo piadas... Por isso a gente se entendeu tão bem... Por todos os anjos, quem iria acreditar que tudo acabaria assim...?

Mateus: Mas Jesus sim desconfiava... Naquela noite que estávamos em Cesaréia, no norte... Ele já estava preocupado... E também quando viemos a Jerusalém...

Susana: A gente nunca devia ter vindo...

João: O moreno se portou como um valente. Ouvi isso ontem de um soldado... Eles o moeram de pancadas no cárcere, vocês viram como ele ficou, mas não arrancaram dele nenhuma palavra, nem uma...

Pedro: E parece que cantou boas verdades na cara do Anás, aquele ladrão... Seu amigo disse, João que o velho safado não cabia em si de raiva...

André: E fez a mesma coisa com Pilatos e com Caifás... disse-lhes tudo que precisava dizer... Foi o plano que havíamos pensado, lembram?... Depois do que houve no Templo, ir diante dos ricos de Jerusalém para jogar-lhes na cara os seus crimes... Jesus cumpriu o plano, sozinho...

João: Até o final o moreno... Não o dobraram, não... quebraram-no, mas não o dobraram...

Maria: Por que, meu Deus, por que? Por que não o livraste da morte, por que?...

Até aquele momento, Maria que nos ouvia como ausente, engolindo as lágrimas, rompeu a chorar como um rio que transborda. Inclina-se até tocar o chão com a testa, com as mãos cobrindo o rosto. Susana e minha mãe a seguravam...

Maria: Por que, meu Deus? Ele era bom... Não tinha que morrer... Eu precisava dele... Os pobres deste país precisavam dele... Por que? Por que?... Ele não merecia uma morte tão horrível... Por que tinha que acabar assim?... Tanta morte, meu Deus, tanto abuso, tanto crime dessa gente... Por que eles ganharam? Estarão agora se banquetando e meu filho, morto, morto... Até quando, meu Deus, até quando o senhor vai permitir que os injustos levem a melhor?... Até quando...?

Susana: Vamos, Maria, vamos... Traga-lhe um pouco de água, madalena... Vamos, vamos...

Maria, extenuada, recostou sua cabeça em meus ombros, fechou os olhos e sua lembrança voltou outra vez ao dia anterior, ao rosto morto e ensangüentado de Jesus que não voltaria a ver nunca mais...

Tiago: Será que em Cafarnaum já sabem o que aconteceu...?

João: Ainda não houve tempo, Tiago...

Mateus: Não acredite nisso, as notícias voam mais ligeiras que as águias...

Tomé: Te-tem razão...

Pedro: Quando souberem em Cafarnaum que o moreno...

Felipe: Não acontecerá nada, Pedro, nada... As pessoas não vão fazer nada... Nós pobres estamos acostumados a engolir as lágrimas...

Madalena: Pois é isso que nós temos que fazer, caramba, parar de chorar e tocar para frente...E não digo por você, Maria, que tem mais direito que ninguém de chorar o tanto que quisier... Mas eu acho que se Jesus estivesse vivo não quereria nos ver assim, olhando para o chão, choramingando... É preciso fazer alguma coisa... é preciso continuar lutando...!

Tiago: Não grite tanto, madalena! O que você está querendo? Que venham nos pegar?

Madalena: Podem vir me pegar e me matar também! O que me importa? Ele morreu por algo que valia a pena...! Daí, que se é por isso, que me matem também...! Já não me importo com mais nada!

Susana: Mas, filha, o que se há de fazer...? Tudo se acabou... Amanhã vamos lavar o corpo como Deus manda e perfumá-lo como ele bem merece... E depois, voltar par a Galiléia... E que Deus nos ajude! Já não há nada mais a fazer, menina, nada mais...

Foram horas tão longas como anos as que vivemos naquele Grande Sábado de festa, trancados no sótão da casa de Marcos... Nós as passamos todos juntos, ora calados, ora chorando, recordando cada palavra e cada gesto de Jesus, reunido já com seu povo, no silencioso reino dos mortos...

Nossa fé nos diz que a morte de Jesus não foi o final de sua vida, mas a coroação de sua atividade e o caminho para sua glorificação, que pela cruz passou da morte à vida e que ressuscitou. Deus fez daquele camponês, assassinado pelo império romano e pela instituição religiosa, o Senhor da história, a esperança dos homens. Mas nem os discípulos de Jesus nem sua mãe Maria sabiam disso. Para eles, o acontecido era o final de todas as suas esperanças e o fracasso do projeto do Reino de Deus pelo qual haviam trabalhado durante meses com Jesus.

Os apóstolos nunca pensaram, nem sequer imaginaram que Jesus poderia ressuscitar, prova disso é que tiveram medo e quiseram fugir para a Galiléia para começar de novo a vida em sua região, sem se preocupar em nada com o Reino. Com a morte de Jesus, deram tudo por terminado.

Às vezes, se afirma simplistamente que Jesus anunciou que iria ressuscitar, e que seus discípulos só se convenceram depois que o viram. Para isso realçam as três predições que Jesus fez de sua morte recolhidas nos evangelhos (Mt 16, 21; 17, 22-23; 20, 17-19). Jesus, que se viu constantemente ameaçado e perseguido durante sua vida pelas autoridades, teve que contar com uma morte violenta e com que seu destino não poderia ser diferente do dos profetas: a perseguição e a morte. Isso não é base suficiente para que digamos que são adivinhos, mas simplesmente que sabem a que se arriscam com sua atitude honesta e valente. Nestas pregações da paixão de Jesus é referido um prazo de três dias, depois do qual “ressuscitaria”. Ao escrever assim, os evangelistas estão interpretando os acontecimentos depois de suceder, depois que eles experimentaram a nova vida de Jesus. Por isso puseram em sua boca essas palavras, para assim dar uma idéia completa do que realmente ocorreu, de tudo o que ia ocorrer.

Por outro lado, é preciso levar em conta que no aramaico “três dias” significa “logo”, “um breve espaço de tempo”. Nas línguas como o aramaico não existe nenhuma palavra equivalente a “vários”, “um par”, “alguns”. A falta dessas palavras era suprida muitas vezes pela expressão “três dias”. Esse “ao terceiro dia ressuscitará” que os evangelistas puseram na boca de Jesus dever ser lido assim: “em muito pouco tempo chegará o Reino”. Para Jesus, esta chegada estava às portas, era algo iminente. Mas ele não podia contar com uma ressurreição nem individual nem imediata.

Neste episódio, a desesperança domina a cena. Há também medo, decepção, pessimismo, recordação admirada de Jesus, mas impossibilidade de encontrar alguma forma de continuar sua obra, desconcerto etc. São todos sentimentos que nascem de uma profunda falta de esperança. Para indicar liturgicamente esse vazio que Jesus deixou com sua morte, não se celebra nenhuma reunião cristã neste dia, o do “sábado santo”. Não há eucaristia, não há assembleia. É uma forma de simbolizar o vazio que Maria, as mulheres e os apóstolos sentiram naquele sábado em Jerusalém, logo após o enterro de Jesus.

Diante da morte daqueles que amamos, nenhuma palavra serve, é difícil encontrar consolo na oração ou nos próprios enunciados de nossa fé. Só fica uma pergunta: Voltaremos a vê-los? Voltaremos a nos encontrar com eles? O nome que anelamos encontrar em Deus nesse umbral da morte é o de Deus que resgata a vida. Só podemos encontrar paz para nossa dor em um Deus que ressuscite nossos mortos, que nos permita abraçá-los de novo.

(Lc 24, 1)

Capítulo LXXIV

O PRIMEIRO DIA DA SEMANA

Madalena: Ei, Susana... levante...!

Susana: Já vou, já vou...

Madalena: Salomé!

Salomé: Psst! Não faça barulho, madalena, desse jeito você vai acordar os homens...

Madalena: Bah, não se preocupe, esses aí não se mexem nem com um terremoto... Veja como estão, dormindo tão tranqüilos...

Marcos: Ahumm... quem disse que os homens estão dormindo...?

Salomé: Marcos, o que você faz de pé tão cedo?

Marcos: Isso é o que pergunto a vocês... As estrelas ainda estão de fora... Há tempo de darem outra cochilada...

Salomé: É que precisamos ir ao sepulcro lavar o corpo e terminar de amortalhá-lo.

Marcos: Mas, Pedro não disse que regressavam hoje mesmo à Galiléia e que queriam sair bem cedinho?

Madalena: Foi por isso que madrugamos tanto.

Salomé: Escute, Marcos, quando acordarem, diga-lhes para irem recolhendo a tralha para a caminhada... Nós voltaremos logo... Está tudo aí?

Susana: Aqui está a mirra e os perfumes... Toalhas, lençóis limpos...

Madalena: Ei, Susana, onde está dona Maria?

Marcos: Ela se levantou antes de vocês. Eu a vi sair faz uns minutos...

Salomé: E aonde foi?

Marcos: Para ser sincero, não perguntei...

Susana: Aonde iria Maria a não ser ao sepulcro para chorar... Ai, meu Deus, quanto está sofrendo essa pobrezinha...!

Salomé: Vamos, Susana, senão vai ficar tarde... não percamos mais tempo...

No primeiro dia da semana, quando ainda estava escuro, minha mãe Salomé, Susana e a madalena, saíram com pressa levando perfumes usados para ungir os mortos. Queriam terminar de lavar e embalsamar o corpo de Jesus. Na sexta-feira não tiveram tempo de fazê-lo e no sábado, por ser dia de descanso estava proibido...

Susana: Devíamos ter pedido para o Marcos nos acompanhar... Ou ter acordado algum dos homens...

Salomé: Para quê, Susana...?

Susana: Para rolar a pedra... Nós não temos força para empurrá-la...

As velas de Jerusalém estavam desertas... O sol ainda não aparecera e os moradores da cidade de Davi, depois da grande festa do sábado, dormiam à solta... As mulheres atravessaram o bairro de Sião, saíram para fora das muralhas pela porta do Ângulo, e foram andando pelo caminho de areia que leva ao Gólgota...

Susana: Isso tudo parece mentira...

Salomé: Está tudo acabado, Susana. Tudo acabado. Resignação e nada mais...

Madalena: Eu nunca me resignarei... nunca! Ele era quem eu mais amava nesta vida... como vou me resignar enquanto os vermes o comem?

Salomé: Vamos, madalena, menina, sossegue... Claro que você se resignará... Não tem outro remédio... Venha, vamos indo...

Ladearam o Gólgota, semeado de paus negros e ensangüentados, onde dois dias antes haviam derramado tantas lágrimas... Atrás da macabra colina, junto às valas comuns, havia algumas grutas. Entre elas, a de José de Arimatéia, que havia servido de sepulcro para enterrar Jesus...

Susana: Será que não é esta, Salomé...?

Salomé: Não, é aquela mais ali na frente... Venham... Caramba!

Madalena: O que foi...?

Salomé: Ou eu estou vendo mal ou a pedra foi rodada...

Susana: Eu não disse? Só pode ser a Maria que chegou antes de nós...

Madalena: Mas então quem a ajudou a rolar a pedra?

As três mulheres se aproximaram da entrada da gruta... A pedra, redonda e fria, estava afastada para um lado...

Susana: Maria!... Você está aí em baixo, não é, Maria!

Madalena: Ninguém responde...

Salomé: Deve estar chorando junto ao corpo... A pobrezinha ficou tão destroçada...

Susana: Não é para menos... seu único filho... e acabar assim... Quando eu penso nisso... Ai, que desgraça tão grande, que desgraça...!

Salomé: Susana, pelo amor de Deus, não comece outra vez... E nem você, madalena... O que passou, passou e não adianta ficar voltando ao assunto... Venham, vamos descer, consolar Maria um pouco... e depois pôr mãos à obra...

Madalena: Não, não, eu não consigo entrar, eu não posso tornar a vê-lo...

Salomé: Madalena, menina, é preciso ser forte... Temos que cumprir com este último dever. Jesus fez tanto por nós... Merece que, pelo menos, o enterrem bem... Vamos, segure a lâmpada e vamos entrar...

Acenderam uma lâmpada de azeite. Com as túnicas arregaçadas e agachando-se para não tropeçar, foram descendo pelos estreitos e úmidos degraus até o fundo da gruta...

Susana: Maria!... Vejam, Maria não está aqui...

Salomé: Como não?

Madalena: Ai!... Ai, pelo Deus bendito, vejam...!

A madalena aproximou a lâmpada da laje de pedra onde na sexta-feira, antes do pôr-do-sol, elas mesmas haviam deixado o cadáver de Jesus envolto apressadamente em uns lençóis...

Salomé: Mas, onde ele está...? Ilumine bem, madalena!

Madalena: Não está aqui!!... Vejam!... Foi roubado!... Maldição, ele foi roubado!

Susana: Mas, será possível que neste país nem os mortos podem descansar:

Madalena: Ai, caramba, ai meu Deus, ai grande poder de Deus e grande desgraça do homem, ai!

Salomé: Fique calma, madalena, menina!

Madalena: Mas, como vou ficar calma? Foi levado daqui e não sei onde o puseram!

Susana: Quem será que fez esta maldade? Quem será que quis nos prejudicar?

Salomé: Só pode ter sido os soldados de Pilatos que profanaram o túmulo, o tiraram daqui e o jogaram na vala comum, como a um cachorro!... Foi isso que aconteceu...

Susana: Não pode ser, Salomé. Foi o próprio Pilatos que deu a permissão para enterrá-lo aqui!

Salomé: Pois então foi Caifás e sua quadrilha que quererão pregá-lo novamente na cruz como escarmento aos peregrinos, para que o vejam pendurado quando saírem da cidade... Não é a primeira vez que fazem isso...

Susana: Ai, que coisa mais horrível, parem com essa conversa! Estou com náuseas...

Salomé: E eu sinto uns calafrios por trás... Vamos embora daqui...

As três mulheres saíram correndo a toda pressa da gruta do sepulcro... Estavam pálidas, brancas como os lençóis que levavam nas mãos...

Susana: Puff!... E agora, o que vamos fazer...?

Salomé: Ir correndo para contar aos homens... Eles precisam saber...

Madalena: Ai, eu não agüento mais, não agüento mais, ai, meu Deus que eu tenho uma tenaz aqui dentro do peito, ai!

Susana: Pare com esses lamentos, madalena e vamos correndo avisar Pedro e os outros...

Salomé: Deixe-a, Susana, deixe que chore... Venha, vamos só nós... E você, madalena, fique aqui com a mirra e os perfumes... Voltaremos daqui a pouco...

Susana e Salomé voltaram correndo para a casa de Marcos, onde todos os do grupo estávamos escondidos desde sexta-feira... Maria, de Magdala, com a frente encostada na pedra redonda do sepulcro, ficou chorando sem consolo...

Susana: Marcos!... Pedro!... Acordem!

Salomé: Levaram o corpo de Jesus e não sabemos onde está!

Pedro: Fizeram o quê?

Susana: Você está surdo, pedrada? Roubaram Jesus!

Pedro: Mas isso não pode ser!

Salomé: Pois pode sim! A gruta está vazia, a pedra, rodada!

Tiago: João, Felipe, Natanael, tranquem as portas e fechem as janelas! Estamos em perigo!

Marcos: E você, par de gritonas, alguém as viu chegar até aqui?

Susana: Ai, meu filho, Marcos, eu não sei, não me angustiem mais!

Tiago: Temos que ir o quanto antes para a Galiléia! Se nos pegam, vão nos pendurar num pau!

Neste momento, bateram à porta...

Pedro: Maldição! Fomos descobertos! Estamos perdidos!

Madalena: Abram, abram, abram!

Susana: Não seja covarde, Pedro! É a madalena, não está ouvindo? Vamos, abra logo a porta!

Maria, de Magdala, entrou no sótão onde nos escondíamos, com as mãos na cabeça e os olhos estatelados...

Madalena: Ai! Ai!

Pedro: Mas, que diabos está acontecendo com você agora?

Tiago: Fechem essa porta, caramba!

Madalena: Ai! Ai!

Susana: Mas, menina, pelos anjos do céu, fale logo, que eu já estou com o coração na boca...

Tiago: Fale de uma vez, escandalosa! O que houve? Seguiram você?

Madalena: Sim!

Tiago: Seguiram você?!... Viu os soldados?... São de Pilatos?... Ou é a polícia de Herodes?... Maldição, fale!... Quem seguiu você?!

Salomé: Deixe que ela tome fôlego, Tiago... Não vê que ela está com a língua travada?

Tiago: Pois que destrave logo. Fale, condenada, quem diabos você viu?

Madalena: Ele!

Pedro: Ele quem?

Madalena: Ele!

Pedro: Pelas barbas de Moisés, quem você viu?!

Madalena: Jesus!

Marcos: Como? Encontraram o cadáver?

Madalena: Não! Eu o vi vivo!

Todos: Quem?

Madalena: Jesus! O moreno!... Acabo de vê-lo...

Tiago: Mas, que disparate é esse que você está dizendo?

Madalena: Acabo de falar com Jesus... Era ele... tenho certeza...

Salomé: É bem o que eu venho dizendo, esta menina não comeu nada desde sexta-feira e...

Madalena: Eu o vi com este par de olhos que agora estão vendo vocês!

Susana: Claro que sim, minha filha, claro que sim... Venha, ande, tome um caldinho... Sossegue um pouco!

Madalena: Era ele! Era Jesus!... Falei com ele agora mesmo...

Pedro: Abane a coitada, Susana...

Salomé: Pobrezinha, tem chorado muito...

Susana: Aconteceu a mesma coisa com a tia Domitila quando o tio morreu... Deu um faniquito nela e falava até de noite... Venha, madalena, deite um pouco e descanse...

Madalena: Não, não, não vou me deitar... Deixem-me contar-lhes o que aconteceu, caramba!

Marcos: Isso, fale, fale, assim você se desengasga... Depois dormirá melhor...

Susana: Vamos lá, minha filha, conte o que aconteceu...

Madalena: Eu estava ali, junto da entrada da tumba quando vocês se foram, e chorava, chorava e já tinha os olhos feitos dois tomates de tanto chorar, depois ouvi uns passos atrás de mim, levantei a cabeça e me virei... Eu estava com tantas lágrimas que via tudo embaçado... Eu pensei que era aquele sujeito que cuida do lugar e lhe disse: "Escute, conterrâneo, se foi você que o levou, diga-me onde diabos o escondeu que eu vou procurá-lo"... E então... então...!

Susana: O que aconteceu então, minha filha?!

Madalena: Ele me disse: Maria!... Me chamou pelo meu nome, estão entendendo!... E eu fiquei espantada... Era ele! Tenho certeza! Quem mais poderia ser se falava como ele, se ria igual a ele...?

Marcos: Vamos, Susana, dê-lhe um caldo ou prepare um emplastro para esfriar-lhe na moleira.

Madalena: Não, não, vocês têm que acreditar em mim! Ele me disse: Maria! E eu lhe disse: Moreno!... E me atirei a seus pés!

Marcos: E ele então falou: “solte-me que você está me fazendo cosquinhas”, não é mesmo?

Madalena: Ele me disse: Corra, corra e avise meus irmãos, vocês, caramba! Diga-lhes para irem à Galiléia, eu os esperarei lá! E se ficarem por aqui, também! Eles me verão logo.

Tiago: Resultado: o guarda do cemitério pregou um belo susto nesta rameirinha!

Madalena: Não, não. Eu o vi. Falei com Jesus antes de vir para cá... Susana, Salomé, vocês foram comigo, vocês viram aquilo vazio, têm que acreditar em mim... Ai, olhem, aí está!

Uma sombra passou rapidamente pela clarabóia do sótão. Todos nos sobressaltamos e a madalena correu a abrir a porta... Mas quem entrou foi Maria, a mãe de Jesus...

Susana: Maria, até que enfim você chegou, caramba... Onde você se meteu?

Maria não disse uma palavra. Ficou nos olhando com os olhos radiantes de alegria. Creio que em toda a minha vida, nunca vi um olhar tão feliz como aquele...

Susana: Comadre Maria... o que acontece? De onde você vem? Maria!

Com a boca aberta, sem nos movermos, todos estávamos pendurados nos lábios daquela camponesa, morena e baixinha, que era a mãe de Jesus... Então a madalena se aproximou dela, olhou-a muito, mergulhou em seus olhos negros, tão negros quanto o lenço de luto que lhe cobria a cabeça...

Madalena: Dona Maria, você também o viu, não é mesmo? Não é mesmo...?

Maria: Sim, sim, sim...! Eu o vi!... Eu vi meu filho! Eu o vi!

Ainda havia estrelas no céu. Jerusalém ainda dormia guardada pelo olho redondo e branco da lua de Nisan... Ainda era noite, mas logo iria amanhecer.

Desperta, desperta, levanta-te, Jerusalém!

Tu que bebeste a taça da dor.

Veja: Deus lhe tira esta taça das mãos,

e já não tornarás a bebê-la. Desperta, desperta!

Vista-te de roupas de festa, Jerusalém, Cidade Santa!...

Sacode o pé, levanta-te,

rompe as cadeias de teu pescoço!

Levanta-te, Jerusalém,

resplandece,

que está chegando a tua luz

e a glória do Senhor amanhece sobre ti!

Toda a fé cristã se apóia em um fato que nos foi transmitido há dois mil anos por um grupo de amigos de Jesus: homens e mulheres ignorantes, camponeses, pescadores e artesãos, gente muito mal vista pelos “decentes”. Este grupinho de pobres foi passando de geração em geração a notícia: Jesus de Nazaré, que foi assassinado, Deus ressuscitou. Ele continua vivo, com uma vida que impulsiona a história para a frente. Por isso dizia Paulo no primeiro século às comunidades de base de Corinto que “se Cristo não ressuscitou toda nossa fé é vazia” (1 Cor 15, 12-24).

Chegamos à fé na ressurreição de Jesus pelas palavras dos discípulos. Ela nos é transmitida através do evangelho. Também nos abrimos à fé na ressurreição pela experiência da comunidade cristã na qual homens e mulheres se querem bem, compartilham e trabalham pela justiça como Jesus, mostrando assim que ele continua vivo. Neste relato, todos os episódios correspondentes às narrações da ressurreição pretendem realçar este aspecto teológico importante. Por isso, a voz de Jesus não torna a ser ouvida. Só ouvimos o testemunho dos que o viram, dos que falaram com ele, dos que com ele comeram depois da ressurreição. A comunidade aparece, portanto, como a mediadora da nossa fé. Já não ouvimos Jesus nos episódios. São os discípulos que comunicam sua experiência. Tal como aconteceu há dois mil anos. Sobre esta transmissão de boca em boca de uma esperança comum que cria uma comunidade, estruturam-se os primeiros grupos cristãos. Sobre ela se assenta hoje a Igreja. Jesus não ressuscitou a si mesmo. A ressurreição não é um milagre que Jesus faz sobre seu próprio corpo para devolver-se a vida. Nas primeiras fórmulas cristãs se revela como devemos entender esta verdade da fé: “Deus ressuscitou Jesus e nós somos testemunhas” (At 3, 15). Na morte de Jesus assassinado pelo poder injusto, revela-se o pecado do mundo, que mata os inocentes. A ressurreição é a confirmação definitiva da libertação da morte anunciada por Jesus. Pela ressurreição, Deus mostra qual é o destino da história e faz de Jesus Senhor e Cristo (=Messias).

A ressurreição é um fato histórico. Não é uma alucinação das mentes dos apóstolos e das mulheres, uma imaginação sua, o louco desejo de que Jesus continue vivo. Não, é um acontecimento realmente ocorrido na história. Mas a história não pode dar conta do fato diretamente, mas unicamente da experiência que aqueles homens e mulheres tiveram. A partir daquele domingo, eles experimentaram que Jesus estava vivo de uma forma definitiva. Não era um simples reviver, era uma vida indestrutível (Rm 6, 9). É para nós uma experiência difícil de compreender exatamente, mas não por isso menos certa. Esta experiência é demonstrada também historicamente, não só pelo testemunho de sua palavra, mas por sua vida. A partir da atitude que desde então foram tomando como comunidade. A vida dos primeiros cristãos – entre os quais estavam os discípulos – demonstra a ressurreição: superaram o medo, puseram em comum tudo o que tinham, continuaram a obra de Jesus, deram sua vida pela fé.

Para os primeiros cristãos a tumba “vazia” significou que Jesus esteve realmente enterrado, que sua morte foi uma realidade. Daí toda a importância que deram em descrever detalhadamente como

havia sido sepultado.

A condenação de Jesus pelas autoridades de Israel fez os apóstolos duvidarem se Deus é justo e fiel como Jesus havia ensinado. Diferentemente de João Batista e de outros mártires judeus, Jesus não deu sua vida pela fé, nem pela crença no Deus de seus antepassados. Ele foi “condenado” por Deus (Dt 21, 23 e Gl 3,13). A intervenção Pascal de Deus muda todo o processo e confirma toda a pregação e atuação de Jesus.

As expressões “apareceu a”, “deixou-se ver por” (1 Cor 15, 3) são as mesmas expressões formuladas no AT para anunciar a Teofania (Gn 12, 7; 17, 1). Por isso essas expressões já estão carregadas de uma intensa cristologia.

Não devemos reduzir a ressurreição a uma série de visões de um fantasma revivido, que aparece e desaparece. Os relatos da ressurreição, acrescentados posteriormente ao texto evangélico, procuram mostrar de uma forma plástica, talvez pitoresca, sempre viva, em que consistia a fé dos discípulos quando testemunhavam a ressurreição. O mais primitivo desses relatos é a aparição às mulheres (o evangelho de João fala só de Madalena). Coerente com o restante do evangelho, também nesta hora “os últimos são os primeiros”. E é uma prostituta a primeira a experimentar que Jesus está vivo. Em Israel as mulheres não serviam como testemunhas nos julgamentos, pois eram tidas, sem mais, como mentirosas e embromadoras. E, no entanto, foi uma mulher a primeira a testemunhar a ressurreição. Uma mulher que, para cúmulo de tudo, era uma prostituta. A subversão de valores que caracteriza a vida e a missão de Jesus continua depois da Páscoa. A fé da Igreja que nasce se põe em marcha pelo testemunho apaixonado – e a princípio não crido – de uma mulher pertencente à mais baixa classe social.

Embora os evangelhos não apresentem o momento em que a mãe de Jesus experimentou que seu filho estava vivo, a tradição considerou desde sempre que Maria teria sido a primeira a vê-lo e experimentá-lo ressuscitado da morte. E nela, talvez, mais que em ninguém, ressoaria o júbilo anunciado havia séculos pelos profetas quando intuíram o que Deus reservava para o futuro da história humana (Is 26, 19; 51, 17; 52, 1-2; 60, 1-2).

(Mt 28, 1-10; Mc 16, 1-11; Lc 24, 1-11; Jo 20, 1-2 e 11-18)

Capítulo LXXV

UMA RISADA CONHECIDA

Tiago: Mas, Maria, pelo amor de Deus, como vamos acreditar numa coisa dessa?

Maria: Pode crer, era ele, tenho certeza! Como não vou reconhecer meu filho Jesus?

Madalena: E eu também o vi, caramba!

Marcos: E o que eu estou vendo é que vocês duas estão mais malucas que o rei Saul!

O sol daquele primeiro dia da semana começava a esquentar os telhados da cidade de Davi e a pintar de ouro as muralhas orientais. Jerusalém ainda dormia, cansada de festa e de vinho, depois do grande Sábado de Páscoa. Nós, escondidos na casa de Marcos, naquele sótão escuro, fomos sobressaltados pelas mulheres que disseram que o sepulcro de Jesus estava aberto e vazio. E para cúmulo de tudo, depois chegou Maria, de Magdala, e também Maria, a mãe de Jesus, dizendo que o haviam visto vivo, que haviam falado com ele...

Tiago: Muito bem, muito bem, já chega! Chega de histórias. Temos que ir o quanto antes para a Galiléia e não há tempo a perder.

Felipe: Eu apóio Tiago. Que cada um pegue seu bastão e seu alforje e vamos embora!

Pedro: Pois eu digo que não podemos ir assim, companheiros, sem saber o que aconteceu.

Tiago: É que não aconteceu nada, Pedro, será que você não entende? Não vai me dizer que você engoliu a história desse par de malucas?

Madalena: Era Jesus, não podia ser outro! Eu o vi e falei com ele!

Marcos: Cale a boca, menina. Parece um papagaio repetindo sempre a mesma coisa!

Pedro: Escutem, companheiros, seja o que for temos que averiguar. João, venha comigo. Vamos dar um pulinho até o sepulcro para ver o que aconteceu. Vocês, esperem-nos aqui. Que ninguém se mexa

e não abram a porta nem para o profeta Elias, se ele aparecer!... João, coloque um trapo na cabeça para ninguém nos reconhecer...

João: Deixe de covardias, Pedro, não deve haver ninguém na rua a uma hora dessa...

Pedro: Não importa. Depois do que aconteceu eu não confio nem na minha sombra... Vamos, depressa!

Pedro e eu atravessamos o pátio e saímos para as ruas ainda solitárias do bairro de Sião... Ao fundo, atrás do aqueduto, brilhavam os mármores brancos do Templo... Ao seu redor, um formigueiro de casas onde milhares de peregrinos, passadas as festas, começariam dentro de poucas horas a pôr-se em movimento para regressar às suas aldeias do interior...

João: Escute, Pedro...

Pedro: Diga, João...

João: Pedro, você acha que... que...?

Pedro: Bobagem, João. Quem vai acreditar em histórias de mulheres?

João: Mas... e se fosse verdade?

Pedro: Se fosse verdade, se fosse verdade! Rá!... Se minha sogra tivesse pavio, seria uma lamparina!... Não João, quem morreu, morreu. Essa é a única verdade... Vamos correr, não percamos tempo!

Saímos correndo rua abaixo. Passamos pela pequena praça dos fruteiros e do mercado, deixamos para trás o palácio de Herodes e atravessamos a primeira muralha...

Pedro: Demônios, João, não corra tanto, espere-me...!

Eu sempre levava vantagem de Pedro. Sem voltar o rosto, cruzei a porta do Ângulo e saí para o Gólgota. Atrás daquela colina, redonda e pelada como uma caveira, ficava o sepulcro de José de Arimatéia, onde na sexta-feira, ao entardecer, havíamos posto o corpo destroçado de Jesus... A pedra redonda da entrada, que eu mesmo havia empurrado, estava agora ao lado da entrada, como as mulheres haviam dito... Eu me aproximei, mas não me atrevi a entrar sozinho na boca negra e úmida da gruta... Poucos segundos depois, Pedro chegou resfolegando...

Pedro: Diacho, João, você corre mais que um coelho!

João: Psst!... Não grite... Olhe, pedrada... As mulheres tinham razão... Abriram a tumba...

Pedro: É mesmo... Quem será que fez isso...?

João: Não se vê uma alma viva por estas bandas, nem mesmo os guardas...

Pedro: Bah, eles devem estar dormindo por causa da bebedeira de ontem...

João: O que você acha, Pedro?... Descemos...?

Pedro: Puff!... Não sei...

João: Você tem medo dos mortos?

Pedro: Dos mortos não. Dos vivos... Ei!... Tem alguém aí em baixo?... Quem está aí?... Está ouvindo alguma coisa, João?

João: Nada.

Pedro: Bem, então... vai descendo você, João... e... eu espero você aqui...

João: Não, homem, entre você primeiro. Eu... eu cubro a retaguarda.

Pedro: A retaguarda, não é mesmo?... Está bem. Eu vou à frente. Mas não se afaste de mim. E segure bem o punhal... a gente nunca sabe... Vamos!

Descemos Tateando as escadas úmidas do sepulcro... Com os primeiros raios de sol que chegavam timidamente até o fundo vimos que a gruta estava vazia...

João: Olhe só, Pedro, o sudário e os lençóis estão aqui... mas roubaram o corpo... Veja...

Pedro: Aqui tem dente de coelho... Que imbecil eu sou! Como não me dei conta antes?

João: Pedro, Pedro, o que foi, o que foi?

Pedro: João, vamos para fora, depressa!

João: Sim, é melhor avisar os outros para virem aqui e...

Pedro: Não, João. É isso que eles querem! Para pegar rato põem um pedaço de queijo, para nos pegar, deixam o túmulo vazio! Ouça bem o que lhe digo: isso é uma armadilha! O que lhes interessa não é o morto, mas nós que estamos vivos... Você não percebe?

João: Você acha mesmo, Pedro?

Pedro: Tenho certeza! Isto é uma emboscada!... E se não sairmos rápido daqui, no mínimo esse pessoal rola a pedra e nos enterram vivos!... Fuja, João, vamos!

Cheios de medo, subimos de quatro os degraus escorregadios e saímos à toda pressa da gruta...

Pedro: Espere, João... não me deixe sozinho...!

João: Espero você na casa de Marcos, pedrada! Tchau!

Pedro: Vai pro inferno...!

Eu saí correndo sem olhar para trás e me perdi nas vielas de Jerusalém... Pedro, atrás de mim, tentava me alcançar, mas não conseguiu... Pouco depois, parei de correr. Estava cansado. Continuei caminhando devagar, esperando Pedro... Já perto da casa de Marcos eu o percebi atrás de mim... Vinha como um flecha e nem se deu conta quando passou ao meu lado...

João: Ei, pedrada, de onde você saiu...? O que aconteceu com esse narigudo?... Que abelha o terá picado? Ei, Pedro, espere...!

Apertei o passo e minutos depois cheguei até à casa. Pedro, que havia levado vantagem sobre mim na última hora, estava sentado no chão do sótão, resfolegando e rodeado por todos do grupo. Susana e Salomé o abanavam com um pedaço de pano...

Tiago: Vamos lá, João, conte... O que aconteceu?

João: Eu não sei, Tiago! Eu não sei de nada...!

Susana: Mas você não estava com ele, rapaz?

João: Bem... Pedro se atrasou e depois pegou um galope que nem os que saíram do Egito iam tão depressa... O que aconteceu? Eu não sei...

Felipe: Pois se você não sabe, nós muito menos, porque este aí, desde que chegou não para de rir... como se estivessem fazendo cosquinhas nele...

Tiago: Até que enfim, Pedro, você já está bem!... Qual é a piada, pode-se saber?... Que raios aconteceu com você?

Pedro: Companheiros... escutem, eu... eu pensei que era uma emboscada... então saímos correndo... eu ia atrás, à toda, mas este condenado sempre ganha de mim... Então eu me encostei na parede de uma casa para tomar fôlego... E quando estava ali, com a língua de fora, viro a cabeça e vejo um sujeito em outra rua... um sujeito esquisito, olhando para mim...

Felipe: E quem era, Pedro?

Pedro: E como eu ia saber, Felipe?... O que eu fiz foi sair andando como se nada fosse comigo... mas com as orelhas bem atentas... então, logo percebi os passos do sujeito atrás de mim... caminhei mais depressa e ele também apertou o passo... Fui mais devagar, ele fez o mesmo... Maldição, ele estava me seguindo!

Susana: E o que você fez então, Pedro?

Pedro: O que fiz? Não cheguei à esquina da rua, virei, saí correndo e me entrei no primeiro quintal que vi... Psst! Então me agachei perto de uns barris e fiquei esperando... Depois saí na ponta dos pés,

pulei a cerca sem fazer barulho e fui caminhando na direção contrária, até à rua dos oleiros... Olhei de um lado e de outro... ninguém à vista... Continuei caminhando, cheguei à esquina, vou atravessar... quando nisso sinto uma mão em meu ombro!... Santo Deus, se me arrepiaram todos os pelos, até os do sovaco...! E lá estava de novo o sujeito diante de mim!

Marcos: E você, o que você fez, Pedro?

Pedro: O que eu iria fazer? Dei um pulo, mas estava encurralado... Fui de costas, grudei-me na parede como uma cola... mas o sujeito foi se aproximando... Engoli em seco e lhe disse: quem... quem é você?... O que quer de mim?... Eu tinha a língua colada no fundo da boca, bem na campainha... E agora estou rindo... Rá, rá, raí...!

Pedro continuava no chão, rindo, encostado à parede do sótão... Todos nós, mordendo as unhas, o rodeávamos, presos à cada palavra que dizia...

Susana: Afastem-se um pouco, caramba... vão sufocá-lo...

Felipe: Continue, Pedro, continue...

Pedro: ... Pois imaginem vocês, acontece que o sujeito se aproximou mais e me disse: “E você, quem é você?... O que faz por aqui?”... Então me dei conta de que ele falava como nós, com sotaque do norte... era um Galileu... Eu pensei que era um policial de Herodes, desses que andam disfarçados...

Tiago: Tinha espada?

Pedro: Espada não, o que ele tinha era uma voz que eu já havia ouvido em algum lugar...

Susana: Acabe logo, Pedro, estamos todos no ar!

Pedro: Era assim mesmo que eu estava, companheiros: no ar! Esperando que passasse alguém pela rua para gritar por socorro, mas não passou nem cachorro. O sujeito tornou a dizer: “quem é você, como se chama?”... E ele cada vez mais perto, e eu cada vez mais colado à parede... E ele, com os olhos cravados em mim e com um sorrisinho que me deixava nervoso... Então ele me disse: “Você não é Pedro, apelidado de pedrada, pescador do lago de Tiberíades?...”. Quando ele disse isso, fiquei gelado, o sangue me fugiu para os pés, companheiros, como à mulher de Lot. Haviam me descoberto.

Tiago: E o que você disse?

Pedro: Eu disse: “não, não, não sou quem você está pensando”. “É sim, é você mesmo”. E eu dizia não e ele dizia sim. Então eu falei: “Olhe, conterrâneo, você está enganado, eu sou Julião, o oleiro, e nem sequer conheço o mar”.

Marcos: Mas você é mesmo um covarde, Pedro!

Pedro: Foi isso mesmo o que ele disse: “Você é um covarde, Pedro!...”. E começou a rir! E quanto mais ele ria, mais eu ficava assustado!

Susana: E então...?

Pedro: Então fechei os olhos e me fingi de morto. Mas o sujeito ria e ria e continuava rindo... e a rua toda se encheu daquela risada... mas, diacho, onde eu a ouvira antes, onde?... Aí foi quando acendeu uma luz na minha moleira... Sabem quem era o sujeito que estava à minha frente?

Vários: Quem, Pedro, quem?

Pedro: Jesus! Era Jesus! Rá, rá, Raí...!

Tiago: O que você disse...?

Pedro: Que era Jesus! Aquela risada era a do moreno, não podia ser de outra pessoa!

Marcos: Pedro, por favor...

Pedro: Rá, rá... Sim, era a risada dele... Então eu lhe disse: “é você, moreno?...” E ele me disse: “Claro que sou eu, Pedro. Não está vendo? Deus sempre acaba ganhando, sempre ri por último...”. E quando ele disse isso, eu esfreguei os olhos para ver se não estava sonhando, mas não, estava mais acordado que Jeremias quando lhe pisaram no calo. Foi assim, companheiros. Aí, eu saí correndo e vim para cá contar para vocês!

Tiago: Abre a boca, Pedro... estou dizendo para abrir a boca!... Você está bêbado, Pedro.

Pedro: Rá! Bêbado eu?... Eu que não provo uma gota de vinho desde quinta-feira?... Não, não é isso... Maria tinha razão!... E Madalena também! Rá, rá, rai...!

Madalena: Então era conversa de mulher, não é mesmo?

Felipe: Mas, que tipo de coceira é esta que quando coça um coça cem?

Pedro: Vocês não acreditam, não é mesmo? Pensam que estou louco, é isso? Pois nem estou louco nem com o juízo mole nem tendo visões! Quem eu vi foi Jesus, com esses olhos que tenho na cara!

Felipe: Mas, Pedro, como você quer que acreditemos nessa baboseira?

Pedro: Ra, rai! Está bem, eu não me importo! Se não querem acreditar, não acreditem... mas que eu vi, eu vi!

Susana: Joguem água fria na cabeça dele para ver se raciocina um pouco!

Pedro: Rá, rá raí...!Fria ou quente, dá no mesmo! Mas eu o vi!... Era Jesus!!... Era ele!!! Rá, rá, rai!!!

Tiago: Cale essa boca, Pedro, desse jeito você vai acordar a cidade toda.

Pedro: Pois que venham e fiquem sabendo!... Mas eu o vi!... Era Jesus! Era ele!...

Pedro parecia um louco. Havia atravessado correndo as ruas de Jerusalém para trazer-nos a boa notícia de que Jesus estava vivo. E agora, ria sem parar, olhando todos nós com os olhos mais

alegres que já havíamos visto...

Que formosos são sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz,

que traz a boa notícia,

que apregoa a salvação,

que nos diz: chegou o Reino de Deus!...

Comecem a rir e a cantar de alegria,

ruínas de Jerusalém,

porque o Senhor consolou seu povo,

e o libertou de sua escravidão!

A idéia de que os dirigentes judeus tivessem roubado o cadáver de Jesus – primeira interpretação que o grupo dá em face da notícia que as mulheres trazem de que o sepulcro estava vazio – era perfeitamente lógica. O fato de que Pilatos tivesse entregue o cadáver de um justicado político para que recebesse um enterro digno surpreendeu as autoridades judaicas. Não era habitual. Por isso, não teria sido estranho que alguns deles tentassem levar a cabo sua última vingança, tirando o cadáver de Jesus da tumba para jogá-lo na vala comum, onde as leis do Sinédrio ordenavam que fossem parar os delinqüentes.

A aparição de Jesus a Pedro está firmemente ancorada na mais antiga tradição cristã, embora o evangelho não conte como foi esse encontro. A confissão de fé conservada por Paulo (1 Cor 15, 1-5) o menciona especialmente e o primeiro canto de Páscoa destaca em particular este fato: O Senhor apareceu a Simão! (Lc 24, 34). Isto pode nos dar um pista para entender que as aparições narradas no evangelho não foram as únicas mas que com elas se quer resumir uma experiência de fé, que seguramente prolongou-se no decorrer de muito tempo. Nos relatos da aparições é contado na forma de narração o essencial dos sentimentos que a ressurreição provocou nos discípulos: esperança, surpresa, incredulidade, superação do medo, espírito comunitário etc.

Jesus não voltou à vida para morrer novamente. Sua vida de agora é a definitiva, nova, acabada. Mas isso não quer dizer que haja uma ruptura entre a vida antes de morrer e a de agora, como se uma e outra nada tivessem a ver. Em Jesus ressuscitado há uma continuidade entre o passado e o presente. Por sua Páscoa, Jesus não é despojado de sua condição humana anterior. Ressuscitado, é o homem novo, tem uma condição humana levada à plenitude e assume na sua nova vida toda sua história passada.

Por isso, Jesus continua sendo brincalhão, continua zombando de Pedro. É o mesmo de sempre, sua risada soa igual à que soava em Cafarnaum. A ressurreição leva sua vida e seu modo de ser à plenitude. O que é novo é que esta risada já não acabará. A risada de Jesus é o sinal da alegria de Deus ao perdoar, ao encontrar os pequenos, os pobres (Sf 3,17) e, também é sinal de que Deus ri dos homens injustos que maquinam planos de morte (Sl 2, 4; 59, 8-9; 37, 12-13). Ele ri deles porque sabe que eles rumam ao fracasso e que a vitória será dos humildes. Isso é a ressurreição de Jesus:

um avanço do riso definitivo com que os homens verão concluir a história, um prenúncio do riso que Deus promete para esse final, no qual esperamos rir com ele em sua casa, sem temor de nenhum fracasso.

Se todo o evangelho de Jesus é boa notícia para agora, para a história, sua ressurreição tem também um eco nesta sociedade que estamos construindo hoje. Depois da ressurreição, os que pretenderam ser os juízes, são os culpados, o condenado tinha toda a razão e, conseqüentemente, os que se atreveram a cometer semelhante injustiça foram definitivamente condenados por Deus. O final será a vida. Será através da luta e da morte, mas a última palavra será uma imensa e inacabável risada, da qual Jesus ressuscitado foi mensageiro (Is 52, 7-9).

(Lc 24, 12; Jo 20, 3-10)

Capítulo LXXVI

PELO CAMINHO DE EMAÚS

1. Naquele primeiro dia da semana, os moradores de Jerusalém, apesar da festa de sábado, despertaram tristes, perplexos, sem poder acreditar no que havia acontecido na sexta-feira na colina do Gólgota. Em quase todas as casas da cidade ainda se falava daquilo e do azar de Jesus, o profeta de Nazaré, assassinado pelos governantes da capital... Nós estávamos escondidos por medo dos guardas que continuavam vigiando as ruas... Desde a primeira hora, nosso sobressalto foi maior quando Pedro e as mulheres chegaram dizendo que o sepulcro estava vazio e que haviam visto Jesus...

Todos os relatos da Páscoa recolhidos no evangelho deixam ver com clareza que os discípulos resistiram em crer na realidade da ressurreição de Jesus. Certamente, no pensamento religioso de Israel não existiu nada similar a uma ressurreição “dentro da história” como acontecimento que se pudesse experimentar já no presente. Se uns cento e cinquenta anos antes de Jesus se falou de “ressurreição dos mortos” entendia-se como uma promessa para o final dos tempos, mas não como algo acontecido dentro da vida daqui de baixo. E é isso que os textos nos referem que eles experimentaram: que Jesus vivia dentro da sua própria história, que estava na comunidade, que os acompanhava pelo caminho, como no caso dos discípulos de Emaús.

Emaús era uma aldeia que ficava a uns 30 Km de Jerusalém, na Sefelá, extensão ampla de terreno plano, situada entre os montes de Judá e as planícies costeiras. Durante a guerrilha de Judas Macabeu, foi lugar de acampamento dos israelitas (1 Mac 3, 57). Atualmente, não se sabe com exatidão onde se encontra a Emaús do evangelho. Em uma pequena aldeia árabe, El-Qubeibeb, há uma igreja que recorda esse relato de Páscoa. Na aldeia conservam-se restos de uma calçada romana do tempo de Jesus. Outra aldeia próxima, Amwas, também pretende ser o lugar onde ocorreram os fatos.

A esperança do Messias que durante séculos havia alentado o povo de Israel foi se concretizando de maneiras diferentes com o tempo. Depois da ressurreição, os discípulos reconheceram em Jesus aquele Messias esperado. A vida e a morte de Jesus lhes mostrou que ele se identificava com o Servo da justiça do qual o profeta Isaías havia falado (Is 42, 1-4; 49, 1-6; 50, 4-9; 53, 1-12), mais do que com um rei triunfante, uma personagem celestial misteriosa ou o profeta vingativo que outros haviam imaginado. Compreenderam então que a libertação que este Messias trazia exigia estar disposto a entregar a vida. Mas Jesus ressuscitado vinha dizer-lhes que a dor nunca seria a última palavra, porque no final haveria vida e vitória para os que se comprometeram.

Os discípulos reconheceram Jesus “ao partir o pão”. Em Israel nunca se partia o pão com faca. E todas as refeições se iniciavam com este gesto de partir o pão, feito por quem presidia a mesa. Jesus deve ter tido uma forma particular de fazer isso quando comia com

seus companheiros e este foi o sinal através do qual identificaram quem era o peregrino desconhecido. Neste texto, Lucas está nos apresentando além de um relato pascal uma cena eucarística. A aparição de Emaús é uma catequese desenvolvida na qual se descreve o que eram e o que significavam as reuniões eucarísticas das primeiras comunidades cristãs. Através da Palavra (simbolizada aqui pela conversa de Jesus com os caminhantes, na qual lhes interpreta as Escrituras) e através da fração do Pão (na comunhão da mesa), Jesus ressuscitado se faz presente entre seus discípulos.

(Mc 15, 12-13; Lc 24, 13-35)

O QUE VIMOS E OUVIMOS

2. Amanheceu e entardeceu aquele primeiro dia da semana. Os moradores de Jerusalém dormiam depois de uma buliçosa jornada de despedida: pelas doze portas da cidade de Davi, saíram as caravanas levando de volta milhares de peregrinos. As festas de Páscoa haviam terminado. Tudo voltava à normalidade. Todos regressavam às suas casas. Todos, menos nós...

O relato do evangelho sobre a incredulidade e o ato de fé de Tomé está repleto de dados “materiais”: especifica-se que Jesus comeu mel e peixe, que Tomé tocou nas feridas feitas pelos cravos nas mãos e pela lança no peito... Assinalam-se estes aspectos para que não imaginemos nunca que Jesus ressuscitou como um fantasma, um espírito etéreo, alguém “não-material”. Como cristãos, quando falamos da ressurreição “da carne”, da ressurreição “dos corpos”, estamos proclamando a unidade do homem, o todo do homem. Também de seu corpo, da matéria pela qual seu espírito se expressa. Deus se interessa pela carne do homem, enquanto o homem vive – e por isso o evangelho é para a vida terrena – e quando o homem morre, tanto se interessa que ressuscitará também nosso corpo.

*A mentalidade de Israel entendeu sempre a pessoa humana como uma unidade. Nunca considerou separadamente alma e corpo, como os gregos fizeram. Não há na tradição de Israel desprezo pelo corpo, pelo material. Para o israelita, o homem é “basar” (“carne” enquanto debilidade física, limitação intelectual ou pecado) e é também “nefesh” (“alma” enquanto sua abertura para todos os valores espirituais e para Deus). O homem em sua unidade é inspirado pelo “ruah”, o Espírito de Deus. Não se trata, pois, de separar o material do espiritual, a alma do corpo, mas de considerar o **homem inteiro** como débil ou como cheio de possibilidades, de vê-lo como instrumento de morte ou como doador de vida etc. Quando São Paulo fala de que ressuscitar é o passo de um homem “carnal” para um homem “espiritual” está se referindo precisamente a isto: através da morte, o homem transforma seu ser limitado em um ser sem limitações (1 Cor 15, 35-49). De qualquer forma, é praticamente impossível para nós, neste mundo, captar totalmente esta realidade da ressurreição que esperamos pela fé. É como explicar a uma criança no ventre de sua mãe como é a vida de fora, o que é respirar, o que são as cores. Em sua existência fetal, fechada, escura e flutuante, ela seria absolutamente incapaz de imaginar.*

Os relatos pascais, por mais esquemáticos que sejam, nos dão a entender que os discípulos não experimentaram a ressurreição de Jesus como um ato singular do poder de Deus no curso da história, mas que iria continuar a partir daquele momento como até então. Eles experimentaram algo mais: que com a ressurreição começava “o fim”, ou mais

exatamente, “o começo do fim”. A guerra contra o sistema de pecado já estava ganha, faltava vencer algumas batalhas, mas vendo Jesus ressuscitado já viam para onde se orientava a história humana. Foram testemunhas, por aquela experiência pascal, da entrada de Jesus naquele Reino de Deus anunciado. Os testemunhos dos discípulos, dos primeiros cristãos e das comunidades de base primitivas que começaram a se formar desde então, dão a entender que para aqueles homens e mulheres “crer” era já viver naquele mundo de Deus, saborear o triunfo definitivo por antecipação, adiantar o que o final dos tempos traria: a chegada da justiça de Deus.

Esta fé, experimentada e vivida, nos salva. Quando dizemos que Jesus nos salva, que é nosso salvador, estamos afirmando que, por sua ressurreição, ele se transformou na pista que nos pode orientar para que nossa vida tenha sentido, seja “salva” do absurdo, do egoísmo, do fatalismo, da passividade e, finalmente, da morte. Isto é, nós nos “salvamos” quando seguimos o caminho de Jesus: compromisso, generosidade, desinteresse, amor aos demais, luta pela justiça, sentido comunitário, fraternidade, igualdade entre os homens. Esse caminho é “salvador” da vida humana. Ressuscitando Jesus, Deus creditou a validade deste caminho. Caminhar por ele é arriscado, pois os valores do evangelho não são os valores do mundo. Pois bem, quando a morte se interpuser como preço do compromisso cristão, Deus nos diz na Páscoa que a vida dos que vivem como Jesus não terminará nunca. Tem tal qualidade, tal força, que vencerá a morte.

Jesus venceu a morte e sua ressurreição é penhor de que depois dele, seguindo seus passos, nós também poderemos superá-la. Jesus ressuscitado nos liberta da morte. Mas também nos liberta do medo de morrer. Esta é uma questão crucial para a fé cristã. A autenticidade de nossa fé se mede pela atitude que tenhamos diante da morte. Enquanto a virmos como uma derrota, ficaremos paralisados pelo medo do injusto que a causa ou pelo fatalismo diante das limitações que a existência humana tem. Esta falta de liberdade nos impedirá de dar o pleno testemunho de compromisso a favor da vida que caracteriza o que é ser cristão. Vendo a morte como fracasso, não veremos no Jesus crucificado um salvador, mas uma vítima a mais do sistema. Não creremos na ressurreição. Visto desta forma, Jesus não é mais que um “exemplo” do passado. Enquanto que, ao nos libertarmos do medo de morrer transforma-se em fonte de vida.

(Mc 16, 14-18; Lc 24, 36-49; Jo 20, 19-29)

Capítulo LXXVII

SOBRE AS NUVENS DO CÉU

Moça: Mas, não me diga, vizinha!

Vizinha: Sim, sim, é bem isto que você está ouvindo: amanhã de manhã, Jesus de Nazaré aparecerá nesta encosta. O prodígio será bem ali! Nunca vi nada parecido: um morto vivo! Dizem que já faz quarenta dias que ele vem aparecendo aqui e ali e agora é quando irá subir ao céu!

Moça: Ai, meu Deus, o que é que eu vou fazer com o almoço? Quem cuidará da minha casa?

Vizinha: Esquece disso, menina! Por mim tanto faz se me roubarem ou queimaram as lentilhas, eu não vou perder uma coisa dessas nem pelo tesouro de Salomão! Vai lá, corra e avise a corcunda e o velho Nemésio e a minha comadre Talita... Avise todo mundo! Ninguém pode faltar!

Moça: Fique tranqüila, vizinha, o bairro inteiro estará lá esta manhã! Vou convidar até o louco Martim!

Não foi preciso avisar muito. A notícia de que Jesus iria aparecer junto ao lago de Tiberíades, na colina das Sete Fontes, correu mais rápida que uma lebre e, antes do sol se pôr, todos já estavam sabendo. Naquela noite ninguém dormiu em Cafarnaum... E quando os galos anunciaram o novo dia, homens e mulheres, velhos e crianças, todos saíram pela porta do Consolo e foram andando até à colina onde ocorreria o prodígio...

Moça: Você nem imagina a minha emoção...! Veja, ponha a mão aqui... Está sentindo?

Vizinha: Caramba, menina, seu coração está dando pinotes...!

Moça: É que eu nunca vi uma coisa dessas, vizinha...

Vizinha: Muito menos eu, minha filha. Imagine, eu já estou ficando velha e o maior milagre que eu vi foi quando meu marido se livrou de uns repuxos, assim de repente, mas fora isso...

Moça: Antigamente sim aconteciam coisas grandes: o mar se partia em duas metades, o sol parava no meio do céu, as baleias engoliam gente, mas agora, é como se Deus tivesse ficado mais sovina...

Uma velha: Não diga isso, mulher sem fé!... Deus é grande! E hoje vamos ver coisas maravilhosas! Eles o mataram em Jerusalém e ele aparece vivo na Galiléia! Bendito seja Deus!

Moradora: E bendito quem que puder ver isso! Limpe as remelas, menina, que hoje você vai ser testemunha de algo inacreditável! Venha, vamos subir mais, para ficarmos mais perto!

Como formigas atrás do doce, assim os moradores de Cafarnaum foram se juntando nas encostas verdes daquela colina onde Jesus, muitos meses antes, havia anunciado que Deus presenteava seu Reino a nós, os pobres, os famintos. O lago de Tiberíades, como um grande olho azul, começou a despertar com os primeiros raios de sol... Mas hoje não se viam as velas brancas dos pescadores cruzando as águas... As barcas estavam amarradas no cais e as redes, penduradas entre as palmeiras. Hoje ninguém trabalhava na cidade.

Bartolo: E por onde ele vai chegar? Pelo oriente ou pelo ocidente?

Um morador: Por cima, compadre! Como um figo maduro!

Bartolo: Ele vai ver só o tamanho do tombo quando cair!

Morador: Não seja idiota, Bartolo. Você nunca ouviu falar que os anjos subiam e desciam sobre a cabeça de Jacó e não lhes acontecia nada?

Um velho: Mas eles tinham uma escada, amigo, isso é bem diferente!

Morador: Pois Jesus também vai conseguir uma para descer, você não acha?

Moradora: Jesus não tem que conseguir nada! Ou será que vocês não sabem que os santos e os anjos voam como pássaros?

Velho: Ah, é? Pois Elias era santo e se não lhe mandassem o carro, não subiria!

Velha: Irmão! Nada de carro nem de escada! Sabe como Jesus aparecerá? Sobre as nuvens do céu! A profecia diz: “Todo olho verá e todo ouvido ouvirá”.

Todos: Amém, amém!

Velha: “Em uma nuvem virá e em outra irá!”

Todos: Amém, amém!

Velho: Escute, vovó, e onde estará esta nuvem já que hoje o céu está mais limpo que o bolso de um pobre?

Não havia uma só nuvem no horizonte. Azul como uma safira, o céu galileu se confundia com a água do lago... O sol, subindo desde as estepes de Galaad, brilhava radiante...

Cleto: Diga uma coisa, Bartolo, você acredita nesta história de que penduraram Jesus o nazareno em uma cruz e depois ele saiu vivo da sepultura?

Bartolo: Veja, compadre, que o mataram, o mataram, isso eu sei porque meu tio Miquéias estava na capital durante as festas e ele viu tudo com seus próprios olhos... Mas da outra parte não tenho muita certeza...

Cleto: Quando se corta o rabo de uma lagartixa, ela continua se mexendo. Mas quando cortam a cabeça de alguém ou o pregam numa cruz, não se mexe mais.

Moradora: Mas Pedro, André e os filhos de Zebedeu, dizem que o viram vivo. Que foi porque Deus ficou furioso com a sentença de Pôncio Pilatos e disse: “De jeito nenhum!” Então, ele se meteu na história e o tirou vivo da tumba, para dar um tapa em todos os sem-vergonhas que o mataram, entende?

Cleto: Será que isso não só uma lorota de Pedro e dos outros, vizinha...?

Moradora: Bom, eu não sei, isso é o que eles dizem, mas... Escute, onde será que esses malandros se meteram? Não vieram?

Bartolo: Vieram, eu já vi o Felipe e o Tiago... estão por aí...

E por aí andávamos, misturados com todos. Nunca soubemos quem começou com a história de que Jesus iria aparecer no monte. Mas, em todo caso, lá fomos os onze do grupo e também as mulheres...

João: O que você acha de toda esta história, Pedro?

Pedro: Não sei o que dizer, João... Tem algo estranho por aqui...

João: As pessoas andam dizendo que Jesus virá desta vez para se despedir e que não o tornaremos a ver nunca mais. O que você acha? Será verdade?

Pedro: O que eu acho é que há algo muito estranho nisto tudo. Porque veja, quando nós vimos o moreno nas outras vezes, como lhe direi, era diferente...

Vendedor: Pasteizinhos, pasteizinhos! Deliciosos pastéis de mel com queijo! Quer provar um, conterrâneo?

João: Agora não, meu velho, mais tarde...

Pedro: Não sei, João... Era diferente... no mínimo, não havia pasteizinhos...

Os vendedores, com suas cestas na cabeça ou puxando seus carroções apregoavam mil mercadorias entre a multidão cada vez

mais numerosa... Nisso, uma nuvenzinha branca e pequ, se formou no meio do céu...

Velha: Lá em cima, lá em cima, olhem lá em cima! Lá vem ele!!

Vários: Lá vem ele, lá vem ele!!

Um menino: Quem está vindo, mamãe?

Moradora: Cale a boca, ranhento e olhe para cima!

Morador: Ei, menina, não empurre, eu cheguei primeiro!

Todos levantamos as cabeças sem perder de vista a pequena nuvenzinha que ia avançando lentamente através do céu azul...

Bartolo: Agora sim começará o Reino de Israel!!

Moradora: E não era sem tempo, caramba! Desde que Abraão pôs as patas nesta terra, nós pobres estamos esperando que se faça justiça, e nada!

Cleto: Acabou-se o que era doce para os de cima, porque Jesus está mais alto que eles! Olhe só como ele vem, trepado em uma nuvem!

Moça: Agora ele se sentará no trono, e vai começar a reinar!

Morador: E nós a seu lado, não se esqueça...

A nuvenzinha, empurrada por uma frágil brisa do lago, foi se aproximando do sol... e se desmanchou como espuma...

Todos: Ohhh...!

Cleto: E agora, vovó?

Velha: Não sejam impacientes, caramba! Esta era a nuvem mensageira!... É na de trás que vem o rei!

Passou-se uma hora, e outra e outra mais... O sol, pendurado no meio do céu, nos esturricava a cabeça... Mas continuamos ali, sem nos mover, esperando... Logo depois...

Velha: Lá em cima, lá em cima, olhem lá em cima. Está vindo!

A velha Tilita tornou a levantar seu braço longo e nodoso como um galho de oliveira, apontando outra nuvem que cruzava o céu em nossa direção...

Morador: Amarrem as cuecas, companheiros, que agora o Reino de Deus vem pra valer!

Alguns velhos começaram a rezar... As mulheres apertavam emocionadas seus filhos contra o peito, esperando o grande momento... Olhando para cima, com a boca aberta, aquele mar de cabeças foi se inclinando de um lado para outro conforme a nuvem avançava empurrada pelo vento...

Todos: Ohhh...!

Mas a segunda nuvem teve a mesma sorte que a primeira. O ardente sol galileu a abrasou e o tapete azul do céu ficou outra vez completamente limpo...

Velha: Não desanime, minha gente, Noé teve que esperar muito mais até que o dilúvio passasse!

Cleto: Pois olhe, que um pouquinho de água até que não seria nada mal!... Que calor!!... Vejam só, minha carne está ficando mole... como cera derretida!

Bartolo: Eu vou me refrescar um pouco no lago... volto já!

Velha: Não vá muito longe! Tenha fé, minha gente, não se desesperem! Jesus virá logo, não demora!

Martim: Lá em cima, lá em cima, olhem lá em cima! Ro, ro, ro!

Morador: Que mosquito picou esse cara?

Moça: É o louco Martim...

Morador: Ei, você, seu bobo, o que está fazendo aqui? Caia fora, caia fora, que isto é para gente séria...! Onde já se viu vir zombar de Jesus, o Messias!

Martim: Eu sou Jesus, eu!!

Velha: Cale-se, atrevido!... Este tipos me dão raiva, sempre metidos onde não devem...

Passou outro longo tempo... Os homens, suando em bicas, começaram a contar piadas para matar o tempo... As mulheres cobriam a cabeça com folhas de palmeira e se abanavam com os lenços...

Cleto: Porcaria, não há quem agüente este calor! Puff...!

Vendedor: Pasteizinhos, pasteizinhos! Delícia de pastel! Mel e queijo, queijo e mel!

Menino: Mamãe, estou com fome, me dá um pastel!

Moça: Um pescoço é o que vou lhe dar, moleque do diabo!

Menino: Eu quero um pastelzinho!

Moça: Fique quieto, caramba!

Moradora: Não fique brava com o menino, senhora!... Ouça bem o que vou lhe dizer: as crianças como ele serão os primeiros a entrar no Reino do Céu porque Jesus disse bem claro que... Aii...!

Bartolo: Ei, o que aconteceu com ela agora?

Velho: O que poderia ter acontecido? Está tendo um siricutico!

Morador: Um o quê...?

Moça: Segurem-na, segurem-na...!

Cleto: Estava fazendo um discurso sobre o Messias e, cataplum no chão... A coitada está grávida...

Moça: Vamos abaná-la...

Morador: Se de fato está grávida, como é que foi se meter num tumulto como esse? É uma imprudência...

Velha: Imprudência coisa nenhuma!! Ela fez muito bem, porque até as crianças no seio de suas mães pedem a gritos para virem ver este prodígio!

Cleto: Aqui o único prodígio é que nossos miolos ainda não derreteram!... Já está saindo fumaça da minha cabeça.

Morador: E nem uma tâmara para enganar o estômago!

Velho: Pode crer, conterrâneo, eu vim para cá sem comer nada e de pura fome está me dando uma tremedeira nas pernas que nem a Davi quando dançava diante da arca...

Bartolo: Ei, companheiros, vamos embora! Aqui ninguém sobe nem desce!

Velha: Não, não se vão! As coisas boas custam sacrifício, caramba! Além disso, se Jesus disse que viria, é porque virá!

Bartolo: E se eu disse que iria, é porque vou!

Velha: Lá está!!! Olhem por onde vem vindo!

A velha levantou outra vez o braço para apontar uma nuvem redonda e espessa, como se fosse de algodão, que apareceu de repente sobre nossas cabeças...

Morador: Agora sim! A terceira não vai falhar!

Moradora: Uma salva de palmas, companheiros! Uma salva de palmas para o Messias que vem para governar o mundo!

Todos: Viva! Vivaaa!!!

Bartolo: Também não era...

Velho: Bom, vão amolar outro, que eu estou caindo fora...

Morador: E eu já estou com o pescoço torto como os gansos com tanto para cima e para baixo... Adeus a todos!

Velha: Não entendo por que demorou tanto...

Martim: Nem sobe, nem desce, nem ninguém trabalha!

Moça: Dêem um tapa na boca desse maldito bobo!

Cleto: Deixe o coitado, ele está dizendo a verdade... Bah, o dia todo perdido olhando para o céu e... para nada...

Bartolo: E veja só que horas são... O sol já está indo embora... Venha, vamos sair daqui...

As pessoas, cansadas e de cabeça baixa, começaram a descer a colina das Sete Fontes e a dispersar-se pelo bairro dos pescadores, pelo mercado, enchendo as ruas de Cafarnaum e regressando para suas casas, enquanto o sol se escondia novamente no Grande Mar, lá junto ao monte Carmelo... Quanto tempo nos custou compreender e fazer nossos contemporâneos compreenderem que não devíamos ficar olhando para cima, mas para o irmão que tínhamos ao nosso lado! Quanto tempo esquadrinhando o céu para ver Jesus chegar sobre as nuvens, sem nos dar conta de que, desde que Deus o levantou dentre os mortos, seu Espírito enche a terra, que onde dois ou três homens lutam, sobrem e esperam, ali está ele presente! Quanto tempo para compreender que aquele Jesus com quem nós havíamos comido e bebido, fora posto por Deus como Senhor do céu e da terra e, elevado agora acima de todos os senhores deste mundo, não havia ido embora. Ao contrário, ficava para sempre conosco, com o povo, todos os dias até o final dos tempos.

Se considerarmos a ascensão de Jesus como a subida aos ares de um extraordinário “astronauta” num ato espetacular ou maravilhoso, ou como um deixar este mundo para ir para a direita do Pai, como um adeus, uma vez cumprida sua missão na terra, falsearíamos toda a teologia da ascensão.

As manifestações de Jesus ressuscitado a seus discípulos e aos primeiros cristãos (é o caso da aparição a Paulo: 1 Cor 15, 8) foram acontecimentos de tipo totalmente diferente que ocorreram durante um longo espaço de tempo, provavelmente vários anos. No entanto, o livro dos Atos nos fala de aparições durante quarenta dias e diz que depois deste prazo Jesus “subiu ao céu”. O número quarenta é um número simbólico e assim aparece ao longo

de toda a Bíblia. Quarenta anos equivalem a uma geração. Por isso se diz que o povo de Israel andou quarenta anos pelo deserto até chegar à Terra Prometida. Isto quer dizer que a peregrinação durou “uma geração”. O 40 indica também um período longo e típico. Por isso se diz de um reinado que durou quarenta anos para indicar que foi um reinado que deixou pegadas, que marcou uma etapa (2 Sm 5, 4). Ou também que um período de paz durou este tempo, quer dizer que foi uma época de plenitude. Dizer que Jesus ressuscitado se manifestou a seus discípulos durante quarenta dias quer dizer que aquele foi um período suficiente, completo. Um tempo marcado por características muito especiais. Que durante aquele tempo (nunca saberemos com exatidão qual foi sua duração) os discípulos daquela primeira geração cristã experimentaram Jesus vivo, sentiram de maneira única sua presença na comunidade. Sua fé se robusteceu com esta experiência e, a partir dela, toda sua vida mudou e se orientou para o seguimento do caminho de Jesus. A partir destes fatos, a fé cristã começou a espalhar-se por Israel e pelo mundo mediterrâneo.

Nossa fé nos diz que Jesus continua vivo, que ficou conosco, que luta ao nosso lado. Precisamente esta presença de Jesus que enche o mundo com o seu Espírito, que orienta a história humana para um triunfo definitivo, é que quer dizer o “mistério” da ascensão.

Os textos evangélicos, ao dar um marco narrativo ao acontecimento da ascensão de Jesus, não coincidem nos dados geográficos. Mateus situa o fato na Galiléia e Lucas em Jerusalém. Marcos não precisa nenhum lugar. Trata-se de algo totalmente secundário para a compreensão da teologia da ascensão, pois com ela não se está descrevendo um fato pontual, localizável. Depois da ressurreição, cumpre-se de forma plena o que Jesus havia dito à mulher samaritana: nem em Jerusalém, nem no Garizim nem em nenhum outro templo encontraremos Deus, pois ele está nos que vivem em espírito e em verdade (Jo 4, 21-24). Jesus ressuscitado, a quem Deus fez Senhor e Messias, nos abre o caminho para poder viver assim. Pois o Espírito Santo, que é o Espírito (Jesus Cristo = Jesus Messias), continua vivendo em nós e na comunidade, fazendo-nos livres, ensinando-nos a verdade (Jo 14, 15-17; 16, 12-14).

O relato da ascensão está cheio de símbolos teológicos próprios empregados em outras manifestações que Deus fez ao longo de toda a Bíblia. Jesus sobe: sempre “no alto” está a região onde Deus vive. Que Jesus suba quer dizer, pois, que Deus elevou aquele camponês de Nazaré à dignidade de Senhor da história, para que se cumpra aquilo que ele mesmo disse: “quem se humilha será exaltado”. Uma nuvem o oculta aos olhos de seus discípulos. Ao longo de todo o AT a nuvem acompanha as manifestações de Deus: no Sinai, através do deserto... A nuvem é o carro de Deus, a sua tenda. O Messias virá sobre nuvens e o dia de Deus será um dia nublado. No evangelho, a nuvem aparece também na cena do Tabor. Este símbolo indica a transcendência de Jesus ressuscitado, no qual Deus se nos revela de forma definitiva. O último livro da Bíblia anuncia que Jesus voltará sobre as nuvens do céu quando chegar a hora do juízo (Ap. 1, 7).

Também aparecem anjos no texto da ascensão. Na Bíblia, os anjos sempre são emissários de importantes mensagens de Deus. E a mensagem que trazem nesta ocasião aos discípulos, aos moradores de Cafarnaum, é de suma importância. Não há que ficar olhando para o céu, porque Deus não está nas alturas. Deus está onde Jesus estiver. E Jesus está onde sempre esteve em sua vida: entre os artesãos da paz, entre os que apostam a vida por seus irmãos.

(Mt 28, 16-20; Mc 16, 19-20; Lc 24, 50-52; At 1, 3-11)

Capítulo LXXVIII

UM MENINO VAI NASCER

Sete semanas depois da Páscoa celebra-se em nosso país a festa das primícias, a do início da colheita. E os onze e as mulheres fomos a Jerusalém para celebrá-la. Chegamos à cidade de Davi uns dois dias antes, quando as ruas já começavam a se encher de peregrinos tostados pelo sol da cega, enfeitados com coroas de espigas e flores. Como das outras vezes, nos hospedamos na casa de Marcos... Lembro que naqueles tempos, depois que Deus havia levantado Jesus dentre os mortos, nasceu em nós um grande desejo de saber mais coisas sobre sua vida... Foi numa daquelas noites anteriores à festa de Pentecostes quando Maria foi buscar nas lembranças que guardava em seu coração os primeiros anos da história de seu filho...

Maria: O que eu me lembro?... Mas, como vocês são curiosos, caramba!... Vamos ver... Tanto tempo, tantas coisas... Elas se confundem na minha cabeça e... Bem, está bem, está bem, temos que começar por José... Sim, é por ele que temos que começar...

José: Bom dia, Maria!... Felizes os olhos que a vêem...! E mais felizes se esses olhos forem os meus!

Maria: Lá vem você com essa conversa... Ai, José você não tem jeito mesmo...!

José: E como vou tê-lo se é você que me deixa assim?... Olhe, garota, se eu fosse de cera me derreteria todo só com um olhar seu... E mesmo que fosse de pedra, aconteceria o mesmo... quantas vezes você quer que eu repita isso...?

Maria: Mas, você já me disse isso umas setecentas vezes e ainda não derreteu... Vai, continue seu caminho, loroteiro...

José: Mas, é claro que vou continuar... vou continuar dizendo que você é o luzeiro das minhas noites, o curativo das minhas feridas, sandálias do meu caminho, fonte do meu deserto, farinha do meu pão, água da minha garganta...! Ahh...!

Maria: Mas, o que está acontecendo hoje com você, José? Está ficando maluco?

José: Maluco de pedra! E a culpa é da nazarena mais linda deste país!

Maria: Nazaré era um povoadinho de nada... Menor que uma noz... Que eu me lembre, naquele tempo devia haver quatro jovens casamenteiros... E moças, éramos três... Eu gostava muito de José, aquele rapazote que tanto pregava uma porta quanto pisava uvas no lagar, ou colocava ferraduras numa mula... Desde criança havíamos brincado juntos.

Depois, quando fomos crescendo, começamos a nos amar. Eu me lembro que, no começo, ficávamos acalorados quando nos encontrávamos no campo e então ele soltava a língua e começava a dizer-me coisas e ria muito... E eu ria mais ainda... Meu pai, Joaquim também gostava de José, porque era muito trabalhador... Por isso, um dia ele foi ver o pai dele... Iam fazer o trato para o casamento...

Compadre: Bom, compadre Joaquim, nem precisa ter dois olhos na cara para ver que esses nossos moços estão que estão... Você não acha?

Joaquim: Eu acho, compadre. Penso que as tâmaras estão no ponto de madurar e os moços de amar, como dizia o falecido Rubem.

Compadre: Não é por nada, compadre, mas o meu José, mesmo parecendo meio maluco como todos os jovens de hoje, é muito honrado... Sua menina vai ganhar um homem e tanto...

Joaquim: Pois veja, compadre, eu não fico atrás... Minha filha também tem seus méritos, como tantas outras, mas ela é mais direita e mais alegre que uma flauta... e cheia de graça como nenhuma outra!

Compadre: Então, compadre Joaquim, por mim está tudo dito...

Joaquim: E por mim, não há mais nada a dizer. Trato feito?

Compadre: Trato feito! E que Deus arranque os bigodes de quem não cumpri-lo!

Joaquim: Agora é preciso que esse casal de pombinhos tenha muitos filhos e encha a casa de netos, você não acha?

Compadre: Claro que sim! E, por falar nisso, suas ovelhas já pariram, compadre? Porque as minhas já estão no ponto...

Maria: Poucos dias depois ficamos noivos. Eu tinha quinze anos e José, dezoito...

José: Agora sim é que você não me escapa mais, Maria! Lararará...! Estou mais contente que um arco-iris. Lararari...!

Maria: Depois da festa do compromisso, a vida continuou mais ou menos igual... José procurava trabalho até debaixo das pedras, na fazenda de Dom Ananias ou mais longe, em Cana ou em Séforis... Deus lhe dava uma mão e, às vezes, ele tinha sorte. Queria economizar alguns denários para quando nos casássemos... Eu continuava fazendo o de sempre: ajudar com minhas duas irmãs maiores minha mãe, Ana, que estava meio doente então... Em casa havia muito que fazer, porque éramos muitos... Tudo continuava igual, mas para mim tudo havia mudado. Eu já não era uma menina. Tinha um noivo, logo iria sair de casa... Estava muito contente por aquele tempo...

Uma moradora: Maria, você teve muita sorte... Esse José ama você mais que a menina de seus olhos... Não faz mais nada a não ser dizer coisas bonitas de você...

Maria: Ele é um loroteiro, isso é o que ele é...

Moradora: É um pouco feioso, mas o que tem de feio tem de honrado...

Uma moça: Olhe só a idéia desta agora...! José, feio?... com aquelas costas que parecem uma muralha e aqueles olhos...

Moradora: Tome cuidado, Maria, essa aí está a fim de lhe roubar o noivo... Rá! Escute aqui, Tina, não empurre, o poço não vai secar... Vai você, menina, é sua vez, e sua mãe já deve estar esperando...

Maria: Eu me aproximei da borda do poço e comecei a puxar a corda para tirar a água... Nem me lembro bem o que aconteceu... Vi estrelinhas nos olhos e depois ficou tudo escuro...

Moradora: Ei, essa menina desmaiou!

Moça: Pegue o cântaro dela, Sara, e ajude-me a levá-la para casa!...

Moradora: Abanem um pouco... É um enjôo... Também, pudera, com esse calor...!

Maria: As semanas foram passando e eu continuei tendo enjôos. Não me sentia bem. As pernas ficavam bambas por qualquer coisa... Minha mãe me colocava emplastos de alfavaca na frente e me dava chás de todo tipo de ervas. Mas tudo continuava na mesma. Um dia me dei conta do que estava acontecendo... Ai, caramba, de noite ficava dando voltas e mais voltas na esteira e amanhecia sem haver pregado um olho... Rezava sem parar para que Deus me ajudasse... Lembro-me que chorava muito... Queria falar com minha mãe, mas não me atrevia. Não sabia por onde começar... Meu Deus, estava muito assustada! Que angústia!... Um dia engoli em seco, fiz das tripas coração e fui ver meu avô Isaías... Creio que meu avô era o homem mais velho de Nazaré... Vivia numa casinha muito pequena, à saída do povoado. Apesar dos anos, estava mais forte que uma oliveira e tinha muito pouco pêlos brancos naquela barba tão comprida... Nunca usava sandálias. Trabalhava no campo o dia todo e ao cair da tarde sentava-se à porta de seu casebre, mastigando tâmaras e tomando ar fresco... Foi assim que o encontrei naquela tarde...

Isaías: Mas, vejam só quem vem por aí...! Saudações, Maria!... Escute, menina, sua mãe me disse que você não anda bem, é mesmo? Você ainda é tão jovem... Ana está preocupada com você...

Maria: Sim, um pouco...

Isaías: Um pouco? Um muito. Vamos ver, mostre a língua...

Maria: Ahhh...

Isaías: É, não tem nada. E esses olhos?... Vamos ver... Vermelhos como uma maçã... Eu disse para Ana lhe dar casca de algaroba... São boas... Devo ter por aqui... Quer algumas?

Maria: Bem...

Maria: Mas meu avô não se levantou da pedra onde estava sentado. Cuspiu uma semente e sorriu para mim...

Isaías: Conheço você, menina... Eu a vi nascer... Vamos lá, o que está querendo me contar?... Acho que você veio me dizer algo muito importante, não é mesmo?

Maria: É, vovô, mas...

Isaías: Diga o que está acontecendo. Você sabe que Deus fez a língua para se mexer...

Maria: Vovô Isaías, eu acho que não estou doente, mas...

Isaías: Claro, você está pensando demais no casamento, não é? Isso é natural, minha filha. Todas as moças se assustam quando chega a hora... Mas, tudo sairá bem, você vai ver...

Maria: Não, vovô, não é isso... Bem, sim, sim é isso, mas...

Maria: Puxa, como me custava dizer aquilo...! Vovô me olhava com seus olhos cinzentos e úmidos, como um céu em dia de chuva, e continuava a sorrir...

Isaías: O que acontece então, Maria? Está com vergonha de dizer, não é...?

Maria: Sim, vovô.

Isaías: Pois então, solte de uma vez, sem pensar...

Maria: Vovô... eu... eu estou grávida!

Isaías: O que você disse, filha?

Maria: O que o senhor ouviu, vovô.

Isaías: Maria, menina!... Estes jovens de hoje!... Por que você não lhe disse para esperar o casamento?

Maria: Não, vovô, eu não... Eu não estive com José... Não é coisa dele...

Isaías: Então, de quem é, filha?... O que aconteceu?

Maria: Não sei, não sei... não entendo...

Isaías: Mas, quem foi?... Timóteo... do Ezequias? Benjamim? Esses dois são uns grandes safados!

Maria: Não, vovô, não foram eles... Não foi ninguém... Eu não... Não foi ninguém... Eu não... Pode crer, eu não estive com nenhum homem! Juro! Juro!

Isaiás: Está bem, menina, não chore... Vai ver você não meteu isso na cabeça, mas de fato não está grávida...

Maria: Estou, vovô, estou... Eu sinto a criança aqui dentro. Tenho certeza.

Isaiás: Tem certeza mesmo, Maria?

Maria: Sim, tenho...

Isaiás: E o que sua mãe disse?

Maria: Ainda não contei para ela... Não me atrevi...

Isaiás: E para suas irmãs...?

Maria: Também não, também não... O senhor é o primeiro a saber... Ajude-me, vovô, ajude-me...!

Maria: Vovô colocou a mão em meus ombros e me aproximou dele...

Isaiás: Vejamos, Maria... Aqueles camelheiros que estiveram parando na casa de vocês, a caminho de Séforis... Será que não...? Isso já faz uns meses, não?... Digo isso porque esses homens... esses homens usam umas ervas esquisitas, que trazem não sei de onde... Fazem as pessoas dormirem com elas... Será que algum deles...?

Maria: Não, não, eu não tomei nada... Estou bem lembrada... Bem, eu acho que não...! Ai, vovô, já nem sei o que eu acho...! Ajude-me, vovô!... O que José vai pensar de mim?... Não querará mais se casar comigo... Vai me deixar... Ninguém querará casar-se comigo se souberem... Eu não entendo isso, vovô, não entendo... Juro, juro que não fiz nada de mau, juro!

Isaiás: Eu acredito em você, Mariazinha, eu acredito... Vamos, fique calma...

Maria: Mas ninguém vai acreditar em mim... Vão dizer que sou uma qualquer... Eu amo o José e ele vai me deixar... Não vai querer nem olhar na minha cara... E eu vou acabar ficando louca!... Por que está acontecendo isso?... Por que, vovô?... Quando minhas amigas souberem... Vão dizer para eu tirar a criança, matá-la... para que ninguém fique sabendo... O que eu vou fazer?... O que eu vou fazer, vovô?

Maria: Eu chorava sem consolo, sufocada pelo peso daquela criança que levava dentro... Através das minhas lágrimas, levantei o rosto, buscando em meu avô uma resposta. Ele não dizia nada, mas me olhava sereno, contente, com um sorriso que não esqueci mais em tantos anos... Era o mesmo rosto com que hoje penso que Deus nos olha quando estamos sozinhos, quando não sabemos de nada... Depois ele me levantou do chão, me pegou pelos ombros e me pôs de pé... Eu senti sua força e sua esperança...

Isaiás: Alegre-se, Maria!... Alegre-se, não chore assim, pois Deus está com você!... Ninguém morreu, menina. Pelo contrário, um menino vai nascer, você terá um filho... Não existe alegria maior que esta, Maria... Cada criança que vem a esta terra é como se Deus começasse o mundo outra vez... Alegre-se, Maria, não tenha medo!

Maria: Era como se aquelas palavras viessem de longe, de muito longe, atravessando os montes e as colinas que abraçam Nazaré... Haviam esperado muito tempo para serem ditas...

Maria: Mas... mas como isso é possível se não estive com nenhum homem?

Isaiás: Para Deus tudo é possível, menina. Ele sempre traz suas surpresas... Vai saber o que ele estará querendo de você e desta criança... Lembre-se de Sara... Com as entranhas secas, com a esperança morta, com tantos anos em cima... E Deus a fez rir e lhe deu Isaac de presente... Lembre-se da mãe de Samuel e de Sansão... Eram terra que não dava fruto. E Deus se lembrou delas e lhes pôs uma criança nos braços... Deus é grande, Maria, e faz coisas maravilhosas... E não só nos tempos antigos, mas agora também... Você não ficou sabendo da sua tia Isabel, velha como está, e anda esperando um filho...?

Maria: Então, vovô... O senhor acha que Deus está no meio disso?

Isaiás: Claro que está, menina! Ande, diga sim a esta criança, Maria. Traga-o para a vida... Diga sim a Deus... Seja o que for, tudo dará certo...

Maria: E tremendo, eu disse sim. E o sopro de Deus, a força de seu espírito se derramou sobre o meu corpo, como no começo do mundo. Vovô tinha os olhos marejados quando se despediu de mim... Eu voltei para casa repetindo uma a uma suas palavras... Naquele dia floresceram em Nazaré as primeiras amendoeiras...

Alegre-se, filha de Sião!

Alegre-se e solte gritos de júbilo, filha de Jerusalém!

Porque o Senhor teu Deus está em ti,

o Rei de Israel,

um poderoso Salvador!

Contar os fatos da infância de Jesus no final de sua vida não é só um recurso literário. É uma pista para entender melhor a origem que tiveram esses relatos nos evangelhos de Mateus e Lucas. Nem Marcos nem João contam absolutamente nada da infância de Jesus. É preciso saber que os evangelhos não foram escritos em ordem de capítulos como os lemos hoje. O relato da paixão e da morte de Jesus foi o primeiro a ser escrito. Depois foram se acrescentando os acontecimentos pascais – cada evangelista escolheu alguns. Considerava-se que na passagem de Jesus da morte para a vida estava a essência da fé cristã. Além disso, era o que havia ficado na lembrança de um maior número de pessoas. Posteriormente foi se estruturando uma vida de Jesus com base nas diferentes etapas de

sua atividade profética: na Galiléia, em Jerusalém, frases, discursos, curas... Esta estrutura não é a mesma em nenhum dos evangelistas. Somente no final da redação, tanto Mateus quanto Lucas acrescentaram a esta história de Jesus adulto alguns relatos para ilustrar sua infância. Isto é, o que lemos primeiro nestes dois evangelhos foi o último a ser escrito. É muito possível que os primeiros anos da vida de Jesus, de como ele era então, o que fazia, quase ninguém soubesse de nada. Nenhum dos discípulos de Jesus ou dos primeiros cristãos esteve próximo dele naqueles anos. E isto porque a vida de Jesus até que ele foi ao Jordão ver o profeta João Batista foi totalmente cinza, sem nenhum colorido especial, sem nada que a distinguisse da vida de seus conterrâneos naquele obscuro rincão Galileu que era Nazaré. No entanto, depois de seu anúncio do Reino de Deus e, sobretudo, depois de sua morte e da experiência de sua ressurreição, os discípulos compreenderam quem era Jesus, qual era o plano de Deus sobre a história humana, o que era realmente a boa notícia que ele havia anunciado aos pobres. Isso os levaria a interessar-se em conhecer mais coisas sobre aquele em quem Deus lhes havia falado de uma forma tão definitiva. Ao chegar a esse ponto, é possível que só Maria, a mãe de Jesus, soubesse responder a essa curiosidade em saber das lembranças antigas. Por isso, neste relato, é Maria que narra a infância de Jesus, ela, que guardou em seu coração todas as coisas de seu filho.

À luz dos acontecimentos da Páscoa, tanto Lucas como Mateus, quiseram refletir sobre os acontecimentos da infância, não tanto fatos históricos mas, logo de saída, indicar ao leitor qual seria o destino daquele menino que, com o tempo, encheria de esperança o povo de Israel e daria um impulso tão decisivo na história humana. Para isso, valeram-se de recursos literários tipicamente orientais e bíblicos. Há anjos, há sinais, há profecias que se vão cumprindo, há estrelas, há magos... Há todo um cenário “maravilhoso” pelo qual se quer orientar os leitores a compreenderem quem era Jesus já desde sua origem. No entanto, cairíamos num sério erro se tomássemos ao pé da letra estes textos que, mais que história, são teologia construída em base, sobretudo, de esquemas do Antigo Testamento. Em todos os episódios da infância de “Um tal Jesus” há uma séria intenção de dar carne e sangue real a estes textos que contém dados válidos para reconstruir a história, mas tratando ao máximo de suprimir deles todos os adornos que poderiam nos confundir e fazer-nos ver um Jesus bem diferente daquele que foi.

Os anos da infância, da adolescência, da juventude e praticamente da primeira maturidade de Jesus nos são realmente desconhecidos. Existem apenas lembranças históricas, comprováveis. A maior parte das poucas coisas que sabemos é deduzida de algum dado do evangelho e, sobretudo, do ambiente em que Jesus se criou, conhecidos por estudos sócio-culturais daquela época. É importante ter bem claro que Jesus foi um menino desconhecido, um rapaz como muitíssimos outros em seu tempo, um jovem que não deslumbrou ninguém nem por sua “sabedoria” nem por seu “poder”, que entra na “história” quando, impressionado pela pregação, se deixa batizar por João e responde ao chamado de Deus.

A infância de Jesus deixa ver plenamente o que é o mistério da encarnação. Deus se nos revelou no mais humilde dos camponeses de uma misérrima aldeia de um lugar perdido em uma província mal-afamada de um país explorado pelo imperialismo mais poderoso daquela época. Jesus surgiu dentre os pobres. Como a deles, sua vida foi anônima até que iniciou sua missão.

No tempo de Jesus e na maioria dos países do Oriente o pai era quem decidia com quem suas filhas deviam casar-se. No entanto, em Israel isso só era válido antes que a moça

completasse doze anos. A partir dessa idade era necessário o consentimento da filha para acertar o compromisso. Em qualquer caso, o dote do casamento era sempre de responsabilidade do pai da moça. A quantidade variava muito de um lugar para outro e dependia das possibilidades da família. Os esponsais preparavam a passagem da moça do poder de seu pai para o de seu esposo. Às vezes era celebrado quando a noiva era menina de seis, oito anos. Mas a idade normal era aos doze, ou doze anos e meio. Nesta idade a moça já era considerada mulher adulta. Em Israel as mulheres se casavam muito jovens: treze, catorze anos eram idades muito freqüentes. Os homens, com alguns anos mais: dezessete, dezoito... Nas cidades aconteciam muitos casos de matrimônio entre parentes, pois como as mulheres viviam muito fechadas, era difícil que conhecessem com certa liberdade outros rapazes em idade de se casar. Isto não acontecia no campo. Mulheres e homens trabalhavam juntos desde pequenos na colheita, na sementeira e podiam travar amizade com mais normalidade. Além disso, a pequenez de Nazaré facilitava que todos se conhecessem.

O matrimônio era sempre precedido dos esponsais, que não devemos confundir com um simples noivado, tal como entendemos hoje. Estar desposado era praticamente estar casado. Os desposados eram chamados de “esposo” e “esposa”. E a infidelidade da mulher durante este tempo era considerada já como adultério, embora a união entre os desposados não tivesse ainda se consumado. Os esponsais eram mais que uma palavra dada. Criavam uma relação jurídica e familiar muito forte. Isto explica a reação de Maria quando teme ser repudiada por José caso ele ficasse sabendo que poderia ter sido infiel. Não se sabe com exatidão o tempo que mediava os esponsais e o matrimônio. Ordinariamente era um ano, mas dependia dos lugares, dos costumes familiares, da época do ano etc.

O evangelho dá pouquíssimos dados sobre José, o esposo de Maria. Mas os costumes da época e a vida de Nazaré nos permitem imaginá-los. Quando José desposou Maria, seria um moço jovem, forte, na plenitude da vida. Camponês, trabalhador, crente, como outros muitos jovens de então, que esperavam a libertação de seu povo e que viviam em sua própria carne a pobreza da classe social a que pertenciam. Contrariamente, a tradição nos tem mostrado um ancião de barba branca. José e Maria em sua convivência diária se compreenderam e se abriram cada vez mais a Deus. Daquela convivência cheia de carinho Jesus teria recebido nos primeiros anos de sua vida uma influência decisiva. Nazaré era uma aldeia insignificante perdida nos campos da Galiléia, na qual viveriam naquela época umas vinte famílias. Para suas casas, os camponeses aproveitavam as grutas escavadas na colina em que se assentava a aldeia. Na atual Nazaré – uma cidade bastante grande e muito povoada – brota ainda água do poço que havia nos tempos de Maria, onde ela teve de ir centenas de vezes com suas amigas e vizinhas. Ele se encontra no interior de uma bonita igreja ortodoxa grega, dedicada a Maria. Parte da água desta fonte foi canalizada a outra, construída mais recentemente em plena rua, onde os nazarenos bebem e enchem seus baldes de água. Todos o chamam “o poço de Maria”.

Com seu relato da visita do anjo para anunciar a Maria o nascimento de Jesus, o evangelista Lucas quer nos dizer coisas muito importantes. E para isso utiliza umas imagens bíblicas que expressam isso com muita força. O anjo é sempre empregado na Bíblia para indicar que Deus vai agir. E o anjo é seu mensageiro. Neste caso, trata-se de Gabriel, o mesmo anjo que aparece no livro do profeta Daniel anunciando a chegada do dia de Deus, o fim dos tempos (Dn 8, 15-18; 9, 20-24). O aparecimento de Gabriel na anunciação quer dizer que com Jesus chega este dia esperado em que Deus manifesta sua

justiça e seu amor, que com ele chega o “fim dos tempos” em que os injustos triunfam, porque Deus vai intervir a favor dos humildes. Este texto de Lucas está literariamente inspirado em várias profecias do AT: Sofonias 3, 14-18; Isaías 7, 14 e 9, 6.

Ao longo de todo o Antigo Testamento aparecem crianças de nascem de forma surpreendente, pela “graça de Deus”, como um presente para suas mães, que eram estéreis ou velhas, sem esperanças de ainda gerar. É o caso de Isaac, patriarca do povo, filho da anciã Sara e de Abraão (Gn 18, 9-14). Sansão, grande juiz de Israel, filho de uma mulher estéril (Jz 13, 1-7). Samuel, primeiro rei israelita, filho de Ana, outra mulher estéril que pedia continuamente a Deus o presente de um menino (1 Sm 1-18). Já no Novo Testamento é o caso de João Batista. Diante da grande personalidade de homens como Isaac, Sansão ou Samuel, os relatores de suas vidas querem indicar, ao contarem sua origem, que foram uma “graça” de Deus para o povo, que foram um dom de Deus, mais que um ato de seus pais. Estas histórias também querem dizer que ali onde o homem e a mulher se vêem limitados, onde a esperança está se apagando, Deus é capaz de fazer surgir uma nova vida. Porque sempre é Deus o dono da vida, o que gera, o que torna fecunda a terra e o ventre da mulher.

Quando Lucas escreve seu evangelho e nos conta sobre a anunciação, tem presente todas estas histórias do AT e faz um relato similar. Maria não conhece varão, é virgem e apesar disso vai ter um filho, que vem de Deus, que ele é a maior graça que Deus fez para a história humana, que supera tudo o que os próprios homens possam imaginar. Lucas nos diz que a origem de Jesus está na vontade de Deus, decidido a salvar a humanidade. De uma virgem Deus fará surgir um menino: da que nada pode, da que nada tem (a virgindade em Israel tinha esse sentido de carência), Deus fará surgir uma vida que inclusive chegará a vencer a morte. Só Deus pode fazer algo assim.

Neste episódio, não aparece nenhum anjo. Mas sim uma Maria que pergunta, duvida e se surpreende com o que está acontecendo com ela. O mesmo que nos conta o texto evangélico. Receberá a esperança de seu avô, Isaías. Neste homem há um símbolo, igual ao que Lucas colocou no anjo ao chamá-lo de Gabriel. Isaías foi o profeta que oitocentos anos antes de Jesus anunciou um menino que traria paz e justiça para Israel, um menino que se chamaria “Emanuel”, que significa “Deus conosco” (Is 7, 13-14; 9, 5-6).

O avô Isaías pede a Maria a mesma coisa que o anjo no relato de Lucas e a mesma coisa que Deus pede a toda mulher quando está grávida: que aceite a vida, que se alegre com ela, que a receba como um dom, que a acolha com a esperança de que se Deus começa uma obra, a levará a bom termo. Neste “sim” à vida, Maria começou um longo e nada fácil caminho de fé que a levaria até à cruz, onde Jesus perdeu aquela vida que sua mãe lhe havia dado. Esta fidelidade cada vez mais madura de Maria faz dela a nova e verdadeira “filha de Sião”, de quem os profetas também haviam falado como símbolo de todo o povo (Is 60, 1-2).

(Lc 1, 26-38)

Capítulo LXXIX

DE VISITA EM AÍN KAREM

Reunidos na casa de Marcos, durante aqueles dias anteriores à festa de Pentecostes, fazíamos muitas perguntas a Maria, a mãe de Jesus que ia nos contando suas lembranças antigas de quando era moça, de quando Deus começou a cumprir as promessas feitas a Abraão...

Maria: Quando minha mãe Ana ficou sabendo que eu estava em estado interessante, ai, caramba, levou as mãos à cabeça, gritou, chorou, me disse mil e uma coisas... Agora dou risada, mas naqueles dias...!

Ana: Ai, que vergonha! Ai, Maria, minha filha, que humilhação! Justo em uma família como a nossa! Desde os tataravôs, que eu saiba, nunca houve nenhuma mancha!... E agora, você...!

Maria: Mas, mamãe, eu já lhe disse que isto é coisa de Deus...

Ana: De Deus, sim. Primeiro tropeçamos, depois responsabilizamos Deus pelo escorregão!

Maria: Mamãe, por Deus, tem que acreditar em mim...

Ana: Não, não, não! Não vamos começar de novo, nem me diga mais nada! Parece mentira que uma menina como você, decente, bem criada...

Maria: Mamãe, tenho quinze anos, já não sou uma menina...

Ana: Estou vendo, estou vendo... Você é uma grande desavergonhada!

Maria: Mamãe, eu... eu...

Ana: Está bem, está bem, não chore mais, minha filha... Ai, Senhor, como sairemos desta confusão, santo Deus!... Olhe, Maria, seja o que for, você tem que sair de Nazaré. Esta aldeia é muito pequena e os vizinhos têm uma língua que se arrasta por onde andam... Você irá para a casa de uns parentes que temos no sul. Depois, quando a criatura nascer, você volta com ela e então veremos o que vamos dizer, talvez que você a encontrou num cestinho como Moisés, ou coisa parecida...

Maria: Eu não posso sair daqui, mamãe... José e eu vamos nos casar... Eu quero estar ao lado dele... É meu noivo...

Ana: E se ele ficar sabendo deixará de ser... E é capaz de matar você a pedradas... e não sem razão!

Maria: Ajude-me, mamãe, ajude-me...

Ana: Ai, minha filha, a gente precisa pensar antes de fazer as coisas. Agora não tem mais remédio. O que está feito, está feito.

Maria: Mas eu não fiz nada, eu não...

Ana: Escute, Mariazinha, seu irmão Tito, irá viajar na semana que vem para Jerusalém, numa dessas caravanas que vão vender trigo... Você vai com ele... Eu direi a ele para acompanhá-la até à casa de Isabel e Zacarias... Lembra deles? Sim, menina, são uns primos distantes que nós temos. Faz muitos anos que foram viver naquele povoadozinho que chamam de Ain Karem, perto da capital. Lá você será bem cuidada. E, além disso, como a Isabel também está esperando um filho e já lhe devem faltar poucos meses, você pode ajudá-la em alguma coisa e assim não comerá o pão de graça, está ouvindo?

Maria: Sim, mamãe...

Maria: Na semana seguinte, passou a caravana de trigo. Tito, que era o mais velho dos meus irmãos, encilhou um jumento para mim e nos pusemos a caminho com eles, rumo ao sul. Eu estava muito assustada, essa era a verdade. Ia vestida com uma túnica de listras verdes, a única que tinha, e um lenço novo que Susana havia me emprestado...

Tito: Puff! Que calor... que calor e que fome!... Escute, Maria, o que você está levando nesta cesta?

Maria: São umas rosquinhas de mel que mamãe preparou...

Tito: Ah, é? Pois me dê uma, que assim o caminho fica mais curto...

Maria: De jeito nenhum, são para a tia Isabel...

Tito: Uma só, caramba, não vai fazer falta...

Maria: Eu o conheço, Tito. Depois você quer outra, mais outra, e acaba comendo tudo...

Tito: Está bem, está bem... Rá! Rosquinhas para dona Isabel, não é? Fizeram foi uma rosquinha em você, não é?

Maria: O que você disse...?

Tito: Vamos lá, não precisa ficar toda vermelha... Diga para mim, foi José, não foi?... Não foi ele?

Maria: Não sei do que você está falando, Tito...

Tito: Não disfarce, maninha... Estou sabendo de tudo, está entendendo? De tudo. Mas não se preocupe, que quando eu voltar de Jerusalém esse mequetrefe vai saber quem sou eu...!

Maria: Mas, o que você está dizendo, Tito? Está ficando maluco?

Tito: Estou dizendo que nenhum pé rapado como ele desonra uma irmã minha, grande sem-vergonha...!

Maria: Tito, por Deus, não grite, eu lhe suplico...! José não tem culpa de nada... ele não pôs um dedo em cima de mim...

Tito: Ah, não?... E então quem foi?... Vamos, fale!

Maria: Eu não sei, Tito... Pode crer, eu...

Tito: Não vai me dizer que foi uma abelha que veio voando, picou você e lhe estufou a barriga... Vamos, diga a verdade!

Maria: Não... você quer uma rosquinha, Tito? Tome, pegue uma...

Maria: Continuamos pela rota das montanhas. Eu nunca havia saído de casa e tudo me parecia novo e estranho... as árvores, os povoados, as pessoas... Depois de três jornadas de caminho, muito cansados, chegamos às terras secas e amarelas da Judéia... Vimos Jerusalém ao longe, mas nos separamos da caravana e entramos por uma vereda que ia dar na aldeia de Ain Karem... É chamada assim porque há um manancial de água muito fresca no meio de um imenso vinhedo... Ali, em uma casinha pequena, viviam nossos parentes...

Tito: Bem, mana, você já está arranjada. Eu continuo rumo à capital, porque já está ficando tarde...

Maria: Não, Tito, por Deus, não me deixe sozinha... Sinto vergonha de me apresentar assim, sem conhecer ninguém...

Tito: Vergonha você devia ter sentido antes e não agora... Tchauzinho, Maria, e passe bem!

Isabel: Então você é a Maria, filha de Joaquim e Ana? Não me diga uma coisa dessas! Ai, mas como você está bonita, menina! Tão crescida! Mas, o que você está fazendo aqui, quem a trouxe...?

Maria: Vim com meu irmão Tito que vinha para a capital...

Isabel: Ai, Maria, que alegria você nos deu! Ai, que surpresa! Ai, que boa idéia sua mãe teve! Ai, espere um pouco, que o bebê está dando chutes!... Veja, ponha a mão aqui, está sentindo? Sabe, Mariazinha? Estou esperando um filho!... E com essa idade...! Mas, venha, entre para conhecer o seu tio... Zacarias, meu velho, olhe só quem veio nos visitar! O coitado, quando soube que ia ser pai, ficou mudo de susto... Zacarias!... Mas, me conte, como está sua mãe, como estão todos por lá?...

Maria: Tia Isabel foi muito carinhosa comigo. Tratou-me como uma filha. Ensinou-me muitas coisas que eu não sabia: usar o tear e tecer com fio fino, que não se conhecia em Nazaré... Ensinou-me também uns guisados de lentilhas vermelhas... E dizia que eram as que Rebeca fazia a Isaac e que com isso as moças seguravam seus noivos... Não pude me queixar, esta é a verdade. Tia Isabel me ajudou muito e me deu muita confiança... sobretudo naquele dia em que eu estava lavando roupa no quintal ... e eu cáí...

Isabel: Um enjôo hoje, outro ontem e outro no sábado... São muitos enjôos para uma semana só, não é?

Maria: É o calor, tia...

Isabel: E não será outra coisa?... Olhe, minha filha, uma velha como eu conhece um cego dormindo e um coxo sentado...

Maria: Tia Isabel, eu... eu tenho que lhe dizer uma coisa...

Isabel: Que você está grávida, não é isso?... Venha cá, menina, venha cá, vamos conversar naquela sombra.... Desabafe comigo... olhe que a alma é como a tripa, quando está cheia de muita coisa, tem indigestão...

Isabel: Quer dizer que você vai ter um filho... Bem, então estamos empatadas. Você me ajuda primeiro com o meu e depois eu a ajudo com o seu, o que você acha, Mariazinha?

Maria: Mas, tia, você acreditou no que eu lhe contei...?

Isabel: Claro que sim, minha filha. Por que não? Deus é grande e faz coisas grandes. Eu sei disso...! Olhe só para mim... Eu estava como a mulher de Abraão, com a fonte seca, está entendendo? E Zacarias já velho. Que esperança nós tínhamos? Nenhuma. Ai, minha filha, quantas noites pedindo a Deus que se apiedasse de mim, que me deixasse ter um filho! Só Deus sabe o quanto eu chorei nestes anos todos!... E Zacarias, que sempre foi tão ranzinza, ficava cada vez pior e jogava a culpa em mim, e eu, engolindo lágrimas. Mas, o que eu podia fazer, diga-me?... Até que chegou o dia de Deus. Sim, minha filha, sim, Deus tem sua hora e seu momento. E naquela manhã Zacarias foi como sempre ao Templo com os outros sacerdotes de seu grupo para queimar incenso. E ficou rezando muito, muito tempo. Lá pela tarde, quando voltou para casa, com aquelas olheiras tão tristes, eu lhe disse: “Alegre-se, velho, e vai arranjando um lugarzinho na esteira que logo teremos visita”. E eu lhe disse: “Um anjinho, um filho seu! Estou grávida, meu velho!”... Ai, Maria, dizer aquilo e ele ficar mudo, foi um pulo só. Ele não acreditava, sei lá, porque já havia perdido a esperança. Pois imagine você que já faz sete meses desta alegria e ele continua com a língua presa... Coisas de Deus!

Maria: Que história mais linda, tia Isabel!

Isabel: Pois a sua será ainda mais bonita, Maria, você vai ver, você vai ver.

Maria: Deus teve misericórdia de você...

Isabel: Pode crer, minha filha, pode crer, se ele não estende sua mão, o que seria de Zacarias...? Escute, sabe de uma coisa? Gosto disso que você disse: misericórdia. É uma palavra muito bonita. Pois veja, se for um menino, o chamaremos de “João” por causa da “misericórdia”...

Maria: Quando se completaram os meses, Isabel teve um menino grande e forte... Todos os moradores de Ain Karem, ao saber da alegre notícia, vieram felicitar minha tia... E lhe presentearam galinhas e doces e favos de mel, que são muito bons por esses montes...

Uma moradora: Caramba, Isabel, é bem verdade o que dizem que nunca é tarde se a felicidade é boa! Veja só que molecão! Louvado seja Deus! Que garotão mais bonito!

Maria: E, oito dias depois, como era o costume, chamaram o rabino para circuncidar o recém-nascido... A casinha de Zacarias arrebatava de gente, de cânticos e de festejos...

Moradora: Ei, Isabel, felicidades, e que Deus abençoe a criatura! Que garotão, caramba, dá vontade de comer as bochechas dele!

Isabel: Pois não coma, vizinha, que eu só tenho esse, e custou muito para consegui-lo! Mas, afinal, Deus teve misericórdia de mim!

Moradora: Escute, dona Isabel, como ele vai se chamar?

Isabel: Assim, mesmo. Seu nome será João.

Morador: João? Mas como? Em sua família não tem ninguém que se chama João.

Isabel: E muito menos em minha família teve alguém que passou tanto sufoco para dar à luz. Ele se chamará João!

Moradora: Claro, ela está se aproveitando, como o velho Zacarias não pode falar... Olhem, olhem, ele está vindo para cá... Escute, Zacarias... O que você acha? Como o menino deve se chamar?

Zacarias: Humumumú...

Moradora: Devagar, desse jeito nem o sábio Salomão vai entender você...

Zacarias: Humumumú...

Isabel: Uma lousa. Ele disse para trazer uma lousa.

Moradora: Mas, você entende essa geringonça, Isabel?

Isabel: Ai, minha filha, depois de trinta e cinco anos, você pode imaginar...!

Maria: Então trouxeram a lousa e o giz e o tio Zacarias escreveu as letras do nome que a tia e ele queriam pôr no garotinho...

Moradora: O que diz aí, velho Zaca, deixe-me ver...?

Morador: João? Não, João não! De jeito nenhum!

Zacarias: Humumú... João sim!! João é seu nome, caramba!!!

Moradora: Escute, Isabel, seu marido soltou a língua!

Maria: O rosto do tio Zacarias se iluminou e seus olhos marejaram, aqueles olhos gastos de tanto esperar, mas agora radiantes por causa da alegria de ser pai, pelo gozo de haver trazido um filho ao mundo...

Zacarias: Bendito seja Deus!!

Isabel: Já está podendo falar, velho?

Zacarias: Bendito seja Deus que tem entranhas de misericórdia e que tornou fecundas as tuas, mulher! Bendito seja nosso povo! Sua libertação se aproxima! O Senhor prometeu a nosso pai Abraão, anunciou pela boca dos profetas, e vai cumprir tudo bem depressa, bem depressa para que possamos servi-lo sem medo numa pátria livre! E bendito seja você, meu filho, filho da misericórdia! Você irá à frente, abrindo os caminhos do Senhor, preparando-lhe um povo novo, bem disposto, até que a luz do Altíssimo brilhe no meio de nossas trevas e possamos todos caminhar pelas veredas da paz.

Moradora: Muito bem, Zacarias, hoje você está com pinta de poeta, caramba!

Maria: Nunca me esquecerei daquela festa. Os vizinhos de Ain Karem brindaram à saúde de João, o filhinho de Isabel e Zacarias, dedicaram-lhe trovas de boa sorte e dançaram no quintal até o amanhecer...

Isabel: Está vendo, Maria?... Está vendo como Deus faz as coisas bem feitas? Não tenha medo, menina... Se Deus olhou para você, se abençoou o fruto de suas entranhas, ele dará um jeito de ajudá-la a ir em frente... Um dia, muitos a felicitarão como hoje o fazem comigo... muitos, muitíssimos mais felicitarão você, Maria...

Maria: Sim, Deus foi grande com a tia Isabel e foi grande comigo, muito grande, esta é a verdade, e eu não me canso de dar-lhe graças, porque vejam vocês em quem ele veio reparar... Assim são as coisas de Deus... os poderosos ele derruba dos tronos e os humildes ele levanta do pó... Deixa os ricos de mãos vazias e dá de comer aos famintos... A Isabel, que era estéril, presenteou um filho, e comigo fez uma maravilha ainda maior, porque com meus próprios olhos vi o meu, Jesus, levantado dentre os mortos... E eu às vezes penso que tudo isso que aconteceu agora é o que Deus havia prometido a Abraão e a nossos pais, aquilo que temos esperado de geração em geração.

O parentesco de Isabel, mulher de Zacarias, com a família de Maria, não é um dado histórico que possamos comprovar com certeza. Este parentesco não foi necessariamente de “prima” como tradicionalmente se interpretou. Em todo caso, tendo sido ou não parentes, Lucas as apresenta relacionadas por vínculos familiares. Com isso, mais que falar de laços de sangue está indicando os laços espirituais que uniram o filho de Isabel – João Batista – com Jesus, filho de Maria. Os dois estavam na mesma linha dos grandes profetas de Israel, homens de Deus e de seu povo.

Segundo uma antiga tradição de uns quinhentos anos depois de Jesus, João Batista teria nascido em Ain Karem, uma aldeia situada nas montanhas da Judéia, a uns 7, 5 quilômetros ao oeste de Jerusalém. Nesta região, os vinhedos e oliveais crescem em abundância. Ain Karem quer dizer a “fonte do vinhedo”. A paisagem é muito bonita pela fertilidade da terra, que contrasta com o deserto dos arredores. Entre as muitas igrejas e conventos que foram construídos ali em memória do Batista, destacam-se a de São João que estaria no lugar onde nasceu o profeta e a da Visitação, grande e rodeada de jardins, onde estaria a casa de Isabel e Zacarias. Em toda a extensão do claustro desta igreja se podem ver mosaicos com o texto do canto de Maria, o Magnificat, escrito em dezenas de idiomas.

Além do sumo sacerdote e dos sacerdotes das famílias da aristocracia sacerdotal de Jerusalém, havia em Israel uma grande massa de simples sacerdotes. Calcula-se mais de 7.000 em todo o país, embora na Galiléia houvesse pouquíssimos. Eram homens de famílias pobres, com tão poucos recursos que quase todos exerciam um trabalho manual em seus povoados, para subsistir (carpinteiros, pedreiros, comerciantes, açougueiros). Tinham sua mulher, seus filhos, sua casa. Sua vida simples contrastava com a dos sacerdotes chefes – privilegiados e ricos – e isto explica que este baixo clero apoiasse o povo quando estalou a revolta anti-romana no ano 66 depois de Jesus. Um desses sacerdotes era Zacarias, o pai de João Batista e esposo de Isabel.

No tempo de Jesus, os sacerdotes estavam divididos em 24 classes ou seções. Cada um desses grupos realizava por turno uma semana de serviço no Templo – de sábado a sábado. Os que viviam fora da capital – como Zacarias – viajavam a Jerusalém e ficavam lá durante este tempo. Calcula-se que cada seção teria uns 300 sacerdotes. Durante a semana de serviço, tirava-se na sorte o trabalho que corresponderia a cada um diariamente. Pela manhã havia o sacrifício dos perfumes, o holocausto de um carneiro, as libações... À tarde, purificava-se o altar, queimavam-se perfumes etc... Tinha também que levar lenha para os holocaustos, atender os sacrifícios privados dos fiéis etc. Zacarias – que pertencia ao grupo ou família de Abias – estava oferecendo os perfumes (queimava-se incenso para que produzisse bom cheiro) na hora do sacrifício da tarde, quando entendeu que sua mulher ia lhe dar um filho.

Para escrever o relato do nascimento de João, Lucas se inspirou literariamente no do nascimento “milagroso” de Samuel (1 Sm 1, 1-28). Isabel viveu sua gravidez como Ana – a mãe do profeta Samuel – e como a própria Maria, consciente de que Deus fazia com ela algo de bonito e surpreendente. Ela já era velha quando ficou grávida e até então havia sido estéril. Com estes dados, Lucas assinala também – como no caso de Jesus – que João é um presente de Deus à sua mãe e a seu povo. Ele será o profeta precursor de Jesus, quem mobilizará Israel para a esperança de sua libertação. Seu nome – João – quer dizer “Deus teve misericórdia”. Isabel e Zacarias, que haviam perdido a esperança de gerar um filho, reconheceram ao pôr nele aquele nome a graça imensa que Deus lhes havia feito.

Os versos de Zacarias para celebrar o nascimento de seu filho, como o canto de Maria ao encontrar-se com Isabel, são poemas com que o evangelista Lucas quis expressar a alegria que aqueles meninos presenteados por Deus a suas mães iriam dar à história. O canto de Zacarias – o “Benedictus”, por causa da palavra com que começa – está todo salpicado de frases que se encontram nos salmos e nos profetas. Todas elas expressam a ânsia de libertação que havia no coração dos israelitas quando João apareceu neste mundo.

O canto de Maria – o “Magnificat” (engrandece) também por causa da palavra com que se inicia – foi inspirado no canto de Ana, aquela mulher estéril que foi a mãe do último juiz de Israel (1 Sm 2, 1-10) e em outras expressões dos salmos, dos profetas ou do livro do Gênesis.

Desde antes de Jesus nascer, Maria, sua mãe, cantou o que seria a boa notícia que seu filho anunciaria, na qual se revelava o projeto de Deus: os famintos comerão e os ricos passarão fome, os poderosos cairão de seus tronos e os humildes serão elevados... É a subversão dos valores do mundo injusto. E isto Jesus promoverá com sua palavra e com sua vida. Se algumas vezes caímos na tentação de imaginar Maria como uma mulher que só reza, cala e obedece, é bom recordar estas palavras com as quais ela abre o evangelho, reler este canto de libertação e de esperança que Lucas pôs em seus lábios.

(Lc 1, 39-79)

Capítulo LXXX

UMA NOITE DE DÚVIDAS

Abarrotada de peregrinos, Jerusalém esperava com alegria a festa da colheita, já próxima. Os onze do grupo e as mulheres, reunidos por aqueles dias na casa de Marcos, escutávamos Maria, a mãe de Jesus, que ia tirando lembranças de sua memória, como quem tira de seu baú coisas novas e antigas.

Maria: ... Povoado pequeno, inferno grande, assim se dizia. E é verdade. Porque em Nazaré não se podia tossir que todo mundo ficava sabendo do resfriado. Claro, vocês bem podem imaginar, éramos apenas umas vinte famílias... E embora minha mãe tivesse me mandado para a outra ponta do país para evitar os fuxicos, a língua dos vizinhos não ficou quieta...

Uma vizinha: Você ainda não soube? Ai, menina, está andando nas nuvens?... A filha do Joaquim!... Sim, sim, a Mariazinha, que parecia ser tão mosquinha morta...

Outra vizinha: E o que aconteceu com ela, vamos, conte-me?

Vizinha: O que aconteceu? Aconteceu o mesmo que com o pão!... Jogaram fermento e a massa está crescendo...!

Vizinha: Senhor Bendito, que escândalo, que pouca vergonha!... E veja que o Zezinho também não perdeu tempo, heim?

Vizinha: Não, menina, desse aí a gente tem é que ter pena.... “Se lhe põem os cornos, lararó, larari”.

Um vizinho: É, eu sempre disse que essa moreninha era alegre demais... Muito riso, muita dança, muita brincadeira ... e claro, depois vem a outra brincadeira! Ai, compadre, a juventude de agora está perdida, pode crer!

Outro vizinho: E o que eu digo a você é que se fosse filha minha lhe dava uma surra de vara que a deixava com o traseiro mais corado que o Mar Vermelho! Isso já está virando um relaxo, compadre!... No nosso tempo, uma menina decente não chegava perto da janela nem tirava o véu do rosto... Pois veja você, agora essas danadas ficam mostrando até o tornozelo... depois não querem que aconteça o que aconteceu!

Vizinho: É assim mesmo!... E eu pergunto, compadre, o que o noivo disse? Porque, pelo que tenho ouvido, essa barriga não é dele. O que José vai fazer?... Já estará juntando pedras, não é mesmo?

Vizinho: Bom, primeiro ele tem que saber. O pobre rapaz está em jejum. Sim, sim, pelo que ouvi... o José ainda não sabe de nada...

José: Mas, o que está acontecendo aqui? Por acaso estou com lepra para que todo mundo me evite?... Vou andando e todos viram a cara. Vou ao trabalho e uma se ri e a outra cochicha... Diacho, que diabos está acontecendo comigo?

Vizinho: Com você nada, rapaz. A coisa é com ela, com sua noiva.

José: Com Maria?... O que há com a Maria? Fale. Diga.

Vizinho: Sinto muito, José, mas tenho que lhe dizer... O assunto fede mais que queijo rançoso, e quanto mais tempo passa, pior...

José: Sem rodeios. Fale claro.

Vizinho: Bom, é que... ela está esperando um filho.

José: O que você disse...?

Vizinho: Que ela está prenha. Sim, é isso mesmo que você está ouvindo... E como todos suspeitamos que você não semeou essa roça... aí ...

José: Mas isso não é possível... não é possível... Eu não posso acreditar que Maria tenha feito uma coisa dessa...

Vizinho: Pois acredite, rapaz. Se Noé não tivesse acreditado no dilúvio, os peixes o teriam comido...

Boliche: Bem a tempo, José! E então, companheiro? Já lhe contaram a rasteira que sua querida noivinha lhe deu? Ah, caramba, são todas iguais!... A que não manca de um pé, manca dos dois! Rá, rá, rá...!

José: Cale a boca, Boliche!

Boliche: Mas não se preocupe, homem, aprontaram essa até para o pobre Oséias e, veja só, chegou até a profeta!... Rá, rá,raí..."

José: Se você não se mandar agora mesmo, eu lhe quebro o nariz!

Boliche: Está bem, homem, está bem... "Se lhe põem os cornos..."

José: Vai pro diabo, desgraçado!

Boliche: E que ele o acompanhe!... Rararai...!

Maria: Que mal pedaço o José teve de passar!... Cada vez que me lembro disso, me dá como que um remorso...! Ele me contou depois que nesse dia se trancou em casa e não quis comer nem falar com ninguém...

Mãe: José, filho, você não vai comer nada...? José...

José: Não quero nada! Vão todos para os quintos dos infernos e deixem-me em paz!

Maria: Estava desesperado... Atirou-se sobre a esteira, fechou os olhos e tratou de dormir...

José: Descarada, agora você vai saber quem sou eu!... Muitas palavras bonitas, muito carinho, sim... e agora isto!... Mas, prepare-se, porque eu vou agarrá-la pelas tranças, trazê-la aqui, arrastá-la pela aldeia... O que você está pensando? Diacho, eu vou repudiá-la, vou levá-la em cueiros até a frente da casa de seu pai e direi ao velho Joaquim: fique com ela, estou devolvendo, não quero lixo em minha casa!... Isso para que ela aprenda a ter respeito, que quando alguém dá sua palavra, dá pra valer... e eu lhe disse que queria me casar com você e você disse que também queria e agora... agora...

Maria: José mordida a língua para que seus irmãos não o vissem chorar. Apertou os olhos com os punhos, mas as lágrimas lhe subiam à garganta como um rio salgado...

José: Você arrebentou meu coração, Maria... partiu-o como a um vaso de oleiro e ele já não tem conserto... Por que você fez isso?... Por que se eu a amava tanto... se eu a amo desde quando ainda brincávamos na colina... se você era a única coisa que me dava vontade de viver... se eu nunca me interessei por nenhuma outra garota... só por você, Maria... E o que vou fazer agora?... Vou-me embora daqui, para onde ninguém saiba quem eu sou e... e então encontrarei outra mulher... O que você está pensando? Que é a única?... Pois olhe, há muitas outras garotas mais bonitas que você, está ouvindo? E que sabem cozinhar melhor, só para você ficar sabendo...

Maria: José virou-se na esteira, enrolou-se na manta e tentou dormir... Mas o sono lhe fugia como água entre as mãos...

José: Não, eu não posso ir embora sem vê-la antes... tenho que vê-la... mesmo que seja para você me dizer o que já sei... vamos seja corajosa, diga-me você mesma... olhando-me nos olhos... sim, sim, tenho que vê-la...!

Maria: Ele sentou-se na esteira... Apesar da brisa da noite, tinha a fronte banhada de suor...

Mãe: O que acontece, filho?

José: Nada, mamãe, nada... é que estou sem sono...

Maria: Estava sufocado. Não cabia na casa. Cambaleando ele se levantou, jogou a túnica por cima e, sem despedir-se de sua mãe, abriu a porta e se foi... Não levou embornal nem bastão e o caminho era bem longo... Mas não lhe importava... Tinha que chegar o quanto antes a Ain Karem, onde eu estava vivendo naqueles meses... Depois de dois dias de

estrada, chegou aos montes de Judá e viu ao longe a aldeia... Respirou fundo e apertou o passo até a casinha dos meus tios.

José: Não é aqui que mora...?

Maria: José!

José: Maria!

Maria: José ficou plantado na soleira da porta, diante de mim, com os olhos cravados em meu ventre já crescido...

Maria: José, o que você faz aqui?

José: Vim vê-la...

Maria: Pois então... já está me vendo...

José: Sim, estou vendo... estou vendo...

Maria: Estou esperando um filho, José.

José: E eu estou esperando uma explicação sua, Maria... Depois... depois vou embora e nunca mais você saberá de mim...

Isabel: Você não vai a lugar nenhum! E antes de ficar tão carrancudo, cumprimente a gente!... Diacho de jovens de hoje! Chegam à sua casa e tratam a gente como se fosse um saco de farinha... E então? De visita por aqui?

José: Bem, sim, senhora, eu... eu vim conversar um pouco com Maria...

Isabel: Um pouco e muito. Mas para conversar vocês terão tempo depois. Agora venha lavar os pés e comer alguma coisa...

José: Não, senhora, eu não quero incomodar, eu...

Isabel: Vamos lá, rapaz, não precisa disfarçar, você está com umas olheiras maiores que as pregas da minha túnica... E não deve ter comido nada quente desde que saiu de Nazaré, não é mesmo?... Vamos, entre... Vou chamar meu velho agora mesmo... Zacarias! Venha aqui conhecer o noivo da Mariazinha... Vamos, boneco, sossegue... Joãozinho... Este é meu filho, sabia? Ontem completou um mês... E não é porque seja meu, mas diga, José, não é mais bonito que um querubim?

Maria: Como minha tia Isabel se portou tão bem com José! Ela o fez entrar em casa, preparou um guisado para ele e o levou para descansar no quartinho do fundo... Depois, tio Zacarias lhe mostrou a horta e uma criação de galinhas que tinha junto ao poço... Eles dois se simpatizaram mutuamente... E depois, quando o sol ia se pondo, naquela hora da tarde

quando tudo volta à calma, quando se vê tudo com mais serenidade, José e eu nos sentamos para conversar, perto de uma oliveira verde do quintal...

Maria: Pois então... não sei por onde começar...

José: Muito... muito menos eu...

Maria: O que ... o que andam dizendo de mim lá na aldeia?

José: Bah, um monte de besteiras... só sabem bater a sem-osso...

Maria: A quê...?

José: A língua, Maria... Alalalá... Por isso se mexe tanto.

Maria: Diga-me, José... Você confia mais no que eu lhe digo ou no que lhe disseram seus amigos?

José: De... de quem é a criança?

Maria: Eu não sei.

José: Como não sabe...?

Maria: Não sei... de verdade... Olhe esta árvore... Eu não sei quem a plantou, mas a quanta gente não terá dado sombra, não é mesmo?

José: Se você não se explicar melhor...

Maria: José, tampouco se pergunta a uma flecha de que arco ela saiu, mas aonde se dirige em seu vôo... Escute, antes de vir para cá, fui conversar com meu avô Isaias, e ele me disse que...

Maria: ... E isso é tudo o que eu sei.

José: Por que não me disse antes, Maria?

Maria: Porque... porque tinha medo. Eu senti muito medo, José...

José: E eu, muita raiva, sabia?

Maria: Tia Isabel tem me ajudado muito... me aconselhou...

José: Pois eu tive de engolir isso tudo sozinho...

Maria: Diga-me, José, você acredita no que estou lhe dizendo? Você acredita?

Maria: José pôs seus olhos sobre os meus, agarrou forte minhas mãos, e ficou um bom tempo assim, calado...

Maria: Acredita, José?

José: Eu a amo, Maria... Amo você e... se você diz que esse assunto está na mão de Deus, nós veremos logo aonde ele está nos levando. Olhe, Maria, seja o que for, você é minha noiva e eu me casarei com você e, que saia o sol por onde sair!... E essa criança, bem, será como se fosse minha, caramba!

Maria: José, como você é bom!

Isabel: Pode repetir isso, menina, que gente tão boa assim já não se vê por essas bandas!

Maria: Tia, o que você está fazendo aí...?

Isabel: Bom, afinal de contas, esta é minha casa. E pelo jeito teremos casamento, não?

José: Pode crer, dona Isabel! Maria e eu vamos nos casar logo. Daí que já é hora de juntar as coisas que amanhã mesmo nos pomos a caminho rumo ao norte...

Maria: A Nazaré? E o que irão dizer por lá quando nos virem chegar e...?

José: Que digam o que quiserem, nós não temos nada com isso, não é mesmo, dona Isabel?

Isabel: É claro que sim, meu rapaz! Que gastem saliva! O que importa são vocês dois e essa criaturinha... Escutem, a propósito, que nome vocês vão pôr, Mariazinha?

Maria: Pois eu não sei, na verdade, nem tínhamos pensado ainda...

José: Bom, já que a outra coisa não fui eu, pelo menos me deixem pôr o nome!... Olhe, se for menina poremos como o seu, Maria... E se for um machinho, vamos pôr... Jacó. Isso, ele foi um grande valente... Não, melhor, Jesus, como aquele que entrou à frente do povo na terra prometida... Isso, Jesus, um nome de liberdade!

Maria: No dia seguinte, cedinho, pusemo-nos a caminho para a Galiléia. Os vizinhos de Nazaré, quando nos viram chegar juntos, riam. Riam de mim e, sobretudo, de José. Mas José não se incomodou com isso e começou a preparar o casamento como se nada tivesse acontecido...

Rabino: José, receba Maria como sua esposa, segundo a lei de Moisés. Ame-a, cuide dela, seja fiel à palavra que hoje você deu diante de todos nós e que o Senhor nosso Deus o abençoe com muitos filhos e que algum deles chegue a ser o Messias que tanto precisamos.

Todos: Amém!

Um vizinho: Que vivam os recém-casados!

Uma vizinha: Que sejam felizes e tenham muitos filhos!

Boliche: E que da próxima vez não tenham tanta pressa!

Vizinho: Vamos lá, que comece a música, que comece o baile e que a festa dure até o amanhecer!

Nos sponsais ficava formalizado o matrimônio, embora este não se houvesse consumado nem existisse ainda o contrato matrimonial, que só se estabelecia com o casamento propriamente dito. Mas o rapaz e a moça prometidos entre si – e este era o caso de José e Maria – eram considerados já esposo e esposa. A tal ponto que, se o jovem morresse, considerava-se viúva a mulher para efeitos legais. E se ela fosse descoberta em adultério, era condenada à morte por apedrejamento. Também, se o homem quisesse, podia repudiá-la apresentando contra ela o libelo do divórcio. Tudo, como se já estivessem ligados pelo compromisso matrimonial.

Ao receber a notícia da gravidez de Maria, vários caminhos se apresentavam a José. Repudiá-la – divorciar-se dela rompendo os sponsais – alegando qualquer razão das que a lei lhe oferecia (por exemplo, algum defeito que tivesse descoberto em Maria, físico ou moral). Denunciá-la como adúltera, infiel à palavra dada, com o que Maria poderia ser morta a pedradas pelos moradores de Nazaré. Fugir da aldeia, passando diante de seus vizinhos como covarde, por causa do estado de Maria, e converter-se no ridículo de todos os seus conterrâneos.

Por amor a Maria, porque a queria profundamente, José escolheu outro caminho que não foi nem o legalista nem o da fuga. Aceitou o que havia acontecido, fiou-se na palavra de sua esposa e acolheu como sua aquela criança, protegendo assim Maria perante toda a aldeia, para que não murmurassem contra ela. Foi uma decisão inspirada no amor que tinha por ela. A decisão de um homem “justo”, como diz o evangelho. Justo em seu mais profundo sentido, que não é nunca o de quem age segundo a lei, mas segundo o espírito, de quem opera segundo os sentimentos mais profundos de carinho, solidariedade e confiança.

Para resolver as terríveis dúvidas que José teve de experimentar, o evangelista Mateus faz intervir um anjo que, em sonhos, fala com ele e lhe devolve a paz e a força para tomar a decisão de aceitar Maria e o filho que ia nascer. Na Bíblia, o anjo é sempre um mensageiro de Deus. Neste caso, sua mensagem é de esperança. José não deve temer. Deus quer sempre a vida e lhe pede que aceite esta vida que começa a formar-se no ventre de sua esposa. Por outro lado, falar de um sonho é uma forma de indicar aos leitores que se deve relacionar este José de Nazaré com o patriarca José, um dos doze filhos de Jacó. José teve sonhos nos quais Deus lhe revelava o que ia acontecer a ele, a seus irmãos, a seu povo, naqueles anos em que começou a escravidão no Egito. Também interpretou os sonhos do Faraó (Gn 37, 5-11; 40, 1-15; 41, 1-36). A José de Nazaré se lhe anuncia em sonho a libertação definitiva de todas as escravidões através de Jesus, o filho que Maria terá. A relação entre esses dois José, homens justos e fiéis é decisiva para entender o que quer dizer o texto evangélico.

Maria e José foram uma mulher e um homem que fizeram um caminho de fé com dúvidas, conflitos, tensões. Ao aceitar Jesus, os dois aceitavam a vida e ao Deus da vida que os presenteava com aquela criança. Aquele foi um ato de fé e de esperança, facilitado pelo carinho que os dois tinham entre si. Quando se casaram não sabiam o que seria daquela

criança e deles mesmos. A Palestina daquele tempo era um território convulsionado por grandes tensões políticas e sociais, a vida dos camponeses era difícil, de muito trabalho e de muita pobreza. Eram os anos que precederam a incorporação definitiva de Israel como província do império romano. A insegurança era o patrimônio dos pobres. Apesar disso, apesar de todos os seus problemas pessoais, José e Maria acolheram a vida daquela criança a quem ambos começaram a aguardar desde então com esperança.

Em ambientes camponeses, como o de Nazaré, as bodas eram acontecimentos dos quais participava todo o povoado e que duravam até sete dias. Cantava-se, bailava-se, bebia-se muito vinho, que era elemento central de qualquer boda. Passados estes dias, o mais comum era que os novos esposos fossem viver na casa da família do noivo. Sobre o que fizeram José e Maria não se tem nenhum dado. Conserva-se em Nazaré a parede de trás de uma gruta de pedra, que desde o século II se venera como a “casa de Maria”, onde talvez tenha vivido a família durante todos aqueles anos em Nazaré. Este pedaço da casa encontra-se no interior da Basílica da Assunção, amplíssimo templo edificado há pouco tempo em Nazaré. É uma lembrança de autenticidade histórica bem comprovada que mostra, ao simples olhar, a radical pobreza da qual surgiu Jesus. Perto deste lugar existe outra casa que se venera como a “da sagrada família”, embora esta não tenha nenhum valor histórico comprovado.

(Mateus 1, 18-24)

Capítulo LXXXI

OUTRAS NARRAÇÕES DA INFÂNCIA DE JESUS

Foi em Jerusalém e na casa de Marcos, uns dias antes da grande festa de Pentecostes, quando Maria retomou suas recordações de Belém, o povoado onde havia nascido Jesus...

1. *Não sabemos exatamente o ano em que Jesus nasceu. A referência que faz o evangelho de Lucas a um censo ordenado por Roma nos dá uma pista aproximada. Segundo estes dados, tudo parece indicar que Jesus veio ao mundo nos anos imediatamente anteriores à anexação definitiva da Palestina ao império romano ou muito pouco depois. Durante aquele período foi quando se ordenou um censo, embora não se saiba com certeza quanto tempo durou e as datas exatas. O recenseamento era um instrumento de controle empregado por Roma em seus domínios. O que foi realizado em Israel, segundo Lucas, foi ordenado por Públio Sulpício Quirino, legado de Roma na província da Síria.*

O censo compreendia duas etapas: o registro e a arrecadação. A primeira etapa consistia em levantar o cadastro de pessoas e propriedades em todo o país. A segunda etapa tratava de assinalar a cada um os impostos correspondentes e começar a cobrá-los. A segunda etapa – que alguns pesquisadores chamam simplesmente de “censo” – parece que aconteceu pelo ano 6 depois de Jesus. Se admitirmos esses dados, o nascimento de Jesus teria ocorrido durante a primeira etapa: a de registro. Em todo caso, Lucas se interessou particularmente por este fato histórico e político, uma vez que as viagens de uma região para outra, provocadas pelo censo em todo o país, justificam a ida de José e Maria a Belém. Nascendo Jesus em Belém, a cidade de Davi, podia estabelecer entre ele e o grande rei de Israel uma relação não só simbólica, mas muito mais, familiar.

O censo foi recebido pelos homens e mulheres de todo o país com verdadeira indignação. Aquela lei consagrava formalmente a submissão do povo e da nação ao império romano. A partir do censo, a Palestina se constituiu em província de Roma. Conforme a organização imperialista, a partir daquele momento se reconhecia aos israelitas unicamente o direito ao usufruto da propriedade (para trabalhá-la e administrá-la) reservando-se a Roma a propriedade sobre ela. Para o povo aquilo era não só uma forma de dominação política e econômica, mas uma autêntica blasfêmia. Para Israel a terra era santa, Deus era seu único dono e era de sua vontade que ninguém se apossasse permanentemente dela. As leis sociais de Israel apontavam neste sentido. Já desde o começo da dependência do império, alimentou-se com essas medidas uma surda e inflamada resistência contra as tropas e funcionários ocupantes. As classes dirigentes nacionais (sacerdotes, teólogos) também ficaram incomodadas mas, no geral, reagiram tratando de tornar “aceitáveis” pelo povo aquela nova ordem. Com isso não procuravam outra coisa que conservar seus postos de privilégio e poder diante das novas autoridades estrangeiras.

Uma viagem como a que José, Maria e outros muitos conterrâneos seus se viram obrigados a fazer por causa do censo – de Nazaré a Belém – pode ter durado uns cinco dias de caminho. Belém era uma cidade importante quando Jesus nasceu. Estava situada a uns 10 quilômetros de Jerusalém, pelo sul da capital, em terras da família Efrat (por isso se diz “Belém de Éfrata”). O nome Belém significa “casa do pão”. Em Belém nasceu Davi, o rei mais amado dos israelitas. Era pastor e nos campos daquela cidade cuidava de suas ovelhas quando foi ungido como rei de seu povo (1Sam 16, 1-13). Também o profeta Miquéias havia anunciado que de Belém sairia o futuro rei de Israel, um novo Davi que pastorearia o povo (Miq 5, 1-5). Tanto Lucas como Mateus, apresentam Jesus como herdeiro da linhagem de Davi e que se cumpre nele a profecia de Miquéias, anúncio do lugar de origem do Messias esperado. Com isso fazem catequese, explicando desde o começo do evangelho “quem” era Jesus e qual seria sua missão.

Belém é hoje em dia uma formosa cidade árabe, com casas pequenas e brancas que se amontoam sobre uma colina. Entre todas elas destaca-se a Basílica da Natividade, construída há uns mil e quinhentos anos e ainda de pé. É uma das igrejas mais antigas do mundo. Muito grande, não tem mais que uma estreita e baixíssima porta de entrada, pois quando foi construída eram tempos de guerra. Não fazendo outras portas além desta, evitava-se que cavaleiros armados entrassem no templo. Em seu interior – já gasto pelo tempo e pela fumaça das velas, e pelos passos dos milhares de peregrinos – existe uma gruta que recorda o lugar onde nasceu Jesus. No chão, uma estrela assinala – mais piedosa que historicamente – o lugar do nascimento. Há uma inscrição: “Aqui nasceu Jesus de Maria Virgem”. Bem perto, uma escavação na gruta é venerada como presépio. São lugares que provocam viva emoção em qualquer crente. Ao longo dos séculos, milhares de cristãos se reuniram nesta gruta para celebrar a eucaristia e para cantar os tradicionais cantos de Natal.

Centenas de anos de tradição, de imagens, canções, poemas, estatuetas de argila e outras riquíssimas expressões da arte popular, fizeram do Natal a festa mais arraigada entre os cristãos e também entre os não-cristãos em países influenciados pela cultura ocidental de cristandade. Também o Natal é a festa religiosa que se “vê” mais. Mas, por uma interpretação literal do texto evangélico, ou por causa do peso de muitas tradições artísticas, temos “visto” Jesus em seu nascimento como um menino que nasce “misteriosamente”: sozinho e no silêncio da noite, afastado de todos. Sem negar a beleza e a história acumulada nestas representações, poderia ser útil “ver” o Natal de outra forma. A visão tradicional “separa” José e Maria de seus conterrâneos, que estariam nas mesmas condições que eles durante os dias do censo. E “separa” o menino que nasce, fazendo dele um menino “único”, diferente dos demais. Esta visão falseia algo essencial do mistério da encarnação. Deus quis que Jesus fosse um de tantos outros e que seus pais fossem também uma de tantas outras famílias galiléias. Se Jesus nasceu para **todos**, é importante, já desde o começo de sua vida, vê-lo nascer **no meio de todos**. Pois foi no meio de nós, que ele quis vir montar sua tenda (João 1, 14).

Em Belém, como toda cidade de relativa importância na Palestina, haviam pousadas, grandes hospedarias para os que estavam de passagem para Jerusalém ou outras cidades. A história de que “não havia lugar” para José e Maria num daqueles grandes “caravasares” (lugar para as caravanas, onde se alojavam tanto pessoas como animais: cavalos, camelos, burros...) não teria sido por “maldade” dos hospedeiros que recusavam o Filho de Deus já antes de nascer. Não havia lugar porque aqueles espaços já estariam ocupados ou, certamente, porque os preços estariam tão altos que José e Maria não conseguiriam pagar. Os comerciantes, com toda a certeza, se aproveitavam do censo para cobrar mais pela hospedagem. Em todo caso, quando os galileus iam à Judéia procuravam alugar-se juntos e manter-se unidos. Não é de

estranhar que fizessem acampamentos coletivos, mais ainda em circunstâncias tão especiais como as daquela forçada viagem.

Maria pariu Jesus. Seu bebê não apareceu “milagrosamente” sobre as palhas. Jesus nasceu como todos nós, fruto do esforço e das dores de sua mãe. É totalmente lógico que ela fosse ajudada por suas conterrâneas, mais experientes que ela naquela questão. Quando o bebê nascia, se lhe cortava o cordão do umbigo, ele era lavado e enfaixado. Também havia o costume de esfregá-lo com sal (Ez 16, 4). A primeira coisa era sempre avisar o pai para que a comunidade o felicitasse.

Não sabemos se Jesus nasceu nos meses do inverno ou nos do verão, nem muito menos em 25 de dezembro. Esta data, que tem sido a data do Natal há mais de mil e quinhentos anos, tem sua origem na grande Festa do Sol Invencível que se celebrava em Roma e em todo o império com enorme alegria popular. Os primeiros cristãos mudaram o sentido original da festa e começaram a celebrar neste mesmo dia o nascimento de Jesus. Talvez porque viam nele a luz que os orientava, porque seu nascimento significou o amanhecer de um mundo novo, porque Jesus havia vencido a morte entregando sua vida e recebendo de Deus como resposta a luminosa alegria da ressurreição.

(Lucas 2, 1-7)

Jerusalém, como uma mulher prometida, se enfeitava para a próxima festa de Pentecostes. Nas ruas, colocavam-se ramos e flores, nas muralhas se acendiam tochas, e os filhos de Israel separavam suas primícias para oferecê-las no Templo, agradecendo a Deus pela nova colheita...

Já passou muito tempo e nenhum de nós esqueceu as coisas que Maria nos contou naqueles dias...

2. Os arredores de Belém eram local apropriado para o pastoreio. Naqueles mesmos campos Davi havia apascentado suas ovelhas antes de tornar-se rei de Israel. No entanto, hoje os pastores árabes conduzem seus rebanhos por amplas terras que rodeiam Belém. Fora da cidade, no chamado atualmente “campo dos pastores”, uma igreja em forma de tenda de beduíno recorda aqueles pastores belemitas que celebraram com tanto entusiasmo o menino Galileu recém-nascido em suas terras.

Os pastores de Belém, como de qualquer outro lugar de Israel, não eram “ternos, encantadores e doces”, como geralmente os pintam os contos de Natal. Não só eram homens da mais baixa classe social, como também eram considerados elementos “perigosos”. O pastor era um autêntico marginalizado daquela sociedade. Via-se nele um delinqüente, um ladrão e um trapaceiro. Embora não houvessem provas eram sempre suspeitos de levar seus animais para propriedades alheias e de roubar parte do produto de seus rebanhos. Algumas comunidades de pessoas “religiosas” estavam proibidas de comprar deles a lã, o leite ou cabritos. Prescindindo de alguns textos importantes do Antigo Testamento, que representam Deus e seu Messias como pastores, ou das tradições que fazem de Moisés e de Davi pastores de ovelhas antes de tornarem-se líderes do povo, a literatura de Israel, especialmente a do tempo de Jesus, está cheia de juízos muito críticos contra os pastores.

Se o evangelho de Lucas apresenta os pastores como os primeiros conhecedores do nascimento de Jesus, estaria nos dando não só um dado histórico mas, principalmente, nos aportaria um dado teológico. Não é uma casualidade ou apenas um detalhe poético, mas é uma forma de deixar bem claro, desde o começo do evangelho, quem esteve próximo de Jesus, entre quem ele nasceu e para quem veio aquele menino. A boa notícia, a alegre notícia que se anuncia aos pastores e que eles entendem a seguir é que têm um libertador. Aqueles homens pobres e desprezados resumem em seu ofício o povo a quem Jesus anunciará o evangelho. Aqueles “pobres de Javé” que nada tinham a não ser esperança em Deus e desejo de serem libertados de uma opressão de séculos. Como no texto da anunciação à Maria, Lucas volta a empregar nesta narração os anjos mensageiros desta notícia de libertação. Quando na linguagem bíblica se usa a figura de um anjo é porque se quer revestir de solenidade aquele momento, se quer dar muita importância ao acontecimento que se narra. E é tão importante que o Messias esperado nasça entre os pobres e chame à sua comunidade, como os primeiros, a estes “últimos” que “é necessário” que apareçam anjos. Mateus, o outro relator da infância de Jesus, que quer ressaltar este aspecto da universalidade da mensagem de Jesus – frente ao nacionalismo de seus contemporâneos – dirá que vieram a Belém, uns orientais que eram magos (que tinham outra religião). Com isso indica que Jesus não veio para libertar somente Israel, mas todos os povos da terra, que ele romperá as fronteiras entre as nações. Para exprimir isso, inspira-se nas profecias de Isaías (Is 49, 12 e 22-23; 60, 3-6). E se fala de uma estrela é porque está recordando, ao escrever seu evangelho, de uma velha profecia de um estrangeiro, que no início da história israelita, viu surgir uma estrela que anunciava a chegada de um rei, que governaria a partir de Israel todas as nações da terra (Números 24,15-19).

Em todas as culturas o nascimento de um menino era motivo de festa. Ao redor deste fato há uma infinidade de costumes populares. Enterrar a placenta num terreno de cultivo para pedir a Deus fertilidade, ou jogar nos sulcos gotas de leite da mãe recém-parida para que houvesse boa colheita, são alguns dos muitos ritos que acompanham o acontecimento do parto em alguns povos. O Natal, festa mais profundamente arraigada na tradição cristã, deve procurar raízes populares profundas, se quiser se aproximar das origens de Jesus. O consumo desmedido e artificial, o desperdício que costuma acontecer nesses dias, pouco ou nada tem a ver com o nascimento daquele menino, rodeado sim de muita alegria e muita festa, mas de nenhum luxo supérfluo.

Lucas põe na boca dos anjos um anúncio que é canto da aclamação tradicional entre os cristãos: “Glória a Deus no céu e paz na terra aos homens que ele tanto ama”. Isto é em síntese o que significa o nascimento de Jesus para a humanidade. A “glória” de Deus ao longo da Bíblia é a revelação de sua autoridade, de sua santidade. Neste menino pobre, nascido como tantos outros, no meio de um grupo de contemporâneos alegres, está toda a glória de Deus, sua revelação definitiva. A partir de agora é aí, no meio do povo, que se deve buscar a Deus, porque ele quis revelar-se aí. O nascimento de Jesus também significa “paz”. A paz (“shalon”, em hebraico) tinha, por exemplo, 25 formas de ser traduzida ao grego. Paz é saúde, salvação, alegria, vida feliz, digna, vida íntegra, plena. Bem estar, prosperidade material e espiritual para cada um e para a comunidade. Tudo isso é o que vem anunciar aquele menino nascido em uma gruta de ovelhas, a quem os pastores de Belém festejaram com tanta alegria.

(Lucas 2, 8-20)

Faltavam poucos dias para Pentecostes, a grande festa da colheita. Sentados no chão, no andar de cima da casa de Marcos, ouvíamos Maria, a mãe de Jesus, enquanto ela

rebuscava em sua memória e nos contava os primeiros momentos da vida de seu filho...

3. A circuncisão consistia em cortar o prepúcio (tecido que cobre a glândula do membro masculino). Era feita com uma faquinha de pedra afiada. Este costume foi praticado e ainda se pratica em muitíssimos povos. É possível que Israel o aprendera do Egito no começo de sua história como povo. Até hoje o povo judeu o continua praticando. Em muitos povos se circuncida na adolescência, como um rito de iniciação à vida sexual. Em Israel é, sobretudo, um símbolo da aliança feita entre Deus e o povo e um sinal de que o israelita se incorpora à comunidade de que faz parte como filho de Abraão (Gn 17,1-27). No tempo de Jesus circuncidava-se o menino aos oito dias de nascido e nesse momento se lhe impunha o nome.

Para Israel, como para todos os povos orientais e para a maioria das antigas culturas, o nome não é só o que distingue uma pessoa da outra, mas é um elemento essencial da mais profunda personalidade do indivíduo. O nome faz a pessoa, indica quem é, qual é seu destino. Impor um nome a uma criança tinha, por isso, uma enorme importância. Não era um mero trâmite nem um puro gesto social. Este modo de entender o que é um nome explica a reverência que os israelitas tinham ao simples fato de pronunciar o nome de Iahweh, o nome de Deus. Porque acreditavam que, de alguma forma, com o nome se faz presente quem o leva. Também se entendia que dizer a outra pessoa o próprio nome era sinal de grande confiança. Por isso não se dizia no início do estabelecimento de uma relação, mas somente quando já havia um certo conhecimento e afeto. Acreditava-se também que quem conhecia o nome de outro tinha poder sobre ele. Quando Deus revela seu nome a Moisés está lhe revelando **quem ele é**, e quando no último livro da Bíblia se nos promete para o Reino de Deus um “nome novo” (Ap 2,17), nos está sendo dito que seremos “homens novos”. E somente então chegaremos a ser quem realmente somos.

As crianças em Israel recebiam nomes de tipo profano ou religioso. Os profanos eram nomes de animais (Raquel = ovelha), (Débora = abelha), de coisas (Rebeca = laço), que indicavam a alegria dos pais pela criança (Saul = o desejado), (Noemi = minha delícia), que faziam alusão a alguma qualidade do pequeno (Ajab = semelhante a seu pai), (Esaú = peludo), (Salomé = sadia). Os nomes religiosos combinavam várias palavras para indicar como os pais crentes representavam a relação que Deus iria ter com a criança ou o que de Deus esperavam para ele. São nomes que reconhecem a ação de Deus (Jeremias = Deus consola), indicam agradecimento (Matatias = presente de Deus), proclamam como Deus é (Eli = Deus é grande) etc. Esses nomes usados durante séculos pelo povo de Israel, expressam muito bem a fé da comunidade ou das pessoas individualmente.

Jesus é a forma grega do nome hebreu que soava **Yeshua** e que, primitivamente, teve a forma de **Yehoshua**. Significa “Deus liberta”. Foi um dos nomes pessoais mais populares entre os israelitas, durante séculos. Teve o mesmo nome Josué, o líder que substituiu Moisés quando ele morreu, e que entrou com o povo na Terra Prometida. O mesmo aconteceu com o autor do livro do Eclesiástico, Jesus Bem-Shirá. E muitos outros israelitas conhecidos e desconhecidos tiveram este nome. Em Jesus de Nazaré indica sua missão libertadora. Através de sua palavra, de sua vida, e especialmente de sua morte e ressurreição, Deus nos liberta de todas as escravidões. Desde uns quinhentos anos antes de Jesus, depois da época do exílio, foi adquirindo importância em Israel o poder demonstrar que se era israelita legítimo. Durante o exílio ocorreram muitos casamentos entre pagãos e, quando da volta à Palestina, considerava-se que os que tivessem antepassados limpos podiam ser o fundamento para reconstruir o país arrasado. Assim, foi importante o uso das genealogias (árvores genealógicas). Em geral, todo israelita conhecia de ouvido quem eram seus antepassados, várias gerações para trás. No

entanto, para realizar um casamento – especialmente com um sacerdote – era necessário demonstrar por escrito que a genealogia era pura, ao menos em cinco gerações. Os candidatos a postos públicos deviam ter também esta prova da legitimidade de sua origem. Não é de se estranhar, portanto, que tanto Mateus como Lucas tenham assinalado em seus evangelhos qual foi a genealogia de Jesus. Lucas a faz, partindo de Jesus para cima, até chegar ao próprio Adão. Mateus escreve de forma inversa e começa com Abraão.

Pela genealogia, cada família israelita indicava a qual das doze tribos pertencia sua linhagem. Assim demonstrava em qual ramo estava entroncada no povo de Deus. A relação com a tribo de Judá foi a que deu maior número de árvores genealógicas. E ainda mais, dentro da tribo de Judá, a da família de Davi. Isso é compreensível, porque aquele rei havia marcado a história do povo. Até uns cem anos antes de Jesus, se escolhia sempre entre os membros dessa família o chefe civil do Senado. Por outro lado, a esperança messiânica estava ligada aos descendentes da família de Davi e quem tivesse sangue de sua família real procurava demonstrar esta destacada origem. No tempo de Jesus eram muito abundantes os descendentes da família de Davi dentro da tribo de Judá.

Tanto Mateus quanto Lucas escreveram as genealogias para mostrar a origem davídica de Jesus e dar com isso uma prova “histórica” de que ele era o Messias. A genealogia era sempre estabelecida em relação com os antepassados do pai e não com os da mãe. José é que pertencia à família de Davi, e não Maria. Estas duas genealogias apresentadas pelos evangelhos correm paralelas desde Abraão até o rei Davi, mas depois são diferentes. Mateus a continua por Salomão e Lucas por Natã. Os dois foram filhos de Davi. Em alguns pontos voltam a coincidir. No entanto, não devemos buscar em todos os antepassados dessas genealogias dados estritamente históricos. Há nelas erros e omissões. E também, teologia. Inclusive no número das gerações contadas há símbolos numéricos. É o estilo próprio dos evangelistas que, mais do que fazer história, conforme entendemos hoje, preocupavam-se em dar uma catequese a seus leitores.

A genealogia que oferece Mateus é a que segue o rabino Manasses neste episódio. Procura principalmente – e nisto coincide com a de Lucas – fazer ver que Jesus não é um Messias descido do céu, alguém estranho à história. Jesus foi um homem inserido na história do povo de Israel e, através deste povo, solidário da história humana. Como cada um de nós que, através de uma família, de alguns antepassados, de um povo, de uma nação, fazemos parte dessa família imensa que é a humanidade. É importante destacar que Jesus foi um israelita, um judeu e que, por isso, todo ódio contra os judeus, todo o desprezo por esta raça, todo o ataque contra as tradições desse povo se volta contra o próprio Jesus, contra Maria, José, os apóstolos e praticamente todos os personagens que conhecemos pela Bíblia.

Na genealogia de Mateus aparecem várias mulheres (nenhuma na de Lucas). Ao incluí-las, como ao incluir outros antepassados, Mateus está fazendo de uma vez história e teologia. Jesus aparece assim como membro de uma história “impura” quanto à raça, ao sangue e à origem. Há estrangeiros, mulheres de moral “duvidosa”... A ascendência de Jesus se inicia com Abraão, um idólatra convertido e passa por todas as classes sociais: patriarcas, nômades, escravos no Egito, reis, soldados, gente sem nenhum destaque, Tamar – mulher astuta e hábil – (Gn 38,6-26); Rute, a estrangeira imigrante (Livro de Rute), Raab, a prostituta (Js 2, 1); Betsabé, adúltera com Davi (2 Sm 11, 4)... Uma história cheia de descaminhos, de “manchas”, de saltos. Esta foi a história de Jesus, como costuma ser a história de cada um de nós. Não há, pois, em Jesus, por mais que fosse descendente da família real de Davi, nenhum “sangue azul” mas o sangue vermelho como a todos os mortais.

(Mateus 1,1-17; Lucas 2,21; 3, 23-38)

Mateus, que havia sido publicano, não perdia uma só das palavras de Maria, e as ia guardando cuidadosamente em sua memória. Alguns anos mais tarde, quando tomou da pena para escrever seu evangelho, pegou emprestadas aquelas histórias antigas de nosso povo, e falou de Jesus como de um novo Moisés, o filho que Deus havia chamado do Egito para libertar seus irmãos.

4. Quando Jesus nasceu, embora a influência romana se deixasse sentir cada vez com mais força na Palestina, Herodes, o Grande ainda governava o país. Herodes não era de sangue judeu. Seu pai era indumeu, mordomo da corte do sumo sacerdote, e sua mãe era filha de um xeique árabe. Sua astúcia para conseguir o favor de Roma lhe permitiu chegar ao trono e pouco a pouco apoderar-se de todo o país. Governou durante quarenta anos, e durante seu reinado as classes ricas de Jerusalém e sua própria corte viveram em um ambiente de luxo e dissipação até então desconhecidos no país. Os impostos davam anualmente a Herodes, o Grande, a soma de 1.000 talentos (uns dez milhões de denários – o denário era o salário de um dia de um operário ou camponês). Mas seus luxos pessoais, os de sua família, os de seus amigos de corte eram tais que aquilo não era suficiente. Sabe-se que sua fortuna pessoal era imensa. O reinado de Herodes, o Grande, se distinguiu pela quantidade de construções realizadas em todo o país. A mais importante foi a reconstrução do Templo. (É chamado de “segundo Templo”, pois o primeiro, construído por Salomão, foi arrasado pelos babilônios ao invadir o país, quinhentos e oitenta e sete anos antes de Jesus). A vida privada de Herodes (teve 10 mulheres), os enormes e crescentes impostos descarregados sobre o povo, sua crueldade e falta de escrúpulos, a dissipação contínua de sua corte, fizeram dele um rei temido e odiado por seus súditos. Em seu tempo, o país empobreceu e prosperaram principalmente as indústrias de artigos de luxo. À sua morte, com a divisão do reino em quatro partes (uma delas, a Galiléia, para Herodes Antipas, que aparece nos evangelhos), consumou-se a anexação definitiva da Palestina ao império romano. Herodes sabia de sobra que seus súditos o odiavam. Isso o fez viver em constante temor. Por isso criou uma guarda pessoal, que era o braço repressivo que mantinha a “segurança” daquele reino edificado sobre o sangue e o suor do povo.

Quando Mateus escreveu seu evangelho, ao contar os primeiros anos da vida de Jesus, refere-se a Herodes e lhe impinge a matança dos inocentes, ligando este fato à chegada de magos orientais a Jerusalém e a fuga para o Egito de José, Maria e o menino. Estes três relatos, os reis magos, a matança dos inocentes e a fuga para o Egito, são esquemas teológicos. A crueldade de Herodes é histórica e o é também o fato de que naquele tempo havia no Egito cidades com importantes colônias de emigrantes e exilados judeus.

O relato dos Magos do Oriente é uma forma de dizer que o evangelho não é uma mensagem só para o povo de Israel, mas para todos os povos da terra. Mateus proclama assim que Jesus veio para “os próximos e os distantes” (Is 57, 19; Ef 2, 14-17). Com as histórias da matança dos inocentes e da fuga para o Egito, põe Jesus em relação a Moisés, o grande libertador do povo. Assim como ao nascer Moisés, o Faraó havia decretado a morte de todos os meninos israelitas (Ex 1, 15-22), e assim como Moisés, já maior, teve de fugir para o sul do Egito, para dali voltar para libertar seus irmãos (Ex 2, 11-15), Mateus repete esses mesmos fatos na vida de Jesus. Em sua catequese o apresenta assim como “o novo Moisés”. Os tempos de Herodes, o Grande, foram tempos de grande enriquecimento dos poderosos e de dor para os pobres. Neste ambiente de repressão, angústia, pobreza e incertezas, este episódio situa o exílio de muitos israelitas contemporâneos de José e Maria. “Fugiam” da miséria e da perseguição.

Por outro lado, entre Israel e Egito houve desde séculos antes de Jesus relações muito estreitas. As cidades egípcias de Elefantina e Alexandria eram sede de colônias importantes de emigrantes judeus. A “diáspora” (judeus no exílio) é calculada em mais de quatro milhões de pessoas, frente ao meio milhão que vivia dentro do território de Israel. Essa emigração, tão abundante, era nutrida por israelitas acossados pela necessidade provocada pelas periódicas carestias que afligiam o país ou pela exploração a que eram submetidos os camponeses e artesãos. Naturalmente, também emigravam grandes negociantes, pois queriam estar situados em cidades mediterrâneas que eram naquele tempo os mais importantes centros comerciais.

O exílio é um mal pelo que traz de desraizamento para aquele que se exila e para sua família. O amor à própria pátria é um sentimento muito humano e dele, os homens tiraram sempre a força para trabalhar e lutar em favor de seus compatriotas. A dura hora do exílio pode talvez ajudar-nos a entender que o amor à pátria deve estar combinado com o internacionalismo, que apaga as fronteiras, que torna pátria o lugar onde se trabalha e que faz compatriotas todos os homens e mulheres justos. O internacionalismo (universalismo) é um sentimento que funda suas raízes na melhor essência do evangelho de Jesus.

(Mateus 2, 13-18)

Capítulo LXXXII

UM VELHO COM ESPERANÇA

A esplanada do Templo de Jerusalém estava repleta de vendedores. Desde muito cedo as ovelhas baliavam, as pombas revoavam e os peregrinos, que iam chegando aos milhares à capital para celebrar a festa de Pentecostes, subiam a escadaria para oferecer suas primícias diante do Senhor... Lembro que naqueles dias de espera, Maria, a mãe de Jesus, nos contou quando José e ela, também subiram ao Templo levando o recém-nascido, segundo o costume de meus conterrâneos de consagrar a Deus todos os primogênitos...

Maria: Como a criança nasceu menino, era preciso cumprir a lei de oferecê-lo a Deus, porque assim é que devia ser... Resultado, que aos quarenta dias do parto, voltamos a viajar para o sul... Eu já conhecia aquele caminho de olhos fechados... Depois de três jornadas chegamos a Jerusalém, que então não estava tão moderna e com tanto barulho... Descansamos em uma pousada que pertencia a alguns galileus, acho que por Siloé, e depois fomos ao Templo...

Um vendedor: Troco moeda, troco moeda! Grega ou romana, eu troco!

Outro vendedor: Deliiiiicia de pastel!... Deliiiiicia de pastel!

Vendedor: Água benta, para limpar ferida grande e mancha pestilenta!

Vendedor: Ei, comadre, não vá embora, venha e olhe, que olhar não paga nada!

Maria: Ai, José, olhe só esses lenços, que bonitos...

Vendedor: É de lã finíssima, experimente, moça, e vai ver como lhe cai bem...

Maria: Você gosta, José?

José: Eu não, mas se ele lhe agrada... Diga lá, camelô, quanto custa este lenço?

Vendedor: Baratinho, baratinho... Sinta só, amigo, é pura lã de Damasco!

José: Eu perguntei quanto custa...!

Vendedor: Um denário, e a senhora já o leva ao pescoço.

José: Um o quê?... Um denário por este trapo velho? Mas você acha que nós temos cara de otários? Vamos, Maria, tire isso e vamos embora...

Maria: Ai, José, mas ele é tão bonito...!

Vendedor: Presenteie sua amada, pois acredite que com um lenço assim, o rei Davi conquistou a Betsabé.

José: Pois a minha já está conquistada e não preciso disso... Deixe disso, ande, e pegue a criança... Diacho de mulheres, querem tudo o que vêem...!

Maria: Segundo a lei de Moisés devia-se oferecer todos os primogênitos ao Senhor. E vocês sabem que o preço do resgate era uma ovelha ou um bezerro se os pais fossem ricos. E, se eram pobres como nós, dois pombos...

José: Vamos lá, meu velho, preciso de dois pombos.

Simeão: Pois aqui os tem, meu rapaz. Não procure mais.

Maria: Era um velho de mais ou menos cem anos. Lembro-me que não tinha sobrancelhas nem dentes e já estava muito enrugado, como a folha da figueira no outono... Junto a uma coluna, trazia amontoadas várias gaiolas de pombas...

José: Dê-me aquelas duas... Sim, a preta e a outra... Isso mesmo... Quanto lhe devo, meu velho?

Simeão: Dois pombos, quatro asses.

José: Quatro o que?

Simeão: Dois pombos, quatro asses.

José: Ao diabo, vocês da capital! Acham que porque viemos do norte podem nos esfolar desse jeito?

Maria: Ai, José, pelo Deus bendito, não comece outra vez!

José: Começo sim, Maria, são esses trapaceiros que querem se aproveitar de um pobre camponês como eu...

Simeão: Mas, repare bem, meu rapaz, são umas pombas muito bonitas...

José: Pombas bonitas! Rá! Esta sem penas e aquela com sarna... Vamos lá, velha raposa, tome um asse e eu levo as duas!...

Simeão: O que você disse? Um asse? De jeito nenhum. Dois pombos, quatro asses.

José: Mas o que é isso, meu velho, eu...

Maria: José, eu lhe suplico, não discuta tanto! Dê o dinheiro a ele e vamos que já está ficando tarde...

José: Mas como você é tonta, Maria! Nunca que vou pagar quatro asses por esses passaricos! Como eu me chamo José, não subo mais que um asse!

Simeão: Como me chamo Simeão, não abaixo de quatro asses!

José: Pois então, até logo, velho ladrão, e enfie seus pombos...!

Maria: José, por favor!

José: ... que os enfie de novo na gaiola, é isso. Até logo!

Simeão: Espere, conterrâneo, não vá embora... Diacho com esses galileus, que gênio terrível!...

José: O que você quer agora?

Simeão: Você não precisa ficar assim, homem... Olhe, porque você tem uma linda mulherzinha, vamos lá, pegue, leve mais um pelo mesmo preço...

José: Como você disse?

Simeão: Que lhe faço três pombos pelos quatro asses que você ia dar.

José: Mas, que negócio é esse? E para que demônios eu quero três pombos? Eu preciso somente de dois para oferecê-los no Templo.

Simeão: Com o terceiro você faz uma sopinha para o menino, que é muito saborosa, não é mesmo, moça? Claro que sim, isso é o que eu faço quando não os vendo...

José: Olhe aqui meu caro, não falemos mais nisso. Tome dois asses e dê-me os pombos. De acordo?

Simeão: Nem para você, nem para mim! Fica tudo por três asses.

José: Vai pro diabo! Acima de dois não subo!

Simeão: E de três não abaixo!

José: Dois!

Simeão: Três!

José: Dois!!

Simeão: Três!!!

Maria: Ai, pelo Santo Deus, parem com isso, que o menino vai se assustar com tanto grito!... Não é nada, meu benzinho, não é nada...

José: Escute bem, velho sovina, se eu tivesse dinheiro não estaria aqui comprando pombas, está entendendo?

Simeão: Grande piada! E se eu tivesse dinheiro, tampouco estaria aqui vendendo!

José: Você não passa de um sanguessuga que se aproveita da necessidade alheia!

Simeão: Eu? Sanguessuga eu, que nem sangue tenho mais na pele? Olhe, olhe só como estou, meu filho... meio morto, está vendo?

José: Pois você vai morrer inteiro quando vier o Messias e agarrar o chicote e espantar suas pombas e lhe dar um belo pontapé no traseiro, está ouvindo?

Maria: José, não falte ao respeito com um ancião...

Simeão: Comigo? Você acha que o Messias vai fazer isso comigo?

José: Sim, com você mesmo, matusalém, com você e com todos esses bandidos que negociam com as coisas de Deus!

Simeão: Comigo não, filho, comigo não. Eu vendo pombas no templo como se vendesse berinjelas na praça ou o que aparecer para poder viver. Veja bem... eu sou um infeliz... E não tenho medo do Messias, está sabendo? Porque o Messias terá piolhos na cabeça como eu. E não terá comido uma comidinha quente há sete dias, como eu. E não terá onde reclinar a cabeça, como eu. Você não acha que eu e o Messias poderemos nos entender muito bem?

José: Bom, meu velho, aí sim você tem razão...

Simeão: E você e eu também podemos nos entender muito bem, rapaz. Porque veja só, nós dois somos uns mortos de fome, não é mesmo? Então por que ficar brigando, diga-me?

Maria: Era isso que eu queria dizer já faz um bom tempo...

Simeão: Guarde a chibata para os outros, rapaz, para os que estão refestelados em seus palácios... Esses é que farão guerra com o Messias quando ele vier... Venha cá, olhe bem, está vendo todas aquelas mesas de moedas, e os currais das vacas e todo esse gado? É tudo da família do Beto!... “Os filhos do Beto, tão religiosos, tão piedosos...” Com a boca cheia de Deus e os bolsos cheios daquilo que roubam de nós... Ai, meu filho, se eu lhe contasse... Mas chegará, chegará o dia da verdade, eu acredito que chegará!

José: É isso mesmo, vovô, é assim que se fala!

Maria: Parem com esse alvoroço, caramba, que por aqui há muita gente que a gente não conhece!

Simeão: Pois eu grito e não me importo! Olhe este templo, rapaz! Faz vinte anos que o safado do Herodes o está enfeitando, colocando mármore e forrando-o de ouro. E, diga-me você, para quê? Para que Deus fique mais acomodado? Não, Deus não precisa de nada disso. Pois quando o Senhor ia pelo deserto com Moisés lhe bastava uma tenda de campanha! Todo esse luxo é para eles, os que levantam as mãos para Deus, mas logo depois dobram os joelhos para o bezerro de ouro!

Maria: Vocês acordaram o menino com tanta gritaria, diacho com vocês!

Simeão: Pobrezinho, pobrezinho... É que a gente se emociona quando topa com jovens como vocês que têm a mente clara... Ah, caramba, no meu tempo as coisas eram diferentes... Nós jovens falávamos do Messias, discutíamos, brigávamos para ir conhecer os filhos dos Macabeus... Agora não. A juventude de agora só quer se divertir e só pensa em passar bem... se vêem uma roupa nova, dão até os olhos para poder compra-la...

José: Essa é para você, Maria...

Simeão: Alguns passam por aqui e me dizem: “Deixe disso, velho, esse mundo não tem mais jeito. Você vai morrer e tudo continuará a mesma droga”. E eu digo que isso é o que eles querem, fazer engolir essa história de que as coisas não podem mudar. Claro que podem! Com jovens como vocês se pode sacudir a floresta!

José: Com a gente e com os que vêm empurrando atrás, vovô... Veja só esse moreninho... Sabe que nome lhe pusemos? Jesus, nome de valente. E vamos criá-lo com leite de camela para que saia teimoso como Moisés diante do faraó, não é mesmo, meu garoto, não é mesmo?...

Simeão: Jesus... Bonito nome... e mais bonito ainda o menino... E se parece com os meus quando estavam assim pequenos...

Maria: Você tem filhos, vovô?

Simeão: Tive dois, moça. Um morreu ainda muito jovem... Pegou uma febre danada e eu não tinha um cêntimo para pagar o médico... O outro mataram... Quando já tinha idade, meteu-se com os grupos da Peréia. Os guardas de Herodes o pegaram e... Ahhh... Prepare-se, moça, que se você criar esse menino como um lutador, um dia uma espada lhe partirá o coração... como aconteceu comigo...

Maria: Ai, vovô, por Deus, não diga uma coisa dessas...

José: Vamos lá, meu velho, não vá ficar triste agora, porque com o calor que está fazendo, pode pegar uma febre braba!

Maria: Simeão, aquele velho vendedor de pombas, com os olhos marejados, me pediu para segurar o menino...

Simeão: Que menino mais bonito você teve, moça! Que o Deus de Israel o abençoe do alto do cocoruto até o dedinho do pé!

Maria: Ai, sim, que Deus o ouça!

Simeão: E que você possa criá-lo bem, que o veja crescer e tornar-se um homem...

José: E que você também o veja, vovô...

Simeão: Ai, filho, eu já estou com um pé na sepultura e o outro quase pela metade... Esses olhos já viram muita coisa... Vi todo tipo de violência que se comete debaixo do sol... Tanto choro de inocentes esperando um consolo que não chega... Tanta risada de sem-vergonhas sem que ninguém ajuste as contas com eles... Lá se vão cem anos esperando a libertação do meu povo... Mas, vejam, quando ouço vocês falarem, é como se uma luzinha se acendesse no meio da noite... Sim, eu tenho certeza. Deus não faltará à sua promessa. Nosso povo será livre algum dia...

Maria: O velho Simeão deu um beijo no menino e o devolveu a mim...

Simeão: Pegue-o, moça. Eu já posso morrer tranqüilo. Neste menino e naqueles que virão depois está a salvação de Israel e a esperança de tantos povos que sofrem igual ao nosso. Sim, sim, logo seremos livres, sinto no coração! O Messias está perto, muito perto de nós!

Maria: Ó, meu velho, por Deus, não grite!... Há uma mulher andando por aí, com uma cara meio esquisita... Eu acho que já faz um bom tempo que ela está nos espreitando...

Simeão: Quem? Essa velha?... Não, filha, essa é de confiança... Ana, venha cá!

Maria: Ela tinha o mesmo nome da minha mãe e era uma velha gorda, toda vestida de preto, com uma cara redonda e risonha...

Ana: O que é agora, Simeão?

Simeão: Nada, mulher, estamos aqui dando com a língua nos dentes com esse casal de galileus que veio apresentar seu menino...

Ana: Deixe-me ver... Ai, que molequinho mais lindo... nhãnhã!... Ensine-o a rezar, menina, que é de pequenino que se torce o pepino...

Simeão: Isso é a única coisa que você sabe dizer, reza que reza, como se tanta oração fosse embromar Deus...

Ana: Pelo menos, mantenho minha boca entretida, sabem? Assim a gente se esquece da fome...

José: E o que você pede a Deus, vovó?

Ana: E o que vou pedir, meu filho? Lá se vão oitenta e quatro anos pedindo sempre a mesma coisa. Desde que fiquei viúva, e isso já faz muito tempo, eu digo a Deus: “Escolhe: ou me manda outro marido ou me manda o Messias para que me faça justiça, porque desse jeito não há quem agüente...!” E eu lhes juro que Deus vai se cansar de ouvir essa ladainha, antes que eu desista de repeti-la!

Simeão: Pois, sabe de uma coisa, Ana?... Eu acho que Deus já está ouvindo você. Com jovens como esses iremos pra frente... Nós já estamos indo pra trás, Ana. Mas a tocha de Israel não se apagará...! Vamos lá, rapaz, pegue seus dois pombos e ofereça-os por este menino!... E vão logo, antes que lhes fechem a porta!

José: Espere um pouco, vovô, olhe, tome... os quatro asses que me pediu antes...

Simeão: Não, meu rapaz, eu os dou de presente... Isso mesmo, são seus...

José: Não, vovô, o senhor tem que comer... tome os quatro asses...

Simeão: De jeito nenhum, já disse que é um presente!

Maria: Valha-me Deus, agora é a briga ao contrário!

Maria: E subimos pela escadaria que dá ao átrio das mulheres para cumprir a cerimônia da purificação e apresentar nosso filho diante do altar do Senhor... À saída do Templo, na esplanada, já não vimos mais o velho Simeão... No dia seguinte o procuramos, mas Ana, a rezadeira, nos disse que não tinha vindo porque estava doente... No ano seguinte, quando viajamos a Jerusalém, perguntamos por ele, mas ninguém soube nos dizer o que havia acontecido com o vendedor de pombas...

As leis de Israel relativas à “pureza” consideravam que o parto deixava a mãe “impura” diante de Deus. Acreditava-se que o parto, como as regras da mulher ou o derramamento do sêmen do homem eram uma perda da vitalidade e que, para recuperá-la, deveriam ser feitos certos ritos e restabelecer com eles a união com Deus, fonte da vida. Se a mulher houvesse dado à luz um homem ficava impura durante quarenta dias e se houvesse tido uma menina, durante oitenta. Quando passasse esse tempo, devia apresentar-se no Templo para purificar-se, oferecendo um sacrifício de um cordeiro e uma rolinha. Se fosse pobre – e este era o caso de Maria – bastava oferecer duas rolinhas ou pombos (Lv 12, 1-8). As mulheres que esperavam para serem purificadas pelo sacerdote, se reuniam no Templo, na porta de Nicanor. Esta porta unia o átrio até onde podiam entrar as mulheres, com o átrio dos homens. Ali se purificavam também os leprosos que ficassem sãos e se faziam as provas das mulheres que fossem suspeitas de terem cometido adultério.

Jerusalém era o mais importante centro comercial do país. À capital chegavam produtos de todas as regiões e também do estrangeiro. Havia vários mercados: de cereais, de frutas, de legumes, de gado, de madeira... Existia também um lugar para expor e vender escravos – estrangeiros sempre. Tudo era apregoado aos gritos para animar a clientela. Era preciso ter especial cuidado no momento de comprar, pois na capital se usava uma medida de peso diferente do restante do país e também usava-se moeda própria. Tudo ali era mais caro, especialmente a comida, o vinho e o gado. Se em Jerusalém se comprava três ou quatro figos por um asse, no campo se conseguia pelo mesmo preço dez ou até vinte figos. Perto dos grandes comerciantes havia pequenos negócios de tendeiros ou revendedores menores e muitíssimos vendedores ambulantes.

As tendas para o comércio dos animais que se vendiam para os sacrifícios – cordeiros, cabritos, bezerros, pombas – estavam colocadas na enorme esplanada do Templo. Naquele átrio todos podiam entrar, mulheres e estrangeiros. Foi dito com frequência que o velho

Simeão era um sacerdote funcionário do Templo, mas o texto evangélico não dá base para tal tradição. Neste episódio ele aparece como um dos pequenos comerciantes que ganhavam a vida vendendo animais para os sacrifícios do Templo.

A partir daquele posto de vendedor, Simeão seria um testemunho perene da atividade diária do Templo. Conheceria bem todos os que ali serviam aos grandes sacerdotes – negociantes e beneficiários máximos do que se vendia no Templo. Saberria também dos sentimentos religiosos do povo que se congregava naquele edifício suntuoso, deslumbrado por sua enormidade e riquezas. Este seria o ambiente diário do velho Simeão. Em meio a ele, soube manter acesa sua confiança no Deus libertador de Israel, sua esperança de mudança, seu anelo por justiça, seu desejo de que com a chegada do Messias, aquele Deus “preso” no Templo se aproximasse definitivamente dos pobres. Nesse ambiente, o velho Simeão teria também se convertido em um “desenganado”, em um cético. Sua velhice o havia tornado sábio, lhe havia tirado o entusiasmo pelo que não merecia e lhe havia aberto definitivamente os olhos. Como aquele Qoélet (capítulos 1-6 do Livro do Eclesiastes), que deixou nas Escrituras uma sabedoria tão profundamente humana, fruto de sua observação da vida e de seu anelo pela justiça de Deus. O velho Simeão e a velha Ana mantinham-se abertos à esperança de que o Messias iria vir. E naquele pobre e jovem casal com um menino recém-nascido nos braços, souberam alimentar essa esperança que sempre traz a vida que começa.

(Lucas 2, 22-38)

Capítulo LXXXIII

UM DIA COMO OUTRO QUALQUER

João: E Jesus aprontava muita confusão quando menino, Maria?

Maria: Confusão?... Mais que todos os cavalos juntos de Nabucodonosor... Santo Deus! Não parava quieto um momento sequer... José dizia que ele era feito de rabo de lagartixa...

Certa noite, na casa de Marcos, Maria recordava em voz alta seus primeiros anos de casada, em Nazaré, aquele povoadinho galileu, pobre e pequeno, onde Jesus passou quase toda sua vida...

Maria: Um tomate se parece com outro tomate, não é mesmo? Pois com os dias em Nazaré acontecia a mesma coisa: todos eram muito parecidos... Quando os galos cocoricavam o terceiro canto, a casa inteira se remexia como uma caneca de leite fervendo...

Maria: Bem, está começando outro dia...

Jesus: Vovô, vovô, abre os olhos que a noite já acabou...! Já acabou a noite, vovô!

Avó: Valha-me Deus com esta criatura!... Acorda mais fresco que a chuva...

Jesus: Vovô, vovô, vamos...

Maria: Jesus, filho, deixe o vizinho dormir mais um pouco...

Jesus: Não, ele prometeu que ia me ensinar a fazer nós...

Avó: Olhe que lhe faço um nó é nessa língua... Diacho de cachorro que se mete em toda parte!... Jesus, tire-o daí!

Jesus: Mas esse é o lugar dele dormir, vovó...

Maria: Éramos muitos em casa: os pais de José, o tio Lolo, que estava doente e quase não podia se mexer... Tínhamos que fazer tudo para ele, pobrezinho... Duas sobrinhas de José, que haviam ficado órfãs ainda pequenas, e nós três... Ah, e o Mocho, um cachorro que Jesus havia encontrado na rua... Era como um irmão com rabo... Dormia com ele, comia com ele, ia com ele para todo lugar... Preto, com uma orelhinha branca, ainda me lembro...

Uma prima: Tia, quero leite!

Outra prima: Eu quero um ovo!

Maria: Esperem um pouquinho... Tenham paciência, olhem que ela foi uma boa companheira para Jó... Bem, não foi tão boa assim com o pobre coitado, mas... Jesus, filho, traga-me um jarro de água para lavar o tio Lolo...

Jesus: O tio Lolo está bem ruinzinho não é, mamãe?

Maria: Sim, filho, ele está bem ruinzinho.

Jesus: Ele nunca brinca comigo.

Maria: Mas é por isso, filho, porque ele está muito mal... Ui, mas veja só seu pai, ainda está dormindo... José, levante, homem, vamos!... Eu não sei como consegue dormir com essa balbúrdia... Vamos, que o sol já saiu!

José: Ahummmm...! Sabe o que eu estava sonhando, Maria? Que consegui um trabalho. E adivinha quanto iam me pagar? Cinco denários por dia! Sim, sim, é o que você ouviu...! O que você acha, heim?...

Maria: Pois... eu acho que foi só um sonho... mas que nos faria muito bem, não acha?

José: Bom, você vai ver como hoje aparecerá alguma coisa... Vou agora mesmo a Caná... Até mais, preciosa!

Maria: Mas, como você vai assim, sem tomar nada quente?

José: Tomarei alguma coisa por aí... Com as tripas vazias a gente caminha mais ligeiro... Deseje-me sorte, Maria...

Maria: Que Deus te dê, José...

José: Voltarei pela tarde... Tchau, filho!

Jesus: Dê um beijo também no Mocho, papai, se não, ele fica com inveja...

José: Está bem, tchau, pateta!

Prima: Tia, quero leite!

Outra prima: Eu quero um ovo!

Jesus: Mamãe, como essa prima é malcriada, não?

Maria: Pois se parece com alguém que eu conheço... Jesus, meu filho, vai ver se as galinhas puseram algum ovo... Traga um para a menina, ande...

Jesus: Lá vou eeeeeuuu...! Vamos, Mocho, ande... vamos!...

Maria: Deus aperta mas não afoga... E assim vamos indo...

Maria: No meio da manhã, nós mulheres nos reuníamos na fonte para lavar a roupa... Éramos todas amigas, umas mais chatas que as outras, mas todas sempre dispostas a dar uma mãozinha...

Vizinha: E José... já encontrou trabalho?

Maria: Hoje foi a Caná... Vamos ver se arranja alguma coisa... É aquilo de sempre, hoje ganha um não e amanhã um talvez...

Vizinha: Você vai ver, tudo se arranja, mulher... Ei, Nuna, passe-me a pedra!

Maria: É que você nem imagina o que é cuidar de Jesus... Já está esticando e tem uma fome... Claro, está crescendo...

Vizinha: Crescendo e agitando... Sempre anda aprontando alguma... Esse menino lhe saiu bem arteiro...

Maria: Uff!, nem me diga...! Sabe Deus onde andarás metido agora...!

Maria: Jesus andava com seus amigos em um barranco atrás do povoado...

Jesus: Agora é você, vamos ver quem consegue dar mais pulos seguidos. Dentro desta lama...! Ei, dentro desta lama...! Primeiro você, Nenê...!

Um menino: Só três, que lixo!... Agora você vai ver...

Nenê: Cinco!... Você é o rei!

Jesus: Espere, ainda falta eu!... Vou dar sete!

Menino: Você não vai dar nem dois, Jesus, nem dois sequer... Você vai ver!

Jesus: Fique aí, Mocho, e veja o que eu consigo fazer... Vai ver!

Nenê: Cinco...! Empatados!

Menino: Tem que desempatar entre Jesus e eu!

Nenê: E como desempatamos...?

Jesus: Bom... bom... vamos ver quem mija mais longe!... Esse ganha...

Menino: Aponte para o lado de lá, não me molhe!...

Jesus: É três, é dois, é um!... Vou ganhar!, vou ganhar!

Menino: Ei, olhem, as meninas estão chegando...

Jesus: Escondam-se, escondam-se... Vamos dar um susto nelas!...

Jesus: Ei, mamãe, o que tem para comer?

Maria: O de todos os dias. Lentilhas e ... mas, por Deus santo, Jesus, de onde você vem assim?

Jesus: Brincamos e eu me sujei. O Mocho também sujou as patas, mas já não está...

Maria: Já não está... E você está, não é mesmo?... Embarreado dos pés à cabeça... Parece Adão no paraíso...

Jesus: Que Adão, mamãe?

Maria: Pergunte ao rabino esta tarde... E ande, ande, tire logo esta roupa...

Jesus: E ficar só de cueca?

Maria: Menino, como vai ficar só de cueca? Ponha, nem que seja uma túnica do seu pai...

Jesus: Mas ela fica arrastando!

Maria: Vou acabar é arrastando você pelas orelhas. Ande logo!

Maria: Sentamo-nos sobre o chão de terra, com o caldeirão de lentilhas no meio e que sempre era pequeno. Éramos muitas bocas para comer...

Jesus: Mamãe, eu quero mais...

Maria: Mas, não há mais, filho...

Avó: Dê-lhe um ovo. Dizem que endurece os ossos. Quando os meninos estão crescendo, é a melhor coisa.

Prima: Eu também quero um ovo!

Jesus: Esta parece uma galinha, está sempre cacarejando... Tome, galinha!

José: Já estou de volta...

Maria: Mas, José, você não disse que viria lá pelo fim da tarde...?

José: Pois cheguei agora, você está vendo...

Maria: E aí?

José: Nada.

Maria: Nada...?

José: Nada, nada, o que quer que lhe diga? Nada. Não há trabalho em toda a Galiléia.

Avó: E como vai haver se ele se juntou todo nesta casa?

José: Deixe as lorotas para outro dia, velha.

Maria: Venha, José, sente-se e coma alguma coisa...

José: Não tenho fome... Vou ver o Boliche. Ele esteve em Naim. Vamos ver se encontrou alguma coisa por lá... Porcaria de vida esta!...

Jesus: Papai está triste, Mocho... Não é mesmo, mamãe?

Maria: Sim, Jesus. Para se poder comer ovos e lentilhas tem que trabalhar... Os ricos, não... Eles não trabalham e têm sempre a barriga cheia, mas nós...

Maria: Passamos temporadas assim em que José não encontrava trabalho... Eu me arranjava como podia... a sopa se esticava com água e as dores se espantavam cantando, o que íamos fazer...?

Maria: A massa já está pronta, não, sogra?

Avó: Sim, filha...Pelo menos, que não nos falte o pão... Escute, onde Jesus se meteu agora?

Maria: Na sinagoga. Assim ele fica um pouco sentado...

Avó: Com certeza ele foi com o Mocho.

Maria: Claro que sim, vovó. Você não sabe que o Mocho também tem que aprender as Escrituras? Jesus diz que os cachorros também cantam a Deus quando latem!

Maria: Jesus ia à Sinagoga todas as tardes...

Jesus: Rabino, minha mãe me disse que eu parecia com Adão.

Rabino: Disse isso porque você é filho de Deus, como o primeiro homem que Deus fez...

Jesus: Não, rabino, disse Adão ralhando comigo

Rabino: Então é por você ser desobediente, Jesus.

Jesus: Mas eu não desobedeci. Só estava sujo.

Rabino: Já estou entendendo, garoto, porque sua mãe disse isso... Deus tirou Adão do barro. E com certeza você estava todo enlameado, não é isso, Jesus?

Menino: Rabino, este menino cuspiu em mim!

Rabino: Calma, calma... Agora é hora de escutar, não de cuspir... Vamos ler essa história de quando Deus criou o primeiro homem do pó da terra...

Maria: A cada tarde o rabino Manasses, aquele velho cheio de paciência e já um pouco cego, o mesmo que havia circuncidado Jesus, desenrolava os livros santos e ensinava os meninos de Nazaré a ler neles.

Rabino: Vamos lá, filho, acheque o livro mais perto que as letras estão dançando... Mais perto... Isso... Venha, Jesus, leia aqui... sim, aqui...

Jesus: “Cagamos com fome”.

Rabino: O que você disse, filho?

Jesus: Cagamos com fome, é isso que diz aí.

Rabino: Deixe-me ver... “Façamos o homem”. Vamos, continue...

Jesus: “Sigam e baixem”...

Rabino: Estou dizendo para continuar...

Jesus: “Sigam e baixem”...

Rabino: Mas, o que você disse?... “Segundo à imagem”... Traga aqui... “Segundo à nossa imagem”...

Jesus: Segundo à nossa imagem...

Rabino: E...

Jesus: E...

Rabino: Nossa...

Jesus: Nossa...

Rabino: se...

Jesus: se...

Rabino: seme...

Jesus: seme... se meleca!

Rabino: Quem se meleca?

Jesus: É o que está aí, sei lá...!

Rabino: Semelhança!... Mas, que menino!

Menino: Jesus não sabe ler! Jesus não sabe ler!

Jesus: E você muito menos!

Rabino: Silêncio, garotos, façam um pouco de silêncio!

Maria: As horas da tarde passavam mais tranquilas. Quando caía o sol, os camponeses voltavam às suas casas, cansados da lida do dia. Lavavam-se os pés e iam jogar dados... Ao chegar a noite, a fresca do norte corria por Nazaré e dava vontade de conversar. Como todos já estavam dormindo, inclusive o Mocho, e a casinha era tão pequena que não dava nem para dar um passo, José e eu saíamos às vezes para fora e nos sentávamos na terra seca, recostados na parede da nossa casa...

Maria: Ufff... estou moída...

José: Olhe, Maria, hoje ao meio dia eu estava meio nervoso porque...

Maria: Deixe pra lá, José... a gente já se conhece bastante... Como deixar de ficar nervoso depois de caminhar tantas milhas debaixo do sol...? Mas, conte-me, o que o Boliche disse do trabalho em Naim...?

José: É bem capaz que vão contratar mais uma dezena de homens para a fazenda...

Maria: Pois então... segure esse galho!

José: E se não, vamos ter de comer vento...

Maria: Não, homem, não seja tão pessimista... Deus não vai nos deixar na mão... Olhe, não está vendo como nosso garoto está crescendo tão sadio...? E assim, todos estamos indo adiante... E você e eu nos amamos tanto... O senhor precisa de mais alguma coisa...?

José: Você tem razão, Maria... Ai, caramba, você sempre tem razão!... Ahh... Bom, um beijo e já para a cama, que amanhã temos de madrugar...

Maria: Olhe só quem diz... o dorminhoco mais dorminhoco de Nazaré!

Maria: Nossa vida era assim... Quase não há nada para contar sobre aqueles anos... Trabalhávamos muito, e nos amávamos ainda mais... E Jesus crescia e se tornava mais forte e mais alto e aprendia mais coisas... Deus estava com ele.

Sobre o que foi a vida de Jesus durante os longos anos de sua infância, sua adolescência e juventude, o evangelho não diz nada. Só a cena do menino perdido no templo rompe esse silêncio. Isso indica que a vida de Jesus não teve absolutamente nada de especial durante este amplo período de tempo. Para imaginarmos como foi temos que conhecer o ambiente social e cultural de Nazaré daquele tempo, os costumes que tinham aos camponeses do lugar etc. Tudo o que dissermos desta etapa será sempre por aproximação, nunca o saberemos com exatidão.

Para indicar a “normalidade” da vida de Jesus durante estes anos, Lucas diz que “o menino crescia em idade, em sabedoria e em graça”. Como cada um de nós, Jesus foi se desenvolvendo física, intelectual e espiritualmente com o passar do tempo. Aprendeu a caminhar, a falar, a rezar, a ler, a querer, a trabalhar. Foi aprendendo de tudo o que via e ouvia. Ele não nasceu com um pacote de sabedoria debaixo do braço. Teve que descobrir. Duvidou e se enganou muitas vezes. E ao mesmo tempo em que seu corpo ia crescendo e seus ossos e seus músculos se desenvolviam, também em seu conhecimento de Deus seu coração foi evoluindo. Cresceu “em graça”: foi compreendendo o que Deus queria dele, qual era sua vocação. Sua vida, como a de qualquer um de nós, esteve submetida a um processo de crescimento. Cresceu seu corpo, sua inteligência, sua vontade, sua fé, sua esperança... Igual em tudo a nós.

O menino Jesus não fez “milagres” nem deslumbrou a ninguém por nada durante aqueles longos anos. Fazer dele um “menino modelo” que só obedece, cala e reza, é transformá-lo em alguém insuportável. Jesus teria brincado, feito travessuras, teria amigos, brigaria com eles, riria... Como qualquer menino sadio. Aprenderia através das preocupações de José e de Maria a dura realidade da vida, cheia de insegurança e problemas. Conheceria a bondade de Deus através do amor que lhe tinham seus pais e através do que ia aprendendo nas Escrituras que lia na sinagoga.

A única escola que tinham os meninos de uma aldeia como Nazaré e de todas as cidades pequenas era a sinagoga. Ali, onde a cada sábado se reunia a comunidade para rezar e escutar as Escrituras, os meninos também aprendiam a ler. Não se considerava que as meninas tivessem necessidade de saber e só as famílias melhor situadas na capital recebiam alguma instrução. Os meninos aprendiam a ler nos textos da Bíblia. Por isso, o ensinamento não era só uma aprendizagem mecânica de unir palavras e frases, mas um modo de familiarizar-se com a tradição de seus ancestrais. E, através disso, um modo de transmitir-lhes a fé em Deus, contínuo protagonista das páginas daqueles livros.

A idéia que às vezes se faz da “casinha de Nazaré” é totalmente falsa. Ela é descrita como uma casa pobre, onde Maria costura em paz e José em um quarto nos fundos serra madeira enquanto reza. É uma imagem irreal. As casas de Nazaré eram feitas aproveitando as grutas naturais da colina onde estava assentada a aldeia. Eram pequeníssimas, praticamente usadas só para dormir e o mais habitual era que vivessem dentro de cada uma muitas pessoas, pois as famílias eram numerosas e as obrigações dos filhos para com os pais, seus irmãos, seus primos, eram algo sagrado que todos respeitavam. O ambiente era de extrema pobreza. Viviam-se o dia com a agonia contínua para o pai de família em conseguir algum trabalho. As mulheres trabalhavam também, não só nas tarefas domésticas mas também nas lidas agrícolas

ajudando seus maridos. Este foi o quadro onde Jesus se criou, onde cresceu, onde tomou consciência das necessidades e esperanças de seu povo, onde amadureceu sua fé em Deus. Nessa simplicidade, da qual quase nada se pode dizer, porque tudo carecia de destaque, forjou sua personalidade, na qual Deus se nos revelou de forma definitiva.

(Lucas 2,39-40 e 51-52)

Capítulo LXXXIV

PERDIDOS NO TEMPLO

Naquele verão, esperando a festa de Pentecostes e conversando sobre mil coisas, Maria nos contou o que aconteceu na primeira vez que Jesus veio a Jerusalém. Já havia completado os doze anos e, segundo os costumes de Israel, nessa idade os meninos subiam para comer a Páscoa na cidade de Davi...

José: Como os anos passam, santo Deus...! Pensar que esse ranhento já pode entrar no Templo e até ler as Escrituras!

Maria: Você já é maior de idade, Jesus!

Uma velha: Pois anote aí, anote aí, que este menino tem em cima mais maldades que piolhos!... Vamos ver se na capital ele cria algum juízo!

Maria: Saímos de Nazaré com outras famílias uns dias antes da Páscoa. Depois de umas milhas, nos unimos aos peregrinos que vinham de Cana e de Naim. Entre aqueles conterrâneos, viajavam vários meninos da idade de Jesus. Logo ficaram amigos. Eu me lembro que um tinha cabelo ruivo e magricela e outro era meio gordinho... Como eles tinham as pernas mais ligeiras, foram na frente de nós...

Quino: Dizem que em Jerusalém há um lugar grande onde correm cavalos e se aposta muito dinheiro...

Tonel: Contaram-me que há uma praça onde fazem concurso de pombos. Temos que ver isso, Jesus.

Jesus: O que eu quero é chegar de uma vez... Escute, senhor, já estamos perto da cidade?

Velho: Em uma hora mais ou menos nós a veremos, rapaz, numa curva do caminho.

Jesus: Ouviram?... Eia, vamos dar uma corrida para sermos os primeiros!!

Velho: Cuidado com os barrancos, garotos, o caminho é perigoso!... Ai, Deus, que meninos mais sapecas...

Maria: Quando chegamos à curva que chamam dos peregrinos, começamos a cantar. Jerusalém brilhava diante dos nossos olhos. As torres, as muralhas, os palácios e, no meio de tudo, o Templo, nos davam as boas vindas. Nós, com os cantos antigos de nossos avós, desejávamos à cidade de Davi a paz e a felicidade...

José: Que lhe parece, Jesus?

Jesus: Eu nunca pensei que pudesse haver tantas casas juntas, papai!

Maria: Vamos, vamos, se não ficamos para traz...!

Maria: Foram uns dias muito bons... Lembro que com muitos galileus comemos juntos a Páscoa em um albergue de Siloé... Jesus esquadrinhou a cidade de cima abaixo com seus amigos, metia-se em todos os cantos, falava com todo mundo... Eu pensei então que, por ser um camponês, ele havia se saído até muito esperto... No dia que regressávamos à Galiléia, passamos antes pelo mercado...

Um vendedor: Pulseiras, pulseiritas para as meninas bonitas!... Senhoras, levem para o norte uma lembrança do sul...!

Maria: Ficamos um pouco olhando as barracas dos vendedores. Creio que foi ali onde Jesus e seus dois amigos se separaram do grupo...

Jesus: Pshh!... Ouçam, venham aqui...!

Tonel: O que foi, Jesus, o que foi?

Jesus: Por que não vamos ao Templo...? Ei, Quino, venha!

Quino: Sim, sim, boa idéia... Corre, corre...!

Maria: Àquelas primeiras horas da manhã não havia tanta vigilância no Templo e, por isso, os meninos encontraram o campo livre...

Jesus: Por aí se vai ao altar onde cortam o pescoço das ovelhas... No outro dia não deixaram passar.

Quino: E eu acho que hoje muito menos... Olhe aquele sujeito ali...

Jesus: Phss!... Vamos nos esconder atrás das colunas e quando o guarda passar para o outro lado, nós subimos...

Maria: Quase sem se dar conta, já havia se metido no átrio onde só podiam entrar os sacerdotes...

Jesus: Phss!... Não faça barulho, Tonel...

Tonel: Olhe, ali está o altar... Vamos vê-lo de perto...

Jesus: Eu quero tocar na pedra... vamos!

Quino: Cuidado, Jesus aí vem vindo um velho...!

Maria: Saíram correndo entre as colunas, mas o sacerdote correu mais que eles...

Safed: Bem que eu queria agarrar vocês!... Mas, que atrevimento é este?

Jesus: É que... é que queríamos ver a pedra...

Safed: E de onde vocês são, seus mequetrefes?

Tonel: Da Galiléia. Viemos para a festa... mas já íamos embora...

Quino: Só queríamos ver... É muito bonito...

Safed: Sim, é muito bonito, mas não se pode ver. É proibido.

Jesus: E por que é proibido?

Safed: Porque aqui só os sacerdotes podem entrar.

Jesus: Ah... e por que?

Safed: Como por que?... Que garoto mais perguntão é você!... Como se chama?

Jesus: Jesus. E este é Quino. E este outro é Samuel, mas como é muito gordo, o chamamos de Tonel.

Safed: E a vocês, ranhentos da Galiléia, ninguém ensinou que este é um lugar santo, um lugar santíssimo...? Aqui só podem entrar os homens santos...

Jesus: Então... o senhor é um santo?

Safed: Eu?... Não, eu não, eu sou um grande pecador... Meu Deus, tenha misericórdia deste pobre pecador!

Jesus: Então, como o senhor está no lugar santo...?

Safed: Porque eu sou sacerdote, filho.

Tonel: E os sacerdotes são santos...?

Safed: Vejam, garotos... como vou dizer...? É preciso distinguir entre a santidade do ofício e a fragilidade do oficiante...

Jesus: Ah, sei... Mas eu não distingo.

Safed: Pois é preciso distinguir. Vou lhes dar um exemplo. O rabino Aziel diz que se pegamos uma fruta de casca amarga... Não, não, ele diz que se tirarmos a casca de uma fruta... Bom, não

estou me lembrando muito bem agora... Além disso, já chega por hoje... Não posso perder tempo com uns pirralhos como vocês...

Outro sacerdote: O que está acontecendo por aqui, mestre Safed?... Por onde entraram estes meninos...?

Safed: É isso que eu estava dizendo... Não sei por onde entraram, mas sei por onde vão sair...

Sacerdote: Acontece de vez em quando, sim, mestre Sefed, acontece com frequência. As criaturas querem contemplar de perto a beleza imaculada da casa de Deus... Não é isso, meus filhos...?

Tonel: É, só queríamos ver...

Sacerdote: Pois olhem, filhos, olhem... Tudo isso é maravilhoso...!

Jesus: Mestre, e o que há ali dentro...?

Maria: Jesus, com os dedos sujos de terra, apontou para o Santo dos Santos, o lugar mais sagrado daquele enorme edifício que era o Templo de Jerusalém...

Sacerdote: Ali dentro?... Ali dentro, meu filho, está a Presença de Deus!

Tonel: A Presença de Deus...!

Jesus: E o senhor já viu Deus, mestre...?

Sacerdote: Não, eu não vi.

Jesus: Então, como sabe que ele está ali?

Sacerdote: Por que está. É um mistério.

Quino: Não se pode ver, Jesus... Meu avô dizia que quem vê Deus, estica as botas.

Jesus: Isso é verdade, mestre?

Sacerdote: É verdade, filho. Quem vê o rosto de Deus, cai morto.

Jesus: Pois então ele deve ser muito feio...

Sacerdote: Não, filho, não diga isso. Deus não é feio nem bonito. Deus não é alto nem baixo, nem forte nem adoentado... Deus é espírito puríssimo!

Tonel: E o que é isso de “espírito puríssimo”?

Sacerdote: Espírito Puríssimo?... Como vou lhes dizer...? Quer dizer que Deus é intangível, inalterável, inabarcável, inodoro, incolor...

Tonel: Inodoro...!

Sacerdote: ... inenarrável, incompreensível, inimaginável, infinito, incomensurável... Compreende agora como é Deus?

Tonel: Sim, claro...

Jesus: Mestre, e todas essas coisas que o senhor disse cabem aí dentro?

Rabi Sifar: O que significa esta reunião aqui...? Dá para ouvir de lá da porta...

Sacerdote: Fico contente que chegou, rabi Sifar... Venha conhecer esses meninos... São muito inteligentes... Serviriam para a nossa escola...

Sifar: Ah, sim? Gostariam de vir conosco, filhinhos...?

Quino: Vir aonde...? Nós vamos para a Galiléia...

Sifar: Digo vir para a escola de sacerdotes. Muitos jovens vão para lá. E chegam a ser dignos servidores do Templo.

Jesus: E o que eles fazem nessa escola...?

Sifar: Meditar de dia e de noite as Santas Escrituras...

Tonel: De dia e de noite...!

Quino: E para que fazem isso, mestre?

Sifar: Para conhecer melhor a Deus...

Jesus: E para que querem conhecê-lo tanto...?

Sifar: Para entender mais sua palavra, filho.

Jesus: E depois...?

Sifar: Continuar... continuar meditando. Nunca se termina de entender a Escritura Santa, filho. É preciso meditar nela sem descanso.

Sacerdote: No entanto, a mesma Escritura fala do repouso do justo, rabi.

Safed: Mas não é este o caso, mestre Sifar.

Sifar: Mas é um caso parecido. Ademais, isso não tem nada a ver com a pergunta do menino!

Safed: Tem a ver sim, tem a ver sim!

Maria: Já estávamos saindo pela Porta do Peixe quando nos demos conta de que Jesus não estava na caravana dos galileus...

Maria: Comadre Elisa, você viu o seu menino...?

Elisa: Ai, não, dona Maria, eu pensei que ele estava com o seu...

Maria: Claro que ele está com o meu, mas por aqui não está nem um nem outro...

Elisa: A última vez que os vi estavam com o filho daquela senhora, aquele gordinho que chamam de Tonel...

Maria: Ai, meu Deus, perder-se nesta cidade, com tantos perigos!... José!... José!...

José: Mas, que agitação é essa, Maria?

Maria: Jesus está com você?

José: Não, pensei que estava com você...

Maria: Pois eles ficaram bobeando em alguma esquina e se perderam! O filho da comadre Elisa e o daquela senhora estão com ele...

Uma vizinha: Ai, meu Samuel, ai, meu Samuelzinho!

José: Fique calma, senhora, se estiverem perdidos, já os encontraremos... Vamos, vamos voltar pelo mesmo caminho... Não podem ter ido longe...

Maria: Enquanto a caravana de nossos conterrâneos saía da cidade rumo ao norte, José, eu e os pais dos outros meninos fizemos meia volta e fomos procurar os meninos naquele mar de gente... Como eu estava assustada com aquela calamidade!... José parecia mais tranqüilo, mas eu acho que era para não me assustar ainda mais... Voltamos ao mercado, percorremos mais de uma vez as ruas por onde passamos e... nada. Nem sinal deles.

Safed: É a santidade do ofício! E o menino perguntava pela fragilidade do oficiante!

Sacerdote: Inodoro! Sim! Também inodoro! E eu digo e repito!

Sifar: Os meninos falavam do repouso do justo e do repouso do ímpio!

Maria: Ao meio dia, nos ocorreu de entrar no Templo...

Mulher: Ai, meu Samuelzinho, meu Samuelzinho!

Maria: Nós o perdemos, José!... Isso é como buscar uma agulha num palheiro...

José: Acalme-se, Maria. De tonto, Jesus não tem nada. Ele saberá voltar a Nazaré sozinho...

Uma velha: Perdoem-me a curiosidade, mas por que as senhoras estão chorando?

José: Três meninos que são uns demônios, senhora. Nós os perdemos esta manhã perto daqui...

Velha: E como eram os meninos?

Mulher: O meu é gordinho, muito bem criado, com uma túnica verde.

José: Vão com outro que tem uma cara cheia de espinhas e é deste tamanho. Um moreninho com uma túnica muito suja...

Velha: Esses meninos... Eu acho que vi esses meninos ali dentro...

Maria: Entramos no átrio das mulheres e estávamos perguntando a uns e outros, quando os vimos sair...

Safed: E que vocês não ousem pôr outra vez os pés aqui dentro, estão ouvindo?... Não ousem!

Maria: Jesus, filho!

Mulher: Meu Samuel...! Meu Samuel...!

Maria: Mas, Jesus, filho, onde você se meteu? Seu pai e eu o procuramos por toda parte...

Jesus: É que nós começamos a conversar com esses mestres e...

José: Conversar, não é mesmo? Conversar sobre o que, diabos?... Você não sabe o susto que você deu à sua mãe...!

Jesus: Nós demoramos porque esses mestres não entravam num acordo, para um Deus era assim, para outro era assado.

Tonel: Discutiam entre eles e não nos deixavam ir...

Jesus: Não é verdade, Tonel, que essa gente gosta de uma confusão?... Eles se ocupam das coisas de Deus, mas eu acho que eles não o conhecem... Deus não pode ser como eles dizem...

Maria: Mas, Jesus, como você pode falar assim dos mestres?!

Jesus: Porque é assim, mamãe. Olhe, eles ficam dizendo que...

José: Vamos, vamos, já chega de gastar saliva... Vamos lá... correndo... se apressarmos o passo, alcançaremos a caravana dos galileus!

Maria: E a alcançamos. E três dias depois estávamos de volta a Nazaré. A vida continuou dando voltas como a água em um moinho e, a partir daquele ano, Jesus subia conosco a Jerusalém quando chegava a festa da Páscoa... Eu penso que ele ia descobrindo cada vez com mais clareza que Deus é, sobretudo, um Pai. Um Pai que está muito perto de nós e que se preocupa com as nossas coisas...

A Lei de Israel obrigava que nas três principais festas do ano todos “comparecessem diante de Deus” no Templo de Jerusalém. Não estavam obrigados os surdos, os loucos, as crianças, os homossexuais, as mulheres, os escravos não libertos, os paralíticos, os cegos, os doentes e os velhos, norma que deixa transparecer quem eram os mais “desprezados” naquela sociedade, indignos até de apresentar-se diante de Deus. As três festas eram a Páscoa, as primícias (Pentecostes) e a colheita (Tendas). A Páscoa era a mais popular das três. Os pobres – que não podiam fazer gastos para várias peregrinações em um ano – cumpriam sobretudo com a obrigação desta festa. Embora as mulheres não fossem obrigadas, na Páscoa costumavam participar da viagem com seus maridos e filhos.

Os textos da época indicam que já era a partir dos treze anos que os meninos deviam cumprir com a obrigação de peregrinar pela Páscoa a Jerusalém. Mas era costume dos israelitas do interior leva-los desde os doze anos para acostumá-los no cumprimento do preceito que ia obriga-los no ano seguinte. A participação nas festas da Páscoa com todo o povo erra uma forma de consagrar a “maioridade” do menino. A partir de então começava realmente a ser um “israelita”, pois se entendia que israelita era sinônimo “daquele que vai a Jerusalém”.

Para as peregrinações organizavam-se grandes caravanas formadas entre os moradores de um mesmo povoado, os amigos, os parentes. Assim se defendiam de um dos principais perigos do caminho: os bandidos. Viajava-se a pé e quando se avistava Jerusalém, os peregrinos cantavam os “salmos da subida” (Salmos 120 a 134). Jesus, que nunca havia visto a capital nem o Templo, teria ficado deslumbrado por seu tamanho e seu esplendor. Para ele foi seguramente uma impressão inesquecível.

Quando Jesus foi a Jerusalém, ainda se estava reconstruindo o Templo, obra começada pelo rei Herodes, o Grande, uns trinta anos antes. Os materiais que se empregava eram de alta qualidade: mármore amarelo, preto e branco, pedras talhadas artisticamente por escultores geniais, madeiras de cedro extraídas do Líbano com as quais se fizeram artesanatos maravilhosos. Metais preciosos: ouro, prata e bronze. O Templo era um edifício deslumbrante, ainda mais para um garoto que vinha de uma minúscula aldeia camponesa. E, não é de se estranhar que Jesus, fascinado por aquela maravilha, sentisse curiosidade de vê-lo de perto. Por qualquer lugar que alguém entrasse no Templo, atravessava portões recobertos de ouro e prata. Nos átrios ou pátios que rodeavam o edifício havia grandes candelabros de ouro e em todo canto se via objetos sagrados de ouro e prata. A maior suntuosidade estava, sobretudo, no edifício do Templo. A fachada estava recoberta de placas de ouro da grossura da moeda de um denário. Das vigas do vestibulo, dependuravam-se grossas correntes de ouro. Ali havia duas mesas: uma de mármore finíssimo e outra de ouro maciço. Do vestibulo do edifício até o “Santo”, havia uma parreira com sarmentos de ouro, à qual iam se juntando ramos de ouro puro. Neste episódio os meninos são descobertos no vestibulo, no momento em que iam entrar no “Santo”. Este era um lugar reservado somente aos sacerdotes que se revezavam por turnos a cada dia para oferecer os sacrifícios e constituía uma falta gravíssima entrar ali.

No “Santo” estava o candelabro de ouro maciço de sete braços e a mesa onde se conservavam os pães sagrados. Separado por um duplo véu deste lugar, estava o chamado “Santo dos Santos”, espaço totalmente vazio, de forma cúbica, com paredes recobertas de ouro, onde “estava” a presença de Deus. Era um lugar silencioso e obscuro. Nele, somente o Sumo Sacerdote podia entrar uma vez a cada ano, no Dia da Expição, quando se rogava a Deus que perdoasse os pecados de todo o povo. Para os israelitas era o lugar mais sagrado de toda a terra.

Lucas é o único que nos transmitiu o relato de Jesus no Templo aos doze anos. Ele escreveu seu evangelho para os estrangeiros, para os não-judeus, homens e mulheres com uma mentalidade fortemente influenciada pela cultura grega. Para estes leitores, a “sabedoria” entendida na relação mestre-discípulo lhes inspirava admiração e respeito. Lucas compôs esta narração para expressar concretamente a estes leitores que Jesus é a Sabedoria de Deus, que sua missão foi ensinar-nos o caminho da justiça, que ele foi o Mestre por excelência. Neste texto de seu evangelho, além de dar-nos um dado histórico da primeira viagem de Jesus a Jerusalém aos doze anos, está transmitindo uma mensagem teológica, está fazendo uma catequese para os leitores gregos. Isto explica o “extraordinário” que possa ter a história de um menino que deslumbra velhos mestres. Mais adiante, nas páginas restantes de seu evangelho, o próprio Lucas irá indicando que esta “sabedoria” não deve ser entendida exatamente como a entendiam os gregos e que Jesus não é um “homem sábio” segundo suas categorias (acúmulo de cultura, alheamento do mundo etc.) mas que se trata de “outra” sabedoria. Em suas cartas, Paulo também se referirá a este tema (1Cor 1, 18-25).

Neste episódio, as perguntas que Jesus faz aos sacerdotes e as respostas que eles lhe dão, não são as de um “menino prodígio” nem tampouco as de um Deus disfarçado de menino, que sabe tudo e brinca de fazer-se de bobo para pegar em erro os mais velhos. Não, Jesus pergunta como costumam fazer todos os meninos do mundo: com simplicidade, com ironia, com ingenuidade. Ao fazer isso, os meninos sempre desarmam os adultos, tiram-nos de seus firmes argumentos e demonstram que dar respostas não é algo tão fácil como eles acreditam. Os sacerdotes aparecem dominados pela lei, pelos ritos, pela teoria. Suas palavras são ocas, estão desconectadas da vida. Diante do frescor dos argumentos dos meninos, enredam-se num labirinto do qual não conseguem sair. Quando a fé se expressa unicamente por palavras retorcidas e difíceis ou por receitas feitas e não sabe reagir diante da interrogação de um menino, de um analfabeto, de um homem de outra cultura, demonstra ser somente uma máscara vazia, sem nada dentro. Às vezes, identifica-se o “mais profundo” com o mais difícil de entender. O mais profundo sempre será o que seja exequível a todos, o que se expresse com as palavras mais simples e mais próximas da vida.

(Lucas 2, 41-50)

Capítulo LXXXV

UM HOMEM JUSTO

Era a véspera de Pentecostes. Jerusalém transbordava de peregrinos, compatriotas e estrangeiros, vindos dos quatro cantos do império romano, para celebrar a festa das primícias. Naqueles calorentos dias de verão, lá no andar de cima da casa de Marcos, onde tantas coisas havíamos vivido juntos, Maria, a mãe de Jesus, nos contou certas coisas dos anos turbulentos e difíceis que nosso país viveu com a morte do rei Herodes...

Maria: Eu digo que estávamos indo de mal a pior. Porque quando morreu o velho Herodes, seus filhos, que eram tão sem-vergonhas quanto ele, picaram o reino em três pedaços. Cada um pegou seu pedaço e deixaram mais livre o campo para os romanos... Foram anos muito maus aqueles... Mais impostos, mais protestos das pessoas e mais crueldades dos governantes...

Um morador: É o que vocês estão ouvindo, conterrâneos! Duas mil cruzes e dois mil crucificados! Algo espantoso!

Uma velha: Que o céu nos ajude!

Morador: Todos os urubus do país se juntaram em Jerusalém. A cidade cheira a morto!

Maria: A cada dia, com as caravanas, chegavam notícias tristes à nossa aldeia... Foi então quando um tal Judas, que tinha sangue dos Macabeus nas veias, fez um roubo de armas em Séforis, que naquele tempo era a cidade mais importante da nossa província... Ai, minha mãe, que angústia passamos naquela ocasião!

Um homem: Abaixo Roma, fora os invasores!

Uma mulher: Herodes traidor!

Outro homem: Israel para os israelitas!

Maria: A vingança do exército romano foi terrível. Basta dizer que mandaram tropas da capital! Incendiaram muitas casas. Eu creio que meteram na prisão metade da cidade... De Nazaré, que fica só a um par de milhas de Séforis, víamos a fumaceira e escutávamos os gritos dos moradores que fugiam... Desde então a Galiléia se tornou um campo de batalha. Vivíamos com o coração na boca. Se alguém saía da aldeia via um morto aqui e um crucificado mais adiante. Os policiais de Herodes e os soldados romanos se enfiavam nas casas, nos ameaçavam, viam um grupo e desciam o pau. Todo aquele que protestava ia para a cadeia... E, claro, o que sempre acontece, quanto mais esmagavam o povo, mais forte se fazia a resistência... Que eu me lembre, foi quando começou o movimento dos zelotas...

Homem: Quer unir-se a nós, rapaz?

Rapaz: Sim, vou com vocês. O que tenho de levar?

Homem: Nada. Somente afiar a espada e jurar vingança contra todos estes que pisoteiam nossa pátria!

Maria: Jesus devia ter uns dezoito anos quando um grupo de zelotas seqüestrou em Séforis um capitão romano. Como resgate pediam vários prisioneiros. Mas a coisa deu errado. Bom, eu não me lembro como foi a confusão, mas naquela noite, em Nazaré, não se ouvia nem os gatos... Todos os moradores trancaram a porta e foram dormir mais cedo... Já estávamos dormindo quando ouvimos umas vozes...

Um fugitivo: Irmão... Irmão...

Maria: José!... Não está ouvindo?... Há alguém ali na porta... José!

Fugitivo: Irmãos, deixem-nos entrar!... Abram!

José: O que acontece? Quem são vocês?

Fugitivo: Estamos fugindo de Séforis. Os soldados estão atrás de nós!

Outro fugitivo: Mataram muitos companheiros do movimento! Se nos pegarem, vão nos pendurar numa cruz!

Jesus: O que está acontecendo, mamãe...?

Maria: Psst!... Quietos, Jesus, espere...

José: O que... o que vocês querem?

Fugitivo: Deixe-nos passar esta noite em sua casa, companheiro. Esconde-nos!

Maria: Ai, José, por Deus, estou com medo... é muito perigoso...

José: Eu sei que é perigoso, mulher... É um risco grande, mas temos que correr-lo... Afinal de contas são nossos irmãos, não?

Maria: Não sabemos quem são...

José: Não importa. Precisam de nós. Jesus, o que você acha?

Jesus: Sim, papai, abre a porta... se a gente estivesse na pele deles...!

Maria: E José abriu a porta da nossa casa...

Fugitivo: Obrigado, companheiro... obrigado... Puff... Batemos em várias portas da aldeia, mas ninguém quis abrir...

José: A estas horas todos já estão dormindo...

Fugitivo: Sim, as pessoas sempre estão dormindo quando mais se faz falta...!

José: Vamos, deitem-se ali no fundo, e joguem esses trapos em cima... Maria, dê-lhes um pedaço de pão e... Não tem muita coisa, sabem?

Maria: Eu não pude pregar o olho. Todos os ruídos, até o dos grilos, me assustavam... Por volta da meia noite, ouvimos os cavalos romanos que cruzavam a aldeia sem parar... Iam procurando os fugitivos pelo caminho de Caná... Antes do cantar dos galos, os dois homens se levantaram e, tateando, se aproximaram de José...

Fugitivo: Irmão, já vamos indo.

José: Precisam de alguma coisa para o caminho?

Fugitivo: Deseje-nos boa sorte, só isso.

Outro Fugitivo: Você nos salvou a vida, companheiro, obrigado. Adeus!

José: Adeus!... E que o Senhor os acompanhe!

Maria: Abriram a porta e saíram correndo...

José: Está vendo, Maria, a gente não pode se apequenar diante dos problemas...

Jesus: Isso é o que eles querem, mamãe, dividir-nos por força do medo...

Maria: Sim, sim, vocês podem dizer o que quiserem, mas eu estava com um medo maior que Daniel na cova dos leões.

José: Bom, mulher, tranquilize-se... Já passou...

Maria: Sim, pensamos que tudo havia passado. Mas na semana seguinte, numa manhã, enquanto José e Jesus estavam trabalhando no campo...

Um soldado: Ei, você, venha cá...

Maria: Eu?... O que... o que vocês querem?

Soldado: Venha aqui, estou dizendo.

Maria: Dois soldados romanos, a cavalo, se detiveram em frente à nossa casa. Eu estava agachada, fazendo o pão sobre umas brasas...

Soldado: Como se chama seu marido?

Maria: José.

Soldado: É esse mesmo que estamos procurando. Onde ele está? Fale!

Maria: Não sei... eu não sei...

Soldado: Não sabe, não é mesmo?... Mas você vai saber agora mesmo...

Maria: Os soldados desmontaram dos cavalos e se aproximaram de mim com um sorriso de deboche e a chibata de couro entre as mãos... Eu tremia tanto que tive de apoiar-me contra a parede...

Soldado: Onde está o lixo de seu marido, heim?

Maria: Ele se foi... e não volta até o anoitecer...

Soldado: Rá! Escutou, Nestor?... Não volta até o anoitecer... Rá, rá, rá... Venha, Nestor, venha que essas camponesas fedem um pouco porque não tomam banho, mas pode crer, são bem gostosas... Rá, rá...

Maria: Soltem-me, soltem-me...

Soldado: Onde está seu marido, mocinha?

Maria: Eu não sei... De verdade, eu não sei... Soltem-me...

Soldado: Aproveite, Nestor, oportunidade como esta não acontece todo dia!

Maria: Soltem-me... Soltem-me...

Maria: Santo Deus, se José não tivesse chegado neste momento, não sei o que teria sido de mim...

José: Filho de uma cadela, solte esta mulher!... Solte logo, estou dizendo!

Soldado: Eh...? E este aí, de onde saiu...?

José: Fora da minha casa!... Fora da minha casa, estou dizendo!

Soldado: Ah, então você não vinha até o anoitecer...? Você é o que chamam de José, não é mesmo?

José: Sim, o que há comigo?

Soldado: É que estamos procurando você, amiguinho...

José: Pois então já encontraram. O que querem...?

Soldado: Quer dizer que você anda escondendo rebeldes nesta ratoeira asquerosa, não é mesmo?... Sim, sim, não fique com essa cara... Aqui a gente sabe de tudo... Você escondeu dois dos que fugiram de Séforis no dia do seqüestro... Mas Roma ninguém engana, está entendendo?

Maria: Ai, não, não o prendam... Ele não fez nada... ai...!

Maria: Agarraram José e o empurraram. O soldado mais forte o esbofeteou como um selvagem, no rosto, nas costas, entre as pernas... O outro, me impedia a passagem e eu gritava como louca... ai, meu Deus, e não poder fazer nada!... Neste momento, Jesus chegou do trabalho... Quando viu o que estava acontecendo, deixou as ferramentas e se lançou contra o soldado que estava espancando José. Mas com um bofetão em pleno rosto, o atiraram ao chão.

Soldado: Maldição com esses camponeses, quando será que vão aprender a respeitar as autoridades?... Deixe-o aí, Nestor, já está bem madurinho... Vamos embora!...

Maria: José, José... ai, meu Deus!... Jesus, corra, avise a Susana, diga a ela que venha depressa... ai, meu Deus!

Maria: Minha comadre Susana e Nuna e todas as vizinhas de Nazaré vieram em seguida com bálsamos e cataplasmas...

Maria: Como se sente, José, diga-me...?

José: Ai... pior que Adão... ai... Do Adão partiram só uma costela, e de mim mais de dez, ai...!

Susana: Dê graças a Deus porque ainda salvou a pele!

Maria: Eu lhe disse, Susana, que era muito perigoso esconder esses sujeitos, os romanos não perdoam...

Susana: Bom, bom, agora é descansar... Daqui a pouco dê-lhe alguma coisa quente para comer... E veja se não se mexe, heim?...

Maria: Desde aquele dia, José nunca mais se sentiu bem. Ele se levantava, continuava trabalhando, mas de noite se derrubava na esteira como se não pudesse nem com sua alma...

Maria: José, assim não pode continuar... Não quer que eu chame o médico de Cana para ver você?...

José: E com o que vamos pagá-lo, mulher, se não temos nem para as lentilhas?... Não se preocupe... de verdade, já não dói tanto...

Maria: Mas os dias se passavam e José não melhorava...

Maria: Jesus, filho, seu pai está mal... Estou muito angustiada... Ele diz que são as febres...

Jesus: Foram os golpes, mamãe... Esses soldados arrebentaram o papai!... Mas eles vão pagar, juro que vão pagar!

Maria: Procure o médico, filho... Olhe, leve as dracmas do casamento... outra coisa não tenho... Venda-as e com isso pague o médico. Vai depressa, anda...

Maria: O médico veio e os dias continuaram correndo um depois de outro...

Maria: Sente-se melhor, José?

José: Sim, hoje estou me sentindo bem... Pelo menos não tenho aquela dor aqui nos rins... E estou até com vontade de comer!... De comer e de brigar, diacho!

Jesus: Pois eu estou preparado, papai. Quando você se levantar, nós iremos!

José: Iremos aonde, Jesus...?

Jesus: Vingam-nos do que lhe fizeram. Quico e eu já descobrimos onde ficam aqueles soldados.

José: Mas, o que é que você está falando, rapaz...?

Maria: Jesus, eu lhe suplico, deixe disso, não se meta em nenhuma encrenca...! Ai, Santo Deus!

Jesus: Ah, é?... E vamos deixar isso assim? Eles vêm aqui, o espancam em sua própria casa, insultam sua mãe, matam seu pai de tanto bater e agente vai ficar de braços cruzados?... A Lei diz “olho por olho, dente por dente”. Ou não?

Maria: José, deitado na esteira, sobre o chão de terra da choça, olhou Jesus com seus olhos negros e serenos...

José: Escute-me, filho. A lei diz isso, sim. Mas desde que Moisés escreveu esta lei, você acha que tem havido menos olhos arrancados e menos dentes quebrados?... Não, ao contrário. Porque fogo se apaga com areia e não com mais fogo...

Jesus: Mas, então, papai...

José: É preciso procurar outro caminho, filho... E, para isso, a primeira coisa é tirar a violência de dentro do peito... Não guarde ódio, Jesus... Quem odeia se faz escravo de seu próprio ódio... E eu quero ver você livre, filho... Sim, lute, brigue, defenda os seus, dê a cara por todos os que necessitam, mas não faça vingança... Deixe-os, os violentos acabarão todos como o escorpião, que se crava seu próprio veneno...

Susana: Bom, o que se tem que deixar agora são essas conversas meio sombrias, porque este nazareno já está bom e sadio... Vamos, Maria, pode ir lavando a roupa, que seu marido se levanta amanhã ou depois...

Maria: Mas não, não se levantou mais. Foi num sábado, no meio da manhã, com um sol brilhante sobre a aldeia, quando ele morreu... Jesus e eu, e todos os moradores de Nazaré estávamos ao seu lado... E o choramos como se chora a homens justos... Não, não me peçam que lhes conte mais porque fico muito triste... Eu o queria tanto... Quando morreu, pensei que se me acabava o mundo... Jesus também chorou muito aquele dia... Creio que José lhe ensinou coisas muito importantes: ensinou-o a trabalhar a terra, a levantar tijolos... ensinou-o, sobretudo, a lutar... a lutar e a perdoar.

A morte de Herodes, o Grande, após um reinado tirânico de quarenta anos, acarretou um momento especialmente crítico na Palestina, já praticamente dominada pelo imperialismo romano. Por esses anos, surgiu na Galiléia uma série de movimentos insurrecionais armados que tiveram uma grande penetração entre o povo e que foram a base da qual se formaram os grupos zelotas. O zelotismo teve origem camponesa. A Galiléia, mas à margem da burocracia, da ordem e da lei que imperavam em Jerusalém, havia sido o foco tradicional de todos os movimentos anti-romanos e messiânicos. Tinha que ser também do movimento zelota, que Jesus viu nascer e desenvolver-se e cujos ideais deveria conhecer perfeitamente. Tanto que, quando ao começar sua atividade profética anunciava “O Reino de Deus está próximo”, coincidia com o anúncio de esperança que os zelotas haviam feito por toda a Galiléia como bandeira contra os ocupantes romanos.

Alguns historiadores fazem de Judas, o Galileu, o fundador do zelotismo. Nos anos da juventude de Jesus, este revolucionário protagonizou um grande levante contra o poder romano. Conquistou a cidade de Séforis, a poucos quilômetros de Nazaré, que era então a capital da Galiléia. Ali se fortaleceu com um importante grupo de guerrilheiros. Quintílio Varo, legado romano na Síria, esmagou com sangue e fogo aquela revolta. Séforis foi reduzida a cinzas e centenas de zelotas foram crucificados na cidade. Para o movimento revolucionário, o golpe foi pesado, e levou alguns anos para reorganizar-se. Apesar da contínua repressão contra os zelotas, até o ano 70 depois de Jesus o movimento não tinha sido definitivamente liquidado pelos romanos, pois era muito importante o apoio que lhe davam os camponeses galileus e as classes mais pobres da sociedade.

Em Israel, como na maioria dos países orientais, a hospitalidade é uma das virtudes mais arraigadas no povo. Era uma grave falta negar hospitalidade, como o era recusar a hospitalidade oferecida. A hospitalidade incluía a saudação, o serviço, a proteção e a companhia do hóspede que era acolhido na casa. E tudo isso se fazia sem que o mandasse expressamente a lei e sem que se esperasse em troca alguma recompensa. A hospitalidade abarcava qualquer pessoa, sem fazer exceções com estrangeiros ou desconhecidos. José, que foi um homem justo, deve ter sido um homem hospitaleiro, com as portas de sua pobre casa abertas para todos, ainda que num momento ruim em que os hóspedes era um perigo evidente, como se conta neste episódio.

A história que se conta neste episódio não está nos evangelhos. Mas é histórico o ambiente de revolta social em que viveu a Galiléia durante aqueles anos, e praticamente em todos os anos da infância de Jesus. De José, o esposo de Maria, não se diz quase nada no evangelho. Apenas que era da família de Davi, artesão de ofício, que acolheu Maria como esposa e que foi “um homem justo” (Mt 1,19)... Nada mais. No entanto, teceu-se ao redor dele toda uma série de lendas e de tradições sem nenhuma base no evangelho nem tampouco nos costumes da época. Mas, certamente José era justo, era reto, e se agiu ao longo da vida como o vemos agir em algum texto do evangelho, não é ilógica sua conduta neste episódio: hospitaleiro, valente, arriscando sua vida pelos demais, homem sem rancor, distante da vingança e do ódio.

As tropas romanas, com as do rei Herodes, mantinham a ordem e a “paz” nos turbulentos campos da Galiléia. Faziam isso com a soberba característica dos exércitos ocupantes, que se sentem donos da vida da população submetida. Com esta prepotência, eram freqüentes as violações, e a rapina dos bens dos camponeses etc.

Se da vida de José sabemos apenas isso, de sua morte não sabemos absolutamente nada. Tudo leva a crer que ocorreu antes que Jesus começasse sua atividade profética porque, a partir de então, Maria aparece sempre sozinha, como mulher viúva. No entanto, José tornou-se para a piedade popular o “patrono da boa morte”, pois é de se supor também que no momento de morrer estariam ao seu lado nada menos que Jesus e Maria. Dizer que José morreu – como aparece no episódio – como consequência dos golpes dos soldados romanos, é fruto da imaginação. Mas seria o mesmo que dizer que morreu de febres negras ou porque teve um acidente de trabalho... Nunca saberemos como foi. Este episódio permite fazer da morte de José a ocasião em que Jesus aprenderá dele uma das mais importantes lições para sua vida, uma lição que depois nos transmitirá no evangelho (Mt 5, 43-48).

Jesus deve ter aprendido de José e de Maria muitas de suas atitudes diante da vida. Naqueles tempos, a influência da família era muito mais decisiva que hoje em dia, quando a escola e os meios de comunicação podem tanto ou mais que a vida familiar. Neste episódio, o ensinamento que José deixa a Jesus como testamento, é o de perdoar, de rechaçar o ódio e a vingança, de lutar procurando eliminar da luta pela justiça esses entraves que poderiam encobrir-lhe os olhos e cegá-lo. Para que algo tão essencial da mensagem de Jesus, como é o amor ao inimigo – não apareça depois em suas palavras como uma moralização a mais, mas como uma experiência aprendida na própria carne e que, por isso, tenha uma autenticidade e uma exigência muito maiores.

Capítulo LXXXVI

FOGO NA TERRA

Quando chegou o dia de Pentecostes, Jerusalém se viu inundada de milhares de peregrinos que vinham com seus ramos nos braços oferecer as primícias do trigo e da cevada no Templo do Deus de Israel e celebrar, como em todos os verões, a festa da nova colheita... Pelas ruas da cidade de Davi, se apertavam homens e camelos, caravanas inteiras de conterrâneos vindos da Judéia e da Galiléia, forasteiros de todas as províncias do império: partos, medos e elamitas, gente da Mesopotâmia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia, da Panfília e até do distante Egito e romanos, árabes e cretenses, judeus e pagãos, todos subiam a Jerusalém e faziam ressoar dentro de seus muros as vozes e as canções de mil línguas diferentes...Naquele dia, à primeira hora da manhã, enquanto conversávamos no andar de cima de sua casa, chegou Marcos, o amigo de Pedro, quase sem fôlego...

Marcos: Ei, todos aqui!... Aqui, depressa!...

Pedro: Que diabos está acontecendo, Marcos? Vamos, fale!

Marcos: Más notícias, companheiros. O gordo Caifás e a corja do Sinédrio estão mais furiosos que os demônios do sheol! E a coisa é com a gente!

Pedro: Bah, se é só isso...!

Marcos: Ficaram sabendo que vocês estão na cidade há alguns dias e andam espalhando que Jesus ressuscitou! E eles dizem que o que vocês estão querendo é agitar o povo...

Pedro: Que digam o que quiserem, Marcos... O que nos importa?

Marcos: E que ordenaram aos guardas para metê-los na cadeia...!

Pedro: Isso não importa...

Marcos: E que estão vindo agora mesmo para cá para prender vocês...!

Pedro: Então... então isso importa! Mateus, André, Natanael, epa, companheiros, temos que mandar daqui! Estão procurando a gente!

João: Pois que nos encontrem! Vamos esperá-los aqui, Pedro!

Pedro: Espere você, João. Eu estou indo.

Felipe: E eu também.

João: Covardes! É isso mesmo que vocês são, uns ratos covardes!

Pedro: Está bem, pode dizer o que quiser... Mas eu prefiro ser um rato vivo que um leão morto. Vamos, avisem as mulheres e andando!

Maria: Mas que confusão é esta? O que está acontecendo por aqui, posso saber...?

Pedro: Por enquanto nada, Maria, mas vai acontecer logo...

Tomé: Marcos, você tem cer..cer..certeza sobre essa história dos guardas?

Marcos: Claro que sim, Tomé. Foi o Nicomedes que me disse.

Pedro: Que Nicomedes? Você quer dizer Nicodemos...

Marcos: Sim, esse mesmo, é que nesse sufoco acabo enrolando a língua. Esse magistrado é de confiança, não?

João: Vai ver isso é só história para meter medo na gente!

Tomé: Pois então eles já con...con...conseguiram...

Pedro: Seja o que for, vamos logo, antes que cheguem e nos peguem mastigando tâmaras. Vamos, Maria, mexa-se, faça alguma coisa... Maria! Em que está pensando?

Maria: Estou pensando no que Jesus faria se estivesse aqui conosco.

Felipe: Eu não sei o que ele faria, mas o que eu vou fazer....!

Madalena: Pois eu sei o que o moreno faria! Jesus nunca deu um passo para trás. Mas nós andamos como caranguejos, caramba!

Salomé: E eu digo o mesmo que a madalena, porque se nós...

Pedro: Bom, bom, o que vocês quiserem dizer que o digam pelo caminho! Agora não é momento de falar, mas brincar de esconde-esconde e sumirmos daqui! Vamos, Tiago!

Madalena: Vão vocês se quiserem! Maria e eu vamos ficar, não é, dona Maria?

Maria: Claro que sim, menina, era só o que faltava...

Salomé: Pois eu também fico! Na família de Zebedeu, temos sangue nas veias e não água doce!

Felipe: Mas, escutem aqui, mulheres malucas, vocês não ouviram que os guardas estão chegando?

Madalena: Pois pode vir até o rei de Roma, e daí?... Vão, vão vocês!... Nós ficamos.

Pedro: Mas, o que é isso?... Estão loucas?... Ficar para fazer o que?

Madalena: Vejam só esse aí!... Diga você, Pedro, para que viemos a Jerusalém então? Para dançar na festa? Não combinamos que tínhamos que revolucionar a capital e juntar todos os pobres daqui? Não dissemos que era preciso apontar o dedo a todos os sem-vergonhas que vêm partindo nossas espinhas:

Felipe: Jesus começou esse plano e já se vê que vocês já largaram mão dele!

Madalena: Mas mais forte que a deles foi a mão de Deus, Felipe! Ou então, para que Deus tirou Jesus dentre os mortos, heim, diga lá, cabeça? Para ganhar aplauso?... Ou foi para que continuássemos lutando como ele e não tivéssemos medo da morte?

Salomé: Bem falado, madalena! A você deveria ser dada a espada de Judite, menina!

Pedro: Bom, bom, vamos por partes... O que então vocês propõem, mulheres escandalosas?

Salomé: Para começar, ficarmos calados, Pedro, e não deixar que o medo nos sufoque.

Pedro: O que você acha, Maria?

Todos nós voltamos nossos olhos para a mãe de Jesus...

Maria: Não sei, Pedro, quando as coisas ficavam difíceis, Jesus dizia para rezarmos um pouco, lembram-se?... Por que não pedimos a Deus que nos ilumine o juízo para sabermos o que fazer e o que não fazer...?

Salomé: Isso mesmo, Maria, quem se agarra a Deus não escorrega.

Maria: Vamos pedir-lhe que nos empurre adiante como fez com nossos avós lá no Egito, porque eles também sentiram medo dos guardas do faraó que foram atrás deles e os encurralaram junto ao mar... Mas, lembrem-se então que foi aí que Deus soprou e lhes abriu um caminho pelo meio da água...

Os onze do grupo estávamos ali. Matias, o amigo de Tomé, também que já fazia alguns dias havia se unido a nós. Estavam também as mulheres: a madalena, Susana e minha mãe Salomé. E, no meio de todos, Maria, a mãe de Jesus, de cócoras, como se sentam as camponesas de minha terra...

Maria: Pai!... Ponha-te adiante de nós, abra-nos um caminho de liberdade, como fizeste com nossos avós quando sopraste um vento forte e eles puderam passar pelo Mar Vermelho... Ponha-te ao nosso lado, como quando ias naquela coluna de fogo, abrindo-lhes a caminhada... Vem conosco, Senhor... Se tu não vieres, não nos faça sair daqui... Se de verdade estás do nosso lado, dá-nos algo do teu Espírito, do Espírito que puseste em Jesus e que tenhamos a coragem dos profetas!

Rezamos, do fundo de nossa covardia, com um grãozinho de fé diante de uma montanha de dificuldades. E o Deus de nossos pais, o que resgatou Jesus da morte, o que fortalece as mãos trêmulas, firma os joelhos vacilantes, nos encheu de seu poderoso alento... E desde aquela manhã,

Deus pouco a pouco foi arrancando de nós o medo e nos deu, no devido tempo, a coragem necessária para a luta de cada dia...

Pedro: Bem, companheiros... já chega de covardias, caramba... Não, não digo isso por ninguém, digo por mim mesmo... Sim, agora compreendo que foi bom que Jesus nos tenha deixado porque assim, temos que tomar as rédeas em nossas próprias mãos... O moreno nos pôs uma lâmpada nas mãos e não vamos escondê-la debaixo da mesa... É preciso colocá-la bem no alto, no candeeiro, para que todo mundo a veja... Ou não?

João: Claro que sim, Pedro... E se deixarmos a pele pelo caminho, como Jesus, azar nosso! Outros virão atrás... E Deus saberá o que fazer para reclamar nosso sangue!

Pedro: E então, o que estamos esperando? Não dizem que os guardas estão chegando? Pois que nos encontrem na rua! Que aquilo que falamos na penumbra, vamos agora dizer em plena luz do sol!... E o que ficamos cochichando vamos gritar sobre os telhados!

Cheio de entusiasmo, Pedro abriu a porta e desceu de dois em dois os degraus da escadaria de pedra que dava para o quintal... Todos fomos atrás dele... A rua estava abarrotada de peregrinos naquele calorento dia de festa...

Pedro: Bom, João, e agora, o que eu faço?

João: Encomende-se a Moisés que era gago para que ele lhe solte a língua! Ânimo, atira-pedras!

Então Pedro subiu em cima de um velho barril de azeite que estava junto à porta e dali começou a agitar fazendo sinais para as pessoas que iam e vinham pela rua...

Pedro: Ei, amigos, conterrâneos, venham, corram, que temos uma boa notícia para vocês!... Escute, João, por onde eu começo? O que eu digo?... De repente me deu um branco total na cabeça!

João: Não se assuste, Pedro... As palavras são como as abelhas, quando uma sai as outras vêm em fila atrás!

Uma multidão começou a rodear-nos com curiosidade. Pedro, sobre o barril, suava a cântaros sem saber como começar e olhando para um e outro lado, para ver se os guardas estavam chegando...

Um homem: O que acontece com você, galileu espaventoso? ... Vamos ver, o que você está rifando?

Uma mulher: Vamos, desembucha logo!

Homem: Esse sujeito está bêbado! Não estão vendo o nariz vermelho dele? Rá, rá, rá...

Pedro: Não amigos, não estamos bêbados... e não estamos bêbados porque ainda são nove horas da manhã, e a esta hora nem o velho Noé se embebeda... O que acontece... o que acontece é outra coisa. O que acontece é que temos uma notícia para vocês... E a notícia é que chegou o Reino de Deus! Sim, amigos, sim, alguns de vocês vêm de longe e não sabem o que aconteceu nesta cidade faz apenas algumas semanas... Houve aqui um homem chamado Jesus... e creio que a maioria de vocês o conheceram, não é mesmo?... Bom, acontece que este Jesus, o de Nazaré, passou entre nós fazendo

coisas boas e sobretudo lutando pela justiça. E também curou muitos enfermos, porque Deus estava com ele. E esse homem, que era mais reto que um remo, e mais profeta que todos os profetas juntos, foi preso pelos chefes daqui de Jerusalém, que armaram um julgamento à meia-noite e o condenaram à morte. Muitos de vocês o viram pendurado na cruz, não é verdade? Bom, pois esses canalhas pensaram que haviam ganho a partida. Mas Deus não estava de acordo, nada mesmo de acordo. Digam-me vocês, como Deus poderia permitir tamanha injustiça? Como Deus poderia suportar que os vermes comessem o melhor sujeito que pisou esta terra? Não, não permitiu!... E o que Deus fez foi tirar Jesus da tumba, o tirou vivo, mais vivo que antes, caramba, e o creditou diante do mundo todo. E eu não estou dizendo isso de alegre, digo porque eu vi. E todos estes que estão comigo também o viram! Nós, conterrâneos, somos testemunhas desta vitória de Deus. E dizemos a todos vocês, compatriotas e forasteiros, os de perto e os de longe, dizemos com a boca cheia que este Jesus que eles crucificaram foi colocado por Deus como Senhor e Messias, acima de todos os senhores deste mundo!

As pessoas que se apinhavam a nosso redor começaram a aplaudir Pedro que discursava com tanta firmeza que por um momento me lembrou do próprio Jesus, quando ele falou lá na esplanada do Templo...

Um homem: Escute, vizinha, quem é esse narigudo que explica tão bem?

Uma mulher: Eu não o conheço muito bem, essa é a verdade, mas com certeza é galileu... não está ouvindo o sotaque?

Homem: Estou achando que é dos zelotas...

Uma velha: Não, homem, ele é um daqueles que andava sempre com profeta, para cima e para baixo com ele, da mesma forma como aqueles que estão ao seu lado...

Mulher: Cale a boca, velha, deixe-me ouvir!

Pedro: Amigos, escutem-me: os governantes e os grandes senhores da capital pensaram que este assunto de Jesus estava terminado. Pois, não, não terminou. E sabem por que? Por que eles continuam aí, os mesmos que mataram Jesus, os Herodes, os Caifazes, os Pilatos, continuam aí muito empertigados em seus palácios de mármore, sentados sobre os calabouços onde gritam de dor tantos compatriotas torturados; eles banqueteadando-se e o povo passando fome. Não terminou porque eles continuam aí matando, roubando e abusando!... Mas Jesus também continua aqui conosco, encarando todos eles!... Eles estão vivos e Jesus está mais vivo que eles! Eles se riem de nós, os pobres, mas Deus rirá por último porque este assunto de Jesus não terminou!... Ao contrário, é agora que começa! Agora é que a coisa começa, conterrâneos! Porque agora não é mais um, mas uma dúzia... logo seremos doze dúzias! E isso ninguém vai deter! O Reino de Deus corre como faísca em trigo seco! E ninguém nos deterá, companheiros, ninguém!

Homem: Muito bem, muito bem, galileu, é assim que se fala!

Mulher: Dê duro neles, Pedro, duro neles!

Pedro: Como estou indo, João?

João: Muito bem, Pedro, mas não balance tanto, senão você vai cair do barril...!

Marcos: Escute, atira-pedras, há muitos estrangeiros por aqui e não sei se estão entendendo muito bem isso aqui...

Pedro: Amigos! Entre vocês há muitos forasteiros que vieram de outros países e falam outros idiomas. Não importa. Eu sei que todos estão me entendendo. Porque embora as línguas sejam diferentes, as tripas de todos falam o mesmo idioma da fome! E os calos das mãos são os mesmos e o pranto das mães de quem mataram os filhos é igual em todo lugar, e o grito de justiça dos pobres é o mesmo em todas as línguas! Não, aqui ninguém é estrangeiro! Viemos de muitos lugares diferentes, sim, mas vamos todos para uma mesma terra, e isso é o que importa, uma terra nova, sem fronteiras, sem desníveis, uma terra onde todos possamos viver! E para chegar a ela, precisamos nos juntar, unir nossos braços, mão com mão, ombro com ombro, punho com punho e pôr o Espírito de Deus na carne do povo!

Cada vez se reunia mais gente para escutar Pedro... A rua ficou estreita, tanto que os guardas enviados pelos sumos sacerdotes e os magistrados do Sinédrio, quando chegaram e viram aquela multidão não puderam fazer nada contra nós... Naquela manhã de Pentecostes, os ouvidos de Jerusalém escutaram a boa notícia que hoje já conhecem tantos e tantos homens e mulheres em todo o mundo: que Jesus continua vivo, que o assunto do Reino de Deus segue adiante, que o fogo que Jesus veio pôr na terra não se apagou porque é Deus que sopra a chama e quer que tudo se abraze.

A Festa de Pentecostes (penta = 50) é celebrada cinquenta dias depois da Páscoa. Chama-se também a Festa da Colheita ou das Primícias (dos “Shavuot”), pois se oferecia a Deus os primeiros frutos da colheita já iniciada em todo o país. Ou a Festa das Semanas, porque se celebrava sete semanas depois da Páscoa. Era uma festa de grande alegria e de ação de graças pela nova colheita. Com a Páscoa e as Tendões, era uma das três festas em que os israelitas deviam peregrinar a Jerusalém. Os judeus continuam celebrando atualmente os “Shavuot”. Ao seu caráter, originalmente agrícola, uniram a celebração da Aliança do Sinai.

Para a tradição cristã, aquele dia de Pentecostes marcou o começo da Igreja como comunidade de irmãos que se comprometem em continuar o caminho de Jesus. É também uma festa missionária: em pouco tempo, aqueles primeiros, impulsionados pelo Espírito de Jesus, levariam o evangelho por todo o mundo conhecido. Sem dúvida, naqueles dias da festa das Primícias, os discípulos, em conjunto devem ter experimentado uma força especial da presença de Jesus vivo no meio deles e, por sua vez, fizeram uma multidão de peregrinos presentes em Jerusalém experimentar essa presença. Muitos autores acreditam que é a esta experiência de Pentecostes que se refere Paulo quando fala de uma manifestação de Jesus ressuscitado “diante de mais de quinhentos irmãos reunidos” (1Cor 15,16).

O espírito de Deus aparece já nas primeiras linhas da Bíblia (Gn 1, 2) pairando sobre as águas, de onde nasce toda a vida. A palavra em hebraico é “ruah”. É uma palavra do gênero feminino que significa literalmente “vento” e também “sopro”. Quando Deus cria o homem infunde nele este alento em suas narinas (Gn 2, 7). Quando Deus tira seu povo do Egito faz soprar com força este vento sobre os inimigos (Ex 10, 13 e 19). Sempre o Espírito aparece em relação com a vida. É o sopro pacífico ou turbulento de Deus que suscita a vida, a põe em movimento, a defende, a fecunda. Quando falta o Espírito, falta a vida (Salmo 104, 27-30). Nunca se diz na Bíblia que Deus seja “espírito” como contraposição a “matéria”. O que se diz é que Deus “tem” o Espírito, que é o

mesmo que dizer que ele tem a vida, que ele a comunica. Uma vida que se manifesta tanto na carne, na matéria, como nos sentimentos, na inteligência, no pensamento, na criatividade...

A mentalidade de Israel nunca se interessou por conceitos como “natureza” ou “pessoa” em relação com o Espírito. Falar do Espírito como a “terceira pessoa da natureza única de Deus” é típico de uma mentalidade grega, totalmente alheia ao pensamento israelita. O que interessava a Israel não era o que é o Espírito, mas que é sua atuação. E o que descobriu foi que este Espírito vai mais além das forças limitas do homem e o faz herói ou profeta num determinado momento (1Sam 10, 5-13) ou fica com ele, como foi o caso dos grandes profetas, dos líderes do povo, de Moisés, de Elias (2 Reis 2,9). A esperança de Israel era a de que o Espírito repousasse sobre o Messias (11, 1-9) e que isso trouxesse paz, felicidade, justiça, honradez, todos sinais da ação de vida que caracteriza o Espírito. O Espírito de Deus é capaz de criar um homem novo e isso é o que se pede nas antigas orações do povo (Salmo 51, 12-14).

O Espírito fez com os discípulos de Jesus continuassem sua obra, capazes de dar a vida pela causa da justiça, como ele havia feito. Pôs na boca dos discípulos as palavras de Jesus, e os fez agir da mesma maneira. Ser cristão hoje, há vinte séculos de distância daquilo tudo, não é mais que continuar neste caminho sob a mesma inspiração, agir sob esse impulso, mover-se segundo este alento, este vento. O Espírito de Deus moveu Jesus e é esse mesmo Espírito, força e vida de Deus que continua vivo em nós, que nos faz capazes de arriscar a vida pelos demais, capazes de viver em comunidade, capazes de compartilhar os bens e a vida, capazes da oração comunitária, capazes de afrontar a morte com esperança.

Tanto o vento como o fogo são símbolos da ação do Espírito de Deus. Tanto um quanto outro entram por qualquer vão, penetram por todas as partes, se expandem. Tanto um quanto o outro alivia (a brisa com sua frescura, o fogo com seu calor) e destroem (o furacão que arrasa, o fogo que devora). Tanto um quanto o outro manifestaram a ação de Deus na libertação do Êxodo: o vento que soprou sobre o Mar Vermelho abrindo um caminho de liberdade (Ex 14, 21) e a coluna de fogo que guiou os israelitas em suas noites pelo deserto (Ex 13, 21-22). Lucas, ao narrar a intervenção do Espírito no dia de Pentecostes usa esses mesmos símbolos: um vento intenso que ressoa na casa e as línguas de fogo sobre a comunidade reunida.

No relato de Pentecostes cita numerosos povos estrangeiros que estavam naquela manhã em Jerusalém. São muitas as nações conhecidas então: Partos (povo famoso na doma de cavalos, do reino da Partia, situado no centro do atual Irã). Medos (do antigo reino da Média, destruído quinhentos anos antes de Jesus, situado ao norte do atual Irã). Elamitas (habitantes da região de Elam, onde se desenvolveu uma das primeiras culturas da terra, situado na atual fronteira do Irã e Iraque). Pessoas das províncias romanas da Mesopotâmia (região entre o Tigre e o Eufrates, onde nasceu a civilização assírio-babilônica, situada no atual Iraque). Da Judéia (região sul de Israel, onde estava Jerusalém). Da Capadócia (região montanhosa situada no centro da atual Turquia). Do Ponto (região às margens do Mar Negro, no norte da atual Turquia). Da Ásia Menor, pessoas da região da Frigia (zona de pastores de onde surgiu a lenda do famoso rei Midas, no centro da atual Turquia). Da Panfília (um pouco mais ao sul, também na atual Turquia). Habitantes do Egito (localizado no mesmo território de hoje). Da Líbia (também como na atualidade, ao norte da África). De Cirene (zona localizada na atual Líbia). De Roma (capital do Império e hoje capital da Itália). Cretenses (de Creta, ilha ao sul da Grécia). E árabes (habitantes do antigo reino nabateu, compreendido em parte da atual Jordânia e do atual Egito). De todos esses lugares acorriam a Jerusalém tanto judeus – de raça – como prosélitos – estrangeiros convertidos à religião de Israel.

Em seu primeiro discurso à multidão de Jerusalém, Pedro resume o que foi a vida de Jesus e o que naqueles inícios da fé cristã era a essência do evangelho: Jesus foi morto injustamente, Deus o ressuscitou dentre os mortos e os discípulos se apresentam como testemunhas do ocorrido. Da ressurreição, os discípulos e, depois deles nós cristãos, tiramos a conclusão de que o triunfo final será da justiça e da vida. É com essa certeza que nos dá a fé, seguimos pelo mesmo caminho de Jesus. A causa de Jesus segue adiante sempre que se trabalha em favor da vida até as últimas conseqüências.

(Atos 2, 1-41)

Capítulo LXXXVII

TUDO EM COMUM

Desde o dia da festa de Pentecostes, quando Pedro se lançou abertamente a falar do Reino de Deus no coração mesmo de Jerusalém, a vida mudou para todos nós do grupo. Em poucas semanas nos dividimos pelos bairros da capital e por outras cidades da Judéia para que a causa de Jesus seguisse adiante. Para que chegasse a todos os nossos conterrâneos a Boa Notícia de que ele continuava vivo entre nós, animando os pobres em nossa luta pela justiça, dando-nos a força de seu Espírito para fazer coisas ainda maiores do que as que ele mesmo havia feito...

João: Bom, Tomé, vamos ver se essa sua língua desenrola de uma vez em Jericó! Boa sorte, companheiro!

Pedro: E para você, Nata, boa viagem até Silo!... Passe por aqui de vez em quando para nos contar como vai indo o grupo!

Felipe: Escutem, escutem, acho que nos esquecemos dos samaritanos. Quem vai trabalhar com eles?

João: Você está sempre atrasado, Felipe. Mateus e André já estão arreando a mula para ir para lá...

Felipe: Bom, esse negócio está caminhando... Lançamos as redes ao norte e ao sul, ao oriente e ao poente...!

Pedro: E como em Jerusalém estão os peixes mais gordos, ficam aqui os pescadores mais fortes...!

João: Grande fanfarrão você é, Pedro...! Nem o Santíssimo Espírito consegue tirar essa sua mania!

Os que ficamos em Jerusalém com Maria, a mãe de Jesus, a madalena e outras mulheres, queríamos reunir uns quantos moradores do bairro e começar por aí, como Jesus, quando formou nosso grupo na Galiléia. Uma tarde, Pedro e eu estávamos conversando com um punhado de gente lá perto do Pórtico de Salomão, que vai dar na esplanada do Templo, quando chegaram os soldados...

Um soldado: Vamos lá, seus piolhentos!... Fora daqui! Fora daqui!... Já temos agitadores suficientes em Jerusalém! E ainda por cima esta praga de galileus!... Fora! Fora daqui!

Os guardas do Templo, furiosos, com as espadas desembainhadas, dispersaram o grupo num instante e nos pegaram. Aquela noite, Pedro e eu passamos na prisão...

Pedro: Está com medo, João?

João: Estou... mas ele está guardado aqui no bolso!... E você, atira-pedras?

Pedro: Eu? Hummm... Você vai ver quando estiver diante desses caras... vou... primeiro respirar três vezes e...!

João: E depois...?

Pedro: E depois vou dizer tudo o que eles merecem, caramba. Faz muito pouco tempo que Jesus esteve aqui mesmo e soube lhes cantar as verdades, não? Pois temos que fazer a mesma coisa, João, a mesma coisa que ele...

No dia seguinte nos levaram diante do velho Anás e de seu genro Caifás, o sumo sacerdote que havia condenado Jesus... Com eles estavam um tal João e um tal Alexandre, também da família de Beto, pessoal mais rico da capital, e outros conselheiros do Sinédrio...

Caifás: Digam-me, charlatões, com que autoridade vocês ficam reunindo as pessoas para encher-lhes a cabeça de asneiras, heim?

Caifás tentava dissimular sua raiva, mas não conseguia...

Caifás: Agitadores do povo, lixo de pescadores, chusma de Cafarnaum, fiquem sabendo que estamos seguindo seus passos...! Sabemos de sobra o que vocês estão tramando!... E então, respondam: com que autoridade andam esquentando a cabeça do povo ignorante?

Pedro: E é você que nos pergunta?... Nós é que devemos perguntar-lhe em nome de todos os pobres de Israel, com que autoridade você sentenciou Jesus de Nazaré, e o enviou à morte...

Um magistrado: Maldito galileu! Como se atreve a falar assim ao sumo sacerdote?

Pedro mordeu os lábios, mas continuou falando...

Pedro: Vocês crucificaram Jesus, mas não levaram a melhor, porque Deus o levantou dentre os mortos. Ele está vivo, estão ouvindo? Está vivo! E nós somos testemunhas disto!

Caifás: Charlatão! Você está louco de pedra! Rá, rá, rá...!

João: Não, Pedro não está louco! Nem eu, nem qualquer um que escutou a Boa Notícia de Jesus. Os loucos são vocês, vocês que o jogaram para fora da cidade como uma pedra sem valor. Mas fiquem sabendo que Deus o escolheu como pedra angular!

Caifás: Maldição, levem esses linguarudos para fora daqui agora mesmo! Açoitem-nos! Para que escarmentem em sua própria pele!

Entre quatro soldados, nos tiraram da sala aos empurrões e nos meteram nos calabouços do porão. Caifás e os magistrados ficaram cavilando...

Outro magistrado: O que podemos fazer com esta gentalha, excelência? São uns pobres diabos, sim, mas também são turrões como camelos... Galileus, afinal!

Magistrado: Já dizem – e dizem bem – que filho de peixe, peixinho é. São tão rebeldes quanto aquele maldito nazareno, não acha, excelência?

Outro Magistrado: O pior de tudo é que já faz algum tempo que a chusma os segue por toda a parte, excelência...

Caifás: “Excelência, excelência!”... Será que vocês só sabem dizer besteiras?... Imbecis! Não soubemos cortar o mal pela raiz! Não adiantou nada matar o cão, porque a raiva continua...! Mandaremos crucificar todos de uma vez! Já estou farto de ser responsabilizado por Pilatos pelos distúrbios de rua!

Anás: Vamos, vamos, tranqüilize-se, querido genro, não fique assim por tão pouco... Esses sujeitos estão blefando com esta história do profeta que torna a viver... Mas são de madeira ruim... Vamos assustá-los um pouco... Por hoje, esquentando-lhe o couro e você vai ver como a cabeça vai esfriando... e a língua também...

Depois de açoitar-nos nos levaram novamente à sala do Grande Conselho...

Caifás: Escutem bem, galileus: este Tribunal os proíbe terminantemente de falar nas ruas desse tal Jesus, que foi ao patíbulo, réu da pior rebeldia. Está claro?

Pedro: Não, não está claro.

Caifás: E o que é que não está claro, malditos? Este Tribunal fala em nome do Deus Vivo!

Pedro: Não, este tribunal fala em nome dos interesses de vocês. O Deus Vivo não tem nada a ver com isso!

João: Proíbam, proíbam, continuem com suas proibições! Nós obedeceremos a Deus antes que aos homens!

Eles tinham o dinheiro, tinham o poder, mas também tinham medo da verdade e de que o povo se levantasse contra eles se fizessem alguma coisa conosco... Por isso, naquela manhã nos deixaram livres. Foi o Espírito de Jesus que nos deu forças diante do tribunal e sob o chicote dos verdugos. E o pedrada e eu saímos dali com as costas todas lanhadas, mas contentes por temos dado a cara pelo Reino de Deus...

Maria: E o que esses tipos disseram a vocês? Contem, contem...

Na casa de Marcos, as mulheres e os demais companheiros nos esperavam impacientes...

Pedro: O que nos disseram, Maria? Vejam só isso...

Todos: Ohhh...

Pedro: É assim que eles dizem as coisas!

Susana: Pobres rapazes... como estão estas costas, Deus do céu...!

Maria: Com compaixão não se cura isso, mas com carne crua... Ei, Susana, vamos buscar uns pedaços para colocá-los nas feridas...

Felipe: E vocês, o que fizeram?

João: O que devia ser feito. Acusá-los. Dizer-lhes bem claro que eles mataram Jesus, mas que com isso a história não se acabou...

Felipe: E depois?

João: Mais nada. Esses tapados não escutam nada. Estão surdos.

Susana: Bom, no começo é sempre assim. Mas logo Deus irá lhes abrindo as entendedeiras...

Pedro: De quem? Desses ricos do Sinédrio?... Não, Susana, não tenha essa ilusão. Eu acho que essa gente tem as orelhas tão entupidas que mesmo que um morto ressuscite e lhes grite a verdade, nem assim farão caso. Porque não há pior surdo que aquele que não quer ouvir.

Susana: Não fale assim, Pedro... Afinal de contas eles têm a faca e o queijo nas mãos... Se eles não se convertem e afrouxam um pouco, estamos perdidos.

João: Perdidos estaríamos se nos sentássemos à espera de que eles nos deixem meter a colher. Não seja tão inocente, Susana. Olhe, por acaso você já viu alguém levantar primeiro o telhado e depois as paredes? Já viu alguma árvore crescendo de cima para baixo?

Susana: Também não...

João: Pois muito menos vai ver as coisas mudarem a partir de cima.

Maria: Então, menos palavras e vamos ao que interessa. Não dizemos sempre que a uns falta e a outros sobra? E que no Reino de Deus todos somos iguais?... Pois então vamos por em comum tudo o que temos, o dinheiro e todas as coisas... e vamos ver o que acontece!

Pedro: Maria tem razão. E vamos começar aqui mesmo, por este grupo. E que os do grupo de Ofel que façam o mesmo porque há muitas viúvas e órfãos por este bairro... E os que estão com Tiago e os do grupo dessa moça Lídia, a mesma coisa... Que nada seja de ninguém, e que tudo seja de todos...

Foi naqueles primeiros tempos quando entendemos que se puséssemos tudo em comum, os problemas podiam começar a se resolver. E nos pequenos grupos que se iam formando em Jerusalém o costume pegou bem depressa. E aquela coisa de ter tudo em comum, de não se conservar nada de próprio, se converteu no sinal de que levávamos adiante a causa de Jesus. Assim nasceram as primeiras comunidades... Ninguém entrava nelas se não compartilhasse tudo o que era seu com os demais...

Barnabé: Olhem, companheiros, vendi o terreno que tinha lá no caminho que sai de Jafa. Fiz um bom negócio... Aqui está o que me deram.

Era José Barnabé, um levita da ilha de Chipre, que logo se juntou ao grupo e que com o tempo chegou a trabalhar muito pelo evangelho...

Uma viúva: Ai, filhos, eu sou viúva e tenho muito pouco, mas meu velho me deixou algumas economias para o que pudesse acontecer... Mas, eu digo a mim mesma, para que vou mantê-las guardadas num pote, se há tantas necessidades a remediar...?

Era a velha Noemi, enrugada como uma uva-passa, mas com um coração mais novo que qualquer outro...

Estevão: Irmãos, sabem de uma coisa?... Até que enfim consegui trabalho na oficina do Jasão, o curtidor!... O salário não é muito, mas, pelo menos já não fico mais aqui como peso... Já tenho um grãozinho de areia para pôr no grupo, diacho!

Era Estevão, um rapaz jovem e bem disposto, que começou dando o seu salário e o seu tempo para a causa de Jesus e que um dia acabou dando seu próprio sangue... Cada vez se juntava mais gente na comunidade... Era homens e mulheres do povo que levavam sobre as costas anos e anos de sofrimento e de esperança e que estavam decididos a lutar e compartilhar. Custou, sim, custou muito esta história de se acostumar que as coisas de cada um fossem de todos, a não mais dizer meu nem teu... Era um milagre aquilo, mas fomos conseguindo e éramos felizes. O Reino de Deus começava a abrir passagem em pequenos grupos onde não havia nenhum necessitado, nenhum faminto, porque se punha tudo em comum... E também em comum se fazia a festa...

Pedro: Pai, como se recolhem os grãos de trigo dispersos pelo campo para com eles formar um só pão, reúna também a nós, os pobres da terra, una-nos para que sejamos fortes, aperta-nos junto a ti para que possamos entre todos construir o Reino de justiça que tu nos prometeste pela boca de Jesus, teu Filho, nosso grande Libertador!

Todos: Muito bem, muito bem! Amém, amém!

No primeiro dia da semana nos reuníamos nas casas dos companheiros. Rezávamos juntos a Deus, o Pai de Jesus, e comíamos juntos também. No meio da refeição, partíamos o pão para dar graças a Deus por tantas coisas... E nos bairros e nas ruas e em todos os cantos da cidade, como a maré quando sobe, como o pão quando fermenta, crescíamos. Éramos muitos, muitíssimos, mas tínhamos um só coração e uma só alma.

Caifás: Mas, o que é isso?... Uma praga, uma lepra, uma febre?... Temos que acabar com esses loucos de uma vez por todas... ou eles acabarão conosco!... Ainda estamos a tempo!

Gamaliel: Excelência e colegas do Sinédrio, tomem cuidado com o que vão fazer. Faz algum tempo que se levantou Teudas, dizendo-se o Libertador. E foi seguido por uns quatrocentos homens. Mas quando o mataram, os que iam atrás se dispersaram e tudo se acabou. E a mesma coisa aconteceu com aquele outro rebelde galileu, não se lembram?... Deixem quietos esses homem que seguem esse tal Jesus... Não se metam com eles. Se esse assunto é coisa de homens, se acabará. Mas, se é de Deus, nós não poderemos destruir...

E como o assunto de Jesus era coisa de Deus, seguiu adiante. Aquele grãozinho de mostarda que o moreno havia plantado na Galiléia, às margens do lago, cresceu e cresceu, lançou raízes em Jerusalém e estendeu seus ramos por toda a terra de Israel...

*As primeiras comunidades cristãs se formaram em Jerusalém pouco depois dos acontecimentos da Páscoa. Eram formadas pelos discípulos de Jesus, as mulheres e homens da Galiléia ou da Judéia que o haviam conhecido e seguido durante sua vida e outros israelitas e alguns estrangeiros que iam se aproximando daqueles grupos e se integravam a eles. Naqueles inícios, o que mais chamava a atenção “dos de fora” era o espírito comunitário em que vivia aquela gente. Fiéis ao evangelho de Jesus, o principal distintivo das comunidades foi **compartilhar**.*

As primeiras comunidades compartilharam o projeto missionário comum de levar a outras cidades do país a boa notícia da ressurreição. Compartilharam a fé e a esperança que Jesus lhes havia deixado como herança. Mas, o mais singular foi que compartilharam seus bens. Os primeiros cristãos punham seu dinheiro, suas terras, o produto de suas colheitas, suas casas, o salário que recebiam pelo seu trabalho, a serviço da comunidade. “Vejam como se querem”, diziam os demais, assombrados com aquele estilo de vida comunitário. O amor, a caridade, se traduzia em pôr tudo em comum: “Olhem como compartilham”. Desde então e até hoje, depois de uns dois mil anos, compartilhar tudo o que se tem com os irmãos será sempre o sinal do máximo amor e, por isso, o melhor sinal de fidelidade à mensagem de Jesus.

Aquelas primeiras comunidades eram “de base”, no sentido de que eram integradas pelas últimas camadas da sociedade. Os que seguiram Jesus durante sua vida foram os pobres de Israel, porque era para eles a boa notícia do Reino. Os que formaram aquelas primeiras comunidades continuaram sendo os pobres. Também desde as origens e durante os primeiros séculos do cristianismo, falar da fé cristã era o mesmo que falar de perseguições. Já nos inícios, os mesmos sacerdotes que haviam julgado, condenado e assassinado Jesus, perseguiram os apóstolos. As primeiras comunidades tiveram sérios problemas com a instituição religiosa judaica e, na medida em que se multiplicaram, as perseguições foram crescendo. A maioria dos discípulos morreu assassinada como Jesus e, durante os três primeiros séculos, houve milhares de mártires entre os homens e mulheres daqueles grupos, começando por Estevão, o primeiro desses mártires, um diácono que pertencia à comunidade de Jerusalém (Atos 7,1-60; 8, 1-3). Estas perseguições eram a garantia de que continuavam no mesmo caminho de Jesus e que eram fiéis ao evangelho.

Os primeiros cristãos se reuniam para celebrar na eucaristia sua fé e sua esperança. Com essas reuniões repetiam não somente a última ceia da Páscoa, mas todas aquelas refeições comunitárias que tantas vezes tiveram com Jesus nos campos da Galiléia e nos bairros de Jerusalém. Essas celebrações não se chamavam então “eucaristia” nem muito menos “missa”, mas “a fração do pão”. Com esta expressão se indica que eles se congregavam para comer juntos em uma mesa comum e assim tornar presente Jesus, aquele que os havia ensinado a compartilhar. Todas as refeições israelitas começavam justamente com o gesto da fração do pão, que fazia o pai de família ou aquele que presidia a mesa. Nunca se partia o pão com faca, mas se rompia e repartia entre todos em sinal de amizade e união.

Aquelas primeiras celebrações da “fração do pão” (da eucaristia) não eram reuniões rituais num templo. Não havia templos então. As comunidades se reuniam em casas de família, hoje em uma, amanhã na outra. Eram, pois, celebrações caseiras, refeições familiares em que experimentava a presença de Jesus ressuscitado. Os textos dos Atos dos Apóstolos e de alguns documentos antigos indicam que a pequena “estrutura” que teriam essas reuniões seria mais ou menos assim: as assembleias começavam quando um dos discípulos ou dos missionários punha em comum o que havia sido feito naqueles dias (problemas que haviam se apresentado, viagens, projetos, necessidades dos órfãos, das viúvas, criação de novas comunidades etc.). Depois, seguia-se uma saudação – o “beijo da paz” (1Pd 5,14) - com o que começava a refeição comunitária, no meio da qual se compartilhava o Pão eucarístico. Terminava-se com o canto de salmos e orações em comum.

Se havia chegado alguma carta de apóstolos que estavam fora, lia-se também em comum. Algumas dessas cartas se conservam na Bíblia; de João, de Pedro, de Tiago, de Judas Tadeu e muitas de Paulo. Todos os que participavam nestas celebrações se conheciam bem, todos compartilhavam os problemas dos demais, todos se sentiam embarcados no mesmo projeto. Isto tornava as reuniões muito vivas e dava um profundo sentido de comunhão à eucaristia. Voltar a estas origens da fé cristã – em uma celebração, na comunidade de bens e na opção preferencial pelos pobres – é crescer em fidelidade a Jesus de Nazaré, o Cristo.

(Atos 2, 42-47; 4, 1-22 e 32-37; 5, 28-42)

Capítulo LXXXVIII

NEM EM TODOS OS LIVROS DO MUNDO

Em pouco tempo, os grupos dos que queriam seguir o caminho de Jesus foram se espalhando por todos os bairros de Jerusalém e por outras cidades do nosso país. E àqueles que não haviam conhecido Jesus, chegava a Boa Notícia do Reino de Deus que com ele havia começado... Bom, vocês bem sabem que ao ir de boca em boca a notícia se equivoca...

Marcos: Pedro!... Pedro!...

Pedro: O que foi agora, Marcos?

Marcos: Escute, Pedro, é verdade que Jesus disse “Felizes os que têm paciência, mesmo que não consigam nada”?

Pedro: O que você disse?

Marcos: Perguntei se Jesus disse que a primeira coisa mais importante é a paciência e a segunda também.

Pedro: Mas, de onde você tirou isso, Marcos?

Marcos: Eu não, atira-pedras. Foi o pessoal do grupo do bairro de Ofel. Dizem que o moreno repetia sempre: “Paz e paciência!... Paz e paciência!”.

Pedro: Mas, estão loucos? Quem disse essa besteira?

Marcos: Você.

Pedro: Eu?

Marcos: Dizem que você lhes ensinou isso.

Pedro: Mas, como vou ser eu, maluco, se faz quatro meses que nem mostro o nariz para este grupo?

Marcos: Vai ver que é por isso mesmo. Ninguém os orienta... e assim a coisa vai indo! Sabe também o que dizem? Que quando Jesus estava pendurado na cruz, piscou um olho para você e disse: “não se preocupe... no domingo a gente se vê!”

Pedro: Mas, que disparates são esses...? Vou agora mesmo falar com eles... Puff... Já não agüento mais... Já estou sem saliva na boca... Passo o dia correndo por aqui e por ali... ai, caramba, como se vivia tranqüilo em Cafarnaum com uma barca e umas redes...

Assim era a nossa vida naqueles primeiro anos. Pedro e Felipe e o magricela André e todos os que havíamos andado com Jesus desde que se batizou no Jordão até o dia em que Deus o ressuscitou, nos reuníamos com os grupos e lhes contávamos todas as coisas que havíamos vivido com ele...

Pedro: Ei, Marcos, o que você está fazendo aí com essas penas e esses papéis?

Marcos: Aprendendo a escrever, Pedro.

Pedro: A escrever? E para que você quer saber de letras agora nessa idade?

Marcos: Porque no passo que nós vamos... Sabe da última que aconteceu com o pessoal do bairro do Sião? Que quando Jesus era bebê não mamava no seio esquerdo... para fazer penitência!

Pedro: Mas onde já se viu uma coisa dessa?...

Marcos: Mas fique tranqüilo, Pedro. Eu tomei uma decisão. Vou pôr por escrito o que Jesus disse e fez. Por escrito, está entendendo? Assim, nossos netos terão algo seguro entre as mãos. Heim, o que você acha da idéia?

Pedro: Não sei, Marcos, isso é muito difícil. Há coisas que não vê com os olhos nem se ouve com o ouvido e que também teria de ser contadas. Falar de Jesus é algo tão grande... não cabe em um livro...

Marcos: E cabe menos ainda na língua de um punhadinho de homens. Temos que dar um jeito nisso, Pedro. As palavras o vento leva. O escrito, escrito fica.

Pedro: Está bem. Comece então a escrever, eu vou contando tudo, tintim por tintim.

Marcos: E também sem aumentar as coisas, atira-pedras... Olhe que nos conhecemos bem, heim?

Pedro: Ah, é? Não tem confiança em mim?

Marcos: Sim, eu tenho confiança. Mas também confio no Felipe e no Natanael e na avó Rufa, que tem mais memória que Salomão e se lembra muito bem de tudo o que aconteceu...

Pedro: Pois então vai a Cafarnaum e faça suas investigações e escreve depois tudo o que quiser. Bom, tudo não...

Marcos: Como, tudo não?

Pedro: Quero dizer que há coisas que não é preciso tirar para fora... Por exemplo... O que você vai dizer de mim?

Marcos: De você? Vejamos... que você foi um dos primeiros a entrar para o grupo e...

Pedro: Nem lhe passe pela cabeça dizer que neguei três vezes o moreno, está ouvindo?

Marcos: Tenho que pôr, Pedro.

Pedro: E por que você tem que pôr isso, diga?...

Marcos: Porque foi o que aconteceu. Ou não?

Pedro: Bom... bom, está bem, escreve se quiser. Mas escute bem, pedaço de intrometido, se puser isso, tem de pôr também que eu... que eu amei Jesus tanto quanto a minha Rufina, modo de dizer!

Marcos: Não se preocupe, narigudo. Deixe isso por minha conta!

E Marcos, o amigo de Pedro, começou a pôr por escrito a Boa Notícia do Reino de Deus. E aquelas primeiras páginas iam de grupo em grupo e muitos irmãos que não haviam conhecido Jesus em pessoa, começaram a conhece-lo ouvindo os relatos de sua vida, de como o mataram e de como Deus o levantou dentre os mortos.

Um tempo depois, Mateus, que havia sido cobrador de impostos, e que tinha experiência com a tinta e com as letras, teve uma idéia parecida à de Marcos...

Felipe: Mas, o que você faz aqui fechado Ma-ma... Atchim!... teus?

Mateus: Estudando, Felipe, estudando e escrevendo.

Felipe: Porcaria, quanto pó há por aqui!... Atchimm!... Você vai acabar ficando amarelo como esses papéis velhos!...

Mateus: Nestes pergaminhos, seu burro, estão as palavras dos profetas e dos sábios de Israel... Escute, Felipe, veja só o que diz aqui: “Eu o vejo, mas não para agora; eu o percebo, mas não muito próximo: de Jacó sai uma estrela, e pousa sobre Israel”... Está percebendo?

Felipe: Sim, sim, não estou percebendo nada.

Mateus: A estrela, Felipe! A estrela que o profeta Balaão viu há mil anos era o Messias. E o Messias era Jesus. Compreende agora?

Felipe: Não muito, mas...

Mateus: Escute esta outra... Ouça: “Virão a ti os reis de todas as nações, uma caravana de ouro e de incensos”... E então, o que você me diz dessa?

Felipe: Não sei aonde você quer chegar...

Mateus: A gruta de Belém. Quando Jesus nasceu lá em Belém, uma estrela brilhou no céu e foi guiando os reis do oriente que vieram render homenagem ao Messias de Israel!

Felipe: Que eu me lembre, Maria disse que só vieram alguns pastores, e não acredita que cheirassem a incenso...

Mateus: O que lhe falta é poesia, companheiro!

Felipe: E o que lhe sobra é fantasia.

Mateus: Não, Felipe. Nossos profetas escreveram sobre Jesus. Todas as profecias de antigamente se cumpriram agora entre nós.

Felipe: Não, não, você está trapaceando, Mateus. Você sabe que não veio nenhum rei do oriente nem nada disso.

Mateus: Não, trapaças eu fiz antes quando cobrava impostos lá na alfândega de Cafarnaum. Agora não.

Felipe: Agora também. Porque essa história de estrela não é verdade.

Mateus: A verdade é como uma escada. E você fica no primeiro degrau.

Felipe: E quantos degraus você já subiu, heim?

Mateus: Não sei, Felipe, mas eu penso que a verdade mais verdadeira está por trás das letras... E é essa que eu quero escrever. Olhe, na melhor das hipóteses, com esses meus relatos muitos conhecerão Jesus e se animarão a lutar como ele e sentirão que uma estrela brilha no meio da noite... quer uma verdade maior que essa...?

E Mateus continuou fechado naquele quartinho com sua pena de escrever e seus dedos manchados de tinta, garatujando pergaminhos, escrevendo para nossos compatriotas judeus, que dão tanta importância às profecias antigas, a notícia nova de Jesus, filho de Davi, filho de Abraão.

Pouco tempo depois de começar o trabalho em Jerusalém, começaram também as perseguições. Os governantes, os grandes senhores de Israel, os grandes mestres da Lei, não queriam saber coisa alguma de nossos grupos. Havia um deles, um homem baixinho e careca, que se assanou contra nós. Minha mãe, que sujeito aquele!... Fez guerra contra nós, nos arrastava aos tribunais, queria acabar com todos os cristãos, pois foi assim que começaram a nos chamar em Antioquia, e depois esta palavrinha pegou em toda parte... Como estava dizendo, aquele homem tornava nossa vida impossível. Mas pouco tempo depois, quando Deus o derrubou do cavalo e lhe abriu os olhos, o tal Paulo – era assim que chamavam o sujeito – pôs toda sua energia a serviço do Evangelho de Jesus.

Pedro: Mas, Paulo, compreenda, temos de ir com calma...

Paulo: Que calma coisa nenhuma! O Reino de Deus tem pressa! Abram os olhos, caramba!... Vocês aqui trabalhando com uns grupinhos mixurucos de judeus, e por aí há milhares de gregos que querem ver Jesus, que querem conhecê-lo... Convertem-se em turmas... Batizam-se... e depois não há quem os oriente no Caminho!... Acham que não? Pois vão a Éfeso, vão a Tessalônica, a Chipre, a Filipos, a Corinto, a Atenas... O mundo é grande, companheiros, e Cristo é maior que o mundo!

João: Diga-me uma coisa, Paulo. Esses novos cristãos de seus grupos conhecem a lei de Moisés?... Estão circuncidados?

Paulo: Quero mais é que o prepúcio se dane! Não, não estão circuncidados e nem faz falta!

Pedro: Mas, Paulo...

Paulo: Nem mas nem meio mas! Já é hora de romper com essa casca e ir para fora. Jerusalém não é o umbigo do mundo!

João: Nem Roma tampouco!

Paulo: Claro que não! O mundo é maior que tudo isso! E nós temos que semear a semente de Jesus em todos os sulcos. O evangelho é para todos, não percebem? Para os de perto e para os de longe, para os judeus e para os gregos!

Pedro: Está bem, Paulo, está bem, mas acalme-se, por favor...!

Paulo: Não, Pedro, não vou me acalmar! Pelo contrário, sabe o que eu vou fazer? Vou falar com um amigo meu que entende muito de letras e vou dizer a ele que escreva as palavras de Jesus, mas que as escreva em grego, para que os gregos a leiam, que escreva o evangelho para os que não sabem um pepino de Moisés, mas que amam a Deus e o buscam.

E Lucas, aquele médico jovem amigo de Paulo, recém convertido à nossa fé, depois de falar com todos nós e de recolher muitos dados, por aqui e por ali, escreveu seu livro para que os pagãos também pudessem escutar e ler a Boa Notícia de Jesus...

Lucas: “Outros antes de mim escreveram estas coisas, tal como as ouviram contar das primeiras testemunhas. Eu também, depois de haver investigado tudo cuidadosamente, me decidi a escrevê-las a ti, que amas a Deus e o buscas...”

Passaram uns tantos anos. E então eu estava na cidade de Éfeso, Havíamos formado ali um grupo de cristãos bastante lutadores. Nós nos reuníamos para partilhar o pão, para partilhar o bolso e para ir abrindo os olhos das pessoas. A mim sempre pediam que contasse coisas de Jesus, de como era, de como falava... A mim e a Maria, sua mãe, que desde alguns anos vivia ali comigo... Maria já estava bem velhinha... Teria mais ou menos uns oitenta anos...

Maria: João, filho, por que há tanta algazarra lá fora?

João: Ninguém está fazendo algazarra, Maria.

Maria: Mas, meus ouvidos estão zumbindo.

João: Está acontecendo com você o mesmo que com os caracóis. Ainda que tirem do mar, guardam dentro o ruído das ondas. Você está aqui na Grécia, Maria... mas seu coração anda por lá, pelo mar da Galiléia, por Cafarnaum, por sua aldeiazinha de Nazaré...

Maria: Ai, João, filho!... o que você quer? São tantas recordações!

João: Pois olhe, falando de recordações... sabe o que o pessoal da comunidade me pediu? Que escreva. Dizem que se não for assim, as coisas que Jesus fez acabam caindo no esquecimento.

Maria: Pois eu me lembro de tudo como se fosse ontem.

João: Sim, Maria, você sim! E eu também. Mas eles não. Eles não conheceram seu filho. E perguntam, e querem saber... Além disso, quando nós faltarmos, quem vai dizer a eles o que foi e o que não foi?

Maria: É, nisso você tem razão, João, pois eu já estou com um pé do outro lado... Olhe, tenho uma dor cravada aqui nas costas...

João: E então, vai me ajudar?

Maria: Ajudar em que, João?

João: A escrever as coisas de Jesus.

Maria: Ai, filho, mas como se hoje estou de um jeito que nem sei como me chamo...! Esta minha cabeça...!

João: Mas, Maria, você não acabou de dizer que se lembrava de tudo?

Maria: Nós velhos dizemos muitas coisas... Vai, comece você, João, comece você a escrever e depois você me conta...

Eu me reuni com os da comunidade, e rezando e pensando entre todos, fomos pondo por escrito nossa fé em Jesus...

João: Vamos lá, Maria, abre bem as orelhas e escute isso, para ver o que você acha...! Já temos a primeira página.

Maria: Vamos ver, João... Já estou curiosa por saber o que você escreveu...

João: Ouça... Ranran... “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus e a Palavra era Deus. E aquele que é a Palavra estava no princípio com Deus. Tudo se fez por ele e sem ele nada se fez de quanto foi feito”. E então, o que você acha, heim?

Maria: Repita outra vez, João... acho que me perdi...

João: Ouça, Maria... “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus e a Palavra era Deus.”

Maria: Mas, de que palavra você está falando, meu rapaz...?

João: Maria, a Palavra é seu filho!... O Verbo, a Palavra que se fez carne, a Plenitude da Vida!... Compreende?

Maria: Ai, João, filho, não lhe parece que isso está um pouco elevado demais...?

João: Mas o que eu quis foi subir mesmo, Maria!... A vida do moreno foi tão grande, tão importante, tão...! Sabe o que acontece, Maria? É que não encontro palavras para dizer o que foi.

Maria: Pois se não as encontra, não as ponha.

João: Ah, é?... E ponho o que então?... Que Deus é bom, que temos que nos amar muito?... É isso que eu vou pôr?

Maria: Sim, isso... o que falta mais? Quando você tiver minha idade, João, não lhe farão falta muitas palavras, você vai ver...

João: Não, não, não. Eu quero escrever tudo o que aconteceu, desde aquele primeiro dia lá no Jordão, quando o magricela do André e eu conhecemos o moreno pela primeira vez e passamos a tarde inteira conversando com ele e contando piadas... Eu quero escrever tudo, Maria, e que todos os homens do mundo possam conhecer quem foi seu filho...

Maria: Se você for escrever tudo, João, não vai acabar nunca... Quando o poço é profundo, sempre há água que beber.

Sim, Maria tinha razão. Marcos e Mateus, Lucas e eu, escrevemos muitas coisas sobre Jesus. Mas se se escrevesse todas as que ele fez, os livros não caberiam no mundo!

Enquanto que do apóstolo Paulo temos documentos escritos por ele mesmo que chegaram íntegros até nós, de Jesus não temos uma só linha escrita por sua mão. Já se haviam passado uns trinta anos depois da sua morte, quando alguns começaram a pôr por escrito o que Jesus havia dito. Durante todo esse tempo suas palavras e seus feitos foram passando de boca em boca. Eram comentados pelas comunidades que o haviam conhecido pessoalmente e estas, por sua vez, os transmitiam a outras pessoas, interessadas em saber alguma coisa daquele famoso profeta. Fora das fronteiras de Israel era indispensável traduzir para o grego as palavras de Jesus, pois era a língua mais comum em todo o mundo conhecido de então. Já é sabido que a cultura de um povo se expressa fundamentalmente em sua língua. Ao passar do aramaico para o grego, as palavras de Jesus sofreram algumas variações, naturalmente. Há palavras aramaicas que não se traduz exatamente em grego ou ao contrário. Tudo isso nos dá uma idéia de que tomar “ao pé da letra”, sem mais, tudo o que foi escrito nos quatro evangelhos como saído tal e qual da boca de Jesus é um erro histórico, que pode se tornar perigoso para a própria maturação da fé.

Nos primeiros anos a tradição oral foi suficiente. Isto é, de boca se transmitia qual havia sido a boa notícia anunciada por Jesus e isso bastava. Pelo fato de os primeiros cristãos não serem gente “de letras”, não se pensou em escrever nada. Mas quando as comunidades foram se espalhando por outros países, ou quando foram morrendo os discípulos e outros homens e mulheres da primeira geração cristã, começou a se pensar que era urgente conservar o que eles haviam visto e ouvido de Jesus. Por isso nasceram os evangelhos. Foram escritos muitos outros além dos quatro que aparecem na Bíblia, mas alguns textos estavam cheios de histórias “maravilhosas” e estranhas, tratando de agigantar com isso a figura de Jesus e outros que não eram fiéis à tradição primeira, pois falseavam o que havia se passado, exageravam, mudavam tudo. Por isso as primeiras comunidades cristãs decidiram que de todos aqueles escritos eram válidos unicamente os quatro evangelhos que nós lemos hoje na Bíblia.

“Evangelho” é uma palavra grega que em sua origem significou a gorjeta que se entregava ao mensageiro que trazia a alguém uma boa notícia. Mais adiante passou a significar a própria boa notícia. Os evangelhos (as boas notícias de Jesus) não são uma biografia, pois não pretendem contar simplesmente a vida de um homem importante, seus feitos, sua psicologia. Se tivesse sido essa sua intenção, seriam muito incompletos. Tampouco são livros de “memórias” para conservar viva a lembrança de um grande personagem. Tampouco são panfletos que procuram entusiasmar o público com a doutrina de um mestre, um mago ou um filósofo. Para este fim, seriam demasiado secos e repetitivos. Fundamentalmente, foram escritos para que as comunidades chegassem a ter fé em Jesus e para que, a partir dessa fé, se comprometessem com o mesmo caminho aberto por ele. São basicamente esquemas de catequese, de “evangelização”, baseados naturalmente no que Jesus disse e fez, mas que ressaltam o que possa ajudar mais a comunidade, silenciam o que não tem interesse para este objetivo e até “criam” episódios ou completam por sua conta alguns acontecimentos, baseando-se, mais que na letra, no “espírito” de Jesus. Isso explica porque os quatro evangelhos não são iguais, porque há histórias que só aparecem em alguns deles, porque alguns contam uma cena com um luxo de detalhes e outros não etc.

Muito menos devemos pensar que foi uma só pessoa – Mateus, Marcos, Lucas, João – quem escreveu o texto integral de cada evangelho. O fato de se atribuir um evangelho a cada um deles, nos está indicando a qual tradição pertence cada texto, em que comunidade surgiu, qual foi a “escola”, o ensinamento que transmitiu aos leitores etc. É preciso levar em conta também que nenhum dos primeiros escritos chegaram até nós com a letra de quem foi seus autores. Os primeiros exemplares dos evangelhos foram escritos em papiro, papel feito com folhas de plantas aquáticas, que só se conservam em climas secos e quentes. Ao passar de mão em mão de país a país, esses papiros se estragaram e se perderam definitivamente. Entretanto, porém, foram tiradas mais e mais cópias (com possibilidade de se cometer erros), que são as que chegaram até nós. Quando depois de quatrocentos anos, começou-se a usar o pergaminho, papel feito com pele de animais, este problema foi bastante solucionado. Hoje em dia se conservam mais de setenta pedacinhos ou até páginas dos primeiros papiros. Dos pergaminhos há muitíssimos mais originais.

O EVANGELHO DE MARCOS – É o mais antigo dos textos evangélicos. Desde o século II é atribuído a Marcos, o amigo de Pedro. E por isso se entendeu que Marcos está escrevendo neste texto a catequese que Pedro dava e as que depois ele fez de “intérprete”. Foi escrito entre trinta e cinquenta anos depois da morte de Jesus em língua grega. Marcos utiliza um grego muito primitivo, menos adornado e mais simples que o dos outros. Seu texto é o mais espontâneo de todos, o menos “pensado”. O evangelho de Marcos serviu de base para o de Mateus e o de Lucas, mais cuidadosos e elaborados. Centra-se no relato da paixão, morte e ressurreição de Jesus, e todo o começo do evangelho é uma preparação para chegar a este ponto essencial. A vida de Jesus não aparece como a de um homem que tinha tudo planejado de antemão. E aí radica o dramatismo da história que se conta.

O EVANGELHO DE MATEUS – Desde o ano 140 se atribui este texto a Mateus, o publicano, que cobrava impostos em Cafarnaum. Calcula-se que foi escrito entre os anos setenta e cinco e noventa depois da morte de Jesus. Analisando o texto se vê que foi redigido certamente por um judeu que conhecia bem a língua grega e que tinha formação em letras, um homem como Mateus deve ter sido. O texto foi escrito depois do de Marcos, e se baseia em grande parte nele. Aperfeiçoa o texto mais tosco literariamente de Marcos e acrescenta muito material novo. Mais da metade do que conta Mateus não aparece em Marcos. O grego em que foi escrito Mateus é muito mais culto e cuidado que o de Marcos, embora se note continuamente o recurso de frases aramaicas. Embora o original que conhecemos tenha sido escrito em grego este evangelho se dirige a comunidades de cultura judaica. Por isso Mateus cita amiúde textos do Antigo Testamento e dá tanta importância ao que haviam

anunciado os velhos profetas de Israel. Todo o evangelho busca convencer os leitores de que Jesus é o Messias esperado pelo povo israelita durante séculos. Mateus é o que mais se interessa pelos temas “judaicos”: polêmicas com os fariseus e escribas, crítica ao nacionalismo judaico, à lei, aos ritos... Seu escrito é combativo contra o racismo e o legalismo de seus conterrâneos. É um texto muito catequético. Mateus se preocupa mais em contar o que aconteceu, explicar os ensinamentos que a comunidade podia tirar de cada acontecimento. Por isso procura sempre a “moral da história” e, com toda a liberdade, a acrescenta, colocando-a na boca de Jesus para dar ainda mais autoridade ao que quer ensinar aos cristãos que o liam.

O EVANGELHO DE LUCAS – Por volta do final do século II já se atribuía este texto a Lucas, um médico amigo de Paulo (Cl 4, 14), que foi também o autor do livro dos Atos dos Apóstolos. O evangelho de Lucas foi escrito mais ou menos ao mesmo tempo do de Mateus. Não está dirigido aos judeus nem a pessoas influenciadas pela cultura judaica. É uma catequese escrita para os pagãos, para os estrangeiros, para pessoas com cultura e mentalidade gregas. Por isso Lucas deixa de lado alguns temas do ambiente judaico e ressalta muitos outros que tinham a ver com o que viviam as comunidades a que ele se dirigiu. A riqueza e seu vocabulário e a liberdade na construção das frases indica que dominava o grego muito mais que Mateus e Marcos. É um grande redator, tem um plano ao escrever, é o único que dá “razões” ao começar seu texto: Lucas 1,1-4 e Atos 1,1-2. Embora siga Mateus e Marcos, usa muito material que outros evangelhos não trazem. Lucas quis fazer uma “história da salvação”, e é o único que chama Jesus de “salvador”. Interessa-lhe, pois, ressaltar os elementos sociais e humanos que vão tornar possível, a partir de Jesus, uma história e um homem novos. Dá uma enorme importância à última viagem de Jesus a Jerusalém e faz dela o ser de todo o seu texto. Jerusalém aparece em seu escrito como um centro histórico e geográfico em que começa a história da Igreja. É o evangelho mais “social”. Os poderosos, os exploradores dos pobres, aparecem bem retratados no seu evangelho e são duramente condenados.

O EVANGELHO DE JOÃO – Este evangelho sempre foi considerado à parte, pois é totalmente diferente dos outros três. Foi escrito mais ou menos no tempo do de Lucas e Mateus, entre setenta e cinco e noventa anos depois da morte de Jesus. Tudo parece indicar que seu autor foi uma testemunha muito direta da vida de Jesus, pela abundância de pequenos e exatos detalhes que só ele possui. A João, filho de Zebedeu, pescador de Cafarnaum, é atribuída com muita probabilidade a redação deste texto, embora possa ser também um discípulo estreitamente unido a ele. A tradição diz também que foi escrito em Éfeso, onde parece que João passou com Maria, a mãe de Jesus, seus últimos anos de vida. Em todo caso, o autor deste evangelho “pensa” em aramaico, embora escreva em grego. E os leitores a quem se dirige são às vezes judeus que conhecem bem o ambiente da Palestina e às vezes estrangeiros a quem é preciso explicar com detalhes o que de costumes judeus lhes era totalmente estranho. Neste evangelho não há, como nos outros três, diversidade de temas. Há um só, desenvolvido de diversas maneiras: em Jesus Deus se revela definitivamente. Jesus é o enviado de Deus, aquele que nos diz qual é o projeto que ele tem para a história humana e para cada homem concreto. Este evangelho ressalta o fim das antigas religiões, dos antigos cultos, das antigas idéias sobre Deus e o começo de algo totalmente novo, uma nova forma de relação entre Deus e o homem. É o evangelista que menos cita o Antigo Testamento, mas também o que está mais profundamente influenciado pelos textos da Escritura, pelos profetas e pela história do Êxodo. É um evangelho concentrado, no qual Jesus aparece fundamentalmente como fonte de Vida, capaz de superar a morte.

As primeiras comunidades cristãs, nas quais surgiram este texto, viveram um processo, que parte da morte e da ressurreição de Jesus e que nós conhecemos precisamente através dos evangelhos. Um processo que deve se repetir, de uma forma ou de outra, em cada cristão. Em Jesus de Nazaré, filho de Maria, o profeta que anunciou a justiça de Deus e que por isso foi assassinado e a quem eles

experimentaram vivo na comunidade, chegaram eles a Cristo, ao Messias (e por isso começaram a chamá-lo de Jesus Cristo), chegaram ao Filho de Deus. Naquilo que narram os evangelhos, aparecem mesclados esses dois planos: a “história” de Jesus e a “confissão de fé” da comunidade em Jesus Cristo. São Dois níveis que devemos saber diferenciar bem para que se repita em nós o processo que eles viveram, pois é nem mais nem menos que o processo de uma fé madura.

Como chegaram os primeiros cristãos, que haviam comido com Jesus, que o haviam escutado contar piadas, que o viram dormir e cansar-se, que conheceram sua aldeia e conversaram com seus parentes, a ver nele a revelação definitiva de Deus que não se vê nem se toca? Foi um longo caminho. Primeiramente, nas palavras que ouviram de Jesus, descobriram uma mensagem importante. Depois, a morte de Jesus os desconcertou: sentiram então que ele havia sido um grande idealista, mas que havia “fracassado”, como tantos outros... Depois veio a experiência da Páscoa, mais desconcertante ainda. Viram Jesus, o experimentaram vivo, tiveram e mantiveram diante dos demais a certeza de que Jesus estava vivo. Discutindo entre si, confrontando essas experiências com outros, anunciando-a em outros países, foram descobrindo o que queria dizer tudo o que haviam vivido: Deus estava em Jesus. Aquele Deus em quem acreditavam, mas que nunca haviam visto, se revelava a eles em Jesus. Então, “confessaram” sua fé: Jesus é Senhor, é Messias, é Palavra de Deus, é seu Filho amado... Ao começarem a viver em comunidades todos esses valores do evangelho, e compartilhar e rezar juntos, experimentaram mais ainda que a vida de Jesus continuava neles e que, através deles, podia chegar a outros para enche-los de esperança. Começaram a lutar e a morrer pelo que Jesus lutou e morreu, em nome do Deus em que Jesus lhes ensinou a crer: o Pai. A fé daqueles pescadores começou assim a ser fermento na massa, sal na terra, luz nas trevas e começou a transformar o mundo.

Voltar a essas origens do cristianismo é indispensável para que entendamos o que é a fé, vejamos qual foi a dos apóstolos e a dos primeiros cristãos. Nossa esperança é: que ele continua ressuscitando em cada um dos que se decidem a compartilhar e que ele ressuscitara novamente nos homens e mulheres novos que se sentarão um dia à mesa do banquete de Deus, já sem fome nem sede de justiça, porque haverá chegado o Reino que ele nos anunciou.

(João 21, 24-25)